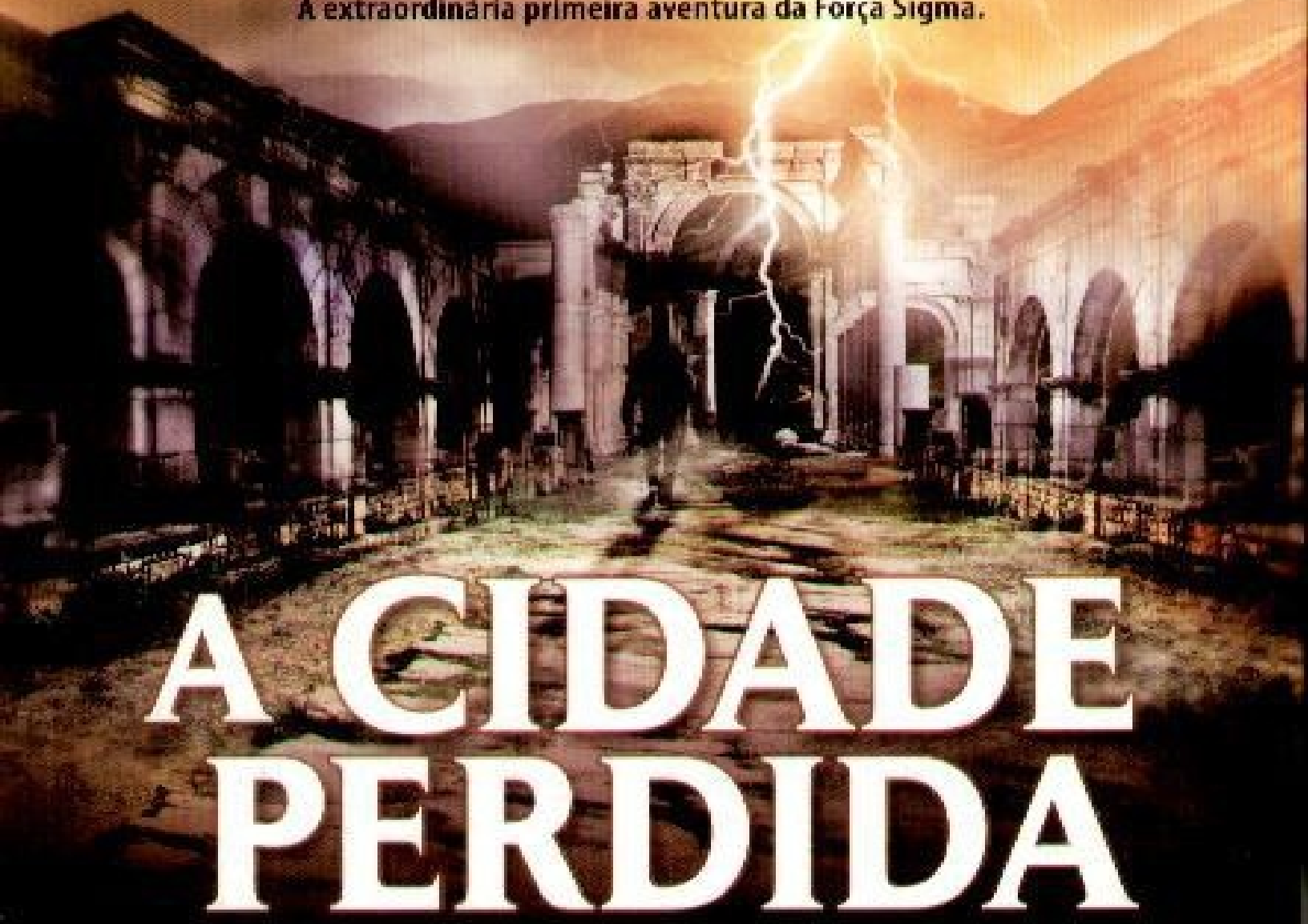
Do autor dos *best-sellers* *O Mapa dos Ossos* e *O Último Oráculo*

JAMES ROLLINS

A extraordinária primeira aventura da Força Sigma.



A CIDADE PERDIDA

DIFEL

A CIDADE PERDIDA

HÁ SEGREDOS QUE DEVEM PERMANECER SEPULTADOS...

JAMES ROLLINS

Título original: “SANDSTORM”

Tradução de Joana Chaves

DIFEL - 2009

Para Katherine, Adrienne e RJ,
a próxima geração
Dossiê de Mapas de Arquivo
Código do Departamento de Defesa: ALFA42 — PCR

FORÇA SIGMA

PARTE UM - TEMPORAL

I - FOGO E CHUVA

14 de Novembro, 01h33
The British Museum
Londres, Inglaterra

Harry Masterson estaria morto treze minutos mais tarde.

Se o tivesse sabido, teria fumado o último cigarro até ao filtro. Em vez disso, esmagou o pequeno rolo após três puxadas e afastou a nuvem de fumo do rosto. Se fosse apanhado a fumar fora da sala de descanso dos guardas, seria posto na rua por aquele canalha do Fleming, o chefe de segurança do museu. Harry já estava sob vigilância por ter chegado duas horas atrasado ao turno, na semana anterior. Harry praguejou baixinho e meteu ao bolso o cigarro esmagado. Terminá—lo—ia na próxima pausa... isto é, se houvesse pausa nessa noite.

Os trovões ecoavam através das paredes de alvenaria. A trovoada invernosa acometera mesmo antes da meia—noite, iniciando—se com uma salva tumultuosa de granizo, seguida de um dilúvio que ameaçava fazer Londres desaparecer no Tamisa. Os relâmpagos dançavam pelos céus em configurações bifurcadas, de horizonte em horizonte. Segundo o meteorologista da BBC, tratava—se de uma das mais violentas trovoadas de há mais de uma década. Parte da cidade fora obliterada, subjugada por uma impressionante barragem relampejante.

E para azar de Harry foi a sua parte da cidade que obscureceu, incluindo o British Museum em Great Russell Street. Embora dispusessem de geradores de reserva, toda a equipa de segurança fora convocada para protecção adicional do património do museu. Os outros elementos chegariam na meia hora seguinte. Mas Harry, escalado para o turno da noite, já se encontrava ao serviço quando as luzes normais se apagaram. E embora as câmaras de videovigilância continuassem operacionais no quadro de emergência, Fleming ordenou que ele e os colegas de turno procedessem a uma patrulha imediata dos quatro quilómetros de salas do museu. O que significava actuar em separado.

Harry pegou na sua lanterna eléctrica e apontou—a para o fundo da sala. Ele odiava fazer rondas à noite, quando o museu se perdia na obscuridade. A única iluminação vinha dos candeeiros da rua do lado de fora das janelas. Mas agora, com o apagão, até mesmo esses candeeiros se tinham extinguido. O museu escurecera para sombras macabras, entrecortadas pelos lagos carmesins das lâmpadas de segurança de baixa voltagem.

Harry necessitara de algumas golfadas de nicotina para aplacar os nervos, mas não podia adiar mais o dever. Sendo o mais inferior na ordem de hierarquia do turno da noite, fora—lhe atribuído o patrulhamento das salas da ala norte, o ponto mais distante do seu abrigo de segurança subterrâneo. Mas isso não significava que não pudesse tomar um atalho. Voltando costas ao longo salão à sua frente, transpôs a porta que conduzia ao Grande Átrio Rainha Isabel II.

Esse átrio central de 8000 metros quadrados era circundado pelas quatro alas

do British Museum. No seu centro, erguia—se a Sala de Leitura Redonda com a sua cúpula de cobre, uma das mais belas bibliotecas do mundo. Mais acima, a totalidade dos 8000 metros quadrados fora encerrada por uma gigantesca cobertura geodésica desenhada pela Fosters and Partners, criando a maior área coberta da Europa.

Usando a sua chave—mestra, Harry mergulhou no espaço cavernoso. Tal como o museu propriamente dito, o átrio estava perdido na obscuridade. A chuva tamborilava na cobertura de vidro lá bem acima. Mesmo assim, os passos de Harry ecoavam pelo espaço aberto. Um novo golpe de luz estilhaçou o céu. A cobertura, dividida em milhares de placas triangulares, iluminou—se num ápice com um brilho ofuscante. Depois a escuridão voltou a submergir o museu, abatendo—se com a chuva.

Seguiu—se o trovão, sentido fundo no peito. A cobertura ressoou em consonância. Harry encolheu—se, receando que toda a estrutura se despenhasse.

Com a sua lanterna apontada em frente, atravessou o átrio, dirigindo—se à ala norte. Circundou a Sala de Leitura central. Um relâmpago dardejou de novo, iluminando o lugar por ínfimas pulsações. Gigantescas estátuas, perdidas na escuridão, surgiram de lado nenhum. O Leão de Cnido ergueu—se junto à cabeça maciça de uma estátua da Ilha de Páscoa. Depois a obscuridade engoliu os guardiães quando o raio se extinguiu.

Harry sentiu um arrepio e o eriçar de pele de galinha.

Apressou o passo. A cada passada praguejava baixinho:

— Maldito pedaço pulguento de merda... — A litania ajudava—o a acalmar.

Alcançou as portas de acesso à ala norte e mergulhou no interior, acolhido pela familiar mistura de mofo e amoníaco. Estava grato por ter de novo paredes sólidas à sua volta. Moveu a lanterna pela longa sala. Nada parecia errado, mas era—lhe exigido verificar cada uma das galerias da ala. Fez um cálculo rápido. Se se apressasse, poderia completar o circuito com tempo suficiente para outro cigarro rápido. Com a promessa de uma reparação de nicotina a tentá—lo, começou a percorrer a sala, o feixe da lanterna a precedê—lo.

A ala norte expunha a colecção de aniversário do museu, uma colecção etnográfica, retraçando um quadro completo das realizações humanas através das eras, abrangendo todas as culturas. Como a Galeria Egípcia com as suas múmias e sarcófagos. Prosseguiu apressadamente, assinalando as diversas galerias culturais: céltica, bizantina, russa, chinesa. Cada série de salas estava encerrada por um portão de segurança. Com a falha de energia, os portões tinham descido automaticamente.

Por fim, o outro extremo da sala surgiu à vista.

A maior parte das colecções das galerias estava ali exposta apenas temporariamente, transferida do Museum of Mankind para a celebração do aniversário. Mas a última galeria sempre ali estivera, pelo que Harry se conseguia lembrar. Ela abrigava a exposição árabe do museu, uma inestimável colecção de antiguidades vindas da Península Arábica. A galeria fora comissionada e paga por uma única família, que enriquecera graças a temerários empreendimentos petrolíferos nessa região. Os donativos para manter tal galeria com exposição permanente no British Museum deverão exceder os cinco miliões de libras por ano.

Impunha—se respeitar semelhante tipo de dedicação.

Ou não.

Com um resfolego de desdém perante tal desperdício insano de bom dinheiro, Harry fez deslizar o foco da lanterna pela placa de latão gravada por cima da entrada: «Galeria Kensington». Também conhecida como «O Sótão da Megera».

Embora Harry nunca tivesse encontrado lady Kensington, pelas conversas entre funcionários era claro que qualquer descuido em relação à sua galeria — marcas de pó num armário, uma ficha de exposição com manchas, um objecto antigo não correctamente posicionado — seria severamente penalizado. A galeria era o seu projecto de estimação pessoal e ninguém resistia à sua ira. Perderam—se empregos na sua sequência, incluindo o de um anterior director.

Foi essa preocupação que manteve Harry por mais alguns momentos no seu posto do lado de fora do portão de segurança da galeria. Fez deslizar a lanterna em volta da sala de entrada com mais do que cuidado casual. Contudo, também aí tudo estava em ordem.

Quando se afastava, desviando a lanterna, um movimento atraiu o seu olhar.

Estacou, o foco apontando para o chão.

Bem dentro da Galeria Kensington, numa das salas mais distantes, um brilho azulado errava lentamente, alterando as sombras à sua passagem.

Outra lanterna... estava alguém na galeria...

Harry sentiu o bater do coração na garganta. Uma intrusão. Encostou—se à parede próxima. Os seus dedos procuraram atabalhoadamente o transmissor de rádio. Através das paredes, os trovões reverberavam, sonoros e profundos.

Matraqueou o rádio.

— Tenho um possível intruso aqui na ala norte. Aguardo instruções.

Esperou que o chefe do turno respondesse. Gene Johnson podia ser um

pulha, mas era também um ex—oficial da RAF. Ele sabia do ofício.

A voz do homem respondeu à chamada, mas cortes engoliram a maior parte das palavras, interferência da trovoada.

— ... possível... Tens a certeza?... Espera até... os portões estão fechados? Harry voltou a fixar os portões de segurança descidos. É claro que deveria ter verificado se tinham sido selados. Cada galeria tinha apenas uma entrada para o salão central. O único outro acesso às salas seladas era através de uma das janelas altas, mas estas estavam protegidas contra quebra ou intrusão. E embora a trovoada tivesse deitado abaixo a energia central, os geradores de reserva mantinham o quadro de segurança activado. Nenhum alarme tinha soado no comando central. Harry imaginou Johnson já a ligar as câmaras, percorrendo a ala, aproximando—se rapidamente da Galeria Kensington. Arriscou um breve olhar à sequência de cinco salas. O brilho persistia no fundo da galeria. A sua passagem parecia errante, casual, não o perscrutar determinado de um ladrão. Verificou rapidamente o portão de segurança. O fecho electrónico emitia uma luz verde. Não fora violado.

Voltou a fixar o brilho azulado. Talvez fosse simplesmente a passagem dos faróis de um carro através das janelas da galeria.

A voz de Johnson pelo rádio, aos cortes, assustou—o.

— Não apanho nada nas câmaras de víd... A câmara cinco está desligada. Fica onde estás... outros a caminho. —As restantes palavras volatilizaram—se, arrasadas pela descarga eléctrica da tempestade.

Harry manteve—se junto ao portão. Outros guardas vinham em auxílio. E se não fosse um intruso? E se fosse simplesmente o passar de faróis? Ele já se encontrava numa situação difícil com Fleming. Só faltava pôr—se a ridículo. Arriscou e ergueu a lanterna.

— Você aí! — gritou. Quis soar autoritário, mas resultou mais como um queixume agudo.

Contudo, não se verificou alteração no padrão errante da luz. Parecia dirigir —se mais para o fundo da galeria — não numa retirada assustada, simplesmente num sinuoso andamento lento. Nenhum ladrão poderia ter tanto sangue—frio nas veias. Harry atravessou até ao fecho electrónico do portão e usou a chave—mestra para o abrir. Os selos magnéticos soltaram—se. Empurrou o portão para cima o suficiente para rastejar por baixo e entrou na primeira sala. Endireitando —se, ergueu de novo a lanterna. Recusou deixar—se dominar pelo pânico momentâneo. Devia ter investigado mais antes de fazer soar o alarme.

Mas o mal estava feito. O melhor que podia fazer era salvar um pouco a cara,

esclarecendo ele próprio o mistério. Gritou de novo, em todo o caso. — Segurança! Não se mexa!

O grito não teve efeito. O clarão prosseguiu a sua marcha resoluta, embora errante, para o fundo da galeria.

Olhou para trás para o portão de acesso à sala principal. Os outros estariam ali em menos de um minuto.

— Que se lixe — resmungou em voz baixa. Apressou—se para o interior da galeria, perseguindo a luz, determinado a eliminar a sua causa antes que os outros chegassem.

Quase sem um olhar, passou por tesouros de importância intemporal e valor inestimável: armários de vidro exibindo placas de argila do rei assírio Ashurbanipal; pesadas estátuas de arenito datando de tempos pré—pérsicos; espadas e armas de todas as eras; marfins fenícios retratando antigos reis e rainhas; até mesmo uma primeira impressão das Mil e Uma Noites, sob o seu título original, The Oriental Moralist.

Harry continuou a avançar pelas salas, passando de dinastia em dinastia — dos tempos das Cruzadas ao nascimento de Cristo, das glórias de Alexandre Magno aos tempos do Rei Salomão e da Rainha de Sabá.

Por fim, alcançou a sala mais distante, uma das maiores. Esta continha objectos de maior interesse para um naturalista, todos da região: pedras e jóias raras, restos fossilizados, ferramentas neolíticas.

A fonte do brilho tornou—se clara. Perto do centro da sala abobadada, um globo de luz azulada com meio metro de diâmetro flutuava indolentemente cruzando o espaço. Tremulava e a sua superfície parecia envolta numa chama de óleo azul prismático.

Enquanto Harry o observava, o globo atravessou um armário de vidro como se fosse feito de ar. Estacou aturdido. Um odor sulfúreo chegou—lhe às narinas, emanando da bola de luz cerúlea.

O globo rolou por uma das lâmpadas de segurança carmesins, eliminando—a com um estoiro chiante. O ruído fez Harry recuar um passo, assustado. O mesmo destino devia ter calhado à câmara cinco na sala anterior. Lançou um olhar rápido à câmara da sala onde se encontrava. Uma luz vermelha cintilava sobre ela. Ainda estava a funcionar.

Como que notando a sua atenção, Johnson voltou ao rádio. Por alguma razão, não havia perturbação estática.

— Harry, é melhor saíres daí!

Permaneceu paralisado, em parte por medo, em parte por assombro. Além

disso, o fenómeno flutuava para longe, em direcção ao recanto escurecido da sala.

O brilho do globo iluminou uma massa de metal dentro de um cubo de vidro. Era um pedaço de ferro avermelhado do tamanho de um vitelo, um vitelo ajoelhado. A ficha de exposição descrevia—o como um camelo. A semelhança era no melhor dos casos evasiva, mas Harry percebeu a representação pretendida. O objecto tinha sido descoberto no deserto.

O brilho ficou suspenso sobre o camelo de ferro.

Harry recuou com precaução e pegou no rádio.

— Céus!

A tremeluzente bola de luz desceu através do vidro e pousou sobre o camelo. O seu brilho extinguiu—se tão rapidamente como uma vela soprada.

A súbita escuridão cegou Harry por um instante. Ergueu a lanterna. O camelo de ferro permanecia no interior do cubo de vidro, imperturbado.

— Desapareceu... — Estás bem?

— Sim. Que raio era aquilo? Johnson respondeu, o receio estampado na voz:

— Uma estuporada bola de raios, acho eu! Ouvi histórias de tipos em aviõis de guerra quando atravessavam tempestades de trovões. A trovoada deve tê—lo cuspido. Mas diabos me levem se não foi brilhante!

Já não é mais brilhante, pensou Harry com um suspiro e abanou a cabeça. O que quer que fosse, pelo menos tinha—o salvo da embaraçosa chacota dos colegas. Baixou a lanterna. Mas quando desviou a luz, o camelo de ferro continuou a brilhar na escuridão. Um brilho vermelho intenso.

— Que raio é agora? — resmungou Harry e agarrou no rádio. Um forte choque de electricidade estática atingiu os seus dedos. Praguejando, sacudiu—o. Ergueu o rádio. — Há algo de estranho. Acho que...

O brilho do ferro inflamou—se. Harry recuou. O ferro fluía pela superfície do camelo, fundindo—se como se exposto a uma torrente de chuva ácida. Ele não foi o único a notar a mudança.

O rádio ladrou na sua mão:

— Harry, sai daí!

Não discutiu. Deu meia volta, mas era demasiado tarde. O receptáculo de vidro explodiu. Lanças penetrantes perfuraram—lhe o flanco esquerdo. Um fragmento denteado cortou—lhe a face. Mas ele mal sentiu os golpes, quando uma onda de calor abrasante o atingiu, cauterizando—o, consumindo todo o oxigénio.

Um grito projectou—se nos seus lábios, para nunca ser expelido.

A explosão seguinte arrancou Harry do chão e lançou o seu corpo até ao outro extremo da galeria. Mas apenas ossos em chamas atingiram o portão de segurança, fundindo—se no gradeado de aço.

01h53

Safia al—Maaz acordou num pânico de morte. Sirenes soavam de todos os lados. Clarões de luzes rubras de emergência entrecortavam as paredes do quarto. O terror apertou—a como num torno. Não conseguia respirar; um suor frio gotejou na sua testa, espremido pela pele comprimida. Os dedos em gancho agarraram os lençóis junto à garganta. Incapaz de pestanejar, ficou presa por instantes entre o passado e o presente.

Sirenes a retinir, explosões a ecoar à distância... mais perto ainda, os gemidos dos feridos, dos moribundos, a sua própria voz ajuntar—se ao coro de dor e de choque...

Altifalantes rugiam desde as ruas abaixo do apartamento.

— Deixem passar os carros de combate! Abram caminho! Inglês... não árabe, não hebreu...

Um ribombar surdo passou pelo edifício do apartamento e afastou—se.

As vozes das equipas de emergência trouxeram—na de volta à sua cama, de volta ao presente. Ela estava em Londres, não em Telavive. O ar longamente reprimido escapou—se. Lágrimas subiram—lhe aos olhos. Limpou—as com dedos trémulos.

Ataque de pânico.

Sentou—se enrolada na colcha da cama por mais algumas arfadas. Ainda sentia vontade de chorar. Era sempre assim, dizia a si própria, mas as palavras não ajudavam. Cingiu a colcha de lã em volta dos ombros, os olhos fechados, o coração a martelar nos ouvidos. Praticou os exercícios de respiração e tranquilização ensinados pela terapeuta. Inalar em dois tempos, exalar em quatro. Deixou que a tensão se esvaísse em cada movimento. A sua pele fria aqueceu gradualmente.

Alguma coisa com peso aterrou na sua cama. Um som ténue acompanhou—a. Como uma dobradiça a chiar.

Estendeu uma mão, acolhida por um ronronar de agrado.

— Anda cá, Billie — sussurrou ao persa negro anafado.

Billie encostou—se à palma da sua mão e roçou a base do focinho pelos dedos de Safia, depois desmoronou simplesmente sobre as coxas dela como se

os fios invisíveis que sustentavam o gato tivessem sido cortados. As sirenes deviam tê—lo perturbado da habitual ronda nocturna pelo apartamento.

O suave ronronar continuou no colo de Safia, um som de satisfação.

Isso, mais do que os exercícios de respiração, relaxou—lhe os músculos dos ombros. Só então notou o arquear cauteloso das suas costas, como que receando um golpe que nunca chegara. Forçou—se a endireitar a postura, alongando o pescoço.

As sirenes e a agitação continuavam a meio quarteirão do seu apartamento. Ela precisava de se pôr de pé, de descobrir o que estava a acontecer. Qualquer coisa, simplesmente para se mexer. O pânico transformara—se em energia nervosa.

Moveu as pernas, com cuidado para fazer deslizar Billie para a colcha da cama. O ronronar interrompeu—se por um instante, depois recomeçou quando ficou claro que não estava a ser expulso. Billie nascera nas ruas de Londres, criatura dos becos, uma mistura selvagem de pêlo emaranhado e fúria. Safia encontrara o gatinho estatelado e ensanguentado à entrada do edifício de apartamentos, com uma perna partida, coberto de óleo, atingido por um carro. Apesar da sua ajuda, ele tinha—a mordido na parte carnuda do polegar. Os amigos disseram—lhe que levasse o gatinho para o abrigo de animais, mas Safia sabia que tal lugar não era melhor que um orfanato. Assim, recolheu—o numa fronha de almofada e transportou—o até à clínica veterinária local.

Teria sido fácil passar ao lado dele nessa noite, mas já estivera tão abandonada e só como o gatinho. Alguém também a recolhera nessa altura. E tal como Billie, ela fora domesticada — mas nenhum deles acabara completamente domado, preferindo os lugares selvagens e o esquadrinhar pelos cantos perdidos do mundo.

Mas tudo isso terminara com uma explosão num resplandecente dia de Primavera.

Tudo culpa minha... Choro e gritos encheram de novo a sua mente, fundindo —se com as sirenes do presente.

Respirando com dificuldade, Safia procurou o candeeiro de cabeceira, uma pequena réplica Tiffany representando libelinhas em vitral. Premiu o interruptor do candeeiro mais algumas vezes, mas o candeeiro permaneceu apagado. Não havia electricidade. A trovoada devia ter deitado abaixo uma linha de distribuição.

Talvez fosse essa a razão de toda a agitação.

Que fosse tão simples quanto isso.

Balançou para fora da cama, descalça, mas dentro de uma aconchegante camisa de dormir de flanela, que lhe chegava aos joelhos. Foi até à janela e desviou os estores para espreitar para a rua em baixo. O seu apartamento ficava no quarto andar.

Lá em baixo, a habitualmente calma e digna rua de candeeiros de ferro e amplos passeios tinha—se transformado num campo de batalha surrealista. Carros de bombeiros e da polícia entupiam a avenida. Fumo ondeava apesar da chuva, mas pelo menos a terrível tempestade abrandara para o habitual lacrimejar londrino. Com os candeeiros da rua apagados, a única iluminação vinha das luzes de sinalização no cimo dos veículos de emergência. Contudo, no fundo do quarteirão, um brilho carmesim mais intenso cintilava por entre o fumo e a escuridão.

Fogo.

O coração de Safia bateu com mais força, a respiração estrangulou—se — não por antigos terrores, mas por novos receios pelo presente. O museu! Deu um sacão aos cordões dos estores, esventrando—os, e atrapalhou—se com o fecho da janela. Abriu de rompante a vidraça e inclinou—se para fora de encontro à chuva. Mal notou os pingos gelados.

O British Museum ficava a poucos metros do apartamento. Ficou assombrada com a visão. A parte nordeste do museu ficara reduzida a uma ruína a arder. Chamas tremulavam através das janelas superiores, enquanto o fumo se precipitava para fora em manchas espessas. Homens, cobertos com máscaras de oxigénio arrastavam mangueiras. Jactos de água atingiam grande altura. Escadas erguiam—se no ar a partir dos carros dos bombeiros.

Mas, pior que tudo, um buraco escancarado fumegava no segundo piso da parte nordeste. Fragmentos e blocos enegrecidos de cimento jaziam espalhados pela rua. Ela não devia ter ouvido a explosão ou simplesmente atribuíra—a ao ribombar da trovoada. Mas não se tratava da queda de um raio.

Mais provavelmente a explosão de uma bomba... um ataque terrorista. Outra vez não...

Sentiu os joelhos a fraquejarem. A ala norte... a sua ala. Ela sabia que o buraco fumegante conduzia à galeria no final. Todo o seu trabalho, uma vida de pesquisa, a colecção, uma infinidade de antiguidades da sua terra natal. Era impossível de imaginar. A descrença tornou a visão ainda mais irreal, um pesadelo do qual acordaria a qualquer momento.

Recuou para a segurança e sanidade do seu quarto. Voltou as costas aos gritos e às luzes relampejantes. Na escuridão, libelinhas de vitral ganharam vida.

Abriu os olhos, incapaz de compreender a visão por um instante, depois fez—se luz. A energia voltara.

Nesse momento, o telefone tocou no seu suporte nocturno, assustando—a.

Billie levantou a cabeça da colcha, as orelhas espetadas face ao chocalhar.

Safia apressou—se para o telefone e levantou o auscultador.

— Estou?

A voz era austera, profissional.

— Doutora al—Maaz?

— S—sim?

— Daqui fala o comandante Hogan. Houve um acidente no museu.

— Acidente? — O que quer que tivesse acontecido era mais do que um simples acidente.

— Sim, o director do museu solicita a sua presença na reunião de avaliação da situação. Pode juntar—se—a nós na próxima hora?

— Sim, comandante. Irei imediatamente.

— Óptimo. O seu nome será indicado ao comando de segurança. — O telefone produziu um estalido enquanto o comandante desligava.

Safia olhou em volta do quarto. Billie martelava a cauda em clara irritação felina pelas constantes interrupções nocturnas.

— Não me vou demorar — murmurou ela, sem saber se era verdade. As sirenes continuavam a gemer do outro lado da janela.

O pânico que a despertara recusava—se a desaparecer por completo. A sua visão do mundo, a segurança da sua posição dentro das paredes serenas de um museu, tinham sido abaladas. Há quatro anos atrás, ela fugira de um mundo onde as mulheres atavam explosivos ao peito. Fugira para a segurança e normalidade da vida académica, abandonando o trabalho de campo pelo trabalho de gabinete, largando picaretas e pás por computadores e folhas de cálculo. Escavara um pequeno nicho para si no interior do museu, onde se sentia segura. Fizera ali o seu lar.

Contudo, o desastre encontrara—a.

As mãos tremiam—lhe. Teve de agarrar uma com a outra para afastar um novo ataque. Só queria rastejar para dentro da cama e puxar a colcha sobre a cabeça.

Billie fitava—a, os olhos a reflectir a luz do candeeiro.

— Eu fico bem. Está tudo bem — disse Safia em voz baixa, mais para si própria do que para o gato.

Nenhum dos dois se convenceu.

02h13, GMT (21h13, EST)
Fort Meade, Maryland

Thomas Hardey detestava ser incomodado quando estava compenetrado na resolução das palavras cruzadas do New York Times. Era o seu ritual de domingo à noite, que incluía igualmente um agradável copo de scotch de quarenta anos e um bom charuto. O fogo crepitava na lareira.

Recostou—se na sua poltrona de couro e fitou o puzzle meio preenchido, forçando a ponta da sua esferográfica Montblanc.

Franziu uma sobrancelha face ao 19 vertical, uma palavra de cinco letras. — Dezanove. A soma de todos os homens.

Enquanto ponderava sobre a resposta, o telefone soou na sua secretária. Suspirou e subiu os óculos de leitura da ponta do nariz até à testa. Provavelmente era apenas um dos amigos da filha a contar como correra o encontro do fim—de—semana. Quando se inclinou para diante, viu que a linha número cinco estava a piscar, a sua linha pessoal. Apenas três pessoas tinham esse número: o presidente, o director da Joint Chiefs e o segundo—comandante na hierarquia da National Security Agency.

Pousou o jornal dobrado no colo e premiu o botão vermelho da linha. Com esse simples toque, um código algorítmico variável tornava ininteligível qualquer comunicação.

Levantou o auscultador.

— Aqui, Hardey.

— Senhor director. Endireitou—se, cauteloso. Não reconhecia a voz do outro. E ele conhecia a voz das três pessoas que tinham o seu número privado tão bem como a sua própria família.

— Quem fala?

— Tony Rector. Peço desculpa por incomodá—lo a estas horas.

Thomas percorreu a sua Rolodex mental. Vice—almirante Anthony Rector. Ele ligou o nome a cinco letras: DARPA (Defense Advanced Research Projects Agency). O departamento fiscalizava o braço de investigação e desenvolvimento do Departamento de Defesa. Tinha um lema: Ser o primeiro. No que tocava aos avanços tecnológicos, os Estados Unidos não podiam chegar em segundo lugar.

Nunca.

Uma formigante sensação de temor começou a desenhar—se.

— Em que posso ajudá—lo, senhor almirante?

— Deu—se uma explosão no British Museum em Londres. — E procedeu à explicação da situação em grande pormenor. Thomas verificou o relógio. Tinham —se passado menos de trinta minutos desde a explosão. Ele estava impressionado com a capacidade da organização de Rector em reunir tanta informação em tão pouco tempo.

Quando o almirante terminou, Thomas colocou—lhe a questão mais óbvia:

— E qual é o interesse da DARPA na explosão? Rector respondeu—lhe.

Thomas sentiu a divisão arrefecer uns dez graus.

— Tem a certeza?

— Já temos uma equipa organizada para aprofundar o assunto. Mas vou necessitar da cooperação do MI5 britânico... ou melhor ainda...

A alternativa ficou em suspenso, não proferida mesmo numa linha codificada.

Thomas compreendia agora a chamada clandestina. O MI5 era o equivalente britânico da sua própria organização. Rector queria que ele lançasse uma cortina de fumo para que a equipa da DARPA pudesse entrar e sair rapidamente do local, antes que alguém suspeitasse da descoberta. E tal incluía a agência secreta britânica.

— Compreendo — disse finalmente Thomas. Ser o primeiro. Rezou para que estivessem à altura da missão. — A equipa está pronta?

— Estará pronta pela manhã.

Pela ausência de desenvolvimento adicional, Thomas soube quem trataria do assunto. Desenhou um símbolo grego na margem do jornal.

— O caminho será preparado — disse para o aparelho.

— Muito bem. — A comunicação morreu.

Thomas pousou o auscultador no gancho, já a planear o que tinha de ser feito. Teria de actuar rapidamente. Fitou as palavras cruzadas por completar: 19 vertical. Uma palavra de cinco letras para a soma de todos os homens. Que apropriado.

Pegou numa caneta e preencheu a resposta nas quadrículas.

SIGMA.

02h22, GMT
Londres, Inglaterra

Safia postava—se diante da barricada, uma vedação em A preta e amarela. Mantinha os braços cruzados, ansiosa, gelada. O fumo impregnava o ar. O que

acontecera? Atrás da barricada, um polícia segurava a sua carteira na mão e comparava a fotografia com a mulher à sua frente.

Ela sabia que ele tinha dificuldade em fazer corresponder as duas. Na sua mão, o cartão de identificação do museu retratava uma mulher cuidada de trinta anos de idade de tez cor de café com leite, cabelo de ébano apanhado atrás numa eficiente trança e olhos verdes escondidos por trás de uns óculos de leitura escurecidos. Em contraste, diante do jovem guarda apresentava—se uma mulher ensopada e enlameada, com o cabelo desregradamente colado em longas faixas ao rosto. Os olhos dela pareciam perdidos e confusos, centrados para lá das barreiras, para lá do frenesim do pessoal e equipamento de emergência.

Equipas noticiosas ponteavam a paisagem, aureoladas pelos focos das suas câmaras. Alguns camiões de reportagem televisiva estavam estacionados meio em cima dos passeios. Reconheceu igualmente dois veículos militares entre as equipas de emergência, além de efectivos empunhando armas.

A possibilidade de um ataque terrorista não podia ser descartada. Ela ouvira tais rumores entre a multidão e de um repórter que tivera de evitar para chegar à barricada. E não poucos lançaram olhares suspeitosos na sua direcção, a árabe solitária na rua. Ela tivera uma experiência em primeira—mão com o terrorismo, mas não da maneira que eles suspeitavam. E talvez ela interpretasse mesmo erradamente as reacções à sua volta. Uma forma de paranóia, designada como hiper—ansiedade, era uma sequela frequente de um ataque de pânico.

Safia prosseguiu por entre a multidão, respirando pesadamente, centrando—se no seu propósito ali. Lamentou ter esquecido o guarda—chuva. Ela deixara o apartamento imediatamente após a chamada, demorando—se apenas o suficiente para vestir umas calças de caqui e uma blusa branca floreada. Pusera um casaco Burberry pelo joelho, mas na pressa, o guarda—chuva a condizer fora deixado no seu posto junto à porta. Só quando chegou ao primeiro andar do edifício e se precipitou para a chuva, percebeu o erro. A ansiedade impediu—a de voltar a subir ao quarto andar para o recuperar.

Ela tinha de saber o que acontecera no museu. Passara a última década a construir a colecção e os últimos quatro anos a dirigir os seus projectos de investigação fora do museu. Quanto fora arruinado? O que poderia ser salvo?

Lá fora, a chuva crescera de novo para uma bátega persistente, mas pelo menos os céus nocturnos estavam menos coléricos. Quando alcançou o posto de controlo de emergência que coordenava o acesso, estava ensopada até aos ossos.

Estremeceu quando o guarda se mostrou satisfeito com a identificação.

— Pode seguir. O inspector Samuelson está à sua espera.

Um outro polícia escoltou—a até à entrada sul do museu. Ela olhou para cima para a sua fachada de colunata. Mostrava a solidez de uma caixa—forte, uma permanência que não podia ser questionada.

Até essa noite...

Foi conduzida pela entrada e por uma série de escadas abaixo. Passaram por portas assinaladas: «Reservado ao Pessoal do Museu.» Ela sabia para onde estava a ser levada. Para a base de segurança subterrânea.

Um guarda armado postava—se de sentinela à porta. Assentiu à sua aproximação, claramente à espera deles. Abriu a porta.

A sua escolta passou—a a um novo elemento: um homem de tez negra envergando traje civil, um indistinto fato azul. Era alguns centímetros mais alto que Safia, o cabelo completamente cinza. O rosto parecia de couro gasto. Ela reparou numa mancha prateada de restolho nas suas faces, por barbear, muito provavelmente arrancado da cama.

Ele estendeu uma mão vigorosa.

— Inspector Geoffrey Samuelson — disse com a mesma firmeza do seu aperto de mão. — Obrigado por ter acorrido tão prontamente.

Ela assentiu, demasiado nervosa para falar.

— Se quiser fazer o favor de me acompanhar, doutora al—Maaz, necessitamos da sua ajuda na investigação da causa da explosão.

— Minha? — conseguiu pronunciar. Passou por uma sala de descanso, atulhada de pessoal de segurança. Parecia que todo o pessoal, de todos os turnos, tinha sido convocado. Ela reconheceu vários dos homens e mulheres, mas fitavam—na agora como se fosse uma estranha. O murmúrio do seu arrazoar silenciou—se enquanto ela passava. Eles deviam saber que ela fora chamada, mas tal como ela não pareciam conhecer a razão. Contudo, era clara a suspeição por detrás do silêncio.

Endireitou mais as costas, a irritação a faiscar por entre a ansiedade. Aqueles eram os seus companheiros de trabalho, colegas. Por outro lado, todos conheciam perfeitamente o seu passado.

Os seus ombros afundaram—se bruscamente quando o inspector a conduziu pelo átrio até à sala mais afastada. Ela sabia que esta abrigava o «ninho», como era apelidada pelo pessoal, uma divisão oval cujas paredes estavam totalmente cobertas por monitores de videovigilância. Uma vez lá dentro, deparou—se com uma sala quase deserta.

Reconheceu o chefe da segurança, Ryan Fleming, um homem baixo mas entroncado de meia—idade. Ele era facilmente identificado pela sua cabeça

totalmente pelada e nariz aquilino, que lhe valeram o cognome de «Águia Calva». Postava—se ao lado de um homem esgalgado envergando um uniforme militar enrugado, incluindo uma arma branca. O par debruçava—se sobre o ombro de um técnico sentado junto a uma série de monitores. O grupo relanceou na sua direcção, quando ela entrou.

— Doutora Safia al—Maaz, curadora da Galeria Kensington — disse Fleming como introdução. Endireitando—se, acenou—lhe.

Fleming fazia parte do pessoal desde antes de Safia ter assumido a sua posição. Um guarda na altura, ele tinha progredido na carreira até se tornar chefe de segurança. Há quatro anos atrás, ele frustrara o roubo de uma escultura pré—islâmica da sua galeria. Fora essa diligência que o fizera conquistar a sua actual posição. Os Kensington sabiam como recompensar aqueles que os tratavam devidamente. Desde então, ele fora particularmente protector em relação a Safia e à sua galeria.

Ela juntou—se ao grupo em volta do posto de vídeo, seguida pelo inspector Samuelson. Fleming tocou—lhe no ombro, o olhar magoado.

— Sinto muito. A sua galeria, o seu trabalho...

— Quanto se perdeu?

Fleming exibiu um ar combalido. Apontou simplesmente para um dos monitores. Ela debruçou—se sobre este. Era uma gravação em directo. A preto e branco, ela viu uma imagem do átrio central da ala norte. O fumo turvava a visão. Homens envergando fatos de protecção movimentavam—se pela ala. Uma série deles reunia—se junto ao portão de segurança que conduzia à Galeria Kensington. Pareciam fitar uma figura presa ao gradeado, uma forma desencarnada, esquelética, como um espantalho definhado.

Fleming abanou a cabeça.

— Em breve será permitida a passagem ao médico legista para identificar os restos, mas estamos certos de que se trata de Harry Masterson, um dos meus homens.

A estrutura de ossos continuava a fumegar. Aquilo fora um homem? Safia sentiu o mundo vacilar debaixo dos seus pés e recuou um passo. Fleming amparou—a. Uma conflagração de uma tal magnitude capaz de consumir toda a carne dos ossos estava além da sua compreensão.

— Não compreendo — balbuciou. — O que aconteceu aqui? O homem de traje militar azul respondeu.

— Isso é o que esperamos nos ajude a esclarecer. — Voltou—se para o técnico do vídeo. — Recue até à uma hora.

O técnico assentiu.

O militar virou—se para Safia, enquanto a sua ordem era executada. O seu rosto era severo, hostil.

— Sou o comandante Randolph, representante da divisão antiterrorista do Ministério da Defesa.

— Antiterrorista? — Safia fitou os outros em volta. — Tratou—se de um ataque bombista?

— Isso ainda está por determinar, minha senhora — disse o comandante.

O técnico mexeu—se.

— Tudo a postos, senhor.

Randolph indicou—lhe o monitor.

— Gostaríamos que observasse esta gravação, mas o que irá ver é material classificado. Compreende?

Ela não compreendia, mas assentiu de qualquer forma.

— Ponha a funcionar — ordenou Randolph.

No ecrã, a câmara mostrou a sala posterior da Galeria Kensington. Tudo estava em ordem, embora o espaço estivesse escuro, apenas iluminado pelas luzes de segurança.

— Isto foi gravado pouco depois da uma da manhã — narrou o comandante.

Safia observou uma nova luz flutuar a partir de uma sala vizinha. A princípio, parecia que alguém tinha entrado, segurando uma lanterna ao alto. Mas logo se tornou claro que a fonte de luz se movia por si mesma.

— O que é aquilo? — perguntou ela. O técnico respondeu:

— Estudámos a gravação com vários filtros. Parece tratar—se de um fenómeno designado como bola de raios. Um glóbulo de plasma de flutuação independente libertado pela tempestade. É a primeira vez na história que um desses malditos canalhas é apanhado em filme.

Safia ouvira falar de tais manifestações atmosféricas. Bolas de ar electricamente carregado, luminescentes, que se deslocavam horizontalmente acima do solo. Surgiam em espaços abertos, dentro de casas, no interior de aeronaves, mesmo em submarinos. Mas tais fenómenos raramente causavam danos. Voltou a olhar para o monitor da gravação em directo com o seu ossuário fumegante. Certamente não era essa a causa da explosão.

Enquanto o considerava, uma nova figura surgiu no monitor, um guarda.

— Harry Masterson — disse Fleming.

Safia respirou fundo. Se Fleming estava certo, aquele era o mesmo homem cujos ossos fumegavam no outro monitor. Ela queria fechar os olhos, mas não

podia.

O guarda seguia o clarão da bola de raios. Parecia tão desorientado como os que se encontravam na sala com ela. Levou o rádio aos lábios, transmitindo informação, mas não havia registo áudio a acompanhar a gravação.

Então a bola de raios fixou—se acima de um dos suportes de exposição, que continha uma figura de ferro. Desceu atravessando—o e apagou—se bruscamente. Safia estremeceu, mas nada aconteceu.

O guarda continuava a falar para o seu rádio... depois algo pareceu alarmar o homem. Virou—se no preciso momento em que o expositor se despedaçava. Um instante mais tarde, uma segunda explosão surgiu como um clarão branco e o ecrã apagou—se.

— Pare a gravação e recue quatro segundos — ordenou o comandante Randolph.

O filme imobilizou—se e retrocedeu, os planos a ressurgir em intermitência. A sala reapareceu saída do clarão, depois o expositor reconstituiu—se em volta da figura de ferro.

— Imobilize aí.

A imagem parou, tremulando ligeiramente no monitor. O artefacto de ferro podia ver—se distintamente no interior do seu expositor de vidro. De facto, demasiado distinto. Parecia irradiar com uma luz própria.

— Que diabo é aquilo? — perguntou o comandante.

Safia fitou o artefacto antigo. Compreendia agora porque fora chamada àquele encontro. Nenhum dos outros entendia igualmente o que tinha acontecido. Nada fazia sentido.

— Aquilo é uma escultura? — indagou o comandante. — Há quanto tempo se encontra ali?

Safia podia ler o seu pensamento, a acusação mal—disfarçada. Alguém introduzira furtivamente uma bomba no museu dissimulada como escultura? E se isso fosse verdade, quem seria mais provável cooperar com tal estratagema? Quem senão alguém trabalhando no interior? Alguém ligado a uma explosão no passado.

Ela abanou a cabeça face às questões e às acusações.

— Não... não se trata de uma escultura.

— O que é então?

— A figura de ferro é um fragmento de meteorito... descoberto no Deserto de Omani, perto do final do século XIX.

Safia sabia que a história do artefacto datava de muito antes. Durante

séculos, os mitos árabes falaram de uma cidade perdida cuja entrada era guardada por um camelo de ferro. A riqueza dessa cidade perdida ficava supostamente para lá de toda a compreensão. Tal era a sua opulência que se dizia que quantidades de pérolas negras eram largadas junto da entrada como lixo. Depois, no século XIX, um batedor beduíno conduziu um explorador britânico até ao local, mas não encontrou nenhuma cidade perdida. O que descobriu foi meramente um pedaço de meteorito meio enterrado na areia, que se assemelhava grosseiramente a um camelo ajoelhado. Até mesmo as pérolas negras revelaram ser simples fragmentos de vidro fulminado, formados pelo impacto térmico do meteorito nas areias.

— Este meteorito em forma de camelo — continuou Safia — faz parte da colecção do British Museum desde a sua fundação... embora tivesse sido relegado para os armazéns, até eu o descobrir no catálogo e adicionar à colecção.

O inspector Samuelson quebrou o silêncio.

— Quando ocorreu a transferência?

— Há dois anos.

— Então já estava aí há algum tempo — disse o inspector contundente, relanceando o comandante, como se tal resolvesse alguma questão anterior.

— Um meteorito? — resmoneou o comandante com um abanar de cabeça, claramente desapontado por a sua teoria de conspiração se ter frustrado. — Isso não faz sentido.

Uma agitação chamou a atenção de todos para a porta. Safia viu o director do museu, Edgar Tyson, forçar a entrada na sala da segurança. O homem, habitualmente elegante, trajava um fato amarrotado que condizia com a sua expressão preocupada. Ele torturava a sua pequena barbicha branca. Só então Safia estranhou a sua conspícua ausência. O museu era a existência e a vida do homem.

Mas a razão dessa notória ausência em breve se tornou clara. De facto, seguia nos seus calcanhares. A mulher entrou imponentemente no espaço, a sua presença quase precedendo—lhe a forma, como uma ondulação antes da tempestade. Alta, com um bom palmo acima de um metro e oitenta, vestia um casaco comprido de escocês, a escorrer água, contudo o seu cabelo louro acobreado, cortado pelo ombro, estava enxuto e penteado em suaves anéis que pareciam agitar—se com a sua própria brisa. Aparentemente, ela não esquecera o seu guarda—chuva.

O comandante Randolph empertigou—se, avançando, a sua voz subitamente respeitosa.

— Lady Kensington.

Ignorando—o, a mulher continuou o seu exame da sala, os seus olhos fixando—se em Safia. Um clarão de alívio.

— Saffie... graças a Deus! — Precipitou—se para a frente e abraçou—a fortemente, murmurando sufocada ao seu ouvido: — Quando ouvi... tu trabalhas até tarde tantas noites. E não conseguia falar contigo ao telefone...

Safia retribuiu o abraço, sentindo a tremura nos ombros da outra. Conheciam —se desde crianças, tinham sido mais próximas do que irmãs.

— Eu estou bem, Kara — sussurrou—lhe para o ombro.

Ficou surpreendida com a intensidade do medo genuíno naquela mulher habitualmente forte. Não sentira tal afecto da parte dela desde há muito, desde que eram jovens desde a morte do pai de Kara.

Kara estremeceu.

— Não sei o que faria se te tivesse perdido. — Os seus braços cerraram—se em torno de Safia, ao mesmo tempo consolo e carência.

Lágrimas cresceram nos olhos de Safia. Recordava—se de um outro abraço, de palavras similares. Não te vou perder.

Aos quatro anos, a mãe de Safia tinha morrido num acidente de autocarro. Com o pai já falecido, Safia foi colocada num orfanato, um lugar terrível para uma criança de sangue misto. Um ano mais tarde, a empresa Kensington tomou Safia como companheira de Kara, instalando—a num quarto próprio. Ela mal se lembrava desse dia. Um homem alto tinha vindo e recolhera—a.

Fora Reginald Kensington, o pai de Kara.

Pela proximidade de idades e uma natureza selvagem partilhada, Kara e Safia tinham—se tornado rapidamente amigas... compartilhando segredos à noite, brincando entre as palmeiras e tamareiras, escapando—se furtivamente até ao cinema, sussurrando sobre os seus sonhos debaixo dos cobertores. Tinham sido tempos maravilhosos, um doce Verão sem fim.

Depois, aos dez anos, notícias devastadoras: Lord Kensington anunciara que Kara iria viajar para Inglaterra para estudar fora durante dois anos. Perturbada, Safia nem sequer pedira licença para sair da mesa. Correra para o seu quarto, em pânico e de coração destroçado por ser devolvida ao orfanato, como um brinquedo a guardar de novo numa caixa. Mas Kara tinha ido ter com ela. Não te vou perder, prometera por entre lágrimas e abraços. Obrigarei o papá a deixar— te ir comigo.

E Kara mantivera a sua palavra.

Safia fora para Inglaterra com Kara durante esses dois anos. Estudaram

juntas, como irmãs, como melhores amigas. Quando regressaram a Oman, eram inseparáveis. Terminaram a escolaridade em Muscat juntas. Tudo parecia maravilhoso, até ao dia em que Kara voltou de uma caçada de aniversário, queimada pelo sol e desvairada.

O pai não voltara com ela.

Morto por queda num fosso natural fora a história oficial, mas o corpo de Reginald Kensington nunca foi encontrado.

Depois desse dia, Kara nunca mais fora a mesma. Ainda mantinha Safia perto de si, mas era mais por uma vontade de familiaridade do que por verdadeira amizade. Kara empenhou—se na conclusão da sua própria educação, na assunção da liderança das empresas e empreendimentos do pai. Aos dezanove anos, licenciou—se em Oxford.

A jovem provou ser um génio financeiro, triplicando o valor líquido do pai quando ainda estava na universidade. A Kensington Wells Incorporated continuou a crescer, derivando para novas áreas: plataformas de tecnologia informática, patentes de dessalinização, emissão televisiva. Contudo, Kara nunca negligenciou a fonte de toda a riqueza da sua família: o petróleo. No ano anterior, a Kensington tinha ultrapassado a Halliburton Corporation conseguindo os contratos petrolíferos mais vantajosos.

E à semelhança dos empreendimentos petrolíferos da Kensington, Safia não foi deixada para trás. Kara continuou a pagar os seus estudos, incluindo seis anos em Oxford, onde Safia obteve o doutoramento em arqueologia. Após a licenciatura, permaneceu ao serviço da Kensington Wells, Inc. Finalmente, acabou por superintender o projecto de estimação de Kara ali no museu, uma colecção de antiguidades da Península Arábica, colecção iniciada por Reginald Kensington. E tal como a empresa, também o projecto prosperou sob a direcção de Kara, tornando—se na maior colecção particular de todo o mundo. Dois meses antes, a família real da Arábia Saudita tentara adquirir a colecção, para que voltasse a solo árabe, um negócio que se dizia montar a centenas de miliões.

Kara recusara. A colecção significava mais para ela do que o dinheiro. Era um memorial ao seu pai. Embora o corpo nunca tivesse sido encontrado, ali jazia o seu túmulo, naquela ala isolada do British Museum, rodeada por toda a riqueza e história da Arábia.

Safia olhou para lá do ombro da amiga para o monitor da gravação em directo, para a ruína fumegante do seu árduo trabalho. Ela apenas podia imaginar o que a perda significaria para Kara. Seria como se alguém tivesse profanado a sepultura do pai.

— Kara — começou Safia, procurando atenuar o golpe que se seguiria ouvindo—o de alguém que partilhava da sua paixão. — A galeria... desapareceu.

— Eu sei. Edgar já me informou. — A voz de Kara perdeu a incerteza. Retirou—se do abraço, como que sentindo—se repentinamente tola. Olhou em volta para os outros ali reunidos. O familiar tom de comando encarnou na sua postura. — O que aconteceu? Quem fez isto?

Perder a colecção tão pouco tempo depois de rejeitar a oferta dos sauditas despertara claramente, também, a suspeição de Kara.

Sem hesitação, a gravação foi de novo iniciada para Lady Kensington. Safia recordou a anterior advertência em relação ao secretismo do que o filme revelava. Tal aviso não foi feito a Kara. A riqueza tinha os seus privilégios.

Safia ignorou a repetição no monitor. Em vez disso, estudou Kara, receando como aquilo a poderia devastar. Pelo canto do olho, vislumbrou o clarão final da explosão e depois o monitor extinguiu—se. Durante todo o visionamento, a expressão de Kara permaneceu inalterada, um relevo marmóreo de concentração, Atena em profunda reflexão.

Mas no final, os olhos de Kara fecharam—se lentamente. Não em choque ou horror — Safia conhecia os humores de Kara demasiado bem —, mas em profundo alívio. Os lábios da amiga moveram—se num sussurro inaudível, duas únicas palavras, apenas percebidas pelos seus ouvidos.

— Por fim...

II - CAÇA À RAPOSA

14 de Novembro, 07h04, EST
Ledyard, Connecticut

A paciência era a chave para qualquer caçada de sucesso.

Painter Crowe estava na sua terra nativa, a terra da tribo do seu pai chamada: Mashantucket, a «terra de muitas árvores». Mas onde Painter esperava, não havia árvores, nenhum cantar de aves, nenhum sussurro de vento no rosto. Ali, ouvia—se o carrilhão das slot machines, o tilintar das moedas, o odor fétido e nauseabundo do tabaco e o contínuo reciclar de um ar sem vida.

O Foxwoods Resort and Casino era o maior complexo de jogo de todo o mundo, excedendo tudo o que existia em Las Vegas ou mesmo em Monte Carlo. Localizado às portas do singelo lugarejo de Ledyard, no Connecticut, o complexo altaneiro erguia—se ostensivamente das densas florestas da reserva de

Mashantucket. Para além do edifício de jogo com as suas seis mil slot machines e centenas de mesas de jogo, o complexo abrigava três hotéis de prestígio mundial. Todo o empreendimento era posse da tribo Pequot, o «Povo da Raposa», que caçara naquelas mesmas terras nos últimos dez mil anos.

Mas naquele momento, não era um veado ou uma raposa que estavam a ser caçados.

A presa perseguida por Painter era um cientista informático chinês, Xin Zhang.

Zhang, mais conhecido pelo pseudónimo de Kaos, era um hacker e decifrador de códigos de prodigioso talento, um dos melhores da China. Depois de ler o seu dossiê, Painter ganhara respeito pelo homem esguio de fato Ralph Lauren. Durante os últimos três anos, ele orquestrara uma vaga bem—sucedida de espionagem informática em solo americano. A sua última aquisição: tecnologia de armamento de plasma extraída de Los Alamos.

O alvo de Painter desviou—se finalmente da mesa de pai gow.

— Deseja sair do jogo, doutor Zhang? — perguntou o chefe de sala, vigiando a mesa como um capitão na proa do seu navio. Às sete da manhã, havia apenas aquele jogador solitário... e os seus guarda—costas.

O isolamento exigia que Painter espiasse a sua presa a partir de uma distância segura. Não podiam ser levantadas suspeitas. Especialmente com o jogo tão avançado.

Zhang moveu a pilha de fichas pretas na direcção do croupier, uma mulher de olhar enfastiado. Enquanto o croupier somava os ganhos, Painter estudou o seu alvo.

Zhang comprovava o estereótipo dos chineses de imperscrutáveis. Tinha um rosto inexpressivo que não mostrava qualquer indicação óbvia, qualquer tique idiossincrático que denotasse uma mão favorável ou desfavorável. Fazia simplesmente o seu jogo.

Como naquele momento.

Ninguém suspeitaria, pela aparência do homem, de que ele era um mestre do crime, procurado em quinze países. Vestia—se como um típico homem de negócios ocidental: um fato de bom corte num veludo canelado discreto, uma gravata de seda, um Rolex de platina. No entanto, persistia nele uma certa qualidade estética de austeridade. O seu cabelo negro era aparado à volta das orelhas e na parte de trás, deixando apenas uma coroa encrespada no cimo da cabeça, não diferente de um monge. Usava uns diminutos óculos, de lentes circulares, vagamente azuladas, que lhe davam uma aparência contida.

Por fim o croupier agitou as mãos sobre a pilha de fichas, mostrando os dedos e palmas vazias para as câmaras de segurança dissimuladas nas cúpulas negras espelhadas do tecto.

— Cinquenta mil dólares certos — concluiu ela.

O chefe de sala anuiu. O croupier contou em voz alta o montante em fichas de mil dólares.

— Está com sorte, senhor — reconheceu o chefe.

Sem um aceno sequer, Zhang afastou—se com os seus dois guarda—costas. Ele estivera a jogar durante toda a noite. O dia já despontava. O fórum do Ciber—Crime terminaria dentro de três horas. A conferência abarcava as últimas tendências em roubo de identidade, protecção de infra—estruturas e uma miríade de outros tópicos de segurança.

Dentro de duas horas, iniciar—se—ia um pequeno—almoço/simpósio organizado pela Hewlett Packard. Zhang faria a transferência durante esse encontro. O seu contacto americano ainda era desconhecido. Esse era um dos principais objectivos da presente operação. Para além de salvaguardar os dados relativos ao armamento, procuravam fazer emergir o contacto de Zhang no governo, alguém ligado a uma rede oculta que comercializava segredos e tecnologias militares.

Era uma missão que não podia falhar.

Painter seguiu o grupo. Os seus superiores na DARPA tinham—no contactado pessoalmente para a missão, em parte pela sua perícia em microvigilância e engenharia informática, mas mais importante ainda, pela sua capacidade de se misturar em Foxwoods.

Embora mestiço, Painter tinha herdado suficientes feições semelhantes às do pai para passar por índio Pequot. Foram de facto necessárias algumas deslocações a um solário para intensificar a sua compleição e lentes de contacto castanhas para esconder os olhos azuis da mãe. Mas depois disso, com o seu cabelo pelos ombros cor de asa de corvo, agora apanhado num rabo—de—cavalo, parecia—se de facto com o seu pai. Para completar o disfarce, envergava um uniforme do casino com o símbolo da tribo Pequot bordado no bolso, uma árvore no cimo de um monte enquadrada por um céu azul. De qualquer forma, quem olhava para lá de um uniforme? Da sua posição, Painter mantinha—se vigilante enquanto seguia Zhang. Os seus olhos nunca focavam directamente o grupo. Utilizava a visão periférica e tirava o melhor partido da cobertura natural. Perseguia a sua presa através dos bosques néon de máquinas lampejantes e das amplas clareiras de mesas de pano verde. Mantinha a sua distância e variava o

passo e a direcção.

O seu auricular zumbiu em mandarim. A voz de Zhang. Captada pelo micro—transmissor. Zhang dirigia—se para a sua suite.

Painter tacteou o seu microfone de garganta e subvocalizou para o rádio.

— Sanchez, está a captar a transmissão?

— Perfeitamente, comandante.

A sua co—agente naquela missão, Cassandra Sanchez, estava entrincheirada na suite em frente à de Zhang, controlando o vector de vigilância.

— Como se está a aguentar o subdérmico? — perguntou—lhe ele.

— É bom que ele aceda rapidamente ao computador. A escuta está a perder a carga.

Painter carregou o olhar. A «escuta» tinha sido implantada em Zhang no dia anterior, durante uma massagem. As feições latinas de Sanchez eram suficientemente escuras para passar por índia. Ela implantara o transmissor subdérmico durante uma massagem profunda na noite anterior, a picada de penetração passando despercebida enquanto enterrava profundamente os polegares. Dissimulara a pequena ferida com um borrão anestésico de ligamento cirúrgico. Quando a massagem terminou, já tinha fechado e secado. O microtransmissor digital tinha uma duração de vida de apenas doze horas.

— Quanto tempo resta?

— Na melhor das estimativas... dezoito minutos.

— Maldição.

Painter voltou a focar toda a sua atenção na conversação da presa.

O homem mantinha a voz baixa, destinada apenas aos guarda—costas. Painter, fluente em mandarim, escutava. Ele tinha esperança que Zhang fornecesse alguma indicação sobre quando transferiria o ficheiro sobre o armamento de plasma. Ficou desapontado.

— A rapariga que esteja pronta para quando eu sair do banho — disse Zhang. Painter cerrou um dos punhos. A «rapariga» tinha treze anos, uma escrava contratada norte—coreana. A sua filha, ele explicara àqueles que até imaginaram perguntar—lhe. Se tal fosse verdade, poderia adicionar—se o incesto à longa lista de acusações de que Zhang era culpado.

Seguindo—os, Painter contornou um posto de câmbio e percorreu uma longa fila de máquinas, em paralelo à presa. Um jackpot soou de uma slot machine a dólares. O vencedor, um homem de meia—idade em fato de treino, sorriu e olhou em volta em busca de alguém com quem compartilhar a sua boa fortuna. Só havia Painter.

— Ganhei! — bradou rejubilante, os olhos raiados de vermelho por jogar durante toda a noite.

Painter anuiu.

— Está com sorte, senhor — respondeu, repetindo as anteriores palavras do chefe de sala e passou apressadamente pelo homem. Não havia ali verdadeiros vencedores, a não ser o casino. Só as slot machines tinham rendido oitocentos miliões de dólares no ano anterior. A tribo Pequot parecia bastante distante da actividade de extracção de areia e gravilha da década de 1980.

Infelizmente, o pai de Painter perdera a explosão económica, abandonando a reserva no início dessa década para tentar a sua sorte em Nova Iorque. Foi aí que conheceu a mãe de Painter, uma italiana impetuosa, que acabaria por matar o marido à facada após sete anos de matrimónio e o nascimento de um filho. Com a mãe no corredor da morte, Painter crescera numa série de lares de adopção, onde rapidamente aprendera que o melhor era manter—se silencioso, passar despercebido.

Tinha sido o seu primeiro treino em actuação furtiva... mas não o último.

O grupo de Zhang entrou no vestíbulo dos elevadores da Grand Pequot Tower, mostrando a chave da suite ao segurança.

Painter cruzou a entrada. Ele tinha uma Glock de 9 mm num coldre no fundo das costas, dissimulada pelo seu casaco de uniforme do casino. Teve de resistir a sacar dela e atingir Zhang na nuca, ao estilo executor.

Mas tal não alcançaria o objectivo: recuperar os esquemas e material de investigação do canhão de plasma orbital. Zhang conseguira roubar os dados a partir de um servidor federal protegido, deixando atrás de si um vírus. Na manhã seguinte, um técnico de Los Alamos, de seu nome Harry Klein, acedera ao ficheiro, libertando inadvertidamente o vírus que começou a engolir todas as referências do armamento, ao mesmo tempo que deixava um falso rasto que implicava Klein. Esse pequeno artifício informático custara aos investigadores duas semanas, enquanto perseguiam a falsa pista.

Tinham sido necessários uma dúzia de agentes da DARPA para filtrar o lixo do vírus e descobrir a verdadeira identidade do ladrão: Xin Zhang, um espião posicionado como perito técnico na Changnet, uma emergente empresa de telecomunicação de Shangai. Segundo os agentes da CIA, os dados roubados encontravam—se no computador portátil guardado na suite de Zhang. O disco rígido fora armadilhado com uma elaborada protecção encriptada. Um simples erro no acesso ao computador apagaria tudo.

Não se podia correr esse risco. Nada sobrevivera ao vírus em Los Alamos.

As estimativas eram que a perda faria o programa recuar uns bons dez meses. Mas a pior consequência era que a pesquisa roubada faria o programa da China avançar uns bons cinco anos. Os ficheiros continham alguns desenvolvimentos extraordinários e inovações de ponta. Competia à DARPA resolver a situação. O objectivo era obter a password de Zhang e aceder ao computador. O tempo esgotava—se.

Painter observava pelo reflexo numa slot machine da Roda da Fortuna, enquanto Zhang e os seus guarda—costas entravam num elevador expresso que conduzia às suites privadas no topo da torre.

Accionando o microfone na sua garganta, Painter sussurrou:

— Estão a subir.

— Entendido. A aguardar a ordem, comandante.

Quando as portas se fecharam, Painter apressou—se para um elevador próximo. Este fora assinalado com fita amarela brilhante com letras a preto: «fora de serviço.» Painter arrancou—a, carregando no botão. Quando as portas se abriram, mergulhou no interior. Accionou o microfone de garganta.

— Pronto! Agora!

Sanchez respondeu:

— Prepare—se.

Enquanto as portas do elevador se fechavam, encostou—se ao apainelado de mogno, as pernas afastadas.

A cabina disparou para cima, empurrando—o contra o chão. Os seus músculos retesaram—se. Observou os números cintilantes a subirem cada vez mais rapidamente. Sanchez alterara a instalação eléctrica daquela cabina para uma aceleração máxima. Abrandara igualmente o elevador de Zhang em 24 por cento, não o suficiente para ser notado.

Quando a cabina de Painter atingiu o trigésimo segundo andar, desacelerou com um abalo. Ele foi levantado do chão, pairou no ar durante alguns segundos, depois caiu de novo no chão. Lançou—se por entre as portas que se abriam, com cuidado para não afectar a fita que isolava a entrada. Verificou o elevador contíguo. A cabina de Zhang estava três andares abaixo e a subir.

Tinha de se apressar.

Painter correu pelo corredor de acesso às suites. Encontrou o número da porta de Zhang.

— Como estamos posicionados? — sussurrou.

— A rapariga está algemada à cama. Dois guardas jogam cartas na sala principal.

— Entendido. — Sanchez colocara câmaras tubulares nas entradas de aquecimento da suite. Painter atravessou o corredor e meteu a chave na suite oposta.

Cassandra Sanchez anichava—se por entre o seu equipamento e monitores de vigilância electrónica, como uma aranha numa rede. Estava vestida de negro, desde as botas até à blusa. Até mesmo o seu coldre de ombro de couro carregando a sua automática Sig.45 e correia condiziam com a roupa. Ela personalizara a pistola com um punho revestido a borracha Hogue e montara o gatilho de desengate do carregador do lado direito, para acomodar a sua mão esquerda. Ela era uma atiradora de precisão fatal, treinada tal como Painter em Forças Especiais antes de ser recrutada para a Sigma.

Os seus olhos saudaram—no com o fulgor da jogada final.

A própria respiração de Painter acelerou à visão dela. Os seus seios pressionados contra o ténue material da blusa negra de seda, estreitamente aconchegada pelo coldre de ombro. Teve de forçar os olhos a subir para manter um contacto apropriado. Tinham sido parceiros nos últimos cinco anos e só recentemente os seus sentimentos por ela se tinham aprofundado. Almoços de trabalho tornaram—se em bebidas depois do expediente e, finalmente, em longos jantares. Mas ainda havia linhas a transpor, uma distância hesitantemente mantida.

Ela pareceu pressentir os seus pensamentos e desviou o olhar, nunca pressionando.

— Já era tempo de o canalha subir — disse ela, voltando de novo a atenção para os seus monitores. – É bom que despache aqueles ficheiros no próximo quarto de hora ou... Merda!

— O que foi? — Painter colocou—se a seu lado.

Ela apontou para um dos monitores. Mostrava uma secção tridimensional dos pisos superiores da Grand Pequot Tower. Um pequeno X vermelho cintilava no interior da estrutura.

— Ele está a descer de novo!

O X indicava o detector incorporado no microtransmissor. Ele estava a descer pelos pisos da torre.

Painter cerrou um dos punhos.

— Alguma coisa o assustou. Houve alguma comunicação com o quarto desde que entrou no elevador?

— Nem um silvo.

— O computador ainda está lá?

Ela apontou para outro monitor, uma imagem a preto—e—branco da suite de Zhang. O computador portátil continuava a repousar sobre a mesa de apoio. Se não fosse pela encriptação, teria sido fácil introduzir—se no local e desaparecer com o computador. Mas eles precisavam dos códigos de Zhang. A escuta implantada registaria cada tecla premida por ele, obtendo a cifra. Uma vez esta obtida, podiam deter Zhang e os seus homens.

— Tenho de voltar a descer — disse Painter. O dispositivo de detecção era de dimensão tão reduzida que apenas tinha um alcance de duzentos metros. Alguém tinha de estar próximo todo o tempo. — Não podemos perdê—lo.

— Se nos for útil...

— Eu sei. — Dirigiu—se para a porta. Zhang teria de ser eliminado. Perderiam os ficheiros, mas pelo menos os dados sobre o armamento não chegariam à China. Esse sempre fora o seu plano de recurso. Tinham criado salvaguardas atrás de salvaguardas. Havia mesmo uma pequena granada electromagnética afixada no interior de uma das grelhas de ventilação da suite. A um alerta podiam activá—la, iniciando uma vibração electromagnética que activaria as autodefesas do computador eliminando os dados. A China não devia obter nunca a informação da pesquisa.

Painter apressou—se pelo corredor e atravessou de volta ao elevador assina —ilado como fora de serviço. Mergulhou no interior. Falou para o seu microfone de garganta.

— Consegue fazer—me descer antes dele?

— É melhor agarrar os tomates — respondeu ela.

Antes que pudesse seguir o seu conselho, o elevador fugiu—lhe debaixo dos pés. Ficou sem peso durante um bom bocado, o estômago a subir—lhe à garganta. O elevador descia em queda livre. Painter combateu uma onda de pânico, acompanhada por uma escalada da bílis. Depois, o chão da cabina esmagou—se contra os seus pés. Não teve maneira de se aguentar de pé. Caiu de joelhos. Então a desaceleração abrandou e o elevador deslizou até parar.

As portas abriram—se de rompante.

Painter levantou—se vacilante. Trinta andares em menos de cinco segundos.; Devia ser um recorde. Transpôs as portas e penetrou no átrio dos elevadores. Relanceou os números sobre o elevador expresso que Zhang tomara.

Ele estava a apenas um andar de distância.

Painter recuou alguns passos, suficientemente perto para abarcar a porta do elevador, mas não suficientemente perto para levantar suspeitas, posando de novo como segurança do casino.

As portas abriram—se no piso principal.

Painter espiou indirectamente, usando o reflexo das portas polidas de metal do elevador oposto ao expresso. Oh, não... Voltou—se e atravessou para diante do elevador. Não havia ninguém na cabina.

Saíra Zhang noutro andar? Entrou no elevador vazio. Impossível. Aquele era o expresso. Não havia paragens entre o piso principal e o piso das suites no topo. A menos que tivesse carregado no botão de emergência e forçado as portas a abrir para escapar.

Então Painter viu—o. Colado com fita à parede do fundo. Um pedaço cintilante de plástico e metal. O microtransmissor. A escuta.

Painter sentiu o coração martelar de encontro às costelas, enquanto entrava no elevador. O seu olhar fixava—se no pedaço de electrónica colado à parede. Arrancou—o, examinando—o cuidadosamente. Zhang tinha—o atraído para longe.

Oh, céus...

Accionou o microfone de garganta.

— Sanchez!

O coração prosseguia o seu forte martelar. Não obteve resposta.

Deu meia volta e carregou no botão do elevador, simplesmente assinalado como SUÍTES. As portas fecharam—se demasiado lentamente. Painter percorria de um lado ao outro o minúsculo compartimento, um leão enjaulado. Tentou de novo o rádio. Nenhuma resposta.

— Porra... — O expresso iniciou a sua subida. Painter lançou um punho contra a parede. O apainelado de mogno fendeu—se sob os nós dos seus dedos.

— Mexe—te, sacana!

Mas ele sabia que era tarde demais.

14h38, GMT
Londres, Inglaterra

De pé no átrio, a poucos passos da Galeria Kensington, Safia não conseguia respirar. A dificuldade não se devia ao odor fétido da madeira queimada, do material de isolamento ardido ou do crestar residual de fogos eléctricos. Era a espera. Ao longo de toda a manhã, observara investigadores e inspectores de todos os serviços britânicos a passarem para dentro e para fora. Ela fora impedida de entrar.

Reservado a pessoal autorizado.

Aos civis não era permitido transpor as serpentinas de fita amarela, os cordões de barricadas, o olhar desconfiado dos guardas militares.

Passado metade de um dia, foi finalmente autorizada a entrar, para ver na primeira pessoa a destruição. Naquele momento final, o seu peito parecia como que esmagado por um punho de pedra gigante. O coração era uma pomba assustada, batendo de encontro às costelas.

O que iria encontrar? O que poderia ser salvo?

Sentia—se atingida até à medula, devastada, tão arruinada como a galeria.

O seu trabalho ali era mais do que simplesmente uma vida académica. Depois de Telavive, ela reconstruíra ali o seu coração. E embora tivesse deixado a Arábia, não a tinha abandonado. Era ainda filha da terra—mãe. Assim, reconstruíra a Arábia em Londres, uma Arábia anterior aos terroristas, um registo tangível da história da sua terra, das suas maravilhas, dos seus tempos e mistérios antigos.

Rodeada por essas antiguidades, percorrendo as galerias, ela sentia o esmagar da areia sob os pés, o calor do sol no seu rosto e o doce gosto das tâmaras acabadas de colher. Era o seu lar, um lugar seguro.

Mas era mais do que tudo isso. A sua dor estendia—se mais fundo.

No seu íntimo, ela construíra esse lar não apenas para si mesma, mas também para a mãe que mal recordava. Por vezes, quando trabalhava até tarde, Safia percebia um tímido resquício de jasmim no ar, uma memória da infância, da mãe. Embora não pudessem partilhar a vida, podiam partilhar aquele lugar, aquele pedaço de lar.

Agora, tudo tinha desaparecido.

— Estão a deixar—nos entrar.

Safia agitou—se. Relanceou Ryan Fleming. O chefe da segurança mantivera vigília com ela, embora parecesse ter dormido pouco.

— Ficarei consigo — dissera ele.

Ela forçou o ar a entrar nos pulmões e anuiu. Era o melhor que conseguia fazer como agradecimento pela sua amabilidade e companhia. Seguiu em frente com outro pessoal do museu. Estes tinham concordado em ajudar a catalogar e documentar o conteúdo da galeria. Levaria semanas.

Safia marchou em frente, simultaneamente atraída e receosa pelo que iria encontrar. Contornou a última barricada. Os portões de segurança tinham sido removidos pelos serviços de medicina legal. Ficou grata por isso. Não tinha qualquer desejo de ver os restos mortais de Harry Masterson.

Caminhou até à entrada e fitou o interior.

Apesar da preparação mental e do breve vislumbre através das câmaras de vídeo, não estava preparada para o que viu.

A luminosa galeria era agora um sistema cavernoso enegrecido, cinco compartimentos de pedra carbonizada.

A respiração sufocou no seu peito. Sons entrecortados brotaram atrás de si.

A tempestade de fogo destruíra tudo. O revestimento das paredes incinerara—se até ao tijolo. Nada permanecia de pé a não ser um vaso babilónico, no centro da galeria. Erguia—se à altura da cintura e embora chamuscado, mantinha—se erecto. Safia tinha lido sobre relatos de tornados actuando da mesma forma, abrindo um caminho de devastação total, mas deixando uma bicicleta a repousar no seu apoio, intocada no meio de tudo.

Não fazia sentido. Nada daquilo fazia sentido.

O lugar ainda tresandava a fumo e vários milímetros de água cobriam o chão, deixados pelo dilúvio das mangueiras de combate.

— Vai precisar de botas de borracha — disse Fleming, colocando uma mão no seu braço e guiando—a até uma fila de calçado. Enfiou—as, contrariada. — E de um capacete.

— Por onde havemos de começar? — murmurou alguém.

Agora devidamente equipada, Safia penetrou na galeria, movendo—se como num sonho, mecanicamente, os olhos sem pestanejar. Atravessou as salas. Quando alcançou a galeria mais distante, algo estalou sob o tacão da sua bota. Curvou—se, procurou através da água e retirou uma pedra do chão. Algumas linhas de escrita cuneiforme marcavam a sua superfície. Era um pedaço de uma placa assíria, datando da antiga Mesopotâmia. Endireitou—se e fitou toda a ruína da Galeria Kensington.

Só então reparou nos outros. Estranhos na sua casa.

Pessoas trabalhavam em pequenos grupos, falando em tom baixo, como se estivessem num cemitério. Inspectores de construção examinavam a infra—estrutura, enquanto que investigadores, peritos em incêndios, faziam leituras com aparelhos portáteis. Um conjunto de engenheiros municipais discutia num canto sobre orçamentos e propostas e uns poucos de políticos mantinham guarda junto da secção ruída da parede exterior. Operários construíam já uma parede de pranchas de madeira grosseiras para tapar o buraco.

Pela abertura, vislumbrou curiosos do outro lado da rua contidos por cordões. Eles eram surpreendentemente persistentes, considerando que o chuviscar matinal se tornara em chuva gelada pela tarde. Clarões de câmaras fotográficas tremulavam na obscuridade. Turistas.

Uma onda de fúria inflamou—se por entre o seu torpor. Queria mandá—los a todos para fora dali. Aquela era a ala dela, a sua casa. A fúria ajudou—a a concentrar—se, fê—la regressar à situação imediata. Ela tinha um dever, uma obrigação.

Safia voltou a sua atenção para os outros peritos e estudantes do museu. Eles tinham começado a esquadrinhar por entre os detritos. Era reconfortante ver as suas habituais invejas profissionais mesquinhas postas de lado, naquele momento.

Safia atravessou o espaço de volta à entrada, pronta para organizar aqueles que se tinham voluntariado. Mas quando alcançou a primeira galeria, um imenso grupo surgiu na entrada. Na linha da frente caminhava Kara, envergando roupas de trabalho e um capacete vermelho com a insígnia da Kensington Wells. Ela conduzia uma equipa de uma vintena de homens e mulheres para o interior da galeria. Estes estavam identicamente equipados, trazendo o mesmo capacete vermelho.

Safia postou—se à sua frente.

— Kara? — Ela não vira a mulher durante todo o dia. Esta desaparecera com o director do museu, supostamente para ajudar a coordenar as diversas equipas de investigação das brigadas de incêndios e da polícia. Parecia que alguns biliões de libras colhiam uma certa autoridade.

Kara indicou aos homens e mulheres que entrassem na galeria.

— Ao trabalho! — Voltou—se para Safia. — Contratei a minha própria equipa de investigadores forenses.

Safia contemplou boquiaberta o grupo, que marchava como um pequeno exército para o interior do espaço. Em lugar de armas, transportava todo o tipo de instrumentos científicos.

— O que se passa? Para quê isto?

— Para saber o que aconteceu. — Kara observou a sua equipa a deitar mãos ao trabalho. O seu olhar tinha um brilho febril, uma determinação inflamada.

Há muito que Safia não lhe via esse olhar no rosto. Algo despertara uma intensidade em Kara que estivera ausente durante anos. Apenas uma coisa poderia provocar tal fervor.

O seu pai.

Safia recordou a expressão nos olhos de Kara quando esta visionara a gravação da explosão. O estranho alívio. As suas únicas palavras proferidas. Por fim...

Kara avançou pela galeria. A sua equipa já começara a extrair amostras de

várias superfícies: plásticos, vidro, madeira, pedra. Kara dirigiu—se para junto de dois homens empunhando detectores de metais, varrendo com eles o chão. Um deles retirou um pedaço de bronze fundido de um monte de detritos. Colocou—o de parte.

— Quero que encontrem todos os fragmentos desse meteorito — ordenou Kara. Os homens anuíram, continuando a busca.

Safia juntou—se a Kara.

— O que procuras realmente aqui?

Kara voltou—se para ela, os olhos excitados de determinação.

— Respostas.

Safia percebeu a esperança esquiva nos lábios da amiga.

— Sobre o teu pai?

— Sobre a sua morte.

16h20

Kara estava sentada no átrio numa cadeira de abrir. O trabalho prosseguia nas galerias. Ventoinhas zumbiam e crepitavam. O resmonear e arrazoar dos trabalhadores na ala mal lhe chegavam. Ela tinha saído para fumar um cigarro. Há muito que deixara o hábito, mas necessitava de algo com que ocupar as mãos. Os dedos tremiam—lhe.

Teria a força suficiente para aquilo? A força para ter esperança?

Safia surgiu à entrada, viu—a e avançou na sua direcção.

Kara despediu—a com um gesto, apontando para o cigarro.

— É só um momento.

Safia parou, fitando—a, depois assentiu e voltou a entrar na galeria.

Kara deu outro trago, enchendo o peito de fumo calmante, mas que pouco fez para a estabilizar. Estava demasiado perturbada, a adrenalina da noite a esbater—se. Fixou a placa ao lado da galeria. Apresentava uma semelhança na pele cor de bronze com o seu pai, o fundador da galeria.

Kara expeliu uma torrente de fumo, turvando a visão. Papá... Algures no interior da galeria, algo caiu com um grande estrondo, soando como um tiro, uma evocação de um passado, de uma caçada pelas areias. Kara deixou—se arrastar no tempo. Tinha sido o seu décimo sexto aniversário. A caçada fora o presente do pai.

O órix árabe escapou trepando pela vertente de uma duna. A pele alva do antílope sobressaía nitidamente contra as areias avermelhadas. As duas únicas

máculas na sua capa nívea eram um retalho negro na ponta da cauda e uma máscara semelhante em torno dos olhos e nariz. Um rasto húmido carmesim gotejava do seu quadril ferido.

Enquanto lutava por escapar aos caçadores, os cascos do órix enterravam—se fundo na areia solta. O sangue fluía mais espesso, enquanto disparava em direcção à linha de cumes. Um par de chifres esguios cortava o ar parado, enquanto os músculos do pescoço se retesavam a cada metro dolorosamente vencido.

Um quarto de milha mais atrás, Kara ouviu o seu grito ressonante sobrepor—se ao rugir da moto de areia, um veículo todo—o—terreno de quatro rodas com grossos pneus nugosos. Em frustração, agarrou os manípulos da sua moto enquanto esta voava sobre o topo de uma duna monstruosa. Por um momento, com a respiração contida, ela elevou—se do assento, em voo, enquanto a moto transpunha o cume.

A expressão irritada nos lábios mantinha—se escondida atrás de um lenço de protecção, a condizer com o seu fato de safare caqui. O seu cabelo louro, entrançado até meio das costas, esvoaçava atrás dela como a cauda de uma égua selvagem.

O pai acompanhava—lhe o ritmo numa outra moto, a espingarda a cruzar as costas. O seu lenço de protecção estava descido em torno do pescoço. A sua pele estava tisnada do tom do couro de uma sela, o cabelo de um cinza arruivado. Lançou—lhe um breve olhar.

— Estamos perto! — bradou ele, acima do rugido gemente dos veículos. Acelerou a sua moto e desceu a grande velocidade a vertente da duna exposta ao vento.

Kara disparou no seu encalço, dobrada sobre os manípulos da sua moto, seguida de perto pelo guia beduíno. Tinha sido Habib quem os conduzira à presa. Tinha sido também o tiro proficiente do beduíno que primeiro ferira o órix. Embora impressionada com a sua perícia, acertando no antílope em fuga, Kara ficara furiosa ao saber que o ferimento fora deliberado, não destinado a matar.

— Para o abrandar... por causa da rapariga — explicara Habib.

Kara ficara ressentida com a crueldade... e com o insulto. Ela caçava com o pai desde os seis anos. Ela própria não era destituída de perícia e preferia uma morte limpa. Ferir propositadamente o animal era desnecessariamente selvagem.

Rodou o acelerador, arrojando areia.

Alguns, particularmente em Inglaterra, erguiam as sobrancelhas quanto à sua educação, considerando—a uma maria—rapaz, especialmente não tendo uma

mãe. Kara tinha todo o conhecimento suficiente. Viajando por meio mundo, ela fora criada sem pretensões quanto à linha de separação entre homens e mulheres. Sabia defender—se, lutar a soco ou com uma arma.

Atingindo, então, o fundo da duna, Kara e o guia apanharam o pai, enquanto a moto deste se atolava num espojeiro de camelos, uma poça de areia solta que sugava para o fundo como areia movediça. Passaram por ele numa nuvem de pó.

O pai fez sair a moto do espojeiro e perseguiu—os pela duna seguinte acima, uma montanha maciça de areia vermelha com duzentos metros de altura.

Kara alcançou o cume primeiro com Habib, abrandando ligeiramente para ver o que se estendia mais além. E foi uma sorte tê—lo feito. O lado distante da duna mergulhava tão abruptamente como um penhasco, terminando numa vasta planície de areia rasa. Ela podia facilmente ter tombado aos rebolões pela encosta abaixo.

Habib fez—lhe sinal para parar. Ela obedeceu, suficientemente experiente para saber que não devia prosseguir. Desligou a moto. Então parada, sentiu a quebra da penosa corrida como um peso nos ombros, mas mal lhe prestou atenção. Exalou num longo suspiro de reverência.

A vista para lá da duna era espectacular. O sol, perto do declínio, tornava a areia plana em vidro puro. Miragens provocadas pelo calor tremulavam em bolsas, criando a ilusão de vastos lagos de água, uma falsa promessa numa paisagem inexorável.

Contudo, uma outra visão mantinha Kara petrificada. No centro da planície, um solitário funil de areia espiralava vindo do fundo, eclipsando—se numa nuvem de pó lá bem no alto. Um tornado de areia.

Kara já presenciara tais visões, incluindo as mais violentas tempestades de areia que podiam surgir subitamente do nada e desaparecer com a mesma rapidez. No entanto, aquela visão impressionou—a profundamente. A natureza solitária daquela tempestade, a sua perfeita quietude na planície. Havia ali algo de estranho e misterioso.

Ouviu Habib sussurrar a seu lado, a cabeça pendida, como numa prece.

O pai juntou—se—lhes, então, quebrando a sua atenção.

— Ali está ele! — disse, ofegante, apontando para a base da íngreme vertente.

O órix lutava por atravessar a planície aberta de areia, coxeando agora fortemente.

Habib levantou a mão, despertando da sua prece.

— Não, não avançamos mais. O pai carregou o olhar.

— Que dizes?

O guia mantinha o olhar fixo no horizonte. Os seus pensamentos escondiam —se por detrás dos óculos escuros Afrika Corps e de um pano de cabeça omani de. lã chamado shamag.

— Não avançamos mais — repetiu Habib com voz rouca. — Esta é a terra dos nisnases, as areias proibidas. Temos de voltar para trás.

O pai riu—se.

— Disparate, Habib.

— Papá? — indagou Kara.

Ele abanou a cabeça e explicou:

— Os nisnases são as assombrações do deserto profundo. Djins negros, espectros que assombram as areias.

Kara relanceou de novo as feições fechadas do guia. O Quadrante Vazio da Arábia, o Rub'al—Khali, constituía a maior massa de areia do mundo, tornando enfezado mesmo o Saara, e as histórias fantásticas que emanavam da região eram muitas, e muito estranhas. Mas alguns continuavam a tomar tais histórias por verdadeiras.

Incluindo, aparentemente, o guia.

O pai desligou o motor do seu veículo.

— Prometi—te uma caçada, Kara, e não te vou desapontar. Mas se quiseres voltar para trás...

Kara hesitava, relanceando entre Habib e o seu pai, dividida entre o receio e a determinação, entre mitologia e realidade. Ali, nas regiões selvagens do deserto profundo, tudo parecia possível.

Ela fitou o animal em fuga, coxeando pelas areias escaldantes, cada passada uma luta, o seu caminho aberto em sofrimento. Todo aquele sangue e agonia tinham começado por sua culpa. Seria ela a pôr—lhe fim.

Puxou o lenço para cima e ligou o motor.

— Há um caminho de descida mais fácil. A esquerda. — Seguiu ao longo da linha de cume, na direcção de uma secção mais suave da face da duna.

Não precisava de olhar sob o ombro para sentir o largo sorriso de satisfação e orgulho do pai. Este brilhava sobre ela com o esplendor do sol. Contudo, naquele momento, não emanava real calor.

Ela fitou na planície, para lá do órix isolado, a solitária espiral de areia. Embora tais tornados fossem comuns, ela continuava impressionada com aquela visão estranha. Não se tinha movido.

Alcançando a vertente mais suave, Kara inclinou a sua moto para baixo em

direcção às planuras. Era íngreme. Ela e a moto patinavam e escorregavam pela encosta abaixo, mas ela mantinha o veículo estável na areia solta. Quando atingiu a superfície dura, as rodas ganharam uma tracção mais firme e ela acelerou.

Ouvia a moto do pai nos seus calcanhares. O som chegou igualmente à presa. O passo do órix estugou—se com uma arremetida agonizante da cabeça.

Estava a menos de duzentos metros de distância. Não demoraria muito. Chegados ao nível do solo, os seus veículos todo—o—terreno apanhariam o animal e um tiro rápido e certeiro poria fim ao seu sofrimento, fim à caçada.

— Está a procurar esconder—se! — gritou—lhe o pai, apontando um dos braços. — A tentar chegar à tempestade de areia!

O pai ultrapassou—a velozmente. Kara foi no seu encalço, o tronco baixo. Perseguiam a criatura ferida, mas o desespero dava—lhe velocidade.

O órix trotava para a extremidade da tempestade, na direcção do centro. O pai praguejou fortemente, mas continuou em frente a toda a velocidade. Kara seguiu—o, arrastada na corrente do pai.

Ao aproximar—se da tempestade de areia, descobriram um buraco profundo no solo. Ambas as motos travaram na borda. O tornado erguia—se do centro da cova, como se perfurasse o deserto, lançando a areia a grande altura no ar. A coluna de pó devia ter uns quarenta e cinco metros de diâmetro, a cova uns bons duzentos metros.

Um vulcão fumegante na areia.

Riscos de energia azul entrecruzavam—se pelo tornado com crepitações enervantemente silenciosas. Ela conseguia sentir o odor do ozono. Tratava—se de um fenómeno exclusivo das tempestades de areia do árido deserto: electricidade estática.

Ignorando a visão, o pai apontou para a base da cavidade.

— Ali está ele!

Kara olhou para baixo. Coxeando pelo fundo da cova, o órix tentava chegar ao pó mais denso, ao ciclone que espiralava próximo do centro.

— Pega na espingarda! — bradou—lhe o pai. Ela permaneceu imóvel, incapaz de se mexer.

O órix alcançou a orla do tornado, as pernas trementes, os joelhos arqueados, mas lutando por atingir a protecção mais densa da areia em torvelinho.

O pai praguejou em voz baixa e mergulhou a sua mota vertente abaixo.

Receosa, Kara mordeu o lábio, empurrou a sua moto pela borda e seguiu—o. Assim que mergulhou, sentiu a electricidade estática apresada na cavidade. Os

pêlos na sua pele eriçaram—se contra a roupa, aumentando o seu medo. Abrandou, os pneus traseiros enterrando—se na vertente arenosa.

O pai alcançou o fundo e rodou a mota para a imobilizar, quase afazendo tombar. Mas manteve—se firme no assento, torcendo—se com a espingarda encostada ao ombro.

Kara ouviu o estalo sonoro da sua Marlin. Fitou na direcção do órix, mas este já se encontrava no interior da tempestade de areia, agora uma mera sombra. Contudo, a sombra vacilou, tombando.

Um tiro certeiro. O pai conseguira!

Kara sentiu—se subitamente tola. Tinha deixado o medo dominá—la e perdera a sua posição na caçada.

— Papá! — bradou, pronta a elogiá—lo, orgulhosa do seu obstinado pragmatismo naquela perseguição.

Mas um súbito grito estridente estrangulou quaisquer outras palavras. Brotou do tornado de areia, como que emanando de um inferno obscuro, um horrível grito de agonia. A sombra escura do órix era violentamente sacudida no coração do tornado, enevoada pela areia rodopiante. O gemido agonizante rompia da sua garganta. Estava a ser esquartejado.

O pai, ainda montando a sua mota, lutava por inverter o veículo. Fitou—a, os olhos muito abertos.

— Kara! Sai daqui!

Ela não se conseguia mexer. O que estava a acontecer?

Então o grito gemente cessou. Um odor horrível seguiu—se, o odor fétido da carne e do pêlo queimados. Elevou—se e espalhou—se emanando da cova, dominando—a, amordaçando—a. Viu o pai ainda a lutar com a sua moto, mas tinha enterrado as rodas na areia. Estava atolado.

Os seus olhos encontraram—na ainda imóvel no seu lugar.

— Kara! Vai! — E agitou um dos braços para maior ênfase. O seu rosto tisnado estava mortalmente pálido. — Corre, querida!

Então, ela sentiu—o. Um estremecimento nas areias. A princípio, foi apenas um puxão suave, como se a gravidade tivesse aumentado repentinamente. Partículas de areia começaram a dançar e a abater—se, tornando—se rapidamente torrentes, fluindo para baixo num curso encurvado, em direcção ao tornado.

O pai também o sentiu. Accionou o motor, as rodas a girar, lançando jactos de areia. Bradou—lhe:

— Vai, com os diabos!

Aquele grito sacudiu—a. O pai raramente gritava — e nunca de pânico.

Ela tentou accionar o motor, estrangulando o carburador. Viu com horror que a coluna de pó engrossara, alimentada pelas inexplicáveis correntes de areia. Alargava—se na direcção do ponto onde o pai permanecia atolado.

— Papá! — gritou ela, para o avisar.

— Vai, filha! — Finalmente, libertou o veículo por pura força de vontade. Montando a moto, contornou o ciclo, triturando a areia.

Kara seguiu—lhe o exemplo. Voltou—se, disparou o motor e voou pela vertente acima. Sob a sua moto, a areia sugava—a, como se estivesse num redemoinho, puxando—a para trás. Ela lutou com as areias com toda a sua perícia.

Alcançando por fim a orla da cova, relanceou sobre o ombro. O pai ainda se encontrava próximo do fundo, o rosto enlodado de areia e suor, os olhos semi—cerrados em concentração. Sobre o seu ombro, a areia rodopiante aproximava—se, elevando—se, falseando com reticulados de electricidade estática. Cobria toda a superfície do fundo.

Kara viu—se incapaz de desviar o olhar. No coração do tornado, crescia uma sombra, que se espalhava e enegrecia, cada vez mais maciça. O faiscar da electricidade estática pouco fazia para a iluminar. O odor da carne queimada ainda impregnava o ar. O anterior aviso do guia inundou o seu coração de terror.

Espíritos negros... os nisnases.

— Papá!

Mas o pai estava preso nas correntes mais fundas e fortes do redemoinho, incapaz de escapar. O bordo da coluna estendia—se sobre ele, enquanto crescia e engrossava. Os seus olhos encontraram os dela, em desespero não por si mesmo, mas por ela.

Vai, esboçou — depois desapareceu, engolido na escuridão que preenchia o tornado.

— Papá...!

Seguiu—se um grito horrível.

Antes que pudesse reagir, a coluna de areia explodiu com uma força ofuscante. Ela foi arrancada do assento e lançada alto no ar. Aos rebolões, tombou interminavelmente. O tempo distendeu—se até que o chão se ergueu e chocou contra ela. Algo estalou no seu braço, um relâmpago de dor que mal foi notado. Rolou pela areia, imobilizando—se com o rosto voltado para o chão.

Assim ficou por alguns instantes, incapaz de se mexer. Mas o receio pelo pai fê—la rolar de lado. Fitou de volta o vulcão fumegante na areia.

O tornado desaparecera, varrera—se. Tudo o que restava era uma poeira suja a pairar no ar. Esforçou—se por se sentar, arquejando e amparando o braço magoado. Não fazia sentido. Olhou fixamente em todas as direcções.

As areias estendiam—se planas a toda a sua volta, intocadas por marca ou sinal. Tudo desaparecera: nenhuma cova na areia, nenhum órix ensanguentado, nenhum veículo danificado.

Fitou as areias despidas.

— Papá...

Um grito vindo da galeria trouxe Kara de volta ao presente. O cigarro, esquecido entre os dedos, queimara até ao filtro. Levantou—se e apagou—o.

— Aqui! — repetiram. Era um dos seus técnicos. — Encontrei alguma coisa!

08h02, EST
Ledyard, Connecticut

Painter Crowe baixou—se no chão do elevador, enquanto as portas se abriam no piso superior da Grand Pequot Tower. Pronto para uma emboscada, tinha a sua Glock apontada em frente, uma rodada preparada na câmara, o dedo pousado no gatilho.

O átrio dos elevadores estava vazio.

Escutou por um longo momento de respiração contida. Nenhuma voz, nenhum passo. À distância, ouvia—se uma televisão anunciando o tema do programa Good Morning America. Não era uma manhã particularmente boa para ele.

Aliviando um pouco a tensão, arriscou um breve olhar pela porta, cobrindo o espaço com a arma. Nada. Descalçou os sapatos e colocou um de modo a manter a porta aberta, caso necessitasse de uma retirada rápida. De meias, deu três passos céleres até à parede oposta e inspeccionou a área imediata.

Tudo desimpedido.

Amaldiçoou a falta de efectivos. Embora tivesse o apoio da segurança do hotel e da polícia local, que já cobriam todas as saídas, outros agentes federais tinham sido limitados por respeito pela soberania índia.

Além disso, era suposto a missão ser uma simples operação de flagrante e captura. O pior cenário era terem de destruir os dados de investigação, para não caírem em mãos chinesas.

Agora, tudo tinha ido por água abaixo. Ele tinha sido iludido pelo seu próprio equipamento. Mas tinha um receio maior naquele momento.

Cassandra...

Rezou para que estivesse errado em relação a ela, mas não guardava verdadeira esperança.

Deslizou ao longo da parede do átrio dos elevadores. Dava para o meio do corredor. Suites numeradas partiam em ambas as direcções. Mantendo—se baixo, perscrutou à direita e à esquerda. Ninguém. Nenhum sinal de Zhang ou dos seus guarda—costas.

Percorreu o corredor.

Os sentidos aguçados ao extremo. Ao clique do fecho de uma porta atrás de si, rodou, caindo sobre um joelho, a pistola apontada. Era apenas um dos hóspedes do hotel. Ao fundo do corredor distante, uma mulher de idade surgiu em roupão de banho. Pegou no seu exemplar de oferta do USA Today deixado à entrada e voltou para dentro, sem notar sequer o homem armado no outro extremo do corredor.

Painter voltou—se de novo. Avançou rapidamente os poucos passos até à porta da sua suite. Experimentou o manipulo. Trancado. Com uma mão procurou a chave; a outra segurava a sua Glock apontada à porta de Zhang do outro lado do corredor. Passou a chave pela fechadura electrónica. A luz verde acendeu—se.

Empurrou vigorosamente a porta, pressionado contra a parede exterior.

Nenhum disparo. Nenhum grito.

Lançou—se pela porta. Parou a alguns passos no interior, as pernas afastadas em postura de atirador. Tinha uma visão desimpedida da sala principal e do quarto.

Vazios.

Precipitou—se para diante e verificou o quarto e a casa de banho. Nenhum refém... e nenhum sinal de Cassandra. Voltou à estação do equipamento electrónico. Verificou os monitores. Ainda mostravam várias imagens da suite de Zhang, do outro lado do corredor. Eles tinham fugido. O computador desaparecera. Restava apenas um ocupante na suite.

— Meu Deus... não...

Correu porta fora, abandonando a precaução. Esmagou—se contra a parede e procurou desajeitadamente a chave—mestra de segurança, que abria todos os quartos da torre. Abriu caminho à força pelo quarto de Zhang e correu pela sala principal até ao quarto.

Ela pendia, nua, de uma corda atada a uma ventoinha de tecto. O rosto tornara—se violáceo acima do nariz. Os pés, que ainda se agitavam no monitor,

balouçavam agora frouxos.

Guardando a arma no coldre, Painter trepou por uma cadeira e saltou no ar. Sacou um punhal de uma bainha de pulso e cortou a corda com um único golpe ágil. Aterrou pesadamente, arremessou a faca e apanhou o corpo enquanto este caía.

Torcendo—se pelos quadris, baixou—a em cima da cama e deixou—se cair de joelhos. Os dedos lutavam com o nó corredio.

— Maldição!

A corda tinha—se enterrado fundo no seu pescoço fino, mas finalmente o nó largou a sua vítima. Forçou a corda a afrouxar. Os seus dedos inspeccionaram cautelosamente o pescoço dela. Não estava partido.

Estaria viva?

Em resposta, um arquejo tremente subiu—lhe pela caixa torácica e saiu—lhe pela boca.

Painter inclinou a cabeça em alívio.

Os olhos abriram—se, em pânico e perdida. Mais espasmos percorreram—na. Os braços lutaram contra um inimigo invisível.

Ele tentou tranquilizá—la, falando em mandarim.

— Estás em segurança. Tem calma. Estás em segurança.

A rapariga parecia ter ainda menos que treze anos. O seu corpo despido apresentava feridas em lugares onde uma criança não devia ser ferida. Zhang usara—a violentamente e depois deixara—a para trás, a balouçar de uma corda, destinada a atrasá—lo, distraí—lo da perseguição.

Sentou—se sobre os calcanhares. A rapariga começou a soluçar, enroscando—se sobre si mesma. Ele não lhe tocou, sabendo que era melhor não o tentar.

O seu comunicador LASH zumbiu—lhe aos ouvidos.

— Comandante Crowe. — Era o chefe da segurança do hotel. — Há tiroteio na saída da torre norte.

— Zhang? — Pôs—se de pé e apressou—se para a janela de sacada.

— Sim, senhor. As informações são que ele está a usar a sua parceira como escudo humano. Ela pode ter sido atingida. Tenho mais homens a caminho.

Empurrou a janela para a abrir. Estava protegida com um dispositivo de segurança e abria apenas o suficiente para fazer passar a sua cabeça.

— É preciso activar os bloqueios de estrada.

— Espere.

O som de pneus a chiar chegou—lhe aos ouvidos. Um Lincoln Town oscilou para fora do parque de estacionamento de serviço e encaminhou—se para a

torre. Era o carro pessoal de Zhang, a caminho para o ir buscar.

O segurança voltou ao rádio.

— Ele escapou pela saída norte. Ainda tem a sua parceira. O Lincoln alcançou a esquina da torre.

Painter rodou de volta ao interior.

— Activem os malditos bloqueios de estrada! — Mas não haveria tempo suficiente. Ele fizera a chamada de emergência há quatro minutos atrás. A aplicação da lei ali lidava sobretudo com disputas por embriaguez, infracções por condução sob o efeito do álcool e pequenos furtos, não com questões de segurança nacional.

Ele tinha de os deter.

Curvando—se, apanhou a sua faca do chão.

— Fica aqui — disse brandamente em mandarim. Apressou—se para a sala principal e usou a arma para arrancar a grelha de ventilação. Escancarou—se com um estalido de parafusos. Procurou no interior e agarrou o dispositivo escuro escondido lá dentro. A granada EM era grosseiramente do tamanho e da configuração de uma bola de futebol.

Carregando o dispositivo na mão, voou até à porta da suite e para o corredor. Ainda sem sapatos, seguiu a toda a velocidade pelo corredor atapetado. Analisou um esquema rápido na sua mente, coordenando onde se situava a entrada norte em relação à sua localização naquele piso. Fez uma estimativa da melhor hipótese.

Oito portas à frente estacou e puxou de novo da chave de segurança. Passou—a pelo fecho electrónico e abriu de rompante a porta, assim que a luz verde se acendeu.

— Segurança! — bradou e precipitou—se para dentro do quarto.

Uma mulher de idade, a mesma que avistara antes, estava sentada numa cadeira a ler o USA Today. Lançou o jornal pelo ar e agarrou o roupão junto à garganta.

— Was ist los? — perguntou em alemão.

Ele passou apressadamente por ela em direcção à janela, assegurando—a de que não se passava nada de mal.

— Nichts, sich ungefähr zu sorgen, fraulein — respondeu.

Abriu a janela. De novo, era apenas o suficiente para enfiar a cabeça. Olhou para baixo.

O Lincoln Town estava imóvel lá no fundo. A porta traseira do sedan fechou—se com um estrondo. Tiros soaram. Balas crivaram o lado do automóvel,

enquanto os pneus chiaram e fumegaram, mas o veículo era à prova de bala, um tanque de combate de fabrico americano. Painter inclinou—se para trás e empurrou o dispositivo em forma de bola de futebol pela janela. Premiu o botão de activação e lançou a granada para baixo com toda a força do seu ombro, na esperança de um longo passe de último minuto.

Recolheu o braço. As rodas do Lincoln pararam de chiar enquanto ele ganhava tracção. Painter enviou uma prece aos espíritos dos seus antepassados. O alcance da pulsação electromagnética era de vinte metros. Reteve a respiração. Como era o velho dito? A proximidade apenas conta para as ferraduras e granadas de mão. Enquanto sustinha a respiração, o estrondo abafado da granada soou finalmente. Teria sido suficientemente próximo? Voltou a inclinar a cabeça para fora.

O Lincoln alcançou a esquina seguinte da torre, mas em lugar de descrever a curva, desviou—se descontrolado e embateu numa fila de carros estacionados de frente. A dianteira do Lincoln trepou pela capota de um Volkswagen Passai e imobilizou—se retorcido. Painter suspirou.

Era a vantagem da pulsação electromagnética. Não discriminava os sistemas computadorizados que destruía. Até mesmo aqueles que operavam num Lincoln Town. Lá em baixo, pessoal de segurança uniformizado jorrou pela saída e rapidamente cercou o carro incapacitado.

— Was ist los? — repetiu a velha senhora alemã atrás de si. Ele voltou—se e atravessou apressadamente o quarto.

— Etwas Abfall gerade entleeren. — Apenas o despejar de lixo. Cruzou rapidamente o corredor até ao átrio dos elevadores. Recuperando os seus sapatos da porta do elevador travada, carregou no botão do piso principal.

A sua manobra detivera a fuga de Zhang, mas também apagara certamente o computador que ele transportava, destruindo os dados da pesquisa. Mas essa não era a principal preocupação de Painter.

Cassandra.

Ele tinha de chegar até ela.

Assim que as portas se abriram, precipitou—se pelo piso de jogo, onde reinava um pandemónio. A troca de tiros não passara despercebida, embora algumas pessoas se mantivessem calmamente sentadas diante das suas slot machines, premindo os botões com obstinada determinação.

Atravessou até à saída norte, tendo de passar por uma série de barreiras, ostentando a sua identificação, frustrado por ser barrado. Finalmente, avistou John Fenton, o chefe da segurança, e chamou—o. Este acompanhou Painter pela

saída estilhaçada. O vidro de protecção estalava debaixo dos pés e o cheiro revelador da pólvora pairava no ar.

— Não compreendo porque se despistou o carro — disse Fenton. — Contudo, foi a nossa sorte.

— Não apenas sorte — retorquiu Painter e explicou—lhe sobre a pulsação EM e o seu alcance de vinte metros. — Alguns hóspedes irão ter dificuldade em ligar os seus automóveis, esta manhã. E haverá, provavelmente, algumas televisões queimadas nos pisos inferiores.

No exterior, Painter verificou que a segurança local tinha a situação controlada. Além disso, uma fila de carros de polícia cinzento—escuros, com as luzes a faiscar, serpenteava pelo parque de estacionamento, circundando o local. A Polícia Tribal.

Painter perscrutou a área. Os guarda—costas de Zhang estavam de joelhos, os dedos entrelaçados atrás da nuca. Dois corpos estendiam—se no chão, casacos de segurança lançados sobre o rosto. Ambos homens. Painter caminhou até eles e retirou um dos casacos. Outro guarda—costas, metade da cara desaparecida. Não teve de verificar o outro. Ele reconheceu os sapatos de couro polido de Zhang.

— Ele disparou contra si próprio — disse uma voz familiar de entre um grupo de homens da segurança e alguns elementos dos serviços médicos de emergência. — Preferiu a ser capturado.

Painter voltou—se e viu Cassandra avançar. O rosto dela estava pálido, o sorriso acanhado. Estava apenas de sutiã. O ombro esquerdo desaparecia debaixo de uma ligadura.

Ela indicou com a cabeça uma mala preta a alguns metros de distância. O computador de Zhang.

— Então perdemos os dados — disse ele. — A pulsação EM apagou—os.

— Talvez não — retorquiu ela, com um sorriso. — A pasta está protegida por uma gaiola Faraday de cobre. Deveria tê—lo isolado da pulsação.

Ele respirou de alívio. Então os dados estavam seguros. Nem tudo estava perdido... isto é, se conseguissem recuperar o código de acesso. Avançou na direcção de Cassandra. Sacou da sua Glock e encostou—lha à fronte.

— Painter, o que é que... — Ela recuou.

Ele seguiu—a, nunca baixando a arma.

— Qual é o código?

Fenton moveu—se para um dos lados.

— Comandante?

— Mantenha—se fora disto. — Ele interrompeu o chefe da segurança e manteve a atenção em Sanchez. — Quatro guarda—costas e Zhang. Todos têm de prestar contas aqui. Se Zhang estava a par da nossa vigilância, então havia uma forte probabilidade de que alertasse o seu contacto na conferência. E teriam fugido juntos de modo a completar a troca.

Ela tentou relancear os corpos, mas ele impediu—a com a sua arma.

— Não pode pensar que fui eu? — disse ela, com uma meia gargalhada. Ele apontou com a mão livre, nunca baixando a arma.

— Eu reconheço a obra de uma 45, como a Sig Sauer que você carrega.

— Zhang tirou—ma. Painter, está a ser paranóico. Eu...

Ele procurou num bolso e retirou a escuta que encontrara colada à parede do elevador. Estendeu—lha.

Ela ficou rígida, mas recusou—se a olhar.

— Não há sangue, Cassandra. Nem um vestígio. O que significa que você nunca a implantou como era suposto.

Uma ponta dura enterrava—se—lhe no rosto.

— O código do computador?

Ela fitou—o apenas, agora friamente desapaixonada.

— Você sabe que eu não posso.

Ele perscrutou o rosto daquela estranha, à procura da parceira que conhecia, mas há muito que esta desaparecera. Não havia remorso, nem culpa, apenas determinação. Ele não dispunha do tempo, nem do estômago para a fazer quebrar. Acenou a Fenton.

— Os seus homens que a algemem. Mantenha—a sob constante vigilância. Enquanto era detida, gritou—lhe. As suas palavras claramente proferidas.

— É melhor vigiar as suas costas, Painter. Você não faz ideia do lodaçal em que se está a meter.

Ele apanhou a mala do computador e afastou—se.

— Está a nadar em águas profundas, Painter. E há tubarões implacáveis a toda a sua volta, aos círculos.

Ele ignorou—a e caminhou em direcção à entrada norte. Uma coisa tinha de admitir para si mesmo: simplesmente não entendia as mulheres.

Antes que pudesse escapar para o interior, uma figura alta com chapéu de xerife bloqueou—lhe a passagem. Era um dos elementos da Polícia Tribal.

— Comandante Crowe?

— Sim?

— Temos uma chamada urgente para si, em espera, enviada através da nossa

central.

A testa enrugou—se.

— De quem?

— De um almirante Rector, senhor. Pode falar com ele através de um dos nossos rádios.

Painter carregou o olhar. O almirante Tony «O Tigre» Rector era o director da DARPA, o seu superior máximo. Painter nunca falara com ele, apenas vira o seu nome em memorandos e cartas. Já teria chegado informação a Washington sobre a complicação ali?

Deixou—se conduzir a um dos carros cinzentos estacionados, as luzes ainda a faiscar no seu topo. Aceitou o rádio.

— Aqui comandante Crowe. Em que posso ajudá—lo, senhor?

— Comandante, precisamos que regresse imediatamente a Arlington. Vai um helicóptero a caminho para o recolher.

Como que seguindo a deixa, o batimento sincopado de um helicóptero ecoou à distância.

O almirante Rector prosseguiu:

— Será substituído pelo comandante Giles. Faça—lhe um relatório do estado actual da operação, depois apresente—se aqui assim que aterrar em DuUes. Estará um carro à sua espera.

— Sim, senhor — respondeu, mas a ligação já fora cortada.

Saiu do carro e fitou o helicóptero verde e cinza a planar sobre os bosques circundantes, as terras dos seus antepassados. Uma sensação de desconfiança despertou no seu íntimo, aquilo a que o seu pai chamava «a suspeição dos olhos brancos». Porque lhe ligara o almirante Rector tão abruptamente? Qual era a urgência? Não conseguiu evitar o eco das palavras de Cassandra.

Está a nadar em águas profundas, Painter... E há tubarões implacáveis a toda a sua volta, aos círculos.

III - COISAS DO CORAÇÃO

14 de Novembro, 17h05, GMT
Londres, Inglaterra

— Aqui! Encontrei alguma coisa!

Safia voltou—se para ver um dos homens armado de um detector de metal chamar o colega. O que foi agora? Os dois tinham andado a apanhar fragmentos

de estatuária de bronze, de queimadores de incenso de ferro e moedas de cobre. Safia chapinhou até eles para ver o que fora descoberto. Podia ser significativo.

Do outro lado da galeria, Kara surgiu à entrada da ala, tendo ouvido igualmente o grito. Juntou—se—lhes.

— O que encontraram? — perguntou com uma autoridade fria.

— Não tenho a certeza — disse o homem com um aceno na direcção do seu detector. — Mas estou a captar um sinal muito intenso.

— Um pedaço do meteorito?

— Não sei dizer. Está debaixo deste bloco de pedra.

Safia contemplou o bloco que fora em tempos o torso e membros inferiores de uma estátua de arenito, derrubada de costas. Apesar do facto de os membros superiores e cabeça terem sido destruídos, ela reconheceu a figura. A estátua de tamanho real montara outrora guarda junto de um túmulo em Salalah. Datava de 200 a. C. Retratava um homem com um objecto alongado erguido no ombro. Alguns pensavam assemelhar—se a uma espingarda, mas tratava—se de uma lâmpada funerária de incenso, carregada ao ombro.

A destruição da estátua era uma perda trágica. Tudo o que agora restava era o torso e duas pernas partidas. Mesmo estes tinham sido tão fustigados pelo calor que o arenito se fundira e endurecera numa crosta de vidro à superfície.

Por aquela altura, outros elementos da equipa forense de capacete vermelho de Kara tinham—se reunido em volta.

O homem que tinha feito a descoberta apontou o seu detector de metal na direcção da estátua arruinada.

— Será necessário fazer rolar o bloco de cima. Para ver o que está por baixo.

— Façam—no — disse Kara com um aceno de cabeça. — Vamos precisar de alavancas.

Alguns homens encaminharam—se pesadamente para o cofre—forte das ferramentas.

Safia deu um passo em frente, em atitude protectora.

— Espera, Kara. Não reconheces esta estátua?

— O que queres dizer?

— Olha mais de perto. Esta é a estátua que o teu pai descobriu. Aquela encontrada enterrada junto do túmulo em Salalah. Temos de preservar o que pudermos.

— Não quero saber. — Kara desviou—a pelo cotovelo. — O que é importante é que pode existir por baixo uma pista sobre o que aconteceu ao meu pai.

Safia tentou detê—la, mantendo a voz baixa.

— Kara... não podes pensar verdadeiramente que isto tem alguma coisa a ver com a morte do teu pai?

Kara gesticulou aos homens com as alavancas.

— Passem—me uma.

Safia manteve—se imóvel. O seu olhar varreu as outras salas da galeria, contemplando tudo aquilo a uma nova luz. Todo o seu trabalho, a colecção, os anos gastos em investigação... seria para Kara mais do que um memorial a Reginald Kensington? Teria sido também uma demanda? Para reunir material de pesquisa num único lugar, para determinar o que acontecera de facto ao pai no deserto há tanto tempo atrás.

Safia recordou a história de quando eram ambas crianças, contada por entre muito choro. Kara convencera—se de que algo de sobrenatural matara o seu pai. Safia conhecia os pormenores.

Os nisnases... os espíritos do deserto profundo.

Ainda crianças, ela e Kara tinham investigado essas histórias, aprendendo tudo o que podiam sobre a mitologia dos nisnases. A lenda dizia que eles eram tudo o que restava de um povo, que outrora habitara uma vasta cidade no deserto. Atribuíam—lhe vários nomes: Iram, Wabar, Ubar. A Cidade dos Mil Pilares. Referências à sua queda podiam ser encontradas no Corão, nas Mil e Uma Noites e nos Livros Alexandrinos. Fundada pelos bisnetos do bíblico Noé, Ubar era uma cidade rica e decadente, repleta de pessoas perversas que se dedicavam a práticas obscuras. O seu rei desafiou as advertências de um profeta chamado Hud e Deus castigou a cidade, afundando—a nas areias para nunca mais ser vista, tornando—se numa verdadeira Atlântida dos desertos. Depois disso, persistiram histórias que diziam que a cidade permanecia debaixo das areias, assombrada pelos mortos, os seus cidadãos tornados pedra, as suas fronteiras atormentadas por djins malévolos e pelos ainda mais terríveis nisnases, criaturas selvagens investidas de poderes mágicos.

Safía pensava que Kara tinha posto de parte tais mitos como sendo meras fábulas. Sobretudo quando investigadores atribuíram a morte do pai à súbita abertura de um fosso natural no deserto. Tais armadilhas fatais não eram incomuns na região, engolindo camiões solitários ou o caminhante imprudente. O leito rochoso sob o deserto era na sua maioria calcário, uma rocha porosa esburacada por cavernas corrompidas pela água subterrânea em retrocesso. Colapsos dessas cavernas ocorriam regularmente, muitas vezes acompanhados pelo preciso fenómeno descrito por Kara: uma espessa coluna turva de pó acima

de um redemoinho de areia.

A alguns passos de distância, Kara agarrou numa das alavancas, tencionando juntar os seus próprios braços ao esforço. Parecia não ter sido convencida pela explicação desses anteriores geólogos.

Safia devia tê—lo adivinhado, sobretudo pela persistência obstinada de Kara em relação à Arábia antiga, usando os seus biliões para esquadrinhar o passado, reunir artefactos de todas as eras, contratar as pessoas mais competentes, incluindo Safía.

Fechou os olhos, perguntando—se agora o quanto da sua própria vida fora guiada por aquela busca infrutífera. Até que ponto Kara influenciara a sua escolha de estudo? Os seus projectos de investigação ali? Abanou a cabeça. Era demasiado para compreender naquele momento. Decidiria mais tarde.

Abriu os olhos e caminhou em direcção à estátua, bloqueando os outros.

— Não te posso deixar fazer isso.

Kara fez—lhe sinal para que se afastasse, a sua voz calma e lógica.

— Se houver aqui um fragmento do meteorito, recuperá—lo é mais importante do que umas poucas arranhaduras numa estátua despedaçada.

— Importante para quem? — Safia procurou igualar a atitude imperturbável de Kara, mas a questão surgiu mais como uma acusação. — Esta estátua é uma de apenas um punhado de outras dessa era da Arábia. Mesmo despedaçada, é inestimável.

— O meteorito...

— ...pode esperar — disse Safia, interrompendo a sua benfeitora. — Pelo menos até se poder mover a estátua em segurança.

Kara fixou—a com um olhar de aço que quebrava a maioria dos homens. Safía aguentou a prova, tendo conhecido a menina por detrás da mulher.

Safia caminhou para ela. Pegou na alavanca, surpreendida por sentir a tremura nos dedos da outra.

— Eu sei o que esperas — sussurrou. Ambas conheciam a história do meteorito em forma de camelo, do explorador britânico que o descobrira, de como era suposto guardar a entrada de uma cidade perdida sepultada sob as areias.

Uma cidade de nome Ubar.

E agora ele explodira nas mais estranhas circunstâncias.

— Tem de haver uma ligação — balbuciou Kara, repetindo as palavras antes proferidas.

Safia conhecia uma maneira de afastar tal esperança.

— Tu sabes que Ubar já foi encontrada. — Deixou as palavras penetrarem. Em 1992, a lendária cidade tinha sido descoberta por Nicolas Clapp, um arqueólogo amador, utilizando um sistema de detecção do subsolo orientado por satélite. Fundada por volta de 900 a. C. e localizada junto de um dos poucos poços de abastecimento de água, a antiga cidade tinha constituído um importante entreposto comercial na Rota do Incenso, ligando as pequenas matas de incenso das Montanhas Omani costeiras aos mercados das ricas cidades do norte. Ao longo dos séculos, Ubar prosperara e crescera. Até que um dia, meia cidade se afundou num fosso natural gigante e foi abandonada às areias pelos supersticiosos habitantes.

— Foi apenas um vulgar entreposto comercial — prosseguiu.

Kara abanou a cabeça, mas Safia não estava certa se negava a última afirmação ou se se resignava à realidade. Safia recordava o entusiasmo de Kara quando soube da descoberta de Clapp. Esta fora anunciada em jornais por todo o mundo: DESCOBERTA FABULOSA CIDADE ÁRABE PERDIDA! Ela própria correra para o local, para ajudar nas primeiras escavações. Mas tal como Safia afirmara, após dois anos a desenterrar pedaços de louça e uns tantos utensílios, o local revelou não ser nada de mais excitante do que um entreposto comercial abandonado.

Nenhum vasto tesouro, nenhum vestígio de mil pilares, nenhuns espíritos negros... tudo o que restava era as memórias dolorosas que atormentavam os vivos.

— Lady Kensington — o homem do detector de metal chamou de novo. — Talvez a doutora al—Maaz tivesse razão em não mover esta maldita coisa.

Ambas as mulheres voltaram de novo a sua atenção para a estátua derrubada. Era agora flanqueada por ambos os membros da equipa com detectores. Eles seguravam os aparelhos junto aos lados do torso. Os dois detectores de metal silvavam em coro.

— Eu estava errado — continuou o primeiro homem. — O que quer que eu tenha detectado não está debaixo da pedra.

— Então onde está? — perguntou Kara com irritação. O outro homem respondeu:

— Dentro da pedra.

Seguiu—se um momento atordoado de silêncio, até que Kara o quebrou.

— Dentro?

— Sim, minha senhora. Peço desculpa. Devia ter pensado em traçar a triangulação primeiro. Mas nunca pensei que algo se pudesse encontrar dentro da

pedra.

Safia avançou um passo.

— Provavelmente são apenas alguns depósitos casuais de ferro.

— Não, segundo as leituras que estamos a obter aqui. Trata—se de um sinal bastante forte.

— Teremos de a abrir — disse Kara.

Safia carregou o olhar. Maldição. Ajoelhou—se ao lado da escultura, encharcando as calças.

— Preciso de uma lanterna.

Um outro membro da equipa passou—lhe uma.

— O que vais fazer com isso? — perguntou Kara.

— Espreitar lá para dentro. — Safia passou a mão pela superfície da estátua exposta ao calor brutal da explosão. A face do arenito era agora vidro fundido. Colocou a lanterna voltada para baixo sobre o corpulento torso da estátua e acendeu—a.

Toda a superfície vítrea da estátua se iluminou. Os pormenores revelaram—se obscuros através da escurecida crosta cristalina. Safia não viu nada de invulgar, mas o vidro tinha apenas cinquenta milímetros de espessura. O que quer que procurassem podia estar mais afundado na pedra.

Kara arquejou atrás dela. Ela olhava fixamente sobre o ombro de Safia.

— O que foi? — começou a desviar a lanterna.

— Não — advertiu Kara. — Aponta—a para o centro.

Safia assim fez, trazendo a torrente de luz para o meio do torso.

Surgiu uma sombra, uma protuberância no centro da estátua, alojada fundo no ponto em que o vidro se tornava pedra. Devolvia um brilho carmesim—escuro sob a luz. A forma era inequívoca — sobretudo devido à sua posição no interior do torso.

— E um coração — sussurrou Kara. Safia recuou, aturdida.

— Um coração humano.

20h05

Horas mais tarde, Kara Kensington encontrava—se nos lavabos privados no exterior do departamento do antigo Próximo Oriente.

Só mais um...

Agitou um comprimido laranja para dentro da sua palma. Adderal, um preparado de anfeíamina, vinte miligramas. Sopesou o comprimido na mão.

Tanto vigor num invólucro tão pequeno. Mas talvez não fosse o suficiente. Adicionou um segundo comprimido. Afinal de contas, não tinha dormido na noite anterior e ainda havia muito para fazer.

Lançando os comprimidos para o fundo, engoliu—os a seco, depois fitou o seu reflexo no espelho. A pele parecia congestionada, os olhos um pouco abertos demais. Passou uma mão pelo cabelo, tentando devolver—lhe algum corpo. Não o conseguiu.

Curvando—se até à torneira, ligou a água fria, encharcou ambas as mãos e pressionou—as contra a face. Respirou fundo. Pareciam ter—se passados dias, não horas, desde que fora arrancada da cama na propriedade da família, na povoação de Blackheath. As notícias da explosão tinham feito a sua limusina com chauffeur correr pelas ruas tempestuosas para chegar ao museu.

E agora o quê?

Ao longo de todo o dia, várias equipas forenses tinham recolhido todas as amostras necessárias da galeria: madeira carbonizada, plásticos, metais, até mesmo osso. Finalmente, uns poucos fragmentos escoriáceos do meteorito tinham sido recolhidos de entre os detritos. Todas as provas iniciais sugeriam que uma descarga eléctrica inflamara determinados elementos voláteis contidos no fragmento de ferro meteórico. Ninguém estava disposto a dizer o que seriam esses elementos. A partir daqui, as investigações seriam levadas a cabo em laboratórios em Inglaterra e no estrangeiro.

Kara não conseguia esconder o desapontamento. O testemunhar da luminescente bola de raios na gravação de vídeo levara—a de volta ao dia em que o pai desaparecera na nuvem de pó, uma espiral de areia entrecortada por rendilhados semelhantes de electricidade azulada. Depois a explosão... uma outra morte. Tinha de haver uma ligação entre o passado e o presente.

Mas qual? Seria simplesmente mais um beco sem saída, como tantas vezes no passado?

Uma batida na porta, desviou a sua atenção do reflexo no espelho.

— Kara, estamos prontos para o exame. — Era Safia. Na voz da amiga, sentiu a preocupação. Só Safia compreendia o peso no coração de Kara.

— Saio já.

Largou a caixa plástica dos comprimidos para dentro da bolsa e fechou a mala de tiracolo. A vaga inicial de energia induzida pelo medicamento atenuava já o seu desespero. Com uma última passagem fútil pelo cabelo, caminhou para a porta, destrancou—a e saiu para uma das mais belas instalações de investigação — a famosa Sala em Arco do British Museum.

Construída em 1839, a câmara abobadada de dois andares, localizada na secção oeste do museu, era de estilo vitoriano inicial: galerias duplas de estantes, corredores e escadarias de ferro trabalhado, panos de parede arqueados conduzindo a alcovas recuadas. A própria estrutura do lugar remontava ao tempo de Charles Darwin, Stanley e Livingston, da Royal Society of Scientists, em que os investigadores vestiam casacas de longas abas e se reuniam em estudo por entre as pilhas de livros e antigas tábuas gravadas. Nunca aberto ao público, o departamento do antigo Próximo Oriente utilizava agora o espaço como centro de estudo e arquivo reservado.

Mas naquele dia, abandonado por todos menos por uns poucos seleccionados, servia como morgue de recurso. Kara fitava do outro lado da sala o cadáver de pedra, mutilado de cabeça e braços, pousado numa maca com rodízios. Era tudo o que restava da antiga escultura encontrada na ala norte. Safia insistira em salvá—la dos detritos e trazê—la para ali, para fora de perigo.

Duas lâmpadas de halogéneo iluminavam o corpo e um leque de instrumentos estendia—se sobre um banco de biblioteca contíguo, disposto como uma mesa de cirurgia com escalpelos, pinças e fórceps de polegar. Havia também martelos e pincéis de vários tamanhos.

Só faltava o cirurgião.

Safia calçou com um estalido um par de luvas de látex. Usava óculos de protecção e um avental estreitamente cingido.

— Prontos? Kara assentiu.

— Vamos lá quebrar o peito deste velho — pronunciou um jovem com o habitual entusiasmo grosseiro de um americano. Kara, bem familiarizada com todos os que trabalhavam na sua galeria, conhecia Clay Bishop, um estudante graduado da Universidade de Northwestern. Ele brincava com uma câmara de filmar digital pousada sobre um tripé, encarnando o papel de videógrafo do grupo.

— Um pouco de respeito, senhor Bishop — advertiu Safia.

— Peço desculpa — disse ele com um sorriso torcido, que desmentia quaisquer verdadeiros remorsos. Não era desinteressante para um pedaço esquelético da Geração X. Vestia uns jeans, uma t—shirt de concerto vintage exibindo os The Clash e uns Reebok que podiam ter sido brancos, mas isso era mera suposição. Endireitou—se, alongando—se, revelando uma tira da sua barriga nua, e passou uma mão pelo emaranhado do seu cabelo ruivo. O único indício de dedicação ao estudo no estudante graduado eram os espessos óculos de aros pretos, suficientemente antiquados para estarem na moda. — Estamos

todos prontos, doutora al—Maaz.

— Muito bem. — Safia avançou para o foco das lâmpadas de halogéneo, posicionando—se ao lado do escaparate de instrumentos.

Kara descreveu um círculo para observar do lado mais distante, juntando—se à única outra pessoa a assistir à autópsia: Ryan Fleming, o chefe da segurança. Ele devia ter chegado quando ela se encontrava nos lavabos. Acenou—lhe com a cabeça, mas a sua postura tornou—se rígida junto dela, nervoso com a sua proximidade, como a maioria do pessoal do museu.

Ele clareou a voz enquanto Safia fazia medições.

— Vim até aqui quando tive conhecimento da descoberta — sussurrou a Kara.

— Porquê? — perguntou ela. — Há alguma preocupação de segurança?

— Não, por simples curiosidade. — Ele inclinou a cabeça na direcção da escultura. — Não é todos os dias que se encontra uma estátua com um coração escondido no interior.

Isso era de facto verdade, embora Kara suspeitasse que fora um diferente assunto de coração que atraíra Fleming até ali. Os seus olhos passavam mais tempo a examinar Safia do que a estranha escultura.

Kara permitiu—lhe a sua paixão de cachorrinho e voltou a atenção para a estátua estendida. Sob a capa de vidro fundido, um intenso brilho carmesim recebia a luz da lâmpada.

Um coração, um coração humano.

Inclinou—se para mais perto. Embora o coração parecesse de tamanho real e anatomicamente correcto, devia ter sido esculpido em algum tipo de minério, uma vez que os detectores da equipa forense tinham captado a sua presença. Contudo, Kara quase contava vê—lo bater, se esperasse o tempo suficiente.

Safia debruçou—se sobre a estátua com um instrumento de ponta de diamante. Cortou cuidadosamente o vidro, formando um quadrado perfeito em torno do coração enterrado.

— Quero preservar o máximo possível.

A seguir, colocou um copo de sucção sobre o quadrado de vidro e agarrou no manipulo.

— Penso que a superfície de separação entre o vidro e o arenito deverá estar frágil.

Safia pegou num macete de borracha e martelou firmemente em volta do bordo interior do quadrado de vidro. Pequenas rachas surgiram no seguimento das linhas previamente traçadas. Cada estalido fazia estremecer cada um dos que

assistia. Até mesmo Kara notou os seus dedos nervosos.

Só Safia permanecia calma. Kara conhecia a propensão da amiga para ataques de pânico em situações de tensão, mas quando Safia actuava no seu próprio elemento, era tão sólida como os diamantes no seu cortador de vidro... e igualmente penetrante. Ela trabalhava com uma calma budista e concentração total. Kara notou também o brilho nos olhos da amiga. A excitação. Há muito que Kara não via tal brilho em Safia, uma evocação da mulher que fora.

Talvez ainda houvesse esperança para ela.

— Deve ser o suficiente — disse Safia. Pousou o macete e usou um minúsculo pincel para varrer lascas dispersas, mantendo a superfície de trabalho incorrupta. Uma vez satisfeita, agarrou no manipulo de sucção e aplicou um pouco de pressão, primeiro empurrando numa direcção, depois na outra, abanando suavemente o quadrado. Por fim, puxou—o simplesmente para cima, levantando o bloco de vidro por inteiro.

Kara aproximou—se, fitando o interior do peito aberto da estátua. O coração era ainda mais detalhado do que imaginara. Cada câmara era distinta, incluindo finas artérias e veias superficiais. Repousava perfeitamente no seu leito de pedra, como se a escultura se tivesse formado naturalmente em seu redor, uma pérola no interior de uma ostra.

Safia libertou cuidadosamente o vidro do dispositivo de sucção e voltou—o. Havia uma impressão da superfície superior do coração gravada no vidro. Ela mostrou—o para a câmara.

— Clay, está a filmar isto convenientemente?

Aninhado junto à câmara, ele movia—se de excitação de um pé para o outro.

— Caramba, isto é fantástico.

— Presumo que seja um sim. — Safia depositou o vidro na mesa da biblioteca.

— E o coração? — perguntou Fleming.

Safia virou—se e espreitou para o peito aberto. Empurrou levemente o cabo de um minúsculo pincel contra o coração. O tinido foi ouvido por todos.

— Metal, na certa. Bronze, diria eu, pelo tom avermelhado.

— Soava quase a oco — comentou Clay, mudando o tripé da câmara para obter uma melhor captação da cavidade do peito. — Faça—o de novo.

Safia abanou a cabeça.

— É melhor não. Veja como o arenito se sobrepõe ao coração em certos pontos. Está bastante preso naquela posição. Penso que o devemos deixar intacto. Outros investigadores devem examiná—lo in situ antes de o

perturbarmos.

Kara não se atrevia a respirar desde o último minuto. O seu coração martelava—lhe aos ouvidos e não era devido às anfetaminas. Mais ninguém o notara?

Antes que pudesse indagar, uma porta bateu com estrondo mais atrás na Sala em Arco. Todos se sobressaltaram ligeiramente. Aproximaram—se passos. Dois homens.

Safia inclinou a lâmpada de halogéneo para iluminar o espaço.

— Director Tyson.

— Edgar. — Kara avançou. — O que está a fazer aqui?

O director do museu afastou—se para revelar a sua companhia. Era o inspector da Divisão de Homicídios de Londres.

— O Inspector Samuelson estava comigo quando me chegou a notícia da vossa brilhante descoberta. Estávamos a terminar e ele perguntou—me se podia ver por si mesmo o espantoso achado. Como podia eu recusar, depois da preciosa ajuda que nos prestou?

— Com certeza — proferiu Kara no seu melhor tom diplomático, ocultando uma centelha de irritação. — Chegaram no melhor momento. — Gesticulou para que se aproximassem da morgue de recurso, abandonando o seu lugar. A sua própria descoberta teria de esperar um pouco mais.

Fleming cumprimentou o seu chefe.

— Acho que já vi o suficiente. É melhor ir supervisionar o turno da noite. — Afastou—se, mas não antes de se voltar para Safia. — Obrigado por me permitir assistir.

— Sempre que queira — respondeu ela, distante, distraída pelo coração exposto. Kara reparou como os olhos do chefe da segurança se demoraram em Safia e depois se desviaram, feridos, enquanto partia. Safia era cega a tudo, a não ser ao seu trabalho. Ela deixara escapar da sua vida homens mais importantes que Fleming.

O inspector Samuelson avançou para ocupar o lugar do chefe da segurança.

Tinha o casaco dobrado sobre um dos braços, as mangas arregaçadas.

— Espero não incomodar.

— De modo algum — retorquiu Safia. — Trata—se de uma descoberta afortunada.

— Com efeito.

O inspector debruçou—se sobre a estátua. Kara estava certa de que mais do que mera curiosidade o atraíra ali. As coincidências constituíam motivo de

investigação.

Edgar postava—se no ombro do inspector.

— Simplesmente extraordinário, não acha? Esta descoberta atrairá a atenção de todo o mundo.

Samuelson endireitou—se.

— De onde veio esta estátua?

— Ela foi descoberta pelo meu pai — disse Kara. Samuelson fixou—a, uma das sobrancelhas erguida.

Kara notou como Edgar recuara um passo, o olhar baixo. Era um tema delicado de abordar.

Safia retirou as luvas de protecção e continuou a explicação, livrando Kara da necessidade de o fazer.

— Reginald Kensington financiara uma equipa arqueológica para supervisionar os trabalhos de escavação com vista à construção de um novo mausoléu, num túmulo na cidade de Salalah, na costa omani. Ele descobriu a estátua enterrada junto do antigo túmulo. Tratou—se de uma descoberta rara: encontrar uma estátua pré—islâmica, datada de 200 a. C, num estado tão incorrupto. Contudo, o túmulo tinha sido venerado durante dois milénios. Assim, o local não fora excessivamente desprezado ou profanado. É uma verdadeira tragédia que um artefacto tão perfeitamente preservado tenha sido destruído.

Samuelson permaneceu imperturbável.

— Mas a sua destruição também permitiu esta nova descoberta. Há aqui um equilíbrio. O mesmo não se pode dizer quanto ao pobre Harry Masterson.

— Certamente — retorquiu Safia com vivacidade. — Não pretendi implicar que... a sua morte não tenha sido a verdadeira tragédia. Tem toda a razão.

Samuelson olhou em volta para aqueles ali reunidos. Os seus olhos demoraram—se um pouco mais no estudante graduado, Clay Bishop. O que quer que tivesse visto aí, achou—o insuficiente. O seu olhar recaiu de novo sobre a estátua.

— Mencionou um túmulo, perto do qual a estátua foi encontrada.

— Sim. O túmulo de Nabi Imran.

— Um faraó ou algo do género? Safia sorriu.

— Não era nenhum túmulo egípcio. — Tal como Kara, ela sabia que o inspector se estava a fazer passar por tolo. — Na Arábia, os túmulos mais famosos são os que marcam as sepulturas daqueles que figuram na Bíblia ou no Corão. Neste caso, figura em ambos.

— Nabi Imran? Não me lembro desse nome em nenhum tipo de Bíblia.

— Na verdade, ele é bastante significativo. Já ouviu falar da Virgem Maria?

— Vagamente. — Disse—o com tanta sinceridade, que suscitou um novo sorriso em Safia.

Ela estivera a adiar a revelação, mas finalmente compadeceu—se.

— Nabi Imran era o pai de Maria.

13h54, EST
Arlington, Virgínia

Painter Crowe seguia no banco traseiro do Mercedes S500 sedan cinzento prateado. Este deslizava suavemente pela Interstate 66 vindo do Aeroporto Internacional de Dulles e seguia para leste na direcção de Washington, mas não chegariam tão longe. O condutor, um sujeito taciturno com uma constituição de defesa de linha, fez sinal e seguiu pela saída de Glebe, em Arlington. Estavam quase no quartel—general da DARPA, a menos de oitocentos metros.

Verificou o relógio. Há apenas algumas horas atrás, estava no Connecticut, a confrontar uma parceira em quem confiara nos últimos cinco anos. Os seus pensamentos defendiam—se de Cassandra, mas ainda circulavam em torno da desagradável questão.

Eles tinham sido recrutados de Forças Especiais ao mesmo tempo: ele dos Navy SEALS, ela dos Army Rangers. A DARPA seleccionara—os para uma nova e muito secreta equipa dentro da organização, com o nome de código de Força Sigma. A maioria dos elementos da DARPA desconhecia a sua existência. O objectivo da Sigma era procurar e capturar, uma equipa militarizada secreta de agentes tecnicamente treinados, que eram enviados para situações de alto risco para obter ou proteger novas pesquisas e tecnologias. Enquanto que a Força Delta fora criada como um esquadrão antiterrorista, a Sigma fora iniciada para proteger e manter a superioridade tecnológica dos Estados Unidos.

A qualquer preço.

E agora aquela chamada ao quartel—general.

Tinha de ser uma nova missão. Mas porquê a urgência?

O sedan desceu a North Fairfax Drive e entrou no parque de estacionamento. Passaram por uma panóplia de medidas de segurança e em breve deslizavam para um lugar ermo. Um outro homem, de peito cilíndrico e rosto inexpressivo, avançou e abriu a porta.

— Siga—me, comandante Crowe.

Painter foi conduzido ao edifício principal, escoltado até ao gabinete do

director e foi—lhe pedido que aguardasse enquanto o assistente anunciava a sua chegada. Painter fitou a porta fechada.

O vice—almirante Tony Rector era chefe da DARPA desde que Painter entrara ao serviço. Antes disso, tinha sido director do Office of Information Awareness, o ramo de recolha de informação da DARPA, de crítica importância após o 11 de Setembro na fiscalização do fluxo de dados em redes informatizadas, para detectar planos, actividades e transacções financeiras terroristas. A inteligência, conhecimento e gestão imparcial do almirante tinham acabado por lhe conquistar a chefia da DARPA.

A porta abriu—se. O seu acompanhante fez—lhe sinal para avançar e afastou—se para deixar passar Painter. Logo que entrou, a porta fechou—se atrás dele.

A sala era revestida a painéis de mogno escuro e cheirava vagamente a tabaco de cachimbo. Uma secretária de mogno a condizer erguia—se no centro. Atrás dela, Tony «O Tigre» Rector levantou—se para lhe apertar a mão. Era um homem corpulento, não anafado, mas alguém que fora outrora bem musculado, agora um tanto flácido pela entrada nos sessenta. Mas a carne era tudo o que era flácido nele. Os seus olhos eram diamantes azuis, o cabelo liso e argênteo. O aperto era de ferro quando agitou a mão de Painter e lhe fez sinal para que tomasse uma das duas cadeiras de pele.

— Sente—se. Convoquei o doutor McKnight. Ele juntar—se—á a nós.

O doutor Sean McKnight era o fundador e director da Sigma, o superior imediato de Painter, um ex—Navy SEAL que obtivera um doutoramento posterior em física e tecnologia da informação. Se o doutor McKnight fora convocado, então todas as figuras importantes entravam no jogo. O que quer que se passava era significativo.

— Posso perguntar a que se deve tudo isto, senhor? O almirante instalou—se na sua cadeira.

— Fui informado da situação desagradável no Connecticut — disse ele, evitando a questão. — O pessoal do Advanced Technology Office está a aguardar a mala com o computador do espião. Felizmente, vai ser possível recuperar os dados sobre o armamento de plasma.

— Lamento não termos... não ter obtido o código. O almirante Rector encolheu os ombros.

— Pelo menos os chineses não lhes vão deitar a mão. E considerando tudo o que enfrentou, penso que fez um excelente trabalho.

Painter retraiu—se de indagar sobre a sua ex—parceira. Cassandra estaria certamente a ser conduzida para um lugar seguro para ser interrogada. Depois

disso, quem sabia? Guantanamo Bay, Fort Leavenworth ou uma outra prisão política? Já não era preocupação sua. Contudo, uma dor pulsava no seu íntimo. Esperou ser apenas indigestão. Seguramente não tinha razão para sentir qualquer agonia em relação ao destino de Cassandra.

— Quanto à sua questão — prosseguiu o almirante, trazendo—o de volta ao presente —, um assunto foi trazido à nossa atenção pelo Defense Sciences Office. Ocorreu uma explosão no British Museum, ontem à noite.

Painter assentiu, tendo ouvido as notícias na CNN a caminho dali.

— Descarga eléctrica.

— Assim foi comunicado.

Painter percebeu a negação e endireitou—se. Antes que pudesse inquirir, a porta abriu—se. O doutor Sean McKnight entrou a passos largos na sala, um temporal mal reprimido. O rosto congestionado, a fronte húmida, como se tivesse corrido durante todo o caminho até ali.

— Foi confirmado — disse ele rapidamente ao almirante. O almirante Rector assentiu.

— Sente—se, então. Não dispomos de muito tempo.

Enquanto o seu chefe se sentava na cadeira de pele vaga, Painter olhou para ele de relance. McKnight trabalhava com a DARPA há vinte e dois anos, incluindo uma função específica enquanto director do Special Projects Office. Um dos seus primeiros «projectos especiais» fora a formação da Força Sigma. Ele imaginara uma equipa de operativos que seriam ao mesmo tempo tecnologicamente conhecedores e militarmente treinados — «cérebro e músculos», como ele gostava de dizer — e que poderiam agir com precisão cirúrgica na salvaguarda e protecção de tecnologias classificadas.

A Força Sigma foi o resultado.

Painter fora um dos primeiros recrutados, pessoalmente seleccionado por McKnight, depois de ter sofrido uma fractura de perna durante uma missão no Iraque. Enquanto recuperava, McKnight ensinara—lhe o valor de aperfeiçoar a mente a par do corpo, fazendo—o passar por um campo de treino académico, ainda mais duro do que o seu treino BUDS para se tornar num Navy SEAL. Não havia ninguém no planeta que Painter tivesse em maior estima.

E vê—lo, agora, tão perturbado...

McKnight sentava—se na borda da sua cadeira, as costas rígidas. Parecia ter dormido dentro do fato cinzento escuro que vestia, aparentando todos os seus cinquenta e cinco anos naquele momento: os olhos enrugados de preocupação, os lábios comprimidos, o cabelo cinzento arruivado por pentear.

Passava—se claramente algo de grave.

O almirante Rector fez girar um monitor de plasma sobre a mesa na direcção de Painter.

— Comandante Crowe, é melhor visionar esta gravação primeiro.

Painter moveu—se para mais próximo, pronto para algumas respostas. O ecrã do portátil foi preenchido por um vídeo a preto—a—branco.

— Esta é a vigilância de segurança do British Museum.

Permaneceu em silêncio enquanto o vídeo rodava. Um guarda surgiu no ecrã, entrando numa galeria do museu. Não tardou muito. Quando a explosão pôs fim à gravação, apagando o ecrã, Painter recostou—se. O seus dois superiores estudavam—no.

— Aquela esfera luminosa — disse ele lentamente. — Era uma bola de raios, se não estou enganado.

— Com efeito — confirmou o almirante Rector. — Foi a mesma avaliação que chamou a atenção de dois investigadores do Defense Sciences Office, que se encontravam em Londres. O fenómeno de bola de raios nunca foi captado em filme.

— Ou tão destrutivo — acrescentou o doutor McKnight.

Painter recordou uma palestra a que assistira durante o seu treino na Força Sigma em engenharia eléctrica. O fenómeno das bolas de raios fora relatado desde os tempos dos primeiros gregos, presenciado por grupos de pessoas e relatado em muitos lugares. A sua raridade mantivera o mistério. As teorias quanto à sua formação variavam desde a flutuação livre de plasma provocada pela ionização do ar durante trovoadas, até à vaporização de dióxido de silício a partir do solo depois de atingido por um raio.

— O que aconteceu, então, no British Museum? — perguntou ele.

— Isto. — O almirante Rector retirara um objecto da gaveta da secretária e colocou—o sobre o seu mata—borrão. Parecia um fragmento de rocha enegrecido, do tamanho de uma bola de softball. — Foi—nos enviado esta manhã num jacto militar.

— O que é?

O almirante fez—lhe sinal para que lhe pegasse. Não achou o objecto particularmente pesado. Não era uma rocha. Tinha densidade suficiente para ser chumbo.

— Ferro meteórico — explicou o doutor McKnight. — Uma amostra do artefacto que viu explodir há pouco.

Painter voltou a colocar o fragmento na mesa.

— Não compreendo. Estão a dizer que o meteoro provocou a explosão? Não a bola de raios?

— Sim e não — respondeu McKnight de forma obtusa.

— O que sabe sobre a explosão de Tunguska, na Rússia? — perguntou Rector. A súbita mudança de assunto apanhou Painter desprevenido. A fronte cravou—se de sulcos, enquanto dragava a história antiga.

— Não muito. Qualquer coisa sobre a colisão de um meteoro, em 1908, algures na Sibéria, que causou uma grande explosão.

Rector recostou—se.

— «Grande» é um termo um tanto atenuado. A explosão extirpou 64 quilómetros de floresta, uma área com cerca de metade da dimensão de Rhode Island. A deflagração libertou a energia equivalente a duas mil bombas atómicas. Cavalos foram derrubados a centenas de quilómetros de distância. Grande não abrange de todo a extensão da explosão.

— Houve também outros efeitos — disse McKnight. — Uma tempestade magnética criou um vórtice de 960 quilómetros de diâmetro. Durante dias, os céus nocturnos ficaram luminescentes pela quantidade de poeira, suficientemente claros para se ler um jornal. Uma pulsação electromagnética cobriu metade do planeta.

— Céus — balbuciou Painter.

— Aqueles que testemunharam a explosão a centenas de quilómetros de distância relataram ver uma veloz luz brilhante no céu, tão radiante como a luz do Sol, deixando um rasto de cores iridescentes.

— O meteoro — disse Painter.

O almirante Rector abanou a cabeça.

— Essa foi uma das teorias. Um asteróide pedregoso ou cometa. Mas há vários problemas com essa teoria. O primeiro é que nunca foram encontrados quaisquer fragmentos de meteoro. Nem sequer poeira reveladora de irídio.

— Os meteoros carbonosos geralmente deixam uma impressão digital de irídio — disse McKnight. — Mas tal marca nunca foi trazida à luz em Tunguska.

— E não houve cratera — acrescentou o almirante. McKnight assentiu.

— A força da explosão foi de quarenta megatoneladas. Antes disso, o último meteoro a aproximar—se dessa força atingiu o Arizona há cerca de cinquenta mil anos. E foi de apenas três megatoneladas, uma mera fracção de Tunguska, tendo deixado uma extensa cratera de mil e seiscentos metros de diâmetro e cento e cinquenta metros de profundidade. Então, porque não houve cratera, especialmente quando conhecemos tão claramente o epicentro da explosão

graças à queda radial das árvores para fora, a partir do nível zero?

Painter não tinha resposta para isso... ou para a questão mais imediata no seu espírito: O que tinha tudo aquilo a ver com o British Museum? McKnight prosseguiu:

— Desde a altura da explosão, verificaram—se igualmente interessantes consequências biológicas na região: um crescimento acelerado de certos fetos, um aumento da taxa de mutações, incluindo anomalias genéticas nas sementes e agulhas de pinheiros e mesmo em populações de formigas. E os humanos não escaparam ao efeito. As tribos Evenk daquela área mostraram anomalias nos seus factores sanguíneos de Rh. Tudo indicações claras de exposição radiológica, muito provavelmente gama na origem.

Painter procurou abarcar com a sua mente uma explosão sem cratera, efeitos atmosféricos invulgares e radiação gama residual.

— Então, o que causou tudo isso?

O almirante Rector respondeu:

— Algo bastante pequeno. Com cerca de três quilos.

— É impossível — deixou escapar.

O almirante encolheu os ombros.

— Se se tratasse de matéria vulgar...

O mistério pairou no ar durante um longo momento.

Finalmente, o doutor McKnight falou.

— As mais recentes investigações, datadas de 1995, sugerem que o que atingiu Tunguska foi de facto um meteoro, mas composto de antimatéria. Os olhos de Painter esgazearam—se.

— Antimatéria?

Agora compreendia porque fora convocado para aquele encontro. Embora a maioria das pessoas considerasse a antimatéria como fazendo parte do domínio da ficção científica, tornara—se realidade nas últimas décadas com a produção de partículas de antimatéria em laboratórios. Na linha da frente dessa pesquisa estavam os laboratórios do CERN em Genebra, na Suíça. O CERN produzia antimatéria há quase duas décadas, usando um Anel de Antiprotões de Baixa Energia subterrâneo. Mas até à data, a produção de antiprotões de um ano inteiro apenas geraria energia suficiente para inflamar uma lâmpada durante alguns instantes.

Contudo, a antimatéria era intrigante. Um único grama de antimatéria geraria a energia equivalente a uma bomba atómica. É claro que, em primeiro lugar, seria necessário descobrir uma fonte barata e facilmente acessível de antimatéria.

E tal era impossível.

Painter apercebeu o seu olhar sobre o fragmento de ferro meteórico em cima da mesa do almirante Rector. Ele sabia que a atmosfera superior da Terra era constantemente bombardeada por partículas de antimatéria contidas em raios cósmicos, mas que eram imediatamente aniquiladas quando entravam em contacto com a matéria atmosférica. Postulou—se que poderiam existir asteróides ou cometas no vácuo do espaço composto de antimatéria, resultante do Big Bang.

Começou a ligar alguns pontos na sua cabeça.

— A explosão no British Museum...?

— Testámos alguns dos detritos da galeria destruída — disse McKnight. — Metal e madeira.

Painter recordou a afirmação do chefe quando chegara. Foi confirmado. Uma sensação de frio formou—se no fundo do seu abdómen. McKnight prosseguiu.

— Os detritos da explosão contêm uma assinatura de radiação de baixo nível que se equipara a Tunguska.

— Está a dizer que a explosão no British Museum foi causada por aniquilação de antimatéria? Que esse meteoro é na verdade antimatéria?

O almirante Rector rolava o fragmento para trás e para a frente com um dedo.

— É claro que não. Isto é ferro meteórico vulgar. Nada mais.

— Não compreendo. McKnight ergueu a voz.

— A assinatura radioactiva não pode ser ignorada. É demasiado exacta para ser casual. Alguma coisa aconteceu. A única explicação é que o meteoro continha de algum modo antimatéria armazenada no seu interior, sob uma forma estabilizada desconhecida. A descarga eléctrica da bola de raios destabilizou—a e criou um efeito de cascata com a resultante explosão. Qualquer antimatéria que estivesse presente foi consumida na deflagração.

— Deixando apenas esta carapaça para trás — disse o almirante, apontando a rocha.

O silêncio instalou—se no gabinete. As implicações eram imensas. O almirante Rector pegou no pedaço de ferro.

— Consegue imaginar a importância se estivermos certos? Uma fonte de poder quase ilimitado. Se houver alguma pista sobre como tal é possível, ou melhor ainda, uma amostra, esta não deverá cair noutras mãos.

Painter não pôde senão assentir.

— Qual é, então, o próximo passo?

O almirante Rector fitou—o duramente.

— Não podemos deixar transpirar uma palavra que seja desta ligação, nem mesmo aos nossos aliados. Demasiados ouvidos estão ligados a demasiadas bocas. — Fez sinal para que o doutor McKnight continuasse.

O chefe respirou fundo.

— Comandante, queremos que conduza uma pequena equipa até ao museu. O vosso disfarce já foi criado como cientistas americanos especializados na investigação de fenómenos atmosféricos eléctricos. Devem estabelecer contactos quando e onde puderem. No terreno, o vosso objectivo é simplesmente manterem—se alerta e tomarem nota de quaisquer novas descobertas que possam ser feitas. Continuaremos a pesquisa aqui com a mobilização de todos os departamentos. Caso seja necessária investigação adicional em Londres, a sua equipa será a nossa ponte de ligação.

— Sim, senhor.

Houve um breve contacto visual entre o almirante Rector e o doutor McKnight, uma questão por referir.

Painter sentiu um dedo gélido percorrer—lhe a espinha. O almirante assentiu de novo. McKnight virou—se para encarar Painter.

— Há mais um factor aqui. Podemos não ser os únicos a estudar este ângulo.

— O que quer dizer?

— Se bem se lembra, o director mencionou dois investigadores do Defense Sciences Office em Londres.

— Aqueles que investigaram a observação da bola de raios.

— Correcto. — Um novo contacto fugaz entre os superiores de Painter. Depois o chefe fitou—o com um olhar duro. — Há quatro horas, foram encontrados mortos, ao estilo de execução, no seu quarto. O lugar foi revistado. Vários artigos foram roubados. A Polícia Metropolitana de Londres está a investigá—lo como homicídio por roubo.

O almirante Rector mexeu—se atrás da secretária.

— Mas eu nunca consegui engolir as coincidências. Dão—me azia. McKnight assentiu.

— Não sabemos se os homicídios estão ligados à nossa linha de investigação, mas queremos que você e a sua equipa procedam como se estivessem. Protejam—se e mantenham—se alerta.

Ele assentiu.

— Entretanto — disse o almirante —, esperemos que não descubram mais nada de significativo até você atravessar o Atlântico.

21h48, GMT
Londres, Inglaterra

— Tens de remover o coração.

Safia ergueu o olhar das suas medições com um minúsculo compasso prateado. A Sala em Arco do museu mantinha—se escura a toda a volta. Só restavam os três: Kara, Clay e ela própria. Edgar e o inspector tinham partido há vinte minutos. As medições exactas e notações de pormenor pareciam não ter mantido o seu interesse, diminuindo o assombro momentâneo face à origem da estátua enquanto escultura funerária do túmulo do pai da Virgem Maria.

Safia voltou às medições.

— Removerei o coração, eventualmente.

— Não, hoje.

Safia estudou a amiga mais de perto. O rosto de Kara desenhava—se nos focos de halogéneo. A luz forte esvaíra toda a cor da sua face, mas Safia notou o brilho argênteo na sua pele, o dilatar das pupilas. Ela estava drogada. De novo as anfetaminas. Três anos antes, Safia fora das poucas a saber que as «férias de um mês no estrangeiro» de Lady Kensington tinham sido na verdade uma cura de reabilitação numa clínica privada em Kent. Há quanto tempo voltara a usá—las? Relanceou Clay. Aquela não era a altura para a confrontar.

— Qual é a pressa? — perguntou em vez disso.

Os olhos de Kara dardejaram em torno da sala. Baixou a voz.

— Antes de o inspector chegar, reparei numa coisa. Estou surpreendida que ainda não o tenhas notado.

— O quê?

Kara inclinou—se e apontou para uma das secções expostas do coração, especificamente o ventrículo direito.

— Repara nesta linha subida, aqui. — Ela seguiu—a com a ponta do compasso.

— Uma das veias ou artérias coronárias — disse Safia, espantada com a perícia artística.

— Será? — apontou Kara. — Repara como a secção superior é perfeitamente horizontal e depois segue para baixo verticalmente em ambas as extremidades, a noventa graus. — Ela seguiu o percurso do canal. Os dedos agitavam—se com um tremor anfetamínico característico.

Kara prosseguiu:

— Tudo neste coração é tão naturalmente reproduzido. Da Vinci teria dificuldade em ser tão anatomicamente perfeito. — Fitou Safia. — A natureza não aprecia ângulos de noventa graus.

Safia inclinou—se mais perto. Traçou as linhas com os dedos, como se lesse Braille. A dúvida em breve se esbateu em choque.

— As extremidades... elas interrompem—se abruptamente. Não se dobram para baixo.

— É uma letra — disse Kara.

— Epigrafia sul—arábica — concordou Safia, designando a antiga escrita da região, uma escrita que precedeu o hebraico e o aramaico. — É a letra B.

— E repara no que podemos ver na câmara cardíaca superior.

— O átrio direito — disse Clay atrás delas. Ambas o relancearam.

— Eu fui estudante de medicina, antes de perceber que a visão do sangue

tinha um... bem, um efeito negativo sobre o que comia ao almoço.

Kara regressou à escultura e apontou de novo o compasso.

— Uma boa parte do átrio superior ainda está obscurecida pela envolvência de arenito, mas acho que há outra letra ali debaixo.

Safia inclinou—se mais perto. Tacteou com os dedos. A extremidade dos vasos expostos terminava abruptamente, tal como no primeiro caso.

— Terei de proceder com cuidado.

Alcançou a panóplia de picões, buris e minúsculos martelos. Com as ferramentas adequadas na mão, iniciou o exercício com a precisão de um cirurgião. Martelo e buril para quebrar os pedaços maiores de arenito fragilizado, depois picão e pincel para os retirar. Numa questão de minutos, o átrio direito estava desimpedido.

Safia fixou o entrecruzar do que aparentavam ser vasos coronários. Mas estes desenhavam uma letra perfeita.

Era demasiado complexa para mera casualidade.

— Que letra é essa? — perguntou Clay.

— Não há uma letra directamente correspondente em inglês — respondeu Safia. — Ela pronuncia—se um pouco como o som wa..., por isso nas traduções é muitas vezes indicada como W—A ou mesmo U, uma vez que é assim que soa oralmente. Embora, na verdade, não existam vogais na escrita epigráfica sul—arábica.

Kara fitou—a nos olhos.

— Temos de remover o coração — repetiu. — Se houver mais letras, elas estarão no lado oposto.

Safia assentiu. O lado esquerdo ainda permanecia preso na caixa torácica de arenito. Ela detestava ter de corromper ainda mais a estátua, mas a curiosidade levou—a a pegar nas ferramentas sem discussão. Deitou mãos ao trabalho. Demorou uma boa meia hora a remover o arenito enganchado em volta do coração. Por fim, aplicou o copo de sucção e agarrou no manipulo com ambas as mãos. Com uma prece a todos os antigos deuses da Arábia, puxou uniformemente para cima, usando todos os músculos dos seus ombros.

A princípio, parecia encravado, mas era simplesmente mais pesado do que supusera. Com um esgar decidido de esforço, libertou o coração do peito de pedra. Choveram pedaços de arenito e grãos soltos. A distância de um braço, balançou o prémio até à mesa de biblioteca.

Kara apressou—se a juntar—se—lhes. Safia pousou o coração sobre um quadrado de camurça macia para o proteger, depois soltou o copo de sucção. O

coração rolou ligeiramente, uma vez libertado. Um ténue som líquido acompanhou—o.

Safia relanceou os outros. Também o tinham ouvido?

— Bem me parecia que a coisa era oca — sussurrou Clay.

Safia alcançou e fez oscilar o coração sobre a camurça. O centro de gravidade rolava com a oscilação. Lembrava—lhe estranhamente uma daquelas antigas Magic 8 Balis.

— Há algum tipo de fluido no centro. Clay deu um passo atrás.

— Fantástico, é melhor que não seja sangue. Prefiro os meus cadáveres ressequidos e embrulhados como múmias.

— Está perfeitamente selado — assegurou—lhe Safia, examinando o coração. — Nem consigo vislumbrar uma maneira de o abrir. É quase como se o coração de bronze tivesse sido forjado em volta do fluido.

— Enigmas dentro de enigmas — disse Kara e, por sua vez, rolou e examinou o coração. — E outras letras?

Safia juntou—se—lhe. Demoraram algum tempo a orientar—se e a encontrar as duas câmaras restantes. Passou o dedo pela maior, o ventrículo esquerdo. Era suave e liso.

— Nada — disse Kara, surpreendida e desconcertada. — Talvez se tenha desgastado.

Safia verificou mais minuciosamente, cobrindo—o com um pouco de álcool isopropílico para limpar a superfície.

— Não vejo cortes ou traços. É demasiado suave.

— Então e o átrio esquerdo? — indagou Clay.

Ela assentiu, voltando o coração. Rapidamente vislumbrou uma fina linha curva na face do átrio.

— É a letra R — sussurrou Kara, soando ligeiramente atemorizada. Deixou —se cair numa cadeira. — Não pode ser.

Clay franziu as sobrancelhas.

— Não compreendo. As letras B, WA ou U e R. O que é que formam?

— Essas três letras deviam ser do seu conhecimento, senhor Bishop — disse Safia. — Talvez não por essa ordem. — Ela pegou num lápis e traçou—as pela ordem em que deviam ser soletradas.

Clay enrugou a fronte.

— A escrita sul—arábica é lida como o hebraico ou o árabe, da direita para a esquerda, ao contrário do inglês. WABR... UBR. Mas as vogais estão excluídas entre as consoantes. — Os olhos do jovem arregalaram—se. — U—B—A—R.

A maldita cidade perdida da Arábia, a Atlântida das areias.

Kara abanou a cabeça.

— Primeiro, um fragmento de meteorito que se supõe ter guardado Ubar, explode... e agora encontramos o seu nome escrito num coração de bronze.

— Se for bronze — disse Safia, ainda debruçada sobre o coração.

Kara foi despertada do seu choque.

— O que queres dizer?

Safia levantou o coração nas mãos.

— Quando removi o coração da estátua, parecia excessivamente pesado, especialmente sendo oco e preenchido de líquido no centro. Vês onde limpei o ventrículo esquerdo com o álcool? A base metálica é demasiado avermelhada.

Kara estacou, a compreensão despontando no seu olhar.

— Tu achas que é ferro. Tal como o fragmento de meteorito. Safia anuiu.

— Possivelmente até o mesmo ferro meteórico. Terei de o testar, mas seja como for não faz sentido. Na altura em que esta escultura foi cinzelada, os povos da Arábia não sabiam fundir e trabalhar o ferro com esta qualidade, especialmente uma obra de arte como esta. Há aqui tantos mistérios, que nem sei por onde começar.

— Tens razão — retorquiu Kara com intensidade — e nesse caso aquele insípido entreposto comercial desenterrado no deserto em 1992 está longe de constituir toda a história. Ainda há algo por descobrir. — Ela apontou para o artefacto. — Como o verdadeiro coração de Ubar.

— Mas o que fazemos agora? Qual o próximo passo? Não estamos mais próximos de saber alguma coisa sobre Ubar.

Clay examinava o coração.

— É um pouco estranho que o ventrículo esquerdo não tenha letras.

— Ubar escreve—se apenas com três letras — explicou Safia.

— Então, porquê usar um coração com quatro câmaras e gravar as letras na direcção do fluxo do sangue?

Safia rodou sobre si mesma.

— Explique—se.

— O sangue entra no coração vindo das diferentes partes do corpo pela veia cava, para o átrio direito. A letra U. — Aplicou um dedo sobre o grande vaso truncado que conduzia à câmara superior direita e continuou a sua lição de anatomia, descrevendo o caminho. — Depois passa pela válvula auriculoventricular para o ventrículo direito. A letra B. Daí, o sangue parte para os pulmões através da artéria pulmonar, depois retorna enriquecido de oxigénio

através da veia pulmonar para o átrio esquerdo. A letra R. Formando «Ubar». Mas porque pára aí?

— Porquê de facto? — murmurou Safia, a testa franzida.

Ponderou sobre o mistério. O nome de Ubar era soletrado segundo o percurso do sangue. Parecia implicar uma direcção, um fluxo no sentido de alguma coisa. Um vislumbre de uma ideia formou—se.

— Para onde vai o sangue quando deixa o coração? Clay apontou para um grosso vaso curvo bem no topo.

— Através da aorta para o cérebro e o resto do corpo.

Safia rolou o pesado coração, seguiu a aorta até onde esta terminava e espreitou para o interior do tronco. Um bujão de arenito estava encravado lá dentro. Ela não se dera ao trabalho de o retirar, demasiado concentrada na superfície das câmaras.

— Em que estás a pensar? — perguntou Kara.

— É como se a escrita apontasse para algum lugar. — Devolveu o coração à mesa e começou a remover o arenito da extremidade da aorta. Esboroou—se facilmente. Ficou perplexa com o que encontrou atrás da areia.

— O que é? — perguntou Clay, observando por cima do seu ombro.

— Algo de mais prezado do que o próprio sangue pelos antigos povos da Arábia. — Usou um picão para esquadrinhar uns poucos fragmentos cristalinos de resina seca sobre a mesa. Ela conseguia sentir o doce aroma libertado pelos cristais, preservado ao longo de séculos. Era um aroma de um tempo anterior a Cristo.

— Incenso — proferiu Kara, um temor de respeito na voz. — O que significa?

— É uma marca de sinalização — respondeu Safia. — Assim como o sangue flui, assim fluem as riquezas de Ubar. — Ela voltou—se para a amiga. — A pista deve apontar na direcção de Ubar, para o próximo passo no caminho para a sua porta de entrada.

— Mas para onde aponta? — inquiriu Kara. Safia abanou a cabeça.

— Não sei bem, mas a cidade de Salalah fica no início da famosa Rota do Incenso. — Ela empurrou os fragmentos de incenso cristalino. — E o túmulo de Nabi Imran fica nessa cidade.

Kara endireitou—se.

— Então é aí que temos de começar a nossa busca.

— Busca?

— Temos de organizar uma expedição imediatamente. — Kara falou com

vivacidade, os olhos imensos. Mas não eram as anfetaminas a inflamar o seu entusiasmo. Era a esperança. — Dentro de uma semana, não mais. Os meus contactos em Oman tratarão de todos os preparativos necessários. E precisaremos dos melhores profissionais. Tu, é claro, e quem quer que julgues adequado.

— Eu? — questionou Safia, o coração acelerado. — Eu... eu não... não faço trabalho de campo há anos.

— Tu vais — disse Kara, com firmeza. — Já é tempo de parares de te esconder dentro destas paredes poeirentas. Volta para o mundo lá fora.

— Eu posso coordenar os dados a partir daqui. Não sou necessária no terreno. Kara fitou—a, parecendo ceder como fizera no passado. Então, a sua voz baixou para um murmúrio rouco.

— Saff, eu preciso de ti. Se existe verdadeiramente alguma coisa ali... uma resposta... —Abanou a cabeça, perto das lágrimas. — Preciso de te ter comigo. Não posso fazê—lo sozinha.

Safia engoliu em seco, lutando consigo própria. Como podia recusar à amiga? Contemplou o receio e a esperança nos olhos de Kara. Mas na sua cabeça, velhos gritos ainda ecoavam. Ela não conseguia silenciá—los. O sangue de crianças ainda manchava as suas mãos.

— Eu... eu não posso...

Algo devia ter irrompido no rosto de Safia, porque Kara abanou finalmente a cabeça.

— Eu compreendo. — Mas pelo seu tom polido, não compreendia. Ninguém compreendia.

Kara continuou:

— Mas tinhas razão numa coisa. Vamos precisar de um arqueólogo de campo experiente. E não sendo tu, conheço a pessoa perfeita.

Safia percebeu a quem ela se referia. Oh, não... Kara pareceu sentir a perturbação.

— Tu sabes que ele é quem tem maior experiência de campo na região. — Remexeu na sua mala e tirou para fora o telemóvel. — Se quisermos ter êxito, precisamos de Indiana Jones.

IV - ÁGUAS REVOLTAS

15 de Novembro, 07h02
Rio Yangtze, China

— Eu não sou o Indiana Jones! — vociferou ele para o microfone do telefone de satélite, para ser ouvido por cima do motor do barco. — O nome é Omaha... Doutor Omaha Dunn! Você sabe disso, Kara! Um sopro exasperado respondeu—lhe.

— Omaha? Indiana? Que raio de diferença é que isso faz? Os vossos nomes americanos soam todos ao mesmo.

Ele dobrou—se sobre o volante, descendo velozmente a sinuosa garganta do rio. Penhascos flanqueavam ambas as margens do turvo Yangtze, enquanto este se torcia e retorcia por uma zona adequadamente conhecida por Estreitos. Dentro de poucos anos, a Barragem das Três Gargantas inundaria toda aquela região para a tranquila profundidade de sessenta metros, mas naquele momento rochas submersas e rápidos perversos mantinham—se um perigo constante, à medida que o rio feroz se estrangulava pelo estreitamento.

Mas rochas e rápidos não constituíam o único perigo.

Uma bala silvou ao largo do casco do barco. Um tiro de aviso. Os perseguidores encurtaram rapidamente a distância em duas lanchas pretas Scimitar 170. Barcos verdadeiramente velozes.

— O que quer, Kara? — O barco embateu na ondulação e voou pelo ar por um instante. Ele ergueu—se do assento, agarrando o volante mais firmemente com uma das mãos.

Um uivo de surpresa soou atrás dele. Omaha gritou por cima do ombro.

— Segura—te.

O barco atingiu a água com um solavanco.

Seguiu—se um resmungar.

— Agora é que me dizes.

Um breve olhar à retaguarda confirmou que o irmão mais novo, Danny, estava bem. Estava estendido na popa, a cabeça enfiada num armário de provisões por baixo do banco traseiro. Para lá da popa, as duas lanchas pretas continuavam a sua perseguição.

Omaha abafou o receptor do telefone com a mão.

— Tira a espingarda.

O irmão desabou da arca, arrastando para fora a arma. Empurrou os seus óculos para cima com as costas do pulso.

— Já a tenho!

— E os cartuchos?

— Ah, pois. — Danny voltou a mergulhar na arca.

Omaha abanou a cabeça. O seu irmão era um reconhecido paleontólogo, que obtivera o doutoramento aos vinte e quatro anos, mas que frequentemente se revelava desmiolado. Omaha pegou no telefone.

— De que se trata, Kara?

— Mas o que é que se passa? — inquiriu ela, em vez disso.

— Nada, estamos simplesmente no meio de uma situação. Porque ligou? — Seguiu—se uma longa pausa. Ele não sabia se devida ao desfasamento na comunicação por satélite entre Londres e a China ou meramente ao silêncio pensativo da parte de Kara. Fosse como fosse, deu—lhe demasiado tempo para pensar. Ele não via Lady Kensington há quatro anos. Desde que rompera o seu compromisso com Safia al—Maaz. Sabia que não se tratava de uma chamada casual. Kara parecera séria e polida, inflamando nele preocupação por Safia. Não podia pôr fim à chamada antes de saber que ela estava bem.

Kara falou:

— Estou a organizar uma expedição a Oman. Gostava que liderasse a equipa de campo. Está interessado?

Quase a deixou de novo em espera. Era um estúpido telefonema de negócios.

— Não, obrigado.

— É importante... — Ele percebeu a tensão na voz dela. Resmungou:

— Qual é o plano de tempo?

— Reunimo—nos em Muscat dentro de uma semana. Não lhe posso dar os pormenores por telefone, mas trata—se de uma descoberta significativa, que pode reescrever a história de toda a Península Arábica.

Antes que pudesse responder, Danny empurrou—se contra ele.

— Carreguei ambos os tambores. — Estendeu a arma a Omaha. — Mas não sei como os vais afastar apenas com tiros de sal.

— Não vou. Tu vais. — Ele apontou para o telefone atrás de si. — Faz pontaria aos cascos. Matraca—os o suficiente para me fazer ganhar algum tempo. Eu tenho as mãos ocupadas.

Danny anuiu, dando meia volta.

Voltou a pegar no telefone e ouviu Kara a meio de uma frase.

— ...passa? Que história é essa de tiros?

— Tenha calma. Estou só a afugentar umas ratazanas de rio... A detonação da espingarda interrompeu—o.

— Falhei — praguejou Danny atrás de si. Kara falou:

— E a expedição?

Danny engatou o cartucho seguinte.

— Disparo de novo?

— Sim, com mil raios!

— Óptimo — disse Kara, interpretando erradamente a erupção. — Vemo—nos em Muscat dentro de uma semana. Você conhece o lugar.

— Espere! Eu não...

Mas a comunicação já fora cortada. Largou o auscultador. Kara sabia perfeitamente que ele não concordara com a expedição. Como de costume, ela aproveitara—se da situação.

— Atingi um dos condutores das lanchas no rosto! — bradou Danny, a sua voz surpreendida. — Está a dirigir—se para a costa. Mas cuidado! O outro está a atacar a estibordo!

Omaha relanceou à direita. A lustrosa Scimitar preta ganhava velocidade a seu lado. Quatro homens de uniforme cinzento coçado, ex—soldados, mantinham—se baixos. Um megafone foi erguido. Foi cuspido mandarim em tons de comando significando basicamente: «Parem... ou morrem!» Para acentuar a exigência, um lançador de rocket surgiu e foi apontado ao barco.

— Não me parece que disparar—lhes sal vá ajudar, desta vez — disse Danny, deixando—se cair no outro banco.

Não tendo outra escolha, Omaha rodou o carburador e abrandou o barco. Agitou um braço em sinal de rendição.

Danny abriu o porta—luvas. Lá dentro, estava um trio perfeitamente preservado de ovos de tiranossauro fossilizados, que valiam o seu peso em ouro. Descobertos no deserto de Gobi, tinham sido destinados a um museu em Pequim. Infelizmente, tal tesouro não deixava de ter os seus admiradores. Muitos coleccionadores compravam e vendiam tais artigos no mercado negro — por somas principescas.

— Espera — sussurrou Omaha ao irmão. Danny fechou o porta—luvas.

— Por favor, não faças o que eu penso que vais fazer...

— Ninguém tira nada de mim. Eu sou o único salteador de túmulos por estas partes.

Destapou o interruptor que protegia a alimentação nitro aos jactos de propulsão incorporados no motor Hamilton 212 turbo. Ele recuperara o barco de um vendedor da Nova Zelândia. Este transportara velozmente turistas pelo Black Rock River, às portas de Auckland.

Observou a próxima curva do rio sinuoso.

Vinte e tal metros. Com um pouco de sorte...

Premiu o botão. O nitrogénio fluiu para o motor, accionando os jactos de

propulsão. Chispas de chama brotaram dos escapes duplos, acompanhadas pelo silvo gutural dos jactos. A proa do barco disparou para cima; a popa afundou—se.

Brados irromperam da outra embarcação. Apanhados desprevenidos, foram demasiado lentos a carregar o lançador de rockets.

Omaha acelerou ao máximo. O barco cruzou vertiginosamente a água, um torpedo de alumínio e crómio.

Danny lutava por apertar o cinto do seu assento.

— Meu Deus...!

Omaha mantinha simplesmente a postura à frente do volante, os joelhos meio dobrados. Tinha de sentir o equilíbrio do barco debaixo dos seus pés. Alcançaram o recorte no rio. Arriscou um breve olhar por cima do ombro.

O outro barco acelerava na sua direcção, esforçando—se por se manter no seu encalço. Mas os perseguidores tinham uma clara vantagem. Um clarão de luz marcou o lançamento do foguete, um RPG chinês de Tipo 69 ilegal, com um raio letal de vinte metros. Não precisavam de estar perto.

Omaha puxou violentamente o volante para a direita, empinando perigosamente o barco a bombordo. Deslizaram sobre a água, contornando o ângulo.

O foguete disparou por eles, falhando por pouco a popa.

Libertando a tensão, Omaha endireitou o barco e fê—lo voar pelo centro do rio. A explosão esventrou a face do penhasco oposto. Blocos e pedras derramaram—se por entre uma nuvem de fumo e pó.

Imprimiu maior velocidade aos jactos, agora mal tocando a água. O barco guiado como se fosse sobre o gelo.

Atrás dele, o outro barco surgiu da curva enevoada de fumo, em veloz perseguição. Estavam a carregar outro foguete no lançador.

Não lhes podia dar outra oportunidade de disparar sobre ele sem oferecer resistência. Felizmente, os Estreitos encontravam—se numa disposição cooperativa. As curvas e contracurvas apertadas mantinham—no fora de vista por um intervalo considerável, mas também forçavam Omaha a cortar a alimentação nitro e a abrandar o barco.

— Conseguimos deixá—los para trás? — perguntou Danny.

— Não temos outra escolha.

— Porque não entregar os ovos? Não valem as nossas vidas.

Omaha abanou a cabeça face à ingenuidade do irmão. Era difícil acreditar que vinham do mesmo sangue. Tinham o mesmo metro e oitenta e poucos, o

mesmo cabelo louro—arruivado, mas Danny parecia ter sido montado de arame e osso. Omaha era mais largo e de linhas mais rudes, endurecido pelo mundo, a pele tisnada pelo sol de seis dos sete continentes. E os dez anos que separavam o irmão mais novo do mais velho tinham marcado a face deste com estrias, como os anéis de uma árvore: rugas do sol no canto dos olhos, sulcos profundos na fronte de franzir demasiado e não sorrir o suficiente.

O irmão continuava sem marcas, liso, uma ardósia em branco à espera de ser escrita. Ele terminara o doutoramento apenas no ano anterior, passando celeremente pela Universidade da Columbia como numa corrida de atletismo. Omaha suspeitava que a pressa de Danny pelos estudos fora motivada pelo desejo de se juntar ao irmão mais velho no mundo lá fora.

Bem, ali estava: dias compridos, poucos banhos, tendas infectas, a sujidade e o suor impregnados em cada greta. E para quê? Para que uns bandidos arrebatassem o seu achado?

— Se lhes déssemos os ovos...

— Eles matavam—nos na mesma — concluiu Omaha, torcendo o barco por outra curva apertada do rio. — Estes tipos não deixam vestígios.

Danny sondou para lá da popa.

— Então fugimos.

— O mais rápido que pudermos.

O queixume do motor da Scimitar cresceu de volume, enquanto a lancha abandonava a curva atrás deles. Estavam a encurtar a distância. Precisava de mais velocidade, desejando uma pequena extensão de água livre, suficientemente longa para poder abrir ao máximo a alimentação nitro e ganhar de novo distância, mas não demasiado longa para que os perseguidores pudessem tentar outro tiro certeiro. Gladiou com o barco para a frente e para trás por um estreito ziguezague. A preocupação fê—lo deixar escapar uma rocha escondida. A embarcação embateu nela, deteve—se um instante, depois com um chiar do alumínio libertou—se de novo.

— Isso não pode ter sido bom — comentou Danny.

De facto, não. O olhar de Omaha carregou—se ainda mais. Debaixo dos pés, sentia um frémito persistente no barco. Mesmo sobre água plana. Algo se rompera. De novo, o queixume do motor da Scimitar mais sonoro. A medida que Omaha contornava uma nova curva, lançou um breve olhar aos perseguidores. Sessenta metros atrás. Olhou de novo em frente e ouviu Danny resmungar. O rio adiante borbulhava e espumava de águas revoltas. Aquela secção do rio comprimia—se entre paredes íngremes. Uma longa faixa de rio — demasiado

longa, demasiado direita.

Se houvesse um lugar para acostar o barco e tentar a sorte em terra, tê—lo—ia feito. Mas não tinham escolha. Continuou a descer a garganta, estudando as correntes e atento às rochas. Traçou um mapa na sua mente.

— Danny, não vais gostar disto.

— Do quê?

A um quarto do curso de descida dos rápidos, fez girar a embarcação para um redemoinho, contornando—o num círculo apertado, apontando a proa a montante.

— O que estás a fazer?

— O barco está a meter água — disse Omaha. — Não há maneira de os conseguirmos afastar. Vamos ter de os defrontar.

Danny acotovelou a espingarda.

— Tiros de sal contra um lançador de rockets?

— Tudo o que necessitamos é do elemento de surpresa. Isso e do momento certo.

Dando mais gás ao carburador, voltou à corrente, agora no sentido ascendente. Seguia o mapa traçado na mente: contornar aquela descida, em volta daquele turbilhão, à distância daquela rocha que dividia a corrente, seguir pelo lado mais calmo. Apontou a uma onda refractária em ascensão, enquanto esta se arqueava sobre um pedregulho, arredondado pelo constante batimento da água.

O queixume da lancha cresceu à medida que se aproximava.

— Aqui vêm eles... — Danny empurrou os óculos para cima.

Sobre a crista da onda, Omaha avistou a proa da Scimitar a sair da curva. Moveu o polegar e retirou a tampa do botão de alimentação nitro. Rodou o manipulo para o máximo. Era tudo ou nada.

A Scimitar contornou a curva e avistou—os. Devia parecer—lhes que estavam descontrolados, voltados no sentido inverso por algum turbilhão ou redemoinho perverso.

O outro barco abrandou, mas a aceleração adquirida e a corrente levaram a Scimitar para os rápidos. Os perseguidores encontravam—se agora a apenas dez metros. Demasiado próximo para usar o lançador de foguetes. Os estilhaços da explosão colocariam em risco a sua embarcação e as suas vidas.

Era um impasse momentâneo.

Ou assim parecia.

— Agarra—te bem! — avisou Omaha, enquanto pressionava o injector de nitro. Foi como se alguém tivesse deflagrado uma caixa de TNT por baixo da

popa.

A embarcação disparou para diante, penetrando violentamente na onda ascendente e embatendo no pedregulho submerso. A proa subiu a rocha chata, fazendo descer a popa. Os duplos jactos de propulsão impeliram violentamente a estrutura para cima. Voaram sobre a onda, pelo ar, cuspindo fogo.

Danny soltou um bramido — mas também Omaha o fez.

O barco voou sobre a Scimitar, mas não tencionava verdadeiramente escapar pelo ar. A alimentação nitro foi cortada, as chamas extinguiram—se e o barco esmagou—se sobre a Scimitar de fibra de vidro.

O solavanco deitou Omaha por terra. A água galgou as bordas do barco, submergindo—o. Depois o barco voltou à superfície.

— Danny!

— Eu estou bem. — Ainda estava preso ao assento, parecendo aturdido.

Rastejando para diante, Omaha inspeccionou para lá da amurada.

A Scimitar estava destruída em pedaços que flutuavam em diferentes direcções. Um corpo, voltado para baixo, avistava—se por entre os detritos. O sangue corria pelas águas lamacentas, formando o seu próprio curso. O cheiro de combustível turvava o ar. Mas pelo menos a corrente arrastava—os em segurança para longe dos destroços, no caso de explodirem.

Omaha vislumbrou dois homens agarrados a restos do naufrágio, dirigindo—se para os rápidos enfurecidos com os seus flutuadores provisórios. Pareciam ter perdido o interesse nos ovos de dinossauro.

Reinstalando—se no seu assento, verificou o motor. Este tossiu e morreu. Nenhuma esperança quanto a isso. A estrutura de alumínio estava deformada, a quilha abalroada, mas pelo menos conseguiam navegar. Soltou os remos. Danny desapertou o cinto e aceitou um dos remos.

— E agora?

— Ligamos a alguém, antes que o outro barco venha investigar.

— Vais ligar a quem?

00h05, GMT

Safia estava a envolver cuidadosamente o coração de ferro num pedaço de papel não ácido, quando o telefone pousado no banco começou a tocar. Era o telemóvel de Kara. Ela deixara—o sobre o banco, quando se dirigira de novo aos lavabos. Para se refrescar, dissera a Safia e a Clay. Mas Safia conhecia a verdadeira razão. Mais comprimidos.

O telefone continuava a tocar.

— Quer que atenda? — perguntou Clay, arrumando o tripé da câmara. Safia suspirou e pegou no telefone. Podia ser importante.

— Estou? — disse quando o abriu. Seguiu—se uma longa pausa.

— Estou? — disse ela de novo. — Posso ajudá—lo? Uma voz clareou, soando muito distante.

— Safia? — Foi proferido numa voz suave e desorientada. Uma voz que ela conhecia demasiado bem.

O sangue esvaiu—se—lhe.

— Omaha?

— Eu... eu estava a tentar falar com Kara. Não sabia que também estavas aí. Ela procurou libertar a língua do choque. As suas palavras saíram rígidas.

— Kara está... indisposta. Se esperar um momento, eu vou...

— Espera! Safia...

Ela imobilizou—se a meio, segurando o telefone como se tivesse esquecido como usá—lo.

Com o aparelho afastado do ouvido, a voz de Omaha soava metálica.

— Eu... talvez... — Ele lutava por encontrar as palavras, resolvendo—se finalmente por uma questão neutra. — Se estás aí com ela, então deves saber o que se passa. Para que tipo de expedição estou a ser contratado?

Safia voltou a colar o telefone à orelha. Ela podia lidar com uma conversa profissional.

— É uma longa história, mas descobrimos uma coisa. Uma coisa extraordinária, que aponta para uma nova hipótese em relação a Ubar.

— Ubar?

— Exactamente.

Seguiu—se uma outra pausa prolongada.

— Então isto é sobre o pai de Kara.

— Sim. E desta vez, Kara pode estar na pista de algo significativo.

— Vais juntar—te à expedição? — Foi uma questão colocada desajeitadamente.

— Não, serei mais útil aqui.

— Disparate! — As palavras seguintes irrompidas sonoramente. Ela teve de afastar de novo o telefone. — Tu sabes mais sobre Ubar e a sua história do que qualquer outra pessoa à face da Terra. Tens de vir! Senão por Kara, por ti mesma!

Uma voz falou subitamente sobre o seu ombro, tendo escutado as palavras

metálicas de Omaha.

— Ele tem razão — disse Kara, andando em volta. — Se quisermos resolver este mistério e qualquer outro que se nos depare, precisamos de te ter no terreno.

Safia olhava fixamente entre o telefone e a amiga, sentindo—se encurralada. Kara aproximou—se e tirou—lhe o telefone.

— Omaha, ela vai.

Safia abriu a boca para protestar.

— Isto é demasiado importante — disse Kara, interrompendo—a, falando ao mesmo tempo para Omaha e para Safia. Os seus olhos brilhavam vítreos com a onda de adrenalina induzida pela droga. — Não vou aceitar um não... de nenhum de vocês.

— Eu alinho — disse Omaha, as suas palavras eram um sussurro metálico. — Por acaso, precisava de uma pequena ajuda para sair daqui.

Kara levou o telefone ao ouvido, tornando a conversa privada. Ouviu durante algum tempo, depois assentiu enquanto falava.

— Alguma vez não se encontra em sarilhos, Indiana? Já tenho as suas coordenadas de localização. Um helicóptero irá recolhê—lo dentro de uma hora. — Fechou a tampa do telefone. — Estás de facto melhor sem ele.

— Kara...

— Tu vais. Daqui a uma semana. Deves—me isso. — E partiu tempestuosamente.

Depois de um momento de embaraço, Clay falou.

— Eu não me importava de ir.

Ela carregou o olhar. O estudante não sabia nada sobre o mundo real E talvez isso fosse uma coisa boa. Ela sentia que começara algo que era preferível ficar esquecido para sempre.

V - ACTO DE ALTA TENSÃO

15 de Novembro, 02h12, GMT
Londres, Inglaterra

Horas depois de Kara ter partido tempestuosamente, Safia estava sentada no seu gabinete obscuro. A única luz vinha de um candeeiro com um quebra—luz verde—lima sobre a sua secretária de nogueira, iluminando um mar de papéis e artigos manchados de dedadas. Como podia Kara esperar que ela estivesse preparada para partir para Oman, dentro de uma semana? Especialmente, depois

da explosão ali. Ainda havia muito a tratar.

Ela não podia ir. Era tão simples quanto isso. Kara teria de compreender. E se não compreendesse, não seria preocupação de Safia. Ela tinha de fazer o que era certo para ela. Ela ouvira—o vezes suficientes da sua terapeuta. Levara—lhe quatro anos a reunir algo parecido com normalidade na sua vida, a achar segurança no seus dias, a dormir sem pesadelos. Ali era a sua casa e não ia renunciar a isso por uma busca insensata pelas terras perdidas de Oman.

E depois havia a espinhosa questão de Omaha Dunn...

Safia mastigou a ponta de borracha do seu lápis. Era a sua única refeição nas últimas doze horas. Sabia que devia sair dali, comer um lanche tardio no bar da esquina e depois procurar recuperar algumas horas de sono. Além disso, Billie fora gravemente negligenciado durante o dia anterior e necessitaria de atenção e de um naco de atum para mitigar os seus sentimentos feridos.

Contudo, Safia não conseguia mover—se.

Repassava continuamente a conversa com Omaha. Uma dor antiga pulsava—lhe no fundo do estômago. Se ao menos não tivesse atendido o telefone...

Ela conhecera Omaha dez anos antes, em Sojar, quando tinha vinte e dois anos, acabada de sair de Oxford, e fazia pesquisa para uma dissertação sobre as influências párticas no Sul da Arábia. Ele estava encalhado na mesma cidade, à espera de autorização do governo omani para se deslocar a uma região remota de um território vedado a estrangeiros.

— Fala inglês? — foram as primeiras palavras que dirigiu a Safia. Ela trabalhava atrás de uma mesinha no terraço—sala de refeições de uma pequena hospedaria, com vista para o Mar da Arábia. Era o lugar favorito de muitos estudantes a fazer pesquisa na região, sendo muito barato e servindo o único café decente das redondezas.

Irritada com a interrupção, ela fora brusca.

— Enquanto cidadã britânica, devo falar melhor inglês do que o senhor. Erguendo o olhar, descobrira um jovem, de cabelo louro—arruivado, olhos azul—violáceos, um escuro vestígio de barba, vestindo umas calças de caqui coçadas, um tradicional lenço de cabeça omani e um sorriso embaraçado.

— Peço desculpa — disse ele. — Mas reparei que tinha um exemplar da Arabian Archaeology and Epigraphy 5. Será que eu poderia dar uma vista de olhos a uma secção?

Ela pegou no livro.

— Qual secção?

— «Oman e os Emiratos no Mapa de Ptolemeu». Vou viajar até às regiões

limítrofes.

— A sério? Pensei que essa área estivesse vedada a estrangeiros. De novo, aquele sorriso, só que adquirira um toque travesso.

— Apanhou—me. Eu devia ter dito que esperava viajar até às regiões limítrofes. Estou a aguardar uma resposta do consulado.

Ela recostara—se e olhara—o de cima abaixo. Mudou para a língua árabe.

— O que planeia fazer aí?

Ele compreendeu perfeitamente, respondendo ele próprio em árabe.

— Ajudar a resolver a disputa de fronteiras, provando a existência das antigas rotas tribais das tribos locais Daru, confirmando um precedente histórico.

Ela prosseguiu em árabe, testando o seu conhecimento da geografia da região.

— Terá de ter cuidado em Umm al—Samim.

— Sim, as areias movediças — disse ele com um aceno. — Eu li sobre essa faixa traiçoeira. — Os seus olhos dardejavam de impaciência.

Safia cedeu e passou—lhe o exemplar da revista.

— É a única cópia do Institute of Arabian Studies. Vou pedir—lhe que a consulte aqui.

— Do IAS? — Ele dera um passo em frente. — Essa é uma fundação sem fins lucrativos da Kensington, não é?

— Sim. Porquê?

— Tenho tentado contactar alguém com autoridade nesse instituto. Para olear algumas engrenagens junto do governo omani. Mas ninguém respondeu aos meus telefonemas ou cartas. Aquele lugar é um osso duro de roer, como a sua financiadora, Lady Kara Kensington. Aí está alguém implacável como tudo.

— Hum — pronunciou ela, sem se comprometer.

Feitas as apresentações, ele perguntara se podia partilhar da mesa dela para ler o artigo. Ela empurrara uma cadeira na sua direcção.

— Ouvi dizer que o café aqui é bastante bom — disse ele, enquanto se sentava.

— O chá ainda é melhor — contrapôs ela. — Mas, enfim, eu sou britânica.

Continuaram em silêncio durante um longo bocado, lendo os respectivos artigos, cada qual observando ocasionalmente o outro, bebericando as suas bebidas. Finalmente, Safia notou a porta do terraço a abrir atrás do seu convidado. Acenou.

Ele voltou—se face à aproximação do recém—chegado e os seus olhos arregalaram—se de espanto.

— Doutor Dunn — disse Safia —, permita—me que lhe apresente Lady Kara Kensington. Ficará certamente feliz por saber que ela também fala inglês.

Ela sentira prazer em ver a cor subir—lhe às faces, apanhado sem guarda, desprotegido. Suspeitou que tal não acontecesse muitas vezes ao jovem. Os três passaram o resto da tarde a conversar, debatendo acontecimentos actuais na Arábia e na pátria, discutindo sobre a nistória arábica. Kara partiu antes de o Sol se pôr, para um jantar de negócios vespertino com os representantes da câmara de comércio local, mas não antes de prometer ajudar o doutor Dunn na sua expedição.

— Parece—me que lhe devo no mínimo um jantar — afirmara ele depois.

— E a mim parece—me que devo aceitar.

Nessa noite, partilharam de um vagaroso jantar de kingfish cozinhado no fogo, acompanhado de pão rukhal aromatizado. Conversaram até o Sol mergulhar no oceano e os céus se encherem de estrelas.

Foi o seu primeiro encontro. O segundo encontro só aconteceria seis meses mais tarde, depois de Omaha ser finalmente libertado de uma prisão iemenita por ter entrado no recinto de uma mesquita sagrada sem permissão. Apesar do impedimento penal, continuaram a ver—se de quando em quando, em quatro dos sete continentes. Numa véspera de Natal, na sua casa de família em Lincoln, no Nebraska, ele pusera—se de joelhos junto do sofá e pedira—lhe que casasse com ele. Ela nunca se sentira mais feliz.

Depois, um mês mais tarde, tudo mudou num ofuscante relâmpago.

Afastou—se dessa última memória, levantando—se finalmente da secretária para desanuviar o espírito. Estava demasiado abafado no gabinete. Precisava de andar, de se manter em movimento. Seria bom sentir a brisa no rosto, mesmo o frio húmido do Inverno londrino. Pegou no casaco e fechou o gabinete à chave.

O gabinete de Safia situava—se no segundo piso. As escadas para o primeiro piso ficavam no outro extremo da ala, próximo da Galeria Kensington, o que significava que teria de passar pelo local da explosão. Não era algo que ela quisesse fazer. Mas não tinha escolha.

Partiu ao longo do átrio obscuro, iluminado pela ocasional lâmpada de segurança avermelhada. Habitualmente, gostava do museu vazio. Era um momento tranquilo, após a azáfama diária. Muitas vezes vagueava pelas galerias vedadas, contemplando vitrinas e expositores, confortada pelo peso da história.

Mas agora não. Não naquela noite.

Ventoinhas rotativas tinham sido instaladas como torres de vigia sobre postes esguios, ao longo de toda a ala norte, zumbindo e ressoando ruidosamente,

tentando e falhando em dispersar o cheiro fétido da madeira carbonizada e plástico queimado. Aquecedores de ambiente pontilhavam o chão, serpen—teantes filetes laranja, dispostos para secar as paredes e galerias, depois de as bombas terem drenado a maior parte da água carregada de fuligem. Tornavam a ala sufocante, como o calor húmido dos trópicos. A fila de ventoinhas apenas agitava o ar levemente.

Os seus saltos martelavam o chão de mármore enquanto passava pelas galerias que exibiam as colecções etnográficas do museu: céltica, russa, chinesa. Os danos provocados pela explosão agravavam—se à medida que se aproximava da sua própria galeria: paredes manchadas pelo fumo, tiras de fita colocadas pela polícia, pilhas de estuque varrido, de vidro partido.

Quando passava pela abertura para a exposição egípcia, ouviu um som abafado atrás de si, como o partir de um vidro. Estacou e relanceou sobre o ombro. Por um momento, pensou avistar um tremular de luz vindo da galeria bizantina. Olhou atentamente durante um bom bocado. A abertura mantinha—se obscura.

Lutou contra um pânico crescente. Desde que os ataques tinham começado, ela tinha dificuldade em distinguir o perigo real do perigo ilusório. O coração batia violentamente na sua garganta e os pêlos dos braços vibraram quando uma ventoinha ali perto soprou na sua direcção, zumbindo com pieira.

Apenas os faróis de um carro a passar, assegurou—se.

Engolindo a ansiedade, voltou—se para descobrir um vulto no átrio à porta da Galeria Kensington.

Vacilou para trás.

— Safia? — A figura ergueu uma lanterna de mão e acendeu—a, cegando—a com a sua claridade. — Doutora al—Maaz.

Ela suspirou de alívio e apressou—se para diante, protegendo os olhos.

— Ryan... — Era o chefe da segurança, Ryan Fleming. — Pensei que tinha ido para casa.

Ele sorriu e apagou a lanterna.

— Ia a caminho de casa, quando fui chamado pelo director Tyson. Parece que um par de cientistas americanos insistiu em examinar o local da explosão. — Ele acompanhou—a pela abertura para a galeria.

Lá dentro, duas figuras envergando o mesmo fato—de—macaco azul moviam—se através da galeria escura. A única iluminação vinha de dois candeeiros de pé em cada sala, que irradiavam fracas manchas de luz. Na obscuridade, os instrumentos dos investigadores brilhavam vivamente. Pareciam

ser contadores Geiger. Numa das mãos, cada um deles segurava uma unidade básica compacta incorporando um ecrã de computador ligado. Na outra, empunhavam varas pretas de um metro de comprimento, ligadas por um fio espiralado à unidade básica. Percorriam lentamente, em fila, uma das salas da galeria, varrendo os instrumentos pelas paredes chamuscadas e pilhas de detritos.

— Físicos do MIT — disse Fleming. — Chegaram esta noite e vieram directamente do aeroporto. Devem ter alguma influência. Tyson insistiu para que eu tratasse do seu alojamento. «Com a Máxima Urgência» para citar o nosso estimado director. É melhor apresentá—la.

Ainda tensa, Safia tentou retirar—se.

— Eu tenho mesmo de ir.

Fleming já entrara na galeria. Um dos investigadores, um homem alto de tez avermelhada, notou a sua presença e depois a dela.

Baixou a vara e caminhou rapidamente na sua direcção.

— Doutora al—Maaz, que feliz acaso. — Estendeu uma mão. — Esperava poder falar—lhe.

Ela aceitou a mão.

— Sou o doutor Crowe — disse ele. — Painter Crowe.

Os seus olhos, penetrantes e atentos, eram da cor do lazúli, o cabelo longo pelos ombros, de um negro ébano. Ela reparou na compleição tisnada. Nativo americano, imaginou, mas os olhos azuis confundiam—na. Talvez fosse simplesmente o nome. Crowe. Também podia facilmente ser espanhol. Tinha um sorriso generoso, embora reservado.

— Esta é a minha colega, doutora Coral Novak.

A mulher apertou a mão de Safia formalmente com um imperceptível aceno. Parecia ansiosa por voltar à sua investigação.

Os dois cientistas não podiam ser mais diferentes. Comparada com o seu companheiro atraentemente moreno, a mulher parecia despida de pigmento, uma sombra pálida. A sua pele brilhava como neve acabada de limpar, os lábios finos, os olhos de um cinzento—gélido. O seu cabelo de um louro—branco natural estava cortado curto. Era tão alta quanto Safia, de membros esguios, mas com uma estrutura forte. Podia sentir—se no seu firme aperto de mão.

— O que procuram? — perguntou Safia, recuando um passo. Painter ergueu a vara.

— Estamos a verificar os traços de radiação.

— Radiação? — Ela não conseguiu esconder o seu choque. Ele riu, não de modo condescendente, apenas com simpatia.

— Não se preocupe. Procuramos uma assinatura específica, algo que se segue às colisões de descargas atmosféricas eléctricas.

Ela assentiu.

— Não foi minha intenção interrompê—los. Tive muito prazer em conhecê—los e se houver alguma coisa que eu possa fazer para facilitar a vossa investigação, avisem—me por favor. — Iniciou meia volta.

Painter deu um passo no seu encalço.

— Doutora al—Maaz, eu fazia mesmo tenções de a procurar. Tenho algumas questões que gostaria de discutir consigo. Talvez ao almoço?

— Lamento mas estou muito ocupada. — Os olhos dele captaram os dela. Ficou encurralada, incapaz de desviar o olhar. Leu o desapontamento na sua fronte enrugada. — Talvez se possa arranjar algum tempo. Procure—me no meu gabinete de manhã, doutor Crowe.

Ele assentiu.

— Muito bem.

Arrancou o seu olhar e foi salva de mais humilhação por Ryan Fleming.

— Eu acompanho—a — disse ele.

Ela seguiu—o até ao átrio, recusando—se a olhar para trás. Passara—se muito tempo, desde que se sentira assim tão tola, tão perturbada... com um homem. Devia ser uma repercussão do choque da inesperada conversa com Omaha.

— Vamos ter de ir pelas escadas. Os elevadores ainda estão fora de serviço. Ela mantinha—se ao lado de Fleming.

— Gente estranha, estes americanos — continuou ele, enquanto desciam os degraus até ao primeiro piso. — Sempre cheios de pressa. Tinham de vir mesmo esta noite. Insistiram em que as leituras que procuravam se podiam deteriorar. Tinha de ser agora.

Safia encolheu os ombros, quando atingiram o fundo e seguiram pelo curto corredor até à saída de serviço.

— Não me parece que isso seja tanto uma idiossincrasia dos americanos, mas dos cientistas em geral. Somos um bando ríspido e determinado.

Ele anuiu com um sorriso.

— Já reparei. — Ele usou a sua chave—mestra para abrir a porta sem que o alarme disparasse. Empurrou a porta com o ombro, saindo para a manter aberta para ela.

Os seus olhos fixaram—se nela, estranhamente tímidos.

— Será que, Safia... Talvez... se tivesse tempo...

O tiro soou tão tenuemente como o quebrar de uma casca de noz. O lado direito da cabeça de Ryan explodiu contra a porta, espargindo sangue e matéria cerebral. Pedaços de crânio fizeram ricochete na porta de metal e atingiram o corredor.

Três homens armados e embuçados forçaram caminho pela porta aberta, ainda antes do corpo de Ryan cair no chão. Empurraram Safia contra a parede distante, imobilizando—a, sufocando—a, uma mão sobre a sua boca.

Uma arma surgiu, pressionada contra a sua fronte.

— Onde está o coração?

Painter estudou a agulha vermelha no seu detector. Esta agitou—se até à faixa laranja da escala, quando passava a vara de detecção por um expositor destruído. Uma leitura significativa.

O aparelho tinha sido projectado pelos laboratórios nucleares em White Sands. Os detectores de Radiação X eram capazes de detectar radiação de baixo nível. Os seus aparelhos específicos tinham sido especialmente calibrados para detectar a assinatura de decomposição única da aniquilação de antimatéria. Quando um átomo de matéria e um átomo de antimatéria colidiam e se suprimiam, essa reacção libertava energia pura. Era esta que os seus detectores tinham sido calibrados para farejar.

— Estou a captar aqui uma leitura particularmente forte — chamou a parceira. A sua voz era objectiva, estritamente profissional.

Painter atravessou ao seu encontro. Coral Novak era nova na Sigma, recrutada da CIA há apenas três anos. Contudo, no breve espaço de tempo desde a sua contratação, ela tinha obtido uma licenciatura em física nuclear e era já cinturão negro em seis disciplinas de artes marciais. O seu QI situava—se acima da média e dispunha de um conhecimento quase enciclopédico num vasto leque de matérias.

Ele ouvira falar de Novak, evidentemente, até se encontrara com ela numa reunião distrital, mas tinham tido apenas o breve percurso de Washington a Londres para se conhecerem melhor. Nem de perto suficiente para duas pessoas reservadas formarem qualquer tipo de relação, para lá da esfera estritamente profissional. Ele não conseguia evitar a comparação com Cassandra, o que só exacerbava as suas reticências. Os traços similares entre as mulheres aguçavam a sua suspeição, enquanto que por outro lado, as poucas diferenças o faziam questionar a competência da parceira. Não fazia sentido. Ele sabia—o.

Só o tempo o diria.

Quando chegou ao seu lado, ela apontou a vara de detecção para a ruína

fundida de uma urna de bronze.

— Comandante, é melhor confirmar os meus dados. Estou a captar uma leitura que entra claramente no vermelho.

Painter confirmou—o com o seu próprio detector.

— Definitivamente intenso.

Coral dobrou—se sobre um joelho. Com umas luvas de chumbo fino, examinou a urna, rolando—a cuidadosamente. Um chocalhar soou do interior. Ela ergueu o olhar.

Ele assentiu para que investigasse. Ela enfiou a mão pela boca da urna, procurou por um momento, depois puxou para fora um fragmento de pedra do tamanho de um dedal. Rolou—o na sua palma enluvada. Um lado estava enegrecido da explosão. O outro era avermelhado, metálico. Não era pedra... ferro.

— Um fragmento do meteoro — disse Coral. Estendeu—o para que Painter o examinasse. Os aparelhos indicavam que o objecto era a fonte da forte leitura. – E repare nos dados suplementares. Para além de bosões Z e gluões contra um fundo gama, como é de esperar na aniquilação de antimatéria, esta amostra emite ténues níveis de radiação alfa e beta.

Painter franziu o olhar. Ele não tinha muitos conhecimentos de física.

Coral colocou a amostra num frasco de chumbo.

— O mesmo padrão de radiação que se encontra na decomposição de urânio.

— Urânio? Como aquele usado em centrais nucleares? Ela assentiu.

— Não purificado. Talvez alguns átomos cativos no ferro meteórico. — Ela continuou a estudar as leituras. A fronte vincou—se numa única dobra, uma resposta dramática na estóica mulher.

— O que é? — perguntou ele.

Ela continuava a dançar com o detector.

— No voo para cá, revi os resultados dos investigadores da DARPA. Houve uma coisa que me perturbou nas suas teorias de uma forma estabilizada de antimatéria contida no meteoro.

— Não acha isso possível? — Era certamente plausível. A antimatéria aniquilava—se instantânea e sistematicamente quando em contacto com alguma forma de matéria, mesmo o oxigénio contido no ar. Como podia existir ali em algum estado natural?

Ela encolheu os ombros sem erguer o olhar.

— Mesmo que eu aceitasse tal teoria, coloca—se a questão do porque é que a antimatéria deflagrou neste caso. Porque é que esta trovoada em particular a

fez explodir? Puro acaso? Ou algo mais?

— Qual é a sua opinião? Ela apontou para o detector.

— Decomposição de urânio. É como um relógio. Liberta a sua energia de um modo determinado, previsível, estendendo—se por milénios. Talvez algum limiar crítico de radiação do urânio tenha provocado a destabilização da antimatéria. E essa instabilidade tenha permitido que o choque da descarga eléctrica a fizesse deflagrar.

— Como o relógio de uma bomba.

— Um relógio nuclear. Fixado há milénios atrás. Era uma ideia perturbadora.

Contudo, a fronte de Coral mantinha—se franzida. Ela tinha uma outra preocupação.

— Que mais? — perguntou ele.

Ela apoiou—se nos calcanhares e encarou—o pela primeira vez.

— Se existir outra fonte dessa antimatéria — algum filão—mãe — pode estar a desetabilizar—se igualmente. Se o quisermos encontrar é melhor apressarmo—nos. O mesmo relógio nuclear pode estar em contagem decrescente.

Painter fitou o frasco de chumbo da amostra.

— E se não encontrarmos esse filão, não seremos capazes de descobrir essa nova fonte de energia.

— Ou pior ainda. — Coral relanceou em torno da carcaça cauterizada da galeria. — Isto poderia acontecer a uma escala bem mais vasta.

Painter deixou aquele pensamento grave penetrar no seu íntimo.

No pesado silêncio, um tumulto de passos ecoou do vão de escadas vizinho. Voltou—se. Uma voz chegou—lhes, as palavras abafadas, mas reconheceu a voz da doutora al—Maaz.

Um formigar de alerta percorreu Painter. Porque voltava a curadora?

Palavras mais fortes chegaram—lhe, um tom de comando, o locutor desconhecido.

— O seu gabinete. Leve—nos até lá.

Algo estava errado. Recordou—se do destino dos dois agentes do Defense Sciences, mortos a tiro no quarto de hotel. Voltou—se para Coral. Os olhos desta tinham—se estreitado.

— Armas? — sussurrou ele.

Eles não tinham tido tempo de arranjar armas de coldre, sempre uma dificuldade numa Inglaterra arisca às armas. Coral debruçou—se e arregaçou a bainha das calças para revelar uma faca embainhada. Ele não sabia que ela a

tinha. Tinham viajado em económica para dar crédito ao seu disfarce. Ela devia ter enfiado a arma na bagagem verificada e depois colocado a arma junto ao corpo quando usara a casa de banho em Heathrow.

Ela libertou o punhal de dezassete centímetros, titânio e aço, alemão pelo aspecto. Estendeu—lho.

— Guarde—o... — Pegou em vez disso numa espada muito gasta de uma pilha de objectos deixados por uma das equipas de recuperação.

Os passos aproximaram—se da abertura do vão das escadas. Ele não sabia se seria apenas a segurança do museu, mas não ia correr riscos.

Painter indicou o seu plano a Coral, depois extinguiu o candeeiro contíguo, mergulhando a entrada na escuridão. Tomaram posições de cada lado da abertura para a ala destruída. Painter ficou no posto mais próximo do vão, atrás de uma rima de plataformas de madeira. Podia espreitar pelas ripas, mantendo—se contudo na sombra. Do lado oposto da entrada, Coral acocorava—se atrás de um trio de plintos de mármore.

Painter mantinha uma mão erguida.

— Ao meu sinal.

Do seu esconderijo, vigiou atentamente a entrada. Não teve de esperar muito. Uma figura escura esgueirou—se rapidamente por ela e tomou posição a flanquear a abertura para o vão. Estava embuçado, com uma espingarda de assalto ao ombro.

Seguramente, não era a segurança do museu.

Mas quantos mais seriam?

Uma segunda figura surgiu, identicamente vestida e armada. Inspeccionaram o átrio. O ressoar das ventoinhas permanecia o único ruído. Entre eles, uma terceira figura embuçada surgiu à vista. Agarrava Safia al—Maaz pelo cotovelo, uma pistola impelida contra as costelas.

Lágrimas corriam pelo rosto pálido de Safia. Estremecia a cada passo, enquanto era arrastada para diante. Lutava por respirar, arquejando.

— Está... está no cofre do meu gabinete. — Apontou o braço livre para o fundo do átrio.

O seu captor gesticulou para os companheiros prosseguirem.

Painter deslizou lentamente para trás, estabeleceu contacto visual com a sua parceira e assinalou os alvos. Ela assentiu, mudando de posição com silenciosa facilidade.

Lá fora no átrio, os olhos da curadora percorriam a entrada para a Galeria Kensington. É claro que ela devia saber que os americanos ainda ali se

encontravam. Faria ou diria inadvertidamente alguma coisa que os denunciasse?

Os seus pés abrandaram e a voz ergueu—se nitidamente.

— Por favor, não me matem!

O captor impeliu—a para diante.

— Então faz o que te dizemos — rosnou ele.

Ela tropeçou e vacilou, mas manteve o equilíbrio. Os seus olhos perscrutaram de novo a entrada da galeria, à medida que os dois homens se aproximavam.

Painter apercebeu—se de que a sua erupção atemorizada fora uma tentativa de alertar os cientistas americanos para que se escondessem.

O seu respeito pela curadora cresceu.

O par de atiradores embuçados na linha avançada deslizou para diante, passando pelo esconderijo de Painter. As suas armas varreram a galeria destruída. Não descobrindo nada, continuaram pelo átrio.

Alguns metros atrás dos guardas, o terceiro homem arrastava Safia al—Maaz. Ela percorreu rapidamente a galeria com o olhar. Painter notou—lhe um clarão de alívio, quando percebeu as salas contíguas desertas.

Enquanto os dois homens passavam pela sua posição, Painter fez sinal à parceira.

— Agora!

Coral saltou de trás do feixe de plintos — rolando sobre o ombro para o meio do átrio — e aterrou em inflexão, entre os guardas e o captor de Safia.

O seu súbito aparecimento sobressaltou o homem que segurava Safia. A arma desviou—se das costelas da sua cativa. Era tudo o que Painter precisava. Ele não queria que a curadora fosse atingida por reflexo. O que acontecia, por vezes, na sequência de um golpe na cabeça.

Painter deslizou das sombras e fez oscilar a espada com ágil perícia. A cabeça do atacante pendeu de lado, o osso cedendo. O seu corpo desmoronou—se, arrastando Safia consigo.

— Mantenha—se baixa — vociferou Painter, correndo em ajuda de Coral. Não era necessário. A parceira já estava em acção.

Girando sobre o braço livre, Coral lançou as pernas e atingiu o guarda mais próximo nos joelhos. As pernas deste abandonaram—no. Ao mesmo tempo, a sua outra mão disparou o punhal com uma precisão impressionante, atingindo o segundo guarda na base do crânio, amputando—lhe o tronco cerebral. Tombou para a frente com um arfar estrangulado. Coral continuou o seu rodopiar com uma fluida graciosidade, uma ginasta cumprindo uma rotina de solo mortífera.

Os tacões das suas botas lançaram—se violentamente contra o rosto do primeiro homem, enquanto este se tentava recompor.

A cabeça deste disparou para trás, depois ressaltou para a frente, embatendo no chão de mármore.

Ela rolou até lá, pronta para causar mais danos, mas ele estava fora de combate, inconsciente. Mesmo assim, Coral mantinha uma atitude de alerta. O outro atirador jazia estendido, o rosto para baixo. O único movimento que dele emanava era o lago de sangue que se estendia sobre o mármore. Morto.

Mais próximo, Safia lutava por escapar dos braços do seu captor eliminado. Painter foi em sua ajuda, baixando—se sobre um joelho.

— Está ferida?

Ela endireitou—se, recuando do corpo sem vida, de Painter também.

— N—não... acho que não. — O seu olhar esgazeado vacilou pela carnificina, sem se deter em ponto nenhum. Um tom de lamento penetrou na sua voz. — Oh, meu Deus, Ryan. Ele foi atingido... ao pé da porta no piso inferior.

Painter relanceou o vão das escadas.

— Há mais homens armados?

Ela abanou a cabeça, os olhos imensos.

— Eu... eu não sei.

Painter chegou—se mais perto.

— Doutora al—Maaz — disse ele firmemente, captando a sua atenção dispersa. Ela estava próximo do choque. — Ouça—me. Havia mais alguém?

Ela inspirou fundo por várias vezes; o rosto refulgia de terror. Com um derradeiro estremecimento, ela falou com maior firmeza.

— Lá em baixo, não. Mas Ryan...

— Eu vou vê—lo. — Painter voltou—se para Coral. — Fique com a doutora al—Maaz. Vou fazer o reconhecimento do piso inferior e alertar a segurança.

Debruçou—se e recuperou a pistola abandonada pelo atirador, uma Walter P38. Não uma arma que escolhesse. Preferia a sua Glock. Mas naquele preciso momento, o seu peso pareceu—lhe perfeito na mão.

Coral aproximou—se, soltando um pedaço de corda de uma pilha de detritos para atar o prisioneiro restante.

— E o nosso disfarce? — sussurrou—lhe ela, lançando um breve olhar à curadora.

— Somos ambos simplesmente cientistas de muitos recursos — respondeu ele.

— Por outras palavras, cingimo—nos à verdade. — O mais genuíno brilho

de divertimento exibiu—se nos olhos dela, enquanto virava costas.

Painter dirigiu—se às escadas. Podia habituar—se a uma parceira assim.

Safia observou o homem desaparecer pelas escadas. Movia—se tão silenciosamente, como se deslizasse sobre gelo. Quem era ele?

Um grunhido trouxe a sua atenção de volta à mulher. Ela tinha um joelho plantado no fundo das costas do último atacante. Puxara—lhe violentamente os braços para trás, arrancando um protesto da parte do debilitado atirador. Ligou—lhe rapidamente os membros com corda, movendo—se com extrema perícia. Ou ela tinha uma preparação anterior que incluía laçar gado, ou havia mais naquela mulher do que a simples física. Para além dessa única observação, a curiosidade de Safia não pôde ser mais excitada.

Ela concentrou—se na sua própria respiração. Ainda parecia haver um défice de oxigénio no ar, mesmo com as ventoinhas a rodar. O suor lustrava o seu rosto e corpo.

Mantinha a posição junto à parede, os joelhos bem erguidos, os braços a cingir o peito. Teve de se refrear de balouçar. Não queria parecer tão louca. O pensamento ajudou—a a acalmar. Mantinha também os olhos desviados dos dois corpos. O alarme seria accionado. A segurança acorreria com bastões, luzes e a reconfortante presença de outros.

No entretanto, o espaço permanecia demasiado vazio, demasiado escuro, demasiado húmido. Apercebeu—se do seu olhar a demorar—se na abertura para o vão das escadas. Ryan... O ataque repetiu—se na sua cabeça, desenrolando—se como um excerto de filme sangrento, só que silencioso. Eles estavam à procura do coração de ferro, da sua descoberta, a que ela se sentira tão orgulhosa de achar. Ryan tinha morrido por causa disso. Por causa dela.

Outra vez, não...

Um soluço sacudiu—a. Tentou reprimi—lo com as mãos e viu—se sufocar.

— Sente—se bem? — perguntou a mulher a um passo de distância. Safia enroscou—se, tremendo.

— Está fora de perigo. O doutor Crowe fará chegar aqui a segurança a qualquer momento.

Ela mantinha—se numa bola, procurando um refúgio.

— Talvez seja melhor... — A voz da física interrompeu—se com um sufoco. Safia ergueu o rosto. A mulher estava a um passo, erecta e rígida, os braços de lado, a cabeça atirada para trás. Parecia estremecer dos pés à cabeça. Um ataque apopléctico. O som de sufocação persistia.

Safia afastou—se num movimento lateral, insegura, sobre mãos e pés, em

direcção ao vão das escadas. O que se estava a passar?

A forma da mulher quebrou subitamente e tombou para a frente. Na obscuridade do átrio, uma pequena chama azul crepitava na base da sua espinha. Fumo emergia da sua roupa. Ela jazia imóvel.

Não fazia sentido.

Mas à medida que a chama azul se extinguiu, Safia avistou um fino fio de arame. Este seguia desde a mulher por terra até uma figura que se erguia no átrio, a três metros de distância.

Outro atirador embuçado.

Empunhava uma estranha pistola. Safia vira tal dispositivo antes... em filmes, não na vida real. Uma tazer. Um meio de liquidação silencioso.

Safia continuou a recuar sobre pés e mãos, os saltos a escorregar no mármore liso. Recordou—se do susto inicial, quando deixara o gabinete. Ela pensara ter ouvido alguém, uma centelha de luz na galeria bizantina. Não fora a sua imaginação ansiosa.

A figura largou a tazer descarregada e foi em sua perseguição.

Safia pôs—se de pé com uma velocidade nascida da adrenalina e do pânico. O vão das escadas estava mais à frente. Se conseguisse alcançá—lo, chegar à área da segurança...

Algo atingiu o chão de mármore à direita dos seus pés. Silvava e cuspia faíscas azuladas. Uma segunda tazer.

Safia desviou—se agilmente e carregou em direcção à abertura. Levaria alguns momentos a reactivar a tazer... a menos que o atacante tivesse uma terceira arma. Quando alcançou o vão, receou ser atingida por descarga eléctrica pelas costas. Ou simplesmente a tiro.

Nenhuma das duas aconteceu. Lançou—se no vão.

Vozes acolheram—na vindas de baixo, em alarido. Soou um disparo, ensurdecedor naquele espaço restrito. Havia mais atiradores no piso inferior.

Movendo—se por puro instinto, Safia fugiu para cima. Não havia outro pensamento senão escapar, continuar a correr. Subiu penosamente, dois degraus de cada vez. Não havia terceiro piso naquela secção do museu.

As escadas conduziam ao telhado.

Contornou o primeiro lanço, agarrando o corrimão para galgar a curva. Uma porta surgiu no cimo do lanço seguinte. Uma saída de emergência. Trancada do exterior, abriria automaticamente do interior. Seria accionado um alarme, o que seria bom naquela altura. Rezou para que não estivesse trancada depois das horas habituais de abertura ao público.

Passos soaram atrás dela, na entrada para o vão.

Precipitou—se contra a porta, os braços estendidos, empurrando violentamente o fecho de segurança.

A porta não se moveu. Trancada.

Embateu na porta de aço com um queixume. Não...

Painter ergueu as mãos no ar, a Walther P38 no chão aos seus pés. Tinha estado perto de ser atingido na cabeça. A bala silvara a rasar—lhe a face, suficientemente próxima para que sentisse a queimadura da sua passagem. Apenas um rápido esquivar e rolar o tinham salvo.

Mas por outro lado, podia compreender o que parecera. Ele ajoelhado ao lado do corpo de Ryan Fleming, junto à porta de saída, a arma na mão. Um trio de homens da segurança surgira em cena e rebentara o caos. Levara—lhe algum tempo de frenética negociação para alcançar aquela posição de equilíbrio — largando a arma, erguendo as mãos.

— A doutora al—Maaz foi atacada — disse ao guarda empunhando a arma. Um outro examinava o corpo, enquanto um terceiro falava para o rádio. — O senhor Fleming foi morto quando ela foi raptada. Eu e a minha parceira conseguimos dominar os atacantes no piso de cima.

Não havia sinal de reacção por parte do guarda armado. Podia perfeitamente ser surdo. Ele apontava—lhe simplesmente a arma. O suor pontilhava a testa do homem. O guarda com o rádio voltou—se e falou aos companheiros.

— Temos de o levar para o ninho até a polícia chegar. Já vêm a caminho. Painter relanceou o vão da escada. A preocupação percorria—lhe o corpo.

O tiro devia ter sido ouvido no piso superior. Teria feito Coral e a curadora correr para um esconderijo?

— Eh, tu — disse o guarda da pistola. — As mãos na cabeça. Por aqui. Mexe —te.

O guarda apontou a arma para o fundo do átrio, para longe do vão das escadas. Era o único braço armado dos três e o seu portador parecia pouco familiarizado com a arma. Segurava—a demasiado solta, demasiado baixa. Provavelmente a única arma presente, raramente extraída do armário de reserva. Mas a recente explosão pusera todos agitados, excessivamente alerta.

Painter entrelaçou os dedos na nuca e voltou—se na direcção indicada. Tinha de restabelecer o controlo ali. Com as mãos claramente visíveis, rodou, colocando—se mais próximo do inexperiente guarda. Enquanto rodava, deslocou o peso para a sua perna direita. Os olhos do guarda desviaram—se por meio segundo. Tempo mais do que suficiente. Painter lançou bruscamente o pé

esquerdo, atingindo o pulso do guarda.

A arma deslizou pelo átrio.

Esquadrinhando o chão, Painter agarrou na Walther e apontou—a ao aturdido trio.

— Agora, vamos fazer as coisas à minha maneira.

Desesperada, Safia empurrou de novo o fecho de segurança da porta para o telhado. Esta recusou—se a mexer. Lançou debilmente um punho contra a ombreira. Então reparou num teclado de segurança na parede lateral. Um teclado antigo. Não um leitor de cartões electrónicos. Exigia um código. O pânico zumbia como um mosquito no seu ouvido.

A cada funcionário era atribuído um código predefinido, que podia ser alterado livremente. O código predefinido era a data de nascimento de cada funcionário. Ela nunca se dera ao trabalho de alterar o seu.

Um roçar de pés fez voltar a sua atenção.

O seu perseguidor surgiu do lanço inferior, estacando no patamar. Entreolharam—se. O atacante empunhava agora uma pistola. Não um tazer.

De costas voltadas para a porta, Safia dedilhou os botões do teclado e inseriu às cegas a sua data de nascimento. Depois de anos no museu, ela estava habituada a teclar dados de cálculo.

Feito isso, empurrou o fecho de segurança.

Produziu um estalido, mas não se moveu. Ainda trancada.

— Sem saída — disse o atacante, a voz abafada. — Desce ou morres.

Encurralada contra a porta, Safia percebeu o seu erro. O sistema de segurança fora actualizado depois da mudança do milénio. O ano já não era definido por dois dígitos, mas por quatro. Descerrando os dedos, teclou rapidamente os oito algarismos: dois para o dia, dois para o mês e quatro para o ano do seu nascimento.

O atacante deu um passo na sua direcção, a pistola ficando mais perto.

Safia comprimiu as costas contra o fecho de segurança. A porta abriu—se de rompante. O ar frio fustigou—a, enquanto tropeçava para fora e se precipitava para o lado. Um tiro ricocheteou na porta de aço. Movida pelo desespero, bateu a porta violentamente, fechando—a na cara embuçada do atacante.

Não esperou, insegura de que a porta se voltaria a trancar e contornou velozmente a esquina do abrigo de emergência do telhado. A noite estava demasiado clara. Onde estava o nevoeiro de Londres quando se precisava dele? Procurou um sítio onde se esconder.

Pequenas projecções metálicas ofereciam algum abrigo: respiradouros

cobertos, tubos de descarga, condutas eléctricas. Mas estavam isoladas e ofereciam uma protecção insuficiente. O restante da cobertura do British Museum assemelhava—se à amurada de um castelo, a rodear uma área central com telhado de vidro.

Um tiro abafado deflagrou atrás de si. Uma porta abriu—se violentamente com um estrondo.

O seu perseguidor abrira passagem.

Safia correu para o abrigo mais próximo. Um muro baixo ladeava a área central, delineando os limites da cobertura de vidro e aço do Grande Átrio. Passou por cima do muro e agachou—se.

Os seus pés assentavam no rebordo metálico da cobertura geodésica de 8000 metros quadrados. Esta estendia—se a partir da sua posição por uma vasta superfície vidrada, dividida em painéis triangulares independentes. Alguns tinham desaparecido, arrancados pela explosão da noite anterior e foram remendados com tela plástica. Os restantes painéis brilhavam como espelhos à luz das estrelas, todos apontando para o centro, para o ponto onde a cintilante cúpula de cobre da Sala de Leitura circular se erguia, como uma ilha num mar de vidro reforçado.

Safia manteve—se agachada, percebendo a sua vulnerabilidade. Se o atacante procurasse do outro lado do muro, não teria para onde fugir. Soaram passos, crepitando sobre o chão de saibro. Andaram em volta por alguns instantes, pararam por um bocado, depois prosseguiram. Acabariam por se dirigir para ali.

Safia não tinha escolha. Rastejou para a cobertura, movendo—se desajeitadamente como um caranguejo sobre os painéis de vidro, rezando para que aguentassem o seu peso. A queda de doze metros até ao duro mármore lá em baixo revelar—se—ia tão mortal, quanto uma bala na cabeça.

Se conseguisse chegar à ilha abobadada da Sala de Leitura, colocar—se por trás...

Um dos painéis estilhaçou—se debaixo do seu joelho, como gelo quebradiço.

Devia ter ficado fragilizado pela explosão. Ela rolou para o lado, enquanto aquele cedia debaixo de si, soltando—se e caindo da estrutura metálica. Um instante depois, um sonoro choque tilintante ecoou, quando o painel atingiu o mármore.

Safia agachou—se a meio caminho da vasta cobertura de vidro, uma mosca presa numa teia espelhada. E a aranha viria certamente, atraída pelo choque. Precisava de se esconder, de um buraco onde se enfiar. Relanceou à direita.

Havia apenas um buraco.

Rolou de volta à estrutura de aço aberta e sem outro pensamento que não fosse esconder—se, balançou as pernas pela abertura, depois contorceu—se de barriga para baixo. Quando os seus dedos agarraram a extremidade metálica, deixou—se cair, ficando suspensa pelas mãos sobre uma queda de doze metros.

Balançava no mesmo lugar, de costas para o esconderijo inicial junto ao muro. Através do vidro, a noite estrelada mostrava—se límpida e brilhante. Viu uma cabeça embuçada espreitar por cima do muro baixo, perscrutando a cobertura geodésica. Safia reteve a respiração. Vista do exterior a cobertura reflectia a luz argêntea das estrelas. Ela deveria ser invisível. Mas os músculos dos seus braços já sentiam cãibras e o aço afiado enterrava—se nos seus dedos. E ainda precisava de alguma força para se içar de volta.

Estudou o espaço escuro em baixo. Um erro. Encontrava—se demasiado alto. A única iluminação vinha de um punhado de lâmpadas de segurança avermelhadas, junto à parede. Contudo, avistou o painel de vidro despedaçado debaixo dos seus pés. O mesmo aconteceria aos seus ossos se caísse. Os dedos agarraram—se com mais força, o coração bateu com mais intensidade.

Arrancou o olhar da queda, relanceando para cima a tempo de ver o atirador transpor o muro. O que estava ele a fazer? Uma vez transposto o muro, começou a atravessar a cobertura, mantendo o seu peso apenas sobre a estrutura de aço. Vinha directamente na sua direcção. Como é que ele sabia?

Depois percebeu. Ela reparara nos espaços cobertos de plástico no telhado. Como dentes em falta num sorriso resplandecente. Apenas uma dessas aberturas permanecia sem cobertura. O atacante devia ter adivinhado que o seu alvo caíra por aí e vinha certificar—se. Movia—se agilmente, ao contrário do seu rastejar atemorizado. Varreu o seu esconderijo, a pistola em punho.

O que podia ela fazer? Não havia mais para onde fugir. Considerou simplesmente deixar—se cair. Pelo menos teria controlo sobre a sua morte. Lágrimas assomaram—lhe aos olhos. Os dedos doíam—lhe. Tudo o que tinha de fazer era deixar—se cair. Mas os seus dedos recusavam—se a largar. O pânico prendia—a com firmeza. Ali ficou, suspensa, enquanto o homem percorria o último plano.

Finalmente descobrindo—a, deu um passo atrás, depois olhou—a de cima.

Um riso brotou, surdo e sombrio.

Naquele momento, Safia percebeu o seu erro.

A pistola apontou à fronte de Safia.

— A combinação do...

Ecoou um estampido. Vidro despedaçado.

Safia gritou, soltando—se de uma das mãos, ficando suspensa pela outra. O seu ombro e dedos retesados. Só então vislumbrou o autor do disparo lá no fundo. Uma figura familiar. O americano.

Ele postava—se com os pés bem afastados sobre o mármore, apontando na sua direcção.

Ela voltou o rosto para cima.

O painel de vidro onde o atacante se apoiara tinha—se estilhaçado em mil pedaços, apenas mantidos pela camada de reforço. O salteador vacilou para trás, atrapalhando—se e perdendo a pistola. Esta voou alto, depois aterrou sobre o painel estilhaçado. A arma atravessou o vidro partido e mergulhou até ao chão, lá em baixo.

O atacante correu pela cobertura, a toda a velocidade, em direcção ao muro.

Lá no fundo, o americano disparava e disparava, explodindo painéis de vidro, seguindo—lhe o curso. Mas o atacante estava sempre um passo à frente. Finalmente alcançando o muro, a figura desapareceu sobre ele. Evaporou—se.

O americano praguejou sonoramente. Apressou—se de volta ao ponto onde Safia estava suspensa por um braço, como um morcego nas vigas. Mas ela não tinha asas.

Safia lutava por repor a outra mão no suporte. Tinha de balançar ligeiramente, mas finalmente os dedos agarraram o aço.

— Consegue aguentar—se? — perguntou ele lá de baixo, preocupado.

— Não tenho outra escolha — retorquiu ela, exaltada. — Ou tenho?

— Se balançar as suas pernas — propôs ele —, pode conseguir prendê—las na estrutura seguinte.

Ela percebeu o que ele queria dizer. Ele disparara contra o painel contíguo, deixando uma barra de suporte desimpedida entre os dois. Respirou fundo — depois com uma pequena exclamação de esforço, balançou as pernas, dobrou os joelhos e segurou—as na outra barra.

De imediato, a dor nas mãos atenuou—se enquanto o peso aliviava. Teve de se forçar a não chorar de alívio.

— A segurança já está a caminho.

Safia esticou o pescoço na direcção do americano. Viu—se a falar para se impedir de irromper em pranto.

— A sua colega... ela está...?

— Bem. Levou um abanão, arruinou uma blusa atraente, mas vai andar por aí. Ela fechou os olhos de alívio. Graças aos céus... Ela não poderia aguentar

outra morte. Não depois da de Ryan. Respirou fundo mais algumas vezes.

— Você está bem? — perguntou o americano, fitando—a lá de baixo.

— Sim. Mas, doutor Crowe...

— Trate—me por Painter... penso que já passámos a fase das formalidades.

— Parece—me que lhe devo a minha vida pela segunda vez esta noite.

— É o que acontece por se dar comigo. — Embora não o conseguisse ver, ela podia imaginar o seu sorriso de esguelha.

— Não tem piada.

— Terá mais tarde. — Ele atravessou o espaço e recuperou a arma do atacante do chão.

Aquilo recordou Safia.

— O atacante contra quem estava a disparar. Era uma mulher. Ele continuou a estudar a arma.

— Eu sei...

Painter inspeccionou a arma na sua mão. Era uma Sig Sauer.45, com um punho Hogue revestido a borracha. Não podia ser... Conteve a respiração, enquanto voltava a arma de lado. O gatilho de desengate do carregador estava montado à direita. Uma característica personalizada daquele raro atirador esquerdino.

Ele conhecia aquela arma. Conhecia o atirador.

Fitou lá em cima o curso de vidro estilhaçado.

Cassandra.

PARTE DOIS - AREIA E MAR

VI - REGRESSO A CASA

2 de Dezembro, 06h42
Aeroporto Internacional de Heathrow

Kara foi esperá—lo ao fundo dos degraus que conduziam à porta aberta do Learjet. Ficou especada, a bloquear o caminho e a apontar um dedo resoluto ao

foco da sua fúria.

A sua voz tornou—se cortante.

— Quero que fique bem claro, doutor Crowe, que o senhor não terá qualquer autoridade uma vez a bordo deste jacto. Pode ter conseguido persuadir a sua integração nesta expedição, mas não foi certamente a convite meu.

— Já o percebi pela calorosa recepção que o seu bando de advogados me prestou — respondeu o americano, puxando o saco de viagem mais para cima do ombro. — Quem diria que tanta gente engravatada poderia oferecer uma luta tão determinada?

— De pouco serviu. Continua aqui.

Ele exibiu—lhe um sorriso de esguelha em resposta, depois encolheu os ombros.

Como anteriormente, não deu qualquer explicação quanto à razão por que o governo dos Estados Unidos queria que ele e a parceira acompanhassem a expedição a Oman. Mas tinham—se deparado obstáculos insuperáveis: financeiros, legais e mesmo diplomáticos. Tudo isso fora ainda mais complicado pelo circo mediático que rodeara a tentativa de roubo.

Kara sempre considerara a sua influência significativa — mas esta empalidecera face à pressão exercida por Washington relativamente à expedição. Os Estados Unidos tinham importantes interesses em Oman. Ela passara semanas a tentar achar uma saída por entre as barricadas, mas a viagem ficaria suspensa a menos que cooperasse.

Contudo, tal não significava que não tivesse obtido cedências.

— A partir deste momento — disse ela com firmeza —, ficará sob a nossa liderança.

— Entendido.

A palavra solta irritou Kara ainda mais. Sem escolha, afastou—se para o lado. Ele manteve a posição no chão alcatroado.

— Não tem de ser assim. Nós não temos aqui objectivos contrários, Lady Kensington. Ambos procuramos a mesma coisa.

Ela cerrou as sobrancelhas.

— E o que seria essa coisa?

— Respostas... respostas a mistérios. — Ele fitou—a com aqueles penetrantes olhos azuis, indecifráveis, contudo não frios. Pela primeira vez, ela notou como ele era atraente. Não de uma beleza de modelo, mais de uma masculinidade insistente que ele carregava com tranquilidade. Usava o cabelo escorrido, uma mancha indefinida às seis da manhã. Ela conseguia sentir—lhe o

aftershave, almiscarado com um vestígio de bálsamo. Ou seria apenas ele?

Kara mantinha o rosto impenetrável, a voz monocórdica.

— E a que mistério procura dar resposta, doutor Crowe? Ele não pestanejou.

— Eu poderia perguntar—lhe o mesmo, Lady Kensington. Que mistério procura? Certamente é mais do que interesse académico por túmulos antigos.

O semblante de Kara carregou—se ainda mais, os olhos a dardejar. Presidentes de empresas multinacionais afundavam—se perante tal inquirição. Painter Crowe permanecia imperturbado.

Finalmente, ele avançou e subiu as escadas do Lear — não antes de acrescentar um derradeiro comentário oblíquo.

— Parece que ambos temos segredos que desejamos guardar... pelo menos por agora.

Ela observou—o a subir.

Painter Crowe era seguido pela sua parceira: a doutora Coral Novak. Ela era alta, de tónus firme e vestia um elegante fato cinzento. Transportava um saco de viagem com artigos pessoais. As malas e equipamento dos cientistas já tinham sido embarcados. Os olhos da mulher percorreram o comprimento do jacto, atentos.

O semblante carregado de Kara seguiu—os enquanto desapareciam no interior. Embora alegassem ser meramente físicos contratados pelo governo americano, ela reconhecia o traço militar a toda a sua volta: o rijo porte atlético, o olhar duro, as nítidas arestas nos seus fatos. Moviam—se em conjunto, em uníssono, casualmente, um na marca, o outro vigiando. Provavelmente nem tinham consciência disso.

E depois havia a batalha no museu a considerar. Kara fora informada do relatório minucioso: o assassínio de Ryan Fleming, a tentativa de roubo do coração de ferro. Se não fosse a intervenção daquele par, tudo teria sido perdido. Apesar da clara dissimulação do doutor Crowe, Kara estava em dívida para com ele — e por mais do que a simples segurança do artefacto. Ela fitava o outro lado da pista alcatroada, quando a porta do terminal se abriu de rompante.

Safia apressou—se em direcção ao Lear, arrastando uma mala atrás de si. Se os dois americanos não tivessem estado presentes no museu, Safia não teria certamente sobrevivido.

Contudo, a amiga não passara pela noite incólume. O terror, o banho de sangue, a morte tinham quebrado algo em Safia. Os seus protestos quanto a juntar—se à expedição cessaram. Safia parecia reticente em falar sobre a sua mudança de espírito. A sua única explicação fora uma resposta lapidar:

— Já não importa.

Safia atravessou a pista em direcção ao jacto.

— Sou a última?

— Estão todos a bordo. — Kara estendeu a mão para a bagagem.

Safia empurrou para baixo o manipulo de arrasto e levantou—a ela própria.

— Eu levo—a.

Kara não discutiu. Ela sabia o que a mala continha. O coração de ferro, aninhado num casulo moldado em borracha. Safia não deixava que ninguém se aproximasse dele — não para o proteger, mas como se fosse um fardo que tivesse de carregar. A dívida de sangue que o envolvia era só dela. A sua descoberta, a sua responsabilidade.

A culpa ensombrava Safia como um manto de luto. Ryan Fleming fora amigo dela. Assassinado diante dos seus olhos. Tudo por um pedaço de ferro, algo que Safia desenterrara.

Kara suspirou enquanto seguia Safia, escadas acima.

Era de novo Telavive.

Ninguém conseguira confortar Safia naquela altura... e agora não era diferente.

Kara estacou no topo das escadas e contemplou uma última vez as elevações brumosas de Londres ao longe, à medida que o Sol se elevava sobre o Tamisa. Procurou no seu coração uma sensação de perda. Mas tudo o que encontrou foi areia. Aquela não era a sua verdadeira casa. Nunca fora.

Voltou costas a Londres e entrou no jacto.

Um homem de uniforme espreitou pela porta do cockpit.

— Minha senhora, temos autorização de descolagem da torre. Quando quiser dar a ordem.

Ela assentiu.

— Muito bem, Benjamin.

Penetrou na cabina principal, enquanto a porta era fechada atrás de si. O Lear fora personalizado para se adaptar às suas exigências. O interior da cabina era revestido a pele e nogueira nodosa, desenhando quatro grupos de assentos reservados. Flores frescas brotavam de jarras de cristal Waterford, presas às mesas de apoio dos assentos. Um longo bar em mogno, uma antiguidade proveniente de Liverpool, apresentava—se à retaguarda da cabina. Para lá do bar, um par de portas articuladas assinalava a entrada para o gabinete e quarto privados de Kara.

Esta permitiu—se um sorriso de auto—satisfação ao ver a sobrancelha

erguida de Painter Crowe, enquanto observava o espaço. Ele não estava claramente acostumado a tais luxos com um salário de físico, mesmo subvencionado por trabalho governamental. O mordomo da aeronave serviu—lhe uma bebida. Água gaseificada com gelo, ao que parecia. O copo tilintava enquanto o rodava.

— O quê... não há amendoins torrados com mel? — resmungou ao passar. — Pensei que viajávamos em primeira classe.

O sorriso dela tornou—se cediço, quando ele cruzou o espaço e tomou um lugar ao lado da doutora Novak. Canalha irreverente...

Todos os demais começaram a tomar os seus lugares, quando o piloto anunciou a partida. Safía instalou—se sozinha, à parte. O seu estudante graduado, Clay Bishop, já estava de cinto apertado do outro lado da cabina, o rosto comprimido contra uma janela. Tinha uns auscultadores ligados a um iPod que descansava no seu colo, perdido para todos os outros.

Com tudo a postos, Kara atravessou até ao bar. A bebida habitual esperava por ela: um copo gelado de Chardonnay. Provinha de St. Sebastian, uma casa vinícola francesa. Kara tivera permissão para dar o primeiro trago no seu décimo sexto aniversário, na manhã da caçada. Desde então, ela erguia um copo a cada manhã em honra do pai. Agitou o copo de vinho e inalou o seu aroma pronunciado, um toque de pêssego e carvalho. Mesmo depois de tantos anos, a sensação olfactiva levou—a de imediato de volta àquela manhã, tão cheia de promessas. Ela conseguia ouvir o riso do pai, o bramido de camelos à distância, o sussurro do vento no amanhecer. Agora tão perto... tanto tempo depois...

Bebeu lentamente, afogando a insistente secura na sua boca. A cabeça zumbia com a intensidade dos dois comprimidos que tomara ao acordar, duas horas antes. Por entre os lábios, sentia a pequena tremura nas pontas dos dedos enquanto seguravam o copo. Não era suposto misturar medicamentos com álcool. Mas era só aquele trago de Chardonnay. E devia—o ao pai.

Baixou o copo e descobriu Safia a estudá—la. O seu rosto era indecifrável, mas os olhos cintilavam de preocupação. Kara enfrentou o seu olhar, inflexível, inabalável. Safia desistiu finalmente, olhando pela janela.

Nenhuma das duas encontrava palavras para confortar a outra. Já não... O deserto arrebatara uma parte das suas vidas, uma parte dos seus corações. Que só podia ser recuperada na imensidão das areias.

11h42
Muscat, Oman

Omaha atravessou impetuosamente a porta do Ministry of National Heritage (Ministério da Herança Nacional).

O oscilar da porta quase atingiu no rosto o seu irmão, Danny, que seguia no seu encalço.

— Omaha, acalma—te.

— Malditos burocratas... — Prosseguiu a invectiva na rua. — É preciso uma porra de uma licença para limpar o rabo, aqui.

— Conseguiste o que querias — disse Danny num tom conciliatório.

— E levou toda a maldita manhã. E a única razão porque conseguimos a permissão para transportar gasolina nos Rovers... para transportar a porra da gasolina!... foi porque o Adolf bin Imbecil queria a porra do seu almoço.

— Acalma—te. — Danny agarrou—o pelo cotovelo e arrastou—o até à esquina. Rostos voltaram—se na sua direcção.

— E o avião de Safia... de Kara vai aterrar... — Omaha consultou o relógio. — Em menos de uma hora.

Danny fez sinal a um táxi. Um Mercedes sedan branco abandonou uma praça de táxis próxima e deslizou até a esquina. Danny abriu a porta e empurrou Omaha lá para dentro. Tinha gloriosamente ar condicionado. Meio—dia em Muscat e já estavam mais de 38°.

O fresco interior fez dissipar a camada externa de irritação. Inclinou—se para a frente e tamborilou no Plexiglas entre o banco traseiro e a dianteira do táxi.

—Aeroporto de Seeb.

O condutor assentiu e mergulhou no tráfego sem sinalizar, simplesmente abrindo caminho pelo fluxo da hora de almoço.

Omaha deixou—se cair para trás, ao lado do irmão.

— Nunca te vi tão nervoso — disse Danny.

— De que estás a falar? Nervoso? Estou é furioso. Danny olhou pela janela.

— Pois... como se encontrares a tua ex—noiva, cara a cara, não tenha afectado os teus fusíveis esta manhã.

— Safia não tem nada a ver com isso.

—A—hã.

— Não tenho razão para estar nervoso.

— Podes continuar a repeti—lo, Omaha.

— Cala—te.

— Cala—te tu.

Omaha abanou a cabeça. Ambos pouco tinham dormido desde que tinham chegado, há duas semanas. Havia mil e um pormenores a tratar, quando se preparava uma expedição num espaço de tempo tão curto: licenças; documentos; a contratação de guardas, de mão—de—obra e de transporte; autorização de acesso da parte da Thumrait Air Base; aquisição de água potável, combustível, armas, sal, sanitários de desinfecção química; organização do pessoal. E tudo isso recaíra directamente sobre os ombros dos irmãos Dunn.

Os problemas em Londres tinham atrasado a chegada de Kara. Se Kara tivesse chegado na data planeada, as preparações para a expedição teriam decorrido mais facilmente. Lady Kensington era venerada em Oman, a Madre Teresa da filantropia. Por todo o país, museus, hospitais, escolas e orfanatos exibiam placas com o seu nome. A sua empresa ajudava a obter muitos negócios lucrativos — petróleo, minérios e água de nascente — para o país e para o seu povo.

Mas depois do incidente no museu, Kara pedira aos irmãos para se manterem discretos, para manterem o envolvimento dela estritamente na base do necessário. Assim, Omaha engolira muita aspirina.

O táxi abandonou a zona comercial de Muscat e enveredou pelas estreitas ruas que ladeavam os muros de pedra da cidade velha. Seguiam um camião carregado de pinheiros, derramando um curso de agulhas secas atrás dele. Árvores de Natal. Em Oman.

Tal era a abertura do país ao Ocidente, um país muçulmano que celebrava o nascimento de Cristo. A atitude de Oman podia ser atribuída ao chefe de Estado da monarquia, o sultão Qaboos bin Said. Educado em Inglaterra, o sultão abrira o seu país ao mundo mais vasto, trouxera extensivos direitos civis ao seu povo e modernizara as infra—estruturas da nação.

O condutor do táxi ligou o rádio. Melodia de Bach fluiu pelos altifalantes Bose. O favorito do sultão. Por decreto real, ao meio—dia apenas podia ser emitida música clássica. Omaha verificou o relógio. Meio—dia em ponto. Olhou pela janela. Devia ser bom ser rei. Danny falou.

— Acho que estamos a ser seguidos.

Omaha relanceou o irmão para ver se ele estava a brincar. Danny esticava o pescoço por cima do ombro.

— O BMW cinzento, quatro carros mais atrás.

— Tens a certeza?

— É um BMW — frisou Danny. O seu irmão, um fanático urbano, fascinado por tudo o que possuía engenharia alemã, conhecia bem os automóveis. —

Reparei no mesmo carro estacionado na rua do nosso hotel, depois de novo à entrada do parque de estacionamento do museu de história nacional.

Omaha olhou—o de lado.

— Pode ser coincidência... a mesma marca, um carro diferente.

— Quarenta e cinco i. Jantes cromadas personalizadas. Vidros fumados. Mesmo que...

Omaha cortou—lhe a fala.

— Já chega de informação comercial. Acredito em ti.

Mas se estavam verdadeiramente a ser seguidos, impunha—se uma única pergunta.

Porquê?

Ele recuou até ao banho de sangue e violência no British Museum. Até mesmo os jornais locais o relataram ali. Kara advertira—o para ser cauteloso, para se manter discreto. Inclinou—se para a frente.

— Vire na próxima à direita — disse em árabe, esperando livrar—se da perseguição ou confirmá—la.

O condutor ignorou—o e continuou em frente.

Omaha sentiu uma súbita pontada de medo. Experimentou a porta. Trancada.

Passaram a saída para o aeroporto.

Bach continuava a fluir dos altifalantes.

Sacou o puxador da porta de novo.

Merda.

12h04
Voando sobre o Mediterrâneo

Safia olhava para o livro no seu colo, cega às palavras. Não voltara uma única página na última meia hora. A tensão deixava—lhe os nervos à flor da pele. Os músculos dos ombros retesavam—se e uma enxaqueca intensa fazia—lhe doer os dentes.

Fitou lá fora os céus azuis iluminados pelo sol. Límpidos. Uma vasta tela vazia. Era como se deixasse uma vida e se precipitasse numa outra.

O que era de muitas maneiras verdade.

Ela abandonava Londres, o seu apartamento, as paredes de pedra do British Museum, tudo o que julgara seguro naqueles últimos anos. Mas essa segurança revelara—se uma ilusão, tão frágil que se despedaçara numa única noite.

Sangue manchara de novo as suas mãos. Por causa do seu trabalho.

Ryan...

Safia não conseguia apagar o momentâneo clarão de surpresa nos olhos dele, quando a bala o amputara deste mundo. Mesmo semanas depois, ela sentia a necessidade de lavar repetidamente o rosto, por vezes a meio da noite. Sabão castanho e água fria. Nada lavava a memória do sangue.

E embora Safia reconhecesse a natureza ilusória da segurança de Londres, a cidade tinha—se tornado na sua casa. Ela tinha amigos, colegas, uma livraria favorita, um cinema que passava filmes antigos, uma cafetaria que servia o cappuccino de caramelo perfeito. A sua vida tinha—se tornado definida pelas ruas e caminhos—de—ferro de Londres.

E depois havia Billie. Safia fora forçada a albergar o gato em casa de Júlia, uma botânica paquistanesa que alugara o apartamento por baixo do seu. Antes de partir, Safia sussurrara promessas ao ouvido do gato, promessas que esperava cumprir.

Mesmo assim, Safia angustiava—se, profundamente, até ao mais íntimo de si. Alguma da ansiedade era inexplicável, apenas uma avassaladora sensação de perda. Mas a maior parte, não. Olhou em volta da cabina. E se todos acabassem como Ryan, estendidos na morgue e depois enterrados num frio cemitério, enquanto caísse a primeira neve invernal.

Não podia simplesmente viver com isso.

Só a possibilidade gelou—lhe as vísceras. A respiração tornou—se penosa face à ideia. As mãos tremeram—lhe. Safia combateu a vaga de pânico, pressentindo o seu desenrascar familiar. Concentrou—se na respiração, focando—se no exterior, longe do seu centro assustado.

Por toda a cabina, o zumbir dos motores levara todos os outros a reclinar os assentos, para recuperar o sono possível enquanto voavam para sul. Até mesmo Kara se recolhera aos seus aposentos privados — embora não para dormir. Murmúrios abafados chegavam—lhe pela porta. Kara preparava a chegada, tratando dos mais ínfimos pormenores. Ela ainda dormiria, alguma vez?

Um ruído atraiu de volta a atenção de Safia. Painter Crowe encontrava—se de pé ao lado da sua cadeira, como que por magia. Carregava um copo alto de água gelada numa mão e estendia um minúsculo copo de cristal a transbordar de líquido acobreado na outra. Bourbon pelo odor.

— Beba isto.

— Eu não...

— Beba—o simplesmente. Não o saboreie. De um trago.

A mão dela ergueu—se e aceitou o copo, com mais receio de que se

entornasse do que desejo de aceitar a oferta. Não tinham falado desde aquela noite maldita, excepto durante um breve agradecimento depois do salvamento.

Ele desceu para o assento ao lado dela e gesticulou em direcção à bebida.

— Vá lá.

Em lugar de argumentar, ela levantou o copo e despejou o conteúdo pela garganta abaixo. Queimou—a durante todo o trajecto, inflando—lhe as narinas, depois aninhou—se com um calor ardente no estômago. Devolveu—lhe o copo.

Ele trocou—o pelo copo de água.

— Água gaseificada e limão. Vá bebendo.

Ela assim fez, segurando o recipiente com as duas mãos.

— Melhor? Ela assentiu.

— Eu estou bem. Ele fixou os olhos nela, meio inclinado sobre o ombro para a encarar. Ela manteve o olhar desviado, focado no comprimento das suas pernas distendidas. Ele cruzou os tornozelos, expondo as meias. Losangos pretos.

— Não é culpa sua — disse ele.

Ela retesou—se. O seu agravo era assim tão evidente? Sentiu uma torrente de embaraço.

— Não é — repetiu ele. O seu tom não tinha a confiança dos outros que a tinham procurado confortar com lugares—comuns: colegas, amigos, mesmo o psicólogo da polícia. Contrariamente, a voz de Painter era simplesmente objectiva.

— Ryan Fleming. Ele estava simplesmente no lugar errado, à hora errada. Nada mais.

Os olhos dela vacilaram para ele, depois para longe de novo. Ela sentiu o calor dele, como o bourbon, quente de álcool e masculino. Encontrou forças para falar, para argumentar.

— Ryan não estaria ali... se... se eu não estivesse a trabalhar até tão tarde.

— Tretas.

A irreverência da parte dele sobressaltou—a. Painter continuou:

— O senhor Fleming estava no museu para nos supervisionar. A mim e a Coral. A presença dele naquela noite não teve nada a ver consigo ou com a sua descoberta do artefacto. Atribui—nos a culpa?

Uma ínfima parte dela atribuía—a. No entanto, Safia abanou a cabeça, consciente de quem era a culpa primeira.

— Os assaltantes estavam atrás do coração, da minha descoberta.

— E estou certo de que não foi a primeira tentativa de assalto ao museu. Recordo um roubo nocturno de um busto etrusco, há apenas quatro meses. Os

ladrões entraram pelo telhado.

Safia mantinha a cabeça baixa.

— Ryan era chefe da segurança, desempenhava a sua função. Ele conhecia os riscos.

Embora não ficasse inteiramente convencida, o apertado nó na garganta de Safia aliviou—se um pouco. Mas, por outro lado, talvez fosse simplesmente o álcool.

A mão dele tocou a dela.

Ela estremeceu, mas o americano não recuou. Segurou a mão dela entre as suas, o toque quente depois do copo gelado de água gaseificada.

— Lady Kensington pode não acolher de bom grado a nossa presença nesta expedição, mas eu queria apenas que soubesse que não está sozinha. Estamos nisto juntos.

Safia anuiu lentamente, depois fez deslizar a sua mão das dele, desconfortável com a intimidade, com as atenções de um homem que mal conhecia. Contudo, moveu a mão para junto da outra, preservando o seu calor.

Ele encostou—se para trás, talvez percebendo o desconforto dela. Os seus olhos cintilavam de divertimento.

— Aguente—se aí... eu sei por experiência que é bastante boa nisso.

Safia imaginou—se a balouçar do telhado no museu. A figura que devia ter feito! E sem ser convocado, um sorriso delineou—se nas pontas dos seus lábios, o primeiro desde aquela horrível noite.

Painter estudava—a, a sua expressão parecendo dizer: “É isso. Levantou—se.

— Tenho de tentar dormir um pouco... devia tentar também.

Pensando que tal poderia agora ser possível, ela observou—o caminhar silenciosamente pela cabina atapetada, de volta ao seu lugar. Levantou um dedo e tocou na face, enquanto o sorriso se desvanecia. O calor do bourbon ainda ardia lá no fundo de si, ajudando—a a encontrar o equilíbrio. Como podia algo tão simples trazer—lhe tanto alívio?

Mas Safia sentiu que não era verdadeiramente o álcool, mas a delicadeza. Ela esquecera o que isso era. Fora há tanto tempo. Desde... desde...

12h13

Omaha enterrou—se no assento e chutou de novo a divisória que o separava do condutor do táxi. Os seus calcanhares embateram sem efeito. Era como chutar

aço. Vidro à prova de bala. Deu uma cotovelada violenta na janela lateral, com a frustração.

Presos. Raptados.

— Ainda nos seguem — disse Danny, indicando com a cabeça o BMW sedan no seu trilho, cinquenta metros atrás. Figuras indistintas preenchiam os lugares dianteiros e traseiros.

O táxi seguiu por uma área residencial de casas de pedra e estuque, todas pintadas em várias gradações de branco. O reflexo do sol era ofuscante. O outro carro mantinha a distância atrás deles. Omaha olhou para a frente, de novo.

— Leyh? — cuspiu em árabe. — Porquê?

O condutor continuou a ignorá—los, estóico e silencioso, abrindo caminho pelas estreitas ruas com extrema perícia.

— Temos de sair daqui — disse Omaha. — De tentar a nossa sorte nas ruas. Danny voltara a sua atenção para a porta do lado, fitando o painel lateral.

— Ton coup—ongles, Omaha? — O irmão falava em francês, claramente procurando impedir o condutor de escutar. Danny estendeu a sua mão, baixa, fora da visão directa do condutor.

Omaha vasculhou num dos bolsos. O que pensava Danny conseguir com o seu coup—ongles! O corta—unhas? Inquiriu em francês:

— Planeias abrir um caminho de fuga com ele?

Danny não o olhou, simplesmente acenou com a cabeça para diante.

— Aquele canalha ali à frente trancou—nos usando a função de bloqueio de segurança de menores do automóvel. Para que as crianças não possam abrir as portas de trás.

— E?

— E nós vamos usar as mesmas funções de segurança para sair daqui. Omaha tirou o corta—unhas do bolso. Estava pendurado nas suas chaves. Passou —o a Danny, que o empalmou.

— O que...

Danny silenciou—o, abriu o corta—unhas e extraiu a minúscula lima.

— As revistas referem a sensibilidade dos sistemas de segurança da Mercedes. É preciso ter cuidado, mesmo quando se remove o painel de acesso.

Painel de acesso?

Antes que pudesse perguntar em voz alta, Danny encarou—o.

— Quando queres tentar a fuga?

Agora mesmo seria bom, pensou Omaha. Mas então, adiante, surgiu um souk ou mercado ao ar livre. Ele fez sinal discretamente.

— Ali, seria perfeito. Podíamos escapar pelas lojas. Despistar os outros que nos seguem no BMW.

Danny assentiu.

— Prepara—te. — Reclinou—se, endireitando as costas. A lima posicionada por baixo de três letras impressas no rebordo da janela do passageiro: SRS.

Safety restraint system.

— Airbags? — indagou Omaha, esquecendo—se de falar em francês.

— Airbags laterais — corroborou Danny. — Quando qualquer um dos airbags é accionado, como função de segurança todos os fechos de bloqueio são libertados para permitir às equipas de emergência o acesso ao veículo.

— Então tu vais...

— Estamos quase no souk — silvou Danny.

O condutor abrandou o Mercedes enquanto franqueava a entrada do mercado, cauteloso com a azáfama dos clientes do meio—dia.

— Agora — murmurou Omaha.

Danny enfiou a lima por baixo do painel de SRS e forçou selvaticamente em volta, como um dentista a lutar com um molar teimoso.

Nada aconteceu.

O sedan deslizava pelo souk, ganhando velocidade.

Danny inclinou—se mais perto, praguejando baixinho. Um erro. Com o estampido de um foguete, o airbag lateral ejectou—se, atingindo Danny no rosto e empurrando—lhe a cabeça para trás com o seu estuporado soco.

Um alarme soou dentro do carro. O condutor travou.

Danny pestanejou, a agarrar o nariz. Sangue escorria—lhe por entre os dedos.

Omaha não teve tempo de ver mais. Estendeu—se por cima do irmão e deu um sacão ao puxador da porta. Ela abriu—se, o fecho de bloqueio soltando—se. Graças aos céus pela engenharia alemã.

Omaha empurrou com força.

— Sai! — gritou.

Aturdido, Danny rolou e ao mesmo tempo tombou para fora do assento traseiro, com Omaha a empurrar por trás. Aterraram no pavimento e rebolaram alguns metros. O veículo em abrandamento deslizou para diante, depois travou abruptamente.

Omaha pôs—se atabalhoadamente de pé, içando Danny com um braço, a sua força inflamada pelo medo. Estavam apenas a passos da entrada do mercado.

Mas o BMW avançava velozmente — depois oscilou a traseira, enquanto

travava no mercado.

Omaha arrancou, com Danny de arrasto.

Três portas abriram—se rapidamente. Figuras escuras, com máscaras puxadas sobre a cara, irromperam. Pistolas surgiram com reflexos de platina polida. Uma espingarda agitou—se no ar.

Omaha alcançou a extremidade do souk e fez ressaltar uma mulher carregando um cesto cheio de pão e fruta. Pães e tâmaras voaram alto.

— Perdão — resmungou ele e rodopiou para o mercado. Danny mantinha—se nos seus calcanhares, o rosto ensanguentado do nariz atingido. Partido?

Correram pela álea central. O souk estendia—se num dédalo labiríntico. Tectos vermelhos abrigavam carroças e tendas, carregadas de rolos de seda e algodão de Caxemira, quantidades de romãs e pistácios, caixas geladas de caranguejo e peixe branco, medidas de conservas em vinagre e grãos de café, ramos de flores frescas, tabuleiros de pão, tábuas de carne seca. O ar fumegava dos fogões a gordura, crepitando de especiarias que faziam arder os olhos. Algumas ruelas estreitas tresandavam a cabra e a suor. Outras eram impregnadas de uma doçura cativante. Incenso e mel. E aglomerados naquele labirinto, comprimiam—se magotes de gente oriunda de toda a Arábia e de mais além. Rostos de todas as gradações de cor passavam a dardejar, os olhos arregalados, alguns debaixo de véus, a maioria não. Vozes perseguiam—nos em dialectos de árabe, hindu e inglês.

Omaha fugia com Danny por entre a miríade de cores e de ruídos, precipitando—se à direita e à esquerda, em serpentina e depois a direito. Os perseguidores estariam atrás? A frente? Não tinha maneira de saber. Tudo o que podia fazer era continuar.

A distância, o bramido ondeante da força policial omani erguia—se acima da cacofonia da multidão. Ajuda vinha a caminho... mas conseguiriam aguentar o suficiente para a aproveitar?

Omaha relanceou para trás, enquanto serpenteavam por uma ruela estreita. No outro extremo, surgiu um homem embuçado com uma arma, a cabeça varrendo em redor. Era fácil de detectar, à medida que as pessoas fugiam em todas as direcções, abrindo espaço à sua volta. Pareceu ouvir a polícia. O tempo esgotava—se para ele também.

Omaha não lhe ia facilitar as coisas. Arrastou Danny, seguindo o fluxo da multidão. Contornaram uma esquina e mergulharam numa tenda que vendia cestos de vime e potes de barro. O proprietário de túnica lançou um olhar ao rosto ensanguentado de Danny e enxotou—os, ladrando em árabe.

Seria necessária alguma argúcia de comunicação para obter ali santuário.

Omaha sacou da carteira e tirou para fora uma fila de notas de cinquenta rial. Dez ao todo. O vendedor relanceou a fileira, semicerrando um dos olhos. Aceitar ou não aceitar? Omaha fez menção de reunir de novo as notas, mas uma mão deteve—o.

— Khalas! — declarou o velho homem, fazendo—lhes sinal para se esconderem. Negócio fechado.

Omaha acocorou—se atrás de uma pilha de cestos. Danny tomou posição na sombra de um imenso pote de barro. Era suficientemente grande para que ele se escondesse no seu interior. Danny apertou o nariz, tentando parar a hemorragia.

Omaha espreitou lá para fora para a ruela. O calcorrear de sandálias e roçagar de túnicas refluiu passado alguns instantes. Um homem abeirou—se da esquina, o seu rosto embuçado perscrutando os quatro pontos da bússola. As sirenes da polícia aproximavam—se na direcção do souk. A cabeça do homem retesou—se, avistando—os. Teria de abandonar a perseguição ou arriscar—se a ser apanhado.

Omaha sentiu uma onda de confiança.

Até que o irmão espirrou.

12h45
Aproximação final

O Lear descreveu círculos sobre a água, preparando a descida em direcção ao Aeroporto Internacional de Seeb. Safia olhava intensamente pela pequena janela.

A cidade de Muscat estendia—se debaixo dela. Eram na realidade três cidades, separadas por montes em secções distintas.

A parte mais antiga, engenhosamente denominada de Cidade Velha, surgiu quando o jacto se inclinou para a direita. Muros de pedra e edifícios antigos aninhavam—se contra uma baía de águas azuis num amplo crescente, a linha de costa de areia branca pontilhada de tamareiras. Rodeada pelas muralhas da antiga cidade defendida, a cidade abrigava o Palácio al—Alam e os altaneiros fortes de pedra de Mirani e Jalai.

Memórias recobriam tudo o que via, ténues como reflexos nas águas brandas da baía. Episódios há muito esquecidos voltaram à vida: o percorrer das ruelas com Kara, o primeiro beijo à sombra das muralhas, o sabor dos doces de cardamomo, a visita ao palácio do sultão, tudo vacilante, envolto num panejamento novo.

Safia sentiu um arrepio que nada tinha a ver com o ar condicionado da cabina. Lar e pátria enevoavam—se na sua mente. Tragédia e alegria.

Depois, quando a aeronave se inclinou na direcção do aeroporto, a Cidade Velha eclipsou—se, substituída pela secção de Matrah — e do porto da cidade. Uma das margens das docas ancorava modernos navios compactos, a outra, os frágeis dhows, os antigos veleiros da Arábia.

Safia contemplou a fila orgulhosa de mastros de madeira e velas recolhidas, em nítido contraste com os monstros de aço e diesel. Mais que tudo o resto, aquilo tipificava a sua terra—mãe: o antigo e o moderno, juntos, mas eternamente separados.

A terceira secção de Muscat era a menos interessante. Para o interior da cidade antiga e do porto, apinhoado contra os montes erguia—se o Ruwi, o moderno centro de negócios, a zona comercial de Oman. Os escritórios da empresa de Kara situavam—se aí.

O curso da aeronave traçara a vida de Safia e Kara, desde a Cidade Velha até ao Ruwi, desde as crianças barulhentas a brincar nas ruas até às vidas confinadas em escritórios de empresa e museus poeirentos.

Agora, o presente.

O jacto desceu para o aeroporto, visando a extensão de pista alcatroada. Safia recostou—se no seu assento. Os outros passageiros contemplavam pelas janelas.

Clay Bishop estava sentado do lado oposto da cabina. O estudante graduado balanceava a cabeça em sintonia com o corrente trecho digitalizado no seu iPod. Os óculos escuros escorregavam—lhe constantemente pelo nariz, precisando de os empurrar de volta repetidamente. Envergava o seu típico uniforme: jeans e t—shirt.

A frente de Clay, Painter e Coral inclinavam—se juntos, olhando para fora pela mesma janela. Falavam em tom baixo. Ela apontou e ele anuiu, brincando com um minúsculo tufo de cabelo que se formara no topo da sua cabeça, enquanto dormitava.

Kara empurrou a porta que dava para os seus aposentos privados e estacou no limiar.

— Vamos aterrar — disse Safia. — É melhor sentares—te. Os seus dedos afastaram a preocupação, mas Kara atravessou até ao lugar vazio ao lado dela e deixou—se cair pesadamente. Não apertou o cinto.

— Não consigo falar com Omaha — disse como introdução.

— O quê?

— Ele não atende o telemóvel. Provavelmente fá—lo de propósito.

Isso não era típico de Omaha, pensou Safia. Ele podia ser esquivo por vezes, mas era extremamente profissional quando se tratava de trabalho.

— Certamente está muito ocupado. Deixaste—o a secar. Tu sabes como os adidos culturais em Muscat são susceptíveis e territoriais.

Kara expeliu a sua irritação.

— É bom que esteja à espera no aeroporto.

Safia notou como as suas pupilas estavam dilatadas à luz forte. Parecia exausta e enérgica ao mesmo tempo.

— Se ele disse que estaria lá, estará.

Kara ergueu uma sobrancelha inquiridora na sua direcção.

— O senhor Confiável?

Safia sentiu uma angústia profunda, o seu íntimo atormentado em dois sentidos diferentes. O reflexo instigava—a a querer defendê—lo, como fizera no passado. Mas a memória do anel que depositara de volta na mão dele, comprimia —lhe a garganta. Ele não compreendera a profundidade da sua dor.

Mas também, quem compreendia?

Teve de forçar os seus olhos a não procurar Painter.

— É melhor apertares o cinto — avisou Kara.

12h53

O espirro de Danny foi tão sonoro como um disparo, assustando um par de pombas engaioladas numa loja vizinha. Asas agitaram—se contra as grades de bambu.

Omaha viu o homem embuçado voltar na direcção da tenda, caminhando para eles. A menos de um metro de distância, Danny tapou o nariz e a boca e agachou—se mais atrás da imensa urna de barro. Sangue escorria pelo seu queixo. Omaha convocou a coragem dos seus pés, retesando—se, pronto a saltar. A sua única esperança residia na surpresa.

As sirenes da polícia gemiam, agora penetrantes pela sua proximidade do mercado. Se ao menos Danny tivesse aguentado mais um minuto...

O atirador segurava a sua espingarda contra o ombro, apontada para a frente, movendo—se numa posição recurvada, experiente. Omaha cerrou os punhos. Teria de arremessar a espingarda alto, depois mergulhar baixo.

Antes que se pudesse mover, o proprietário da loja avançou tropegamente, mostrando—se. Agitava um leque numa mão e assoava o nariz com a outra.

— Hasaseeya — resmungou, enquanto endireitava alguns cestos sobre a

cabeça de Omaha, maldizendo a sua febre dos fenos. Simulou surpresa ao ver o homem armado, ergueu as mãos no ar, o leque fugindo—lhe e deixou—se cair para trás.

O atirador soltou uma praga abafada, gesticulando com a espingarda para o velho recuar.

Este obedeceu, retrocedendo até um balcão baixo, cobrindo a cabeça com as mãos. Lá fora, na direcção da entrada do souk, o guinchar de travões anunciou a chegada da polícia omani. As sirenes bramiam.

O homem armado relanceou na sua direcção, depois fez a única coisa que podia fazer. Caminhou até à grande urna que abrigava Danny e lançou a espingarda lá para dentro. E após um exame em redor, arrancou a máscara e lançou—a, igualmente, lá para dentro. Depois, com um enrolar de um manto cor de areia, a figura desapareceu nas profundezas do mercado, claramente planeando juntar—se simplesmente à massa da humanidade.

Anónima.

Só que Omaha fixara—a intensamente. E vira o rosto da mulher.

Tez moca, olhos castanhos—escuros, uma lágrima tatuada sob o olho esquerdo.

Beduína.

Depois de algum tempo, Omaha saiu do seu esconderijo. Danny rastejou ao seu encontro. Omaha ajudou o irmão a levantar—se.

O proprietário aproximou—se, ajeitando a túnica com palmadinhas das mãos.

— Shuk ran — balbuciou Danny por entre o nariz ensanguentado, agradecendo ao homem.

Com o típico costume de discrição do povo omani, o homem encolheu os ombros.

Omaha extraiu uma outra nota de cinquenta rial. e estendeu—lha. O vendedor cruzou os braços, as palmas viradas para baixo.

— Khalas. — O negócio já fora cumprido. Seria um insulto renegociar. Em vez disso, o velho caminhou até à pilha de cestos e pegou num deles. — Para si — disse ele. — Presente para mulher bonita.

— Bi kam? — perguntou Omaha. Quanto? O homem sorriu.

— Para si? Cinquenta rial.

Omaha retribuiu—lhe o sorriso, sabendo que estava a ser defraudado, mas passou—lhe a nota.

— Khalas.

Enquanto deixavam o mercado e se dirigiam para a entrada, Danny perguntou em tom nasalado.

— Por que raio nos queriam aqueles tipos raptar? Omaha encolheu os ombros. Ele não fazia ideia. Aparentemente, Danny não conseguira ver o atacante como ele. Não tipos... tipas. Agora que pensava nisso — na maneira como os outros se moviam — podiam ser todos mulheres.

Omaha visionou o rosto da mulher da espingarda, de novo. Pele reluzente à luz do sol.

A semelhança era inequívoca. Podia ser irmã de Safia.

VII - A CIDADE VELHA

2 de Dezembro, 17h34
Aeroporto Internacional de Seeb

Painter acompanhava o andamento atrás do carrinho de aparelhagens e equipamento. O calor reflectido pelo asfalto da pista parecia fazer evaporar o oxigénio do ar, deixando apenas uma humidade pesada que cauterizava os pulmões. Painter abanava uma mão à frente do rosto. Não para se refrescar, uma impossibilidade ali, mas simplesmente para agitar o ar o suficiente para conseguir respirar.

Pelo menos, estavam de novo em movimento. Tinham sido detidos durante quatro horas, confinados ao jacto em resultado das reforçadas medidas de segurança após a tentativa de rapto de um dos associados de Kara Kensington. Aparentemente, o assunto fora resolvido o suficiente para permitir o desembarque.

Coral marchava a seu lado, os olhos perscrutando tudo, vigilante. O único sinal de que o calor do fim de tarde tinha algum efeito sobre a sua parceira eram as pequenas gotas de suor na sua fronte lisa. Ela cobrira o seu cabelo louro—branco com um pano bege fornecido por Safia, um pano de cabeça omani chamado lihaf.

Painter semicerrou os olhos.

O sol baixo criava miragens tremulantes ao longo da pista e fazia desvanecer o reflexo de todas as superfícies, mesmo do edifício cinzento—baço em direcção ao qual o grupo desfilava. Funcionários omani da alfândega de uniforme azul escoltavam o destacamento, enquanto que uma pequena delegação enviada pelo sultão ladeava os flancos.

Os elementos da delegação apresentavam—se resplandecentes com o traje nacional masculino omani: uma túnica branca sem gola de longas mangas, chamada dishdasha, coberta por um manto preto debruado a ouro e prata. Usavam, também, turbantes de tecido de algodão de diferentes padrões e matizes, e cintos de couro adornados a prata. Suspensa desses cintos, cada homem tinha uma khan—jar embainhada, a tradicional adaga. Neste caso, tratava—se de adagas Saidi, de ouro ou prata puros, um sinal de estatuto, os Rolex da cutelaria omani.

Kara, seguida de Safia e do seu estudante graduado, mantinha—se em acesa discussão com esses elementos. Parecia que os homens avançados da expedição ali, o doutor Omaha Dunn e o irmão, se encontravam retidos pela polícia. Os pormenores sobre o rapto frustrado eram ainda imprecisos.

— E Danny está bem? — perguntou Safia em árabe.

— Ele está bem, minha senhora — asseverou um dos homens da escolta. — Só o nariz ensanguentado, nada mais. Posso garantir—lhe que já foi assistido.

Kara falou ao funcionário—chefe.

— E quando poderemos seguir caminho?

— Sua Majestade, o sultão Qaboos, tratou pessoalmente do seu transporte para Salalah. Não haverá mais contratempos. Se tivéssemos sabido mais cedo... que a senhora iria acompanhar pessoalmente...

Kara dispensou o discurso.

— Kif, kif — proferiu em árabe. — Não interessa. Desde que não haja mais demoras.

Uma meia vénia respondeu às suas palavras. A não ofensa do funcionário face à resposta acre dela, era bem reveladora da influência de Lady Kensington em Oman.

Lá se vai a discrição, pensou Painter.

Ele voltou a sua atenção para a companheira de Kara. A preocupação crispava os cantos dos olhos de Safia. A sua paz momentânea no final da viagem desaparecera, quando soubera do incidente ali. Ela agarrava a sua mala de arrastar com as duas mãos, recusando—se a carregá—la e à sua carga valiosa no carrinho de bagagens.

No entanto, um brilho determinado irradiava dos seus olhos verde—esmeralda ou talvez fosse simplesmente o reflexo das manchas de ouro que os ponteavam. Painter recordou—a suspensa da cobertura de vidro do museu. Ele pressentia nela um filão de força, escondido fundo, mas contudo presente. Até o lugar parecia reconhecê—lo. O sol, que ofuscava asperamente tudo o mais em

Oman, cintilava sobre a sua pele, como que dando—lhe as boas—vindas, moldando os seus traços a bronze. A sua beleza, anteriormente abafada, brilhava com maior esplendor, como uma jóia realçada pelo engaste perfeito.

Por fim, o grupo alcançou o edifício do terminal privado e as portas abríram —se para um aprazível oásis de conforto e ar condicionado. Era a sala VIP. No entanto, a estadia naquele oásis revelou—se breve. As rotinas alfandegárias foram rapidamente despachadas sob a autoridade da comitiva do sultão. Os passaportes foram apressadamente examinados, os vistos carimbados — depois os cinco membros foram repartidos por duas limusinas pretas: Safia, o estudante graduado e Kara numa, Coral e Painter na outra.

— Parece que a nossa companhia não é apreciada — comentou Painter, enquanto entrava na longa limusina com a parceira.

Instalou—se num dos assentos. Coral juntou—se—lhe.

Lá à frente, ao lado do motorista, um irlandês musculoso empunhando uma espingarda. Ele carregava uma imponente arma branca num coldre suspenso do ombro. Painter notou, igualmente, um par de veículos de escolta — um à frente da limusina de Kara, o outro a fechar o grupo. Claramente, depois do rapto, a segurança não era de negligenciar.

Painter fez deslizar um telemóvel de um dos bolsos. O telefone continha um chip de ligação via satélite incorporado, com acesso à rede informática do Departamento da Defesa e integrava uma câmara digital de dezasseis megapixel com carregamento e descarregamento relâmpago.

A nunca deixar em casa.

Extraiu o pequeno auricular e fixou—o no lugar. Um minúsculo microfone pendia do fio à altura dos lábios. Aguardou, enquanto o aparelho de comunicação via satélite transmitia um sinal de saudação codificado, que atravessava o globo e era recebido por uma única pessoa.

— Comandante Crowe — respondeu finalmente uma voz. Era o doutor Sean McKnight, o seu superior imediato, o director da Sigma.

— Aterrámos em Muscat e estamos a dirigir—nos para o complexo Kensington. Estabeleci o contacto para saber se há informações sobre o ataque à equipa avançada.

— Já temos o relatório preliminar da polícia. Eles foram apanhados na rua. Um falso táxi. Aparentemente, típica tentativa de rapto com resgate. Uma forma comum de conseguir capital por esses lados.

Contudo, Painter percebeu a suspeição na voz de McKnight. Primeiro o incidente no museu... agora aquilo.

— Pensa que pode estar relacionado com Londres?

— Demasiado cedo para dizer.

Painter visionou a ágil figura a desaparecer por cima do muro do museu. Ainda conseguia sentir o peso da Sig Sauer de Cassandra na sua mão. Dois dias depois da sua detenção no Connecticut, ela escapara do cativeiro. A carrinha da polícia que a transferia para o aeroporto fora emboscada, dois homens tinham morrido e Cassandra Sanchez eclipsara—se. Painter nunca pensou voltar a vê—la. Como estava ela ligada a tudo aquilo? E porquê?

McKnight prosseguiu:

— O almirante Rector está em coordenação com os serviços de informação da NSA. Teremos mais pormenores dentro de algumas horas.

— Certo.

— Comandante, a doutora Novak está consigo?

Painter fitou Coral, que observava a paisagem a passar em velocidade. Os seus olhos eram indecifráveis, mas estava seguro de que ela memorizava o espaço em redor.

— Sim, senhor. Ela está aqui.

— Informe—a de que os investigadores em Los Alamos conseguiram descobrir partículas de urânio em decomposição na amostra de meteorito encontrada no museu.

Painter recordou a preocupação dela em relação às leituras do detector sobre a amostra.

— E corroboram a hipótese dela de que a radiação pela decomposição do urânio pode de facto actuar como uma espécie de relógio nuclear, destabilizando lentamente a antimatéria e deixando—a susceptível ao choque eléctrico.

Painter endireitou—se e falou para o microfone.

— A doutora Novak propôs também que a mesma destabilização pode estar a ocorrer na fonte primária de antimatéria, se existir.

— Exacto. Os investigadores de Los Alamos expressaram independentemente a mesma preocupação. Como tal, a vossa missão tornou—se crítica em termos de tempo. Foram atribuídos recursos adicionais. Se existir uma fonte primária, ela deve ser descoberta rapidamente ou tudo poderá estar perdido.

— Entendido. — Painter visionou as ruínas da explosão na galeria do museu, os ossos do guarda fundidos no gradeado de aço. Se houvesse um filão—mãe dessa antimatéria, as perdas seriam mais do que meramente científicas.

— O que me leva ao último ponto, comandante. Dispomos efectivamente de

informação premente que diz respeito à vossa operação. Da NOAA. Eles referem um sistema de grande alteração atmosférica em desenvolvimento no sul do Iraque, a deslocar—se no sentido Sul.

— Trovoada?

— Tempestade de areia. Ventos na ordem dos noventa quilómetros hora. Um verdadeiro tufão. Está a encerrar cidade atrás de cidade, deslocando dunas ao longo das estradas. A NASA confirma o trajecto no sentido de Oman.

Painter pestanejou.

— A NASA confirma? Qual é a dimensão...

— Suficiente para ser visível do espaço. Vou enviar—lhe a imagem de satélite. Painter olhou para o ecrã digital do seu telefone. O ecrã foi preenchido, linha a linha, a partir do topo. Tratava—se de uma carta meteorológica do Próximo Oriente e da Península Arábica em tempo real. O pormenor era impressionante: a linha da costa, mares de azul percorridos por nuvens, cidades minúsculas. Excepto onde uma enorme mancha brumosa contornava o golfo Pérsico. Parecia um furacão, mas em terra. Uma imensa onda castanho—avermelhada estendia—se sobre o golfo.

— As previsões meteorológicas indicam que a tempestade irá aumentar de intensidade e dimensão à medida que se deslocar para Sul — narrou o doutor McKnight, enquanto a imagem se actualizava no ecrã. A mancha da tempestade de areia varria uma cidade costeira, obliterando—a. — Fala—se da tempestade do século nessas paragens. Um sistema de alta pressão no mar da Arábia está a produzir perigosos ventos de monção, arrastados para uma baixa depressão localizada no Quadrante Vazio. A tempestade de areia carregará sobre os desertos do sul como um comboio de carga, sendo depois atiçada e alimentada pelas correntes dos ventos de monção, criando uma tempestade colossal.

— Meu Deus.

— Vai ser um inferno aí, durante algum tempo.

— Qual é o calendário previsto?

— A tempestade alcançará a fronteira omani depois de amanhã. E as estimativas correntes prevêem que dure dois ou três dias.

— Atrasando a expedição.

— Pelo menor tempo possível.

Painter percebeu o tom de comando por detrás das palavras do director. Levantou a cabeça e relanceou a outra limusina. Mais uma demora. Kara Kensington não iria ficar satisfeita.

18h48

— Acalma—te — instou Safia.

Tinham—se reunido todos no pátio ajardinado da propriedade dos Kensington. Os altos muros de pedra calcária com o estuque esboroado datavam do século XVI, assim como os frescos idílicos de vinhas a trepar que enquadravam paisagens de terra e de mar em arco. Três anos antes, obras de restauração tinham devolvido aos frescos toda a sua glória. Era a primeira vez que Safia via o produto acabado com os seus próprios olhos. Artesãos do British Museum tinham supervisionado os pormenores no local, enquanto que Safia os supervisionara a partir de Londres, através de câmaras digitais e da Internet.

As fotos digitalizadas não faziam justiça à riqueza das cores. Os pigmentos azuis provinham de conchas de moluscos trituradas, os vermelhos de garanças rosa espremidas, tal como originalmente no século XVI.

Safia assimilou o resto dos jardins, um lugar onde brincara outrora enquanto criança. Ladrilhos de terracota avermelhados delineavam o espaço, por entre canteiros de rosas, sebes desbastadas e plantas perenes artisticamente arranjadas. Um jardim inglês, um pedaço de Grã—Bretanha no coração de Muscat. No entanto, em contraste, quatro generosas tamareiras preenchiam cada canto, arqueadas e lançando a sua sombra sobre grande parte do jardim.

As memórias sobrepunham—se à realidade, despertadas pelo perfume do jasmim que trepava e o cheiro arenoso mais intenso da cidade antiga. Fantasmas deslizavam por entre os ladrilhos manchados, representações sombrias do passado.

No centro do pátio, uma tradicional fonte omani revestida a ladrilhos com um tanque octogonal de reflexão, cantava alegremente. Safia e Kara costumavam nadar e flutuar pelo tanque da fonte em dias especialmente quentes e poeirentos uma prática não aprovada pelo pai de Kara. Safia ainda conseguia ouvir a sua explosão divertida, que ecoava para lá dos muros do jardim, quando regressava de alguma reunião para as encontrar a vogar indolentemente na fonte. Vocês duas parecem um par de focas encalhadas. Contudo, por vezes descalçava os sapatos e chapinhava com elas.

Kara caminhou a largos passos para lá da fonte sem um único olhar. A acidez nas suas palavras trouxe de volta o presente.

— Primeiro a aventura de Omaha... agora o maldito tempo. Quando estivermos a caminho, já metade da Arábia saberá da nossa excursão e não teremos um momento de paz.

Safia seguiu—a, deixando o descarregar das limusinas aos outros. Painter Crowe anunciara as terríveis notícias meteorológicas à chegada. Ele mantivera o rosto neutro.

— É uma pena não poder comprar bom tempo — concluíra ele, com ironia. Parecia apreciar imenso acicatar Kara. No entanto, depois de todos os obstáculos que Kara erguera para manter os dois americanos à margem daquela expedição, Safia não podia verdadeiramente censurá—lo.

Safia alcançou Kara na entrada arqueada do velho palácio, uma estrutura de três pisos de pedra calcária cinzelada e revestida de ladrilhos. Os pisos superiores eram adornados por varandas sombreadas, suportadas por colunas ornadas. Ladrilhos de um azul—marinho delineavam todas as superfícies internas das varandas, aprazivelmente refrescantes ao olhar após o reflexo ofuscante do exterior.

Kara não parecia encontrar conforto em regressar a casa, o rosto carregado,

os músculos do maxilar tensos.

Safia tocou—lhe no braço, perguntando—se quanto da sua falta de têmpera seria frustração autêntica e quanto seria quimicamente induzido.

— A tempestade não constitui problema — asseverou à amiga. — Nós planeamos ir até Salalah primeiro, para examinar o túmulo de Nabi Imran. Fica na costa, longe de quaisquer tempestades de areia. Estou certa de que ficaremos aí pelo menos uma semana.

Kara inspirou fundo.

— No entanto, esta confusão com Omaha. Eu esperava evitar atrair demasiada atenção...

Uma agitação junto ao portão interrompeu—a. Ambas as mulheres se voltaram.

Um carro da polícia omani, as luzes a faiscar silenciosamente, estacou ao lado das duas limusinas. As portas de trás abriram—se e dois homens apearam—se.

— Falando do diabo... — murmurou Kara.

Safia sentiu dificuldade em respirar, o ar tornado pesado.

Omaha...

O tempo deslizou mais devagar, ritmado pelo entorpecido bater do seu coração nos ouvidos. Ela pensara ter mais tempo para se preparar, para se acomodar, para se couraçar para o encontro. Sentiu um impulso de fugir e recuou um passo.

Kara colocou—lhe uma mão na curva das costas, suportando—a.

— Vai correr tudo bem — sussurrou.

Omaha esperou pelo irmão — depois, os dois atravessaram por entre as limusinas. Danny apresentava dois olhos negros, o nariz abarcado por uma tala envolta em ligadura. Omaha tinha um braço no cotovelo do irmão. Vestia um fato azul, o casaco entalado na curva do braço livre, camisa branca arregaçada até aos cotovelos, manchada de pó e sangue seco. O seu olhar demorou—se um momento em Painter Crowe, os olhos percorrendo de cima abaixo a figura. Omaha inclinou a cabeça em saudação desconfiada.

Então voltou—se na direcção de Safia. Os seus olhos cresceram e o passo abrandou. O rosto retesou—se por um instante, depois um lento sorriso formou—se, vacilante, depois firme. Varreu algumas ondas esguias de cabelo arruivado dos olhos, como que descrendo da visão.

Os lábios articularam sem som o nome dela e, à segunda tentativa, em tom audível.

— Safia... meu Deus. — Aclarou a voz e precipitou—se para diante, abandonando por um momento o irmão.

Antes que ela o pudesse impedir, ele estendeu os braços e envolveu—a, desabando sobre ela. O seu cheiro era salgado e doce, familiar como o deserto. Apertou—a com força.

— É bom ver—te — sussurrou ele ao seu ouvido. Os braços dela hesitaram em retribuir o abraço.

Ele endireitou—se e recuou, antes que ela se conseguisse decidir. Algum rubor subira às faces dele.

Safia não conseguiu encontrar linguagem, naquele instante. Os seus olhos lançando—se como uma flecha por cima do ombro de Omaha.

Aproximando—se, Danny ofereceu—lhe um sorriso retraído. Parecia ter sido atacado.

A mão de Safia gesticulou em direcção ao seu próprio nariz, grata pela distracção.

— Pensei... pensei que não tinha sido partido?

— Apenas fractura parcial — garantiu ele, uma alusão de pronúncia do Nebraska na sua voz, acabada de sair da quinta de família. — A tala é apenas para apoiar. — O seu olhar vacilou entre Omaha e Safia, desvanecendo o seu próprio sorriso.

Um momento de embaraço instalou—se, selvagem e coberto de ervas daninhas.

Painter surgiu, o braço estendido. Apresentou—se, apertando a mão aos dois irmãos. Por um instante apenas, os seus olhos desviaram—se para Safia, certificando—se de que estava bem. Ela percebeu que ele lhe estava a dar tempo para se recompor.

— Esta é a minha colega, a doutora Coral Novak, física de Columbia.

Danny endireitou—se, engolindo perceptivelmente enquanto assimilava de modo sub—reptício a figura da mulher. Falou demasiado apressado.

— Foi onde me licenciei. Em Columbia, quero dizer.

Coral olhou para Painter, como que pedindo permissão para responder. Não houve confirmação exterior, mas ela falou na mesma.

— O mundo é pequeno.

Danny abriu a boca, pensou melhor e fechou—a de novo. Os seus olhos seguiram a física, enquanto esta penetrava no interior.

Clay Bishop juntou—se—lhes. Safia fez as apresentações, encontrando conforto nas rotinas da etiqueta.

— E este é o meu estudante graduado, Clay Bishop.

Ele agarrou a mão de Omaha dentro das suas, agitando—a nervosamente.

— Meu senhor, li o seu tratado sobre as rotas comerciais persas no tempo de Alexandre Magno. Espero ter a oportunidade de discutir sobre algumas das suas explorações ao longo da fronteira entre o Irão e o Afeganistão.

Omaha voltou—se para Safia e Kara.

— Ele chamou—me «senhor»?

Kara interrompeu as apresentações, fazendo sinal a todos em direcção à entrada em arco do palácio.

— Há quartos para cada um de vocês, pelo que se podem refrescar antes do jantar e descansar depois. — E conduziu—os pelo caminho para o interior do palácio, os seus elegantes tacões Fendi a calcar os ladrilhos antigos. — Mas não se instalem com demasiado conforto. Partiremos dentro de quatro horas.

— Outra viagem de avião? — perguntou Clay Bishop, ocultando um lamento. Omaha bateu—lhe no ombro.

— Não propriamente. Pelo menos algo de bom resultou da confusão esta tarde. — Ele indicou Kara. — É agradável ter amigos bem colocados, especialmente amigos com brinquedos simpáticos.

Kara olhou para trás com ar carregado.

— Está tudo preparado?

— Os mantimentos e equipamento já foram reencaminhados.

Safia olhava entre os dois. Na viagem até ali, Kara fizera chamadas furiosas para Omaha, o consulado britânico e os representantes do sultão Qaboos. Qualquer que fosse o resultado, não parecia agradar tanto a Kara quanto agradava a Omaha.

— E os Phantoms? — perguntou Kara.

— Têm instruções para se encontrarem connosco lá — disse Omaha com um aceno.

— Phantoms? — indagou Clay.

Antes que alguém pudesse responder, chegaram a um átrio que conduzia à ala sul, a ala dos hóspedes.

Kara fez sinal a um mordomo que aguardava, de cabelo cinzento lustroso, as mãos atrás das costas, vestido de preto e branco, puro british.

— Henry, por favor indique os quartos aos nossos convidados. Um rígido aceno.

— Com certeza, minha senhora. — Os seus olhos pestanejaram ligeiramente ao passar por Safia, mas manteve uma expressão passiva. Henry era mordomo

chefe da propriedade, desde o tempo em que Safia era criança. — Sigam—me, por favor.

O grupo seguiu—o. Kara disse—lhes:

— O jantar será servido no terraço do piso superior, dentro de trinta minutos. — Soou mais como uma ordem do que como um convite.

Safia voltou—se para seguir os outros.

— O que estás a fazer? — inquiriu Kara, pegando—lhe pelo braço. — Os teus antigos alojamentos foram arejados e preparados para ti. — E virou—a na direcção do edifício principal.

Safia fitava em volta enquanto caminhavam. Pouco tinha mudado. De muitas maneiras, a casa era tanto um museu como uma residência. Pinturas a óleo pendiam das paredes, a ancestralidade dos Kensington desde o século XIV. No centro da sala, uma antiga mesa de jantar maciça de mogno, importada de França, assim como o candelabro Baccarat de seis fiadas sobre aquela. Safia tivera a festa do seu décimo segundo aniversário ali. Ela recordava as velas, a música, um borrão de festividade. E risos. Sempre houvera risos. Os seus passos ecoavam cavos, enquanto circundava o amplo salão.

Kara conduziu—a à ala privada da família.

Quando tinha cinco anos, Safia tinha—se mudado do orfanato para ali, para servir de companhia à jovem Kara. Fora o seu primeiro quarto só para si... e casa de banho privativa. No entanto, a maior parte das noites tinha sido passada aninhada com Kara no quarto desta, as duas sussurrando sobre futuros que nunca vieram.

Pararam do lado de fora da porta.

Subitamente, Kara abraçou—a com força.

— É bom ter—te de novo em casa.

Retribuindo o abraço genuíno, Safia sentiu a menina por detrás da mulher, a sua mais querida e velha amiga. Em casa. E naquele preciso momento, quase acreditou que sim.

Kara desviou—se. Os seus olhos cintilavam ao brilho reflectido das palmatórias de parede.

— Omaha...

Safia respirou fundo.

— Eu estou bem. Pensei estar preparada. Mas vê—lo. Ele não mudou.

— Isso é bem verdade — disse Kara, com um franzir de sobrancelhas. Safia sorriu e retribuiu um breve abraço.

— Eu estou bem... a sério. Kara abriu a porta.

— Pedi para encherem a banheira e há roupas lavadas no armário. Vejo—te ao jantar. — Afastou—se e continuou pelo corredor. Passou pelo seu velho quarto e prosseguiu até às portas duplas de nogueira cinzelada ao fundo, a suite pertencendo ao dono da propriedade, os antigos aposentos do pai.

Safia voltou—se e transpôs a porta para o seu antigo quarto. Do outro lado, havia um pequeno vestíbulo de tecto alto, uma câmara de acolhimento outrora usada como espaço de brincadeira, mas agora um escritório privado. Ela estudara para os exames orais da sua licenciatura naquele espaço. Cheirava a jasmim fresco, a sua flor e fragrância preferidos.

Atravessou a câmara até ao quarto de dormir. A cama de dossel envolta em seda parecia não ter sido mexida desde que partira para Telavive, há muito tempo atrás. Essa memória dolorosa suavizou—se, quando os dedos percorreram uma prega da seda de Caxemira. Um roupão repousava do lado oposto, junto das janelas que abriam para um jardim lateral sombreado, melancólico ao sol poente. Os canteiros plantados tinham crescido um tanto indefinidos desde que os contemplara da última vez. Havia mesmo algumas ervas daninhas, que tocaram num poço de perda que ela não soubera tão profundo.

Porque voltara? Porque partira?

Não parecia conseguir ligar o passado ao presente.

Um gotejar de água desviou a sua atenção para a casa de banho contígua. Não havia muito tempo até ao jantar. Despiu as roupas, deixando—as cair no chão atrás de si. A banheira era uma cuba de ladrilhos embutida, funda mas estreita. A água fumegava pelo ar com um sussurro que quase podia ser ouvido. Ou talvez fosse o ondular da camada de pétalas de jasmim branco a flutuar à superfície, a fonte do aroma do quarto.

A visão atraiu um sorriso cansado.

Atravessou até à cuba e embora não pudesse ver o degrau escondido sob as águas, entrou sem hesitação, os instintos de um passado talvez não inteiramente desmentidos. Instalou—se no calor fumegante, afundando—se até ao queixo, encostando a cabeça aos ladrilhos, o cabelo espalhando—se sobre a água e as pétalas.

Algo de mais profundo que os músculos doridos, libertou—se e sossegou.

Fechou os olhos.

Em casa...

20h02

O guarda patrulhava a álea, de lanterna na mão, o feixe de luz apontado ao caminho de pedras redondas. A sua outra mão riscou um fósforo contra o muro exterior de pedra calcária da propriedade Kensington. Uma minúscula chama inflamou—se com um silvo. Não reparou na figura dissimulada de preto suspensa nas sombras mais escuras lançadas pelas grandes folhas da tamareira, que se debruçava sobre o cimo do muro.

A luz engoliu as sombras, ameaçando expor o trepador. Cassandra comprimiu o gatilho do carretel da sua arma de arpéu. O ligeiro ruído do seu mecanismo oleado foi encoberto pelo ladrar de um cão errante, um dos muitos que percorriam as ruas de Muscat. Os seus pés, abafados em sapatilhas esquivaram—se pelo muro acima, enquanto o seu corpo era içado, puxado pelo delgado cabo de arpéu de liga de aço, enquanto este recolhia de volta à pistola segura na mão. Alcançando o topo, usou a velocidade adquirida para se lançar para cima do muro, depois deitou—se na horizontal.

Fragmentos de vidro aguçados estavam encastrados ao longo do muro, implantados para dissuadir intrusos. Mas não conseguiram penetrar no seu leve fato e luvas de Kevlar negro. Contudo, sentiu a pressão de um fragmento junto da têmpora direita. A sua máscara cobria e protegia o resto do rosto, excepto numa estreita faixa ao nível dos olhos. Uns óculos não reflectores de visão nocturna repousavam no cimo da testa, prontos a ser usados. As lentes eram capazes de fazer uma filmagem digital de uma hora e estavam ligados a um receptor microparabólico de escuta.

Um desenho do próprio Painter Crowe.

Aquele pensamento desenhou um pequeno sorriso. Ela adorava a ironia. Usar as próprias ferramentas do canalha contra ele...

Cassandra viu o guarda desaparecer na esquina da propriedade. Soltou o gancho do arpéu e voltou a fixá—lo à boca da sua arma compacta. Rolou até ficar de costas, ejectou o cartucho de ar comprimido usado do punho da arma, tirou um novo cilindro do cinto e fixou—o no lugar. Preparada, rodou e rastejou pelo parapeito denticulado do muro do palácio, em direcção ao edifício principal.

O muro exterior não se fundia com o palácio, mas rodeava a estrutura a uma distância de dez metros. Jardins mais pequenos preenchiam o estreito espaço, alguns divididos em jardins sombreados delineados por sebes e ponteados de fontes. O tilintar da água dançante ecoava até ela, enquanto prosseguia ao longo do parapeito.

Mais cedo, ela espreitara a propriedade, assegurando—se de que os

esquemas fornecidos pela Guild estavam correctos. Ela sabia que era melhor não confiar em tinta e papel. Verificara pessoalmente a posição de cada câmara de vigilância, o horário dos guardas, o plano do palácio.

Mergulhando sob as folhas pendentes de uma outra tamareira, rastejou mais lentamente em direcção a uma secção do palácio resplandecente de luz. Um minúsculo pátio de colunas enquadrava janelas arqueadas, que davam para uma longa sala de jantar. Velas, esculpidas em delicadas flores e flutuando em bacias de prata, cintilavam sobre a mesa, enquanto outras se erguiam altas de elaborados candelabros. O cristal e a porcelana fina reflectiam a luz do fogo. Figuras misturavam—se diante da mesa coberta de seda. Criados agitavam—se entre elas, enchendo taças de água e oferecendo vinho.

Deitada rente ao muro para esconder a sua silhueta, Cassandra baixou os óculos digitais. Não activou o modo de visão nocturna, apenas ajustou a ampliação, aproximando—se da acção. O auricular zumbia com a conversa amplificada, soando ténue pela digitalização. Ela tinha de manter a cabeça imóvel para fixar o receptor parabólico na conversação.

Conhecia todos os elementos presentes.

O esgalgado estudante graduado, Clay Bishop, estava junto a uma das janelas, pouco à vontade. Uma criada jovem oferecia—se para lhe encher o copo de vinho. Ele abanou a cabeça.

— La, shuk—ran — balbuciou. Não, obrigado.

Atrás dele, dois homens provavam uma travessa de hors d'aeuvres variados, pratos tradicionais de Oman, pedaços de carne estufada, queijo de cabra, azeitonas e tâmaras em lascas. O doutor Omaha Dunn e o seu irmão, Daniel. Cassandra sabia tudo sobre a sua fuga in extremis, de há pouco tempo. Um trabalho desleixado da parte dos raptores.

No entanto, observou o par. Ela sabia por experiência que não se devia subestimar um adversário. Isso levava à derrota. Podia haver forças naquele par merecedoras de atenção.

Omaha roía um caroço de azeitona.

— Enquanto estavas a tomar banho — disse ele, chupando o caroço —, verifiquei o boletim meteorológico no noticiário local. A tempestade de areia encerrou a cidade do Kuwait, impeliu uma duna mesmo pela estrada principal.

O irmão mais novo emitiu um ruído não comprometedor. Não parecia prestar atenção. O seu olhar seguia uma loura alta, enquanto esta entrava do lado distante da sala.

Coral Novak, operacional da Sigma, a sua substituta.

Cassandra voltou a atenção para a sua adversária. A frieza da mulher parecia demasiado experiente, especialmente tendo em conta a facilidade com que tinha sido derrotada no museu, apanhada desprevenida. Os olhos de Cassandra estreitaram—se de desagrado. Foi com isto que me procuraram substituir ao lado de Painter? Alguém sem experiência na Sigma? Não admirava que as coisas tivessem de mudar.

Nos calcanhares da mulher, surgiu Painter. Alto, envergando calças pretas e camisa preta, formal, contudo despretensioso. Mesmo da sua posição no cimo do muro, Cassandra reconheceu o seu exame da sala, circunspecto, pelo canto do olho. Ele assimilava todos os ângulos, analisando, calculando.

Os dedos crisparam—se—lhe nas lascas de vidro.

Ele expusera—a, ameaçando a sua posição na Guild, rebaixando—a. Ela estivera perfeitamente posicionada, levando anos a cultivar o seu papel como operacional de topo, conquistando a confiança do parceiro... e, em última análise, talvez algo mais que a simples lealdade.

A fúria cresceu no seu peito, excitando—lhe a bílis. Ele custara—lhe tudo, retirando—a da ribalta, limitando o seu papel a operações que exigiam o total anonimato. Ergueu—se da posição e continuou ao longo do muro. Ela tinha uma missão. Uma missão anteriormente frustrada por Painter, no museu. Ela sabia o que estava envolvido.

Não falharia naquela noite.

Nada a deteria.

Cassandra deslocou—se até à ala mais distante do palácio, em direcção a uma luz solitária na obscuridade das traseiras do edifício. Pôs—se de pé e percorreu rapidamente a última extensão. Não podia correr o risco de perder o alvo.

Por fim, parou diante de uma janela que dava para um jardim descuidado. Através da janela enevoada, uma mulher reclinada numa banheira embutida. Cassandra perscrutou os restantes quartos. Vazios. Escutou. Nem um som.

Satisfeita, Cassandra apontou a arma de arpéu a uma varanda no piso superior. No ouvido esquerdo, chegou—lhe o murmúrio da mulher. Soava embriagada, um sonho, um grito sufocado:

— Não... outra vez, não...

Cassandra premiu o gatilho. Os ganchos abriram—se com um estalido e voaram pelo ar, fazendo espiralar um delgado cabo de aço na sua esteira. Um imperceptível ruído sibilante acompanhou—o. Os ganchos de fixação transpuseram a balaustrada da varanda do terceiro piso.

Fixando os cabos com um puxão firme, Cassandra balançou do muro para o jardim em baixo. O vento assobiava. Cães ladravam numa ruela vizinha. Aterrou sem quebrar um único galho e encostou—se à parede ao lado da janela, um ouvido alerta.

Silêncio.

Verificou a janela. Fora deixada aberta pela largura de um dedo. Do outro lado, a mulher murmurava nos seus sonhos.

Perfeito.

20h18

Safia está na sala de espera de um grande hospital. Ela sabe o que vai acontecer. Do lado oposto, avista uma mulher encurvada, caminhando a coxear, que entra na enfermaria. O rosto e o corpo encobertos por uma burka. A protuberância sob o manto da mulher é agora evidente.

...não como antes.

Safia precipita—se para atravessar a sala de espera, desesperada por impedir o que vai acontecer a seguir. Mas as crianças amontoam—se em torno dos seus pés, trepando pelas suas pernas, agarrando—lhe os braços. Ela luta por afastá—las, mas elas protestam.

Ela abranda, insegura de as dever consolar ou empurrar.

Mais à frente, a mulher desaparece na massa de pessoas junto ao balcão. Safia já não a consegue ver. Mas a enfermeira de serviço ergue o seu braço, aponta na direcção de Safia. O seu nome é chamado.

...como antes.

A multidão separa—se. A mulher é iluminada pela sua própria luz, angelical, o manto inflando como asas.

Não, esboça Safia. Ela não tem fôlego para falar, para alertar.

Depois uma explosão ofuscante, tudo luz, sem ruído.

A visão retorna um instante depois — a audição não.

Ela está caída de costas, a olhar fixamente enquanto chamas dardejam pelo tecto. Ela esconde o rosto do calor, mas este está por todo o lado. Com a cabeça voltada de lado, ela vê as crianças estendidas, algumas em brasas, outras esmagadas sob pedra. Uma está sentada com as costas contra uma mesa derrubada. O rosto da criança desapareceu. Uma outra estende o braço na sua direcção, mas não tem mão, apenas sangue.

Safia percebe agora porque não consegue ouvir. O mundo tornou—se num grito estendido até ao infinito. O grito não vem das crianças, mas da sua própria boca.

Depois algo...

...lhe tocou.

Safia despertou assustada na banheira, sufocada no mesmo grito. Este estava sempre dentro de si, tentando escapar. Tapou a boca, dissipando um soluço, retendo tudo o mais no interior. Estremeceu imersa na água fresca, os braços cruzados sobre o peito. Com força. Esperando que o eco do ataque de pânico se silenciasse.

Apenas um sonho...

Desejou poder acreditar. Fora demasiado forte, demasiado vívido. Ainda conseguia sentir o gosto do sangue na sua boca. Limpou a fronte, mas continuava a tremer. Queria atribuir a reacção, o sonho, à exaustão — mas era mentira. Era aquele lugar, aquela terra, estar de novo em casa. E Omaha...

Fechou os olhos, mas o sonho estava à espreita, a um sopro de distância. Não era um simples pesadelo. Tudo aquilo tinha acontecido. Tudo aquilo fora por sua causa. O imã local, um líder sagrado muçulmano, procurara impedi—la de escavar os túmulos nos montes próximo de Qumran. Ela não lhe dera ouvidos. Demasiado confiante no escudo da pura investigação.

No ano anterior, Safia passara seis meses a decifrar uma única tábua de argila. Esta sugeria que um covil de pergaminhos podia estar enterrado naquele local, possivelmente um outro sepulcro dos famosos Manuscritos do Mar Morto. Dois meses de escavação provaram que ela estava certa. Desenterrou quarenta urnas contendo uma vasta livraria de escritos aramaicos, a descoberta do ano.

Mas o preço foi muito elevado.

Um grupo fundamentalista fanático ficou ofendido com a profanação de um lugar sagrado muçulmano. Em particular por uma mulher, uma mulher de sangue misto, com fortes ligações ao Ocidente. Sem se aperceber disso na altura, Safia foi marcada como alvo.

Só que foram o sangue e vidas de crianças inocentes que pagaram o preço pela sua ambição e ousadia.

Ela foi uma dos três sobreviventes. Um milagre, escreveu—se nos jornais, um milagre que tivesse sobrevivido.

Safia rezou para que não houvesse mais milagres desses na sua vida.

O preço era demasiado elevado.

Safia abriu os olhos, os dedos retesados. A fúria incendiava—se para lá da dor e da culpa. A terapeuta dissera—lhe que era uma resposta perfeitamente natural. Ela devia permitir—se sentir essa fúria. Contudo, sentia vergonha da sua fúria, indignidade.

Sentou—se mais erecta. A água transbordou pelo bordo da cuba e varreu os ladrilhos, deixando um trilho de pétalas de jasmim no chão. As pétalas restantes entrechocavam em torno do centro do seu corpo despido.

Debaixo de água, algo roçou pelo seu joelho, algo macio como uma flor, mas com mais peso. Safia ficou tensa, um coelho encadeado pela luz de faróis.

As águas acalmaram. A camada de pétalas de jasmim escondia as profundezas da cuba. Então, lentamente uma vagarosa forma sinuosa agitou a superfície por baixo.

Safia imobilizou—se.

A cabeça da cobra emergiu por entre as pétalas, algumas pegando—se à sua lodosa pele acastanhada. Os olhos cinzentos escureceram quando a pálpebra interna de protecção desceu. Parecia fitá—la directamente.

Safia reconheceu a cobra pela aparência, vislumbrando a reveladora cruz branca no cimo da cabeça. Echis pyramidum. Uma víbora venenosa. Todas as crianças omani sabiam que deviam recear essa marca. O sinal da cruz significava aqui morte, não a salvação cristã. A cobra era ubíqua na região, frequentando lugares sombrios, encontrada suspensa de ramos de árvores. O seu veneno era hemotóxico e neurotóxico, uma combinação fatal, da mordedura à morte em menos de dez minutos. A sua capacidade de atacar era tão extensa e rápida, que se pensou outrora ser capaz de voar.

A longa víbora nadava pela cuba em direcção a Safia. Esta não se atrevia a mexer—se para não a provocar. Devia ter deslizado para a banheira depois dela adormecer, buscando a humidade para favorecer a muda da pele.

A cobra alcançou o seu ventre, erguendo—se um pouco da água, a língua a tremular no ar. Safia sentiu o seu roçar na pele, enquanto deslizava para mais perto. Minúsculas empolas formaram—se—lhe nos braços. Lutou para não tremer.

Não pressentindo perigo, a víbora aninhou—se no seu ventre, divergiu para cima e, lentamente, subiu até ao seu peito esquerdo. Deteve—se para tremular de novo a língua. A pele escamada era quente sobre a sua, não fria. Os movimentos musculosos, duros.

Safia mantinha os seus próprios músculos tensos, rígidos. Não se atrevia a respirar. Mas por quanto tempo conseguiria conter a respiração?

A cobra parecia apreciar o seu poiso, imóvel, instalando—se—lhe sobre o peito. O seu comportamento era tão estranho. Porque não a sentia, ouvia o bater do seu coração?

Vai—te embora... desejou com toda a sua força. Se ao menos a cobra se

retirasse pelo quarto, encontrasse um canto escuro para se esconder, lhe desse uma oportunidade de sair da banheira...

Sentiu a necessidade de ar crescer para uma dor aguda dentro de si, uma pressão sob os olhos.

Por favor, vai...

A víbora provou de novo o ar com a sua língua vermelha. O que quer que tivesse sentido pareceu satisfazê—la. Instalou—se, em descanso.

Pequenos pontos de luz dançaram pela vista de Safia, originados pela falta de oxigénio e pela tensão. Se se mexesse, morria. Se respirasse sequer...

Então, um variar de sombras atraiu o seu olhar para a janela. A condensação enevoava o vidro, tornando a visão vaga. Mas não havia qualquer dúvida.

Alguém estava lá fora.

VIII - COBRAS E ESCADAS

2 de Dezembro, 20h24
Cidade Velha, Muscat

— Onde diabo está Safia? — inquiriu Omaha, consultando o relógio.

Passavam dez minutos da hora em que deveriam reunir—se todos para jantar. A mulher que ele conhecera no passado era dolorosamente pontual, algo incutido nela em Oxford. Fora a sua atenção ao pormenor que fizera dela uma curadora tão perfeita.

— Não devia já estar aqui? — insistiu ele.

— Pedi que lhe preparassem um banho — anunciou Kara, enquanto entrava na sala. — Uma criada acabou de subir com roupa lavada.

Kara surgiu, resplandecente num thob tradicional omani de fluida seda vermelha com uma bordadura de fio de ouro a delinear os debruns. Banira qualquer cobertura da cabeça, deixando o seu cabelo alourado solto e calçava umas sandálias Prada. Como habitualmente, para Kara, impunha—se estabelecer uma linha de divisão entre o tradicional e o requintado.

— Um banho? — resmungou Omaha. — Então não a vemos mais esta noite.

Safia adorava a água sob todas as suas formas: chuveiros, fontes, bicas abundantes, mergulhos em correntes e lagos, mas sobretudo banheiras. Ele costumava arreliá—la, atribuindo a sua fixação ao passado desértico. A rapariga pode ser retirada do deserto, mas nunca o deserto da rapariga.

Com aquele pensamento, introduziram—se outras memórias intrusas, de

longos banhos partilhados, os membros enlaçados, o riso, murmúrios suaves, o vapor exalado da água e da pele.

— Ela virá quando estiver pronta — avisou Kara, protectora, arrastando—o de volta ao presente. Ela fez sinal ao mordomo. — Será servida uma leve refeição omani, antes de partirmos dentro de poucas horas. Sentem—se, por favor.

Todos puxaram de cadeiras, dividindo—se em grupos. Painter e Coral de um dos lados, a par do estudante graduado de Safia, Clay. Danny e Omaha tomaram lugar do lado oposto. Por fim, Kara instalou—se na cadeira solitária à cabeceira da mesa.

A um sinal imperceptível, os criados desfilaram por um par de portas articuladas, vindos do corredor de acesso à cozinha. Carregavam travessas cobertas, algumas seguras acima da cabeça numa só mão. Outros traziam travessas maiores sobre ambas as mãos.

A medida que cada travessa era pousada na mesa, o criado recuava destramente, levantando a tampa para expor o que continha. Tudo notavelmente coreografado.

Kara nomeava cada prato à medida que era revelado.

— Maqbous... arroz de açafrão com cordeiro. Shuwa... porco cozinhado em forno de barro. Mashuai... kingfish assado no espeto e servido com arroz de limão. — Ela nomeou uma série de outros pratos condimentados. Por entre as iguarias, havia bandejas de delgados pães ovais. Estes eram familiares a Omaha. O ubíquo rukhal de Oman, cozido sobre folhas de palma em brasa.

Por fim, Kara concluiu as apresentações.

— E por último, bolinhos de mel, um dos meus pratos favoritos, aromatizados com seiva de elb, uma árvore nativa.

— O quê... não há olhos de carneiro? — resmungou Omaha. Kara ouviu—o.

— Esse acepipe pode ser providenciado. Ele ergueu uma mão conciliatória.

— Por esta vez, não será preciso.

Kara indicou com um gesto largo a diversidade oferecida.

— É da tradição omani que cada qual se sirva a si próprio. Tenham a bondade.

O grupo pegou nas suas palavras e começou a servir—se com colher, a espetar, a servir com concha e a agarrar com a mão. Omaha encheu uma chávena de uma vasilha alta. Kahwa. Café omani. Extremamente forte. Os árabes podiam evitar o álcool, mas não tinham escrúpulos quanto à habituação à cafeína. Deu um longo trago e suspirou. O gosto amargo do espesso café era suavizado por

carda—momo, uma combinação distinta e agradável.

A conversa centrou—se inicialmente na qualidade da comida. Na sua maioria murmúrios de surpresa face à maciez da carne ou à intensidade dos condimentos. Clay parecia contentar—se em encher o prato de bolinhos de mel. Kara depenicava apenas a comida, atenta aos criados, orientando—os com um inclinar ou voltar da cabeça.

Omaha estudou—a, enquanto bebericava o seu kahwa.

Estava mais magra, mais consumida desde que a vira pela última vez. Os olhos de Kara ainda cintilavam, mas agora pareciam mais febris. Omaha sabia o esforço que ela investira naquela expedição. E sabia porquê. Safia e ele mantinham poucos segredos... pelo menos noutros tempos. Ele sabia tudo sobre Reginald Kensington. O retrato deste fitava Kara da parede atrás dela. Ainda sentiria esses olhos?

Omaha imaginou que não estaria melhor se o seu próprio pai tivesse desaparecido no deserto, engolido para longe deste mundo. Mas, graças aos céus, era necessária muita imaginação para conceber tal perda. O seu pai, aos oitenta e dois anos, ainda trabalhava na quinta de família no Nebraska. Comia quatro ovos, uma fatia de bacon e uma pilha de fatias de pão torrado ao pequeno —almoço e fumava um charuto todas as noites. A mãe de Omaha era ainda mais saudável. Raça sólida, costumava vangloriar—se o pai. Tal como os meus rapazes.

Enquanto Omaha pensava na sua família, a voz clara do irmão desviou a sua atenção de Kara. Danny relatava pormenorizadamente a escapada do rapto do meio—dia, usando o garfo tanto como a voz para contar a história. Omaha reconheceu a torrente de excitação, enquanto aquele revivia os acontecimentos do dia. Abanou a cabeça ao ouvir a jactância e bravata no seu irmão mais novo. Omaha fora em tempos igual. Imortal. Blindado pela juventude.

Agora já não.

Fitou em baixo as suas mãos. Estavam crispadas e marcadas, as mãos do seu pai. Escutou a história de Danny. Não fora a grande aventura que o irmão relatava. Tinha sido uma história extremamente séria.

Uma nova voz interrompeu.

— Uma mulher? — perguntou Painter Crowe, com um carregar do olhar. — Um dos vossos raptores era uma mulher?

Danny anuiu.

— Eu não a vi, mas o meu irmão viu.

Omaha viu os olhos do outro homem voltarem—se para si, de um azul

penetrante. A fronte enrugada, o olhar concentrando a atenção como um laser perfeitamente direccionado.

— Isso é verdade? — indagou Crowe.

Omaha encolheu os ombros, surpreendido com a sua intensidade.

— Como era ela?

Aquela outra frase foi proferida demasiado rapidamente. Omaha respondeu lentamente, observando o par do lado oposto.

— Era alta. Da minha estatura. Da forma como se comportava, eu diria que tivera treino militar.

Painter relanceou a parceira. Uma mensagem silenciosa pareceu passar entre os dois. Eles sabiam de alguma coisa que estavam a ocultar. O cientista encarou de novo Omaha.

— E a sua aparência?

— Cabelo negro e olhos verdes. De descendência beduína. Ah sim, e uma pequena lágrima vermelha tatuada por baixo do olho... o esquerdo.

— Beduína — repetiu Painter. — Tem a certeza?

— Trabalho nesta região há mais de quinze anos. Sei distinguir os membros de tribos de membros de clãs.

— A que tribo pertencia a mulher?

— É difícil de dizer. Não a vi o tempo suficiente.

Painter recostou—se, o fio de tensão claramente quebrado. A parceira estendeu a mão para um dos bolinhos de mel, colocou—o no prato e ignorou—o. Nenhum deles trocou um olhar desta vez, mas algo fora resolvido.

— Porquê o interesse? — perguntou Kara, expressando o pensamento de Omaha. Painter encolheu os ombros.

— Se se tiver tratado de um típico rapto com fins lucrativos, provavelmente não terá importância. Mas se assim não foi... se tiver estado de alguma forma ligado ao assalto do museu, parece—me importante saber a quem estar atento.

As suas palavras pareceram suficientemente razoáveis, práticas e científicas, contudo Omaha pressentiu algo de mais profundo por detrás do interesse manifestado.

Kara deixou o assunto cair. Relanceou o seu Rolex de diamantes.

— Onde está Safia? Não está certamente ainda no banho?

21h12

Safia mantinha a respiração superficial.

Não tinha fobia a cobras, mas aprendera a respeitá—las ao explorar ruínas poeirentas. Elas faziam tanto parte do deserto como a areia e o vento. Estava sentada perfeitamente imóvel na banheira. As águas arrefeciam enquanto esperava... ou talvez fosse apenas o medo a resfriá—la.

A víbora recurvada sobre o seu peito esquerdo parecia ter—se instalado para uma longa impregnação. Safia reconhecia a dureza da sua pele exterior. Era um espécime de uma certa idade, o que tornava a muda especialmente difícil.

De novo, um movimento atraiu o seu olhar, para lá da janela. Mas quando procurou, a obscuridade permanecia quieta e silenciosa.

A paranóia precedia frequentemente um ataque de pânico, uma ansiedade corrosiva que via ameaça e perigo onde não existiam. Os seus ataques eram mais comummente despoletados pela tensão emocional, não por ameaças físicas. De facto, a onda de adrenalina provocada pelo perigo imediato era um bom amortecedor contra a cascata vertiginosa de um episódio de pânico. Contudo, o esforço da espera começara a tornar ténue a capa exterior do amortecedor de Safia.

Os sintomas da mordedura de uma víbora venenosa eram imediatos e agudos: pele enegrecida, sangue a queimar, convulsões que faziam quebrar os ossos. Não havia antídoto conhecido.

Um débil tremor nasceu nas suas mãos.

Não havia antídoto conhecido...

Forçou—se a acalmar.

Safia exalou lentamente, de novo vigiando a cobra. Inalou ainda mais lentamente, saboreando a doçura do ar fresco. O odor do jasmim, anteriormente aprazível, era agora enfastiante.

Uma pancada na porta assustou—a.

Saltou ligeiramente. A água a ondular em seu redor.

A cobra ergueu a cabeça. Sentiu o resto do corpo da cobra endurecer contra o seu ventre despido, retesando—se, atenta.

— Menina al—Maaz — chamou uma voz do corredor. Ela não respondeu.

A cobra provou o ar com a língua. O seu corpo deslizou mais para cima, impelindo a cabeça triangular na direcção da garganta de Safia.

— Menina?

Era Henry, o mordomo. Devia ter vindo ver se ela adormecera. Os outros deviam estar na sala de jantar. Não havia relógio na divisão, mas parecia—lhe que passara toda uma noite.

No silêncio de morte, chegou—lhe o som de uma chave a raspar na velha

fechadura. Seguiu—se o ranger da porta exterior.

— Menina al—Maaz...? — Menos abafado agora. — Vou mandar entrar Liza. Para Henry, o sempre eficiente mordomo inglês, seria impróprio entrar nos aposentos de uma senhora, especialmente quando essa senhora estaria no banho. Leves passos apressados atravessaram as divisões na direcção da casa de banho.

Toda a comoção agitou a cobra. Soergueu—se por entre os seus seios como um herói virulento. Aquele tipo de víboras era reputadamente agressivo, conhecido por perseguir um homem durante um quilómetro quando ameaçado.

Mas aquela, letárgica da imersão, não esboçou qualquer movimento de ataque.

— Olá — chamou uma voz tímida do outro lado da porta. Safia não tinha maneira de a avisar.

Uma rapariguinha mantinha a cabeça timidamente inclinada enquanto entrava arrastadamente, o seu cabelo negro entrançado debaixo de uma touca de renda. A dois passos de distância, ela balbuciou:

— Lamento perturbar o seu banho, minha senhora.

Finalmente, olhou para cima, encontrou os olhos de Safia — depois os da cobra, enquanto esta se erguia mais alto, a sibilar em ameaça, enrolando—se em antecipação. As escamas molhadas movendo—se com um som de lixa.

A mão da criada disparou para a boca, mas não conseguiu calar o grito.

Atiçada pelo som e pelo movimento, a cobra encapelou—se da água, precipitando o seu corpo por cima do largo bordo de ladrilhos da cuba, na direcção da rapariga.

A criada estava demasiado assustada para reagir.

Safia não.

Instintivamente, agarrou a cauda da víbora enquanto ela saltava, apanhando—a a meio do ataque. Puxou—a para longe da criada e fez o seu comprimento descrever uma curva larga. Mas não se tratava de nenhum pedaço flácido de corda. Músculos contorceram—se na sua mão, rígidos sob os seus dedos. Sentiu mais do que viu a cobra serpentear sobre si mesma, pronta a atacar aquilo que a agarrara. Safia lançou os pés, tentando apoiar—se para se levantar, para ganhar alguma vantagem. Os ladrilhos escorregadios traíam—na. A água derramava—se pelo chão. A víbora atacou na direcção do seu pulso. Apenas um rápido torcer e arremessar do braço afastou as presas da carne. Mas à imagem de um combatente experiente, a velha cobra contorceu—se para uma nova tentativa.

Safia conseguiu, finalmente, pôr—se de pé. Rodou em torno da cuba, agitando o braço bem estendido, usando a força centrífuga para impedir a cabeça

da cobra de a atingir. O instinto fazia—a querer atirá—la para longe. Mas tal não asseguraria o fim da batalha. A casa de banho era pequena, a agressividade da víbora notória. Em vez disso, disparou o braço com força para fora. Ela usara um chicote anteriormente, tendo oferecido um a Omaha como presente de Natal burlesco, induzida pela insistência de Kara em chamar—lhe Indiana. Ela usou a mesma técnica, agora, projectando o pulso com uma torção bem treinada.

A víbora, confundida pela rotação, não conseguiu reagir a tempo. O seu longo corpo respondeu à física da idade avançada e precipitou—se para fora. A cabeça embateu na parede de ladrilhos com suficiente impacto para lascar a superfície cerâmica.

Sangue esguichou num jacto carmesim.

O corpo da cobra convulsionou sobre a sua mão, depois caiu sem energia, mergulhando de novo na água da cuba em torno das coxas de Safia.

— Menina al—Maaz!

Voltou a cabeça e viu o mordomo, Henry, à entrada da porta, atraído pelo grito da criada. Ele mantinha uma mão sobre o ombro da rapariga aterrorizada.

Safia fitou em baixo a cobra inerte, a sua nudez. Devia ter sentido vergonha e tentado cobrir—se, mas em vez disso, deixou o corpo de escamas escorregar dos seus dedos e saiu da banheira.

Só a tremura dos dedos a traía.

Henry retirou uma grande toalha de algodão de um toalheiro aquecido. Segurou—a aberta. Safia avançou e Henry enrolou—a no seu abraço.

Lágrimas começaram a fluir, o peito comprimiu—se penosamente.

Do outro lado da janela, a Lua erguera—se, alguma coisa mais escura agitou—se sobre a sua superfície do muro do palácio. Safia sobressaltou—se, mas a coisa desapareceu.

Apenas um morcego, o predador nocturno do deserto. Contudo, o tremor intensificou—se enquanto que os braços de Henry se fortaleceram, segurando—a, carregando—a até à cama no quarto vizinho.

— Está a salvo — sussurrou ele num modo paternal.

Ela sabia que as suas palavras não podiam estar mais longe da verdade.

21h22

Do lado de fora da janela, Cassandra agachava—se nos arbustos. Ela vira a curadora do museu lidar com a cobra, movendo—se agilmente, liquidando—a com ímpeto. Ela contara esperar até a mulher desaparecer, depois fugir

rapidamente com a mala que albergava o coração de ferro. A víbora revelara—se uma visitante indesejada para ambas.

Mas ao contrário da curadora, Cassandra sabia que a presença da cobra era deliberada, colocada, planeada.

Ela vislumbrara um reflexo mínimo na janela, projectado a prata à luz do luar. Uma outra presença. A trepar o muro.

Cassandra baixara—se e afastara—se, as costas para o palácio, uma pistola em cada mão, duas Glock preto—baço sacadas de coldres de ombro. Avistou a figura embuçada a sobrevoar o muro exterior.

A desaparecer.

Um assassino?

Alguém partilhara o jardim com ela... sem que disso se apercebesse.

Que inépcia...

A fúria aguçou—lhe o discernimento, enquanto recalculava o plano da noite. Com toda a agitação nos alojamentos da curadora, a probabilidade de se evadir com o artefacto reduzira—se.

Mas o ladrão embuçado... isso era um assunto totalmente diferente.

Ela já obtivera informação sobre a tentativa de rapto de Omaha e Daniel Dunn. Não era claro se o ataque fora mero acaso desafortunado: hora errada, lugar errado. Ou se era algo de mais significativo, um ataque calculado, uma tentativa de obter um resgate por parte do império Kensington.

E agora aquela ameaça à vida da curadora.

Não podia ser puro acaso. Devia haver uma ligação, algo desconhecido da Guild, uma terceira parte envolvida. Mas como e porquê?

Tudo isso passou pela sua cabeça em segundos.

Cassandra cerrou o aperto das pistolas.

As respostas só poderiam vir de um lugar.

Cruzando os braços, Cassandra embainhou ambas as pistolas e soltou a arma de arpéu do cinto. Fez pontaria, premiu o gatilho e ouviu o silvo do fio de aço a subir no ar. Ela já estava em movimento, quando o gancho de fixação embateu contra o bordo do muro. Apertou o carretel de retracção. No tempo que levou a alcançar o muro, o cabo de aço ficou tenso e puxou o seu peso para cima. As suaves sapatilhas escalaram o muro enquanto o motor do arpéu gemia.

Chegando ao topo, escarranchou—se sobre o parapeito e voltou a fixar a arma de arpéu. Perscrutando em baixo, colocou os óculos de visão nocturna. A ruela escura floresceu em verdes e brancos vivos.

Do outro lado, uma figura embuçada seguia furtivamente ao longo do muro

distante, na direcção da rua vizinha. O assassino.

Cassandra pôs—se de pé no cimo do parapeito juncado de vidro e correu na rota do ladrão embuçado. Os seus passos deviam ter sido ouvidos. O alvo ganhou velocidade com um redemoinho impreciso. Maldição.

Cassandra chegou a um ponto sobre o muro onde uma outra tamareira se erguia do interior do complexo murado. As suas folhas frondosas estendiam—se amplamente, ensombrando ambos os lados do muro e bloqueando—lhe a fuga.

Sem abrandar, Cassandra manteve a presa debaixo de olho. Quando alcançou a árvore, lançou—se para diante, agarrou um punhado de folhas e saltou do muro de seis metros. O ponto de apoio cedeu sob o seu peso. As folhas rompendo por entre os seus dedos enluvados, mas o suporte temporário ajudou a amortecer a queda. Aterrou na ruela, os joelhos a absorver o impacto.

Disparou no encalço da presa, que desaparecera por uma rua transversal. Cassandra subvocalizou para os seus controlos. Um mapa sobreposto da paisagem urbana imediata surgiu nos seus óculos. A interpretação da confusão imagética requeria um olhar experiente.

Ali, na Cidade Velha, não havia ordem nem motivo na planificação. O espaço envolvente era um labirinto de ruelas e ruas de pedra redonda. Se o ladrão escapasse para esse caos retorcido...

Cassandra acelerou. O outro tinha de ser travado. O mapa digital indicava a rua paralela com menos de trinta metros antes de se cruzar com outras ruelas. Cassandra tinha uma única hipótese.

Mergulhou até à esquina, sacando da arma de arpéu. Enquanto deslizava para a rua, detectou rapidamente e fixou o alvo, a trinta metros de distância. Premiu o gatilho.

O ímpeto do cabo silvou. O gancho de fixação disparou num arco baixo pela ruela, passando por cima do ombro da presa.

Cassandra pressionou o manipulo de retracção, invertendo o carretel, ao mesmo tempo que puxava o braço para trás. Como a pesca com mosca.

Os ganchos enterraram—se no ombro do outro, fazendo rodar a figura, as pernas lançadas no ar.

Cassandra permitiu—se um cruel sorriso de satisfação. Saboreou a vitória cedo demais.

O adversário continuou a rodar, desenrolando a capa, despindo o pedaço de tecido com uma perícia que teria espantado Houdini. O luar iluminou a figura com a claridade do meio—dia através dos óculos de visão nocturna.

Uma mulher.

Aterrou com uma graça felina sobre uma mão, voltando a saltar para as pontas dos pés. Com um varrer de cabelo escuro, ganhou velocidade pela rua abaixo.

Cassandra praguejou e partiu em perseguição. Parte dela apreciava a destreza do alvo e o desafio. Outra queria atingir a mulher com um tiro pelas costas por tornar a sua noite muito mais longa. Mas precisava de respostas.

Seguia de perto a mulher, cujos movimentos eram ágeis e seguros. Cassandra fora campeã de velocidade no liceu e tornara—se ainda mais rápida durante o treino rigoroso nas Forças Especiais. Sendo uma das primeiras nos Army Rangers, ela tinha de ser veloz.

O alvo virou outra esquina.

Aquela hora da noite, as ruas estavam desertas, exceptuando alguns cães agachados e gatos em fuga precipitada. Depois de o Sol se pôr, a Cidade Velha fechava—se e cerrava as suas janelas, deixando as ruas obscuras. Ocasionais traços de música ou de riso ecoavam de pátios interiores. Umas poucas luzes cintilavam de varandas altas, mesmo essas barradas contra a intrusão.

Cassandra verificou o seu mapa digital. Um sorriso estreitou—lhe os lábios. A colmeia de ruelas por onde se esgueirara a presa era sinuosa, mas no final um beco sem saída, terminando contra o flanco íngreme do antigo forte de Jalai. A fortaleza murada não tinha entrada daquele lado.

Cassandra mantinha o ritmo. Na sua cabeça, planeava o ataque. Libertou uma das Glock. Com a outra mão, tacteou o rádio.

— Preciso de evacuação dentro de dez minutos — subvocalizou. — Localizem—me pelo GPS.

A resposta foi lapidar.

— Entendido. Evacuação em dez.

Conforme planeado, o subcomandante da equipa enviaria um trio de motos modificadas com silenciador, sólidos pneus de borracha e motor transformado. Os automóveis tinham uma mobilidade limitada nas estreitas vielas da Cidade Velha. As motos adaptavam—se melhor à região. A especialidade de Cassandra: adaptar a ferramenta perfeita ao trabalho perfeito. Pela altura em que tivesse a presa encurralada, os reforços estariam prestes a chegar. Apenas teria de manter a mulher ao seu alcance. Caso houvesse resistência, uma bala no joelho diminuiria o ânimo da outra.

À frente, o vislumbrar de um membro—alvo no seu campo de visão nocturna alertou Cassandra de que o alvo estava a abrandar, as distâncias a encurtar—se. Ela devia ter—se apercebido da armadilha para onde se precipitara.

Cassandra acompanhou—lhe o passo, mantendo—a à vista.

Finalmente, um último encurvar da estreita ruela revelou o altaneiro forte Jalai. As fachadas de ambos os lados terminavam contra a estrutura, criando um vale encaixotado.

A mulher, despojada da capa, envergava apenas uma larga camisa branca. Estava parada na base da abrupta parede de arenito do forte, a olhar para cima. O ponto de apoio ou abertura mais próximos encontravam—se a nove metros de altura. Se a mulher tentasse escalar pelos telhados das fachadas vizinhas, Cassandra desencorajá—la—ia com alguns tiros bem direccionados da sua Glock. Cassandra entrou no beco, bloqueando a fuga. A mulher pressentiu—a e voltou—se da parede do forte para a encarar. Cassandra empurrou para cima o dispositivo de visão nocturna. A Lua iluminava o beco suficientemente bem. Ela preferia a visão natural em espaços restritos. Com a Glock claramente apontada em frente, Cassandra encurtou a distância. — Não se mexa — disse em árabe.

Ignorando—a, a mulher agitou um ombro. A camisa caiu—lhe do corpo e formou um lago em torno dos seus tornozelos, deixando—a nua no meio da rua. De membros esguios, com seios do tamanho de maçãs e flectindo um pescoço longo e bem proporcionado, parecia imperturbada pela sua nudez, coisa rara na Arábia. Havia uma certa nobreza na sua pose, uma estátua grega de uma princesa árabe. A sua única jóia era uma pequena tatuagem cor de rubi junto do olho esquerdo. Uma lágrima.

A mulher falou pela primeira vez, lentamente, a cautela na sua voz. Contudo, as palavras não foram ditas em árabe. Com uma preparação em linguística, Cassandra era fluente numa dúzia de línguas e apta numa série de outras. Escutou com atenção as palavras, percebendo uma familiaridade mas incapaz de as decifrar.

Antes que Cassandra pudesse discernir qualquer outra coisa, a mulher despida abandonou descalça as suas roupas e recuou para a sombra da parede íngreme. Movendo—se da claridade da Lua para a obscuridade, a sua forma desapareceu por um instante.

Cassandra deu um passo em frente, mantendo a distância entre elas. Fitou com maior intensidade.

Não.

Baixou os óculos de visão nocturna. As sombras dissolveram—se. O penhasco de arenito do forte focou—se com nitidez. Perscrutou à direita e à esquerda.

A mulher não estava à vista em lado nenhum.

Cassandra precipitou—se para diante, a pistola erguida. Alcançou o muro com sete passadas. Esticou uma das mãos, tocando a pedra para se certificar de que era real, sólida. Com as costas voltadas para a parede, examinou o beco com os óculos de visão nocturna. Nenhum movimento, nenhum sinal da mulher.

Impossível.

Era como se se tivesse tornado sombra e desaparecido.

Um verdadeiro djinn, um fantasma do deserto.

Cassandra apenas teve de olhar para roupa largada para saber que assim não era. Desde quando os fantasmas usavam roupa?

Um esmagar de gravilha e um rosnar baixo chamaram a sua atenção para a entrada do beco. Uma pequena moto dobrou a curva, flanqueada por duas outras.

Os reforços.

Com uma última verificação, Cassandra atravessou até eles. Rodou em círculos por mais duas vezes. Quando alcançou a moto da frente, perguntou;

— Viu uma mulher nua na rua, no caminho para aqui?

O rosto do condutor estava embuçado, mas a confusão era visível nos seus olhos.

— Nua?

Cassandra percebeu a negação na sua voz.

— Esqueça.

Trepou para a moto, atrás do condutor. A noite fora um fracasso. Algo de estranho estava ali em movimento. Ela precisava de mais tempo para o entender.

Bateu no ombro do homem. Ele deu meia volta à moto e o trio esgueirou—se por onde viera, em direcção a um armazém vazio que tinham alugado nas docas como base das operações em Muscat. Já era tempo de concluir a missão que lhe fora atribuída. Teria sido mais fácil com o coração de ferro nas suas mãos. Mas o plano de contingência estava já em movimento. Por volta da meia—noite, avançariam com o estratagema pensado para eliminar a força expedicionária de Crowe.

A sua mente revia os pormenores finais que necessitavam de ser preparados, mas tinha dificuldade em concentrar—se. O que acontecera à mulher? Existiria uma entrada secreta para o forte? Uma entrada desconhecida dos serviços de informação? Era a única explicação.

Enquanto ponderava na estranheza, as palavras da mulher ecoaram na sua cabeça.

A rotação abafada das motos ajudou—a a centrar a atenção.

Onde ouvira aquela língua?

Relanceou para trás para o velho forte de Jalai, as suas torres projectadas em direcção ao luar, acima dos edifícios mais baixos. Uma estrutura antiga, de uma era perdida.

Então, veio—lhe. A familiaridade da língua.

Não moderna. Antiga.

Na sua mente, as palavras de novo proferidas, carregadas de cautela. Embora ainda não compreendesse, sabia o que estava a ouvir. Uma língua morta.

Aramaico.

A língua de Jesus Cristo.

22h28

— Como é que ela foi aí parar? — indagou Painter. Ele estava à entrada da casa de banho, a fitar o comprimento flutuante de cobra morta por entre as pétalas de jasmim.

Toda a sala de jantar ouvira o grito da criada e acorrera. Tinham sido mantidos à distância pelo mordomo, até Kara conseguir ajudar Safia a vestir um roupão. Kara respondeu à questão do seu assento junto à amiga, na cama.

— As malditas estão sempre a aparecer, mesmo pela canalização. Os alojamentos de Safia estiveram fechados durante anos. Ela podia ter aqui o seu ninho. Quando arejámos os quartos e os limpámos, deve ter ficado perturbada, depois foi atraída pela água da banheira.

— Na muda — murmurou Safia com voz rouca.

Kara dera—lhe um comprimido. O seu efeito tinha tornado a língua da mulher indolente, mas parecia mais calma do que quando o grupo chegara. O seu cabelo molhado pendia colado à pele. A cor voltava lentamente.

— As cobras na muda procuram a água.

— Então é mais provável ter vindo do exterior — acrescentou Omaha. O arqueólogo estava de pé junto ao arco que dava para o escritório. Os outros aguardavam no corredor.

Kara bateu ao de leve no joelho de Safia e levantou—se.

— Seja como for, o assunto está encerrado. É melhor prepararmo—nos para partir.

— Certamente pode ser adiado por um dia — disse Omaha, olhando para Safia.

— Não. — Safia tentou empurrar para longe a névoa sedativa. — Eu consigo. Kara assentiu.

— Temos de estar no porto à meia—noite. Painter ergueu a mão.

— Não nos chegou a dizer como vamos viajar.

Kara afastou as suas palavras como se fossem um mau cheiro.

— Verão quando lá chegarmos. Tenho mil pormenores de última hora a tratar. — Passou com passos largos por Omaha, para fora dos alojamentos. As suas palavras refluindo enquanto se dirigia aos restantes no corredor. — Reunimo—nos no pátio dentro de uma hora.

Omaha e Painter ficaram de pé em lados opostos do quarto, de cada lado de Safia. Nenhum dos homens se mexeu, incertos de ser ou não apropriado confortá—la. A questão foi resolvida por Henry que transpôs a arcada, os braços do mordomo carregados de roupa dobrada.

Henry inclinou a cabeça na direcção dos dois homens.

— Meus senhores, chamei uma criada para ajudar a menina al—Maaz a vestír—se e a reunir as suas coisas. Se quiserem ter a amabilidade de... — Ele indicou a porta, despedindo—os.

Painter chegou—se mais perto de Safia.

— Tem a certeza de que está em condições para viajar?

Ela assentiu, num esforço.

— Obrigada. Eu vou ficar bem.

— De qualquer forma, esperarei no corredor por si.

Aquilo conseguiu—lhe um débil sorriso. Ele apercebeu—se a retribuí—lo.

— Não será necessário — disse ela. Ele voltou—se.

— Eu sei, mas esperarei de qualquer forma.

Painter descobriu Omaha a estudá—lo, os seus olhos ligeiramente mais franzidos do que antes. A expressão do homem era tensa. Estava claramente suspeitoso, mas também com um traço de fúria latente. Quando Painter se encaminhou para a porta, Omaha não se afastou. Ele teve de se virar de lado para passar.

Quando o fez, Omaha dirigiu—se a Safia.

— Portaste—te lindamente, querida.

— Era simplesmente uma cobra — respondeu ela, levantando—se para aceitar as roupas das mãos do mordomo. — E tenho muito que fazer antes de partirmos.

Omaha suspirou.

— Está bem. Entendi. — Ele seguiu Painter porta fora.

Os outros tinham—se ido embora, deixando o corredor vazio. Painter assumiu posição ao lado da porta. Omaha preparou—se para passar por ele, mas

Painter aclarou a voz.

— Doutor Dunn...

O arqueólogo estacou, olhando—o de esguelha.

— Aquela cobra — disse Painter, seguindo um fio deixado solto antes. — Disse pensar que ela viera do exterior. Porquê?

Omaha encolheu os ombros, recuando um pouco.

— Não sei dizer ao certo. Mas este tipo de víboras gosta do sol do fim da tarde, especialmente quando estão na muda. Pelo que não a consigo imaginar ali enfiada todo o dia.

Painter fitou a porta fechada. O quarto de Safia estava virado a leste. O sol da manhã, apenas. Se o arqueólogo estivesse certo, a cobra teria de ter rastejado por um longo caminho desde um poiso ensolarado até à banheira.

Omaha leu os seus pensamentos.

— Acha que alguém a colocou ali?

— Talvez esteja apenas a ser excessivamente paranóico. Mas não houve um grupo militante que uma vez tentou matar Safia?

O homem franziu o olhar, uma expressão batida nas linhas do seu rosto.

— Isso foi há cinco anos. E em Telavive. Além de que, se alguém introduziu a cobra, não podem ter sido esses canalhas.

— E porquê?

Omaha abanou a cabeça.

— Esse grupo extremista foi desmantelado por comandos israelitas, um ano mais tarde. Aniquilado, mesmo.

Painter conhecia os pormenores. Fora o doutor Dunn quem ajudara os israelitas a procurar os extremistas, usando os seus contactos na região.

Omaha resmoneou, mais para si próprio do que para Painter, num tom amargo.

— Depois disso, pensei que Safia tivesse alívio... voltasse aqui... Não é assim tão fácil. Painter já tinha uma imagem formada sobre Omaha.

O homem atacava os problemas de frente, atirava—se a eles sem olhar para trás. Não era do que Safia precisava. Ele duvidava que Omaha alguma vez entendesse. No entanto, Painter sentia uma perda profunda no homem, que fora preenchida pela areia dos anos a passar. Assim, tentou ajudar.

— Um trauma daqueles não é ultrapassado por... Omaha cortou—lhe as palavras rispidamente.

— Sim, sim, já ouvi tudo isso antes. Obrigado, mas você não é a porra do meu terapeuta. Nem o dela. — Afastou—se a passos largos pelo corredor,

lançando para trás com ironia. — E por vezes, doutor, uma cobra é só uma cobra.

Painter suspirou.

Uma figura moveu—se das sombras de uma arcada vizinha. Era Coral Novak.

—Aquele homem tem problemas.

— Não temos todos?

— Ouvi por acaso a vossa conversa — disse ela. — Estava só a fazer conversa ou acha realmente que há uma outra parte envolvida?

— Definitivamente, alguém está a agitar o caldo.

— Cassandra?

Ele abanou lentamente a cabeça.

— Não, uma variável desconhecida.

Coral carregou o semblante, que consistia num imperceptível recurvar dos cantos dos lábios.

— Isso não é bom.

— Não... não, não é.

— E quanto a essa curadora — insistiu Coral, indicando a porta com um aceno. — Decorou verdadeiramente na perfeição o seu papel de cientista civil atencioso.

Painter percebeu uma subtil advertência na voz dela, uma preocupação dissimulada em que ele pudesse estar a ultrapassar a linha entre o profissionalismo e algo mais pessoal.

Coral prosseguiu:

— Se há outra parte a meter o nariz, não devíamos estar a examinar o terreno para procurar provas?

— Sem dúvida. É por isso que você vai para lá agora.

Coral ergueu uma sobrancelha.

— Tenho uma porta a guardar — disse ele, respondendo à questão implícita.

— Compreendo. — Coral começou a dar meia volta. — Mas fica para salvaguardar a missão ou a mulher?

Painter deixou que a posição de comando lhe endurecesse a voz.

— Neste caso particular, elas são uma e a mesma coisa.

23h35

Safia fitava pela janela o cenário a desfilar. Os dois comprimidos de

diazepam mantinham—lhe a mente embotada. As luzes dos candeeiros de rua a passar eram borrões fosforosos, manchas de luz por entre a paisagem nocturna. Os edifícios estavam todos apagados. Mas mais adiante, uma chama de luz marcava o porto de Muscat. O cais comercial estava activo vinte e quatro horas por dia, mantido vibrante por projectores e armazéns iluminados a sódio.

Quando contornaram uma curva apertada, o cais surgiu à vista. A baía estava quase vazia, a maior parte dos petroleiros e porta—contentores tinha atracado antes do pôr do Sol. Durante a noite, a sua carga seria descarregada e carregada de novo. Naquele preciso momento, guindastes e contentores de rodízios do tamanho de vagões balouçavam pelo ar, como blocos gigantes de brincar. Mais ao longe, perto do horizonte, um colossal navio de cruzeiro flutuava sobre as águas escuras como um bolo de aniversário de velas acesas, contra um fundo borrifado de estrelas.

A limusina afastou—se da agitação em direcção à secção mais distante do porto, onde estavam atracados os dhows, os veleiros mais tradicionais da Arábia. Durante milhares de anos, os omani percorreram os mares, desde a África até à índia. Os dhows eram simples cascos de pranchas de madeira com uma distintiva vela triangular. Variavam no tamanho desde a forma mais simples do badan até ao baghlah para navegar em águas profundas. A orgulhosa fileira de barcos antigos delineava o cais distante, encadeados bem juntos, as velas ferradas, os mastros ressaltando por entre o emaranhado de cordas.

— Estamos quase lá — murmurou Kara a Safia, do outro lado da limusina. O único outro ocupante, além do condutor e um guarda—costas, era o estudante de Safia, Clay Bishop. Ele resfolegou um pouco quando Kara falou, meio a dormitar.

Atrás deles seguia a outra limusina com todos os americanos: Painter e a parceira, Omaha e o irmão.

Safia sentou—se mais direita. Kara ainda não lhe dissera como chegariam a Salalah, apenas que se dirigiam ao porto. Assim, supôs que viajariam de barco. Salalah era uma cidade costeira, tal como Muscat, e o trajecto entre as duas cidades era quase mais fácil por mar do que por ar. Os transportes, de carga e de passageiros, partiam durante todo o dia e noite. Variavam desde ferries com motor a diesel até um par de velozes hydrofoils. Considerando a urgência de Kara de se pôr a caminho, Safia pensou que tomariam o meio mais rápido possível.

A limusina transpôs o portão de entrada, seguida pela sua gémea. Ambas continuaram pelo cais, passando por filas e filas de barcos atracados. Safia

estava familiarizada com o terminal de passageiros usual. Não era ali. Seguiam em direcção ao cais errado.

— Kara...? — iniciou ela.

A limusina deixou para trás o último edifício no final do cais. Acostada para lá deste, clareada por luzes e percorrida por estivadores e marinheiros, erguia—se uma visão magnificente. Pela agitação e velas desfraldadas, não havia dúvida de que aquele era o transporte.

— Não — balbuciou Safia.

— Sim — asseverou Kara, não soando muito satisfeita.

— Deus do Céu — disse Clay, inclinando—se para diante, para ver melhor. Kara consultou o relógio.

— Não pude recusar ao sultão quando me propôs o seu uso.

A limusina parou de lado no extremo do cais. As portas abriram—se. Safia pôs—se de pé, vacilando um pouco enquanto contemplava o cimo dos mastros de trinta metros. O comprimento do barco era quase duas vezes isso.

— O Shabab Oman — murmurou com reverência.

O ágil veleiro de longos mastros era o orgulho do sultão, o embaixador marítimo da nação no mundo, a evocação da sua história de mareantes. Apresentava o desenho tradicional inglês de um mastro de traquete com vela redonda e mastros real e de popa com velas quadradas e de balão. Construído em 1971 em carvalho escocês e pinho uruguaio, era a maior embarcação do mundo da sua era, ainda apta e no serviço activo. Nos últimos trinta anos, viajara por todo o mundo, participando em competições e regatas.

Presidentes e primeiros—ministros, reis e rainhas, tinham caminhado pelo seu convés. E agora era emprestado a Kara como transporte pessoal até Salalah. Aquilo, mais que tudo o resto, demonstrava a estima do sultão pela família Kensington. Safia compreendia agora porque Kara não pudera recusar.

Safia teve de reprimir um resquício de contentamento, surpresa com o fervilhante sentimento. As inquietações com cobras e dúvidas insistentes esbateram—se. Talvez fossem simplesmente os comprimidos, mas ela preferia acreditar que era o frescor salgado da brisa do mar, a serenar o seu espírito e o seu coração. Há quanto tempo não se sentia assim?

Naquela altura, a outra limusina surgiu e estacionou. Os americanos saíram, todos os olhares assombrados perante o navio.

Apenas Omaha não parecia impressionado, tendo já sido informado da mudança no transporte. Contudo, a visão do barco em pessoa afectava—o claramente. Embora, evidentemente, o procurasse esconder.

— Lindo, esta expedição está a tornar—se num grandioso filme de Sindbad.
— Quando em Roma... — murmurou Kara.

23h48

Cassandra observava o navio do outro lado do porto. A Guild tinha conseguido aquele armazém através de contactos com um traficante de filmes pirateados. A metade posterior da estrutura ferrugenta estava atulhada de caixotes de DVD e cassetes VHS contrabandeados.

O restante do armazém correspondia, contudo, aos requisitos necessários. Outrora uma oficina mecânica, continha a sua própria doca seca e ancoradouro. A água acometia num ritmo contínuo de encontro à estacaria próxima, agitada pelo sulco aberto por um barco de arrasto em direcção ao mar aberto.

O movimento desinquietou o grupo de veículos de ataque trazidos na semana anterior. Alguns tinham chegado desmontados em caixotes e depois montados no local; outros tinham sido trazidos por mar pela calada da noite. Balançando no ancoradouro havia três baleeiros de Boston, cada qual comportando um suporte de lustrosos jet skis negros, modificados pela Guild para acomodar espingardas de assalto rotativas. Além disso, a doca acomodava o barco de comando de Cassandra, um hydrofoil capaz de atingir velocidades superiores a cem nós.

A sua equipa de doze homens afadigava—se com os últimos preparativos. Eram todos ex—membros de Forças Especiais, como ela própria, mas aqueles homens implacáveis nunca tinham sido recrutados pela Sigma. Não que não fossem suficientemente inteligentes. Expulsos das Forças, a maioria ingressara em variados grupos mercenários e paramilitares por todo o mundo, aprendendo novas aptidões, tornando—se mais duros e astuciosos. Desses homens, a Guild seleccionara os de maior adaptabilidade e mais aguda inteligência, os que demonstravam a mais feroz lealdade à equipa, traços que mesmo a Sigma teria apreciado. Só que no caso da Guild, um critério sobrepunha—se a todos os outros: aqueles homens não tinham escrúpulos em matar, qualquer que fosse o alvo.

O segundo na cadeia de comando aproximou—se.

— Capitão Sanchez.

Ela manteve a atenção centrada na gravação de vídeo das câmaras exteriores. Contou enquanto o grupo de Painter subia ao navio e era recebido por oficiais omani. Estavam todos a bordo. Endireitou—se por fim.

— Sim, Kane.

John Kane era o único não americano da equipa. Ele servira na SAS de elite australiana, os Special Air Services. A Guild não limitava a sua busca de talentos às fronteiras norte—americanas, especialmente quando operava a nível internacional.

Com quase dois metros de estatura, Kane era solidamente musculado. Mantinha a cabeça perfeitamente rapada, excepto num penacho preto sob o queixo.

A equipa ali era na realidade formada pelos homens de Kane, posicionados no Golfo até serem chamados ao serviço pela Guild. A organização tinha equipas implantadas por todo o mundo, células independentes que se ignoravam entre si, prontas a responder às ordens da Guild a qualquer momento.

Cassandra fora enviada para activar aquela precisa célula e liderar a missão, conseguindo a posição pelo seu conhecimento da Força Sigma, o adversário da Guild naquela operação. Ela sabia como operava a Sigma, conhecia as estratégias e procedimentos. Também conhecia estreitamente o líder de operação — Painter Crowe.

— Está tudo a postos — disse Kane.

Cassandra assentiu, consultou o relógio. O Shabab Oman deveria largar ao bater da meia—noite. Aguardariam uma hora completa, depois partiriam em sua perseguição. Fitou de novo o monitor de vídeo e fez alguns cálculos mentais.

— O Argus? — perguntou.

— Contactou por rádio há minutos atrás. Já está em posição, a patrulhar a nossa zona de ataque para impedir intromissões.

O Argus era um submersível de quatro tripulantes, capaz de desembarcar mergulhadores sem emergir. Os seus motores de propulsão a peróxido de hidrogénio e artilharia de minitorpedos tornavam—no tão rápido, quanto mortífero.

Cassandra assentiu de novo. Tudo estava em posição.

Ninguém a bordo do Shabab veria a luz do amanhecer.

Meia—noite

Henry postava—se no meio da casa de banho, enquanto a cuba gorgolejava a esvaziar. O seu casaco de mordomo estendia—se na borda da cama. Arregaçou as mangas e enfiou um par de luvas de borracha amarelas.

Suspirou. Uma criada poderia ter tratado facilmente daquela tarefa, mas as raparigas já estavam arredias devido à agitação e ele sentiu ser seu dever livrar a casa dos restos da víbora. Em última análise, o bem—estar dos hóspedes do palácio recaía sobre os seus ombros, uma incumbência que sentia ter falhado

naquela noite. E embora o grupo de Lady Kensington tivesse partido, sentia contudo uma responsabilidade pessoal de retirar dali a cobra, para corrigir a sua falta.

Avançando, inclinou—se e estendeu cautelosamente a mão para o corpo. Este flutuava num S indolente acima da água, parecendo mesmo contorcer—se levemente, agitado pela força de tracção do dreno.

Os dedos de Henry hesitaram. A maldita coisa parecia viva.

Comprimiu a mão enluvada.

— Controla—te, meu velho.

Inspirando fundo, agarrou a cobra pelo meio. O seu rosto crispou—se de desagrado, os dentes a ranger.

— Maldito pedaço de merda — resmungou, retornando à linguagem da sua adolescência de Dublin. Rezou uma silenciosa prece de agradecimento a Saint Patrick por expulsar aqueles seres abjectos da Irlanda.

Arrastou a forma indolente para fora da banheira. Um balde forrado a plástico aguardava a sua captura. Voltando—se, segurando a cobra à distância de um braço, posicionou a cauda daquela no balde e empurrou o corpo para dentro deste, enrolando—o.

Quando fixou a cabeça no cimo da pilha, ficou de novo impressionado com a aparência de vida da criatura. Só a sua boca aberta arruinava a imagem.

Henry começou a endireitar—se, depois empertigou a cabeça ao ver algo que não fazia sentido.

— Mas o que é isto, afinal?

Voltou—se e pegou num pente de plástico do estojo de utensílios de beleza. Cautelosamente, agarrando a cobra por trás do crânio, usou o pente para abrir ainda mais a boca, confirmando o que notara.

— Que estranho — murmurou. Investigou com o pente para se certificar. A cobra não tinha presas.

IX - SANGUE NA ÁGUA

3 de Dezembro, 01h02
Mar da Arábia

Safía postava—se na amurada, fixando a escura linha da costa que flutuava a passar. O barco chiava e rangia em seu torno. As velas estalavam enquanto os ventos se contorciam sobre o mar da meia—noite.

Era como se tivessem sido transportados para um outro tempo, em que o mundo era apenas vento, areia e água. O cheiro do sal e o sussurrar das ondas a deslizar ao longo dos flancos do barco eclipsaram a azáfama de Muscat. Estrelas brilhavam lá no alto, mas nuvens eram arrastadas para perto. Teriam chuva antes de chegar a Salalah.

O capitão do navio já transmitira as informações meteorológicas. Uma borrasca estava a excitar a ondulação até aos três metros.

— Nada que o Shabab não consiga aguentar — disse ele, com um sorriso —, mas vou ter que fazer algumas rotações e guinadas. É melhor confinarem—se às cabinas, quando a chuva se abater.

Pelo que Safia decidiu aproveitar os céus límpidos enquanto durassem. Depois da excitação daquele dia, sentia—se aprisionada na sua cabina. Especialmente agora, que os sedativos se desvaneciam.

Contemplava a escura linha da costa a deslizar para trás, tão silenciosa, tão tranquila. O último oásis de luz, um complexo industrial nos limites de Muscat, começou a desaparecer para lá de uma agulha de terra.

Uma voz falou a seu lado, soando intencionalmente indiferente.

— Ali vai o último vestígio de civilização tal como a conhecemos.

Clay Bishop aproximou—se da amurada, agarrou—a com uma das mãos e levou um cigarro aos lábios. Ainda envergava as suas Levi’s e uma t—shirt preta com as palavras GOT MILK a branco. Durante os dois anos que servira como estudante graduado, nunca vestira outra coisa que não t—shirts, geralmente publicitando bandas de rock em tons berrantes. A t—shirt preta e branca que vestia agora era claramente o seu traje formal.

Ligeiramente irritada com a intrusão, ela manteve a voz rígida e profissional.

— Aquelas luzes — disse, indicando com um aceno o complexo a desaparecer — marcam a unidade industrial mais importante da cidade. Pode dizer—me do que se trata, senhor Bishop?

Ele encolheu os ombros e após um momento de hesitação, propôs:

— Uma refinaria de petróleo?

Era uma resposta que ela esperava, mas também uma resposta errada.

— Não, trata—se da unidade de dessalinização que assegura o abastecimento de água potável à cidade.

— Agua?

— O petróleo pode ser a riqueza da Arábia, mas a água é o seu sangue vital.

Deixou que o estudante graduado repisasse aquele facto. Poucos no Ocidente conheciam a importância de tais projectos de dessalinização ali na Arábia. Os

direitos relativos à água e os recursos aquíferos estavam já a substituir o petróleo como fonte de contenda no Médio Oriente e no Norte de África. Alguns dos mais ferozes conflitos entre Israel e os seus vizinhos — Líbano, Jordânia e Síria — não se referiam à ideologia ou à religião, mas ao controlo do abastecimento de água do Vale do Jordão.

Clay falou por fim.

— «O whisky é para beber, a água para lutar.» Ela carregou o semblante.

— Mark Twain — disse ele.

Mais uma vez, ficou surpreendida com a sua astuta intuição e assentiu na sua direcção.

— Muito bem.

Apesar da aparência descuidada, havia uma inteligência aguçada por detrás daqueles espessos óculos pretos. Fora uma das razões porque ela permitira que o jovem se juntasse à expedição. Daria um excelente investigador, um dia.

Clay levantou o cigarro de novo. Ao estudá—lo, ela notou o ligeiro vacilar na extremidade luminosa e, pela primeira vez, o vivo aperto da sua mão em torno da amurada do navio.

— Sente—se bem? — perguntou ela.

— Não sou um grande apreciador do mar aberto. Se Deus tivesse pretendido que os homens navegassem, não teria firmado os dinossauros em combustível para motores a jacto.

Ela inclinou—se e bateu—lhe levemente na mão.

— Vá descansar, senhor Bishop.

A unidade de dessalinização desapareceu finalmente em torno da ponta de terra. Tudo escureceu, à excepção das luzes do barco, reflectidas nas águas.

Por trás de Safia, lanternas solitárias e fiadas de lâmpadas eléctricas iluminavam os conveses, auxiliando a tripulação no manejo dos cabos e cordames, preparando—se para os mares mais agitados da tempestade que se aproximava. A tripulação era formada na sua maioria por aprendizes, jovens da Marinha Real de Oman, que ganhavam experiência enquanto o navio se encontrava na pátria, percorrendo curtas viagens ao longo da linha de costa. O Shabab partiria, dentro de dois meses, para competir na regata da Presidenfs Cup.

O murmúrio dos jovens foi interrompido por um súbito brado vindo do centro do convés, uma saraivada de impropérios em árabe. Seguiu—se um estrondo. Safia voltou—se para ver uma escotilha de carga do convés médio ser lançada de rompante, deitando um marinheiro ao chão. Um outro homem voou

porta fora, jogando—se para o lado.

A razão para o voo louco do homem surgiu nos seus calcanhares, os cascos esmagando—se nas pranchas. Um garanhão branco galopou pela rampa do porão, alcançando o convés. Agitando a crina, o cavalo estacou argênteo à luz da lua, os olhos eram dois pedaços de carvão em brasa. Brados ecoavam agora de toda a parte.

— Céus! — expeliu Clay a seu lado.

O cavalo recuou, relinchando ameaçadoramente, depois lançou os cascos para trás, dançando sobre o chão de tábuas. Foi seguro pelo cabresto, mas a ponta da corda puiu—se.

Os homens corriam em círculos, agitando os braços, tentando empurrar o garanhão de volta à escotilha. Ele recusava—se a mexer, escouceando, marrando com a cabeça ou estalando os dentes.

Safia sabia que o cavalo era um dos quatro carregados no porão — dois garanhões e duas éguas —, destinados à coudelaria real às portas de Salalah. Alguém devia ter sido desmazelado ao prender o animal.

Firmada na amurada, Safia via a tripulação a lutar com o garanhão. Alguém soltara uma extensão de corda e tentava laçar o cavalo. O detentor da corda ganhou um pé partido, coxeando para trás com um grito pungente.

O garanhão irrompeu por um emaranhado de cordame, rasgando caminho com o corpo. Uma fiada de lâmpadas eléctricas atingiu o convés. Os bolbos de vidro estalaram e quebraram—se.

Novos brados se ergueram.

Por fim, uma espingarda surgiu nas mãos de um marinheiro.

A fúria do garanhão punha em risco vidas e causava danos ao navio.

— La! Não!

Um clarão de pele nua atraiu o olhar de Safia na direcção oposta. Por entre os marinheiros enroupados, uma figura meio despida correu de uma porta da coberta de proa. Vestindo unicamente uns boxers, Painter parecia um selvagem. O seu cabelo estava desgrenhado, como se tivesse acabado de acordar. Os gritos e investidas do cavalo tinham—no claramente arrancado da cabina.

Agarrou numa lona do cimo de uma espiral de corda e precipitou—se descalço por entre os outros.

— Wa—ra! — bradou em árabe. — Afastem—se!

Dissipando o círculo de marinheiros, Painter agitou a lona. O movimento chamou a atenção do garanhão. Este recuou e bateu com os cascos, numa atitude de ameaça, de alerta. Mas os seus olhos da cor do carvão permaneceram fixos na

lona e no homem. Um matador e um touro.

— I—haah! — lançou Painter, agitando um dos braços. O garanhão deu um passo atrás, baixando a cabeça.

O americano deslizou para diante — não directamente para o cavalo, mas para o lado. Lançou a lona sobre a cabeça do cavalo, cobrindo—a por completo.

O garanhão sacudiu uma vez, arremessou a cabeça, mas o pedaço de lona era demasiado grande para o animal se libertar. O cavalo cravou—se nas tábuas e ficou imóvel, cego pela lona, inseguro. Tremia, o suor a cintilar à luz da lua.

Painter mantinha a distância. Falava demasiado baixo para que Safia conseguisse ouvir. Mas reconheceu o tom. Ela escutara—o no avião. Pura tranquilização.

Finalmente, ele avançou cautelosamente e colocou a palma da mão sobre o flanco palpitante do garanhão. O cavalo relinchou e arrojou a cabeça, mas menos impetuosamente desta vez.

Chegando—se mais perto, Painter acariciou o pescoço do cavalo, continuando a murmurar. Com a sua outra mão, alcançou a corda puída presa ao cabresto. Vagarosamente, guiou o cavalo em volta.

Incapaz de ver, o cavalo respondeu aos sinais familiares, forçado a confiar no homem no extremo da corda.

Safia observava—o. A pele de Painter cintilava com a intensidade do flanco do cavalo. Passou uma mão pelo cabelo. Haveria uma tremura no gesto?

Falou a um dos marinheiros que assentiu. O marinheiro conduziu—o ao porão, o cavalo a reboque.

— Fantástico — disse Clay, aprovador, extinguindo o seu cigarro. Terminada a excitação, a tripulação retornou lentamente às suas tarefas.

Safia olhou à sua volta. Notou que a maioria do grupo de Kara se juntara no convés: a parceira de Painter num roupão cingido, Danny de t—shirt e calções. Kara e Omaha não tinham mudado de roupa. Deviam estar ainda a rever os preparativos de última hora. Nas suas costas, postavam—se quatro homens imponentes de aspecto duro, envergando uniformes militares de serviço. Safia não os reconheceu.

Painter regressou da escotilha enrolando a lona nas mãos. Uma pequena aclamação brotou da tripulação. Algumas pancadas de aprovação nas costas. Ele retraiu—se da atenção e passou de novo a mão pelo cabelo, um gesto de modéstia.

Safia apercebeu—se a caminhar até ele.

— Muito bem — disse, assim que alcançou Painter. — Se tivessem abatido o

cavalo...

— Eu não podia deixar que tal acontecesse. Ele estava só assustado.

Kara apareceu, os braços cruzados sobre o peito. O rosto mantinha—se indecifrável, mas despido da habitual agressividade.

— Aquele era o garanhão vencedor do sultão. O que se passou aqui irá chegar—lhe aos ouvidos. Acabou de conquistar a sua leal amizade.

Painter encolheu os ombros.

— Fi—lo para o bem do cavalo.

Omaha postava—se atrás de Kara. O rosto enrubescido, visivelmente irritado.

— Onde aprendeu a arte de lidar com cavalos, Tonto?

— Omaha... — advertiu Safia. Painter ignorou o insulto.

— Claremont Stables, em Nova Iorque. Eu limpava os estábulos quando era miúdo. — O homem pareceu, por fim, notar o seu estado pouco vestido, olhando —se. — É melhor voltar para a cabina.

Kara falou, com rispidez.

— Doutor Crowe, antes de se retirar, gostaria que passasse pela minha cabina. Queria rever o itinerário a partir da nossa chegada ao porto.

Os seus olhos abriram—se de surpresa face à proposta.

— Certamente.

Era o primeiro sinal de cooperação de Kara. Safia não estava surpreendida. Ela conhecia a profunda afeição de Kara por cavalos, uma ternura que não sentia por homem algum. Kara fora uma cavaleira campeã de dressage. A oportuna intervenção de Painter em protecção do garanhão conquistara—lhe mais do que a apreciação do sultão.

Painter inclinou a cabeça a Safia, os olhos cintilando à luz das lanternas. Ela teve de inspirar antes de balbuciar as boas—noites.

Ele partiu, passando pelos quatro homens postados atrás de Kara. Os outros seguiram—no lentamente, dispersando para as respectivas cabinas. Omaha permaneceu ao lado de Safia.

Kara voltou—se e falou em árabe a um dos homens, um tipo alto de cabelo negro, envergando um shamag omani e calças militares de caqui. Beduíno. Todos estavam similarmente vestidos. Safia reparou nas armas embainhadas nos cintos. O homem que escutava Kara carregava, igualmente, uma adaga curva presa ao cinto. Não se tratava de uma faca cerimonial, mas de uma arma de ataque com ar de ter sido bastante usada. Ele era claramente o líder, distinto dos outros homens por uma pálida e nodosa cicatriz a atravessar—lhe o pescoço.

Assentiu ao que Kara lhe disse, depois falou aos homens. O grupo afastou—se.

— Quem era aquele? — perguntou Safia.

— O capitão al—Haffi — disse Kara. — Das forças de patrulha militar fronteiriça omani.

— Desert Phantoms — murmurou Omaha, usando o epíteto da patrulha fronteiriça.

Os Phantoms eram as Forças Especiais de Oman. Travavam uma luta contínua com contrabandistas e traficantes de droga no deserto profundo, passando anos nas areias. Não havia homens mais duros no mundo. As Forças Especiais britânicas e americanas recebiam treino de guerra e de sobrevivência no deserto de ex—Phantoms.

Kara falou.

— Ele e o seu esquadrão voluntariaram—se como guarda—costas para a expedição. Com a permissão do sultão Qaboos.

Safia observou os homens a descerem do convés. Omaha espreguiçou—se e bocejou.

— Vou—me deixar cair na cama por algumas horas, antes do Sol nascer. — Relanceou Safia. Os seus olhos encobertos sob as sobrancelhas. — Deviam também tentar dormir um pouco. Temos um longo dia à nossa frente.

Safia encolheu os ombros, de forma não comprometida. Ela detestava concordar com ele, mesmo numa sugestão tão simples.

O olhar dele desviou—se do dela. Pela primeira vez, ela notou o passar dos anos no seu rosto, rugas cavadas pelo sol mais longas e mais profundas nos cantos dos olhos, um ferimento mais abaixo. Exibia mais algumas cicatrizes filiformes. Ela não podia negar a sua beleza rude. Cabelo louro—arruivado, faces de ângulos talhados, olhos de um azul—profundo. Mas o encanto juvenil desaparecera. Parecia agora cansado, descolorado do sol.

Contudo... algo se agitou dentro dela, quando os seus olhos se desviaram, uma dor antiga tão familiar quanto ardente. Enquanto ele se voltava, ela sentiu uma insinuação do seu odor almiscarado, uma evocação do homem que outrora se deitara a seu lado, a ressonar numa tenda. Teve de se forçar a não estender a mão para ele, detê—lo por mais um pouco. Mas de que serviria? Não havia mais nada a dizer entre eles, apenas silêncios incómodos.

Ele partiu.

Ela voltou—se encontrando o olhar de Kara.

Esta abanou a cabeça.

— Que os mortos descansem em paz.

01h38

O monitor de vídeo mostrava a equipa de mergulho. Cassandra debruçou—se sobre o ecrã, como que tentando ouvir por cima do gemer dos motores do hydro—foil. A gravação provinha do submersível da equipa, o Argus, a cinco milhas de distância e trinta e cinco metros de profundidade.

O Argus tinha duas câmaras. A parte traseira alojava o piloto e co—piloto do veículo. A câmara da popa, agora a inundar—se de água do mar, continha dois mergulhadores de assalto. À medida que a água submergia os dois homens, igualando a pressão interior e exterior, a coberta da popa abria—se como uma concha. Os mergulhadores saíram para as águas, iluminados pelas luzes do submarino. Presos à cintura de cada um deles, foguetes de propulsão manobráveis. Os dispositivos de engenharia DARPA eram capazes de impelir os mergulhadores a velocidades espantosas. Suspenso sob eles em pequenas redes, carregavam um arsenal de mecanismos de demolição.

Ténues palavras sussurradas ao ouvido dela.

— Contacto de sonar estabelecido — informou o piloto do Argus. — Equipa de assalto em movimento. Contacto estimado em sete minutos.

— Muito bem — respondeu ela, em voz baixa. Depois, pressentindo alguém no seu ombro, olhou de relance para trás. Era John Kane. Ela ergueu uma mão.

— Posicionamento da carga explosiva às duas horas — concluiu o piloto.

— Entendido — disse Cassandra, repetindo as horas e terminando. Endireitou—se e voltou—se.

Kane levantou um telefone de satélite.

— Linha segura. Comunicação privada.

Cassandra aceitou o telefone. Comunicação privada. Tal poderia dizer um dos seus superiores. Por agora, já teriam recebido o relatório sobre o seu fracasso em Muscat. Ela omitira os pormenores sobre a estranha mulher beduína que se evaporara. Pela segunda vez, ela falhara a captura do artefacto.

Uma voz mecânica respondeu—lhe, distorcida para assegurar o anonimato. Apesar da dissimulação da inflexão e tom, ela reconheceu quem falava. O chefe da Guild, de nome de código «O Ministro», como em «primeiro—ministro». Parecia uma precaução ingénua, ridícula, mas a Guild moldava a sua organização em células terroristas. A informação passava pelas equipas numa base do conhecimento necessário, cada qual sob uma autoridade independente, apenas prestando contas ao escalão superior. Ela nunca se encontrara com o

Ministro, apenas três pessoas o tinham feito, os três altos dirigentes da organização. Ela esperava conquistar um dia essa posição.

— Líder cinzenta — disse a voz estranhamente sintetizada, utilizando a designação desta na operação. — Os parâmetros da missão foram alterados.

Cassandra retesou—se. Ela tinha o plano de tempo tatuado na sua mente. Nada iria falhar. Os motores a diesel do Shabab seriam feitos explodir, assinalando a passagem castigadora das metralhadoras dos jet skis. Seguir—se—ia uma equipa de assalto, liquidando os resistentes, cortando as comunicações. Uma vez o coração de ferro em mãos, o navio seria detonado e afundado.

— Senhor? A equipa de colocação dos explosivos está a caminho. Está tudo em movimento.

— Improvise — entoou a voz mecânica. — Capture a curadora do museu juntamente com o artefacto. Entendido?

Cassandra reprimiu a sua surpresa. Não se tratava de um simples pedido. O objectivo original — obter o artefacto de ferro — não envolvia quaisquer parâmetros de preservação das vidas daqueles a bordo do Shabab Oman. Segundo o planeado, tratava—se de uma acção brutal de pegar—e—fugir. Dura, sanguinária e rápida. Ela revia já o plano na sua mente.

— Posso perguntar porque necessitamos da curadora?

— Ela pode revelar—se útil na fase dois. O nosso especialista inicial em antiguidade árabe mostrou—se... pouco cooperativo. E a conveniência é suprema se quisermos descobrir e deter a fonte deste poder. A demora equivale à derrota. Não podemos desperdiçar o talento tão convenientemente acessível.

— Sim, senhor.

— Informe—me do sucesso da missão. — Uma insinuação de ameaça a arrastar—se naquelas últimas palavras, enquanto a ligação era cortada.

Ela pousou o telefone.

John Kane aguardava a alguns passos de distância.

Cassandra encarou—o.

— Mudança de planos. Avise os seus homens. Vamos entrar em acção primeiro. — Fitou para lá da janela da ponte do hydrofoil. A distância, o veleiro ornado de lanternas cintilava como o brilho difuso de jóias ígneas sobre o mar obscuro.

— Quando partimos?

— Agora.

01h42

Painter bateu à porta da cabina. Ele conhecia o plano dos alojamentos para lá da porta de carvalho escocês requintadamente cinzelada. Era a Suite Presidencial, reservada aos poderosos e magnatas da indústria e, agora, o domicílio de Lady Kara Kensington. Mais cedo, ao embarcar no navio, Painter descarregara informação e esquemática relativas ao Shabab Oman.

Era melhor conhecer os contornos do terreno... mesmo quando estava no mar.

Um camareiro abriu a porta. O homem mais velho, do cimo do seu acanhado metro e meio, conduzia—se com a dignidade de um homem mais alto. Estava todo vestido de branco, desde o minúsculo barrete sem aba até às sandálias.

— Doutor Crowe — saudou ele, com uma ligeira inclinação de cabeça. — Lady Kensington está à sua espera.

O homem voltou—se, fazendo—lhe sinal para o seguir. Passando a antecâmara, Painter foi conduzido à sala principal. O amplo espaço estava decorado de forma simples, mas elegante. Uma imponente mesa marroquina antiga distinguia um escritório, delineado por estantes de livros. O centro da divisão continha um par de volumosos sofás, estofados a azul—marinho, flanqueados por um par de cadeiras de espaldar alto, almofadadas à maneira omani, com tiras de vermelho, verde e branco, as cores da bandeira omani. No conjunto, a divisão exibia uma mistura de apontamentos britânicos e omani, reconhecimento das suas histórias partilhadas.

No entanto, a característica mais intensa da sala era a ampla fileira de janelas que abriam para o escuro oceano.

Kara estava de pé, enquadrada contra o fundo de céu estrelado e águas iluminadas pela Lua. Tinha mudado das suas roupas para um espesso roupão de algodão. Os seus pés estavam descalços. Voltou—se assim que ele entrou, apanhando o seu reflexo na janela.

— É tudo, Yanni — disse ela, despedindo o camareiro.

Logo que ele partiu, ela ergueu uma mão, apontando vagamente o sofá.

— Oferecia—lhe uma bebida de fim de dia, mas este maldito barco é tão seco como toda a Arábia.

Painter cruzou o espaço e sentou—se, enquanto Kara se deslocou para uma das cadeiras e se sentou também.

— Não tem importância. Eu não bebo.

— AA? — perguntou ela.

— Preferência pessoal — disse ele, com um profundo carregar do olhar.

Parecia que o estereótipo do índio alcoolizado persistia mesmo na Grã—Bretanha... não que não tivesse algum fundo de verdade. O seu próprio pai encontrara mais alívio numa garrafa de Jack Daniel 's, do que na família e amigos.

Ela encolheu os ombros. Painter aclarou a voz.

— Mencionou uma actualização do itinerário?

— Será impresso e metido debaixo da sua porta antes do nascer do Sol. Os seus olhos franziram—se.

— Então, porquê a reunião tardia? — Apercebeu—se a fitar—lhe os tornozelos despidos, quando ela cruzou as pernas. Tê—lo—ia convocado por razões mais pessoais? Ele sabia sobre Kara Kensington que ela passava pelos homens com a mesma frequência com que mudava de penteado.

— Safia — disse ela simplesmente, surpreendendo—o. Painter pestanejou e devolveu—lhe o olhar.

— Eu vejo como ela o olha. — Seguiu—se uma longa pausa. — Ela é mais frágil do que parece.

E mais forte do que todos pensam, acrescentou ele para si mesmo.

— Se está a usá—la, é melhor procurar um canto perdido do mundo para se esconder depois. Se é apenas sexo, é melhor manter as calças no sítio ou irá ficar sem uma parte significativa da sua anatomia. Qual das duas hipóteses é?

Painter abanou a cabeça. Pela segunda vez, numa questão de horas, era questionado quanto à sua afeição por Safia: primeiro, pela parceira, agora por aquela mulher.

— Nenhuma — disse, com mais aspereza do que tencionara.

— Explique—se.

Painter mantinha o rosto indecifrável. Não podia afastar Kara com a mesma facilidade com que afastara Coral, anteriormente. De facto, a sua missão correria bem melhor com a cooperação dela, em lugar da actual hostilidade. Mas permanecia em silêncio. Nem sequer conseguia arranjar uma boa mentira. As melhores mentiras eram aquelas mais próximas da verdade — mas qual era a verdade? O que sentia por Safia?

Pela primeira vez, considerou—o mais a fundo. Sem dúvida, achava Safia atraente: os seus olhos esmeralda, a sua suave pele cor de café, a maneira como o mais leve dos sorrisos lhe iluminava o rosto. Mas encontrara muitas mulheres bonitas ao longo da sua vida. Então, o que havia com aquela mulher em particular? Safia era inteligente, talentosa e havia seguramente uma força nela a que os outros pareciam cegos, um centro de granito que não podia ser destruído.

Contudo, quando olhava para trás, Cassandra fora igualmente forte, talentosa e bela e levara—lhe anos a corresponder—lhe. O que havia, então, com Safia que o levasse a agir tão prontamente?

Ele tinha uma suspeita, mas que tinha relutância em admitir... mesmo para si próprio.

Olhando na direcção das janelas do navio, Painter imaginou os olhos de Safia, a frágil dor por detrás do verde—esmeralda. Evocou—lhe os braços em torno dos seus ombros, enquanto a descia do telhado do museu, apertada contra ele, o sussurro do alívio, as lágrimas. Mesmo então, houvera algo nela que implorara o toque da sua mão, algo que apelara ao homem no seu íntimo. Ao contrário de Cassandra, Safia não era apenas granito. Ela era um poço de força e de vulnerabilidade, o duro e o suave.

Fundo no seu coração, ele sabia que era essa contradição que o fascinava mais do que tudo o resto. Algo que ele queria explorar em maior profundidade.

— E então? — pressionou Kara, depois do longo silêncio. Foi salvo pela primeira explosão.

01h55

Omaha despertou com um troar nos seus ouvidos. Sentou—se, sobressaltado, sentindo a vibração nas entranhas, ouvindo o chocalhar da pequena janela de vigia. Ele sabia que se dirigiam para uma borrasca. Consultou o relógio. Tinham —se passado menos de dez minutos. Demasiado cedo para a tempestade...

Danny escorregou do beliche de cima, aterrando desordenadamente, apoiando—se com uma mão, içando os boxers com a outra.

— Caramba! O que foi isto?

O metralhar de tiros irrompeu por cima das suas cabeças. Seguiram—se brados. Omaha lançou para trás os lençóis. Tinham de facto entrado numa tempestade... mas não naquela prevista pela meteorologia.

— Estamos a ser atacados!

Danny arrebatou os óculos da gaveta de cima de uma pequena mesa.

— Quem está a atacar? Porquê?

— Como raio hei—de saber?

Omaha pôs—se de pé e lançou uma camisa pela cabeça, sentindo—se menos exposto. Amaldiçoou—se por ter deixado a espingarda e pistolas emaladas no porão. Ele sabia como os mares da Arábia podiam ser traiçoeiros, percorridos por piratas dos tempos modernos e por facções paramilitares ligadas a

organizações terroristas. Os mares agitados pareciam ainda propícios aos lucros da pilhagem. Mas nunca suspeitou que alguém atacasse o navio almirante da marinha omani. Omaha rangeu a porta, entreabrindo—a uns milímetros e espreitou para a passagem escura. Um único candeeiro de parede lançava um lago de luz próximo do vão da escada, que conduzia aos dois pisos de cima e ao convés aberto. Como habitual, Kara destinara a Omaha e ao irmão os piores alojamentos, num piso acima do primeiro porão, cabinas de tripulação em contraposição às acomodações mais luxuosas dos passageiros. Do outro lado da passagem, uma outra porta rangeu a entreabrir—se.

Omaha e o irmão não eram os únicos a conseguir as cabinas mais inferiores.

— Crowe — chamou ele.

A porta distante abriu mais para revelar a parceira de Crowe em lugar disso. Coral Novak deslizou para fora, descalça, em calças justas e sutiã de desporto, o cabelo louro—branco solto pelos ombros. Fez—lhe sinal em silêncio. Carregava uma faca na mão direita, uma extensão perversa de aço inoxidável polido com um punho preto carvão. Desenho militar. Ela empunhava—a baixa, perfeitamente firme, mesmo com a barragem de fogo a irromper em rajadas acima das suas cabeças.

Estava sozinha.

— Onde está Crowe? — sibilou ele. Ela apontou um polegar para cima.

— Foi encontrar—se com Kara há vinte minutos. Onde se parecia concentrar o tiroteio, concluiu Omaha. O receio estreitou—lhe a visão, enquanto olhava na direcção das escadas. Safia e o estudante tinham cabinas privadas por baixo da suite de Kara, ambas próximas do tiroteio. O seu coração retraía—se com cada descarga de fogo de espingarda. Tinha de chegar até ela. Avançou em direcção à escada.

Uma nova rajada irrompeu, ecoando do cimo das escadas.

Ruído de botas ressoou naquela direcção.

— Armas? — sussurrou Coral.

Omaha voltou—se e mostrou as suas mãos vazias. Eles tinham sido forçados a abandonar todas as armas pessoais antes de embarcar no navio.

Ela franziu o olhar e apressou—se para a base das estreitas escadas. Usou o punho da faca para quebrar a única lâmpada que iluminava o corredor. A escuridão abateu—se.

Os passos aceleraram na sua direcção. Surgiu primeiro uma sombra.

Coral pareceu ler algo na obscuridade, mudou subtilmente de posição, distendendo—se, baixando o braço.

Uma figura escura percorreu atabalhoadamente os últimos degraus.

Coral lançou violentamente a perna, atingindo o homem no joelho. Ele caiu de cabeça no corredor com um grito. Era apenas um elemento da tripulação. O cozinheiro do navio. O seu rosto embateu nas pranchas com estridor, fazendo ressaltar a cabeça. Gemeu, mas manteve—se imóvel, aturdido, confuso.

Coral agachou—se a seu lado com a faca, insegura.

Rajadas de tiros continuavam lá em cima, mas agora apenas esporadicamente, soando mais mortíferas, intencionais.

Omaha impeliu—se para diante, fixando as escadas.

— Temos de chegar aos outros. A Safia.

Coral levantou—se e bloqueou—o com um braço.

— Precisamos de armas.

Uma descarga de espingarda soou em cima, retumbante no espaço estreito.

Todos deram um passo atrás.

Coral olhou Omaha nos olhos. Ele enfrentou—lhe o olhar, encurralado entre correr para os alojamentos de Safia e proceder com cautela. A cautela não era um dos seus valores fundamentais. Contudo, a mulher tinha razão. Punhos contra balas não constituíam um bom plano de salvamento.

Ele voltou—se.

— Há espingardas e munições guardadas no porão — disse, apontando para a escotilha inferior que conduzia ao primeiro porão. — Talvez possamos rastejar por ali e aceder ao porão principal.

Coral firmou o aperto na sua faca e assentiu. Atravessaram até à escotilha, abriram—na e desceram pela curta escada até ao primeiro porão de tecto baixo. Exalava um odor a algas, sal e resinas de carvalho. Omaha foi o último a entrar.

Uma nova barragem de fogo irrompeu, pontuada por um grito agudo. Um homem, não uma mulher. Contudo, Omaha retraiu—se e rezou para que Safia mantivesse a cabeça baixa.

Contrariado, fechou a escotilha. A escuridão caiu sobre eles. Cego, tombou pela curta escada, aterrando com um ténue chapinhar no primeiro porão.

— Alguém trouxe uma lanterna? — perguntou. Ninguém respondeu.

— Fantástico — resmungou Omaha —, simplesmente fantástico. Algo correu precipitadamente pelo seu pé e desapareceu com o ruído de leves passos sobre o chão molhado. Ratazanas.

01h58

Painter espreitou por uma das janelas do navio. Um jet ski de dois lugares zumbia em baixo, passando velozmente sob o ressalto do protuberante castelo de proa. Esgueirava—se quase sem ruído, o escape silenciado, deixando um sulco em forma de V a cruzar as ondas. Mesmo na obscuridade, ele reconheceu o desenho. Um protótipo experimental de engenharia DARPA para operações secretas. O piloto agachava—se atrás de um vidro de protecção contra o vento. O passageiro sentava—se mais alto, manuseando uma espingarda de assalto montada num suporte giratório na retaguarda, com estabilizador giroscópico. Ambos os homens usavam óculos de visão nocturna.

A patrulha passou a zunir. Até ao momento, Painter contara quatro. Provavelmente, haveria mais a circular à distância. Ao largo do mar escuro, não viu sinais da embarcação principal de ataque, que seguramente descarregara a equipa de assalto. Presumivelmente, teria acostado a um dos flancos do navio, depois ter—se—ia afastado rapidamente, guardando uma distância segura até à altura da recolha da equipa.

Esquivou—se de novo para o interior.

Kara agachou—se atrás de um sofá, parecendo mais zangada do que assustada.

Assim que a primeira explosão atingira o navio, Painter verificara no exterior da cabina. Pela escotilha do convés, vislumbrara uma espiral de fumo e um ominoso brilho avermelhado na retaguarda do navio.

Uma granada incendiária.

Mesmo aquele breve vislumbre quase o matara. Um homem camuflado de negro surgiu subitamente na entrada, a poucos passos de distância. Painter mergulhara de novo no interior, enquanto o homem metralhava a entrada. Se não fosse o reforço de metal da porta da Suite Presidencial, Painter teria sido cortado a meio. Depois de trancar a porta, transmitiu a Kara a sua avaliação.

— Tomaram a sala de comunicações via rádio.

— Quem?

— Não sei... um grupo paramilitar pelo aspecto.

Painter abandonou o seu posto junto à janela e agachou—se ao lado de Kara. Ele sabia com toda a certeza quem liderava a equipa. Não havia dúvida. Cassandra. Os jet skis eram protótipos DARPA furtados. Ela tinha de estar ali algures. Possivelmente mesmo a bordo, liderando a equipa de assalto. Ele visionou o brilho de determinação nos olhos de Cassandra, o duplo sulco entre as sobrancelhas enquanto se concentrava. Afastou aquele pensamento, surpreendido com a súbita dor, entre a fúria e a perda.

— O que vamos fazer? — perguntou Kara.

— Ficar quietos... para já.

Barricados na Suite Presidencial, os dois estavam a salvo de perigo imediato, mas os outros estavam em risco. Os marinheiros omani estavam bem treinados, respondendo rapidamente à ameaça, defendendo—se ferozmente. Mas os marinheiros a bordo daquele navio eram na sua maioria jovens, apenas moderadamente armados e Cassandra estaria a par de todas as suas fraquezas. Em breve, o navio cairia nas suas mãos.

Mas qual era o objectivo?

Painter agachava—se ao lado de Kara. Fechou os olhos e inspirou fundo. Precisava de uns instantes para parar de reagir e pensar, concentrar—se. O seu pai ensinara—lhe alguns cânticos Pequot, a sua débil tentativa de imbuir no filho a tradição tribal, habitualmente consumada com o hálito a transpirar a tequila e cerveja. Contudo, Painter aprendera os cânticos, sussurrando—os no escuro quando os pais se debatiam, a gritar, a praguejar no quarto vizinho. Ele encontrava conforto e concentração na repetição, sem conhecer o significado — então ou agora.

Os seus lábios moviam—se silenciosos, meditativos. Calou as rajadas de tiros.

De novo, visionou Cassandra. Ele podia adivinhar o propósito do ataque. Para obter o que deixara para trás desde o início. O coração de ferro. A única pista sólida para o mistério da explosão de antimatéria. Ainda estava guardado na cabina da curadora. A sua mente percorria diferentes cenários de ataque, parâmetros de missão...

A meio dos cânticos, atingiu—o.

Levantou—se de um ímpeto.

Desde o início, perturbara—o a languidez do ataque. Porquê rebentar a sala de comunicações e alertar a tripulação prematuramente? Se se tratasse de um vulgar grupo mercenário, poderia atribuir a falta de planeamento e de precisão à inexperiência, mas se Cassandra estivesse por trás...

Uma sensação de afundamento abriu um oco nas suas entranhas.

— O quê? — perguntou Kara, pressionando—o.

O tiroteio para lá da cabina tornara—se mortalmente calmo. No silêncio, ele ouviu um gemido revelador.

Atravessou até à janela e espreitou para fora.

Quatro jet skis aproximavam—se vindos da escuridão — mas cada qual tripulado apenas pelo piloto. Sem passageiros. Os lugares de trás estavam vazios.

— Maldição...

— O quê? — perguntou Kara de novo, o medo penetrando—lhe a voz.

— Tarde demais.

Ele soube com toda a certeza que a explosão da granada não marcara o início da missão, mas o seu fim.

Amaldiçoou em silêncio a sua estupidez. Aquilo tudo era a jogada final. E ele nem sequer entrara no jogo. Tinha sido apanhado totalmente desprevenido. Permitiu—se esse momento de fúria, depois concentrou—se na situação.

A jogada final não era necessariamente o fim propriamente dito.

Olhou fixamente enquanto os quatro jet skis se precipitavam em direcção ao navio. Vinham recolher os últimos membros da equipa de assalto, a retaguarda, a equipa de demolição encarregue de rebentar com a sala do rádio. Um dos marinheiros omani devia ter tropeçado num desses homens, desencadeando o tiroteio no convés.

Mais disparos irromperam, soando mais distantes, mais determinados, perto da popa. Estavam a tentar retirar.

Pela janela, Painter viu o último dos jet skis descrever um círculo amplo, defendendo—se do fogo. Os outros jet skis, os tripulados por homens manuseando espingardas de assalto, não estavam à vista em lado nenhum. Também não ouvia sinal de combate. Tinham partido. Juntamente com a equipa avançada, imaginou Painter. Juntamente com o prémio.

Mas para onde?

De novo perscrutou a água em busca da embarcação principal de assalto. Estava ali algures. Mas apenas vislumbrava águas escuras. Nuvens de trovoada obliteravam agora a Lua e as estrelas, tornando o mundo negro. Os seus dedos cerraram—se no limiar da ampla janela.

Enquanto procurava, um tremular de luz atraiu o seu olhar — não sobre as águas, mas sob elas.

Debruçou—se mais e observou as profundezas.

Fundo nas águas nocturnas, um clarão deslizava de debaixo do barco. Lentamente arrancou para estibordo e navegou decididamente para longe. A fronte de Painter crispou—se. Ele reconheceu o que via. Um submersível. Porquê?

A resposta veio—lhe imediatamente com a pergunta.

Terminada a missão, o submersível e a equipa principal de assalto fugiam. Tudo o que restava era a limpeza. Não deixar testemunhas.

Ele sabia o propósito da presença do submersível. Para entrar dissimulado e

silencioso, demasiado pequeno para ser detectado...

— Minaram o navio — disse em voz alta. Calculou na sua mente quanto tempo demoraria um submersível a abandonar a zona de detonação.

Kara disse alguma coisa, mas ele ficara—lhe surdo.

Painter rodou da janela e apressou—se para a porta. O tiroteio parecia ter—se reduzido a um impasse de disparos esporádicos. Escutou junto à porta. Nada ressoava de perto. Fez deslizar a tranca.

— O que está a fazer? — perguntou Kara no seu ombro, mantendo—se colada, mas claramente irritada pela necessidade de o fazer.

— Temos de sair do navio.

Abriu a porta de rompante. A alguns passos ficava a abertura para o convés médio. Os ventos tinham aumentado, à medida que o extremo da tempestade em avanço varria o Shabab Oman. Velas estalavam como chicotes. Cordas fustigavam escoras.

Estudou o convés, lendo—o como um tabuleiro de xadrez.

A tripulação não tinha possibilidade de prender e fixar as velas nos rizes. Os marinheiros omani estavam encurralados por dois — não, três homens armados —, escondidos atrás de uma pilha de barris amontoados no extremo mais distante do convés médio. Os homens embuçados detinham um ponto de vantagem perfeito para controlar as secções diantenas do navio. Um deles mantinha a espingarda apontada ao convés de popa elevado para proteger a retaguarda.

Mais próximo, um quarto atirador estava estendido no convés, de face para baixo, o sangue espalhado em torno da sua cabeça, o corpo a apenas alguns passos de Painter.

Este abarcou a situação num olhar. Similarmente anichados atrás de caixotes, daquele lado do convés médio, estavam os quatro agentes da patrulha fronteiriça omani, os Desert Phantoms. Estavam deitados de bruços, as espingardas apontadas aos atiradores. Era um impasse. Deviam ter sido os Phantoms que atacaram de surpresa a retaguarda da equipa de assalto, encurralando—os, impedindo—os de escapar borda fora.

— Vamos — disse Painter, tomando Kara pelo cotovelo. Ele arrastou—a pela porta da suite em direcção às escadas inferiores.

— Vamos para onde? — perguntou ela. — E sair do barco?

Ele não respondeu. Era demasiado tarde, mas tinha de se certificar. Transpôs rapidamente as escadas até ao próximo patamar. Uma curta passagem conduzia aos alojamentos dos convidados.

No meio do corredor, banhado pela luz do único candeeiro suspenso, um corpo estendido no chão. O rosto para baixo, tal como o atirador mais acima. Mas este não era um dos atacantes.

Vestia simplesmente uns boxers e uma t—shirt branca. Uma minúscula mancha escura alastrava no centro das costas. Atingido por trás, enquanto tentava fugir.

— É Clay... — balbuciou Kara em choque, precipitando—se para diante com Painter.

Ela ajoelhou junto do corpo do rapaz, mas Painter passou por cima. Não tinha tempo para lutos. Apressou—se para a porta em direcção à qual o estudante correra, procurando um lugar para se esconder ou alertar os outros. Demasiado tarde.

Todos tinham chegado demasiado tarde.

Painter parou do lado de fora da porta. Estava meia aberta à força. Luz de lâmpada fluía para o corredor. Painter escutou atentamente. Silêncio. Fortaleceu —se para o que iria encontrar.

Kara chamou—o, sabendo o que ele receava.

— Safia?

02h02

Omaha impelia um braço para fora enquanto o navio rolava debaixo de si. A escuridão do primeiro porão retirava—lhe o sentido do equilíbrio. A água sovava —lhe os pés, enregelando—lhe os tornozelos.

Um embate soou atrás dele... seguido de uma imprecação. Danny não se saía melhor.

— Sabe para onde está a ir? — perguntou Coral a Omaha, a voz glacial, ressoando um pouco no húmido porão.

— Sim — disparou ele para trás. Era mentira. Ele continuava a arrastar uma mão pela parede enviesada à esquerda, rezando por encontrar uma escada que voltasse a conduzir ao piso superior. A próxima deveria levar ao porão de carga principal, por baixo do convés médio. Ou assim esperava.

Continuaram em silêncio.

Ratazanas guinchavam em agudo protesto, parecendo maiores na obscuridade, do tamanho de buldogues molhados. O seu número multiplicava— se na imaginação. Omaha ouvia os seus corpos chapinhar pelas águas do porão, correndo à sua frente, talvez coligindo numa massa furiosa na popa do navio.

Num beco em Calcutá, ele vira um corpo corroído por ratazanas. Os olhos desaparecidos, os genitais devorados, todas as partes moles mordidas. Ele não gostava de ratazanas.

Mas o receio por Safia impelia—o a avançar, a sua ansiedade avivada pela escuridão, pelas descargas de tiros. Imagens sangrentas dardejavam pela sua mente, demasiado terríveis para nelas se demorar. Porque evitara dizer—lhe o que ainda sentia por ela? De boa vontade cairia agora de joelhos para a ter segura e a salvo.

A sua mão estendida atingiu algo sólido. Tacteou e descobriu travessas e cabeças de pregos. Uma escada.

— Aqui está — disse ele, com mais confiança do que a que sentia. Não queria saber se estava certo ou errado ou onde diabo a escada conduzia. Ele ia subir.

Enquanto Danny e Coral se aproximavam, transpôs os degraus.

— Tenha cuidado — advertiu Coral.

O tiroteio continuava em cima. Próximo. Era advertência suficiente.

Alcançando o último degrau, procurou até encontrar o manipulo interior da escotilha. Rezando para que não estivesse trancada ou obstruída por carga, empurrou para cima.

A escotilha abriu—se facilmente, balançando para trás e embatendo ruidosamente num pilar de suporte de madeira.

Coral assobiou—lhe. Sem palavras, apenas protesto.

Luz abençoada fluiu sobre ele, ofuscantemente clara depois das trevas do fundo. O odor era igualmente refrescante depois do sal e mofo do primeiro porão do navio.

Feno acabado de cortar.

Uma imensa sombra moveu—se à sua direita.

Voltou—se e viu—se cara a cara com um enorme cavalo, que se agigantava sobre ele. O mesmo garanhão árabe que se soltara mais cedo. Este arrojou a cabeça e bufou—lhe. Com os olhos brancos de terror, ergueu um casco em sinal de ameaça, pronto a esmagar o súbito intruso dos seus estábulos de bordo.

Omaha encolheu—se, amaldiçoando a sua sorte. A escotilha do primeiro porão abrira para a cocheira do garanhão. Avistou outros cavalos presos a escoras contíguas.

Voltou a sua atenção para o garanhão. O cavalo puxava violentamente a corda que o prendia. O garanhão árabe assustado era mais feroz que qualquer guarda armado. Mas eles tinham de sair e chegar às armas emaladas no porão

contíguo.

O receio por Safia inflamou—lhe o ânimo. Tinha chegado até ali...

Confiando que as cordas segurariam o cavalo, mergulhou para fora da escotilha, rolou ao comprido pelas tábuas e passou por baixo da vedação que separava a cocheira.

Pondo—se de pé, sacudiu os joelhos despidos.

— Saiam rápido!

Encontrou uma manta de montar, vivamente colorida de vermelho e amarelo. Agitou—a ao garanhão, mantendo—o distraído para que os outros pudessem subir em segurança. O cavalo relinchou face ao movimento, mas em lugar de ficar mais perturbado com os adicionais intrusos, o garanhão puxava as cordas que o prendiam, na direcção da manta de sela.

Omaha percebeu que ele devia reconhecer a sua própria manta, sinal promissor de que alguém o ia levar a dar uma volta, tirá—lo dos estábulos. O alarme reforçava o desejo de fuga do garanhão.

Com pesar, pousou de novo a manta na vedação, uma vez que Danny e Coral se encontravam a seu lado. Os grandes olhos do garanhão encontraram os dele, assustados, ávidos de consolo.

— Onde estão as armas? — perguntou Coral. Omaha voltou—se.

— Devem estar ali. — Ele apontou para lá da rampa que conduzia ao convés superior. Um monte de caixotes, três em altura, postava—se ao longo da parede do fundo. O brasão Kensington marcado em cada um deles.

Enquanto Omaha os conduzia pelo porão, mantinha a cabeça baixa a cada nova irrupção de disparos. Uma troca repetida de fogo, um volley cruzado. O desafio mortal parecia vir do lado de fora das portas duplas no cimo da rampa.

Recordou—se da anterior questão de Danny. Quem estava a atacar? Não se tratava de nenhum mero bando de piratas. Era demasiado prolongado, demasiado organizado, simplesmente demasiado arrojado.

Alcançando os caixotes, procurou os manifestos de carga. Tendo ele próprio organizado os abastecimentos, sabia que havia um caixote de espingardas e pistolas. Encontrou a caixa certa. Usando uma alavanca, abriu—a.

Danny tirou uma das espingardas.

— O que vamos fazer?

— Tu vais manter—te em segurança — disse Omaha, agarrando numa pistola Desert Eagle.

— E tu? — perguntou Danny.

Omaha prestava atenção à luta, enquanto carregava a pistola no chão.

— Tenho de chegar aos outros. Certificar—me de que estão bem. Mas na verdade, apenas via Safia, a sorrir, anos atrás. Falhara—lhe uma vez — não lhe voltaria a falhar.

Coral terminou por fim a sua busca do conteúdo do caixote, retirando uma única pistola. Calibrou rápida e eficientemente o carregador para .357 disparos e inseriu—o no punho. Agora armada, parecia mais tranquila, uma leoa solta e pronta para a caçada.

Ela fixou os olhos dele.

— Devíamos voltar pelo primeiro porão. Juntar—nos aos outros a partir daí. Mais disparos irromperam do outro lado das portas duplas.

— Perderíamos demasiado tempo. — Omaha relanceou a rampa que conduzia directamente ao centro do tiroteio. — Pode haver uma outra maneira.

Coral fitou—o com semblante carregado, enquanto ele traçava o seu plano.

— Deves estar a brincar — balbuciou Danny. Mas Coral anuiu quando Omaha concluiu.

— Vale a pena tentar.

— Então, vamos a isso — disse ele. — Antes que seja tarde demais.

X - ONDULAÇÃO TEMPESTUOSA

3 de Dezembro, 02H07
Mar da Arábia

Era demasiado tarde.

Painter abeirou—se da porta aberta para a cabina de Safia. Uma luz fluía do interior. Apesar da urgência, do conhecimento seguro de que o navio fora minado, hesitou por um instante.

Atrás dele, Kara permanecia junto do corpo de Clay Bishop. Painter receava encontrar Safia na mesma condição. Morta no chão. Mas sabia que tinha de enfrentar a verdade. Ela confiara nele. As mortes eram todas culpa sua. Ele não fora suficientemente vigilante. A missão desenrolara—se debaixo do seu nariz, no seu posto de vigia.

Afastando—se para o lado, empurrou mais a porta. Sem pestanejar, perscrutou a cabina. Vazia.

Incrédulo, transpôs cautelosamente o limiar. Um aroma de jasmim demorava —se no ar. Mas era tudo o que restava da mulher que o ocupara. Não havia sinal de violência. Contudo, a mala de metal que alojava o artefacto do museu não

estava à vista em lado algum.

Ficou especado, momentaneamente paralisado entre a preocupação e a confusão.

Um gemido soou atrás dele. Voltou—se.

— Clay ainda está vivo! — gritou Kara do corredor. Painter regressou apressadamente à passagem.

Kara estava ajoelhada ao lado do corpo do jovem. Ela segurava algo entre os dedos.

— Encontrei isto nas costas dele.

Enquanto avançava, Painter reparou no peito do rapaz a mover—se lentamente para cima e para baixo. Como lhe passara despercebido? Mas ele conhecia a resposta. Fora demasiado precipitado, demasiado certo da perdição.

Kara entregou—lhe o que segurava. Uma pequena flecha ensanguentada.

— Tranquilizante — confirmou ele.

Relanceou de novo a porta aberta. Tranquilizantes. Então, queriam Safia com vida. Tratava—se simplesmente de um rapto. Abanou a cabeça, reprimindo o riso — em parte em apreciação pela astúcia de Cassandra, em parte de alívio.

Safia ainda estava viva. Por agora.

— Não podemos deixá—lo — disse Kara.

Ele assentiu, visionando o clarão do submersível nas águas escuras, despertando de novo para a urgência. Quanto tempo teriam? — Fique com ele.

— Onde...

Ele não explicou. Desceu apressadamente ao convés inferior e inspeccionou os quartos à procura dos outros elementos do grupo: os irmãos Dunn e a parceira. Tal como a cabina de Safia, todas as cabinas estavam vazias. Teriam sido todos levados?

Lá em baixo, descobriu um membro da tripulação refugiado, um dos homens da cozinha, com o nariz ensanguentado. Tentou encorajar o homem a segui—lo, mas o medo mantinha—o paralisado.

Painter não tinha tempo para o persuadir e subiu impetuosamente as escadas. Kara conseguira sentar o estudante. Ele estava entontecido, a cabeça zonza. Palavras ininteligíveis brotavam da sua boca.

— Vamos. — Painter agarrou em Clay por baixo de um braço, içando—o. Era como manobrar um saco de cimento fresco.

Kara recolheu os óculos do jovem do chão.

— Para onde?

— Temos de deixar o navio.

— E os outros?

— Partiram todos. Safia e os outros. Painter conduziu o caminho escadas acima.

Quando chegavam ao último patamar, uma figura correu ao seu encontro. Falou rapidamente em árabe, demasiado rápido para Painter perceber.

— O capitão al—Haffi — disse Kara rapidamente, como apresentação. Painter tinha informações sobre o homem. Era o líder dos Desert Phantoms.

— Precisamos de mais munições da carga armazenada no porão — disse o capitão apressadamente. — Temos de procurar abrigo.

Painter bloqueou—o.

— Quanto tempo conseguem aguentar com o que têm? Um encolher de ombros.

— Minutos apenas.

— Têm de os manter encurralados. Eles não podem abandonar o navio. — Painter pensava velozmente. Ele supunha que a única razão porque o Shabab Oman não tinha sido ainda destruído, era o facto da equipa de demolição ainda se encontrar a bordo. Uma vez esta partida, nada impediria Cassandra de detonar as minas.

Painter avistou uma forma caída no limiar. Era um dos atiradores embuçados, o que ele vira estendido no convés. Baixou Clay e rastejou até ao homem. Talvez encontrasse alguma coisa nele que ajudasse. Um rádio ou outra coisa.

O capitão al—Haffi juntou—se—lhe.

— Arrastei—o até aqui, na esperança de que tivesse munições extra. Ou uma granada. — Esta última frase, disse—a com pesada amargura. Uma simples granada teria posto fim ao impasse no convés.

Painter tacteou o corpo, arrancando—lhe a máscara. O homem tinha um rádio de sub vocalização. Arrancou—o e colocou o auricular. Nada. Nem sequer estática. A equipa ficara silenciosa.

Enquanto continuava a procurar, encontrou o equipamento de visão nocturna do homem e descobriu—lhe uma tira espessa em torno do peito. Um monitor de medição cardíaca.

— Maldição.

— O que foi? — perguntou Kara.

— Foi uma sorte nunca terem descoberto a tal granada — disse ele. — Os homens estão equipados com monitores da condição cardíaca. Matá—los seria equivalente a deixá—los escapar. Uma vez desaparecidos — para fora de borda

ou mortos — os outros farão explodir o navio.

— Explodir o navio? — repetiu al—Haffi, os olhos estreitando—se, falando em inglês.

Painter explicou rapidamente o que vira e as implicações.

— Temos de sair do navio, antes que a retaguarda o faça. Vi um esquife motorizado acondicionado por baixo da popa.

— É o escaler do navio — confirmou o capitão. Painter assentiu. Uma leve embarcação de alumínio.

— Mas os infiéis estão entre nós e a lancha — argumentou al—Haffi. — Podíamos talvez tentar passar por baixo deles, pelas entranhas do navio, mas uma vez os meus homens deixando de disparar, os outros escapam—se.

Painter abandonou a sua busca ao atirador e espreitou para o convés aberto. O tiroteio abrandara, ambos os lados com poucas munições, necessitando de fazer valer cada disparo.

Os Phantoms estavam em desvantagem. Não podiam deixar escapar os atacantes — mas também não os podiam abater.

Uma outra forma de impasse.

Ou não?

Voltou—se, ocorrendo—lhe uma ideia súbita.

Antes que conseguisse falar, um estrondo trovejante irrompeu do convés de popa. Relanceou de novo para o exterior. A escotilha do porão inferior fora violentamente aberta, empurrada pelo peso de um trio de cavalos. Os corcéis árabes galoparam e precipitaram—se para o convés tempestuoso, esmagando caixas e enredando—se no cordame. Seguiu—se o caos. Luzes despedaçaram—se. A noite tornou—se mais escura por todo o navio.

Um dos cavalos, uma égua, atravessou directamente pela barricada dos atacantes. Foram disparados tiros. Um cavalo relinchou.

Por entre a confusão, um quarto cavalo surgiu do porão, galopando sob uma nascente de vapor. O garanhão árabe branco. Voou pela rampa acima até ao convés, os cascos a embater furiosamente nas tábuas.

Mas desta vez, não vinha enlouquecido e desorientado.

Escarranchado no seu dorso, Omaha erguia—se da sela, com pistolas em ambas as mãos. Apontou ao homem embuçado mais próximo e disparou ambas as armas, esvaziando—as sem misericórdia, quase à queima—roupa.

Dois homens caíram, enquanto ele passou.

— Não! — gritou Painter, irrompendo da porta.

A barragem ensurdeceu as suas palavras.

Um movimento perto da escotilha de popa revelou Coral a esgueirar—se para uma posição de tiro. Tinha uma espingarda ao ombro. Apontou ao único atirador ainda de pé. O homem mergulhou para a amurada de estibordo, com a intenção de saltar.

Um simples disparo de espingarda soou com um clarão de fogo.

O homem vacilou no ar, como que escoiceado por um cavalo fantasma. O lado esquerdo da sua cabeça desapareceu. O corpo deslizou pelo convés, descansando contra a amurada.

Painter reprimiu um lamento. O impasse terminara finalmente. Com a retaguarda eliminada, nada impediria Cassandra de detonar o navio.

02h10

Cassandra verificou o relógio, enquanto subia do pontoon Zodiac de volta ao hovercarft. O plano de execução da missão estava com dez minutos de atraso. Ao escalar para o convés, o segundo na cadeia de comando esperava—a.

John Kane veio ao seu encontro. Vociferou a dois homens que ajudassem a içar a forma prostrada da curadora do museu para bordo. As águas estavam a ficar agitadas à medida que os ventos se animavam, tornando a escalada a bordo num exercício de equilíbrio e sincronização. Cassandra arrastou para cima a mala com o artefacto.

Apesar do contratempo, tinham completado a missão. Kane colocou—se ao lado dela. Era mais sombra do que homem, vestido de negro, desde as botas até ao barrete colado.

— O Argus estabeleceu contacto há oito minutos. Está tudo a postos. Aguardam a ordem para detonar as minas.

— E a equipa de demolição? — Cassandra ouvira o tiroteio a bordo do Shabab. Enquanto escapava velozmente, disparos esporádicos ressoavam pelas águas. Mas no último minuto, fora apenas o silêncio.

Ele abanou a cabeça.

— Os monitores cardíacos acabaram de disparar.

Mortos. Cassandra visionou os rostos dos homens. Destros mercenários. Passos apressados ressoaram pelo convés vindos da cabina do piloto.

— Capitão Sanchez! — Era o operador de rádio da equipa. Derrapou até se deter sobre a superfície escorregadia. — Estamos a captar de novo os sinais. Dos três!

— Do esquadrão de demolição? — Cassandra relanceou sobre o mar. Como

que notando a sua atenção, uma nova barragem de fogo irrompeu do Shabab Oman. Ela olhou para Kane, que encolheu os ombros.

— Perdemos o contacto há pouco — informou o homem do rádio. — Talvez interferência da tempestade. Mas o sinal voltou, forte e constante.

Cassandra continuava a olhar sobre o mar, na direcção das luzes da outra embarcação. Os seus olhos estreitaram—se, visionando de novo os homens. Kane postava—se atrás dela.

— Ordens?

Ela fixou o horizonte, enquanto uma chuva densa começava a fustigar o convés. Mal a sentia a atingir o seu rosto.

— Façam detonar as minas.

O operador do rádio estremeceu, mas sabia ser melhor não questionar. Olhou de relance para Kane, que assentiu. O homem cerrou um dos punhos e correu de volta à cabina do piloto.

Cassandra exasperou—se com a demora na execução das suas ordens. Ela reparara no operador de rádio a procurar a confirmação do segundo na cadeia de comando. Embora Cassandra tivesse sido designada como líder da operação, aqueles eram os homens de Kane. E ela acabara de condenar três deles à morte.

Apesar do rosto de Kane permanecer estóico, os seus olhos vítreos, ela desenvolveu.

— Eles já estão mortos — disse. — O novo sinal é falso. As sobrancelhas de Kane cerraram—se.

— Como pode ter tanta... Ela cortou—lhe a fala.

— Porque Painter Crowe está ali.

02h12

Agachado com os outros, Painter verificou as tiras instaladas em torno do peito despido de Omaha e Danny. Os monitores cardíacos dos homens abatidos pareciam estar a funcionar correctamente. O dispositivo no seu próprio peito piscava regularmente, transmitindo a pulsação ao barco de assalto escondido algures na escuridão.

Danny limpou a chuva dos seus óculos.

— Estas coisas não nos vão electrocutar se nos molharmos?

— Não — asseverou Painter.

Todos estavam reunidos no convés: Kara, os irmãos Dunn, Coral. Clay fora reanimado o suficiente para se manter de pé. Mas o escarpado ondular do navio

no mar alto, fazia—o serpentear e procurar apoio. A alguns passos de distância, os quatro guardas fronteiriços omani disparavam as suas espingardas periodicamente, simulando um impasse contínuo.

Ele não sabia quanto tempo duraria o estratagema. O suficiente para abandonarem o navio, esperava. O Capitão al—Haffi reagrupara a tripulação. A lancha motorizada do navio tinha sido desamarrada e estava pronta a ser ocupada.

O outro barco salva—vidas estava a ser levado para fora, pronto a ser descido. A tripulação de quinze homens era agora de dez. Sem tempo a perder, os mortos teriam de ser deixados para trás.

Painter vigiava os mares ascendentes a partir de um ponto alto nas sombras, não querendo ser avistado pelos jet skis de patrulha. As vagas tinham—se agigantado para os quatro metros. Os ventos fustigavam as velas, enquanto a chuva varria copiosamente o convés. A lancha de alumínio embateu contra a popa, agora solta.

E a fúria máxima da tempestade ainda não atacara.

Painter vislumbrou um dos jet skis negros a voar sobre uma onda íngreme, suspender—se no ar, depois acelerar pelo extremo mais distante. Instintivamente, agachou—se, mas não havia necessidade. O piloto do jet ski descrevia um ângulo para longe.

Painter ergueu—se. O jet ski estava a afastar—se.

Ela sabe...

Painter voltou—se.

— Para os barcos! — gritou. — Agora!

02h14

Safia despertou da escuridão para o estrondear de um trovão. Chuva fria salpicava—lhe o rosto. Estava deitada de costas, ensopada até aos ossos. Sentou —se. O mundo girava. Vozes. Pernas. Uma outra explosão trovejante. Encolheu —se com o estrondo, caindo para trás.

Sentia um balouçar, um agitar. Estou num barco.

— O efeito do tranquilizante está a passar — disse alguém atrás de si.

— Levem—na para baixo.

A cabeça de Safia girou para fitar o locutor. Uma mulher. Estava a um metro de distância, a fixar os mares, um estranho desígnio impresso no seu rosto. Estava vestida de negro, tinha um longo cabelo cor de ébano entrançado para

trás.

Ela conhecia a mulher. A memória voltou—lhe de roldão. Um grito de Clay, seguido de uma pancada na porta. Clay? Recusou—se a abrir, sentindo algo de errado. Passara demasiados anos à beira do pânico para não ter criado uma espessa capa de paranóia. Mas não fizera qualquer diferença. A tranca fora anulada com a mesma facilidade com que seria aberta por uma chave.

A mulher agora à sua frente fora a primeira a passar pela porta. Algo atingira o pescoço de Safia. Ergueu, agora, os dedos, e sentiu um ponto mais macio sob o ângulo do queixo. Ela movera—se atabalhoadamente para o fundo da cabina, a asfixiar, o pânico a estreitar a sua visão para um fio de laser. Depois, mesmo essa visão desaparecera. Sentira—se afundar, mas nunca sentira atingir o chão. O mundo eclipsara—se.

— Arranjem—lhe roupas secas — disse a mulher.

Em choque, Safia reconheceu a voz, o desprezo, os acordes cortantes. O telhado do British Museum. A combinação do cofre. Era a assaltante de Londres.

Safia abanou a cabeça. Era um pesadelo.

Antes que pudesse reagir, dois homens puseram—na de pé. Tentou equilibrar—se, mas os dedos escorregavam—lhe no convés encharcado. Os seus joelhos eram manteiga amolecida. Mesmo o erguer do queixo exigia toda a sua força de vontade.

Safia olhou para lá da amurada metálica do barco. A tempestade rebentara. As águas erguiam—se e abatiam—se em gigantescas montanhas, como as costas de baleias, escorregadias e lisas. Umas poucas cristas brancas cintilavam argênteas na escassa luz. Mas o que atraía o seu olhar, mantinha a sua cabeça alteada, era a ruína ígnea a curta distância.

Todas as forças a abandonaram.

Um navio ardia sobre o mar agreste, os mastros agora tochas. Pano de vela agitava—se em espirais de cinzento ardente, arrastado pelos ventos desabridos. O casco estava esventrado. A toda a volta destroços em chamas ornavam as águas como outras tantas fogueiras.

Ela conhecia o navio. O Shabab Oman.

Todo o ar se subtraiu dos seus pulmões. Sufocou entre um grito e o desespero. O rolar das águas mareou—a subitamente. Vomitou sobre o convés, salpicando os sapatos dos guardas.

— Filha—da—mãe... — praguejou um deles, puxando—a violentamente.

No entanto, os olhos de Safia mantinham—se fixos no mar. A sua garganta ardia. Outra vez não... não todos os que amo...

Mas parte dela sabia que merecia aquela dor, aquela perda. Desde Telavive, ela esperara que tudo lhe fosse tirado. A vida era crueza e tragédia súbita. Não havia permanência, segurança.

Lágrimas quentes percorriam—lhe as faces.

Safia fitava a ruína ígnea do Shabab Oman. Alimentava ínfima esperança quanto a sobreviventes — e mesmo essa esperança foi—lhe arrebatada pelas palavras seguintes da sua captora.

— Enviem de volta a patrulha — disse a mulher. — Matem tudo o que se mexa.

02h22

Painter limpou o sangue do golpe sob o seu olho esquerdo. Agitava os pés para se manter acima da água, enquanto o mar se elevava e afundava. A chuva caía copiosamente de céus baixos, entrecortados por relâmpagos. Trovões estrondeavam.

Olhou para trás para a lancha voltada ao contrário, enquanto esta subia e descia em sincronização com ele. Em torno da cintura, uma extensão de cabo prendia—o à proa do esquife. Imediatamente à sua volta, as águas estavam escuras, como se flutuasse em petróleo. Mas mais ao longe, fogos espalhavam—se pelo mar ondeante, mostrando—se e escondendo—se. E no centro, avultava a massa a arder do Shabab Oman, meio afundado, incendiado até à linha de água.

Varrendo sangue e chuva dos seus olhos, Painter perscrutava no oceano possíveis ameaças. Uma vaga preocupação com tubarões agitou—se na sua mente. Especialmente com o sangue. Ele esperava que a tempestade mantivesse tais predadores bem fundo.

Mas Painter vigiava outros predadores. Não teve de esperar muito.

Iluminado pelos vários fogos, um jet ski surgiu à vista, descrevendo um círculo largo à volta.

Painter ergueu a mão e fez descer os óculos de visão nocturna. Afundou—se mais, minimizando a sua silhueta. O mundo dissolveu—se em verdes e brancos. Os fogos pareciam clarões ofuscantes, enquanto que o mar adquiriu uma luminosidade azulada e argêntea. Concentrou—se no jet ski. Através das lentes, o veículo brilhava agora nitidamente, o seu farol dianteiro escurecido tão radiante como os fogos. Accionou a função de ampliação. Um piloto debruçava —se à frente. Atrás dele, o passageiro manejava uma espingarda de assalto rotativa, capaz de disparar cem tiros por minuto.

Com os óculos descidos, Painter detectou facilmente dois outros jet skis a contornar a zona de destroços. Começavam ao largo e iam descrevendo círculos cada vez mais apertados. Algures para lá da massa do navio incandescente, irrompeu o matraquear de tiros. Um grito acompanhou—o, mas calou—se de

imediato; o matraquear não.

O propósito daqueles varredores era claro.

Não deixar sobreviventes. Não deixar testemunhas.

Painter nadou de volta à lancha virada, uma rolha de cortiça num mar encapelado. Uma vez perto do esquife, mergulhou por baixo dele. Os óculos de visão nocturna eram estanques. Era estranho como as águas irradiavam através das lentes. Avistou as várias pernas a balouçar debaixo do esquife voltado de quilha.

Manobrando por entre estas, emergiu dentro do barco. Mesmo com os óculos de visão nocturna, os pormenores eram imprecisos. Figuras agarravam—se ao rebordo e aos lugares de alumínio aparafusados. Oito ao todo. Escondidos debaixo da lancha. O ar já se viciara com o seu medo.

Kara e os irmãos Dunn andavam a manter Clay Bishop no lugar. O estudante graduado parecia quase recuperado. O Capitão al—Haffi assumia uma posição junto do corta—vento da lancha. Tal como os seus dois homens, despira o fato do deserto e envergava apenas uma tanga. A sorte do quarto Phantom permanecia desconhecida.

A explosão ocorrera no preciso momento em que a lancha atingira a água. A força da concussão arremessara—os para longe, voltando a pequena embarcação. Todos apresentavam ferimentos menores. Depois, por entre a confusão, Painter e Coral tinham reunido os outros debaixo da lancha, enquanto choviam destroços. Esta oferecia ainda uma boa protecção contra olhares perscrutadores.

Coral sussurrou—lhe ao ouvido.

— Ela enviou uma equipa de limpeza? Painter assentiu.

— Esperemos que a tempestade abrevie a busca.

Um gemido de motor aproximou—se, aumentando e diminuindo à medida que a lancha e os seus passageiros escondidos se elevavam e afundavam com as ondas. Por fim, o ruído intensificou—se. O veículo devia ter—se alinhado com eles.

Painter teve um mau pressentimento.

— Todos para debaixo de água! — alertou. — Durante trinta segundos! Esperou para se certificar de que todos obedeciam. Coral foi a última a desaparecer. Painter inspirou fundo e...

Tiros matraquearam contra o flanco de alumínio da lancha. Ensurdecedores. Uma saraivada do tamanho de bolas de golfe sobre um telhado de estanho. Mas não era saraiva. A tão curta distância, alguns tiros perfuraram o duplo casco do

escaler.

Painter mergulhou. Um par de balas perdidas silvou pela água. Ele observou os outros a conterem a respiração sob o esquife, os braços estendidos para cima, as mãos seguras. Painter esperou que a velocidade das balas fosse embotada pelo duplo casco da lancha e pelo impacto na água.

Viu uma das trajectórias roçar velozmente o seu ombro.

Reteve a respiração até a barragem se interromper, depois emergiu. O zunido do jet ski ainda ressoava próximo. Os trovões faziam a carcaça de alumínio reverberar como um sino.

Omaha surgiu a seu lado, seguido pelos outros, à medida que a necessidade de ar os oprimia. Ninguém falou. Todos escutavam o motor atacante próximo. Todos preparando—se para mergulhar de novo, se necessário.

O jet ski zuniu mais perto, embatendo contra o flanco do esquife.

Se tentassem voltá—lo... usassem uma granada...

Uma onda gigantesca levantou o barco e os passageiros escondidos sob ele. O jet ski embateu com mais força, projectado pela violência da tempestade. Uma imprecação sonora irrompeu do exterior. O motor gemeu mais alto e começou a afastar—se.

— Podíamos confiscar aquele jet ski — sussurrou—lhe Omaha, nariz contra nariz. — Nós os dois. Ainda temos algumas pistolas.

Painter olhou—o contrariado.

— E depois o quê? Acha que eles não davam por falta de um dos veículos? Há ali fora uma embarcação mãe, algo veloz. Apanhavam—nos num relâmpago.

— Não está a perceber — insistiu Omaha. — Eu não estava a falar de fugir. Estou a falar de levar a maldita coisa até ao lugar de onde partiu. Entrar dissimulado. Para salvar Safia.

Painter tinha de reconhecer que o homem tinha tomates. Pena que não tivesse miolos a condizer.

— Não se trata de amadores — disparou ele. — Isso é ir às cegas. As vantagens estão todas do lado deles.

— Quem quer saber das probabilidades? Trata—se da vida de Safia. Painter abanou a cabeça.

— Não chegaria a cem metros do barco principal sem ser descoberto e abatido. Omaha recusava—se a recuar.

— Se você não vai, levarei o meu irmão.

Painter fez tenção de o deter, mas Omaha afastou—lhe a mão.

— Não vou abandoná—la. — Omaha virou costas e nadou até Danny.

Painter reconheceu a dor na voz do outro, a fúria. Ele sentia o mesmo.

O rapto de Safia era culpa sua, responsabilidade sua. Parte dele queria atacar, carregar, arriscar tudo.

Mas era também um acto irresponsável. Ele sabia—o.

Omaha tinha a pistola desembainhada.

Painter não o podia deter — mas sabia quem o podia fazer. Voltou—se e agarrou o braço de outra pessoa.

— Eu gosto dela — disse abruptamente.

Kara tentou libertar o braço, mas Painter segurava—a com força.

— De que está a falar? — perguntou ela.

— A sua pergunta, mais cedo... na cabina. Eu gosto de Safia. — Era difícil admiti—lo em voz alta, mas não tinha opção senão reconhecer a verdade. Gostava de facto. Embora, talvez não fosse amor... não ainda... estava disposto a ver o que iria dar. Aquilo surpreendeu—o tanto quanto pareceu surpreender Kara.

— Gosto — insistiu Painter. — E vou trazê—la de volta... mas não desta maneira. — Ele gesticulou na direcção de Omaha. — Não da maneira dele. O mais provável é fazer com que a matem. Ela está a salvo por agora. Mais do que nós. Precisamos de sobreviver para o bem dela. Todos nós. Se quisermos que haja esperança de uma verdadeira salvação para ela.

Kara ouviu. Como experiente líder de empresa, não fez demorar a sua decisão. Voltou—se para Omaha.

— Guarde a maldita arma, Indiana.

Para lá do casco de alumínio, o jet ski predador guinchou subitamente, o motor aumentando de rotação.

Omaha relanceou na sua direcção — depois praguejou e afastou a pistola.

— Nós vamos encontrá—la — disse Painter, mas duvidou que o outro homem tivesse ouvido. E talvez fosse melhor assim. Apesar da jactância, não sabia se aquela seria uma promessa que pudesse cumprir. Ainda estava abalado com o ataque, a derrota. Desde o início, Cassandra estivera sempre um passo à frente.

Precisava de aclarar a mente.

— Vou fazer a vigilância. Certificar—me de que se foram embora.

Voltou a mergulhar e deixou a lancha. Os seus pensamentos demoravam—se na capacidade de Cassandra de antecipação de todos os seus movimentos. Como o conseguira fazer? Uma inquietação instalou—se no seu peito. Haveria um traidor entre eles?

02h45

Omaha agarrava—se ao bordo da lancha, subindo e descendo com as ondas. Odiava esperar na escuridão. Ouvia a respiração dos outros. Ninguém falava. Todos estavam perdidos nas suas inquietações.

O seu aperto firmou—se na estrutura de alumínio enquanto a lancha trepava mais uma vaga, levando—os a todos com ela.

Todos menos um. Safia.

Porque dera ouvidos a Painter? Devia ter tentado conquistar o jet ski. Para o diabo com o que os outros pensavam. A tensão formou—se na sua garganta, constringindo—lhe o fôlego. Reprimiu—a, incerto de que se a soltasse brotaria como um soluço ou um grito. Na escuridão, o passado emergiu das profundezas do mar.

Ele tinha—a abandonado.

Depois de Telavive, algo morrera em Safia, levando consigo todo o seu amor. Ela refugiara—se em Londres. Ele tentara ficar com ela, mas a sua carreira, a sua paixão estavam noutro lugar. De cada vez que regressava, mais dela desaparecia. Ela esvaía—se por dentro. Ele viu—se a recear o regresso a Londres dos cantos perdidos do mundo. Sentiu—se encurralado. Em breve as suas visitas tornaram —se mais e mais raras. Ela não notara ou se queixara. Isso doeu mais do que tudo.

Quando terminara, quando se tornara o amor pó e areia?

Ele não sabia dizer. Fora muito antes de ele finalmente admitir a derrota e pedir de volta o anel da sua avó. Fora num longo e frio jantar. Nenhum deles falara. Ambos sabiam. O silêncio dissera mais do que a sua tentativa gaguejante de explicar.

Por fim, ela simplesmente anuíra e tirara o anel. Este deslizou facilmente. Ela colocara—o na palma dele, depois olhara nos seus olhos. Não havia mágoa, apenas alívio.

Fora então que ele partira.

Os outros agitaram—se quando Painter subiu ao seu encontro. Emergiu entre eles com um arquejo.

— Acho que o caminho está livre. Não há sinal dos jet skis há dez minutos. Murmúrios de alívio entre os outros.

— Temos de tentar alcançar a costa. Aqui, estamos demasiado expostos. No escuro, Omaha reparou no ligeiro sotaque de Brooklyn do homem. Não o notara

antes. Agora, arranhava cada palavra. As instruções de Painter soavam demasiado a ordens. Antecedência militar. Treino de oficial.

— Há dois remos presos a toletes da cada lado do barco. Vamos precisar deles para virar a lancha. — Deslizou por entre eles e mostrou—lhes como soltar os remos.

Omaha viu—se com um remo empurrado na sua direcção.

— Temos de nos dividir em dois grupos. Um para fazer peso do lado de bombordo, o outro para usar os remos para erguer o estibordo. Deveremos ser capazes de o virar. Mas primeiro vou desprender o motor. Foi metralhado, atingido e está a perder gasolina.

Após algumas coordenações finais, todos mergulharam e saíram para fora do barco.

A chuva caía levemente dos céus escurecidos. Os ventos tinham diminuído para rajadas hesitantes. Depois do tempo passado escondido sob a lancha, a noite parecia mais clara a Omaha. Relâmpagos tremulavam por entre as nuvens, iluminando manchas do oceano. Alguns fogos ainda flutuavam acima da água. Não havia sinal do Shabab Oman.

Omaha girou um pouco em volta, à procura. Painter nadou até à popa da lancha e lutou por desprender o motor. Omaha considerou ir ajudá—lo, mas em lugar disso observou simplesmente o homem a debater—se com o pino de fixação.

Após alguns puxões, Painter soltou finalmente o motor. Este tombou no mar. Os seus olhos encontraram Omaha.

— Vamos lá voltar esta coisa.

Não foi tão fácil quanto Painter o descrevera. Foram necessárias quatro tentativas, até que se puseram todos de um dos lados, a emprestar o seu peso para baixo. Painter e Omaha, cada qual armado de um remo, impeliam o lado de estibordo para cima. Sincronizaram igualmente a manobra com o formar de uma onda. Finalmente, a lancha virou—se na posição correcta, meia cheia de água.

Treparam para bordo e esvaziaram a embarcação. Omaha repôs os remos no sítio.

— Continua a encher—se de água — disse Kara, enquanto o nível da água no interior subia de novo, sob o peso de todos eles.

— Buracos de bala — disse Danny, tacteando através da água.

— Continuem a esvaziá—lo — disse Painter, de novo aquele ferrão de comando. — Iremos revezar—nos entre remar e esvaziar. É uma grande distância até à costa.

— Atenção — disse o Capitão al—Haffi, de peito despido mas imperturbado. —As correntes, aqui, são traiçoeiras. Temos de atender aos baixios e rochedos.

Painter assentiu e fez sinal a Coral para se mover para a proa.

Omaha fitou os poucos pedaços de destroços chamejantes, depois o lado oposto. A costa mal era discernível, uma margem de nuvens mais escura. Raios de luz revelavam o quanto tinham derivado para longe.

Painter fitava, igualmente, em torno do barco. Mas não eram tubarões ou a linha da costa que o preocupavam. A inquietação era clara no desenho dos seus lábios. Algures, por ali, ocultavam—se os assassinos que tinham raptado Safia. Mas receava ele pela segurança dela ou por si mesmo?

As palavras anteriores de Painter repetiam—se na cabeça de Omaha.

Eu gosto dela... de Safia.

Omaha sentiu uma explosão de raiva aquecer o frio das suas roupas molhadas. Estaria a mentir? Omaha cerrou ambos os punhos nos dois remos e preparou as costas. Começou a remar. Painter, na popa, olhava na sua direcção. Olhos frios, o vidro dos óculos de visão nocturna, estudavam—no. O que sabiam eles daquele homem? Ele tinha muito que contar, muito que explicar.

Os músculos dos maxilares de Omaha doíam da tensão prolongada.

Eu gosto dela.

Enquanto remava, Omaha não tinha a certeza do que mais o enfurecia.

Se o homem estivesse a mentir... ou a dizer a verdade.

03h47

Uma hora mais tarde, Painter abria caminho pela água que lhe dava pela cintura, arrastando o cabo de reboque sobre o ombro. A praia estendia—se argêntea à sua frente, emoldurada por penhascos de pedra caída. O resto da linha de costa estava escuro, excepto umas escassas luzes ao longe, a norte. Uma pequena aldeia.

A área à volta parecia deserta. Contudo, ele mantinha um olhar vigilante. Dera a Coral os óculos de visão nocturna para vigiar a partir da lancha.

Enquanto prosseguia para diante, os sapatos afundavam—se na areia grossa. As coxas ardiam—lhe do esforço. Os ombros doíam—lhe do seu turno aos remos. As ondas ajudavam a impeli—lo para a margem à sua espera.

Só um pouco mais...

Pelo menos a chuva parara.

Inclinou o ombro sob o cabo e puxou o barco a reboque na direcção do solo firme. Atrás dele, Danny manuseava os remos, enquanto Painter guiava o barco em torno das rochas. Por fim, a praia abriu—se à sua frente, desimpedida.

— Força! — gritou a Danny.

O esforço no cabo afrouxou, quando Danny obedeceu. A lancha lançou—se para diante com um movimento dos remos. Painter lutava com a água, ultrapassando as ondas, afundado até ao joelho. Avançava penosamente para a frente e para o lado.

A lancha cavalgou uma última onda e passou pela direita de Painter. Este esquivou—se para evitar ser atingido.

— Perdão! — gritou—lhe Danny, recolhendo os remos.

A proa do barco aterrou na areia com um chiar de alumínio. A onda recuou, deixando o barco encalhado.

Painter rastejou e lançou—se para fora de água, pondo—se de pé.

Os oito homens e mulheres escalaram pela borda da lancha. Coral ajudou Kara, enquanto que Danny, Omaha e Clay tombaram para fora. Apenas três Desert Phantoms — o capitão al—Haffi e os seus dois homens — restavam de pé, inspeccionando a praia.

Painter arrastou—se mais para longe da ondulação, ensopado, os membros pesados. Transpôs a linha de rebentação na areia. Exausto, voltou—se para ver como os outros se estavam a sair com a lancha. Teriam de esconder o barco, arrastá—lo para algum lado ou afundá—lo.

Uma sombra elevou—se atrás dele. Não viu o punho erguido. Foi atingido na face. Demasiado fraco, simplesmente tombou para trás.

— Omaha! — chamou Kara.

Painter reconheceu, então, o atacante. Omaha estava sobre ele.

— O que é que... — Antes que pudesse acabar, o homem caía sobre ele, empurrando—o para a areia, uma mão em torno da garganta, a outra preparando um novo golpe de punho.

— Seu grandessíssimo filho—da—mãe!

Antes que o punho atingisse o alvo, mãos agarraram o ombro, a camisa de Omaha. Foi arrastado para trás. Debateu—se, contorcendo—se, mas Coral segurava firmemente o colarinho do homem. Ela era forte. O tecido rasgou—se ao longo da linha do pescoço.

Painter aproveitou a oportunidade para recuar desordenadamente. O seu olho esquerdo lacrimejava do primeiro golpe.

— Largue—me! — bradou Omaha. Coral lançou—o à areia.

Kara contornou—o pelo outro lado.

— Omaha! Que diabo está a fazer? Ele sentou—se, o rosto enrubescido.

— Este canalha sabe mais do que nos conta. — Agitou um polegar na direcção de Coral. — Ele e a sua camarada amazona.

Até mesmo o irmão tentou acalmá—lo.

— Omaha, esta não é a altura para...

Omaha impeliu—se sobre os joelhos, ofegante, cuspindo saliva.

— É a porra da altura certa! Seguimos o canalha até aqui. Eu quero respostas antes de dar mais um passo que seja. — Içou—se sobre os pés, um tanto vacilante.

Painter pôs—se de pé com a ajuda de Coral. Os outros fitavam—nos, uma linha traçada na areia entre eles. Kara erguia—se no centro, olhando para cada grupo. Levantou uma mão, parecendo colocar—se de um dos lados. Encarou Painter.

— Disse que tinha um plano. Comecemos por aí. Painter inspirou fundo e assentiu.

— Salalah. É para aí que vão levar Safia. Para onde temos de ir a seguir. Omaha bradou:

— Como é que sabe disso? Como pode ter tanta certeza? Podiam levá—la para qualquer lado... contra o pedido de um resgate, para vender o artefacto. Quem diabo sabe para onde?

— Eu sei — disse Painter, friamente. Deixou que o silêncio se alongasse, antes de voltar a falar. — Não foi nenhum grupo de assalto fortuito que nos atacou. O assalto foi intencional, centrado. Eles agiram rapidamente e levaram Safia e o coração de ferro. Sabiam o que procuravam e quem mais sabia sobre isso.

— Porquê? — perguntou Kara, cortando uma explosão por parte de Omaha com um golpe de braço. — O que é que eles querem?

Painter deu um passo em frente.

— O que nós queríamos. Alguma pista sobre a verdadeira localização da cidade perdida de Ubar.

Omaha praguejou em silêncio. Os outros simplesmente fixaram o olhar. Kara abanou a cabeça.

— Não respondeu à minha questão. — O tom ensombrou—se. — O que é que eles querem? O que procuram ganhar com a descoberta de Ubar?

Painter passou a língua pelos lábios.

— Isso são tretas! — resmoneou Omaha. Ele passou impetuosamente por

Kara.

Painter manteve a posição, detendo Coral com um sinal de mão. Não seria socado de novo.

Omaha ergueu o braço. O metal refulgiu à escassa luz. Uma pistola apontada à cabeça de Painter.

— Tem—nos mantido acorrentados há tempo demais. Responda à pergunta. Que diabo se está a passar?

— Omaha — advertiu Kara, mas não havia grande energia na sua voz. Coral deslizou para o lado, posicionando—se para atacar o flanco de Omaha.

Painter fez—lhe de novo sinal para se deter.

Omaha apontou—lhe a arma com mais intensidade.

— Responda! Que diabo se passa aqui? Para quem trabalha na verdade?

Painter não tinha outra escolha, senão confessar. Ele precisava da cooperação do grupo. Se quisesse ter alguma esperança de deter Cassandra, de salvar Safía, iria necessitar da ajuda deles. Não podia fazê—lo simplesmente com Coral.

— Trabalho para o Departamento de Defesa dos Estados Unidos — admitiu finalmente. — Especificamente, para a DARPA. O braço de investigação e desenvolvimento do DOD.

Omaha abanou a cabeça.

— Que fantástico! Os militares? O que é que isto tem a ver com eles? Trata —se de uma expedição arqueológica.

Kara respondeu antes que Painter o pudesse fazer.

— A explosão no museu.

Omaha olhou—a, depois de novo Painter. Ele assentiu.

— Ela tem razão. Não se tratou de uma explosão vulgar. A radiação residual aponta para uma possibilidade extraordinária. — Todos os olhos se fixavam nele, excepto os de Coral, toda a sua atenção ainda focada em Omaha e na arma. — Há uma elevada probabilidade de o meteorito explodido conter alguma forma de antimatéria.

Omaha soltou um som explosivo de irritação, como se o tivesse estado a reprimir há muito.

— Antimatéria... que grande chorrilho de mentiras! Por quem nos toma? Coral falou a seu lado, em tom factual, profissional.

— Doutor Dunn, ele está a dizer a verdade. Nós próprios testámos a zona de explosão, tendo detectado bosões Z e gluões, partículas de decomposição de uma interacção antimatéria/matéria.

Omaha resfolegou, menos seguro.

— Sei que soa a absurdo — disse Painter. — Mas se baixar a sua arma, eu explicarei.

Em vez disso, Omaha firmou a pistola.

— Até agora, foi a única coisa que o fez falar.

Painter suspirou. Valera a pena tentar.

— Como queira.

Com a pistola apontada à cabeça, transmitiu—lhes um pequeno resumo: da explosão de Tunguska na Rússia em 1908, da radiação gama única encontrada aí e no British Museum, das características plasmáticas da explosão e de como as provas apontavam que algures nos desertos de Oman existia uma possível fonte de antimatéria, preservada sob alguma forma desconhecida que a estabilizava e tornava não reactiva na presença de matéria.

— Embora agora se possa estar a destabilizar — concluiu Painter. — Pode ter sido essa a razão da explosão no British Museum. E pode estar a acontecer também aqui. O tempo é crítico. Esta pode ser a única altura possível para descobrir e preservar essa fonte de energia ilimitada.

Kara carregou o olhar.

— E o que é que o governo dos Estados Unidos planeia fazer com essa fonte ilimitada de energia?

Painter leu a suspeição nos seus olhos.

— Salvaguardá—la, por agora. Esse é o objectivo primeiro e imediato. Ressalvá—la daqueles que dela abusariam. Se tal poder caísse nas mãos erradas...

O silêncio prolongou—se, enquanto as palavras se dissipavam. Todos sabiam que as fronteiras já não dividiam o mundo, tanto quanto as ideologias. Embora não de forma declarada, uma nova guerra era travada no mundo, em que a dignidade fundamental e o respeito pelos direitos humanos eram atacados por forças de intolerância, despotismo e fervor cego. E embora as batalhas se travassem por vezes à plena vista — em Nova Iorque, no Iraque — a luta maior tinha lugar invisivelmente, em segredo, os seus heróis desconhecidos, os vilões ocultos.

Voluntária ou involuntariamente, o grupo ali reunido na praia fora arrastado para essa guerra.

Kara falou, por fim.

— E esse outro grupo. Os raptores de Safia. São os mesmos que assaltaram o British Museum?

Painter assentiu.

— Penso que sim.

— Quem são eles? — Omaha mantinha a pistola apontada.

— Não sei... não tenho a certeza.

— Tretas!

Painter ergueu a mão.

— Tudo o que sei com certeza é quem lidera a equipa. Uma parceira com quem trabalhei, uma toupeira infiltrada na DARPA. — Ele estava demasiado exausto para esconder a sua raiva. — O seu nome é Cassandra Sanchez. Nunca descobri para quem trabalha. Uma potência estrangeira. Terroristas. Um grupo do mercado negro. Tudo o que sei é que estão bem apetrechados e organizados e que são cruéis nos seus métodos. Omaha escarneceu.

— E você e a sua parceira são os tipos afáveis e sensíveis.

— Nós não matamos pessoas inocentes.

— Não, são estuporadamente piores! — cuspiu ele. — Vocês deixam o trabalho sujo a outros. Sabiam que nos dirigíamos a uma possível cilada, mas mantiveram a boca fechada. Se tivéssemos sabido antes, podíamos estar melhor preparados. Podíamos ter impedido o rapto de Safia.

Painter não tinha nada a contrapor. O homem tinha razão. Ele fora apanhado sem guarda, pondo em risco a missão e as suas vidas.

Distraído pela sua própria culpa, não reagiu a tempo. Omaha atacou e encostou—lhe o cano da pistola à fronte, fazendo—o recuar um passo.

— Seu canalha... isto é tudo culpa sua!

Ele ouviu a dor e a angústia na voz de Omaha. O homem tinha toda a razão. A fúria cresceu no peito de Painter. Estava gelado, ferido e cansado de ter uma arma apontada à cabeça. Não sabia se teria de abater Omaha.

Coral esperava, tensa.

A ajuda veio de uma fonte improvável.

Um estrondear de cascos irrompeu subitamente pela praia. Todos os olhares se voltaram, incluindo o de Omaha. Recuou e, finalmente, baixou a arma.

— Com os diabos... — murmurou.

Pela areia galopava uma visão impressionante. Um garanhão branco, a crina a esvoaçar, os cascos a levantar nuvens de areia. Era o cavalo do Shabab Oman.

O garanhão corria na direcção deles, talvez atraído pelas vozes exaltadas. Devia ter nadado até à costa, após a explosão. Estacou de repente a alguns metros, lançando um bafo branco quente no ar fresco da noite. Sacudiu a cabeça.

— Não acredito que ele tenha escapado — disse Omaha.

— Os cavalos são excelentes nadadores — ironizou Kara, mas não

conseguindo esconder o respeito na sua voz.

Um dos Desert Phantoms aproximou—se lentamente do cavalo, a palma estendida, sussurrando em árabe. Este estremeceu, mas permitiu a aproximação. Exausto, assustado, necessitando de tranquilidade.

A súbita chegada do cavalo quebrou a tensão. Omaha olhava a sua arma, na incerteza de como lhe fora parar ao punho.

Kara avançou e encarou Painter.

— Acho que é altura de parar de discutir. De lançar culpas. Todos tivemos as nossas razões para vir até aqui. Agendas ocultas. — Ela olhou de relance Omaha, que não a quis encarar. Painter podia adivinhar a agenda do homem. Era claro pelo modo como olhava Safia, pela sua fúria violenta de há um momento atrás. Estava ainda apaixonado.

— A partir daqui — continuou Kara —, temos de planear como vamos salvar Safia. Essa é a prioridade. — Voltou—se para Painter. — O que vamos fazer?

Painter acenou com a cabeça. O olho esquerdo ressentiu—se do movimento.

— Os outros pensam que morremos. Isso dá—nos uma vantagem que é melhor preservarmos. Sabemos, igualmente, para onde se dirigem. Temos de chegar a Salalah o mais rápido possível. O que significa atravessar quase quinhentos quilómetros.

Kara fitou as luzes da aldeia distante.

— Se eu pudesse chegar a um telefone, estou certa de que o sultão...

— Não — ele interrompeu—a. — Ninguém deve saber que estamos vivos. Nem sequer o governo omani. Qualquer palavra, em qualquer lugar que seja, sobre estarmos vivos deitará a perder a nossa ténue vantagem. O grupo de Cassandra conseguiu raptá—la pela vantagem da surpresa. Podemos recuperá—la da mesma forma.

— Mas com a ajuda do sultão, Salalah podia ser encerrada e vasculhada.

— O grupo de Cassandra já provou dispor de demasiados recursos. Eles introduziram no país força humana e armas significativas. O que não poderia ter acontecido sem recursos ao nível do governo.

— E se saíssemos da toca, a informação chegaria aos raptores — murmurou Omaha. Ele guardara a pistola no coldre do cinto e esfregava os tornozelos. A explosão de fúria parecia ter acalmado o homem. — E os raptores desapareceriam, antes que pudéssemos agir. Perderíamos Safia.

— Exacto.

— Então, o que fazemos? — indagou Kara.

— Arranjamos transporte.

O capitão al—Haffi deu um passo em frente. Painter não estava certo de como o homem reagiria quanto a iludir o seu próprio governo, mantendo—os na sombra, mas por outro lado, uma vez no terreno, os Desert Phantoms agiam com total independência. Ele assentiu a Painter.

— Enviarei um dos meus homens à aldeia. Não levantará suspeitas.

O capitão devia ter lido algo no rosto de Painter, algo sobre a razão por que se dispunha tão prontamente a ajudar a equipa.

— Eles mataram um dos meus homens. Kalil. Primo da minha mulher.

Painter inclinou a cabeça em simpatia.

— Que Alá o conduza de volta ao seu lar. — Ele sabia que não havia lealdade mais forte do que a de membros da própria tribo e família.

Com meia vénia de agradecimento, o capitão al—Haffi fez sinal ao mais alto dos seus dois homens, um verdadeiro gigante, de nome Barak. Falaram rapidamente em árabe. Barak assentiu e começou a afastar—se.

Kara deteve—o.

— Como vai arranjar transporte sem dinheiro?

Barak respondeu—lhe em inglês.

— Alá ajuda aqueles que se ajudam a si próprios.

— Vai roubá—lo?

— Pedi—lo emprestado. É uma tradição entre as nossas tribos do deserto. Um homem pode pedir emprestado aquilo de que precisa. Roubar é crime.

Com aquele breve fragmento de sabedoria, o homem encaminhou—se para as luzes distantes a um passo firme, desaparecendo na noite como um autêntico fantasma.

— Barak não nos falhará — assegurou—lhes o capitão al—Haffi. — Ele arranjará um transporte suficientemente grande para nos levar a todos... e ao cavalo.

Painter relanceou de novo a margem rochosa. O restante Phantom, um jovem taciturno de nome Sharif, conduzia o garanhão com uma extensão de cabo de reboque do barco.

— Porquê levar o cavalo? — inquiriu Painter, preocupado com a exposição de um grande veículo. — Há aqui bom pasto e alguém o há—de encontrar.

O Capitão al—Haffi retorquiu—lhe:

— Temos pouco dinheiro. E o cavalo pode ser trocado, vendido. Usado como transporte se necessário. Será também um disfarce para viajarmos até Salalah. As coudelarias aí existentes são bem conhecidas. Atenuará as suspeitas se levarmos o garanhão na nossa viagem. E, além disso, o branco é boa sorte. — A

última afirmação foi dita com total seriedade. A sorte entre os povos da Arábia era tão importante, quanto um telhado sobre a cabeça.

Montaram um breve acampamento. Enquanto Omaha e Painter ancoraram a lancha atrás de umas rochas para a esconder, os outros fizeram uma fogueira com destroços de madeira, ao abrigo de um fragmento de penhasco tombado. Escondida, a pequena pira seria difícil de detectar e todos necessitavam da sua luz e calor.

Quarenta minutos mais tarde, o ranger de engrenagens anunciou a chegada do transporte. Os faróis dianteiros descreveram uma curva na estrada costeira. Um camião de caixa aberta aproximava—se. Era um velho International 4900, pintado de amarelo, cravado de ferrugem. A caixa era rodeada por um tabuado de madeira com uma secção rebatível atrás.

Barak saltou do seu interior.

— Vejo que encontrou algo que pedir emprestado — disse Kara. Ele encolheu os ombros.

Extinguiram a fogueira. Barak também conseguira algumas roupas emprestadas: túnicas e mantos. Vestiram—se rapidamente, escondendo o seu vestuário ocidental.

Uma vez prontos, o capitão al—Haffi e os seus homens assumiram a cabina do camião, para o caso de serem mandados parar. Os outros treparam para a caixa. Foi necessário vendar os olhos ao cavalo para o fazer subir pela rampa descida.

Prenderam o garanhão árabe à frente junto da cabina. Depois Painter e os outros comprimiram—se na parte de trás.

Enquanto o camião balançava até à estrada costeira, Painter estudava o garanhão. O branco é boa sorte. Painter assim o esperava... iriam necessitar de cada pedacinho dela.

PARTE TRÊS – TÚMULOS

XI - ABANDONADA

3 de Dezembro, 12h22
Salalah

Safia despertou numa cela, desorientada e nauseada. O espaço obscuro girava e tremulava, enquanto movia a cabeça. Um gemido brotou do seu íntimo. Uma janela alta gradeada deixava entrar intensos dardos de luz. Demasiado brilhantes, cauterizantes.

Uma onda de enjoo invadiu—a.

Virou—se de lado e arrastou a cabeça, pesada demais para os seus ombros, até ao extremo da cama. O seu estômago comprimiu—se vezes sem conta. Nada. Contudo, sentiu o gosto da bílis, quando tombou para trás.

Inspirou fundo repetidas vezes e, lentamente, as paredes pararam de girar.

Tomou consciência do suor que lhe cobria o corpo, colando—lhe o fino lençol de algodão às pernas e peito. O calor sufocava. Os seus lábios estavam gretados, ressequidos. Quanto tempo estivera drogada? Recordava—se do homem da agulha. Frio, alto, vestido de negro. A bordo do barco, obrigara—a a trocar as suas roupas molhadas pela túnica caqui.

Com cautela, Safia olhou à sua volta. O quarto resumia—se a paredes de pedra e soalho de tábuas. Tresandava a cebola frita e pés sujos. A cama era a única peça de mobiliário. A porta de carvalho maciço estava fechada. Sem dúvida trancada.

Permaneceu imóvel durante vários minutos. A sua mente flutuava, meio entorpecida pelo efeito da droga que lhe tinham administrado. Contudo, dentro de si, o pânico serpenteava—lhe em torno do coração. Ela estava sozinha, cativa. Os outros mortos. Visionou chamas na noite, reflectidas na água varrida pela tempestade. A memória imprimira—se nela como o flash de uma câmara no escuro. Sanguínea, dolorosa, demasiado viva para ser afastada com um pestanejar. A respiração sufocou, a garganta fechando—se. Queria chorar, mas não podia. Se começasse não mais pararia.

Por fim, impeliu—se para cima e rolou os pés até ao chão. Não com outra determinação além da forte pressão na bexiga. Necessidade biológica, uma evocação de que estava viva. Levantou—se, vacilante, uma mão apoiada à parede. A pedra estava agradavelmente fria.

Fitou em cima a janela gradeada. Pelo calor, pelo ângulo do sol, devia ser perto do meio—dia. Mas de que dia? Onde estava? O odor era de areia e sal. Ainda na Arábia, estava certa. Atravessou o quarto. A ardência na bexiga intensificou—se.

Coxeou até à porta, ergueu um braço. Drogá—la—iam de novo? Tacteou a pisadura púrpura no ângulo do seu braço esquerdo, onde a agulha se enterrara.

Não tinha outra escolha. A necessidade sobrepunha—se à cautela. Bateu com força na porta e chamou com voz rouca:

— Eh! Está aí alguém? — Repetiu as palavras em árabe. Ninguém respondeu.

Bateu com mais força, ferindo os nós dos dedos, uma dor instalando—se entre as omoplatas. Estava fraca, desidratada. Tê—la—iam deixado a morrer?

Finalmente, passos responderam—lhe. Uma pesada tranca raspou contra a madeira. A porta abriu—se. Viu—se a encarar o mesmo homem. Era bastante mais alto que ela, vestindo uma camisa negra e uns jeans coçados e desbotados. Ficou surpreendida ao reparar na sua cabeça rapada. Não se recordava disso. Não, ele usara um barrete preto, antes. A única pelagem na sua cabeça eram as sobrancelhas escuras e um diminuto penacho no queixo. Mas não esquecera aqueles olhos, azuis e álgidos, indecifráveis, impassíveis. Olhos de tubarão.

Ela estremeceu quando ele a fitou, o calor esvaindo—se subitamente do quarto.

— Está a pé — disse ele. — Venha comigo.

Ela detectou um vestígio de sotaque australiano, mas embotado por anos de distância da pátria.

— Para onde... tenho de ir à casa de banho. Ele franziu o olhar e afastou—se.

— Siga—me.

Conduziu—a a uma reduzida instalação sanitária. Tinha um buraco de sanita de agachar, um chuveiro sem cortinas e um diminuto lavatório manchado com uma torneira a pingar. Safía mergulhou no interior. Estendeu uma mão para a porta, incerta de lhe ser concedida privacidade.

— Não se demore — disse ele, puxando o resto da porta até a fechar. Sozinha, perscrutou o espaço em busca de uma arma, de um meio de fuga.

De novo, a única janela estava gradeada. Mas pelo menos conseguia ver lá para fora. Precipitou—se para diante e viu do outro lado a pequena povoação em baixo, aninhada contra o mar. Palmeiras e edifícios brancos estendiam—se entre ela e o mar. A esquerda, um tremular de panos e toldos das cores do arco—íris assinalava um mercado. E à distância, manchas de verde para lá da cidade marcavam as plantações de banana, coco, cana—de—açúcar e papaia.

Ela conhecia aquele lugar.

A Cidade Jardim de Oman.

Salalah.

Era a capital da província de Dhofar, o destino inicial do Shabab Oman. Era uma região exuberante e verdejante, com cataratas e rios a alimentar as

pastagens. Só naquela secção de Oman, os ventos da monção abençoavam a terra com descargas de chuva, um leve orvalhar constante e uma névoa quase contínua sobre as montanhas próximas da costa. Era um clima diferente de todos os outros no Golfo, que permitia o desenvolvimento da rara árvore do incenso, uma fonte de grande riqueza em tempos antigos. As riquezas ali tinham levado à fundação das cidades lendárias de Sumharam, Al—Balid e, por último, da cidade perdida de Ubar.

Porque a teriam levado os raptores até ali?

Atravessou até à sanita e aliviou—se rapidamente. Depois, lavou as mãos e fitou o seu reflexo no espelho. Parecia uma sombra de si mesma, macilenta, tensa, o olhar cavado.

Mas estava viva.

Uma pancada na porta.

— Já está?

Sem outro recurso, Safia recuou até à porta e abriu—a. O homem acenou com a cabeça.

— Por aqui.

Afastou—se, sem sequer olhar para trás, seguro do seu controlo da situação. Safia seguiu—o. Não tinha outra escolha, as suas pernas arrastavam—se, guiadas pelo desespero. Foi conduzida por um curto lanço de escadas abaixo, ao longo de um outro corredor. Outros homens, de olhar duro, espingardas ao ombro, recostavam—se indolentes para lá de portas ou montavam guarda. Por fim, chegaram a uma porta alta.

O homem bateu e empurrou a porta.

Safia encontrou uma sala espartanamente mobilada: um tapete puído, com a cor há muito comida pelo sol, um único sofá, duas rígidas cadeiras de madeira. Um par de ventoinhas zumbiam, agitando o ar. Uma mesa de lado estava sobrecarregada por uma panóplia de armas, equipamento electrónico e um computador portátil. Um cabo estendia—se para lá de uma janela contígua, até uma antena de satélite do tamanho de uma palmeira, apontada ao céu.

— É tudo, Kane — disse a mulher, afastando—se do computador.

— Capitão. — O homem assentiu e saiu, fechando a porta.

Safia considerou lançar—se até uma das armas dispostas sobre a mesa, mas sabia que não seria capaz de lhes chegar. Estava demasiado fraca, ainda vacilante.

A mulher voltou—se para ela. Vestia umas calças pretas, uma t—shirt cinza e, por cima desta, uma larga camisa de mangas compridas, desabotoada, os

punhos enrolados até aos cotovelos. Safia reparou na coronha escura de uma pistola embainhada no seu flanco.

— Sente—se, por favor — comandou ela, apontando para uma das cadeiras de madeira.

Safia moveu—se lentamente, mas obedeceu.

A mulher permaneceu de pé, descrevendo passos atrás do sofá.

— Doutora al—Maaz, parece que a sua reputação como especialista nas antiguidades da região chamou a atenção dos meus superiores.

Safia mal compreendia as suas palavras. Viu—se a olhar fixamente o rosto da mulher, o seu cabelo negro, os seus lábios. Era a mulher que a tentara matar no British Museum, que orquestrara a morte de Ryan Fleming, que assassinara todos os seus amigos na noite anterior. Rostos, imagens misturavam—se no seu espírito, distraindo—a das palavras da mulher.

— Doutora al—Maaz, está a ouvir—me?

Não conseguia responder. Procurava a maldade na mulher, a capacidade de tamanha crueza e selvajaria. Alguma marca, alguma cicatriz, algum discernimento. Nada. Como era possível?

Um suspiro pesado escapou—se da mulher. Contornou o sofá e sentou—se, inclinando—se para a frente, os cotovelos sobre os joelhos.

— Painter Crowe — disse ela.

O inesperado nome sobressaltou Safia, um clarão de raiva a incendiá—la.

— Painter... ele foi meu parceiro.

O choque e a descrença agitaram Safia. Não...

— Vejo que tenho a sua atenção. — Um ínfimo sorriso de satisfação aflorou os seus lábios. — Deve conhecer a verdade. Painter Crowe estava a usá—la. A usá—los a todos. A colocá—la desnecessariamente em perigo. Guardando segredos.

— Está a mentir — crocitou, por fim, por entre os lábios ressequidos. A mulher recostou—se no sofá.

— Não tenho necessidade de mentir. Ao contrário de Painter, dir—lhe—ei a verdade. Aquilo em que tropeçou, que descobriu por sorte e infortúnio, contém a possível chave de um poder inimaginável.

— Não sei do que está a falar?

— Estou a falar de antimatéria.

Safia franziu o olhar perante a impossibilidade do que estava a ouvir. A mulher continuou a explicar sobre a explosão no museu, assinaturas de radiação, a busca de uma fonte primária de uma forma estabilizada de antimatéria. Apesar

do desejo de negar tudo aquilo, muito começava a fazer sentido. Algumas afirmações de Painter, alguma da sua conduta, a pressão do governo americano.

— O fragmento de meteorito que explodiu no museu — prosseguiu a mulher. — Diz—se guardar o portão da cidade perdida de Ubar. É até aí que nos irá guiar.

Ela abanou a cabeça, mais em negação.

— É tudo um absurdo.

A mulher fitou—a por mais algum tempo, levantou—se e atravessou a divisão. Arrastou algo de debaixo da mesa e pegou num dispositivo de entre o equipamento empilhado. Quando se voltou, Safia reconheceu a sua mala.

A mulher premiu os fechos da mala e abriu a tampa. O coração de ferro jazia aninhado no seu molde de poliestireno preto. Cintilava rubro à luz clara do Sol.

— Este é o artefacto que descobriu. No interior de uma estátua datada de há 200 anos a. C. Com o nome de Ubar gravado na sua superfície.

Safia assentiu lentamente, surpreendida com o conhecimento da mulher. Parecia saber tudo sobre ela.

A mulher inclinou—se e passou o dispositivo sobre o artefacto. O dispositivo crepitou e estalou, à semelhança de um contador Geiger.

— Ele liberta um nível de radiação muito baixo. Quase não detectável. Mas trata—se da mesma assinatura do meteorito que explodiu. Painter alguma vez lho disse?

Safia recordou—se de Painter a testar o artefacto com um dispositivo semelhante. Seria verdade? De novo, o desespero instalou—se no fundo do seu estômago, uma pedra fria.

— Precisamos que prossiga com o seu trabalho para nós — disse a mulher, voltando a selar a mala. — Que nos guie até aos portões perdidos de Ubar.

Safia fitou a mala fechada. Todo o banho de sangue, todas as mortes... tudo estava ligado à sua descoberta. De novo.

— Não vou fazê—lo — murmurou.

— Fá—lo—á ou morrerá.

Safia abanou a cabeça e encolheu os ombros. Não se importava. Todos os que amava tinham—lhe sido tirados. Por aquela mulher. Nunca a ajudaria.

— Prosseguiremos consigo ou sem si. Há outros especialistas neste campo. E posso tornar—lhe as suas últimas horas extremamente desagradáveis, se recusar.

Aquilo, de facto, arrancou—lhe uma débil gargalhada. Desagradáveis? Depois de tudo por que passara... Safia ergueu a cabeça e encarou os olhos da mulher, pela primeira vez, um ponto que procurara evitar até aí. Não eram frios

como os do homem que a conduzira até ali. Cintilavam com uma raiva profunda... mas também confusão. O carregar do semblante comprimia os lábios da mulher.

— Faça o que tiver de fazer — disse Safia, compreendendo o poder contido no seu próprio desespero. Aquela mulher não lhe podia tocar, fazer—lhe mal. Eles tinham arriscado demasiado na noite anterior. Não tinham deixado nada que a pudesse ameaçar. Ambas souberam aquela verdade naquele preciso momento.

Uma centelha de inquietação revelou—se no cerrar das sobrancelhas da outra.

Ela precisa de mim, soube Safia com toda a certeza. A mulher mentira quanto ao acesso a outro especialista. Ela não consegue arranjar outro. A força fluiu por Safia, firmando a sua resolução, dissipando a última lassitude induzida pela droga.

Outrora, uma mulher caminhara vinda de lado nenhum para dentro da sua vida, uma bomba atada ao peito, inflamada por fervor religioso, pondo fim a vidas sem misericórdia. Tudo dirigido a Safia.

Essa mulher morrera na explosão em Telavive. Depois disso, Safia não pudera confrontá—la, chamá—la à responsabilidade. Em lugar disso, ela assumiu a culpa sozinha. Mas era mais do que isso. Safia nunca pudera clamar vingança pelas mortes depostas a seus pés, purgar a sua culpa.

Tal já não acontecia.

Ela encarava a captora, sem baixar o olhar.

Recordava—se de desejar ter impedido a mulher em Telavive, tê—la encontrado mais cedo, ter de alguma forma prevenido a explosão, as mortes. Poderia ser verdade quanto à fonte de antimatéria? Visionou a explosão no British Museum, as suas consequências. O que faria alguém como aquela mulher com tal poder? Quantos mais morreriam?

Safia não podia permitir que tal acontecesse.

— Qual é o seu nome?

A pergunta sobressaltou a captora. A reacção provocou uma centelha de satisfação em Safia, irradiante como o sol, dolorosa mas grata.

— Disse que me contaria a verdade.

A mulher franziu o olhar, mas respondeu vagarosamente.

— Cassandra Sanchez.

— O que terei de fazer, Cassandra"! — Safia deleitou—se com o ar de irritação na outra pelo uso informal do seu nome. — Se decidir cooperar.

A mulher levantou—se, a fúria a dardejar.

— Dentro de uma hora, partiremos para o túmulo de Imran. Onde a estátua do coração foi encontrada. Para onde planeava dirigir—se com os outros. É aí que começaremos.

Safia levantou—se.

— Uma última questão.

A mulher fixou—a, inquisitivamente.

— Para quem trabalha? Diga—mo e cooperarei.

Antes de responder, a mulher cruzou o espaço até à porta, abriu—a e fez sinal a Kane para recolher a prisioneira. Falou do limiar.

— Trabalho para o governo dos Estados Unidos.

13h01

Cassandra esperou que a curadora do museu saísse e que a porta se fechasse. Chutou um cesto de papéis entrançado com folha de palmeira até ao outro lado da sala, espalhando o seu conteúdo pelo chão de tábuas. Uma lata de Pepsi chocalhou e rolou até ao sofá. Filha—da—mãe...

Teve de se reprimir de novas explosões, engarrafando a raiva. A mulher parecera quebrada. Cassandra nunca imaginara que ela se revelasse tão astuta no final. Ela vira a mudança nos olhos da outra, um resvalar glacial do poder dela para a prisioneira. Fora incapaz de o deter. Como acontecera?

Cerrou os punhos, depois forçou os dedos a relaxar e sacudiu os braços.

— Cabra... — sussurrou para a sala. Mas pelo menos a prisioneira ia cooperar. Era uma vitória com que teria de se contentar. O Ministro ficaria satisfeito.

No entanto, a bílis espumava no seu estômago, mantendo—lhe a disposição azeda. A curadora tinha mais força dentro de si do que Cassandra imaginara. Começava a perceber o interesse de Painter pela mulher.

Painter...

Cassandra deixou escapar um suspiro de inquietação. O seu corpo nunca fora encontrado. O que lhe deixava um sentimento de desassossego. Se ao menos...

Uma pancada na porta cortou—lhe os pensamentos. John Kane entrou, antes mesmo que ela se pudesse voltar. A irritação dardejou perante a invasão da privacidade, a falta de respeito.

— Foi levado o almoço a prisioneira — disse ele. — Ela estará pronta às duas horas. Cassandra atravessou até à mesa do equipamento electrónico.

— Como está a funcionar o subdérmico?

— Na perfeição. Um sinal claro e forte.

Na noite anterior, depois de a prisioneira ter sido drogada, tinham—lhe implantado um microtransmissor subdérmico entre as omoplatas. O mesmo dispositivo que Cassandra deveria ter implantado em Zhang, nos Estados Unidos. Cassandra achava particularmente gratificante usar o dispositivo projectado por Painter naquele caso. O microtransmissor actuaria como uma pulseira electrónica em relação à prisioneira, quando se encontrassem nas ruas. Poderiam detectar a curadora num raio de dezasseis quilómetros. Qualquer tentativa de fuga seria anulada.

— Muito bem — disse ela. — Verifique se os seus homens estão prontos.

— Eles estão prontos. — Kane irritou—se com a ordem, mas o seu pescoço também estava em causa, se a missão falhasse.

— Alguma informação das autoridades locais quanto à explosão do navio, ontem à noite?

— A CNN atribui—a a terroristas não identificados. — Resfolegou em relação à última afirmação.

— E sobreviventes? Corpos?

— Não há definitivamente sobreviventes. Estão a ser iniciadas as operações de resgate para determinar as causas e proceder à contagem dos corpos.

Ela assentiu.

— Okay, prepare os seus homens. É tudo.

Revirando um pouco os olhos, ele virou costas e saiu da sala, puxando a porta atrás de si, mas sem a fechar por completo. Ela teve de atravessar o espaço e empurrar o resto. O fecho produziu um estalido.

Continua a espicaçar, Kane... apaga será pior.

Suspirando de frustração, voltou ao sofá. Sentou—se, na borda. Não há sobreviventes. Visionou Painter, evocando a primeira vez que ele sucumbira aos seus avanços subtis, à sedução cuidadosamente orquestrada. O primeiro beijo. O seu gosto fora doce, do vinho que tinham bebido ao jantar. Os braços dele à sua volta. Os lábios dele... as mãos dele a deslizar lentamente pela curva da sua anca.

Ela tocou—se onde a palma dele se detivera e recostou—se no sofá, menos decidida do que há um momento atrás. Sentia mais raiva do que satisfação, depois da missão nocturna. Mais inquietação. E sabia porquê. Até ver o corpo afogado de Painter, o seu nome na lista dos mortos arrastados do mar, não teria a certeza. A sua mão deslizou para baixo a acompanhar a coxa, recordando. Poderiam as coisas ter sido diferentes entre eles? Fechou os olhos, os dedos cerrados sobre o ventre, odiando—se por ponderar sequer a possibilidade.

Maldito sejas, Painter...

Não importava o que pudesse fantasiar, teria terminado mal. Fora o que lhe ensinara o passado. Primeiro o pai... esgueirando—se para a sua cama, tinha ela onze anos, cheio de cocaína, promissor, ameaçador. Cassandra refugiara—se nos livros, erguendo um muro entre ela e o mundo. Nos livros, aprendeu como o potássio faz parar o coração. Sem deixar vestígios. No seu décimo sétimo aniversário, o pai foi encontrado morto na sua poltrona reclinável La—Z—Boy. Ninguém prestou atenção a uma punção de agulha entre as outras. A mãe suspeitou e receou—a.

Sem motivo para permanecer em casa, alistou—se no exército aos dezoito, achando prazer em fortalecer—se, em pôr—se à prova. Depois a oferta, para entrar num programa de atiradores das Forças Especiais. Fora uma honra, mas nem todos pensaram assim. Em Fort Brad, um homem alistado empurrou—a para um beco, tencionando dar—lhe um correctivo. Segurou—a no chão, rasgou —lhe a camisa. — Quem é agora o teu pai, cabra? — Um erro. Ambas as pernas do homem foram partidas. Nunca conseguiram reparar os seus genitais. Foi—lhe permitido abandonar o serviço livremente, desde que mantivesse a boca fechada. Ela era boa a guardar segredos.

Depois, veio a Sigma e a Guild. Tornou—se tudo uma questão de poder. Uma outra maneira de se fortalecer. Ela aceitara.

Depois, Painter... o seu sorriso, a sua calma... A dor invadiu—a. Morto ou vivo?

Ela tinha de saber. Embora soubesse ser melhor não aventar hipóteses, podia tomar algumas medidas de contingência. Impeliu—se do sofá e caminhou a passos largos para a mesa do equipamento. O computador portátil estava aberto. Verificou o sinal do microtransmissor implantado na prisioneira e clicou sobre a função de detecção por GPS. Surgiu uma grelha tridimensional. O dispositivo de detecção, indicado por um arco azul, mostrava—a na sua cela. Se Painter estivesse vivo, viria em seu socorro.

Fitou o ecrã. A prisioneira podia pensar ter ganho uma jogada, mas Cassandra encarava uma perspectiva mais vasta.

Ela modificara o transmissor subdérmico de Painter, conjugando—o com um desenhado pela Guild. O que exigira a amplificação da potência do circuito, mas uma vez isso conseguido, as modificações permitiam a Cassandra accionar em qualquer altura um grânulo de C4 embutido e atacar a espinha da mulher, matando—a com o premir de uma simples tecla.

Assim, se Painter ainda estivesse vivo, que viesse.

Ela estava pronta para terminar com todas as incertezas.

13h32

Todos sucumbiram na areia, exaustos até aos ossos. O camião de caixa aberta roubado fumegava na estreita estrada costeira atrás deles, a capota levantada. A extensão de areia branca estendia—se num arco, bordeada por penhascos calcários que tombavam até ao mar, de ambos os lados. Estava deserta, isolada de qualquer aldeia.

Painter olhava para sul, tentando penetrar os vinte e tal quilómetros que o separavam de Salalah. Safia tinha de estar aí. Rezava para que não fosse tarde demais.

Atrás dele, Omaha e os três Desert Phantoms discutiam em árabe debruçados sobre o compartimento do motor do camião.

Os outros procuraram a sombra dos penhascos, deixando—se cair, esgotados pela longa noite de viagem austera. A plataforma de aço do camião não oferecia amortecimento contra os altos e baixos da estrada costeira. Painter conseguira fragmentos de sono, mas nenhum descanso real, apenas sonhos inquietos.

Tocou no seu olho esquerdo, meio inchado e agora fechado. A dor focou—o na situação. A viagem, embora regular, fora lenta, limitada pelo terreno e pela condição da velha estrada. E agora o tubo do radiador rebentara.

A demora deitava tudo a perder.

Um esmagar de areia chamou a sua atenção para Coral. Ela envergava uma túnica larga, um pouco curta demais, que mostrava os seus tornozelos nus. O cabelo e o rosto estavam enegrecidos do óleo da caixa do camião.

— Estamos atrasados — disse ela. Ele assentiu.

— Mas quanto?

Coral relanceou o relógio, um cronógrafo de mergulho Breitlinger. Ela era reputada como uma das melhores da organização em logística e estratégia.

— Estimo que a equipa de assalto de Cassandra terá chegado a Salalah a meio da manhã. Demorar—se—ão aí apenas o suficiente para se certificar de que ninguém os ligou ao bombardeamento do Shabab e para garantir uma posição de retirada na cidade.

— Melhor e pior cenário?

— Pior. Chegaram ao túmulo, há duas horas atrás. Melhor. Dirigem—se para lá neste preciso momento.

Painter abanou a cabeça.

— Não há uma grande janela de oportunidade.

— Não. É melhor não nos iludirmos quanto a isso. — Encarou—o. — A equipa de assalto demonstrou a sua persistência e concentração. Com a vitória no mar, procederão com uma determinação redobrada. Mas pode haver uma esperança.

— Qual?

— Apesar de determinados, procederão com extrema cautela. Ele franziu o olhar.

Coral explicou:

— Mencionou, anteriormente, o elemento de surpresa. Não é verdadeiramente aí que reside a nossa força. Do perfil que antevi de Cassandra Sanchez, ela não é de correr riscos. Procederá como se esperasse perseguição.

— E isso joga em nossa vantagem? Como?

— Quando alguém olha constantemente por cima do ombro, é mais provável tropeçar.

— Que teoria tão Zen, Novak. Ela encolheu os ombros.

— A minha mãe era budista.

Ele relanceou—a. A afirmação fora proferida tão inexpressivamente, que ele não conseguia dizer se ela estava ou não a brincar.

— Okay! — chamou Omaha, enquanto o motor se engasgava, tossia e rosnava. Mais rouco do que antes, mas a funcionar. — Todos a bordo!

Uns tantos protestos mudos irromperam, enquanto os outros se erguiam da areia.

Painter trepou à frente de Kara, ajudando—a a subir. Ele notou uma tremura nas suas mãos.

— Você está bem? Ela libertou a mão, agarrando—a com a outra. Evitou—lhe o olhar.

— Estou. Apenas preocupada com Safia. — Procurou um canto com sombra no fundo da caixa.

Os outros fizeram o mesmo. O sol começara a aquecer a plataforma da caixa.

Omaha saltou para dentro, enquanto o gigante Barak fechou a cancela. Estava coberto de óleo e gordura desde as sobrancelhas até à ponta dos dedos.

— Conseguiste pô—lo a funcionar — disse Danny, olhando—o de viés, não tanto do brilho do sol, mas da miopia. Ele perdera os óculos durante a explosão. Tinha sido um duro contacto do jovem com a Arábia, mas parecia estar a aguentar—se bem. — O motor durará até Salalah?

Omaha encolheu os ombros, deixando—se cair na caixa ao lado do irmão.

— Improvisámos. Rolhámos a mangueira danificada para impedir a fuga. O motor poderá sobreaquecer, mas só temos mais uns vinte e tal quilómetros pela frente. Vamos conseguir.

Painter desejou poder partilhar do entusiasmo do homem. Instalou—se entre Coral e Clay. O camião lançou—se para diante aos sacões, empurrando—os uns contra os outros, arrancando um relincho de inquietação do garanhão. Os seus cascos calcavam a plataforma nodosa. Baforadas de diesel queimado erguiam—se no ar, à medida que o camião cambaleava de volta à estrada e partia de novo em direcção a Salalah.

Enquanto o sol se reflectia a partir de cada superfície, Painter fechou os olhos à irradiação. Sem esperança de sono, viu—se a pensar em Cassandra. A experiência passada com a sua ex—parceira desenrolou—se na sua mente: sessões de estratégia, reuniões interdepartamentais, diferentes operações no terreno. Em tudo isso, Cassandra mostrara—se à mesma altura. Mas ele fora cego ao subterfúgio, ao filão de frieza, à crueldade calculada. Nisso, ela ultrapassava—o, tornando—se num melhor operativo de campo.

Ponderou nas palavras anteriores de Coral: Quando alguém olha constantemente por cima do ombro, é mais provável tropeçar. Tê—lo—ia feito ele próprio? Desde o assalto frustrado ao museu, ele estivera demasiado consciente do seu passado com Cassandra, a sua concentração nela demasiado turva, incapaz de equilibrar passado e presente. Mesmo no seu coração. Teria sido isso que lhe permitira baixar a guarda a bordo do Shabab Oman? Alguma crença na bondade última de Cassandra? Se ele se apaixonara por ela, alguma verdade deveria ter existido entre eles.

Agora ele sabia melhor.

Um grunhido de protesto chamou a sua atenção para o outro lado da caixa do camião. Clay puxava o seu manto para tapar os joelhos. Ele dava um árabe medíocre, com a sua pele pálida, o cabelo ruivo rapado e as orelhas tachonadas. Apercebeu—se do olhar de Painter.

— Então, o que lhe parece? Vamos chegar a tempo? Painter sabia que a honestidade era agora o melhor partido.

— Não sei.

14h13

Safia seguia no assento traseiro de um Mitsubishi de tracção às quatro rodas. Dois outros veículos idênticos seguiam no seu encalço. Compunham um

pequeno cortejo fúnebre em direcção ao túmulo do pai da Virgem Maria, Nabi Imran.

Safia sentava—se rígida. O SUV cheirava a novo. A solidez do interior — couro cor de carvão, acabamentos de titânio, luzes azuladas — contrapunha—se ao estado desorientado da passageira. E não podia culpar toda a névoa orlada de vermelho aos efeitos dos sedativos. A sua mente girava na sequência da anterior conversa com Cassandra. Painter...

Quem era ele? Como podia ter sido parceiro de Cassandra? O que queria isso dizer? Sentia—se magoada por dentro, profundamente dorida, enquanto visionava o seu sorriso torcido, a maneira como a mão lhe tocara levemente a sua, tranquilizante. Que mais lhe tinha escondido? Safia empurrou a sua confusão bem para o fundo, incapaz de a confrontar, nem sequer certa da razão porque a afectava tanto. Mal se conheciam.

Voltou a sua atenção para a outra perturbadora observação de Cassandra. De que trabalhava para o governo dos Estados Unidos. Seria isso possível? Embora Safia tivesse perfeita consciência da natureza ocasionalmente implacável da política externa americana, não conseguia imaginar políticos americanos a defender aquele ataque. Mesmo os homens sob o comando de Cassandra tinham um aspecto bruto, de mercenários. A sua proximidade produziu—lhe uma sensação de formigueiro na pele. Não eram vulgares soldados americanos.

E havia o homem de nome Kane, sempre vestido de negro. Ela reconhecera o seu sotaque de Queensland. Um australiano. Ele conduzia o veículo, o pé um pouco pesado. As curvas contornadas demasiado abruptamente, quase ferozmente. Qual era a história dele?

A outra ocupante do veículo sentava—se ao lado de Safia. Cassandra observava o cenário a passar, as mãos sobre o colo. Como qualquer turista. Só que carregava três armas. Cassandra exibira—as a Safia. Um aviso. Uma num coldre de ombro, outra no fundo das costas e a terceira presa ao tornozelo. Safia suspeitava da existência de uma quarta arma escondida.

Encurralada, não tinha outra opção senão sentar—se quieta. Enquanto atravessavam o centro de Salalah, Safia observava o sistema de navegação incorporado a seguir o veículo. Contornaram uma estância balnear, o Hilton Salalah, depois cruzaram o tráfego dirigindo—se ao distrito municipal interior, a área de Al—Quaf, onde os aguardava o túmulo de Nabi Imran.

Não ficava muito longe. Salalah era uma pequena cidade, que levava minutos a ser atravessada de lado a lado. As principais atracções da cidade ficavam para lá da municipalidade, nas maravilhas naturais da paisagem

circundante: a magnífica praia arenosa de Mughsal, as antigas ruínas de Sumhurran, as incontáveis plantações que prosperavam sob as chuvas da monção. E um pouco mais para o interior, as montanhas verdes de Dhofar elevavam—se como pano de fundo, um dos poucos lugares na Terra onde cresciam as raras árvores do incenso.

Safia fitou as montanhas nebulosas, um lugar de eterno mistério e riqueza. Embora o petróleo tivesse substituído o incenso como principal fonte de riqueza de Oman, este ainda dominava a economia local de Salalah. Os tradicionais mercados ao ar livre perfumavam a cidade com amostras de água—de—rosas, âmbar cinzento, sândalo e mirra. Ela constituía o centro aromatizado do mundo. Todos os designers de topo vinham até ali recolher amostras.

Contudo, no passado, o incenso fora o verdadeiro tesouro do país, ultrapassando mesmo o ouro. O comércio do precioso incenso alimentara a economia omani, levando os seus navios até à Jordânia e à Turquia, a norte, e à África, a ocidente. Mas fora a sua rota terrestre, a Rota do Incenso, que se tornara verdadeira lenda. Ruínas antigas pontilhavam o seu curso, crípticas e misteriosas, as suas histórias confundidas com as religiões do Judaísmo, Cristianismo e Islamismo. A mais famosa era Ubar, a cidade dos mil pilares, fundada pelos descendentes de Noé, uma cidade que enriqueceu pelo seu papel central como principal ponto de abastecimento de água para as caravanas que atravessavam o deserto.

Agora, milénios passados, Ubar tornava—se de novo centro de poder. Sangue fora derramado ao descobrir o seu segredo, ao expor o seu coração.

Safia teve de resistir olhar sobre o ombro para a caixa metálica na traseira. O coração de ferro viera de Salalah, uma migalha deixada para trás, um indicador da verdadeira riqueza de Ubar. Antimatéria. Seria possível?

O Mitsubishi abrandou e virou para uma estrada lateral não pavimentada. Passaram por uma linha de bancas de berma, abrigadas debaixo de palmeiras, vendendo tâmaras, cocos e uvas. O veículo avançou indolente. Safia considerou saltar, escapar. Mas fora—lhe colocado o cinto de segurança. Qualquer gesto na direcção do botão de desengate e seria impedida.

E depois havia os veículos que os seguiam, repletos de homens armados. Um camião descreveu a curva atrás deles, o outro continuou, talvez dando a volta para encerrar o outro extremo da ruela. Safia estranhou tais medidas de segurança. Kane e Cassandra pareciam mais do que suficientes para lidar com a prisioneira. Safia sabia que não havia fuga possível. Tentá—la, significaria a morte.

Uma onda de calor ardente, uma fúria há muito reprimida, inflamou—a. Não se sacrificaria inutilmente. Ela jogaria o jogo deles, mas em sua vantagem. Relanceou obliquamente Cassandra. Teria a sua vingança... pelos seus amigos, por si mesma. Aquele pensamento sustentou—a, enquanto o SUV estacou no exterior de um par de portões de ferro forjado.

A entrada para o túmulo de Nabi Imran.

— Não tente nada — advertiu Cassandra, como que lendo—lhe a mente. John Kane falou a um dos guardas do portão, debruçando—se da janela. Uns tantos rial mudaram de mão. O guarda premiu um botão e o portão abriu—se, deixando passar o veículo. Kane avançou lentamente e estacionou. O outro camião assumiu posição junto às bancas de estrada.

Kane saltou para fora e dirigiu—se à traseira para lhe abrir a porta. O que podia ser tomado por um acto de cavalheirismo em circunstâncias normais. No momento presente, era mera precaução. Ofereceu—lhe uma mão para a ajudar a descer.

Safia recusou, saltando para fora sozinha.

Cassandra deu a volta pela traseira do camião. Carregava a mala prateada.

— E agora?

Safia procurou em volta. Por onde começar?

Estavam no centro de um pátio de lajes, murado e ladeado de pequenos jardins arranjados. Do outro lado do pátio, erguia—se uma pequena mesquita. O seu minarete de pedra caiada elevava—se ofuscantemente por entre o brilho do pino do dia, encimado por uma cúpula de ouro pardacento. Um pequeno varandim circular no topo indicava o lugar onde o muezim entoava o adhan, o chamamento muçulmano à oração, cinco vezes ao dia.

Safia ofereceu a sua própria prece. O silêncio foi a única resposta, mas mesmo assim deu—lhe conforto. No interior do pátio, os sons da cidade próxima eram abafados, calados, como se o próprio ar se aquietasse perante a sacralidade do santuário. Uns poucos veneradores moviam—se discretamente pelo recinto, respeitosos em relação ao túmulo que se estendia de um dos lados: um edifício longo e baixo, enquadrado por arcos, pintado de branco, adornado de verde. No interior do edifício, ficava a sepultura de Nabi Imran, o pai da Virgem Maria.

Cassandra postou—se à sua frente. A impaciência da mulher, a sua energia mal contida, perturbava o ar, deixando atrás de si um rasto, quase palpável.

— Então, por onde começamos?

— Pelo começo — murmurou Safia e avançou a passos largos. Eles precisavam dela. Embora prisioneira, não seria apressada. O conhecimento era o

seu escudo.

Cassandra caminhou no seu encalço.

Safia dirigiu—se à entrada do edifício fúnebre. Um homem envergando uma túnica, um dos guardas do túmulo, caminhou ao encontro do grupo.

— Salam alaikum — saudou ele.

— Alaikum as salam — respondeu Safia. —Asfa — desculpou—se ele, apontando para a cabeça.

— Às mulheres não é permitido entrar no túmulo com a cabeça descoberta. — E puxou de um par de lenços verdes.

— Shuk ran. — Safia agradeceu—lhe e rapidamente colocou o paramento. Os seus dedos moviam—se com uma perícia que ela julgara há muito perdida. Achou um significativo grau de satisfação, quando o homem teve de ajudar Cassandra.

O funcionário afastou—se.

— A paz vos acompanhe — ofereceu ele, enquanto recuava para a galeria protegida da luz, de volta ao seu posto.

— Temos igualmente de descalçar sapatos e sandálias — disse Safia, acenando para a fila de calçado abandonado no exterior da porta.

Uma vez descalços, entraram no túmulo.

O santuário era um simples longo átrio, acompanhando o comprimento do edifício. Numa das extremidades, havia uma lápide de mármore castanho do tamanho de um pequeno altar. Incenso ardia em cima do mármore, num par de queimadores de bronze gémeos, emprestando ao espaço um aroma medicinal. Mas era a sepultura em baixo da lápide que captava a atenção imediata. A meio do átrio estendia—se um sepulcro de trinta metros de comprimento, a meio metro do chão e envolto num arco—íris de panos impressos com frases do Corão. A flanquear a sepultura, o chão estava coberto por tapetes de oração.

— Que grande campa — disse Kane, suavemente.

O único venerador ergueu—se do seu tapete, relanceou os recém—chegados e, silenciosamente, abandonou a sala. Tinham o espaço só para si.

Safia percorreu os trinta metros do túmulo amortalhado. Dizia—se que se se medisse o comprimento de um dos lados do sepulcro, nunca se obteria a mesma medida do outro lado. Ela nunca testara esse fragmento de folclore.

Cassandra seguia no seu ombro, olhando em volta.

— O que sabe deste lugar?

Safia encolheu os ombros, enquanto circundava a extremidade do túmulo e iniciava o percurso de regresso em direcção à lápide de mármore.

— O túmulo foi reverenciado desde a Idade Média, mas todo este aparato... — Ela agitou a mão para abarcar a abóbada e o pátio.

— Tudo isto é relativamente recente.

Safia avançou para a lápide de mármore. Colocou uma mão sobre a sua superfície.

— Este foi o local de onde Reginald Kensington retirou a estátua de arenito que escondia o coração de ferro. Há cerca de quarenta anos.

Cassandra aproximou—se com a pequena mala. Circulou a pedra tumular. As serpentes ondulantes de incenso do par de queimadores agitaram—se à sua passagem, um movimento perturbado, irado.

Kane falou.

— Então é aqui que está verdadeiramente enterrado o pai da Virgem Maria?

— Há alguma controvérsia a rodear a questão. Cassandra olhou—a de relance.

— Como assim?

— A maioria dos grupos cristãos, católicos, bizantinos, nestorianos, jacobitas, acredita que o pai de Maria era um homem chamado Joaquim. Mas tal é contestado. O Corão alega que ela descendia de uma família altamente respeitada, a família de Imran. Assim como a fé judaica. De acordo com as suas tradições, Imran e a esposa desejavam ter um filho, mas a esposa era estéril. Imran rezou por um filho homem, o qual dedicaria ao templo em Jerusalém. As suas preces foram atendidas, a esposa ficou grávida, mas de uma menina. Maria. Mesmo assim rejubilantes, os pais devotaram a criança a uma vida de piedade em honra do milagre de Deus.

— Até ela ser atingida por um anjo.

— Sim, é aí que as coisas se tornam azedas entre as religiões.

— Então e a estátua, aquela encontrada no local da lápide? — indagou Cassandra, arrastando a conversa de volta ao objectivo. — Porque foi aqui colocada?

Safia postou—se diante da lápide de mármore e ponderou ela própria a mesma questão, tal como fizera durante a viagem de Londres. Porque colocaria alguém uma pista sobre a localização de Ubar num lugar ligado à Virgem Maria, uma figura reverenciada pelas três fés religiosas — Judaísmo, Cristianismo e Islamismo? Seria porque sabiam que o local seria protegido ao longo das eras? Cada religião tinha um interesse na preservação do túmulo. Ninguém poderia ter antecipado a escavação de Reginald Kensington e o adicionar da estátua à sua colecção em Inglaterra.

Mas quem trouxera originalmente a estátua para o santuário e porquê? Seria porque Salalah marcava o início da Rota do Incenso? Seria a estátua a primeira marca de referência, o primeiro marcador conduzindo ao coração da Arábia?

A mente de Safia girava em torno de vários cenários: a idade da estátua, os mistérios que rodeavam o túmulo, a veneração múltíplice do local de fé.

Voltou—se para Cassandra.

— Preciso de ver o coração.

— Porquê?

— Porque você está certa. A estátua deve ter sido aqui colocada por alguma razão.

Cassandra fitou—a por um longo momento, depois ajoelhou—se sobre um dos tapetes de oração e abriu a mala. O coração de ferro cintilava opalescente, no interior da sua protecção de poliestireno preto.

Safia aproximou—se dela e libertou o coração. De novo, foi surpreendida pelo seu peso. Era demasiado denso para simples ferro. Enquanto se levantava, sentiu o vago fluir no interior, pesado, como se chumbo fundido preenchesse as câmaras do coração de ferro.

Carregou—o até ao cimo do altar de mármore.

— A estátua deveria ter estado escorada neste ponto. — Enquanto se voltava, alguns fragmentos de incenso caíram da extremidade de um dos vasos do coração e espalharam—se como sal sobre o altar.

Safia segurou o coração à altura do peito, posicionando—o anatomicamente — ventrículos para baixo, o arco da aorta inclinado para a esquerda — como se repousasse dentro do seu próprio corpo. Colocou—se sobre o longo túmulo estreito e imaginou a estátua do museu antes de a explosão a ter destruído.

Postara—se a quase dois metros, uma figura envolta, envergando um pano de cabeça e protecção a cobrir o rosto, à imagem do beduíno actual. A figura empunhara ao ombro um longo queimador funerário de incenso, como se apontasse uma espingarda.

Safia olhou os grãos de incenso antigo. Seria o mesmo incenso outrora ali queimado? Segurou na curva do braço o punho de ferro frio e agarrou uns quantos grãos cristalinos, lançando—os num dos queimadores contíguos, rezando uma prece pelos seus amigos. Eles crepitaram e libertaram uma nova lufada de doce aroma no ar.

Fechando os olhos, inalou. O ar estava impregnado de incenso. O aroma de um passado antigo. Enquanto inspirava, viajou para trás no tempo, até à era anterior ao nascimento de Cristo.

Imaginou a árvore há muito morta que produzira aquele incenso. Uma árvore enfezada e descarnada com pequenas folhas verde acinzentadas. Imaginou os antigos que extraíam a sua seiva. Eram uma tribo reclusa das montanhas, tão isolada e antiga que a sua língua antecedia o árabe moderno. Apenas um punhado de homens sobrevivia no isolamento no cimo das suas montanhas, levando uma existência pobre. Ela ouviu o seu linguarejar, um monótono sibilar, semelhante a um cantar de aves. Aqueles homens, os Shahra, alegavam ser os últimos descendentes de Ubar, retraçando a sua linhagem até aos pais fundadores da cidade.

Teriam esses homens extraído eles próprios aquele incenso?

Enquanto puxava para dentro de si o passado em cada inspirar, sentiu—se desfalecer, o chão a girar—lhe debaixo dos pés. Momentaneamente incapaz de se orientar, apercebeu—se na beira do altar, os joelhos a perder a força.

John Kane agarrou—a pelo cotovelo, o cotovelo que amparava o coração.

Este oscilou... e caiu.

O coração embateu no altar com um ruído embotado e rolou pelo mármore escorregadio, girando sobre a sua superfície férrea, ligeiramente vacilante, como se o líquido que preenchia o seu interior o desequilibrasse.

Cassandra precipitou—se para ele.

— Não! — advertiu Safia. — Deixe—o estar!

O coração girou uma última vez e deteve—se. Enquanto se aquietava, pareceu balouçar e agitar em sentido contrário, depois parou por completo.

— Não lhe toque. — Safia ajoelhou—se, os olhos alinhados com a borda da pedra do altar. O incenso impregnava o ar.

O coração repousava na exacta posição em que ela o segurara há um momento atrás: ventrículos para baixo, o arco da aorta em cima e inclinado para a esquerda.

Safia levantou—se. Ajustou o corpo para se adaptar à posição do coração, de novo como se este residisse no seu próprio peito. Uma vez em posição, corrigiu a colocação dos pés e levantou os braços, simulando segurar uma espingarda invisível nas mãos — ou um queimador funerário de incenso.

Imóvel na pose da antiga estátua, Safía olhou ao longo do seu braço erguido. Este apontava directamente ao longo do eixo do túmulo, perfeitamente alinhado. Safía baixou os braços e fitou o coração de ferro.

Quais eram as probabilidades de o coração se imobilizar naquela exacta posição, por mero acaso? Recordou o fluir dentro do coração, visionou a sua rotação nervosa, a sua oscilação final. Como uma bússola.

Olhou ao longo do comprimento do túmulo, erguendo o braço no seu seguimento. O olhar passou pelas paredes, pela cidade e para além desta. Para longe da costa. Na direcção das verdes montanhas distantes. Então, soube. Tinha de se certificar.

— Preciso de um mapa.

— Porquê? — perguntou Cassandra.

— Porque sei para onde temos de seguir.

XII - PRIMEIRO, A SEGURANÇA

3 de Dezembro, 15h02
Salalah

Omaha, meio adormecido na caixa do camião, sentiu o revelador restolhar debaixo das suas calças. Maldição... A vibração na plataforma intensificou—se, trepidando violentamente. Aqueles que tinham estado a dormitar, as cabeças pendentes ao calor, olharam de relance para cima, os rostos vincados de tensa preocupação. Da dianteira do camião, o motor tossiu uma última vez e morreu com um arquejo prolongado de fumo. Nuvens pretas encapelaram—se sobre o veículo, emanando da capota. Um fedor a óleo queimado acompanhou—as. O camião de caixa aberta descambou para a berma da estrada, embatendo no rebordo arenoso e imobilizando—se.

— Fim da linha — disse Omaha.

O garanhão árabe esmagou um dos cascos em protesto.

És tu e eu, pensou Omaha. Levantou—se juntamente com os outros, sacudiu o pó do seu manto e atravessou até à cancela rebatível. Soltou o fecho. A cancela tombou e esmagou—se com estrondo na areia.

Todos desceram, enquanto o capitão al—Haffi e os seus dois homens, Barak e Sharif evacuavam a cabina. O fumo ainda se elevava, maculando o céu.

— Onde estamos? — indagou Kara, protegendo os olhos e fitando ao longo da estrada serpenteante. De ambos os lados, campos de cana—de—açúcar galgavam em faixas de densa folhagem, obscurecendo as distâncias. — A que distância estamos de Salalah?

— A uns três quilómetros — disse Omaha, acentuando—o com um encolher de ombros. Ele não tinha a certeza. Podia ser o dobro.

O capitão al—Haffi aproximou—se do grupo.

— Temos de nos pôr a caminho. — Ele gesticulou na direcção do fumo. —

Pessoas virão ver o que se passa.

Omaha assentiu. Não seria bom serem encontrados a vaguear em torno de um camião roubado. Ou mesmo emprestado.

— Teremos de fazer o resto do percurso a pé — disse Painter. Ele foi o último a sair da caixa do camião. Segurava o garanhão a reboque por um pedaço de corda. Conduziu o irrequieto cavalo pela cancela descida. Este meneou e dançou um pouco uma vez em solo firme.

Enquanto Painter o confortava, Omaha notou que o olho esquerdo do homem começara a ficar roxo, mas parecia menos inchado. Desviou o olhar, dividido entre o embaraço pela explosão anterior e a fúria residual que ainda sentia. Sem equipamento, em breve se puseram a caminho, arrastando—se pela berma da estrada. Moviam—se como uma pequena caravana, aos pares. O capitão al—Haffi a conduzir. Painter e Coral em último com o cavalo.

Omaha escutou o par a conversar em sussurros, combinando estratégias. Abrandou para ficar ao lado deles. Recusava—se a ser deixado de fora da discussão. Karanotou—o, igualmente, e juntou—se—lhes.

— Qual é o plano uma vez chegados a Salalah? — perguntou Omaha. Painter carregou o olhar.

— Mantemo—nos discretos. Coral e eu...

— Calma aí! — interrompeu—o Omaha. — Não me vão deixar para trás. Não me vou esconder num hotel qualquer, enquanto vocês os dois vão andar por aí.

A sua explosão irada foi ouvida por todos.

— Não podemos ir todos até ao túmulo — disse Painter. — Seremos reconhecidos. Eu e Coral temos treino de vigilância e de recolha de informação. Teremos de fazer um reconhecimento da área, procurar Safia, preparar o terreno se ela ainda não tiver chegado lá.

— E se ela já tiver chegado e tiver partido? — inquiriu Omaha.

— Podemos descobri—lo. Indagar com discrição. Kara falou.

— Se ela tiver partido, não saberemos para onde a levaram.

Painter fixou o olhar. Omaha notou a sombra de preocupação no semblante do homem, tão escura como a pisadura debaixo do olho esquerdo.

— Você acha que é tarde demais — disse Omaha.

— Não podemos ter a certeza. Omaha fitou à distância. Uns poucos edifícios podiam vislumbrar—se no horizonte. O extremo da cidade. Demasiado longe. Demasiado tarde.

— Alguém tem de ir à frente — disse Omaha.

— Como? — perguntou Kara. Sem se voltar, Omaha apontou um polegar para trás sobre o ombro.

— O cavalo. Um de nós... talvez dois... podiam montá—lo até à cidade. Seguir directamente para o túmulo. Inspeccioná—lo. Manter—se à espreita. Procurar Safia. Persegui—la, caso partisse.

O silêncio respondeu—lhe.

Coral encarou—o nos olhos.

— Painter e eu estávamos a discutir o assunto.

— Eu devo ir — disse Painter.

Omaha estacou, voltando—se para fitar directamente o homem.

— E por que raio o deveria fazer? Eu conheço a cidade. Conheço os seus becos mais obscuros.

Painter olhou—o de cima a baixo.

— Você não tem experiência em vigilância. Isto não é assunto para amadores. Será descoberto. Deitará a perder a nossa vantagem.

— Uma ova! Posso não ter um treino formal, mas tenho anos de trabalho de campo em lugares onde é melhor não ser visto. Sei passar despercebido, quando é preciso.

Painter falou com rudeza e sem bravata.

— Mas eu sou melhor. É aquilo que eu faço.

Omaha cerrou um punho. Ele ouviu a segurança na voz do outro. Parte dele queria atacar o homem, mas outra parte acreditava nele. Qual a melhor escolha? Como podia seguir a passo, quando queria correr para Safia? Uma corda de dor cingiu—lhe o coração.

— E o que fará se a encontrar?

— Nada. — Prosseguiu Painter. — Estudarei a força deles. Procurarei uma fraqueza. Esperarei pelo momento certo.

Kara falou, as mãos fincadas nas ancas.

— Então e nós?

Coral respondeu—lhe, enquanto Omaha e Painter resolviam o impasse.

— Dispomos de um lugar seguro em Salalah, previsto como apoio. Dinheiro e mantimentos.

É claro, pensou Omaha.

— Armas? — inquiriu Kara. Coral anuiu.

— Iremos até lá em primeiro. Para reabastecer. Estabelecerei o contacto com Washington. Apresentarei o relatório da situação. Solicitarei...

— Não — interrompeu Painter. — Nenhuma comunicação. Eu entrarei em

contacto com vocês, assim que puder. Avançaremos a partir daqui por nossa conta. Sem ajuda exterior.

Omaha percebeu o discurso silencioso entre Painter e a parceira. Painter parecia suspeitar de fugas não apenas do governo omani, mas do seu próprio governo. Aquela mulher, Cassandra Sanchez, estivera sempre um passo à frente deles. Devia receber informação interna.

Os olhos de Painter pousaram em Omaha.

— Estamos entendidos em relação ao plano?

Omaha assentiu lentamente, contudo era como se tivesse barras de ferro a comprimir—lhe a base do pescoço. Painter esboçou meia volta, mas Omaha deteve—o, aproximando—se. Omaha retirou a pistola de dentro do seu manto e passou—a a Painter.

— Se tiver uma oportunidade... qualquer oportunidade...

— Não a deixarei escapar — disse ele, aceitando a arma.

Omaha recuou e Painter montou o garanhão. Iria cavalgar sem sela, usando uma rédea de improviso feita com cabo de reboque. — Vemo—nos em Salalah — murmurou e escouceou o cavalo para um trote e depois um galope regular, o corpo baixo.

— Espero que seja tão bom espião como cavaleiro — disse Kara.

Omaha observou Painter a desaparecer numa curva da estrada. Então, o grupo pôs—se de novo a caminho, deslocando—se lentamente, demasiado lentamente, em direcção à cidade expectante.

15h42

Safia debruçava—se sobre o mapa topográfico da região de Dhofar. Este estava estendido sobre a capota do camião. Tinha uma bússola digital pousada no centro e uma régua plástica de arestas rectas. Alterou ligeiramente a posição da régua sobre o mapa, alinhando—a exactamente com o eixo do túmulo de Nabi Imran. Antes de abandonar a cripta, ela passara alguns minutos a usar uma bússola de calibração laser para estabelecer uma medição precisa.

— O que está a fazer? — perguntou Cassandra sobre o seu ombro, pela quinta vez.

Continuando a ignorá—la, Safia debruçou—se mais, o nariz quase a tocar o papel. Isto é o melhor que consigo fazer sem computadores. Estendeu uma mão.

— Caneta.

Kane procurou num bolso interior do seu casaco e passou—lhe uma esferográfica. Ao olhar para cima, ela teve um vislumbre rápido de uma arma embainhada num coldre de ombro. Retirou—lhe cuidadosamente a caneta dos

dedos. Recusou—se a encarar—lhe os olhos. Mais do que Cassandra, o homem perturbava—a, abalava a sua determinação.

Safia concentrou—se no mapa, focando toda a atenção no mistério. A pista seguinte para o coração secreto de Ubar.

Traçou uma linha ao longo da borda da régua, depois afastou—a. Uma linha azul partia do túmulo de Nabi Imran e cruzava a paisagem. Seguiu a linha com o dedo, reparando no terreno que atravessava, procurando um nome específico.

Ela tinha um bom palpite do que iria encontrar.

Enquanto o dedo prosseguia para lá da cidade de Salalah, as linhas do mapa topográfico começavam a multíplicar—se, à medida que a paisagem se retalhava em sopés, depois em montanhas. Seguiu a linha de tinta azul até esta cruzar um pequeno ponto preto, no cimo de um monte de encostas íngremes. O dedo deteve—se e puncionou o ponto.

Cassandra aproximou—se e leu o nome impresso por baixo do dedo.

— Jebal Eitteen. — Relanceou Safia.

— Monte Eitteen — disse Safia e estudou o pequeno ponto, que marcava a pequena montanha. — No seu topo, está um outro túmulo. E tal como este, o lugar é também reverenciado por todas as fés — Cristianismo, Judaísmo e Islamismo.

— O túmulo de quem?

— De um outro profeta. Ayoub. Ou Job. Cassandra carregou simplesmente o semblante. Safia desenvolveu.

— Job surge tanto na Bíblia como no Corão. Ele era um homem importante, em riqueza e em família, que se manteve inabalável na sua devoção a Deus. Para o testar, foi—lhe retirado tudo: riqueza, filhos, até mesmo a saúde. Tão terrível foi o seu calvário, que foi evitado por todos e forçado a viver aqui em isolamento. — Indicou no mapa. — No Monte Eitteen. No entanto, apesar das privações, Job persistiu na sua fé e devoção. Pela sua lealdade, Deus disse a Job que atacasse o solo com o pé. Foi convocada uma fonte, de onde Job bebeu e onde se banhou. Os seus padecimentos foram curados e rejuvenesceu. Viveu o resto da sua vida no Monte Eitteen, acabando por ser aí enterrado.

— E você acha que esse túmulo é a marca seguinte no caminho para Ubar?

— Se o primeiro marcador foi erguido neste túmulo, é natural que o marcador seguinte se situe num lugar similar. Um outro sepulcro de uma figura sagrada reverenciado por todas as fés religiosas da região.

— Então, é para aí que temos de seguir. Cassandra estendeu a mão para o mapa.

Safia pousou violentamente a sua mão aberta sobre o papel, impedindo—a.

— Não tenho qualquer certeza do que iremos encontrar aí, se encontrarmos alguma coisa. Já estive no túmulo de Job. Não vi nada de significativo relacionado com Ubar. E não temos qualquer pista por onde começar a busca. Nem sequer um coração de ferro. — Visionou de novo a forma como o coração oscilara em cima do altar de mármore, alinhando—se como se fosse uma bússola. — Poderia levar anos a descobrir a próxima peça do puzzle.

— É por isso que você está aqui — disse Cassandra, agarrando no mapa e fazendo sinal a Kane para levar a prisioneira de volta ao SUV. — Para resolver este enigma.

Safia abanou a cabeça. Parecia uma missão impossível. Ou assim queria que Cassandra acreditasse. Apesar dos protestos, ela tinha uma ideia clara de como proceder, mas não estava certa de como usar esse conhecimento em seu benefício.

Subiu de novo para a traseira com Cassandra e instalou—se no lugar, enquanto o veículo se esgueirava pelo portão de entrada. Na rua, os vendedores começavam a arrumar as mercadorias, à medida que a tarde declinava. Um solitário cão vadio, todo costelas e pernas, vagueava indiferentemente por entre a extensão de bancas e carroças. Levantou o focinho, quando um cavalo passou lentamente por trás da fila de lojas improvisadas, conduzido por um homem envolto da cabeça aos pés num manto de beduíno do deserto.

O veículo continuou pela estrada fora, na direcção de um outro Mitsubishi estacionado no outro extremo. A procissão prosseguiria até aos sopés das montanhas.

Safia observou o sistema de navegação por GPS no painel de bordo. As ruas irradiavam para fora. A paisagem agreste aguardava.

E um outro túmulo.

Esperou não vir a ser o seu.

16h42
Monte Eitteen

Malditos escorpiões...

O doutor Jacques Bertrand esmagou o intruso blindado a negro com o calcanhar, antes de se instalar no tapete que revestia o seu lugar de trabalho. Ausentara—se apenas por uns minutos para ir buscar água ao Land Rover e os escorpiões já lhe tinham invadido a alcova à sombra do penhasco. Naquela

paisagem agreste de solo árido, vegetação enfezada e pedra, nada era de desperdiçar. Nem mesmo um pequeno recanto à sombra.

Jacques estendeu—se de costas no nicho, a olhar para cima. Uma inscrição em escrita epigráfica sul—arábica fora gravada no tecto do nicho, uma antiga cripta funerária. A paisagem circundante estava juncada delas, todas ensombradas pelo túmulo de Job no cimo do monte onde ele trabalhava. Toda a região se tornara num cemitério. Aquela era a terceira cripta que ele documentava nesse dia. A última daquele longo e interminavelmente quente dia.

Ele já sonhava com a sua suite do Salalah Hilton, um mergulho na piscina e um copo de Chardonnay.

Com aquele pensamento a firmá—lo na sua missão, deitou mãos ao trabalho. Passando um pincel de pêlo de camelo pela inscrição, limpou—a uma última vez. Enquanto arqueólogo especialista em línguas antigas, Jacques obtivera uma concessão para traçar o mapeamento de antigas escritas semíticas, estabelecendo a sua genealogia desde o passado até ao presente. Aramaico, elimaico, palmírene, nabateano, samaritano, hebraico. Os locais de sepultura eram excelentes fontes da palavra escrita, imortalizando preces, elogios e epitáfios.

Com um estremecimento mordente, Jacques baixou o pincel. Veio—lhe uma súbita sensação de estar a ser observado. Fluiu por ele uma agitação primeva de perigo.

Erguendo—se sobre um cotovelo, olhou para baixo por entre as pernas. A região abundava de bandidos e salteadores. Mas à sombra do túmulo de Job, um santuário dos mais sagrados, ninguém se aventuraria a cometer um crime. Tal significaria uma sentença de morte. Consciente disso, deixara a espingarda no Rover.

Fixou atentamente a claridade.

Nada.

Contudo, puxou a bota completamente para dentro do nicho. Se houvesse ali alguém, alguém disposto a fazer—lhe mal, talvez pudesse manter—se escondido.

O tilintar de um seixo a rolar pela encosta rochosa ecoou à esquerda. Escutou, tenso. Sentiu—se encurralado.

Depois, uma sombra cruzou a entrada da cripta.

Caminhava calmamente, vagueante, indolente, mas confiante e poderosa. A sua pelagem rubra, mosqueada na sombra, confundia—se com a rocha avermelhada.

Jacques reteve a respiração, apanhado entre o terror e a incredulidade.

Ele ouvira histórias, fora alertado para aquela presença nas Montanhas de Dhofar. Panthera pardus nimr. O leopardo árabe. Praticamente extinto, mas não suficientemente extinto para o seu gosto.

O grande felino passou pela entrada.

Mas não seguia sozinho.

Um segundo leopardo surgiu à vista, movendo—se mais rápido, mais jovem, mais agitado. Depois um terceiro. Um macho. Patas imensas, que se alargavam a cada passo, garras fulvas.

Uma manada.

Conteve a respiração, rezando, quase sem consciência, um homem das cavernas encolhido face aos perigos para lá do seu buraco.

Depois, uma outra figura surgiu à vista.

Não um leopardo.

Pernas despidas, pés despidos, movendo—se com a mesma graça felina.

Uma mulher.

Do seu ponto de vigia, não conseguia ver nada acima das coxas.

Ela ignorou—o com a mesma confiança que os leopardos, passando agilmente pela entrada, na direcção do topo da montanha.

Jacques deslizou para fora da cripta, como Lázaro erguendo—se do túmulo. Não se conseguiu impedir. Inclinou a cabeça para fora, sobre mãos e joelhos. A mulher trepava a face rochosa, seguindo um trilho só por ela conhecido. Era de uma tez moca quente, o cabelo negro liso até à cintura, nua, imperturbada.

Pareceu sentir o olhar dele, embora não se voltasse. Ele sentiu—o de novo, a sensação esmagadora de estar a ser observado. Fluía por ele. O medo invadiu—o, mas não conseguia desviar o olhar.

Ela caminhava entre os leopardos, continuando a subir, na direcção do túmulo lá em cima. A sua forma pareceu tremular, uma miragem produzida pelo calor na areia banhada pelo sol.

Um som arranhado chamou a sua atenção para as mãos e joelhos. Um par de escorpiões esgueirava—se pelos seus dedos. Não eram venenosos, mas dispunham de um ferrão cruel. Arquejou, enquanto mais e mais fervilhavam de fendas e aberturas, derramando—se paredes abaixo, descendo do tecto. Centenas. Um ninho. Rastejou atabalhoadamente para fora da cripta. Sentiu picadas, centelhas de fogo nas costas, tornozelos, pescoço, mãos.

Tombou da abertura e rolou até ao chão áspero. Mais picadas arderam como queimaduras de cigarro. Gritou, enlouquecido pela dor.

Lutou por se pôr de pé, sacudindo os membros, despindo o casaco, passando

uma mão rapidamente pelo cabelo. Bateu com os pés no chão e desceu a encosta aos tropeções. Escorpiões continuavam a esgueirar—se pela abertura da cripta.

Olhou mais para cima, subitamente receoso de chamar a atenção dos leopardos. Mas a face da escarpa estava vazia.

A mulher, os felinos, tinham—se evaporado.

Era impossível. Mas o fogo dos escorpiões matara toda a sua curiosidade. Recuou e afastou—se, em direcção ao Rover estacionado. No entanto, os olhos procuravam, movendo—se para cima, para o topo. Para onde repousava o túmulo de Job.

Abriu a porta do Rover e subiu para o lugar do condutor. Ele fora afastado. Sabia—o com uma certeza aterradora.

Algo de terrível se ia desenrolar ali.

16h45

Salalah

— Safia ainda está viva — disse Painter, assim que atravessou a porta do esconderijo. Não era uma casa propriamente dita, mas um apartamento de duas divisões por cima de uma loja de produtos de importação e exportação, a ladear o mercado de Al—Haffa. Com tal tipo de negócio na fachada do esconderijo, ninguém estranharia as entradas e saídas de estrangeiros. Era perfeitamente natural. O ruído do mercado próximo era composto por um chilrear de vozes, línguas e regatear. O lugar cheirava a caril e a colchões usados.

Painter passou rapidamente por Coral, que abrira a porta ao seu bater. Ele notara já os dois Desert Phantoms discretamente postados à entrada, vigiando a aproximação ao esconderijo.

Os outros estavam reunidos no quarto da frente, exaustos, desgastados pela viagem. Água a correr ecoava da casa de banho contígua. Painter notou a ausência de Kara. Danny, Omaha e Clay tinham todos o cabelo molhado. Tinham lavado à vez o pó e a sujidade do caminho. O capitão al—Haffi descobrira um roupão, mas era demasiado estreito para os seus ombros. Omaha levantou—se assim que Painter entrou.

— Onde está ela?

— Safia e os outros abandonavam o túmulo, quando eu cheguei. Numa caravana de SUV. Fortemente armados. — Painter atravessou até uma minúscula cozinha. Debruçou—se sobre o lava—louça, abriu a água e passou a cabeça por debaixo da torneira.

Omaha postou—se a seu lado.

— Então, porque não está a segui—los?

Painter endireitou—se. sacudindo para trás o cabelo ensopado. Trilhos de água escorriam pelo seu pescoço e costas abaixo.

— Eu estou a segui—los. — Manteve o olhar duro sobre Omaha, depois passou por ele dirigindo—se a Coral. — Como estamos de equipamento?

Ela gesticulou na direcção da porta que conduzia ao quarto traseiro.

— Achei melhor esperar por si. O teclado electrónico revelou—se mais complicado do que eu imaginara.

— Mostre—me.

Ela conduziu—o até à porta. O apartamento era um esconderijo da CIA, permanentemente abastecido, um dos muitos existentes em todo o mundo. A Sigma fora alertada da sua localização, quando a missão fora estabelecida. Um ponto de apoio em caso de necessidade.

Era—o.

Painter vislumbrou o teclado electrónico escondido sob uma prega dos cortinados. Coral fixara o tecido de modo a desobstruir o equipamento. Uma pequena panóplia de ferramentas grosseiras estendia—se no chão: corta—unhas, lâminas de barbear, pinça, lima de unhas.

— Da casa de banho — disse Coral.

Painter ajoelhou—se diante do teclado. Coral abrira a tampa, expondo o interior. Ele estudou os circuitos.

Coral debruçou—se a seu lado, apontando para uns fios cortados, vermelho e azul.

— Consegui desactivar o alarme silencioso. Deve ser possível aceder ao sistema de bloqueio do equipamento, sem alertar ninguém. Mas achei melhor esperar pela sua supervisão. Esta é a sua área de especialização.

Painter assentiu. Tais sistemas de bloqueio eram programados para enviar um sinal de alarme silencioso, notificando a CIA da utilização de tais esconderijos. Painter não queria que tal notificação tivesse lugar. Não ainda. Não tão amplamente. Eles estavam mortos... e queria que assim permanecessem o mais longamente possível.

Os seus olhos percorreram os circuitos, seguindo a corrente de energia, os fios falsos, os fios verdadeiros. Tudo parecia em ordem. Coral conseguira cortar a energia para a linha telefónica, mantendo o teclado activo e sem interferência. Para uma física, ela revelava—se uma excelente engenheira electrónica.

— Parece—me bem.

— Então, podemos aceder. Durante a reunião de preparação da missão, Painter memorizara o código do esconderijo. Estendeu as mãos para o teclado e

introduziu o primeiro número do código de dez dígitos. Teria apenas uma oportunidade de o introduzir correctamente. Se teclasse o código errado, o teclado seria desactivado, permanecendo bloqueado. Uma medida de segurança. Procedeu com cuidado.

— Dispõe de noventa segundos — recordou—lhe Coral. Uma outra medida de segurança. A sequência de dez dígitos tinha de ser introduzida num lapso de tempo determinado. Teclou cada número com cuidado, procedendo com firmeza. Quando se preparava para teclar o sétimo número da sequência — o número nove —, o dedo hesitou. A tecla iluminada parecia ligeiramente mais esbatida que a tecla contígua, passando facilmente despercebida. Reteve o dedo. Estaria a ser paranóico? A assustar—se com sombras?

— O que se passa? — perguntou Coral.

Nessa altura, já Omaha se lhes tinha juntado, assim como o irmão. Painter apoiou—se nos calcanhares, pensativo. Cerrava e descerrava os dedos.

Fitava a tecla do nove. Certamente não...

— Painter — sussurrou Coral.

Se esperasse muito mais tempo, o sistema seria bloqueado. Não havia tempo a perder — mas algo estava errado. Ele sentia—o.

Omaha pairava atrás dele, tornando—o mais consciente ainda do esgotar do tempo. Se Painter quisesse salvar Safía, precisava do que estava para lá daquela porta.

Ignorando o teclado, Painter pegou na pinça e na lima. Com a perícia de um cirurgião, libertou cuidadosamente a tecla do nove. Esta deslizou para a sua mão. Demasiado facilmente. Inclinou—se mais, semicerrando os olhos.

Maldição...

Debaixo da tecla, repousava um pequeno chip quadrado com um percutor de pressão no centro. O chip estava firmemente ligado a um delgado filamento metálico. Uma antena. Era um microtransmissor. Se ele tivesse pressionado a tecla, ele teria sido activado. Pela rudeza da integração, não se tratava de uma instalação de fábrica.

Cassandra estivera ali.

O suor escorreu para o olho esquerdo de Painter. Ele nem sequer se tinha apercebido da quantidade de transpiração que se acumulara na sua testa.

Coral observava sobre o seu ombro.

— Merda!

O que ficava além dos factos.

— Leve todos para fora daqui.

— O que é que se passa? — indagou Omaha.

— Uma armadilha — disse Painter, a cólera a inflamar—lhe as palavras. — Lá para fora! Agora!

— Vá buscar Kara! — ordenou Coral a Omaha, indicando—lhe a casa de banho. Ela pôs todos em movimento para fora da porta.

Enquanto fugiam, Painter sentou—se diante do teclado. Uma litania de imprecações corria pela sua mente, como uma canção antiga predilecta. Ele cantava aquela canção há tempo demais. Cassandra estava sempre um passo à frente.

— Trinta segundos! — alertou Coral, enquanto batia a porta do apartamento. Ele tinha meio minuto até o teclado ficar bloqueado.

Sozinho, estudou o chip.

Só você e eu, Cassandra.

Painter pousou a lima e pegou no corta—unhas. Desejando ter o seu estojo de ferramentas, deitou—se ao trabalho de remoção do transmissor, respirando profundamente, mantendo—se calmo. Tocou na tampa de metal para dispersar toda a electricidade estática, depois concentrou—se. Cuidadosamente, separou o fio condutor do fio de terra, depois com o mesmo cuidado retirou—lhe o revestimento plástico sem quebrar o fio. Uma vez o fio de terra exposto, puxou —o com a pinça e encostou—o ao fio condutor. Produziu—se um estalido e um crepitar. Um cheiro a plástico queimado elevou—se no ar.

O transmissor fora inutilizado.

Oito segundos...

Cortou o transmissor destruído e arrancou—o. Fechou os dedos à sua volta, sentindo a extremidade aguçada enterrar—se—lhe na palma.

Venci—te, Cassandra.

Painter acabou de introduzir os últimos três dígitos. A seu lado, os fechos de bloqueio da porta soltaram—se com um zunido.

Só então respirou de alívio.

Endireitando—se, inspeccionou a moldura da porta antes de experimentar o manipulo. Parecia intocado. Cassandra contara com a eficácia do transmissor.

Painter dobrou—se e empurrou o manipulo. A porta era pesada, reforçada a aço. Disse uma breve prece final, enquanto abria a porta.

Da entrada, observou o interior. Uma lâmpada despida iluminava a divisão.

Maldição...

O quarto era preenchido por prateleiras e armários de metal, desde o chão até ao tecto. Tudo vazio. Pilhado.

De novo, Cassandra não correra riscos, não deixara rastos, apenas o seu cartão de visita: meio quilo de explosivos C4, ligados a um detonador electrónico. Se ele tivesse premido a tecla do nove, teria explodido o edifício inteiro. Cruzou o espaço e libertou o detonador.

A frustração transformou—se numa pressão dolorosa sobre a sua caixa torácica. Queria gritar. Em vez disso, voltou a cruzar o espaço até à porta da entrada e proclamou o livre de perigo.

Os olhos de Coral cintilavam, enquanto subia as escadas.

— Ela deixou—nos sem meios — disse Painter, quando a parceira entrou. Omaha franziu o olhar, seguindo nos calcanhares de Coral.

— Quem...?

— Cassandra Sanchez — disparou Painter. — A raptora de Safia.

— Como raio sabia ela do esconderijo? — indagou Omaha.

Painter abanou a cabeça. Como, de facto? Ele conduziu—os até ao compartimento vazio, entrou e dirigiu—se à bomba.

— O que está a fazer? — perguntou Omaha.

— A salvar os explosivos. Podemos precisar deles.

Enquanto Painter trabalhava, Omaha entrou no compartimento. Kara seguiu —o, o seu cabelo molhado e emaranhado do duche interrompido, o corpo cingido numa toalha.

— E Safia? — insistiu Omaha. — Você disse que a podia seguir. Painter acabou de libertar os explosivos e fez sinal para que todos voltassem a sair. — E podia. Agora temos um problema. Devia haver aqui um computador ligado a um satélite. Uma maneira de aceder a um servidor do DOD.

— Não entendo — disse Kara debilmente. A sua pele brilhava esmaecida sob a luz fluorescente. Parecia desgastada, deixando Painter suspeitar não serem as drogas a arrasar a mulher, mas a falta delas.

Painter reconduziu—os de volta à divisão principal, revendo os seus planos num passo, amaldiçoando Cassandra no outro. Ela soubera do esconderijo, obtivera o código e armadilhara—o. Como conhecia ela todos os seus passos? O seu olhar passava pelo grupo ali reunido.

— Onde está Clay? — perguntou Painter.

— A acabar um cigarro nas escadas — disse Danny. — Ele encontrou um maço na cozinha.

Como que por comando, Clay entrou pela porta. Todos os olhares se voltaram para ele. Ficou surpreendido com toda a atenção.

— O que foi? — perguntou. Kara voltou—se para Painter.

— Qual o nosso próximo passo?

Painter voltou—se para o capitão al—Haffi.

— Deixei o cavalo do sultão lá em baixo com Sharif. Acha que consegue vender o garanhão e angariar rapidamente armas e um veículo para nos transportar?

O capitão assentiu com certeza.

— Disponho de contactos discretos aqui.

— Tem meia hora.

— E Safia? — insistiu Omaha. — Estamos a perder demasiado tempo.

— Safia por agora está a salvo. Cassandra ainda precisa dela ou estaria a partilhar do túmulo do pai da Virgem Maria, neste preciso momento. Eles levaram—na por alguma razão. Se quisermos ter alguma esperança de a salvar, o melhor será agirmos a coberto da noite. Dispomos de algum tempo.

— Como podemos saber para onde levaram Safia? — inquiriu Kara. Painter perscrutou os rostos ao seu redor, inseguro de poder falar livremente.

— Então? — pressionou Omaha. — Como diabo a vamos encontrar? Painter atravessou o espaço até à porta.

— Procurando o melhor café da cidade.

17h10

Omaha abria caminho pelo mercado Al—Haffa. Apenas Painter o seguia. Os outros foram deixados no esconderijo para descansar e aguardar pelo regresso do capitão al—Haffi e pelo transporte. Omaha esperava ter algum lugar para onde se dirigir.

Uma fúria pesada pulsava a cada passo. Painter vira Safia, estivera a metros dela... e deixara os raptores fugirem com ela. A confiança do homem na sua capacidade de a descobrir fora abalada no esconderijo. Omaha via—o nos olhos dele. A preocupação.

O canalha devia ter tentado salvá—la, quando tivera a oportunidade. Para o diabo com as probabilidades. A insuportável cautela do homem iria provocar a morte de Safia. E aí todos os seus esforços seriam em vão.

Omaha caminhava a passos largos pelas tendas e bancas do mercado, surdo ao matraquear de vozes, aos brados dos vendedores, ao fervilhar irado do regatear, ao grasnar de gansos engaiolados, ao zurrar de uma mula. Tudo se misturava num ruído indistinto.

O mercado estava prestes a encerrar por aquele dia, enquanto o sol se

afundava no horizonte, fazendo alongar as sombras. Um vento vespertino acentuara—se. Toldos agitavam—se, redemoinhos de pó dançavam por entre pilhas de restos jogados fora e o ar cheirava a sal, especiarias e a uma promessa de chuva.

Já passava da estação da monção, mas os boletins meteorológicos alertavam para uma tempestade de Dezembro, que se deslocava a partir do interior. Teriam chuva ao anoitecer. A borrasca da noite anterior fora apenas a primeira de uma série de tempestades. Falava—se de um sistema climatérico que atravessaria as montanhas e colidiria com uma tempestade de areia a estender—se para sul, criando uma perfeita tempestade monstruosa.

Mas Omaha tinha preocupações maiores do que a intempérie.

Omaha apressava—se pelo mercado. O seu objectivo ficava no extremo distante, onde germinara uma faixa moderna de instalações comerciais, incluindo uma Pizza Hut e um pequeno centro comercial. Omaha serpenteou pelas últimas bancas, passando por lojas vendendo perfumes baratos, queimadores de incenso, bananas, tabaco, joalharia artesanal, túnicas tradicionais de Dhofar feitas de veludo e ornadas de contas e cequins.

Por fim, alcançaram a estrada que separava o mercado ao ar livre da moderna zona comercial. Omaha apontou para o outro lado.

— E ali. Agora, como é que aquele lugar o vai ajudar a encontrar Safia? Painter dirigiu—se para diante.

— Eu mostro—lhe.

Omaha seguiu—o. Observou em cima o dístico: SALALAH INTERNET CAFÉ. O estabelecimento era especializado em cafés elaborados, oferecendo um leque internacional de chás, cappuccinos e expressos. Estabelecimentos similares podiam ser encontrados em praticamente todos os lugares remotos. Tudo o que era preciso era uma ligação telefónica e mesmo o recanto mais recôndito do mundo podia navegar pela Internet.

Painter entrou. Aproximou—se do homem ao balcão, um inglês de cabelo louro chamado Axe, que vestia uma t—shirt a dizer free winona, e transmitiu—lhe o seu número de cartão de crédito e data de expiração.

— Tem isso memorizado? — indagou Omaha.

— Nunca se sabe quando se vai ser atacado por piratas no mar. Enquanto o homem verificava o número, Omaha perguntou:

— Pensei que queria manter—se discreto. Usar o cartão de crédito não irá denunciar que ainda está vivo?

— Não me parece que isso ainda tenha importância.

A máquina de inserção do cartão de crédito emitiu um sinal sonoro. O homem ergueu um polegar.

— Quanto tempo quer?

— E uma ligação de alta velocidade?

— DSL, amigo. Não há outra forma de navegar.

— Trinta minutos devem chegar.

— Fantástico. A máquina do canto está livre.

Painter conduziu Omaha até ao computador, um Gateway Pentium 4. Painter sentou—se, acedeu à Internet e introduziu um longo endereço IP.

— Estou a aceder a um servidor do Departamento de Defesa — explicou.

— Como vai isso ajudar a encontrar Safia?

Ele continuou a teclar, os dedos a esvoaçar, imagens a cintilar, reactualizar, desaparecer, mudar.

— Através do DOD, posso conseguir o acesso à maioria dos sistemas privados ao abrigo da National Security Act. Aqui vamos nós.

No ecrã, surgiu uma página com o logótipo da Mitsubishi. Omaha leu sobre o seu ombro.

— Vai comprar um carro novo?

Painter usou o rato para manobrar pelo site. Parecia ter livre acesso, passando por ecrãs protegidos por códigos.

— O grupo de Cassandra viajava nuns SUV Mitsubishi. Não fizeram grande esforço para encobrir os veículos de apoio. Não foi preciso grande cuidado para chegar suficientemente perto para ler o VIN de um deles estacionado no beco.

— O VIN? O número de identificação do veículo? Painter assentiu.

— Todos os automóveis ou camiões com sistema de navegação por GPS estão em permanente contacto com satélites em órbita, que seguem a sua localização, permitindo ao condutor saber onde se encontra a todo o instante.

Omaha começou a compreender.

— E tendo o VIN, é possível aceder aos dados do veículo à distância. Descobrir onde se encontra.

— É com isso que conto.

Surgiu um ecrã, solicitando o número de identificação do veículo. Painter introduziu—o, sem olhar os dedos. Premiu a tecla Enter e recostou—se. A sua mão tremia ligeiramente. Cerrou o punho na tentativa de o esconder.

Omaha conseguia ler—lhe a mente. Teria memorizado correctamente o número? E se os raptores tivessem desactivado o GPS? Tanta coisa que podia correr mal.

Mas após um longo momento, surgiu um mapa digital de Oman, alimentado por um par de satélites geossíncronos em órbita lá no alto. Uma pequena caixa apresentava uma série de dados de longitude e latitude. A localização em movimento do SUV.

Painter respirou fundo de alívio. Omaha ecoou—o.

— Se pudéssemos descobrir onde mantêm Safia...

Painter clicou na função de zoom e actualizou o mapa. Surgiu a cidade de Salalah. Mas a minúscula seta azulada que marcava a localização do camião encontrava—se para lá dos seus limites, na direcção do interior.

Painter aproximou—se.

— Não...

— Maldição. Estão a sair da cidade!

— Devem ter descoberto alguma coisa naquele túmulo.

Omaha girou.

— Temos de ir. Agora!

— Não sabemos para onde estão a ir — disse Painter, mantendo—se diante do computador. — Tenho de os seguir. Até pararem.

— Só há uma estrada principal. Eles estão nela. Podemos apanhá—los.

— Não sabemos se a vão deixar. Eles seguem em veículos com tracção às quatro.

Omaha sentia—se impelido em duas direcções distintas: dar ouvidos ao conselho prático de Painter ou roubar o primeiro veículo que encontrasse e correr atrás de Safia. Mas o que faria se a alcançasse? Como poderia ajudá—la?

Painter agarrou—lhe o braço. Omaha cerrou o punho no extremo do outro braço.

Painter fitou—o duramente.

— Preciso que pense, doutor Dunn. Porque deixariam a cidade? Para onde se poderiam dirigir?

— Como raio havia eu... Painter comprimiu—lhe o braço.

— É tão perito nesta região quanto Safia. Conhece a estrada que eles estão a seguir, o que fica naquela direcção. Há alguma coisa para onde o túmulo de Salalah pudesse apontar?

Ele abanou a cabeça, recusando—se a responder. Estavam a perder tempo.

— Caramba, Omaha! Por uma vez na vida, pare de reagir e. Pense! — Omaha arrancou o braço para longe.

— Vá à merda! — Mas não saiu. Permaneceu no mesmo lugar, a tremer.

— O que há ali? Para onde se estão a dirigir? Omaha fixou o ecrã, incapaz de

encarar Painter, receoso de lhe pôr o outro olho negro. Considerou a questão, o enigma. Fitou a seta azul, enquanto esta oscilava para longe da cidade, na direcção do sopé das montanhas. O que descobrira Safia? Para onde se dirigiam?

Percorreu todas as possibilidades arqueológicas, todos os locais espalhados pela região antiga: santuários, cemitérios, ruínas, cavernas, poços. Havia demasiados. No voltar de cada pedra ali, descobria—se um pedaço de história.

Mas então, teve uma ideia. Havia um túmulo mais importante próximo da estrada, desviado a apenas alguns quilómetros.

Omaha retrocedeu para o computador. Fitou a seta azulada a cursar ao longo da estrada.

— Há um caminho secundário a cerca de vinte quilómetros. Se eles seguirem por esse caminho, sei para onde se dirigem.

— O que significa esperar mais um pouco — disse Painter. Omaha agachou —se junto do computador.

— Parece que não temos outra escolha.

17h32

Painter comprou tempo num outro computador. Deixou Omaha a vigiar o progresso do SUV. Se pudessem ter uma pista sobre para onde Cassandra se dirigia com Safia, poderiam conseguir um avanço. Era uma esperança ténue.

Sozinho com o seu computador, Painter acedeu ao servidor do DOD. Não havia razão para continuar a simular a morte. Deixara um rasto electrónico considerável. Além de que, considerando a elaborada armadilha no esconderijo, Cassandra sabia que ele estava vivo... ou pelo menos, agia como se o soubesse.

Essa era uma das razões porque precisava de voltar a aceder ao site do DOD.

Introduziu o seu código pessoal e acedeu ao sistema privado de e—mail. Teclou o endereço do seu superior, o doutor Sean McKnight, director da Sigma. Se havia alguém em quem pudesse confiar, era Sean. Precisava de informar o seu comandante dos acontecimentos, dar—lhe a conhecer o estado da operação.

Abriu—se uma janela de e—mail e escreveu rapidamente, relatando um breve esboço dos acontecimentos. Realçou o papel de Cassandra, a possibilidade de uma toupeira na organização. Não havia forma de Cassandra ter sabido do esconderijo, do código electrónico da sala do equipamento, sem informação interna.

Concluiu:

Insisto mais uma vez na investigação do assunto pela sua parte. O sucesso da

missão dependerá do estancar da fuga de informação. Não confie em ninguém. Tentaremos resgatar a doutora al—Maaz esta noite. Pensamos saber para onde o grupo de Cassandra está a levar a doutora. Parecem estar a dirigir—se.

Painter deteve—se, inspirou fundo, depois continuou a teclar:

para a fronteira iemenita. Vamos para lá neste preciso momento para os tentar impedir de atravessar a fronteira.

Painter observou a mensagem. Tolhido face à possibilidade. Omaha gesticulou—lhe do computador contíguo.

— Eles viraram para a estrada secundária!

Painter premiu o botão de enviar. A mensagem desapareceu, mas não a sua culpa.

— Vamos. — Omaha cruzou o espaço até à porta. — Podemos encurtar a distância.

Painter seguiu—o. Do limiar, olhou de relance uma última vez para o computador. Rezou para que estivesse errado.

XIII - AS PEGADAS DO PROFETA

3 de Dezembro, 17h55
Montanhas de Dhofar

Safia fitava pela janela, enquanto o camião serpenteava pelo caminho sinuoso através dos montes escarpados. Depois de deixarem a estrada principal, o asfalto dera lugar à gravilha, que por sua vez se desintegrava num caminho de poeira vermelha marcado por sulcos. Prosseguiam vagarosamente, atentos à profunda garganta que ladeava a estrada do lado esquerdo.

Lá em baixo, o vale fluía para longe em gradações intensas de verde luxuriante, esvanecendo—se em sombras no horizonte, enquanto o sol se punha a ocidente. Uma dispersão de baobás pontilhava a encosta, árvores gigantescas com troncos emaranhados e radiculados, que pareciam mais pré—históricas do que espécimes do mundo moderno. Por todo o lado, o terreno estendia—se em gradações de esmeralda, listradas de sombras. Uma queda de água cintilava entre dois montes distantes, as suas cascatas faiscando sob os últimos raios de sol.

Se Safia semicerrasse os olhos, quase podia pensar estar de volta a Inglaterra.

Toda a abundância do interior se devia aos ventos anuais da monção, os khareef, que varriam os sopés das montanhas com uma chuva fina e brumosa contínua, de Junho até Setembro. Mesmo agora, com o Sol a pôr—se, começara

a soprar um vento constante, que socava o camião. O céu mais adiante escurecera para um cinza opaco, pontilhado por nuvens esponjosas que lambiam os cumes mais altos. O rádio estivera sintonizado num canal de notícias local, durante a viagem até ali. Cassandra estivera a ouvir as reportagens sobre a operação de resgate do Shabab Oman em curso. Ainda não tinham sido encontrados sobreviventes e o mar encapelava—se de novo com a aproximação de um novo sistema tempestuoso. Mas o que dominava as informações climatéricas eram as notícias sobre a terrível tempestade de areia que continuava a varrer para sul, atravessando a Arábia Saudita e cavalgando como um comboio de carga em direcção ao deserto de Oman, deixando atrás de si um rasto de destruição.

A ferocidade do clima condizia com o estado de Safia: sombrio, ameaçador, imprevisível. Ela sentia uma força a crescer dentro de si, por detrás do peito, uma tormenta arrestada. Permanecia tensa, exaltada. Evocava—lhe a iminência de um ataque de ansiedade, mas agora não havia medo, apenas uma certeza determinada. Ela não tinha nada, por isso nada tinha a perder. Recordou os anos em Londres. Tinha sido o mesmo. Procurara conforto em tornar—se nada, cortando os laços, isolando—se. Mas agora, isso acontecera de facto. Estava vazia, com apenas um objectivo: impedir Cassandra. E isso bastava—lhe.

Cassandra permanecia perdida nos seus próprios pensamentos, apenas ocasionalmente inclinando—se para a frente para falar em tom abafado a John Kane, na dianteira. O telemóvel dela tocara há uns minutos atrás. Ela atendera lapidarmente, voltando—se ligeiramente, falando num sussurro. Safia ouviu o nome de Painter. Tentou escutar, mas a mulher mantinha a voz demasiado baixa, encoberta pelo matraquear do rádio. Depois desligou, fez mais duas chamadas e mergulhou num silêncio tenso quase palpável. A fúria parecia irradiar em ondas a partir da mulher.

Depois disso, Safia manteve a atenção focada na paisagem, procurando lugares onde se poderia esconder, traçando um mapa mental do terreno, para o caso de ser necessário.

Após mais dez minutos de lento arrastar, surgiu um monte mais imponente, o seu topo ainda banhado de luz. O sino dourado de uma torre baixa reluzia ao sol.

Safia endireitou—se. O túmulo de Job.

— É este o lugar? — agitou—se Cassandra, os olhos ainda cerrados.

Safia anuiu, sentindo que aquela não era a altura para provocar a sua captora.

O SUV desceu um último socalco, circundou a base do monte e iniciou uma longa escalada em direcção ao topo, trepando em ziguezague. Um grupo de

camelos espreguiçava—se à beira da estrada, enquanto o veículo se abeirava do túmulo no cimo. Os animais estavam aninhados a descansar, dobrados pelos joelhos nodosos. Uns poucos homens sentavam—se à sombra de um baobá, homens de tribos das montanhas. Os olhos de camelos e homens seguiram a passagem dos três camiões.

Depois de uma última curva, o complexo do túmulo murado surgiu à vista, consistindo num pequeno edifício bege, uma reduzida mesquita caiada de branco e um encantador pátio ajardinado de arbustos nativos e flores. A área de estacionamento era simplesmente um espaço livre de terra na dianteira, presentemente vazio pela hora tardia.

Tal como antes, Kane deteve o veículo, depois deu a volta para abrir a porta a Safia. Ela saltou para fora, alongando uma prega do pescoço. Cassandra juntou—se—lhes, enquanto os outros dois SUV estacionavam e os homens descarregavam. Vestiam todos roupa civil: calças de caqui e Levi's, camisas de manga curta. Mas todos envergavam similares casacos leves com o logótipo da Sunseeker Tours, todos demasiado grandes, ocultando as armas embainhadas no coldre.

Rapidamente se dispersaram a formar um amplo cordão próximo da estrada, fingindo um interesse pelos muros ou jardins. Um par deles tinha binóculos e perscrutava a área imediata, rodando num círculo vagaroso.

À excepção da estrada, todos os acessos eram íngremes, de face rochosa quase vertical. Não seria fácil escapar a pé.

John Kane seguiu até aos seus homens, gesticulando, inclinando a cabeça para dar instruções de última hora, depois regressou.

— Para onde?

Safia apontou vagamente a mão para a mesquita e abóbada. De um túmulo a outro. Conduziu o caminho através da abertura no muro.

— O lugar parece deserto — comentou Kane.

— Deve haver um guarda algures — disse Safia e indicou a corrente de ferro solta ao lado da entrada. Ninguém encerrara o local.

Cassandra fez sinal a dois homens.

— Inspeccionem o terreno. Obedecendo, partiram. Cassandra seguiu, no seu encalço. Safia seguiu—a com Kane a seu lado.

Entraram no pátio situado entre a mesquita e a pequena abóbada bege. O único outro elemento do complexo era um pequeno conjunto de ruínas antigas próximo das traseiras, a flanquear o túmulo. Uma antiga sala de oração, supostamente tudo o que restava da casa original de Job.

Ali ao lado, a porta do túmulo estava aberta, não encerrada tal como o portão.

Safia olhou na direcção da porta.

— Isto poderá levar algum tempo. Eu não faço a mínima ideia por onde começar a procurar a próxima pista.

— Se levar toda a noite, levará toda a noite.

— Vamos ficar aqui? — Safia não conseguiu esconder a surpresa da voz. Cassandra exibia uma expressão dura.

— O tempo que for preciso.

Safia varreu o pátio com o olhar. Rezou para que o guarda tivesse sido descuidado em encerrar o local e tivesse já partido. Receava ouvir um tiro de arma algures, assinalando a sua morte. E se outros peregrinos chegassem mais tarde? Quantos mais morreriam?

Safia sentia—se dividida. Quanto mais cedo Cassandra obtivesse o que queria, menos possibilidades havia de que outros inocentes morressem. Mas tal significava ajudá—la. Algo que lhe repugnava fazer.

Sem outra escolha, atravessou o espaço e entrou na cripta. Ela tinha uma suspeita do que devia ser encontrado — mas não de onde poderia estar escondido. Deteve—se um momento à entrada. A cripta era mais pequena do que a do túmulo de Nabi Imran, um quadrado perfeito. As paredes estavam pintadas de branco, o pavimento de verde. Um par de tapetes persas de oração de tom avermelhado flanqueava a sepultura, que mais uma vez estava envolta em panos de seda gravados com passagens do Corão. Por baixo dos tecidos, erguia—se o monte de terra nua em que se dizia ter sido sepultado o corpo de Job.

Safia descreveu um círculo lento em torno do monte. Não havia nenhuma lápide de mármore como no túmulo de Nabi Imran, apenas uma dispersão de queimadores de incenso de argila, chamuscados de negro pelo uso frequente, e uma pequena bandeja onde os visitantes podiam deixar moedas. A divisão não tinha qualquer outro adorno, à excepção de um registo mural listando os nomes dos profetas: Moisés, Abraão, Job, Jesus e Maomé. Safia esperou não terem de percorrer os túmulos de todos eles, no caminho até Ubar. Terminou de novo junto à entrada, sem mais conhecimento.

Cassandra falou da porta.

— E o coração de ferro? Podemos usá—lo aqui? — Tal como antes, ela trouxera a mala argêntea e pousara—a no exterior.

Safia abanou a cabeça, pressentindo que o coração não seria significativo ali. Abandonou a câmara, esgueirando—se entre Cassandra e Kane.

Quando saía para o exterior, notou que entrara no túmulo com os sapatos calçados. E a cabeça descoberta. Carregou o olhar.

Onde estava o guarda?

Perscrutou o terreno, receosa pela segurança do homem, de novo esperando que ele tivesse partido. Os ventos tinham—se acentuado, precipitando—se pelo pátio, agitando as cabeças de uma fila de lírios. O lugar parecia deserto, deslocado no tempo.

Contudo, Safia pressentia alguma coisa... alguma coisa que não conseguia identificar, quase uma expectativa. Talvez fosse a luz. Esta reflectia tudo — a mesquita vizinha, a extremidade dos muros, mesmo a gravilha bem comprimida do caminho do jardim — em perfeito pormenor, um filtro de prata sobre uma luz brilhante. Sentiu que se esperasse o suficiente, tudo lhe seria revelado com total clareza.

Mas não tinha tempo.

— E agora? — pressionou Cassandra, chamando de volta a sua atenção. Safia voltou—se. Ao lado da entrada, uma pequena porta metálica estava afixa ao chão. Ela inclinou—se para o manipulo, sabendo o que ficava para lá dela.

— O que está a fazer? — perguntou Cassandra.

— O meu trabalho. — Safia deixou transparecer o seu desdém, demasiado cansada para se preocupar com a provocação da captora. Puxou a porta para cima.

Oculto por baixo, havia um poço baixo, de quarenta centímetros de profundidade, escavado no solo. No fundo, um par de impressões petrificadas: uma larga impressão do pé descalço de um homem e a impressão do casco de um cavalo.

— O que é tudo isso? — perguntou Cassandra.

Safia explicou:

— Se se recordar da minha história de Job, ele fora atacado pela doença até Deus lhe ordenar que batesse com o pé no chão, fazendo emergir uma fonte de água que o curou. — Ela apontou para o poço de pedra, para a pegada. — Esta É supostamente a pegada de Job, no ponto em que atingiu o solo.

Apontou para o buraco no solo.

— E ali foi por onde brotou a água, a partir de um lençol situado no sopé da montanha.

— A água subiu a montanha? — indagou Kane.

— De outra forma não seria um milagre. Cassandra olhava para baixo.

— O que é que a impressão do casco tem a ver com o milagre?

A fronte de Safia enrugou—se, enquanto fitava o casco. Virara igualmente pedra.

— Não há nenhuma história associada — murmurou.

No entanto, algo lhe beliscava a memória.

As pegadas petrificadas de um homem e de um cavalo.

Porque lhe soava familiar?

Por toda a região, havia incontáveis histórias de homens ou animais transformados em pedra. Algumas diziam mesmo respeito a Ubar. Procurou por entre as suas memórias. Duas dessas histórias, que se encontravam na colectânea das Mil e Uma Noites — «A Cidade de Pedra» e «A Cidade de Bronze» —, relatavam a descoberta de uma cidade perdida do deserto, um lugar tão maldito que fora condenado à ruína e os seus habitantes imobilizados pelos seus pecados, petrificados ou tornados bronze, dependendo da história. Tratava—se de uma clara referência a Ubar. Mas na segunda história, os caçadores de tesouros não tinham tropeçado na cidade condenada por acidente. Houvera pistas e marcas que os conduziram aos portões.

Safia recordou a marca mais significativa da história: uma escultura de bronze. Retratava um cavaleiro na sua montada, segurando uma lança com uma cabeça empalada no topo. Na cabeça fora gravada uma inscrição. Ela conhecia—a de cor, tendo feito uma pesquisa extensiva juntamente com Kara sobre os mistérios arábicos:

Ó tu que vens até mim, se não conheces o caminho que conduz à Cidade de Bronze, fricciona a mão do cavaleiro e ele girará e depois deter—se—á e na direcção em que se imobilizar, para aí prosseguirás, pois à Cidade de Bronze te irá conduzir.

A Ubar.

Safia ponderou sobre a passagem. Uma escultura metálica girando pelo toque para apontar na direcção do marcador seguinte. Visionou o coração de ferro, alinhando—se como uma bússola sobre o altar de mármore. A semelhança era inquietante.

E agora aquilo.

Olhou fixamente para dentro do poço.

Um homem e um cavalo. Petrificados.

Safia notou como a impressão do pé e a impressão do casco apontavam no mesmo sentido, como se o homem subisse o monte. Seria essa a direcção a seguir? Franziu o olhar, pressentindo que a resposta era demasiado fácil, demasiado óbvia.

Baixou a tampa e endireitou—se.

Cassandra mantinha—se a seu lado.

— Você sabe de alguma coisa.

Safia abanou a cabeça — perdida no mistério. Caminhou na direcção apontada pelas pegadas, dirigindo—se no sentido que teriam seguido o profeta e a sua montada. Acabou à entrada do pequeno local arqueológico localizado atrás do túmulo principal, separado do edifício mais recente por um caminho estreito. As ruínas eram uma indefinida estrutura de quatro paredes desmoronadas, sem telhado, delimitando uma pequena câmara com três metros de largura. Parecia ter feito parte de um edifício maior, há muito desaparecido. Transpôs o limiar e penetrou no interior.

Enquanto John Kane guardava a porta, Cassandra seguiu—a.

— Que lugar é este?

— Uma antiga sala de orações. — Safia fitou em cima os céus a escurecer, à medida que o sol se afundava, depois abeirou—se de um tapete disposto no chão.

Safia caminhou até onde duas das paredes apresentavam dois nichos escavados, abertos para orientar os crentes na direcção em que rezar. Ela sabia que o nicho mais recente se orientava para Meca. Cruzou o espaço até ao outro, o nicho mais antigo.

— Era aqui que rezava o profeta Job — murmurou Safia, mais para si mesma do que para Cassandra. — Sempre na direcção de Jerusalém.

Para noroeste.

Safia penetrou no nicho e voltou—se para trás, na direcção de onde viera. Por entre a escuridão, avistou a tampa metálica do poço. As pegadas conduziam directamente ali.

Estudou o nicho. Tratava—se de uma sólida parede de arenito, extraída do local. O nicho era uma desordem de blocos de pedra solta, há muito deteriorados.

Tocou a parede interna.

Arenito... tal como a escultura onde o coração de ferro fora encontrado.

Cassandra colocara—se a seu lado.

— O que sabe que não nos está a dizer? — Uma pistola pressionava—se no flanco de Safia, por baixo da caixa torácica. Safia não vira sequer a mulher sacar da arma.

Mantendo a mão sobre a parede, Safía voltou—se para Cassandra. Não foi o medo que a fez falar, mas a sua própria curiosidade.

— Preciso de um detector de metal.

18h40

A medida que a noite caía, Painter saiu da estrada principal para a estrada secundária de gravilha. Uma tabuleta verde com escrita árabe indicava JEBAL EITTEEN 9 KM. A carrinha oscilou da superfície de asfalto para a gravilha. Painter não abrandou, projectando uma rajada de pedras para a estrada principal. A gravilha restolhava nas caixas das rodas, soando distintamente como disparos de metralhadora. O que acentuava a ansiedade.

Omaha sentava—se no lugar do atirador, a sua janela meia descida.

Danny sentava—se atrás do irmão no banco traseiro.

— Não se esqueça de que este pedaço de lata não tem tracção às quatro rodas. — Os seus dentes retiniam tanto quanto o veículo.

— Não posso correr o risco de abrandar — retorquiu—lhe Painter. — Uma vez mais perto, terei de prosseguir com maior cautela. Com as luzes desligadas. Mas por agora temos de dar o máximo.

Omaha grunhiu em aprovação.

Painter carregou no acelerador enquanto se aproximavam de um declive íngreme. O veículo derrapou. Painter esforçou—se por segurá—lo. Não era um meio de transporte adequado a condução não urbana, mas não tinham outra escolha.

Ao regressar do Internet Café, Painter encontrara o capitão al—Haffi à espera com uma Eurovan Volkswagen de 1988. Coral examinava as suas outras aquisições: três espingardas Kalashnikov e duas pistolas Heckler & Koch de 9 mm. Tudo trocado pelo garanhão do sultão. E embora as armas fossem sólidas, com suficientes munições extra, a carrinha não teria sido a primeira escolha de Painter. O capitão não sabia que iriam para fora da cidade. E com o tempo a esgotar—se, não tiveram tempo de procurar um transporte alternativo.

Contudo, pelo menos a carrinha podia transportá—los a todos. Danny, Coral e os dois Desert Phantoms amontoavam—se no banco de trás e Kara, Clay e o capitão al—Haffi no terceiro banco. Painter tentara dissuadi—los a todos de o acompanhar, mas dispusera de pouco tempo para apresentar os seus argumentos. Os outros queriam ir e, infelizmente, sabiam demasiado. Salalah já não era segura para nenhum deles. Cassandra podia enviar assassinos a qualquer altura para os silenciar. Não havia maneira de saber onde ela tinha vigias e Painter não sabia em quem confiar. Assim, mantiveram—se juntos, em grupo.

Fez oscilar a carrinha por uma curva e contracurva apertadas. Os faróis dianteiros dançaram e cegaram um grande animal que se postava na estrada. O camelo olhava fixamente a carrinha, enquanto Painter carregava violentamente nos travões. Deslizaram até se deter.

O camelo olhou o veículo em baixo, os olhos avermelhados, e lentamente atravessou o resto da estrada. Painter teve de rastejar até à beira, para o contornar.

Uma vez passado, acelerou — para travar de novo, cinco metros à frente. Uma dúzia de outros camelos preenchia a estrada, vagueando tranquilamente sem direcção.

— Apite — disse Omaha.

— E alerto o grupo de Cassandra de que vai alguém a caminho? — retorquiu Painter de ânimo carregado. — Alguém tem de ir lá fora e abrir caminho entre eles.

— Eu sei lidar com camelos — disse Barak e saiu.

Assim que os seus pés atingiram a gravilha, um punhado de homens surgiu detrás de blocos de pedra e de alcovas sombrias. Apontavam espingardas à carrinha. Painter vislumbrou movimento no retrovisor. Havia mais dois homens na traseira. Envergavam túnicas poeirentas pela altura do tornozelo e panos de cabeça negros.

— Bandidos — cuspiu Omaha, estendendo a mão para a pistola guardada no coldre.

Barak estava ao lado da porta aberta da carrinha. Mantinha a mão aberta, afastada da sua arma.

— Bandidos não — sussurrou. — São Bait Kathir.

Os nómadas beduínos conseguiam distinguir diferentes tribos à distância de vários metros: pela forma como enrolavam os panos de cabeça, pelas cores das túnicas, pelas selas dos seus camelos, pela maneira como carregavam as armas. Embora Painter não dispusesse dessa capacidade, ele informara—se sobre todas as tribos locais do sul da Arábia: Mahra, Rashid, Awamir, Dahm, Saar. Conhecia, também, os Bait Kathir, tribos das montanhas e do deserto, um grupo recluso e insular propenso a ofender—se pela mais pequena razão. Podiam ser perigosos se provocados e eram extremamente protectores dos seus camelos, mais do que das suas mulheres.

Um dos homens deu um passo em frente, um homem gasto pelo sol e pela areia, apenas pele e osso.

— Salam alaikum — proferiu. A paz esteja convosco. Eram palavras

estranhas vindas de alguém empunhando uma arma.

— Alaikum as salam — respondeu Barak, as palmas ainda erguidas. Convosco esteja a paz. Prosseguiu em árabe. — Quais são as novas?

O homem baixou a espingarda uns milímetros. «Quais são as novas?» era a pergunta típica que todos os homens tribais colocavam, quando se encontravam. Não podia ficar sem resposta. Um chorrilho de palavras passou entre Barak e o homem da tribo: informações sobre o tempo, sobre a tempestade de areia que ameaçava o deserto, sobre a tempestade monstruosa prevista, sobre os muitos beduínos que fugiam ao arrimal, sobre as areias, sobre os rigores do caminho, sobre os camelos perdidos.

Barak apresentou o capitão al—Haffi. Todos os homens do deserto conheciam os Phantom. Um murmúrio passou entre os restantes homens. As espingardas foram finalmente descidas.

Painter saíra da carrinha e mantinha—se à parte. Um estrangeiro. Esperou pela conclusão das apresentações e notícias. Parecia, se ele percebera correctamente o discurso, que a bisavó de Sharif tinha trabalhado no filme de Lawrence da Arábia com o avô do líder daquele bando. Com tal laço, começou a gerar—se um clima de celebração. As vozes excitavam—se.

Painter abeirou—se discretamente do capitão al—Haffi.

— Pergunte—lhes se viram os SUV.

O capitão anuiu, colocando um tom de seriedade na voz. Acenos responderam—lhe. O líder, xeque Emir ibn Ravi, relatou que três camiões tinham passado por ali há quarenta minutos.

— Eles voltaram a descer? — instou Painter, falando agora em árabe, infiltrando—se lentamente na conversação. Talvez a sua própria pele tisnada, ambiguamente étnica, ajudasse a atenuar a suspeição daquele estrangeiro.

— Não — respondeu o xeque, movendo uma mão na direcção do terreno ascendente. — Ficaram no túmulo de Nabi Ayoub.

Painter fitou a estrada escura.

Então ainda estavam lá em cima. Omaha postava—se perto da porta aberta. Ele ouvira a troca de palavras.

— Já chega — instou. — Vamos embora. Os Bait Kathir tinham começado a reunir os camelos e a enxotá—los da estrada. Os animais protestavam com gorgolejos e arrotos irados.

— Espere — disse Painter. Voltou—se para o capitão al—Haffi. — Quanto dinheiro lhe sobrou da venda do garanhão?

O homem encolheu os ombros.

— Apenas um punhado de rial.

— O suficiente para alugar ou comprar alguns camelos? Os olhos do capitão franziram—se.

— Quer os camelos? Para quê? Cobertura?

— Para nos aproximarmos do túmulo. Um pequeno grupo de nós. O capitão assentiu e voltou—se para o Xeque Emir. Falaram rapidamente, dois líderes a conferenciar.

Omaha aproximou—se de Painter.

— A carrinha é mais rápida.

— Nestas estradas, não muito mais rápida. E com os camelos, devemos conseguir aproximar—nos bastante do túmulo sem alertar o grupo de Cassandra. Estou certo de que ela notou os homens da tribo na subida. A sua presença não será inesperada. Apenas parte da paisagem local.

— E o que fazemos quando chegarmos lá acima?

Painter tinha já um plano em mente. Contou o essencial dele a Omaha. Quando terminou, o capitão al—Haffi tinha chegado a acordo com o xeque.

— Ele empresta—nos os camelos — disse o capitão.

— Quantos?

— Todos. — O capitão respondeu ao ar de surpresa de Painter. — É desrespeitoso um beduíno recusar o pedido de um convidado. Mas há uma condição.

— Qual?

— Contei—lhes do nosso desejo de salvar uma mulher do grupo que se

encontra no túmulo. Eles estão dispostos a ajudar. Seria uma honra para eles.

— Além de que gostam de disparar as suas armas — acrescentou Barak. Painter sentia—se relutante em colocá—los em perigo.

Omaha não partilhava da sua hesitação.

— Eles têm de facto armas. Se quiser que o seu plano resulte, quanto mais poder de fogo melhor.

Painter foi forçado a concordar.

Com a aquiescência de Painter, o xeque abriu um largo sorriso e reuniu os seus homens. Foram apertadas selas, camelos foram baixados para uma mais fácil montagem e munições foram distribuídas como doces de festa.

Painter reuniu o seu próprio grupo, à luz dos faróis dianteiros da Eurovan.

— Kara, quero que fique na retaguarda com a carrinha.

Ela abriu a boca para protestar, mas num esforço débil. O seu rosto exibia uma película de suor, apesar do vento e da frescura da noite. Painter cortou—lhe a palavra.

— Precisamos de alguém para esconder a carrinha longe da estrada e depois trazê—la de volta ao meu sinal. Clay e Danny ficarão consigo com uma espingarda e uma pistola. Se falharmos e Cassandra fugir com Safia, só vocês os poderão perseguir.

Kara franziu o olhar, linhas duras a marcar—lhe o rosto, mas assentiu.

— É melhor não falharem — retorquiu ferozmente. Mas mesmo essa explosão pareceu esgotar—lhe as forças.

A parte, Danny discutia com o irmão, querendo acompanhá—lo. Omaha mantinha—se firme.

— Nem sequer tens a porra dos teus óculos. Acabarás por disparar sobre mim por engano. — No entanto, pousou a sua mão no ombro do irmão mais novo: — E conto contigo aqui. Tu ficas na última linha. Não posso correr o risco de a perder de novo.

Danny assentiu e recuou.

Clay não tinha objecção em ser deixado para trás. Ele postava—se a um passo, um cigarro a fumegar—lhe entre os dedos. Os seus olhos fitavam o vazio, quase vítreos. Estava à beira do limite da sua capacidade de tolerância.

Com as posições definidas, Painter voltou—se para os camelos expectantes.

— Montar!

Omaha caminhou a passos largos a seu lado.

—Alguma vez montou um camelo?

— Não. — Painter relanceou—o.

Pela primeira vez, naquele dia, Omaha exibiu um largo sorriso, enquanto se afastava.

— Isto vai ser divertido.

19h05

Banhada pelo feixe de dois projectores, Cassandra observava enquanto um dos homens de Kane movia um detector de metais sobre a parede de fundo do nicho. No preciso centro da parede, o detector zuniu com a descoberta. Ela retesou—se e voltou—se para Safia.

— Você sabia que havia aqui alguma coisa. Como? Safia encolheu os ombros.

— O coração de ferro fora colocado próximo do túmulo costeiro de Imran, escondido numa escultura de arenito. Ela apontava para aqui. Para as montanhas. Fazia sentido que o marcador seguinte fosse similar. Um outro fragmento de ferro, como o coração. O único mistério era onde estaria localizado.

Cassandra fitava a parede. Apesar da raiva frustrada que sentia pela prisioneira, esta provara o seu valor.

— E agora?

Safia abanou a cabeça.

— Terá de ser desenterrado. Liberto da pedra. Tal como o coração de ferro da estátua. — Encarou Cassandra. — Teremos de proceder com cautela. Um passo em falso e o artefacto enterrado poderá ser danificado. Levará dias a ser extraído.

— Talvez não. — Cassandra virou—se e afastou—se, deixando Safia sob a vigilância de Kane. Abandonando a sala de orações, atravessou de volta aos camiões, seguindo o caminho de gravilha branca pelos jardins obscuros. Quando passava pela entrada para o túmulo principal, um tremular na sombra chamou a sua atenção.

Num movimento ligeiro, Cassandra baixou um joelho, sacando uma pistola do seu coldre de ombro, instigada pelo reflexo e pela vigilância. Cobriu a entrada e esperou alguns segundos. Os ventos faziam sussurrar a folhagem de uma palmeira baixa. Apurou os ouvidos, à escuta.

Nada. Nenhum movimento vindo do túmulo.

Ergueu—se subtilmente, a pistola apontada firme à abertura. Deslizou em direcção a esta, saindo do caminho para o chão despido para evitar o esmagar da gravilha. Alcançou o limiar, cobriu um dos lados da sala, espreitou e cobriu o

outro lado. As janelas do fundo deixavam entrar um brilho suficiente emanando das poderosas luzes de trabalho contíguas.

O monte da sepultura era uma elevação sombria. Não havia mobiliário, nenhum lugar onde se esconder. O túmulo estava vazio.

Recuou e guardou a pistola no coldre. Apenas uma miragem de sombras e luzes. Talvez alguém tivesse passado à frente de um dos projectores.

Com um último olhar em redor, voltou ao caminho. Com passos determinados, dirigiu—se aos camiões estacionados e censurou—se em silêncio por se assustar com sombras.

Mas por outro lado, tinha um bom motivo para estar nervosa.

Afastou esse pensamento, quando alcançou os camiões. Os SUV carregavam não apenas os homens de Kane, mas todo um leque de equipamento arqueológico. Sabendo que iriam partir numa caça ao tesouro, a Guild fornecera—lhe um sortido de apetrechos pouco vulgares: pás, picaretas, martelos hidráulicos, pincéis, peneiras. Mas equiparam—na, igualmente, de ferramentas electrónicas de ponta, incluindo um sistema de radar de penetração do solo e uma ligação portátil ao sistema de satélite LANDSAT. Esta última permitia pesquisar até cerca de vinte metros abaixo da areia, para produzir um mapa topográfico do que quer que se encontrasse no fundo.

Cassandra atravessou até onde um dos camiões fora descarregado para libertar o detector de metais. Ela sabia de que ferramenta precisava agora.

Usou uma alavanca para abrir o caixote adequado. O interior estava revestido de palha e poliestireno para proteger o equipamento, uma criação da Guild baseada num projecto de investigação da DARPA. Assemelhava—se a uma espingarda, mas alargando—se na extremidade do cano. E a sua coronha cerâmica era extremamente volumosa, para alojar a bateria necessária para carregar o aparelho.

Esquadrinhando no caixote, Cassandra extraiu a bateria e colocou—a no lugar. O dispositivo era pesado. Içou—o até ao ombro e dirigiu—se de volta à sala de oração.

Espalhados ao longo do perímetro, os homens de Kane mantinham—se atentos. Não havia relaxamento, leviandade. Kane treinara—os bem.

Cassandra seguiu o caminho do jardim até às traseiras. Quando entrou, Kane reparou no que ela carregava nas mãos. Os seus olhos cintilaram.

Safia voltou—se de onde estava agachada junto à parede. Tinha esboçado um rectângulo. Trinta centímetros de largo, por um metro e vinte de altura.

— Estamos a obter leituras em toda esta área — disse a curadora, levantando

—se. Franziu o olhar, quando vislumbrou o dispositivo nas mãos de Cassandra.

— Um laser ULS — explicou Cassandra. — Usado para perfurar a rocha.

— Mas...

— Afaste—se. — Cassandra ergueu o dispositivo à altura do ombro e apontou o cano largo à parede.

Safia desviou—se.

Cassandra premiu o botão junto ao seu polegar, o equivalente a um bloqueio de segurança. Ao seu toque, delgados feixes de luz avermelhada brotaram para fora, como o pulverizar de um bocal de chuveiro. Cada feixe era um minúsculo raio laser, concentrado pela alternância de cristais de alexandrite e érbio. Cassandra centrou o foco na secção marcada na parede. Os pequenos pontos do laser inactivo formavam um círculo perfeito.

Ela premiu o gatilho. O aparelho vibrou sobre o seu ombro, enquanto o leque de pequenos raios laser começou a girar, cada vez mais depressa. Um som inaudível feriu—lhe os ossos do ouvido. Ela concentrou—se, fitando para lá do cano.

Onde o feixe carmesim tocava a parede, a pedra começou a desintegrar—se numa nuvem de pó e sílica. Há décadas que os dentistas usavam os ultra—sons para eliminar o tártaro dos dentes. O mesmo princípio era ali utilizado, embora intensificado pela concentração de energia dos lasers. O arenito continuava a dissolver—se sob o seu ataque combinado.

Cassandra movia lentamente o feixe para a frente e para trás sobre a parede, desfazendo o arenito, camada por camada. O laser ULS só funcionava com material agregado, como o arenito. A pedra mais dura, como o granito, era impenetrável. E era mesmo inofensivo sobre a pele. O pior que podia fazer era provocar uma séria queimadura.

Continuou a trabalhar a parede. Areia e pó preenchiam a sala de oração, mas o vento a soprar violento mantinha—a relativamente desimpedida. Três minutos depois, tinha aberto um sulco de cerca de dez centímetros na parede.

— Pare! — gritou Safia, erguendo um braço. Cassandra soltou o gatilho. Desviou a arma desactivada para cima. Safia sacudiu a areia do rosto e aproximou—se da parede. Os ventos arrastaram a derradeira poeira fumegante pelo telhado, enquanto ela se debruçou sobre aquela.

Cassandra e Kane juntaram—se—lhe. Kane apontou uma lanterna ao pequeno compartimento aberto pelo laser. Um pedaço de metal cintilava rubro das profundezas do buraco.

— Ferro — disse Safia, um vestígio de respeito na sua voz, misto de orgulho

e de incredulidade. — Tal como o coração.

Cassandra recuou e desceu a arma.

— Então, vamos ver que prémio se esconde nessa estuporada caixa de tesouro. — Carregou no gatilho, concentrando—se agora em torno do artefacto de ferro.

Os feixes rotativos desfizeram de novo o arenito em pó, esboroando as várias camadas. Mais e mais superfície do artefacto tornava—se visível, iluminada pela luz carmesim. Os detalhes emergiram da pedra: um nariz, uma fronte maciça, um olho, o canto de um lábio.

— É um rosto — disse Safia.

Cassandra prosseguiu o movimento cuidadoso, eliminando a pedra como se fosse lama, revelando o rosto por trás. Este parecia impelir—se da pedra na sua direcção.

— Meu Deus... — balbuciou Kane, apontando a lanterna ao rosto, inundando —o de luz. A semelhança era demasiada para ser acidental. Kane olhou de relance para Safia.

— É você.

19h43

Painter sentava—se no cimo do camelo, a fitar o vale obscuro que separava o grupo do Jebal Eitteen. No topo do monte distante, o túmulo resplandecia contra um céu nocturno sem lua. O brilho era acentuado pelos óculos de visão nocturna que usava, que tornavam o túmulo num farol.

Estudou o terreno. Era um local facilmente defensável. Havia apenas um acesso: a estrada de terra que serpenteava pela face sul da montanha. Ajustou a ampliação dos óculos. Contara catorze elementos hostis, mas nenhum sinal de Safia. Ela já devia estar dentro do complexo do túmulo.

Pelo menos assim o esperava.

Ela tinha de estar viva. O contrário era impensável.

Retirou os óculos e tentou mudar para uma posição mais confortável no cimo do camelo. Não conseguiu.

O capitão al—Haffi seguia num camelo à sua direita, Omaha à esquerda. Ambos pareciam tão descontraídos como se estivessem sentados em cadeiras de salão. As selas, plataformas duplas de madeira sobre uma camada de colmo, ofereciam pouco amortecimento, posicionadas no lombo do animal à frente da bossa. Para Painter, tratava—se de um instrumento de tortura desenhado por

algum árabe sádico. Depois de meia hora, sentia—se como se estivesse lentamente a ser cortado a meio, como uma fúrcula humana.

Esboçando um esgar, Painter indicou o fundo da encosta.

— Avançaremos em grupo até à base do vale. Depois precisarei de dez minutos para me colocar em posição. Nessa altura, todos treparão vagarosamente pela estrada que conduz ao túmulo. Fazendo bastante barulho. Uma vez alcançada a última curva, parem e instalem—se, como se fossem passar a noite. Façam uma fogueira. Irá obstruir—lhes a visão nocturna. Deixem os camelos pastar. O movimento tornar—vos—á mais fácil assumir as posições de alvo. Aí, esperem pelo meu sinal.

O capitão al—Haffi assentiu e passou as instruções aos homens, enquanto se deixava ficar para trás.

Coral tomou o lugar do capitão ao lado de Painter. Inclinou—se um pouco para diante na sela, o rosto tenso. A sua parceira não parecia mais satisfeita com o meio de transporte.

Ela cruzou os braços sobre a sela.

— Talvez seja melhor ser eu a liderar esta operação. Tenho mais experiência de infiltração. — Baixou a voz. — E, pessoalmente, estou menos envolvida.

Painter retesou o aperto no camelo que se movia sob as suas pernas.

— Os meus sentimentos por Safia não interferirão com as minhas capacidades.

— Eu referia—me a Cassandra, a sua ex—parceira. — Ela ergueu uma sobrancelha. — Está a tentar provar alguma coisa? Está a canalizar alguma dessa energia para esta operação?

Painter relanceou o túmulo reluzente no topo do monte vizinho. Quando perscrutara o complexo, a tomar nota do terreno e da força humana, parte dele também procurara algum sinal de Cassandra. Ela orquestrara tudo desde o British Museum. Contudo, ainda não a encarara. Como iria ele reagir? Ela traíra, assassinara, raptara. Tudo em nome de que causa? O que podia fazê—la voltar—se contra a Sigma... contra ele? Simplesmente dinheiro? Ou seria algo mais?

Não tinha respostas.

Fitou as luzes. Seria isso parte da razão que o instara a participar naquela missão? Vê—la com os seus próprios olhos? Olhá—la nos olhos?

Coral quebrou o silêncio.

— Não lhe dê espaço de manobra. Não mostre misericórdia, hesitação. Actue com frieza ou terá tudo a perder.

Ele permaneceu silencioso, enquanto os camelos prosseguiam a sua lenta e

penosa jornada até ao fundo do vale. A vegetação adensava—se à medida que desciam pela estrada de terra. Altos baobás estendiam um espesso pálio, enquanto imponentes tamarindos, carregados de flores amarelas, se elevavam como sentinelas. Por todo o lado, rugosas trepadeiras de liana emaranhavam—se por entre espirais de jasmim.

O grupo estacou naquele ponto de floresta densa.

Os camelos começaram a baixar e a descarregar os seus cavaleiros. Um dos Bait Kathir aproximou—se do camelo de Painter, ajudando—o a fazer agachar o animal.

— Falira, krr, krr... — disse o homem ao abeirar—se do animal. Falira era o nome do camelo, significando «alegria». Para Painter, nada podia estar mais longe da verdade. A única alegria que conseguia imaginar era sair do seu dorso.

O camelo baixou—se sob ele, oscilando para trás e repousando sobre os quartos traseiros. Painter segurou—se firmemente, as pernas cingidas. O animal dobrou—se, então, pelos jarretes à frente, fazendo deslizar os joelhos para baixo e assentou no solo.

Com o camelo agachado, Painter escorregou para fora da sela. As suas pernas pareciam borracha, as coxas tolhidas de nós. Deu atabalhoadamente alguns passos, enquanto o homem da tribo arrulhava ao camelo e o beijava no focinho, arrancando um suave gorgolejo ao animal. Dizia—se que os Bait Kathir amavam os camelos mais do que as suas mulheres. Assim parecia com aquele tipo.

Abanando a cabeça, Painter caminhou ao encontro dos outros. O capitão al—Haffi sentava—se de cócoras ao lado do xeque Emir, desenhando no pó da estrada e segurando uma lanterna de bolso, definindo como melhor distribuir os homens. Sharif e Barak observavam Omaha e Coral, enquanto os americanos preparavam as suas espingardas Kalashnikov. Cada um deles tinha uma pistola Desert Eagle israelita como arma de recurso.

Painter aproveitou o momento para verificar as suas próprias armas, um par de pistolas Heckler & Koch. No escuro, retirou e inspeccionou os carregadores de 9 mm, de sete disparos cada. Dispunha de dois carregadores adicionais prontos a usar, presos no cinto. Satisfeito, guardou as armas nos coldres, um no ombro, outro à cintura.

Omaha e Coral aproximaram—se, enquanto ele cingia um pequeno saco ao peito. Não inspeccionou o seu conteúdo, tendo—o já feito em Salalah.

— Quando começam a contar os dez minutos? — perguntou Omaha, expondo o seu relógio de pulso quando se detinha e premindo um botão para lhe

iluminar o mostrador.

Painter coordenou o seu próprio relógio com o Breitlinger de Coral.

— Agora.

Coral relanceou—o, a preocupação nos seus olhos azuis.

— Frieza, comandante.

— Como gelo — sussurrou ele.

Omaha bloqueou—lhe o caminho, quando ele se voltou na direcção da estrada que conduzia ao túmulo no cimo do monte.

— Não volte sem ela. — Era mais uma ameaça do que um pedido. Painter assentiu a ambos e partiu.

Dez minutos.

20h05

Trabalhando sob o feixe de um par de projectores, Safia usou uma picareta e pincel para libertar o artefacto da sua envoltura de arenito. Os ventos tinham—se intensificado, agitando a areia e o pó encurralados entre as quatro paredes da sala de orações sem tecto. Safia sentia—se incrustada no seu interior, uma estátua viva de arenito.

Com o cair da noite, a temperatura baixou precipitadamente. Um relampejar quente tremulava a sul, aproximando—se, acompanhado pelo ocasional estrondo surdo, clara promessa de chuva.

Vestindo luvas, Safía varria o pó de pedra do artefacto, receosa de o riscar. O busto de ferro de uma mulher em tamanho real reluzia à luz forte, com os olhos abertos, fítando—a de volta. Safia receava esse olhar e concentrava—se no trabalho em mãos.

Cassandra e Kane murmuravam atrás dela. Cassandra quisera usar a arma de laser para acabar de libertar o artefacto de ferro, mas Safia instigara à cautela, para não o danificar. Ela receava que o laser cauterizasse o metal, apagando os pormenores.

Safia afastou o último pedaço de pedra. Tentou não fixar as feições, mas viu —se a observá—las pelo canto do olho. O rosto era notavelmente semelhante ao seu. Podia ser uma versão mais jovem de si mesma. Talvez com dezoito anos. Mas era impossível. Devia ser apenas uma coincidência racial. Representava simplesmente uma mulher sul—arábica e, como nativa da região, Safia teria certamente algumas semelhanças, mesmo com a sua herança de sangue misto.

Contudo, perturbava—a de facto. Era como contemplar a sua própria

máscara funerária.

Em particular, porque o busto estava empalado no topo de uma lança de ferro, com um metro e vinte de comprimento.

Safia recuou. O artefacto ocupava o centro do rectângulo marcado na parede do nicho de oração. A lança de ferro avermelhado estava erguida na vertical, com o busto empalado no topo. Formando um único objecto. Embora a visão a perturbasse, Safia não estava totalmente surpreendida. Fazia um certo sentido histórico.

— Se isto demorar muito mais — Cassandra interrompeu—lhe os pensamentos —, pego de novo na porra do laser ULS.

Safia estendeu a mão e testou a fixação da pedra em torno do objecto de ferro. Este oscilou ao toque.

— Mais um minuto. — E deitou mãos ao trabalho. Kane mexeu—se, a sua sombra a dançar na parede.

— Será que temos de o remover? Talvez já aponte na direcção certa.

— Está virado a sudeste — retorquiu—lhe Safia. — De volta à costa. Não pode ser por aí. Há um novo enigma a resolver.

Com as suas palavras, o pesado artefacto soltou—se da pedra e tombou para a frente. Safia apanhou—o com o ombro.

— Já não era sem tempo — resmoneou Cassandra. Safia levantou—se, amparando o busto. Segurou o cabo da lança com ambas as suas mãos enluvadas. Era pesado. Com o busto pousado junto à orelha, escutou o mesmo som ligeiramente líquido no seu interior. Tal como o coração. Uma carga fundida preenchia—lhe o âmago.

Kane pegou no artefacto, erguendo—o como se fosse uma espiga de milho.

— Então, o que fazemos com ele? Cassandra apontou uma lanterna.

— De volta ao túmulo, como em Salalah.

— Não — disse Safia. — Não desta vez.

Ela deslizou por Cassandra e conduziu o caminho. Pensou em delongar a busca, atrasando—a. Mas ouvira o retinir de campainhas de camelos a ecoar do vale. Havia um acampamento de beduínos nas proximidades. E se qualquer deles se aventurasse até ali...

Safia apressou—se e atravessou até ao poço junto da entrada do túmulo. Ajoelhou—se e abriu a tampa. Cassandra lançou a sua luz pelo buraco, iluminando o par de pegadas. Safia recordou a história que a fizera seguir essas pegadas: a lenda do cavaleiro de bronze que empunhava uma lança na mão, uma lança com uma cabeça empalada.

Safia relanceou sobre o ombro de Cassandra para Kane e o artefacto. Depois de séculos incontáveis, ela encontrara a lança.

— E agora? — perguntou Cassandra.

Havia apenas um outro elemento no poço, um elemento com uma pista ainda por revelar: o buraco no centro do poço.

De acordo com a Bíblia e o Corão, através desse buraco brotara uma fonte milagrosa. Safia rezou pelo seu próprio milagre.

Apontou para o buraco.

— Coloque—o aqui.

Kane caminhou até ao poço, posicionou a extremidade da lança e instalou—a no buraco.

— Na perfeição.

Recuou. A lança permaneceu imóvel, firmemente fixa. O busto no topo fitava o vale.

Safia caminhou em volta da lança. Enquanto a inspeccionava, a chuva começou a cair dos céus obscuros, puncionando pó e pedra com uma batida soturna.

Kane resmungou.

— Fantástico. — Puxou de um boné e enterrou—o na sua cabeça rapada. Em poucos instantes, a chuva começou a cair com violência.

Safia contornou a lança mais uma vez, agora franzindo o olhar. Cassandra partilhava da sua preocupação.

— Não acontece nada.

— Falha—nos simplesmente alguma coisa. Passe—me a lanterna. — Safia retirou as luvas de trabalho e estendeu uma palma para a receber. Cassandra passou—lha com nítida relutância.

Safia apontou—a ao longo do comprimento da lança. O cabo era estriado a intervalos regulares. Seria decoração ou algo mais significativo? Sem ideias, Safia endireitou—se e postou—se atrás do busto. Kane implantara a lança com o rosto apontado a sul, na direcção do mar. Claramente a direcção errada.

Os seus olhos desviaram—se para o busto. Fitando a parte de trás da cabeça, vislumbrou uma minúscula inscrição na base do pescoço, ensombrada pela linha do cabelo. Aproximou o foco da lanterna. A inscrição devia estar parcialmente obscurecida pelo pó residual, mas a chuva lavava—a. Quatro letras tornaram—se claras.

Cassandra notou a sua atenção à inscrição.

— O que significa?

Safia traduziu, o franzir da fronte acentuando—se.

— E o nome de uma mulher. Biliqis.

— É a mulher aqui esculpida?

Safia não respondeu, demasiado aturdida. Seria possível? Caminhou em volta e estudou o rosto da mulher.

— Se assim for, então este é um achado de crucial importância. Biliqis foi uma mulher reverenciada em todas as fés. Uma mulher envolta em mistério e mito. Diz—se ser metade humana, metade espírito do deserto.

— Nunca ouvi falar dela.

Safia aclarou a voz, ainda atordoada pela descoberta.

— Biliqis é mais conhecida pelo seu título: a Rainha do Sabá.

— Como na história do Rei Salomão?

— Entre inúmeras outras histórias.

A medida que a chuva se derramava e escorria em regatos pelo rosto de ferro, a estátua parecia chorar.

Safia estendeu a mão e limpou as lágrimas da face da rainha.

Com o toque, o busto moveu—se como que girando sobre gelo escorregadio, desviando—se das pontas dos seus dedos. Deu uma volta completa, depois abrandou e oscilou até se deter, fitando na direcção oposta.

Nordeste.

Safia olhou para Cassandra.

— O mapa — ordenou Cassandra a Kane. — Traga o mapa.

XIV - SALTEADOR DE TÚMULOS

3 de Dezembro, 20h07
Jebal Eitteen

Painter verificou o relógio. Mais um minuto.

Estava deitado de bruços na base de uma figueira, abrigado atrás de um arbusto de acácia. A chuva tamborilava contra o dossel de folhas sobre a sua cabeça. Ele posicionara—se à direita, distante da estrada, abrindo caminho por uma superfície rochosa quase vertical para chegar àquele posto. Dali tinha uma visão desimpedida do parque de estacionamento.

Com os óculos de visão nocturna descidos, os guardas eram fáceis de localizar na escuridão, todos de casaco azul, agora com os capuzes puxados sobre a cabeça por causa da chuva. A maioria postava—se junto da estrada que

conduzia ao lugar, mas alguns circulavam lentamente um pouco mais além. Levara—lhe minutos preciosos a rastejar até à posição, avançando quando os guardas se afastavam.

Painter respirou fundo e regularmente, preparando—se. Era uma corrida de trinta metros até ao SUV mais próximo. Fixou o plano, visualizando—o, aperfeiçoando—o. Uma vez as coisas em andamento, não teria tempo para pensar, apenas para reagir.

Olhou de relance para o relógio. Era tempo.

Lentamente ergueu—se até uma posição acocorada, mantendo—se baixo, compacto. Apurou os ouvidos, filtrando a chuva. Nada. Olhou de novo o relógio. Tinham—se passado dez minutos. Onde estavam...

Então, ouviu—o. Uma canção, cantada por um punhado de vozes, que se erguia do vale atrás dele. Olhou sobre o ombro. Através das suas lentes de visão nocturna, o mundo projectava—se em gradações de verde, mas fragmentos nítidos de claridade cintilavam mais abaixo. Tochas e lanternas. Observou os Bait Kathir a iniciar uma lenta e regular subida pela estrada, cantando à medida que avançavam.

Painter voltou a sua atenção para o complexo do túmulo.

Os guardas tinham notado a agitação dos homens das tribos e mudaram rapidamente de posição para se concentrarem na estrada. Dois homens esgueiraram—se pelo silvado a flanquear a estrada e desceram contornando a curva.

Com as forças desviadas dos SUV estacionados, Painter avançou. Deslizou do seu esconderijo, mantendo—se baixo e correu os trinta metros até ao camião mais próximo. Reteve a respiração enquanto corria, evitando o chapinhar ruidoso das poças. Não soou nenhum alarme.

Alcançando o primeiro SUV, agachou—se atrás dele, ao mesmo tempo que abria o fecho de correr bem oleado do seu saco de transporte. Retirou os pacotes de C4 previamente ligados, cada qual envolto em celofane e enfiou um na caixa da roda do camião, junto do tanque de combustível.

Painter agradeceu em silêncio a Cassandra pela dádiva dos explosivos. Era mais do que apropriado que lhe devolvesse o que lhe pertencia.

Mantendo—se baixo, apressou—se até ao SUV seguinte e colocou o segundo pacote. Deixou o terceiro camião intocado, apenas certificando—se de que as chaves se encontravam na ignição. Tal precaução era uma prática comum em situações de operação. Quando a confusão se instalava, não era conveniente ter de perseguir o condutor com as chaves na mão.

Satisfeito, verificou a zona de estacionamento. Os guardas mantinham—se focados no grupo de camelos e homens em aproximação.

Voltando—se, disparou em direcção ao muro baixo que encerrava o complexo do túmulo. Manteve a linha dos SUV entre si e os guardas. Atrás, ouviu brados vindos de baixo... em árabe... uma alegre discussão. O canto parara. Um par de camelos baliam desolados, acompanhados pelo retinir de inofensivos badalos. Os beduínos estavam a meio da subida pelo monte.

Tinha de se apressar.

Painter saltou por cima do muro baixo. Tinha apenas um metro e vinte de altura. Escolhera um ponto isolado, atrás da mesquita. Aterrou com um baque mais forte do que tencionara, mas a chuva abafou o ruído com um resfolegar de trovão.

Parou. Luz fluía de ambos os lados da mesquita, proveniente do pátio na frente do edifício. Brilhava intensamente através dos seus óculos de visão nocturna. Ouviu vozes abafadas, mas a chuva retirava—lhes toda a clareza com o seu tamborilar. Não fazia ideia de quantos se encontrariam ali.

Agachando—se para manter a sua silhueta abaixo do muro, esgueirou—se pelas traseiras da mesquita, mantendo—se nas sombras. Chegou a uma porta, verificou o manipulo. Bloqueado. Podia forçar a porta, mas produziria demasiado ruído. Prosseguiu, procurando uma janela ou outra maneira de entrar. Ficaria demasiado exposto, se tentasse alcançar o pátio central directamente a partir do outro lado do edifício. Não havia abrigo e demasiada luz. Precisava de um caminho através da mesquita, de uma maneira de se aproximar. Para arrancar Safia das mãos de Cassandra, necessitava de estar próximo da acção.

Atingiu o canto extremo da mesquita. Continuava a não haver janelas. Quem teria construído um edifício sem janelas nas traseiras? Postava—se num pequeno jardim de ervas daninhas. Duas tamareiras montavam guarda sobre ele.

Painter olhou para cima. Uma das palmeiras erguia—se junto à parede da mesquita, debruçando—se sobre a beira do telhado. A cobertura da mesquita era plana. Se ele conseguisse escalar a palmeira... alcançar o telhado...

Fitou os cachos de tâmaras pendentes da folhagem.

Não seria fácil, mas teria de arriscar.

Respirando fundo, saltou o mais alto que pôde, escanchando os braços em volta do tronco, impelindo os pés para cima. O esforço foi em vão. Prontamente escorregou, aterrando de traseira na lama.

Enquanto se impelia de novo para cima, vislumbrou duas coisas, ambas escondidas atrás de uma sebe a flanquear o muro do fundo: uma escada de

alumínio... e uma mão pálida.

Painter ficou tenso.

A mão não se mexia.

Rastejou para diante, separando os arbustos. Uma escada estava encostada à parede do fundo, juntamente com uma tesoura de podar. E claro que tinha de haver uma maneira de chegar às tâmaras. Ele devia ter procurado uma escada.

Deslocou—se até à figura estendida no chão.

Era um velho árabe, numa túnica dishdasha bordada a fio de ouro. Era provavelmente um elemento do pessoal de manutenção do túmulo, uma espécie de guarda. Jazia na lama, imóvel. Painter pressionou os seus dedos contra o pescoço do homem. Ainda estava quente. Um pulso lento batia sob os dedos de Painter. Vivo. Inconsciente.

Painter endireitou—se. Teria Cassandra atingido o homem com um dardo tranquilizante, como fizera com Clay? Mas porquê arrastá—lo até ali e escondê—lo? Não fazia sentido, mas não tinha tempo para ponderar no mistério.

Puxou a escada, verificou se ainda estava ao abrigo da vigilância dos guardas e apoiou—a contra a parede do fundo da mesquita. A escada não chegava à linha do telhado.

Mas era o suficiente.

Escalou rapidamente os degraus. Enquanto subia, relanceou sobre o ombro. Viu que os guardas se tinham posicionado a bloquear por completo a estrada. Mais abaixo, avistou as luzes e tochas do clã dos Bait Kathir, que se agregavam a pouca distância. Tinham parado e começado a preparar o acampamento. Ouvia fragmentos ocasionais de vozes sonoras, sempre em árabe, enquanto os homens sustentavam o pretexto de viajantes nómadas a instalar—se para passar a noite.

Chegando ao topo da escada, Painter agarrou a beira do telhado e içou—se para cima, enganchando uma perna sobre a borda e rolando para fora de vista.

Mantendo—se baixo, atravessou rapidamente a cobertura, em direcção ao minarete junto da fachada principal. A apenas alguns centímetros acima da linha de telhado, um varandim aberto circundava a torre, onde era feito o chamamento à oração aos crentes locais. Foi fácil agarrar o gradeamento e saltar sobre a balaustrada. Painter agachou—se e percorreu o varandim. Tinha uma visão aérea do pátio. Estava demasiado iluminado para o equipamento de visão nocturna, pelo que subiu os óculos e estudou o perímetro.

Do outro lado, um pequeno conjunto de ruínas cintilava de luz. Uma lanterna jazia abandonada próximo da entrada do túmulo contíguo. O seu foco iluminava uma estaca metálica plantada no chão. Parecia ser encimada por uma espécie de

escultura, um busto pela aparência.

Vozes ergueram—se de baixo... vindas do atarracado túmulo. A porta que dava para o pátio estava aberta. Luzes cintilavam no interior. Ouviu uma voz familiar.

— Mostre—nos no mapa.

Era Cassandra. As entranhas de Painter retesaram—se, inflamadas e resolutas. Então Safia respondeu—lhe.

— Não faz sentido. Podia ser em qualquer lugar.

Painter agachou—se mais. Graças a Deus ainda estava viva. Uma onda de alívio e de renovada preocupação percorreu—o. Quantos mais estariam com ela? Passou alguns minutos a estudar as sombras do outro lado das janelas foscas. Era difícil de dizer, mas não pareciam estar mais de quatro pessoas no recinto. Perscrutou o pátio à procura de guardas adicionais. Permanecia silencioso. Todos pareciam estar naquele edifício, ao abrigo da chuva. Se agisse rapidamente...

Quando começava a virar—se, uma figura surgiu à entrada do túmulo, um homem alto e musculado vestido de negro. Painter imobilizou—se, receoso de ser detectado.

O homem enterrou a pala de um boné mais fundo sobre os olhos e lançou—se na chuva. Cruzou o espaço e ajoelhou ao lado da estaca.

Painter vigiava, enquanto o homem estendia a mão para a base da estaca e passava lentamente os dedos pelo seu comprimento. Que diabo estava ele a fazer? Atingindo o topo do cabo, o homem levantou—se e apressou—se de volta ao túmulo, sacudindo o seu boné.

— Sessenta e nove — disse ele, quando desapareceu no interior.

— Tem a certeza? — de novo Cassandra.

— Sim, toda a porra de certeza.

Painter não ousou esperar mais. Mergulhou pelo arco para chegar aos degraus da torre, que espiralavam até à mesquita. Colocou de volta os óculos de visão nocturna e inspeccionou o vão da escada obscuro.

Parecia silencioso.

Sacou da pistola e libertou a patilha de segurança.

Preocupado com eventuais guardas, prosseguia com um ombro rente à parede, a arma apontada em frente. Continuou pela curta espiral, varrendo a sala de orações da mesquita à medida que descia. Realçada a verde, a sala estava vazia, os tapetes de oração empilhados ao fundo. Saiu da sala e deslocou—se em direcção à entrada principal.

As portas exteriores estavam abertas. Voltou a subir os óculos e caminhou de

esguelha até à entrada. Agachou—se de um dos lados. Um alpendre coberto estendia—se frente à fachada. Directamente em frente, três degraus conduziam ao pátio. De ambos os lados, um pequeno muro de estuque emoldurava o alpendre, encimado por aberturas arqueadas.

Painter esperou e inspeccionou a área imediata.

O pátio permanecia vazio. Vozes murmuravam do outro lado.

Se atravessasse velozmente até ao túmulo, se se escondesse no exterior do limiar...

Painter calculava na sua mente, sem pestanejar. Para que funcionasse, a velocidade era essencial. Endireitou—se, a pistola segura com firmeza.

Um leve ruído imobilizou—o. Vinha de trás de si.

Um frémito de terror apoderou—se dele.

Não estava sozinho.

Rodou em posição flectida, a pistola apontada às profundezas da mesquita. Da escuridão, um par de sombras caminhava na sua direcção, os olhos a cintilar à luz reflectida do pátio. Ferozes e famintas.

Leopardos.

Silenciosos como a noite, os dois felinos aproximavam—se.

20h18

— Mostre—me no mapa — disse Cassandra.

A curadora ajoelhou—se no chão do túmulo. Ela estendera o mesmo mapa de antes. Uma linha recta azul conduzia do primeiro túmulo na zona costeira àquele nas montanhas. Agora, uma segunda linha, esta vermelha, desviava—se para nordeste, deixando as montanhas e dirigindo—se a uma grande extensão vazia do deserto, o Rub' al—Khali, o vasto Quadrante Vazio da Arábia.

Safia abanava a cabeça, percorrendo com um dedo a linha que penetrava nas areias.

— Não faz sentido. Podia ser em qualquer lugar.

Cassandra fitou repetidas vezes o mapa. Procuravam uma cidade perdida no deserto. Tinha de ficar algures ao longo daquela linha, mas onde? A linha atravessava o centro de uma vasta extensão. Podia ser em qualquer lugar.

— Continua a falhar—nos alguma coisa — disse Safía, recuando sobre os calcanhares. Esfregou as têmporas.

O rádio de Kane emitiu um zunido, interrompendo—os. Ele falou para um microfone de garganta.

— Quantos? — Uma longa pausa. — Ok, mantenham—nos simplesmente sob apertada vigilância. Conservem—nos à distância. Informem—me de quaisquer alterações.

Cassandra olhou—o, quando terminou. Ele encolheu os ombros.

— Aqueles ratos das areias que vimos ao lado da estrada voltaram. Estão a montar acampamento no sítio onde os avistámos mais cedo.

Cassandra notou a preocupação no rosto de Safia. A mulher receava pela segurança dos locais. Óptimo.

— Dê ordens para disparar sobre quem quer que se aproxime. Safia retesou —se com aquelas palavras.

Cassandra apontou para o mapa.

— Quanto mais depressa resolvermos este mistério, mais depressa sairemos daqui. — Aquilo apressaria a curadora.

Safia fitava taciturna o mapa.

— Deve haver algum indicador de distância no artefacto. Algo que nos tenha falhado. Uma maneira de determinar a distância de linha vermelha a percorrer.

Safia fechou os olhos, balançando ligeiramente. Depois, subitamente, deteve —se.

— O que é? — perguntou Cassandra.

— A lança — disse ela, olhando na direcção da porta. — Notei estrias ao longo do cabo, marcas gravadas. Pensei que fossem mera decoração. Mas no passado antigo, as medidas eram frequentemente registadas como entalhes numa vara.

— Então, acha que o número de marcas pode indicar a distância? Safia assentiu e levantou—se.

— Tenho de as contar.

Cassandra não confiava na mulher. Seria fácil mentir e conduzi—los ao engano. Precisava de rigor.

— Kane, vá lá fora e conte o número de marcas.

Este esboçou um trejeito, mas obedeceu, dando uma sapatada no seu boné ensopado.

Depois dele partir, Cassandra acocorou—se junto do mapa.

— Esta deve ser a localização final. Primeiro a costa, depois as montanhas, agora o deserto.

Safia encolheu os ombros.

— É capaz de ter razão. O número três é significativo para as fés antigas. Seja na trindade do Deus Cristão — Pai, Filho e Espírito Santo —, seja na antiga

trindade celestial: lua, sol e estrela da manhã.

Kane surgiu no limiar, sacudindo a chuva do seu boné.

— Sessenta e nove.

— Tem a certeza.

Ele lançou—lhe um ar carregado.

— Sim, toda a porra de certeza.

— Sessenta e nove — disse Safia. — Deve estar certo.

— Porquê? — indagou Cassandra, desviando a atenção de volta à curadora, enquanto esta se debruçava sobre o mapa.

— Seis e nove — explicou Safia, observando o mapa. — Múltiplos de três. Tal como falávamos. E sequenciais. Um número bastante mágico.

— E eu que sempre pensei que «sessenta e nove» queria dizer outra coisa — disse Kane.

Aparentemente surda ao homem, Safia continuou a trabalhar, medindo com um transferidor e usando uma calculadora. Cassandra observava—a.

— Isso quer dizer sessenta e nove milhas ao longo da linha vermelha. — Safia circulou o local. — Termina aqui, no deserto.

Cassandra ajoelhou—se, pegou no transferidor e verificou as medições. Fitou o círculo vermelho, anotando a longitude e a latitude na sua cabeça.

— Então, esta pode ser a localização da cidade perdida? Safia assentiu. Continuava a fixar o mapa.

— Tanto quanto posso dizer.

A fronte de Cassandra enrugou—se, pressentindo que a mulher lhe escondia alguma coisa. Quase podia vê—la a calcular na sua mente. Agarrou o pulso de Safia.

— O que está a esconder...

Um tiro soou nas proximidades, cortando quaisquer palavras posteriores. Podia ser um disparo acidental. Podia ser um dos beduínos a disparar a sua espingarda. Mas Cassandra sabia melhor. Girou.

— Painter...

20h32

O primeiro disparo de Painter soou desenfreado, enquanto ele se lançava para trás pela porta da mesquita para o alpendre. Um canto da parede fragmentou —se num chuveiro de estuque. Lá dentro, os leopardos separaram—se, desaparecendo nas sombras da mesquita.

Painter atirou—se para o lado, protegendo—se atrás do muro do alpendre. Estúpido. Não devia ter disparado. Reagira por instinto, por autopreservação. Não era próprio dele. Mas um terror por detrás dos leopardos dominara—o, como se algo tivesse atacado o mais profundo do seu cérebro.

E agora obliterara o elemento de surpresa.

— Painter! — O brado viera da direcção do túmulo.

Era Cassandra.

Painter não ousava mexer—se. Os leopardos deambulavam no interior, Cassandra no exterior. A mulher ou os felinos? Naquele caso, ambos significavam a morte.

— Sei que veio pela mulher! — gritou Cassandra através da chuva. O ressoar de um trovão acentuou as suas palavras.

Painter permaneceu imóvel. Cassandra não podia saber com certeza de que direcção viera o disparo. O som viajava por trilhos bizarros entre aquelas montanhas. Ele imaginou—a escondida no túmulo, a chamar do limiar. Não ousava mover—se para a abertura. Sabia que ele estava armado, mas não sabia onde estava. Como podia usar isso em seu benefício?

— Se não se mostrar — os braços erguidos, as mãos vazias — nos próximos dez segundos, mato a prisioneira.

Tinha de pensar rapidamente. Revelar—se naquele momento não apenas significaria a sua morte, mas a de Safia.

— Eu sabia que viria, Crowe! Achou verdadeiramente que eu ia acreditar que você se dirigia à fronteira com o Iémen?

Painter estremeceu. Enviara o e—mail há poucas horas, contendo informação falsa, entregue através de um servidor seguro ao seu chefe. Fora um balão de testagem. Conforme receara, a informação chegara a Cassandra intacta. Uma sensação de desespero invadiu—o. Isso só podia significar uma coisa. A traição na Sigma iniciava—se ao mais alto nível.

Sean McKnight... o seu próprio chefe...

Fora por isso que Sean o juntara com Cassandra, em primeiro lugar? Parecia impossível.

Painter fechou os olhos e respirou fundo, sentindo o seu isolamento. Estava agora só, ali, desligado. Não tinha quem contactar, em quem confiar. Estranhamente, esse pensamento só ajudou a concentrar a sua energia. Experimentou uma estonteante sensação de liberdade. Tinha de contar consigo mesmo e com os seus recursos imediatos.

Teria de ser suficiente.

Painter procurou no seu saco e tacteou o transmissor de rádio.

Trovões rugiam, roucos, guturais. A chuva caía com mais violência.

— Cinco segundos, Crowe.

Todo o tempo do mundo...

Atacou o botão do transmissor e rolou em direcção às escadas.

20h34

A sessenta metros de distância, Omaha saltou quando as explosões gémeas lançaram os dois SUV pelos ares, com o brilho de relâmpagos. A noite escura iluminou—se. A concussão comprimiu—lhe os ouvidos, reverberou nas suas costelas.

Era o sinal de Painter. Ele resgatara Safia.

Há um momento atrás, Omaha ouvira um único tiro, que o aterrou. Agora, chamas e detritos choviam pelo parque de estacionamento. Homens jaziam estendidos no chão. Dois estavam em chamas, inundados de gasolina inflamada.

Era a altura de entrar em acção.

— Agora! — gritou Omaha, mas o seu brado soou ténue aos seus próprios ouvidos.

Contudo, fogo de espingarda foi cuspido da floresta de ambos os lados de Omaha. Adicionalmente, uns tantos clarões de fogo cintilaram a partir de um ponto elevado sobre a zona de estacionamento, lançados por um par de atiradores dos Bait Kathir.

No túmulo, dois guardas levantavam—se do solo. Subitamente agitaram—se, os corpos atirados para trás. Atingidos.

Outros guardas procuravam abrigo, reagindo com uma perícia bem aperfeiçoada. Não se tratava de amadores. Recuavam para os muros do complexo, procurando rápido abrigo.

Omaha ergueu os binóculos.

No cimo do planalto, os dois SUV em chamas iluminavam a zona de estacionamento. O terceiro veículo fora lançado a alguns metros de distância pela concussão. Poças de combustível inflamado pontilhavam o solo enlameado e a vegetação, fumegando à chuva. Painter era suposto usar o veículo como transporte de fuga. Já lá devia estar.

Onde estava? De que estava à espera?

Um grito ululante ergueu—se à direita de Omaha. Badalos chocalharam. Uma dúzia de camelos dispersavam—se monte acima. Por entre eles, corriam mais Bait Kathir. Fogo de cobertura choveu da linha de árvores.

Uns poucos de tiros respondiam agora. Um camelo rugiu, caindo de joelhos,

deslizando na lama. Uma explosão dilacerou a vertente do lado esquerdo de Omaha. Um clarão de fogo e troncos de árvore arrancados, folhas fumegantes e pó elevaram—se no ar.

Uma granada.

E depois um novo som.

Vinha da funda garganta à direita.

Merda...

Cinco pequenos helicópteros surgiram à vista, velozes como mosquitos e igualmente minúsculos. Veículos de um só lugar. Apenas pás, motor e piloto.

Pareciam trenós voadores. Projectores varriam o solo, crivando a área com fog de armas automáticas.

Camelos e homens fugiram em todas as direcções. Omaha cerrou o punho. A cabra esperava—os. Dispunha de uma força de apoio à espera, uma emboscada. Como soubera? Coral e Barak surgiram no cotovelo de Omaha.

— Painter vai precisar de ajuda — sibilou Coral. — Ele não consegue chegar ao veículo de fuga, agora. Está demasiado exposto.

Omaha relanceou na direcção do parque de estacionamento, agora um rio de sangue de corpos e camelos. A partir da floresta, o fogo apontava aos helicópteros, fazendo—os elevar—se. Mas continuavam a descrever um padrão sinuoso sobre o complexo, protegendo—o apertadamente. Todo o plano ruíra.

Mas Safía estava ali. Omaha não ia abandoná—la de novo. Coral sacou da pistola.

— Eu vou subir.

Omaha agarrou—lhe o braço. Os músculos dela eram cordas de aço. Ele segurou—a com força, não tolerando argumentos.

— Desta vez, subimos todos.

20h35

Kara fitava a Kalashnikov pousada no seu colo. Os dedos torciam—se incontrolavelmente em volta da coronha, achava difícil concentrar—se. Os olhos exorbitavam—lhe o rosto, ameaçando uma enxaqueca, enquanto a náusea se instalava no seu estômago.

Sonhava com um pequeno comprimido laranja.

A seu lado, Clay lutava por ligar o motor. Rodou de novo a chave, mas não conseguiu a ignição. Danny sentava—se no banco traseiro com a única pistola.

A explosão iluminara os montes a norte como um Sol nascente. Era o sinal

de Painter. Através dos vales intermédios, o eco de rajadas de tiros soava como fogo—de—artifício.

— Pedaço de merda! — praguejou Clay e socou o volante com a mão.

— Afogou—o — disse Danny azedo, do seu posto traseiro.

Kara fitava pela janela do lugar do passageiro. Um brilho avermelhado persistia a norte. Tinha começado. Se tudo tivesse corrido bem, os outros estariam a descer rapidamente o monte num dos SUV dos raptores. O restante do grupo dispersar—se—ia pelos montes. Os Bait Kathir conheciam muitos caminhos através das montanhas arborizadas.

Mas algo parecia errado.

Talvez fosse simplesmente a exaustão nervosa na mente de Kara. Tornava—se mais aguda a cada respiração. A dor lancetava—a por detrás dos olhos. Mesmo a luz do painel de bordo feria—a dolorosamente.

— Vai gastar a bateria — alertou Danny, quando Clay accionou de novo o motor. — Deixe—o descansar. Pelo menos cinco minutos.

Um zumbido preencheu o crânio de Kara, como se o corpo fosse uma antena, sintonizando estática. Tinha de se mexer. Já não podia ficar quieta. Pressionou o puxador e resvalou para fora da porta, segurando desajeitadamente a espingarda.

— O que está a fazer? — chamou Clay, assustado.

Ela não respondeu. Caminhou para a estrada. A carrinha fora empurrada para baixo dos ramos de um tamarindo. Ela cruzou até ao espaço aberto e vagueou um pouco pela estrada acima, para fora de vista da carrinha.

Os disparos continuavam a ecoar.

Kara ignorou—os, a sua atenção focada mais próximo.

Uma velha mulher postava—se na estrada, encarando Kara, como que à sua espera. Envergava um longo manto do deserto, o seu rosto oculto por um véu negro. Nos seus dedos ossudos, carregava um bordão de madeira nodosa, polido e lustrado pelo uso.

A cabeça de Kara latejava. Depois, a estática no seu interior sintonizou finalmente uma estação audível. A dor e a náusea escoaram—se. Sentiu—se momentaneamente sem peso, desoprimida.

A mulher fitava simplesmente.

O torpor preencheu os espaços vazios no seu íntimo. Não lhe ofereceu resistência. A espingarda resvalou dos dedos flácidos de Kara.

— Ela vai precisar de ti — disse finalmente a mulher, virando costas. Kara seguiu a estranha, movendo—se como num sonho.

Atrás, junto ao tamarindo, ouviu o motor da carrinha a ligar e a falhar.

Kara continuou a andar, deixando para trás a estrada e encaminhando—se para o fundo do vale arborizado. Kara não resistiu, mesmo que o tivesse podido fazer.

Ela sabia quem precisava dela.

20h36

Safia fora forçada a pôr—se de joelhos, as mãos no cimo da cabeça. Cassandra agachava—se atrás dela, uma pistola pressionada contra a base do seu crânio, uma outra apontada à entrada. Ambas estavam voltadas para a porta, posicionadas em tensão no extremo distante da câmara. O monte funerário elevava—se entre elas e a saída.

Com a explosão, Cassandra apagara as luzes e enviara Kane por uma janela nas traseiras. Para circundar o espaço. Para caçar Painter.

Safia comprimia os dedos. Poderia ser verdade? Poderia Painter estar vivo e estar algures ali? Se assim era, teriam os outros sobrevivido? Lágrimas brotaram. Fosse como fosse, não estava sozinha. Painter devia estar ali. O tiroteio ainda ressoava para lá do complexo. Fogos projectavam a noite de sombra e carmesim. Ouviu o matraquear de helicópteros, rajadas de armas automáticas.

— Por favor, deixe—nos partir — implorou Safia. — Você já tem a localização de Ubar.

Cassandra permanecia em silêncio na escuridão, toda a sua atenção centrada na porta e nas janelas. Safia não sabia se ela ouvira sequer o seu pedido.

Do outro lado da porta, chegou—lhes um som abafado.

Alguém se aproximava. Painter ou Kane?

Pelo limiar, uma sombra gigantesca passou, momentaneamente iluminada pela luz da lanterna solitária ainda abandonada no pátio.

Um camelo.

Uma visão surreal a atravessar vagarosamente o espaço, ensopado pela chuva. Na sua esteira, uma mulher surgiu no limiar, despida. Parecia tremular sob o brilho avermelhado dos fogos próximos.

— Você! — arquejou Cassandra.

Numa mão, a estranha segurava a mala prateada que continha o coração de ferro. Esta ficara no exterior da porta.

— Nem penses, cabra! — Cassandra disparou a sua pistola, dois tiros, bem perto do ouvido esquerdo de Safia.

Gritando pelo eco doloroso da detonação, Safia tombou para a frente, para

cima de um dos tapetes de oração. Rolou um pouco, na direcção do monte funerário.

Cassandra seguiu—a, ainda a disparar para a porta.

Safia içou—se, a sua cabeça a ressoar. O limiar estava de novo vazio. Relanceou de esguelha até Cassandra, que assumira a posição de atirador, ambas as pistolas apontadas à entrada aberta.

Safia viu a sua oportunidade. Agarrou a ponta do tapete de oração, que agora partilhava com Cassandra. Num movimento rápido, levantou—se, arrastando consigo o tapete.

Apanhada de surpresa, Cassandra vacilou, os pés fugindo—lhe debaixo.

Uma pistola disparou—se. Estuque despedaçou—se do tecto.

Enquanto Cassandra caía para trás, Safia mergulhou sobre o monte funerário e rolou em direcção à porta. Na entrada, lançou—se de cabeça pelo limiar. Outro disparo.

No ar, Safia sentiu um impacto no ombro, que a fez girar. Atingiu o chão e deslizou na lama. O ombro ardia—lhe. Ferido. Em pânico, reagindo por puro instinto, rolou para o lado, para longe da entrada. A chuva derramava—se sobre ela.

Contornou atabalhoadamente a esquina, forçando—se por uma sebe para chegar ao caminho estreito entre o túmulo e as ruínas da sala de orações. Quando procurava abrigo, uma mão surgiu da escuridão e agarrou—a por trás, tapando—lhe a boca, pisando—lhe os lábios.

20h39

Painter segurou Safia com força, colado a ela.

— Fique quieta — sussurrou—lhe ao ouvido, encostando—se à parede das ruínas. Ela estremeceu no seu aperto.

Ele escondera—se ali nos últimos minutos, a vigiar o pátio, procurando achar maneira de atrair Cassandra para fora. Mas a ex—parceira parecia entrincheirada, paciente, deixando que o resto da equipa fizesse o trabalho enquanto ela guardava a presa. Os projectores dos helicópteros a pairar cruzavam o pátio, mantendo—o imobilizado. Cassandra tinha—o vencido, de novo, em astúcia, dissimulando uma força aérea, provavelmente enviada de antemão.

Parecia tudo inútil.

Depois, um momento antes, vira um camelo caminhar vagarosamente por

entre a chuva, aparentemente indiferente ao tiroteio, movendo—se com firme determinação passando pelo seu esconderijo e desaparecendo na frente do túmulo. De seguida, disparos e Safia a precipitar—se para fora.

— Temos de chegar à parede de fundo do complexo — sussurrou ele, gesticulando em direcção ao caminho de terra. Um tiroteio intenso soava vindo da frente. Teriam de tentar a sua sorte pelas íngremes encostas na retaguarda, procurando encontrar abrigo. Ele afrouxou o aperto, mas ela continuou agarrada.

— Mantenha—se atrás de mim — instou ele.

Dando meia volta, Painter conduziu o caminho numa posição agachada na direcção das traseiras do túmulo. As sombras eram mais espessas aí. Ele mantinha uma aguda vigilância através dos seus óculos de visão nocturna, alerta e tenso. A pistola apontada em frente. Nada se movia. O mundo definia—se em gradações de verde. Se conseguissem chegar ao muro distante que rodeava o complexo...

Dando mais um passo, viu o caminho inundar—se de luz, cegando—o através das lentes, queimando—lhe o fundo das órbitas. Arrancou os óculos.

— Quieto.

Painter imobilizou—se. Um homem estava estendido no cimo do muro das ruínas. Segurava uma lanterna numa mão, uma pistola na outra, ambas apontadas a Painter.

— Nem um único gesto — avisou o homem.

— Kane — gemeu Safia atrás dele.

Painter praguejou em silêncio. O homem estivera deitado no cimo do muro. a espiá—los de cima, esperando que se deslocassem até à sua linha de mira.

— Largue a arma.

Painter não tinha escolha. Se recusasse, seria morto ali mesmo. Deixou a pistola escorregar—lhe dos dedos.

Uma nova voz ergueu—se nítida, vinda do início do caminho. Cassandra.

— Acabe com ele.

20h40

Omaha acocorou—se ao lado de Coral, depois desta verificar o corpo caído no chão. Barak cobria—os com a sua espingarda. Estavam escondidos no extremo do parque de estacionamento, esperando por uma oportunidade para atravessar o espaço aberto.

Agarrado à sua Desert Eagle, Omaha lutava por impedir que o coração lhe

saltasse para fora do peito. Parecia incapaz de inalar oxigénio suficiente. Um minuto antes, ouvira tiros de pistola vindos do interior do complexo.

Safia...

Adiante, o parque de estacionamento ainda era iluminado por poças flamejantes de combustível. Um par de helicópteros passou velozmente sobre as suas cabeças, as luzes de busca a cruzar—se num padrão mortífero. Ambos os lados pareciam instalados num impasse. Apenas disparos ocasionais quebravam a quietude.

— Vamos — disse Coral, erguendo—se, ainda protegida pelos ramos da figueira brava. Os seus olhos fíxavam—se nos céus. Ela vigiava um segundo par de helicópteros a varrer o terreno mais à frente. — Prepare—se para correr.

Omaha franziu o olhar — depois, viu a granada aninhada na mão dela, retirada do guarda morto a seus pés.

Ela retirou a cavilha e caminhou para o espaço aberto, toda a atenção concentrada nos céus. Puxou o braço para trás, inclinando—se sobre uma perna como um lançador de basebol. Manteve a posição por um instante.

— O que está a fazer? — perguntou Omaha.

— Física — respondeu ela. — Análise de vector, cálculo de tempo, ângulo de ascendência. — Lançou a granada com um violento sacão de todo o seu corpo.

Omaha perdeu—lhe imediatamente o rasto na escuridão.

— Corra! — Coral mergulhou em frente, na sequência do arremesso.

Antes que Omaha se conseguisse sequer mexer, a granada explodiu sobre a cabeça num clarão flamante, iluminando o baixo—ventre da nave de um só tripulante. O projector dançou descontrolado no momento da concussão. Estilhaços esventraram—lhe o bojo. Um deles terá atingido o tanque de combustível. O helicóptero explodiu num fulgor ígneo.

— Corra! — gritou de novo Coral, instando Omaha a mexer—se.

Barak já estava nos calcanhares de Coral.

Omaha correu. Detritos choveram à direita. Um fragmento do rotor atingiu o solo com uma pancada surda. Depois a carcaça flamejante esmagou—se na linha de árvores, vomitando torrentes de fogo e fumo negro.

Continuou a sua fuga através do espaço de estacionamento. Os outros helicópteros tinham voado para longe, dispersando—se como um bando de corvos assustados.

Mais à frente, Coral chegou ao SUV solitário. Precipitou—se para o lugar do condutor. Barak abriu a porta traseira, deixando o lugar do passageiro da frente a

Omaha.

No momento em que os seus dedos fechavam a porta, o motor do camião ganhou vida. Omaha mal abrira a porta, quando Coral meteu uma mudança e carregou no acelerador. O braço de Omaha foi arrancado. Ele teve de correr e saltar para dentro. Coral não tinha tempo para retardatários.

Omaha deixou—se cair no assento, quando explodiu uma rajada.

Agachou—se, mas o disparo não vinha do inimigo.

Do lugar traseiro, Barak tinha disparado contra o tejadilho. Usou um cotovelo para quebrar o vidro duplo do tecto de abrir, depois empurrou o corpo pela abertura juntamente com a espingarda. Começou imediatamente a disparar, enquanto Coral manobrava o volante, os pneus a guinchar na lama.

O veículo resvalou quando ela descreveu uma curva apertada na direcção do portão aberto de acesso ao complexo. As rodas atolaram—se. O SUV procurava mover—se.

Um novo helicóptero surgiu à vista, as lâminas num ângulo agudo. Disparos de arma automática brotaram do seu nariz, trepidando e cavando uma caleira na direcção do veículo atolado na lama. Iria cortá—los a meio.

Coral agarrou na alavanca, engatou a marcha atrás e carregou no acelerador. O SUV ganhou de novo tracção e arrancou para trás, no momento em que a guilhotina de balas atalhava a poucos milímetros do pára—choques.

Um segundo helicóptero mergulhou no seu encalço.

Barak abriu fogo. O projector do helicóptero despedaçou—se. Mas este continuou a avançar.

Ainda em marcha invertida, Coral fez girar o volante. O veículo resvalou na lama.

— Omaha, à sua esquerda!

Enquanto Barak estava ocupado com o helicóptero, um dos guardas resolvera aproveitar a desatenção. O homem ergueu—se com a espingarda ao ombro. Omaha firmou—se no assento. O SUV rodou para encarar o homem. Sem outra alternativa, Omaha disparou a sua Desert Eagle contra o pára—brisas. Largou mais dois tiros. O vidro duplo aguentou o embate, mas fracturou—se numa teia.

O guarda recuou procurando abrigo.

O SUV ganhou tracção na lama e acelerou pelo parque de estacionamento, ainda em inversão. Voltada para trás, Coral manobrava o veículo com perícia, na direcção do portão do complexo, avançando em recuo, perseguido pelos helicópteros.

— Agarrem—se!

20h44

Encurralada no caminho, Safia encontrava—se entre Painter e Cassandra. Adiante, Kane apontava a sua arma. Todos se imobilizaram por uns segundos, quando o helicóptero explodiu atrás deles.

— Acabe com ele — repetiu Cassandra, mantendo—se focada.

— Não! — Safia tentou contornar Painter, protegê—lo. Cada movimento queimava—lhe o ombro. Sangue escorria—lhe pelo braço. — Se o matarem não vos ajudarei! Nunca descobrirão o segredo de Ubar!

Painter reteve—a, protegendo—a de Kane. Cassandra abriu caminho pela sebe.

— Kane, dei—lhe uma ordem.

Safia relanceou entre os dois assaltantes armados. Vislumbrou uma mudança nas sombras atrás do homem. Algo se ergueu de uma posição agachada, partilhando a crista do muro. Olhos brilharam de um vermelho feral. Painter retesou—se a seu lado.

Com um rugido estridente, o leopardo atacou Kane. A pistola deste disparou. Safia sentiu o tiro assobiar—lhe ao ouvido e atingir o solo com um baque. Homem e fera tombaram do muro para a sala de orações do outro lado.

Painter baixou—se, agarrou o braço de Safia e rodou—a para trás de si, enquanto se voltava para Cassandra. Empunhava uma segunda pistola na mão livre. Disparou.

Cassandra saltou para trás, esmagando—se contra os arbustos. A bala falhou, roçando a esquina do túmulo. Ela desviou—se para o lado.

No espaço contíguo, erguiam—se bramidos — terríveis e agudos. Era impossível distinguir o homem do felino.

Balas ricochetearam nas paredes de arenito, enquanto Cassandra ripostava, mantendo—se baixa na esquina, disparando por entre os arbustos. Painter empurrou Safia contra a parede do túmulo, para fora da linha directa do fogo... pelo menos de momento.

— Tente chegar ao muro exterior — instou ele e impeliu—a pelo caminho.

— E você?

— Ela virá atrás de nós. A encosta é demasiado exposta. — Ele tencionava manter Cassandra à distância.

— Mas você...

— Caramba, vá! — Empurrou—a com mais força.

Safia seguiu pelo caminho aos tropeções. Quanto mais depressa chegasse a um sítio seguro, mais depressa Painter poderia fugir. Assim se justificava mentalmente. Mas parte dela sabia que corria simplesmente para salvar a sua pele. A cada passo, o ombro latejava—lhe, protestando contra a sua fuga cobarde. Contudo, continuava a avançar.

A troca de tiros persistia.

Nas ruínas próximas da sala de orações, tudo se tornara mortalmente silencioso, a sorte de Kane desconhecida. Mais disparos irromperam do parque de estacionamento. Um helicóptero dardejou num voo baixo, varrendo a chuva com o girar do seu rotor.

Chegando ao fim do caminho, Safia lançou—se pelos jardins encharcados na direcção do muro distante. Tinha apenas um metro e vinte de altura, mas com o ombro ferido receava nunca o conseguir transpor. O sangue ensopava—lhe a camisa.

De debaixo de um baobá, um camelo surgiu junto ao muro do fundo. Moveu—se na direcção dela. Parecia ser o mesmo camelo que cruzara a entrada do túmulo, mais cedo. De facto, tinha a mesma companhia: a mulher nua.

Só que agora seguia no dorso do camelo.

Safia não sabia se devia ou não confiar na desconhecida, mas se Cassandra disparara contra ela, então a mulher estaria do seu lado. O inimigo do meu inimigo...

A desconhecida ofereceu—lhe o braço, enquanto Safia se aproximava do muro — depois falou. Não em árabe ou inglês. Contudo, Safia entendeu—o — não porque estudara aquela língua, que estudara de facto, mas porque esta parecia traduzir—se naturalmente no seu cérebro.

— Bem—vinda irmã — disse a estranha em aramaico, a língua morta daquelas paragens. — A paz esteja contigo.

Safia estendeu a sua mão ao encontro da da mulher. Os dedos desta agarraram os dela, duros e fortes. Sentiu—se puxada para cima sem esforço. A dor lancetou—a, emanando do braço ferido. Um grito escapou—se—lhe. A escuridão reduziu—lhe a visão a um pequeno ponto.

— Paz — repetiu a mulher com suavidade.

Safía sentiu aquela palavra derramar—se por si, dentro de si, arrebatando consigo a dor e o mundo. Afundou—se e deslizou para longe.

20h47

Painter arrancou a rede da janela ao lado da sua cabeça. Era uma estrutura pouco sólida. Com as costas contra a parede do túmulo, disparou dois tiros, mantendo Cassandra à distância.

Usou a palma para fazer deslizar a janela. Felizmente, estava desbloqueada. Olhou de relance pelo caminho e viu Safia desaparecer na curva.

Baixando—se sobre um joelho, Painter disparou novo tiro, ejectou o carregador, agarrou num outro preso ao cinto e encaixou—o em posição.

Cassandra disparou de novo. A bala atingiu o muro junto à sua perna. Onde raio estava outro leopardo quando se precisava dele? Painter devolveu um tiro, depois guardou a arma no coldre. Com um segundo relancear, saltou, içou—se pela janela e tombou para o interior do túmulo de uma forma pouco digna.

Lá dentro, rolou para se pôr de pé. Os seus olhos discerniram um monte central amortalhado. Manteve—se junto à parede e circulou a sepultura, a pistola de novo na mão, apontada à porta. Passando pela janela do fundo, sentiu uma brisa húmida penetrar por ela.

Então foi por aqui que o sacana saiu.

Painter olhou pela janela, notando movimento no exterior.

Do outro lado do muro, um camelo afastava—se, dirigindo—se à vertente distante. Uma mulher despida encimava—o, aparentemente guiando—o com os joelhos. Nos seus braços, carregava uma outra mulher. Flácida, imóvel.

— Safia...

O camelo e a sua carga desapareceram de vista. Um par de leopardos ressaltou dos jardins escuros em direcção ao muro, depois desapareceu, na esteira do camelo.

Antes que se pudesse decidir a persegui—los, Painter ouviu um roçagar junto à porta. Uma sombra vestida atravessava—se à entrada.

— Isto ainda não acabou, Crowe! — gritou—lhe Cassandra. Painter mantinha a pistola apontada.

Um novo rugido chegou—lhe aos ouvidos. Um camião. A travar—lhe o caminho.

Foram disparados tiros. Reconheceu a réplica de uma Kalashnikov. Alguém do seu próprio grupo. A sombra de Cassandra eclipsou—se para fora de vista, recuando.

Painter precipitou—se para a porta, mantendo a arma em posição. Avistou um mapa largado no chão. Inclinou—se e amarfanhou—o num punho. Lá fora, no pátio, um dos Mitsubishi lançava—se pelos jardins, cavando sulcos

irregulares. Uma figura ressaltava do tecto de abrir. Um cano, apontado aos céus, reluziu. Barak.

Painter verificou o restante do pátio. Parecia vazio. Cassandra retirara—se para um abrigo, em desvantagem de força por um breve momento. Saiu para fora do túmulo e agitou o mapa amarrotado.

Avistando—o, o condutor do Mitsubishi virou abruptamente. O pára—choques traseiro partindo na sua direcção. Recuou de novo para o interior para evitar ser atingido. O SUV deslizou até se deter, raspando a tinta dos painéis laterais. A porta traseira aterrou rente ao túmulo.

Viu Coral no lugar do condutor.

— Entre! — gritou Barak.

Painter olhou para trás na direcção da janela de fundo do túmulo. Safia...

Quem quer que a tivesse levado, pelo menos afastara—se dali, para fora de perigo imediato. Teria de bastar pelo momento.

Voltando—se, agarrou o manipulo, mergulhou no interior e bateu violentamente a porta.

— Arranque! — gritou para a frente.

Coral engatou o SUV em primeira e o veículo lançou—se em velocidade.

Um par de helicópteros seguiu no seu encalço. Barak disparou contra eles a partir da sua posição de vantagem. O SUV precipitava—se em direcção ao portão aberto. Coral inclinava—se para diante para espreitar pelo pára—brisas estilhaçado.

Saíram velozmente do complexo, ressaltando sobre um sulco de lama, momentaneamente erguidos do chão, depois voltando a cravar—se. As rodas giraram, ganharam pressão e o SUV acelerou em direcção à estrada e à protecção da floresta densa.

Do lugar da frente, Omaha fitou—o, os olhos perdidos.

— Onde está Safia?

— Partiu. — Painter abanou a cabeça, sem pestanejar. — Ela partiu.

XV - ATRAVESSANDO A MONTANHA

4 de Dezembro, 00h18
Montanhas de Dhofar

Safía despertou da sonolência, com uma sensação de queda. Lançou os braços, o pânico a atormentar—lhe o corpo, tão familiar como o próprio fôlego.

A agonia lancetava—lhe o ombro.

— Calma, irmã — disse alguém ao seu ouvido. — Estou contigo. O mundo girou até focar, a noite escura. Estava apoiada contra um camelo deitado, que mastigava com indiferença. Uma mulher apareceu a seu lado, um braço sob o seu ombro não ferido, segurando—a.

— Onde...? — murmurou, mas os lábios pareciam grudados. Tentou mexer as pernas, mas não conseguiu. A memória voltou—lhe lentamente. A luta no túmulo. O som de tiros preenchia—lhe a mente. Fragmentos de imagens. Um rosto. Painter. Estremeceu nos braços da mulher. O que acontecera? Onde estava?

Finalmente, achou forças suficientes para se pôr de pé, apoiando—se pesadamente no camelo. Safia notou que o seu ombro fora grosseiramente enfaixado, envolto para abrandar o sangramento. Doía—lhe a cada movimento.

A mulher a seu lado, indistinta na escuridão, parecia ser a que a resgatara; só que agora envergava um manto do deserto.

— Ajuda vem a caminho — sussurrou a outra.

— Quem é você? — forçou—se a dizer, notando subitamente a frescura da noite. Encontrava—se numa espécie de gruta de floresta. A chuva parara, mas gotas continuavam a derramar—se do dossel que se estendia no alto. Palmeiras e tamarindos erguiam—se a toda a volta. Emaranhados de lianas e jasmins suspensos pendiam em redor, perfumando o ar.

A mulher manteve—se em silêncio. Apontou um braço.

Um fragmento de luz ígnea penetrou a selva mais adiante, cintilando intensamente por entre as cordas das trepadeiras. Alguém se aproximava, carregando uma tocha ou lanterna ao alto.

Safia sentiu um impulso de fugir, mas o seu corpo estava demasiado fraco para obedecer.

O braço que lhe rodeava o ombro cingiu—se, como se a mulher tivesse escutado o seu coração, mas não parecia tentar reter Safia, apenas tranquilizá—la.

Passados alguns instantes, os olhos de Safia aclimataram—se o suficiente à escuridão para reconhecer que a floresta imediatamente à sua frente escondia um penhasco rochoso de arenito, denso de plantas trepadoras e de pequenos arbustos. A luz que se aproximava provinha de um túnel na face do penhasco. Tais cavernas e passagens crivavam as Montanhas de Dhofar, formadas pelo gotejar das correntes da monção que se infiltravam pelo arenito.

Quando a luz alcançou a entrada do túnel, Safia vislumbrou três figuras: uma

mulher idosa, uma criança e uma segunda mulher jovem, que podia ser a gémea daquela que se encontrava a seu lado. Todas estavam identicamente vestidas com mantos do deserto, os capuzes puxados para trás.

Além disso, cada uma delas exibia uma ornamentação idêntica: uma tatuagem rubi junto ao canto exterior do olho esquerdo. Uma lágrima solitária.

Mesmo a criança que transportava a lamparina de óleo.

— Aquela que estava perdida — entoou a mulher a seu lado.

— Regressou a casa — disse a mais velha, apoiando—se num bordão. O seu cabelo era cinza, atado numa trança, mas o rosto, embora sulcado de linhas, emanava vitalidade.

Safia sentia dificuldade em fitar aqueles olhos, mas era igualmente impossível desviar—se deles.

— Bem—vinda — disse a mais velha, falando em inglês, afastando—se para o lado. Safia foi ajudada pela entrada, sustentada pela mulher. Uma vez aquela transposta, a criança conduziu, a lanterna empunhada ao alto. A mulher mais velha colocou—se atrás delas, martelando com o bordão no chão. A terceira mulher saiu do túnel e caminhou até ao camelo acocorado.

Safia foi conduzida para o interior.

Ninguém falou por vários passos.

Safia, assaltada por questões, não conseguiu segurar a língua por mais tempo.

— Quem são vocês? O que querem de mim? — A sua voz soou petulante mesmo aos seus próprios ouvidos.

— Fica em paz — sussurrou a mulher mais velha atrás de si. — Estás em segurança.

Por agora, acrescentou Safia em silêncio. Ela reparara na longa adaga presa ao cinto da mulher que deixara o túnel mais atrás.

— Todas as respostas serão dadas pela nossa hodja.

Safia sobressaltou—se. Uma hodja era um xamã tribal, sempre mulher. Quem era aquela gente? Enquanto prosseguia, sentiu um fio contínuo de jasmim no ar. O aroma acalmou—a, recordando—lhe o lar, a mãe, a segurança.

Contudo, a dor no ombro ferido mantinha—a focada. O sangue começara de novo a fluir, através da ligadura e pelo braço abaixo.

Ouviu um som abafado atrás de si. Relanceou sobre o ombro. A terceira mulher regressara. Transportava duas cargas, recolhidas do camelo. Numa mão carregava a mala prateada, agora amassada, que continha o coração de ferro. E no seu ombro, apoiava—se a lança de ferro com o busto da Rainha do Sabá.

Tinham roubado os dois artefactos de Cassandra. O coração de Safia bateu com mais força, a visão cerrando—se. Seriam ladrões? Teria sido salva ou raptada de novo? O túnel alongava—se para diante, continuando profundamente por debaixo da montanha. Passaram por túneis e cavernas laterais, encurvando para um e outro lado. Rapidamente perdeu o trilho. Para onde a levavam?

Finalmente, o ar pareceu refrescar, tornando—se mais forte, o aroma de jasmim mais rico. A passagem clareou adiante. Foi conduzida em frente. Um vento fluía pela garganta do túnel, vinda de avante.

Quando contornaram uma curva, o túnel desembocou numa ampla caverna. Safia entrou nela.

Não, não uma caverna, mas a grande concavidade de um anfiteatro, cuja cobertura, lá bem no alto, continha uma abertura para o céu. Água fluía pela abertura numa longa e gotejante cascata, caindo sobre um pequeno lago no fundo. Cinco pequenas fogueiras circundavam o lago, como as pontas de uma estrela, iluminando as trepadeiras floridas que engrinaldavam o espaço e pendiam em longos emaranhados a partir da cobertura, algumas atingindo a concavidade que se abria ao nível do chão.

Safia reconheceu a geologia. Tratava—se de um dos inúmeros fossos naturais que crivavam a região. Alguns dos mais profundos situavam—se em Oman. Safia arquejou.

Mais figuras de manto moviam—se ou sentavam—se ao longo da câmara. Cerca de trinta. Os rostos voltaram—se para ela quando o grupo entrou. A caverna iluminada lembrou a Safia a caverna dos ladrões da história de Ali Babá.

Só que estes quarenta ladrões eram todos mulheres.

De todas as idades.

Safia cambaleou para dentro do espaço, subitamente enfraquecida pela viagem, o sangue a escorrer—lhe quente pelo braço, o resto do corpo a tremer. Uma figura ergueu—se junto de uma das fogueiras.

— Safia?

Ela fixou o locutor. A mulher não estava vestida como as outras. Safia não conseguia entender a sua presença ali.

— Kara?

01h02

Base aérea de Thumrait, Oman

Cassandra debruçava—se sobre a mesa cartográfica na sala do capitão.

Usando um mapa da região traçado por satélite, ela recriara o mapa da curadora. Com um marcador azul Sharpie, desenhara uma linha desde o túmulo em Salalah até ao túmulo das montanhas e com um marcador vermelho, uma linha desde o túmulo de Job até ao deserto aberto. Circulara o destino a vermelho, a localização da cidade perdida.

A sua presente posição, a Base Aérea de Thumrait, ficava a menos de cinquenta quilómetros.

— Em quanto tempo consegue arranjar o material necessário? — perguntou.

O jovem capitão humedeceu os lábios. Ele era o chefe do depósito de Harvest Falcon, a fonte de abastecimento da USAF e de material de guerra para as suas bases e tropas na região. Segurava uma prancheta e assinalava artigos com um traço da sua esferográfica.

— Tendas, protecções, equipamento, rações, combustível, água, material médico e geradores já estão a ser carregados em helicópteros de transporte. Serão entregues no local às sete horas, conforme instruído.

Ela assentiu.

O homem mantinha o olhar carregado enquanto estudava o local de destino.

— Isto fica no meio do deserto. Refugiados afluem à base aérea a cada hora. Não vejo em que possa ajudar a colocação de um aquartelamento avançado naquele lugar.

Uma rajada de vento fez restolhar as placas de asfalto no topo do edifício.

— Estas são as suas ordens, capitão Garrison.

— Sim, senhor. — Mas os seus olhos pareciam pouco tranquilos, sobretudo quando olhou pela janela para a centena de homens vagueando em pequenos grupos, verificando armas, envergando uniformes pardos cor de areia, sem insígnia.

Cassandra deixou—o com as suas dúvidas, dirigindo—se para a porta. O capitão recebera as suas ordens, passadas através da cadeia de comando a partir de Washington. Ele devia ajudá—la no aprovisionamento da sua equipa. O comando da Guild orquestrara a história de cobertura. A equipa de Cassandra era uma unidade de busca e salvamento enviada para ajudar refugiados a fugir da tempestade de areia em aproximação e para ajudar em qualquer resgate durante a própria tempestade. Dispunham de cinco camiões de todo o terreno com pneus de areia gigantes, de um veículo M4 de dezoito toneladas de alta velocidade próprio para o deserto, de um par de helicópteros de transporte Huey e de seis veículos aéreos VTOL de um só ocupante, cada qual instalado e amarrado em segurança a camiões de caixa aberta com tracção às quatro rodas. A equipa

terrestre partiria dentro de meia hora. Ela acompanhá—los—ia.

Abandonando o comando do depósito de Harvest Falcon, Cassandra consultou o relógio. A tempestade de areia assolaria a região nas próximas oito horas. Chegavam relatórios de ventos atingindo os cento e trinta quilómetros por hora. Ali, no ponto em que as montanhas tocavam o deserto, os ventos já se intensificavam.

E eles encaminhavam—se para o centro da tempestade. Não tinham outra escolha. Informação chegara da Guild, indicação de que a fonte de antimatéria se poderia estar a destabilizar, de que se poderia autodestruir antes de ser descoberta. Tal não deveria acontecer. O plano de operações fora acelerado.

Cassandra perscrutou a base aérea obscurecida. Observou um pesado cargueiro VC10 britânico levantar do solo à distância, iluminado pelas luzes da pista. O comando da Guild enviara homens e equipamento adicional na véspera.! O Ministro coordenara pessoalmente com ela as operações após o combate da noite anterior. Tinha sido uma sorte ela ter sabido a localização da cidade perdida, antes de perder Safia. Com essa descoberta significativa, o Ministro ficara constrangidamente satisfeito com o seu desempenho. Ela não.

Visionou Painter agachado no caminho entre as ruínas e o túmulo. A agudeza do seu olhar, os sulcos de concentração, o modo como se movia agilmente, rodando sobre uma perna, varrendo o terreno com a arma. Devia tê—lo atingido nas costas quando tivera a oportunidade. Corria o risco de acertar em Safia, mas perdera a mulher de qualquer maneira. No entanto, Cassandra não disparara. Mesmo quando Painter se voltara para ela, detivera—se por uma fracção de segundo, recuando em lugar de investir em frente.

Cerrou um punho. Hesitara. Amaldiçoou—se tanto quanto amaldiçoou Painter. Não cometeria o mesmo erro pela segunda vez. Fitou para lá dos metros quadrados de pista alcatroada e gravilha. Viria ele?

Notara que ele lhe levara o mapa na fuga, juntamente com um dos veículos, o seu próprio camião. Encontraram—no abandonado e sem carga, enterrado na floresta a alguns quilómetros da estrada.

Mas Painter tinha o mapa. Ele viria sem dúvida.

Contudo, não antes de ela estar pronta para ele. Dispunha de força humana e de armamento para deter um exército no deserto. Ele que viesse. Não hesitaria uma segunda vez.

Uma figura surgiu de um pequeno anexo junto dos camiões estacionados, o seu centro de comando temporário. John Kane caminhou a passos largos na sua direcção, a sua perna esquerda imobilizada numa tala. Carregou o sobrolho,

enquanto coxeava até ela. O lado esquerdo do seu rosto estava suturado com cola cirúrgica, conferindo às suas feições um tinto azulado. Sob a cola, marcas de garras rasgavam—lhe a face e o pescoço, enegrecidos do iodo. Os olhos reluziam mais do que o normal à luz das lâmpadas de sódio. Uma leve névoa de morfina.

Recusou—se a ser deixado para trás.

— A limpeza foi concluída há uma hora atrás — disse, guardando de novo o rádio — Todo o material foi retirado.

Ela assentiu. Todas as provas do seu envolvimento no tiroteio no túmulo tinham sido eliminadas: corpos, armas, mesmo os destroços do VTOL.

— Alguma informação sobre o grupo de Crowe?

— Eclipsados nas montanhas. Dispersos. Há estradas secundárias e trilhos de camelos por todo o terreno montanhoso. E densas manchas de floresta nos vales profundos. Ele e aqueles ratos das areias encolheram as suas caudas e esconderam—se.

Cassandra não esperara outra coisa. O tiroteio deixara a sua equipa com força humana limitada para uma perseguição e busca apropriadas. Tinham de tratar dos seus próprios feridos e limpar o local, antes que as autoridades locais reagissem ao feroz ataque. Ela abandonara o terreno no primeiro voo, contactando o comando de operação da Guild, minimizando o caos, realçando a descoberta da verdadeira localização de Ubar.

A informação salvara—lhe a pele.

E sabia a quem o devia.

— E a curadora do museu? — perguntou ela.

— Tenho homens a patrulhar as montanhas. Ainda não há vestígios do sinal. Cassandra franziu o olhar. O microtransmissor implantado na mulher tinha um alcance de dezasseis quilómetros. Como era possível que não tivessem apanhado o seu sinal? Talvez interferência da tempestade. Fosse como fosse, ela acabaria por se expor. Seria encontrada.

Cassandra visionou a pequena esfera de C4 incorporada no transmissor. Safia podia ter escapado... mas já estava morta.

— Vamos avançar — disse ela.

01h52
Montanhas de Dhofar

— Linda menina, Saff — murmurou Omaha.

Painter mexeu—se no seu posto junto à estrada. O que descobrira o homem? Com os seus óculos de visão nocturna, estivera a vigiar a estrada de terra. A Eurovam Volkswagen estava parada sob uma fileira de árvores.

Omaha e os outros reuniam—se nas traseiras da carrinha, a porta de trás aberta. Omaha e Danny debruçavam—se sobre o mapa que ele roubara do túmulo.

Ao lado deles, Coral fazia o inventário dos abastecimentos, furtados do SUV de Cassandra.

Na descida a partir do túmulo, tinham—se deparado com Clay e Danny, desesperados com o desaparecimento de Kara. Eles tinham encontrado a espingarda dela na estrada, mas nenhum sinal da mulher. Tinham chamado e voltado a chamar, sem obter resposta. E com Cassandra no seu encalço e os helicópteros no ar, não podiam esperar muito. Enquanto Painter e Omaha procuraram Kara, os outros carregaram apressadamente todos os abastecimentos do SUV na Eurovan, depois empurraram o SUV por uma encosta abaixo. Painter receava que Cassandra os localizasse com o GPS, tal como ele fizera.

Além de que a Eurovan lhe era desconhecida. Uma pequena vantagem. Assim, partiram, esperando que Kara se mantivesse escondida. Painter percorria agora a estrada a pé, menos seguro quanto à decisão. Não tinham encontrado nenhum corpo. Onde teria ido Kara? Teria o seu desaparecimento alguma coisa a ver com a supressão da droga? Inspirou fundo. Talvez tivesse sido melhor. Longe deles, Kara poderia ter mais hipóteses de sobreviver. Contudo, Painter estava inquieto.

Mais longe, Barak partilhava um cigarro com Clay, os dois homens contrastando em estatura, aspecto e filosofia, unidos pela atracção do tabaco. Barak conhecia as montanhas e conduzira—os por uma série de estradas de sulcos marcados, bem camuflados. Seguiam com os faróis desligados, à velocidade permitida pela segurança, parando por vezes quando se ouvia o som de aproximação dos helicópteros.

Eram, agora, apenas seis: ele e Coral, Omaha e Danny, Barak e Clay. A sorte do Capitão al—Haffi e de Sharif permanecia desconhecida, tendo dispersado juntamente com os Bait Kathir. Apenas podiam esperar pelo melhor.

Após três horas de viagem atormentada, tinham parado para descansar, reorganizar o grupo, planear o que fazer a seguir. Tudo o que tinham para se guiar a partir dali, eram as marcas a tinta sobre o mapa.

Junto à carrinha, Omaha destorceu um nó na sua coluna com um estalido que se ouviu na estrada.

— Ela enganou a megera.

Com o vale da montanha silencioso e escuro, Painter caminhou ao encontro dos outros.

— De que está a falar?

Omaha gesticulou na sua direcção.

— Venha ver isto. Painter juntou—se—lhe. Pelo menos, a beligerância de Omaha em relação a si tinha diminuído. Pelo caminho, Painter relatara a sua história dos leopardos, do tiroteio, da intervenção da estranha mulher. Omaha pareceu finalmente aquietar—se na convicção de que desde que Safia estivesse longe de Cassandra, isso era uma melhoria.

Omaha apontou para o mapa.

— Veja estas linhas. A azul conduz claramente do túmulo de Salalah ao túmulo de Job aqui nas montanhas. Safia deve ter encontrado alguma pista no primeiro túmulo que conduzia ao segundo. Painter anuiu.

— Certo e a linha vermelha?

— Safia deve ter encontrado também alguma pista no túmulo de Job.

— O poste de metal com o busto?

— Suponho que sim. Não interessa. Veja aqui. Ela marcou um círculo ao longo desta linha vermelha. No deserto. Como se fosse o próximo lugar para onde seguir.

— A localização de Ubar. — Painter sentiu uma sensação de náusea, de afundamento. Se Cassandra já a conhecia...

— Não, não é a localização — disse Danny. Omaha assentiu.

— Fiz as medições. O círculo está marcado a sessenta e nove milhas do túmulo de Job, ao longo da linha vermelha.

Painter informara—os de todos os pormenores, incluindo o de ter ouvido o homem gritar o número de sessenta e nove, significando algo ao longo do poste.

— O que equivale ao número que eu ouvi — disse Painter.

— Mas indica milhas — disse Omaha. — As nossas milhas.

— E então?

Omaha lançou—lhe um olhar como se fosse óbvio.

— Se aquele artefacto encontrado no túmulo de Job datava da mesma era do coração de ferro — e porque não? —, então remonta a cerca de 200 a. C.

— Certo — disse Painter, aceitando o facto.

— Naquela altura, a milha era definida pelos Romanos. Era calculada como indicando cinco mil pés romanos. E um pé romano representava apenas onze polegadas e meia. Safia sabia—o! Ela deixou que Cassandra acreditasse que se

tratava de milhas modernas. Enviou a megera numa busca inútil.

— Então qual é a distância real? — perguntou Painter, aproximando—se do mapa.

A seu lado, Omaha mastigava a ponta do polegar, claramente fazendo um cálculo mental. Após um instante, falou.

— Sessenta e nove milhas romanas equivalem a pouco mais de sessenta e três milhas modernas.

— Está certo — disse Coral. Ela fizera os seus próprios cálculos.

— Então Safia enviou Cassandra seis milhas para lá da verdadeira localização. — Painter franziu o sobrolho. — Não é muito longe.

— No deserto — contrapôs Omaha —, seis milhas equivalem a seiscentas. Painter não reprimiu o orgulho do homem em Safia, mas sabia que o estratagema não iludiria Cassandra por muito tempo. Assim que percebesse que não havia nada na localização falsa, começaria a indagar. Alguém resolveria o mistério. Painter estimou que o estratagema de Safia lhes conseguiria um dia ou dois de vantagem.

— Então, no mapa, onde fica a verdadeira localização? — perguntou Painter. Omaha balanceou a cabeça, excitado.

— Vamos descobrir. — Rapidamente ajustou as suas cordas e pinos, medindo e verificando. Um sulco desenhou—se na sua fronte. — Não faz sentido. – Colocou um pino no mapa.

Painter debruçou—se e leu o nome assinalado.

— Shisur.

Omaha abanou a cabeça, o desânimo na sua voz.

— Foi uma busca inútil, todo o tempo.

— O que quer dizer?

Omaha continuou a olhar o mapa de semblante franzido, como se fosse uma maldição.

Danny respondeu por ele.

— Shisur foi onde foram descobertas originalmente as ruínas de Ubar. Em 1992, por Nicolas Clapp e outros. — Danny relanceou Painter. — Não há aí nada. Todas estas voltas conduzem simplesmente a um lugar que já foi descoberto e explorado.

Painter não o podia aceitar.

— Tem de haver alguma coisa. Omaha lançou um punho ao mapa.

— Eu próprio estive lá. É um beco sem saída. Todo este perigo e derramamento de sangue... para nada!

— Tem de haver alguma coisa que tenha escapado a todos — insistiu Painter. — Todos pensaram que os túmulos onde estivemos tinham sido rigorosamente examinados, mas em poucos dias foram feitas novas descobertas.

— Descobertas feitas por Safia — disse Omaha, com azedume. Ninguém falou por um longo momento.

Painter centrava—se nas palavras de Omaha. Lentamente, a compreensão despontou.

— Ela irá até lá.

Omaha voltou—se para ele.

— De que está a falar?

— Safia. Ela mentiu a Cassandra para a impedir de chegar a Ubar. Mas, como nós, ela sabe onde conduzem verdadeiramente as pistas.

— A Shisur. Às velhas ruínas.

— Exactamente. Omaha carregou o olhar.

— Mas tal como dissemos, não há aí nada.

— E como você disse, Safia descobriu pistas que não tinham sido encontradas. Ela pensará poder fazer o mesmo em Ubar. Ela irá até lá, simplesmente impedir que Cassandra deite a mão ao que quer que seja. Omaha inspirou contrariado.

— Tem razão.

— Isso, se lhe for permitido ir até lá — disse Coral, ao lado. — E a mulher que a levou? A dos leopardos.

Barak respondeu—lhe, a voz um tanto embaraçada.

— Ouvi histórias de tais mulheres, contadas em torno de fogueiras no deserto. Contadas entre todas as tribos das areias. Mais djinn do que reais. Capazes de comunicar com os animais. Que desaparecem por ordem sua.

— Pois sim — disse Omaha.

— Havia de facto algo de estranho naquela mulher — reconheceu Painter. — E acho que não é a primeira vez que a encontramos.

— O que quer dizer? Painter acenou a Omaha.

— Os seus raptores. Em Muscat. Foi uma mulher que viu no mercado.

— O quê? Pensa que é a mesma mulher? Painter encolheu os ombros.

— Ou talvez uma mulher do mesmo grupo. Há outra parte envolvida em tudo isto. Sei que há. Não sei se são as mulheres guerreiras de Barak ou simplesmente um grupo procurando incriminá—las. Seja como for, levaram Safia por alguma razão. De facto, podem ter tentado raptá—lo, Omaha, pela afeição de Safia por si. Para o usar como pressão.

— Pressão para quê?

— Para obrigar Safia a cooperar. Vislumbrei igualmente a mala prateada no dorso do camelo. Porquê levar o artefacto a menos que exista uma boa razão? Tudo aponta para Ubar.

Omaha ponderou nas suas palavras, acenando.

— Então, é para lá que vamos. Com a sacana distraída, esperaremos e veremos se Safia aparece.

— E entretanto exploramos o local — disse Coral. Ela gesticulou na direcção do equipamento emalado. — Há ali uma unidade de radar de penetração do solo, apropriada para pesquisar debaixo da areia. E dispomos de uma caixa de granadas, espingardas adicionais e isto que não sei o que é. — Ela empunhava uma arma que parecia uma espingarda com uma extremidade bojuda. Pelo brilho dos seus olhos, estava desesperada por experimentá—la.

Todos se voltaram para Painter, como que aguardando o seu assentimento.

— É claro que vamos — disse ele.

Omaha deu—lhe uma palmada nas costas.

— Finalmente concordamos em alguma coisa.

01h55

Safia abraçou Kara.

— O que fazes aqui?

— Não sei bem. — Kara tremia no seu abraço. A sua pele parecia húmida, pegajosa. — Os outros? Vi Painter... mas e Omaha, o irmão dele...?

— Pelo que sei estão todos bem. Mas eu estava afastada do tiroteio.

Safia teve de se sentar, as pernas fracas, os joelhos flácidos. A caverna dançou um pouco à sua volta. O gotejar da cascata pela abertura do tecto soava como campainhas de prata. A luz rubra das cinco fogueiras encadeou—lhe a visão.

Deixou—se cair num cobertor amontoado junto ao fogo. Não conseguia sentir o calor das chamas.

Kara acompanhou—lhe a queda.

— O teu ombro! Estás a sangrar!

Um tiro. Safia não sabia se o dissera em voz alta.

Três mulheres aproximaram—se, os braços carregados. Transportavam uma bacia a fumegar, roupas dobradas, um braseiro tapado e, curiosamente deslocada, uma caixa de primeiros socorros com uma cruz vermelha. Uma mulher de idade,

não a mesma que a conduzira até ali, seguia—as com um longo bordão, ígnea à luz da fogueira. Era velha, os ombros recurvados, o cabelo branco mas elegantemente penteado e apanhado numa trança acima das orelhas. Rubis adornavam—lhe os lóbulos, a condizer com a tatuagem da lágrima.

— Deita—te, minha filha — entoou a velha mulher. De novo, inglês. — Vamos ver os teus ferimentos.

Safia não tinha energia para resistir, mas Kara escoltava—a. Tinha de confiar que a amiga a protegeria se necessário.

A camisa de Safia foi—lhe despida. A ligadura ensanguentada foi então humedecida com uma cataplasma de aloé e menta e lentamente retirada. Parecia que lhe arrancavam a pele do ombro. Arquejou e a visão turvou—se—lhe.

— Estão a magoá—la — alertou Kara.

Uma das três mulheres ajoelhara—se e abrira a caixa de primeiros socorros.!

— Tenho uma ampola de morfina, hodja.

— Deixa—me ver a ferida. — A idosa inclinou—se, suportada pelo bordão. Safia moveu—se para deixar o ombro a descoberto.

— A bala entrou e saiu. Limpo. Óptimo. Não será preciso operar. Chá de mirra adoçado aliviar—lhe—á a dor. E dois comprimidos de Tylenol com codeína. Líguem—lhe a alimentação intravenosa ao braço são. Administrem—lhe um litro de LRS aquecido.

— E a ferida? — perguntou a outra mulher.

— Vamos cauterizar, enfaixar e ligar o ombro, depois imobilizar o braço.

— Sim, hodja.

Sustiveram Safia. A terceira mulher encheu uma caneca de chá fumegante e estendeu—a a Kara.

— Ajude—a a beber. Vai dar—lhe forças.

Kara obedeceu, aceitando a caneca com ambas as mãos.

— É melhor beberes também um pouco — disse a anciã a Kara. — Para aclarar a tua mente.

— Duvido que seja suficientemente forte.

— A dúvida de nada te serve, aqui.

Kara sorveu um trago de chá, esboçou um esgar, depois ofereceu—o a Safia.

— Bebe. Estás uma lástima.

Safia deixou que um pouco lhe fosse escorrido por entre os lábios. O calor fluiu até ao poço de gelo que era o seu estômago. Aceitou mais um pouco. Estenderam—lhe dois comprimidos.

— Para a dor — sussurrou a mais nova das três mulheres. Pareciam todas

irmãs, separadas por poucos anos.

— Toma—os, Saffie — instou Kara. — Ou tomo—os eu própria.

Safia abriu a boca, aceitou a medicação e engoliu—a com um pouco mais de chá.

— Agora, deita—te enquanto tratamos dos teus ferimentos — disse a hodja. Safia sucumbiu nos cobertores, agora mais quente.

A hodja baixou—se lentamente até ao cobertor junto a ela, movendo—se com uma graça que desmentia a sua idade. Pousou o bordão sobre os joelhos.

— Descansa, minha filha. Fica em paz. — Colocou uma mão sobre a mão de Safia.

Uma suave sensação indistinta ondulou por ela, dissipando toda a dor do seu corpo, deixando—a a flutuar. Safia sentiu o aroma de jasmim que envolvia toda a caverna.

— Quem... quem são vocês? — perguntou Safia.

— Nós somos a tua mãe, minha querida.

Safia estremeceu, recusando a possibilidade, ofendida. A sua mãe estava morta. Aquela mulher era demasiado velha. Devia estar a falar metaforicamente. Antes que pudesse argumentar, toda a visão se dissolveu. Apenas umas poucas palavras a seguiram.

— Todas nós. Somos todas a tua mãe.

02h32

Kara observou o grupo de mulheres tratar de Safia, enquanto a amiga descansava sobre os cobertores. Foi—lhe inserido um cateter numa veia da mão direita, que foi ligado a um saco de soro para administração intravenosa, seguro por uma das enfermeiras de Safia. As outras duas lavaram e desinfectaram a ferida de bala no ombro de Safia. O ferimento era menor que uma moeda. Um pó cicatrizante foi generosamente espalhado sobre a área, que foi depois pincelada com tintim de iodo, coberta com uma gaze de algodão e experientemente enfaixada. Safia agitou—se ligeiramente, mas permaneceu adormecida.

— Certifiquem—se de que mantém o braço ligado ao peito — disse a anciã, supervisionando o trabalho das outras. — Quando acordar, façam—na beber uma chávena de chá.

A hodja ergueu o bordão, escorou—o no chão e içou—se. Encarou Kara.

— Vem. Deixa as minhas filhas tratarem da tua irmã.

— Não a vou deixar. — Kara chegou—se mais perto de Safia.

— Ela será bem tratada. Vem. É tempo de encontrares o que procuras.

— De que está a falar?

— Respostas para a tua vida. Vem ou fica. Não me importa. — A velha mulher afastou—se a martelar o seu bordão. — Não vou discutir contigo.

Kara relanceou Safia, depois a anciã. Respostas para a tua vida. Kara ergueu —se lentamente.

— Se alguma coisa acontecer... — Mas não sabia quem estava a ameaçar. As enfermeiras pareciam cuidar bem da amiga.

Com um sacudir de cabeça, Kara partiu atrás da hodja.

— Onde vamos?

Ignorando Kara, a hodja continuou. Deixaram a cascata e as fogueiras para trás e atravessaram para a escuridão mais profunda que orlava a caverna.

Kara fitava em redor. Ela mal se recordava de entrar na caverna. Tivera consciência disso, mas era como se se movesse numa névoa agradável, arrastando—se atrás de uma velha mulher identicamente vestida. Depois de deixar a carrinha, tinham caminhado por mais de uma hora, através de uma floresta sombria, até um antigo poço seco, acedido por uma estreita fenda na rocha. Tinham espiralado por uma vertente de montanha abaixo, caminhando por algum tempo. Uma vez chegadas àquela caverna, Kara fora abandonada junto à fogueira, mandada esperar, a névoa dissipando—se. Com a dissipação, a enxaqueca, os tremores e a náusea tinham regressado como um manto de chumbo. Mal se sentia capaz de mover, muito menos de encontrar o caminho por aquele pulular de túneis. As questões que colocara ficaram sem resposta. E eram muitas.

Fitou as costas da mulher agora à sua frente. Quem eram aquelas mulheres? O que queriam dela e de Safia?

Chegaram a uma abertura de túnel na parede. Uma criança aguardava à entrada, segurando uma lamparina de óleo prateada, como algo que se esfregaria para invocar um génio. Uma minúscula chama lambia a ponta da lamparina.

A rapariga, de não mais de oito anos, envergava um manto do deserto que parecia demasiado grande para ela, a bainha enrugando—se—lhe ligeiramente nos dedos dos pés. Os seus olhos eram imensos sobre Kara, como se fitasse um ser alienígena. Mas não havia medo, apenas curiosidade. A hodja fez sinal à criança para avançar.

— Vai, Yaqut.

A criança voltou—se e arrastou—se para diante pelo túnel. Yaqut designava

rubi» em árabe. Era a primeira vez que ouvia um nome ser falado ali. Fitou a hodja a seu lado.

— Qual é o seu nome?

A velha mulher relanceou—a, finalmente. Uns olhos verdes cintilaram intensamente à luz da lamparina.

— Chamam—me muitos nomes, mas aquele que me foi dado é Lu'lu. Creio que na tua língua significa «pérola».

Kara anuiu.

— Todas as mulheres têm nome de jóia?

Não houve resposta, enquanto continuavam a caminhar atrás da criança em silêncio, mas Kara pressentiu o assentimento da mulher. Na tradição árabe, tais nomes de jóia eram dados a uma única casta de pessoas.

Escravos.

Porque escolhiam aquelas mulheres tais nomes? Pareciam certamente mais livres que a maioria das mulheres árabes.

A criança virou do túnel para uma câmara de arenito. Era fria, as paredes húmidas, cintilando à luz da lamparina. Um tapete de oração jazia no chão da caverna, amortecido por uma cama de palha. Atrás daquele, erguia—se um altar baixo de pedra negra.

Kara sentiu um calafrio de medo gelá—la. Porque a tinham levado até ali?

Yaqut caminhou até ao altar, circundou—o e inclinou—se para fora de vista.

Subitamente chamas crepitaram mais intensas por detrás do altar. Yaqut usara a sua lamparina de óleo para atear uma pequena pilha de lenha. Kara sentiu o aroma do incenso e de querosene emanados da pilha, aromatizada e oleada para mais fácil combustão. O querosene ardeu rapidamente, deixando apenas a doce fragrância do incenso.

A medida que as chamas lambiam mais alto, Kara percebeu o seu erro. O altar obscuro não era opaco, mas cristalino, como um pedaço de obsidiana negra, só que mais translúcido. O brilho das chamas entrevia—se por entre a pedra.

— Vem — entoou Lu'lu, conduzindo Kara até ao tapete de oração. — Ajoelha.

Kara, exausta pela falta de sono e trémula pela corrente de adrenalina produzida pelo seu corpo, ambas natural e artificialmente induzidas, afundou—se agradecida no tapete macio.

A hodja postou—se atrás dela.

— Isto foi aquilo porque vieste tão longe e que durante tanto tempo procuraste encontrar. — Ela apontou o bordão na direcção do altar.

Kara fitou o bloco de pedra translúcida. Os seus olhos cresceram enquanto a pilha de lenha ardia por detrás do altar, reluzindo através daquela.

Não pedra opaca... vidro tosco.

As chamas iluminaram o interior, clareando o centro do bloco de vidro. Em seu interior, embebida como uma mosca no âmbar, jazia uma figura, claramente humana, enegrecida até aos ossos, as pernas recurvadas em posição fetal, mas os braços estendidos em agonia. Kara vira uma figura similarmente atingida. Nas ruínas de Pompeia. Uma forma tornada pedra, sepultada e petrificada sob as cinzas incandescentes da antiga erupção do Vesúvio. A mesma postura de morte torturada.

Mas pior que tudo, Kara sabia porque fora trazida ali, porque lhe fora mostrado aquilo.

Respostas para a sua vida.

Tombou sobre as mãos no tapete, o seu corpo subitamente demasiado pesado. Não... Lágrimas brotaram—lhe dos olhos. Ela sabia quem jazia sepultado no coração do vidro, preservado em agonia.

Um grito escapou—se—lhe, arrancando violentamente tudo do seu corpo: força, visão, esperança, mesmo vontade de viver, deixando—a vazia.

— Papá...

03h12

Safia despertou para a música e o calor. Estava estendida num cobertor macio, instantaneamente desperta, mas prolongou um pouco o langor. Escutou as cordas suavemente dedilhadas de um alaúde, acompanhadas pelo manso sibilar de um instrumento de cana, obsidiante e triste. O fogo dançava pelo tecto em cima, pintando os drapeados de caules e flores. O gotejar da água adicionava o seu contraponto à música.

Ela sabia onde estava. Não foi um lento despertar de volta ao presente, apenas um vago enevoar do espírito devido à codeína ingerida. Ouviu vozes falando em tom baixo, ocasionais fragmentos de riso, uma criança a brincar.

Lentamente, sentou—se, arrancando um queixume descontente do seu ombro. Mas a dor era incomodativa, mais um desconforto profundo do que um padecimento agudo. Sentia—se invulgarmente descansada. Verificou o relógio. Dormira apenas pouco mais de uma hora, mas era como se tivesse dormido dois dias. Sentia—se relaxada e repousada.

Uma jovem mulher caminhou na sua direcção, ajoelhando, uma caneca

quente entre as suas mãos.

— A hodja quer que beba isto.

Safia aceitou o chá com o braço são. O outro estava ligado numa tala sobre seu peito. Sorveu—o grata e notou uma ausência conspícua.

— Kara? A minha amiga?

— Quando terminar o seu chá, devo levá—la à hodja. Ela aguarda—a com a sua irmã.

Safia assentiu. Bebeu o chá o mais rápido que a sua temperatura fumegante o permitia. A doce bebida aqueceu—a. Pousou a caneca no chão e tentou pôr—se de pé.

A acompanhante ofereceu—lhe uma mão em ajuda, mas Safia declinou, sentindo—se suficientemente estável.

— Por aqui.

Safia foi conduzida até ao lado distante da caverna natural e por um outro túnel. Com uma lanterna numa das mãos, a sua guia encaminhava—a com segurança pelo labirinto de passagens.

Safia interpelou a guia.

— Quem são vocês?

— Somos Rahim — respondeu ela, rígida.

Safia traduziu. Rahim era o termo árabe para «ventre». Seriam uma tribo beduína de mulheres, amazonas do deserto? Ponderou no nome. Continha igualmente um fundo de divindade, de renascimento e continuidade.

Quem eram aquelas mulheres?

Uma luz surgiu adiante, reluzindo de uma caverna adjacente.

A acompanhante deteve—se a alguns passos de distância e acenou a Safia para avançar.

Prosseguiu, sentindo pela primeira vez desde que acordara um formigueiro de desconforto. O ar parecia mais espesso, difícil de respirar. Concentrou—se em inspirar e expirar, ultrapassando o momento de ansiedade. Enquanto se aproximava, escutou um soluçar, sentido, despedaçado.

Kara...

Safia pôs de lado os seus medos e apressou—se para dentro da caverna. Encontrou Kara caída num tapete. A hodja ajoelhava—se a seu lado, amparando Kara. Os olhos verdes da anciã encontraram os de Safia.

Safia precipitou—se para elas.

— Kara, o que se passa?

Kara ergueu o rosto, os olhos inchados, as faces húmidas. Estava incapaz de

Proferir palavras. Apontou um braço na direcção de uma grande pedra com um fogo por trás. Safia reconheceu o fragmento como vidro escoriáceo, areia fundida e endurecida. Ela encontrara tais fragmentos em torno de zonas atingidas por relâmpagos. Aqueles eram reverenciados por povos antigos, usados como jóias, objectos sagrados, pedras de oração.

Não compreendeu até vislumbrar a figura no interior do vidro.

— Oh, não... Kara crocitou — É... é o meu pai.

— Oh, Kara. — Lágrimas acumularam—se nos olhos de Safia. Ajoelhou—se do outro lado de Kara. Reginald Kensington fora como um pai para Safia também. Ela entendeu a dor da amiga, mas a confusão penetrava—a.

— Como? Porquê...?

Kara olhou de relance para a velha mulher, demasiado abatida para falar. A hodja acariciou a mão de Kara.

— Como já expliquei à tua amiga, Lord Kensington não é desconhecido do nosso povo. A sua história conduz aqui, tal como a vossa história. Ele penetrou nas areias proibidas no dia em que morreu. Ele fora avisado, mas escolheu ignorá—lo. E não foi o acaso que o levou àquelas areias. Ele procurava Ubar, tal como a filha. Ele sabia que essas mesmas areias se encontravam junto do coração da cidade e não se conseguiu manter afastado.

— O que lhe aconteceu?

— Pisar as areias em torno de Ubar é incorrer na ira de um poder que permaneceu oculto durante milénios. Um poder e lugar que nós, mulheres, guardamos. Ele ouviu falar do lugar, foi atraído para lá. Foi a sua perdição.

Kara sentou—se, claramente já tendo escutado tudo aquilo.

— Que poder é esse? A hodja abanou a cabeça.

— Isso não sabemos. Os Portões de Ubar foram—nos fechados há dois milénios. O que fica para lá desses portões perdeu—se no tempo. Nós somos Rahim, as últimas guardiãs. O conhecimento passou oralmente, de uma geração a outra, mas dois segredos não mais foram proferidos depois que Ubar foi destruída, nunca foram transmitidos à nossa linhagem pela rainha sobrevivente de Ubar. Tão grande foi a tragédia que ela selou a cidade e com a sua morte, morreram esses dois segredos: onde se escondem as chaves para os portões da cidade e que poder se esconde sob a areia, no coração de Ubar.

Cada palavra proferida pela velha mulher ateava mil perguntas no espírito de Safia. Os Portões de Ubar. As últimas guardiãs. O coração da cidade perdida. Chaves escondidas. Mas uma suspeita despontou em si.

— As chaves... — murmurou. — O coração de ferro. A hodja assentiu.

— Para conduzir ao coração de Ubar.

— E a lança com o busto de Biliqis, a Rainha do Sabá. A anciã inclinou a cabeça.

— Ela que foi a mãe de todas nós. A primeira da casa real de Ubar. É mais do que justo que adorne a segunda chave.

Safia reviu a história conhecida de Ubar. A cidade tinha de facto sido fundada por volta de 900 a. C, o mesmo período em que viveu a histórica Rainha do Sabá. Ubar prosperou até que o colapso de um fosso natural destruiu a cidade por volta de 300 d. C. Fora um longo reinado. Mas a existência da casa governante estava bem documentada.

Safia questionou o facto.

— Pensei que o Rei Shaddad tivesse sido o primeiro governante de Ubar, o bisneto de Noé. — Havia mesmo um clã recluso de beduínos, os Shahra, que alegavam ser descendentes desse mesmo rei. A velha mulher abanou a cabeça.

— A linhagem de Shaddad é de meros administradores. A linhagem de Biliqis é a dos verdadeiros governantes, um segredo oculto de todos, menos dos mais confiáveis. Ubar entregou os seus poderes à rainha, escolheu—a, permitiu —lhe gerar uma linhagem forte e sólida. Uma linhagem que se prolonga até hoje.

Safia recordou o rosto do busto. As jovens mulheres ali presentes apresentavam uma semelhança impressionante. Poderia tal linhagem permanecer pura por mais de dois milénios?

Safia abanou a cabeça, incrédula.

— Está a dizer que a sua tribo consegue traçar a sua linhagem até à Rainha de Sabá?

A hodja inclinou a cabeça.

— É mais do que isso... bastante mais. — Ergueu os olhos. — Nós somos a Rainha do Sabá.

03h28

Kara sentiu—se agoniada, nauseada — mas não da supressão da droga. De facto, desde a sua chegada àquelas cavernas, sentia—se menos perturbada, as tremuras gradualmente cedendo, como se a sua cabeça tivesse sido remexida. Mas aquilo que a atormentava agora era mil vezes pior que a falta de anfetaminas. Sentia—se esmagada, desolada, consumida, devastada. Toda aquela conversa de cidades secretas, poderes misteriosos, linhagens antigas, nada

significava para ela. Os seus olhos fitavam os restos mortais do pai, a sua boca paralisada num ricto de agonia.

As palavras da hodja tinham—lhe bloqueado a mente.

Ele procurara Ubar, tal como a filha.

Kara recordou o dia da morte do pai, a caçada no seu décimo sexto aniversário. Ela sempre se perguntara porque tinham viajado até àquela secção afastada do deserto. Havia boa caça bastante mais próximo de Muscat, porquê viajar até à Base Aérea de Thumrait, percorrer as areias em Rovers, depois iniciar a perseguição em motociclos? Teria ele usado o seu aniversário como pretexto para explorar aquelas areias?

A raiva cresceu—lhe no peito, irradiando dela como as chamas por detrás do fragmento de vidro. Mas não tinha foco. Estava enfurecida com aquelas mulheres que tinham mantido aquele segredo durante tanto tempo, com o pai por desperdiçar a sua vida numa busca fatal, consigo própria por lhe seguir as pisadas... até mesmo com Safia por nunca a ter detido, mesmo quando a busca destruía Kara por dentro. O fogo da fúria consumiu os restos da sua náusea.

Kara endireitou—se e voltou—se para a velha hodja. Interrompeu a lição de história a Safia, as suas palavras amargas.

— Porque procurava o meu pai Ubar?

— Kara... — disse Safia, em tom de conforto. — Acho que isso pode esperar.

— Não. — A raiva colocou—lhe autoridade na voz. — Eu quero saber agora.

A hodja manteve—se inalterada, vergando—se à fúria de Kara como uma cana ao vento.

— Tens razão em perguntar. É por isso que estão ambas aqui. Kara carregou o semblante desde os lábios até à fronte.

A mulher relanceou entre Kara e Safia.

— O que o deserto toma, o deserto retribui.

— O que quer isso dizer? — disparou Kara.

A hodja suspirou.

— O deserto tomou o teu pai. — Ela gesticulou em direcção à macabra pedra. — Mas deu—te uma irmã. — Acenou para Safia.

— Safia foi sempre a minha amiga mais querida. — Apesar da raiva, a voz de Kara vibrava de emoção. A verdade e profundidade das suas palavras, proferidas a alta voz, atingiram o seu coração ferido com mais impacto do que imaginara. Tentou afastá—las, mas estava demasiado dorida.

— Ela é mais do que tua amiga. É tua irmã em espírito... e em carne. — A hodja ergueu o seu bordão e apontou—o ao corpo sepultado no vidro. — Ali jaz o teu pai... e o pai de Safia.

A hodja encarou as duas mulheres aturdidas.

— Vocês são irmãs.

03h33

O espírito de Safia não conseguia assimilar o que a mulher dizia.

— Impossível — disse Kara. — A minha mãe morreu quando eu nasci.

— Vocês partilham um pai, não uma mãe — esclareceu a hodja. — Safia nasceu de uma mulher do nosso povo.

Safia abanou a cabeça. Eram meias irmãs. A paz que experimentara ao despertar momentos antes, tinha—se estilhaçado. Durante anos, nada soubera da sua mãe, apenas que morrera num acidente de autocarro quando Safia tinha quatro anos. Nada se sabia do pai. Mesmo entre as vagas memórias da sua infância anterior ao orfanato — visões breves, cheiros, um sussurro ao ouvido —, nunca houvera uma figura masculina, um pai. Tudo o que lhe restava da mãe era o seu nome, al—Maaz.

— Acalmem—se, as duas. — A mulher ergueu as mãos, uma palma voltada a cada uma delas. — Isto é uma dádiva, não uma maldição.

As suas palavras acalmaram parte do bater enlouquecido do coração de Safia, como uma palma pousada sobre um diapasão a vibrar. Contudo, não conseguia encarar Kara, demasiado envergonhada, como se a sua presença de alguma forma maculasse a boa memória de Lord Kensington. A mente de Safia recuou até ao dia em que fora levada do orfanato, um dia terrível e esperançoso. Reginald Kensington tinha—a escolhido de entre todas as outras raparigas, uma criança de sangue misto, levara—a para casa, acolhera—a num quarto próprio. Kara e Safia uniram—se de imediato. Teriam alguma vez, mesmo naquela idade, reconhecido um laço secreto, um conforto natural de sangue? Porque nunca lhes contara Reginald Kensington da sua ligação secreta?

— Se eu tivesse sabido... — exalou Kara, estendendo a mão a Safia.

Safia ergueu o olhar. Não leu qualquer censura nos olhos da amiga; a raiva de há momentos atrás fora extinguida. Tudo o que viu foi alívio, esperança e carinho.

— Talvez soubéssemos de facto... — murmurou Safia e caiu no abraço da sua irmã. — Talvez sempre o soubéssemos lá no fundo.

Lágrimas escorreram. E assim de repente, já não eram simplesmente amigas, eram família.

Abraçaram—se por um longo momento, mas as questões acabaram por as afastar. Kara manteve a mão de Safia na sua.

Finalmente, a hodja falou.

— A vossa história partilhada remonta à descoberta de Lord Kensington da estátua no túmulo de Nabi Imran. O seu extraordinário achado foi significativo para nós. A estátua datava da época da fundação de Ubar, enterrada num túmulo ligado a uma mulher de milagres.

— A Virgem Maria? — indagou Safia.

Um aceno respondeu—lhe.

— Enquanto guardiãs, uma de nós tinha de se aproximar, de examinar o objecto funerário. Dizia—se que as chaves para os Portões de Ubar se revelariam no momento certo. Assim, foi enviada Almaaz.

— Al—Maaz — disse Safia, notando a pronunciação ligeiramente deturpada.

— Almaaz — repetiu a hodja, com maior firmeza.

Kara apertou—lhe a mão.

— Todas as mulheres aqui têm nome de jóia. O nome da hodja é Lu'lu Pérola.

Os olhos de Safia cresceram.

— Almaaz. O nome da minha mãe era Diamante. O orfanato pensou tratar—se do nome de família, al—Maaz. E o que lhe aconteceu?

A hodja, Lu'lu, abanou a cabeça com uma expressão penosa.

— Como muitas das nossas mulheres, a tua mãe apaixonou—se. Ao investigar a descoberta da estátua, ela aproximou—se demasiado de Lord Kensington... e ele dela. Perderam—se um no outro. E passados uns meses, uma criança foi gerada no seu ventre, implantada de forma natural.

Safia carregou o olhar perante a estranha escolha de palavras, mas não interrompeu.

— A gravidez assustou a tua mãe. Era interdito para nós gerar uma criança proveniente dos órgãos de um homem. Ela deixou Lord Kensington. Voltou para nós. Cuidámos dela até dar à luz. Mas depois de nasceres, ela teve de partir. Almaaz violara as normas. E tu, uma criança de sangue misto, não eras uma Rahim pura. — A anciã tocou a tatuagem da lágrima, o símbolo rubi da tribo. Safia não tinha tatuagem. — A tua mãe criou—te o melhor que pôde em Khaluf, na costa omani, não longe de Muscat. Mas o acidente deixou—te órfã.

— Durante todo esse tempo, Lord Kensington nunca desistiu de procurar a tua mãe... e a possível criança que ela carregara. Ele esquadrinhou toda a Oman, gastou fortunas, mas quando uma de nós, mulheres, quer passar despercebida, ninguém nos consegue encontrar. O sangue de Biliqis abençoou—nos de muitas maneiras.

A velha mulher fitou o seu bordão.

— Quando soubemos que tinhas sido levada para um orfanato, não te pudemos abandonar. Descobrimos onde foras colocada e passámos a informação a Lord Kensington. Ele ficou arrasado quando soube de Almaaz, mas assim como o deserto toma, o deserto retribui. E deu—lhe uma filha. Ele foi—te buscar e acolheu—te na sua família. Suspeito que ele planeasse esperar até terem ambas idade suficiente para entender as complexidades do coração, para vos revelar o vosso sangue partilhado.

Kara agitou—se.

— Na manhã da caçada... o meu pai disse—me que tinha uma coisa importante a dizer—me. Algo que eu, com dezasseis anos, era suficientemente adulta para escutar. — Engoliu com esforço, a voz quebrando—se. — Pensei que fosse simplesmente sobre a escola ou a universidade. Não... não...

Safia apertou—lhe a mão.

— Não importa. Agora sabemos. Kara ergueu o olhar, profundamente confusa.

— Mas porque continuava ele a perseguir Ubar? Não compreendo.

A hodja suspirou.

— É uma das razões porque é proibido o nosso contacto com os homens. Talvez tivesse sido um murmúrio de almofada. Alguma história partilhada entre amantes. Mas o vosso pai tomou conhecimento de Ubar. Ele procurou a cidade perdida, talvez como uma forma de estar mais perto da mulher que perdera. Mas Ubar é perigosa. O fardo da sua guarda é um fardo pesado.

Como que demonstrando—o, a anciã içou—se com considerável esforço.

— E o que vai ser de nós, agora? — perguntou Safia, levantando—se ao mesmo tempo que Kara.

— Digo—vos pelo caminho — disse ela. — Temos uma longa viagem a fazer.

— Para onde vamos? — perguntou Safia. A pergunta pareceu surpreender a hodja.

— Tu és uma de nós, Safia. Tu trouxeste—nos as chaves.

— O coração e a lança?

Um aceno. Ela virou costas.

— Dois milénios depois, vamos abrir os Portões de Ubar.

PARTE QUATRO - OS PORTÕES DE UBAR

XVI - ENCRUZILHADAS

4 de Dezembro, 05h55
Montanhas de Dhofar

Quando os céus começaram a clarear a este, Omaha abrandou a carrinha no topo da passagem. A estrada continuava pelo lado distante... se é que aquele trilho de sulcos infestado de pedras podia ser chamado de estrada. O fundo das costas doíam—lhe do constante chocalhar e trepidar dos últimos vinte quilómetros.

Omaha travou até parar. Ali, a estrada encimava a última passagem por entre as montanhas. Mais à frente, as terras altas desciam para planuras de sal e extensões de gravilha. Pelo retrovisor, estendiam—se campos de mato verde pontilhados de gado a pastar. A transição era abrupta.

Para ambos os lados da carrinha, uma paisagem de rocha avermelhada interrompida por manchas de árvores desgrenhadas de casca rubra, dobradas pelos ventos soprados pelo passado. Boswellia sacra. As raras e preciosas árvores do incenso. A fonte da riqueza de eras passadas.

Quando Omaha se imobilizou, a cabeça de Painter ergueu—se subitamente de um leve dormitar.

— O que foi? — perguntou confuso. Uma mão pousada sobre a pistola no colo.

Omaha apontou em frente. A estrada descia por um leito de rio seco, um wadi. Era um caminho rochoso e traiçoeiro, destinado a veículos de tracção às quatro rodas.

— A partir daqui é sempre a descer — disse Omaha.

— Eu conheço este lugar — disse Barak atrás deles. O tipo nunca parecia dormir, sussurrando direcções a Omaha à medida que ondeavam pelas

montanhas. — É Wadi Dhikur, o Vale da Memória. Os penhascos de ambos os lados são um antigo cemitério.

Omaha engatou uma mudança.

— Esperemos que não se torne no nosso.

— Porque viemos por aqui? — perguntou Painter.

Na terceira fila de assentos, Coral e Danny mexeram—se, embatendo um no outro. Sentaram—se direitos, a ouvir. Clay, sentado ao lado de Barak, simplesmente ressonava, a cabeça reclinada para trás, perdido para o mundo.

Barak respondeu à pergunta de Painter.

— Só a tribo local dos Shahra conhece esta estrada que desce das montanhas até ao deserto. Eles ainda apanham o incenso das árvores em redor ao modo tradicional.

Omaha nunca conhecera nenhum membro do clã Shahra. Tratava—se de um grupo recluso, quase pré—histórico em tecnologia, arreigado à tradição. A sua língua fora extensivamente estudada. Era diferente do árabe moderno, quase uma entoação monocórdica composta por oito sílabas fonéticas adicionais. Com o tempo, a maioria das línguas perdem os sons, tornando—se mais refinadas à medida que amadurecem. Com as suas sílabas adicionais, a língua shahri era considerada uma das mais antigas de toda a Arábia.

Mas mais particularmente, os Shahra apelidavam—se a eles próprios de Povo de Ad, segundo o Rei Shaddad, o primeiro governante de Ubar. De acordo com a tradição oral, eles descendiam dos habitantes originais de Ubar, aqueles que escaparam à sua destruição em 300 d. C. De facto, Barak podia estar a conduzi—los pelo mesmo caminho para Ubar que o Povo de Ad usara outrora para fugir à destruição.

Um pensamento arrepiante, particularmente ensombrado pelas sepulturas em redor.

Barak concluiu — Uma vez no fundo do wadi, são apenas trinta quilómetros até Shisur. Não fica longe.

Omaha iniciou a descida, na mudança mais baixa, arrastando—se a dez quilómetros à hora. Ir mais rápido do que isso implicava o risco de escorregar no xisto solto e cascalho rochoso. Apesar da cautela, a carrinha patinou repetidas vezes, como se seguisse sobre gelo. Meia hora depois, as mãos de Omaha estavam húmidas sobre o volante.

Mas pelo menos o Sol nascera, de um rosa enevoado no céu. Omaha reconheceu o tom. Aproximava—se uma tempestade. Supostamente atingiria a área dentro de algumas horas. Os ventos sopravam já das areias subindo o wadi,

fustigando violentamente a pouco aerodinâmica carrinha.

No momento em que Omaha contornava uma curva apertada no leito do rio, surgiram adiante dois camelos e um par de beduínos enroupados. Carregou com demasiada força no travão, fazendo deslizar a traseira e embatendo de flanco numa pilha precária de lajes de pedra à beira da estrada. A chapa amolgou. As lajes desabaram.

Clay despertou assustado com o balanço.

— Lá se vai o nosso depósito contra colisão — lamentou—se Danny.

Os dois camelos, carregados e afivelados de fardos e cestos a transbordar, gorgolejaram na sua direcção, sacudindo a cabeça, enquanto eram conduzidos para lá da carrinha imobilizada. Pareciam transportar toda uma casa no dorso.

— Refugiados — disse Painter, indicando outros camelos, mulas e cavalos similarmente carregados, subindo o leito seco. — Fogem à tempestade.

— Estão todos bem? — perguntou Omaha, enquanto lutava com o manipulo a mudanças, pressionando a embraiagem. A carrinha abanou, hesitou e finalmente recomeçou a rolar.

— Em que é que embatemos, ali atrás? — perguntou Coral, fitando as pedras caídas.

Danny apontou para outras pilhas de pedra similares, que ponteavam o cemitério.

— Trílitos — respondeu ele. — Antigas pedras de oração. — Cada qual era composto por três lajes encostadas umas às outras, formando uma pequena pirâmide.

Omaha prosseguiu estrada abaixo, vigilante às pedras empilhadas. O que se tornava mais difícil, uma vez que o «tráfego» se adensava quanto mais fundo no leito do rio desciam.

As pessoas fugiam do deserto aos magotes.

— Pensei que tinha dito que ninguém conhecia esta saída para as montanhas — contestou Painter a Barak.

O árabe encolheu os ombros.

— Quando se enfrenta a mãe das tempestades, corre—se para terrenos mais altos. Sejam eles quais forem. Aposto que todos os leitos de rios estão a ser subidos da mesma forma. As estradas principais estão certamente piores.

Tinham ouvido boletins regulares pela rádio, à medida que a recepção fugia e voltava. A tempestade de areia aumentara em dimensão, agora do tamanho da costa marítima oriental, fustigando com ventos de cento e trinta quilómetros por hora, acumulados de areias erosivas. Deslocava dunas por todo o lado, como se

fossem ondas de espuma num mar varrido pela tormenta.

E isso não era o pior. O sistema de altas pressões junto à costa começara a avançar para o interior. Os dois sistemas tempestuosos iriam encontrar—se sobre o deserto omani, uma rara combinação de condições climatéricas que instigaria uma tempestade como nunca vista há várias eras.

Mesmo com o Sol a despontar, o horizonte a norte permanecia envolto numa obscuridade turva. À medida que desciam pela estrada da montanha, a tempestade adiante agigantava—se, uma vaga monstruosa em formação.

Finalmente, atingiram o fundo do wadi. As paredes escarpadas declinavam para ambos os lados, derramando—se sobre as planuras de areia e sal.

— Bem—vindos ao Rub' al—Khali — anunciou Omaha. — O Quadrante Vazio.

O nome não se podia adequar melhor.

Adiante, estendia—se uma vasta planície de gravilha cinzenta, gravada e rasgada por linhas pictográficas de planos de sal branco—azulado. E mais além, uma crista avermelhada marcava o extremo do interminável encadear de dunas que cobria toda a Arábia. Da sua posição privilegiada, as areias cintilavam em gradações de rosa, castanho, púrpura e carmesim. Um cadinho de matizes.

Omaha examinou o indicador do combustível. Com sorte, seria o suficiente para chegar a Shisur. Relanceou o Desert Phantom, o seu único guia.

— Trinta quilómetros, certo?

Barak recostou—se e encolheu os ombros.

— Mais ou menos.

Abanando a cabeça, Omaha voltou—se para a frente e partiu pelas terras planas. Uns poucos caminhantes desgarrados continuavam a avançar penosamente em direcção às montanhas. Os refugiados não mostravam qualquer interesse pela carrinha que se encaminhava para a tempestade. Era uma viagem néscia.

Ninguém falava dentro da carrinha, os olhos fixos na tempestade adiante. O único som: o esmagar da areia e da gravilha sob os pneus. Com o terreno cooperativo, Omaha arriscou acelerar a carrinha até aos cinquenta quilómetros por hora.

Infelizmente, os ventos pareciam aumentar a cada meio quilómetro, soprando torrentes de areia das dunas. Seria uma sorte se restasse alguma tinta na carrinha quando chegassem a Shisur. Finalmente, Danny falou.

— É difícil acreditar que isto era uma vasta savana.

Clay bocejou.

— De que está a falar?

Danny moveu—se para a frente.

— Isto não foi sempre um deserto. Os mapas de satélite mostram a presença de antigos leitos de rio, lagos e correntes subterrâneas, sugerindo que a Arábia foi outrora coberta por planícies verdejantes e florestas, povoada de hipopótamos, búfalos de água e gazelas. Um perfeito Éden.

Clay fitava a paisagem árida.

— Há quanto tempo foi isso?

— Há uns vinte mil anos. Ainda se encontram artefactos neolíticos dessa era: lâminas de machado, raspadores, pontas de lança. — Danny gesticulou em direcção às terras agrestes. — Depois, iniciou—se um período de hiperaridez que tornou a Arábia num vasto deserto.

— Porquê? O que despoletou essa mudança?

— Não sei.

Uma nova voz interveio, respondendo à pergunta de Clay.

— A mudança climática deveu—se a um Ciclo de Milankovitch. As atenções voltaram—se para o locutor. Coral Novak.

Ela explicou.

— Periodicamente, a Terra oscila na sua órbita em torno do Sol. Essas oscilações ou «forçamentos orbitais» desencadeiam mudanças climáticas profundas. Como a desertificação da Arábia e de partes da Índia, África e

Austrália.

— Mas o que pode ter feito a Terra oscilar? — perguntou Clay.

Coral encolheu os ombros.

— Pode ter sido simplesmente a precessão. A natural alteração periódica das órbitas. Ou algo de mais dramático. Uma inversão da polaridade da Terra, algo que ocorreu por diversas vezes na história geológica. Ou pode ter sido um salto na rotação do núcleo de níquel da Terra. Ninguém sabe dizer com certeza.

— O que quer que tenha acontecido — concluiu Danny —, este foi o resultado.

Perante eles, as dunas tinham crescido para maciças cristas de areia avermelhada, algumas estendendo—se a mil e oitocentos metros de altura. Por entre as dunas, persistia a gravilha, criando caminhos sinuosos e caóticos apelidados de «ruas». Era fácil perder—se naquele labirinto de ruas, mas a estrada mais directa sobre o topo das dunas podia atolar o mais resistente dos veículos. Risco que não podiam correr.

Omaha apontou em frente, dirigindo a sua questão a Barak, fitando os olhos do Desert Phantom pelo espelho retrovisor.

— Você conhece o caminho por aqui, certo?

O gigante árabe encolheu de novo os ombros, a sua habitual resposta a tudo.

Omaha fixou as dunas altaneiras... e para lá delas, um muro de areia escura em alvoroço que se erguia no horizonte, como o extremo enevoado de um vasto fogo que varresse tudo na sua direcção.

Não tinha tempo para erros de percurso.

07h14

Safia caminhava ao lado de Kara por um outro túnel. O clã Rahim espalhava —se à frente e atrás delas, seguindo em grupos, carregando lamparinas de óleo na escuridão. Caminhavam há três horas, parando regularmente para beber ou descansar. O ombro de Safia começara a doer, mas ela não protestou.

Todo o clã estava em trânsito. Mesmo as crianças.

Uma mãe seguia alguns passos adiante, acompanhada de seis crianças, cujas idades oscilavam entre os seis e os onze anos. As raparigas mais velhas seguravam a mão das mais novas. Como todas as Rahim, mesmo as crianças envergavam mantos com capuz.

Safia estudou as mais pequenas, enquanto estas a olhavam furtivamente. Pareciam todas irmãs. Olhos verdes, cabelo negro, pele lustrosa. Mesmo os seus

sorrisos tímidos esboçavam as mesmas encantadoras covinhas.

E embora as mulheres adultas variassem ligeiramente — umas secas, outras mais robustas, umas de cabelo longo, outros de cabelo curto —, as suas feições eram impressionantemente similares.

Lu'lu, a hodja tribal, caminhava a seu lado. Depois de anunciar a jornada até aos Portões de Ubar, ela deixara—as para organizar a partida do clã. Como guardiãs seculares de Ubar, nenhuma das Rahim seria deixada fora daquele momento marcante.

Uma vez a caminho, Lu'lu caíra em silêncio, deixando a Kara e Safia abundante tempo para discutir a revelação do seu laço de sangue. Ainda parecia irreal. Na última hora, nenhuma das duas falara, cada qual perdida nos seus próprios pensamentos.

Kara foi a primeira a interromper o silêncio.

— Onde estão todos os homens? — perguntou. — Os pais destas crianças? Virão juntar—se a nós pelo caminho?

Lu'lu carregou o olhar a Kara.

— Não há homens nenhuns. Tal é proibido.

Safia recordou—se do comentário anterior da hodja. Sobre como o seu nascimento fora censurado. Teria de ser conseguida permissão? Seria por isso que todas eram tão idênticas? Uma espécie de tentativa de eugenia, mantendo a pureza da linhagem?

— São só vocês, mulheres? — indagou Kara.

— As Rahim contaram—se outrora às centenas — disse Lu'lu em voz baixa. — Agora, contamos trinta e seis. Os dons que nos foram concedidos através do sangue de Biliqis, a Rainha do Sabá, enfraqueceram, tornaram—se mais frágeis. Algumas crianças nascem mortas. Outras perdem os seus dons. O mundo tornou —se tóxico para nós. Na semana passada, Mara, uma das mais velhas, perdeu as suas bênçãos quando foi hospitalizada em Muscat. Não sabemos porquê.

Safia franziu o olhar.

— Que dons são esses que está sempre a mencionar?

Lu'lu suspirou.

— Digo—to porque és uma de nós. Foste testada e encontrámos em ti vestígios da bênção de Ubar.

— Testada? — inquiriu Kara, relanceando Safia.

Lu’lu assentiu.

— Em determinado momento, testamos todas as crianças de sangue misto do clã. Almaaz não foi a primeira a deixar as Rahim, a deitar—se com um homem,

a renunciar à linhagem por amor. Outras crianças nasceram assim. Poucas têm o dom. — Pousou uma mão no cotovelo de Safia. — Quando soubemos da tua milagrosa sobrevivência ao ataque terrorista em Telavive, suspeitámos que o teu sangue talvez contivesse algum poder.

Safia cambaleou face à menção do ataque de Telavive. Recordou as notícias de jornal referindo a natureza milagrosa da sua sobrevivência.

— Mas deixaste o país antes que te conseguíssemos testar, para nunca mais voltar. Pensámos ter—te perdido. Depois soubemos da descoberta da chave. Em Inglaterra. No museu que dirigias. Tinha de ser um sinal! — Uma nota de fervor insinuou—se na voz da mulher, plena de esperança.

— Quando regressaste, procurámo—te. — Lu'lu relanceou o túnel, baixando a voz — Primeiro, tentámos subtrair o teu amado. Usá—lo para te atrair até nós.

Kara arquejou.

— Foram vocês que o tentaram raptar.

— Ele não é despido de talentos próprios — reconheceu a anciã com um meio sorriso. — Posso entender porque lhe entregaste o teu coração.

Safia sentiu uma pontada de embaraço.

— Quando não o conseguiram raptar, o que fizeram?

— Uma vez que não te conseguimos trazer até nós, fomos até ti. Testámos—te à velha maneira. — Relanceou Safia. — Com a cobra.

Safia estacou no túnel, evocando o incidente no banho em casa de Kara.

— Vocês mandaram—me uma víbora venenosa?

Lu'lu estacou juntamente com Kara. Outras mulheres prosseguiram passando por elas.

— Tais criaturas simples reconhecem aqueles que possuem o dom, aqueles abençoados por Ubar. Não atacarão uma pessoa assim, mas encontrarão a paz.

Safia ainda conseguia sentir a víbora enrolada sobre o seu peito nu, como numa rocha ensolarada, satisfeita. Depois a criada entrara e gritara, fazendo—a desencadear o ataque à rapariga.

— Podiam ter morto alguém.

Lu'lu fez—lhes sinal para que continuassem.

— Disparate. Não somos tolas. Nesse aspecto não nos mantemos arreigadas à tradição. Nós tínhamos retirado as presas à víbora. Não corrias qualquer perigo.

Safia prosseguiu lentamente pelo túnel, demasiado aturdida para falar. Kara não.

— Que história é essa de dom? O que era suposto a cobra sentir em Safia?

— Aqueles que possuem a bênção de Ubar, têm a capacidade de projectar a sua vontade a outras mentes. Os animais selvagens são particularmente susceptíveis, vergando—se aos nossos desejos, obedecendo ao nosso comando. Quanto mais simples o animal, mais fácil de controlar. Vejam.

Lu'lu dirigiu—se para junto da parede, onde um pequeno buraco se abria no chão arenoso. Abriu as mãos. Um leve zumbido fluiu pelo espírito de Safia. Do orifício, emergiu um pequeno arganaz, embotado, os bigodes retorcendo—se. Trepou, dócil como um gatinho, para a mão da hodja. Lu'lu acariciou—o com um dedo, depois deixou—o ir. Dardejou de volta ao buraco, surpreso por ter saído.

— Tais criaturas simples são fáceis de influenciar. — Lu'lu acenou na direcção de Kara, enquanto prosseguia pelo túnel. —Assim como os espíritos enfraquecidos pelo abuso.

Kara desviou o olhar.

— No entanto, temos pouco controlo sobre a mente vigilante do homem. O melhor que podemos fazer é enevoar e toldar a sua percepção, quando nos encontramos próximo. Ocultar a nossa presença por um curto período de tempo., e mesmo assim, apenas da nossa própria forma. As roupas são difíceis de desvanecer. É mais fácil fazê—lo despidas e nas sombras.

Kara e Safia entreolharam—se, demasiado assombradas para proferir palavras. Uma espécie de telepatia, de fusão de mentes. Lu'lu ajustou o seu manto.

— E evidentemente, o dom pode ser usado em nós próprias, uma concentração de poder dirigida para o interior. Esta é a nossa maior benção, que assegura a nossa linhagem desde a Rainha do Sabá, ela que é a primeira e a última de nós. Safia recordou as lendas da Rainha do Sabá, histórias encontradas por toda a Arábia, Etiópia e Israel. Muitas envolviam contornos fantasiosos: tapetes mágicos, pássaros falantes, mesmo a teleportação. E o homem mais significativo da sua vida, o Rei Salomão, era dito ser capaz de falar com os animais, como a hodja agora alegava. Safia visionou o leopardo que atacara John Kane. Poderiam aquelas mulheres verdadeiramente controlar tais feras? Seria esse talento a fonte de todas as lendas fantasiosas em torno da Rainha do Sabá? Kara interrompeu o silêncio aturdido.

— O que acontece quando se dirige o dom para o interior?

— A maior das bênçãos — repetiu Lu'lu com uma toada melancólica na sua voz. — Geramos uma criança. Uma criança não nascida de um homem.

Kara e Safia trocaram um olhar de descrença.

— Uma gestação virgem... — murmurou Kara.

Tal como a Virgem Maria. Safia ponderou naquela revelação. Seria por isso que a primeira chave, o coração de ferro, fora escondida no túmulo do pai de Maria? Um tipo de reconhecimento. De uma virgem a outra virgem.

Lu'lu prosseguiu.

— Mas as nossas gestações não são uma gestação qualquer. A criança gerada no nosso corpo é o nosso corpo, nascido de novo para continuar a linhagem.

Safia abanou a cabeça.

— O que quer dizer?

Lu'lu ergueu o seu bordão e estendeu—o atrás e à frente, abarcando todo o clã.

— Somos todas a mesma mulher. Para falar em termos modernos, somos geneticamente idênticas. A maior de todas as bênçãos é o dom de manter a nossa linhagem pura, de conceber uma nova geração no nosso próprio ventre.

— Clones — disse Kara.

— Não — retorquiu Safia. Ela compreendera o que a hodja descrevia. Tratava—se de um processo reprodutivo encontrado em alguns insectos e animais, em particular nas abelhas.

— Partenogénese — disse Safia em voz alta.

Kara pareceu confusa.

— É uma forma de reprodução em que a fêmea pode produzir um ovo com núcleo intacto contendo o seu próprio código genético, que depois se desenvolve e eclode, como um duplo genético idêntico da mãe.

Safia olhou para diante e para trás do túnel. Todas aquelas mulheres...

De alguma forma, o seu dom telepático permitia—lhes reproduzir—se, geneticamente intactas. Reprodução assexual. Recordou—se de um dos seus professores de biologia em Oxford, de como ele mencionara que a reprodução sexual era uma coisa relativamente estranha para os nossos corpos. Uma vez que, normalmente, uma célula corporal se dividia para produzir um duplo exacto de si mesma. Só as células germinais nos ovários e testículos se dividiam dessa forma para produzir células com apenas metade do seu código genético original — óvulos nas fêmeas, espermatozóides nos machos —, permitindo a combinação do material genético. Mas se uma mulher pudesse de alguma forma, por pura vontade, impedir essa divisão celular no seu ovo não fertilizado, a progénie resultante seria um duplo exacto da mãe.

Mãe...

A respiração de Safia sufocou na sua garganta. Estacou e perscrutou os rostos

à sua volta. Se o que Lu'lu dissera fosse verdade, se a sua mãe pertencera àquele clã, então a toda a sua volta estava a sua mãe. Ela via—a em todas as suas possíveis encarnações: desde a recém—nascida a mamar no peito da mãe que dela cuidava, desde a menina que caminhava de mão dada com a irmã mais velha, até à anciã a seu lado. Todas a sua mãe.

Safia compreendia, agora, as palavras crípticas da hodja horas antes. Todas nós. Somos todas a tua mãe. Não era uma metáfora. Era um facto.

Antes que Safia pudesse mover—se ou falar, duas mulheres passaram por ela. Uma carregava a mala prateada que continha o coração de ferro. A outra segurava a lança de ferro com o busto da Rainha do Sabá. Safia observou o semblante férreo da estátua. O rosto de Sabá. O rosto daquelas mulheres.

Subitamente, a compreensão atingiu Safia, quase cegando—a. Teve de se encostar à parede do túnel.

— Sabá...

Lu’lu assentiu.

— Ela é a primeira e a última. Ela é todas nós.

Uma troca anterior com a hodja ecoou no espírito de Safia. Nós somos a Rainha do Sabá.

Safia observou as mulheres de manto a passar por si. Aquelas mulheres reproduziam—se assexualmente desde tempos remotos, retraçando o seu código genético até uma mulher, a primeira a gerar uma criança dessa forma, regenerar —se.

Biliqis, a Rainha do Sabá.

Fitou o rosto de Lu'lu, fitou os olhos verdes da rainha há muito morta. O passado a reviver no presente. A primeira e a última.

Como era isso possível?

Um brado ergueu—se da frente da linha.

— Atravessámos as montanhas — disse a hodja. — Venham. Os Portões de Ubar aguardam—nos.

07h33

Painter protegeu os olhos enquanto contemplava a carrinha atolada, o sol nascente, as paredes de areia a toda a volta. Aquele não seria um bom sítio para se ser apanhado, quando a tempestade de areia em aproximação atacasse. Imaginou aquelas dunas montanhosas a derramarem—se sobre eles, como ondas esmagando—se sobre rochedos.

Tinham de avançar.

Uns minutos antes, a carrinha virara de querena ao longo de uma extensão de areia plana, cavalgando as cristas das dunas, uma prancha em forma de Volkswagen. As «ruas» de gravilha que tinham percorrido acabaram por desaparecer por completo, exigindo que abrissem caminho através da areia dura.

Só que nem toda a areia era dura.

— Espojeiro de camelos — comentou Barak, de joelhos, fitando a traseira da carrinha. As rodas da frente e de trás estavam atoladas até ao eixo. — A areia aqui é muito solta. E profunda. Como areia movediça. Os camelos rolam—se nestes espojeiros para limpar o corpo.

— Podemos escavar para libertar a carrinha? — perguntou Omaha.

— Não há tempo — disse Painter. Barak concordou.

— E quanto mais fundo se escavar, mais fundo se atolará a carrinha.

— Então, teremos de descarregar o que pudermos. Temos de seguir a pé. Danny resmungou do seu pouso na areia.

— Temos de ser mais criteriosos com os nossos meios de transporte. Primeiro o camião de caixa aberta, agora esta lata velha.

Painter afastou—se, carregado de excessiva energia nervosa ou talvez fosse apenas a electricidade no ar, alguma nuvem de carga estática empurrada adiante da tempestade.

— Vou trepar àquela duna. Ver se consigo vislumbrar Shisur. Não pode ficar a mais de dois quilómetros. Entretanto, limpem a carrinha. Armas, equipamento, tudo.

Painter partiu monte acima. Omaha arrastou—se atrás dele.

— Posso verificá—lo sozinho — disse Painter, despedindo—o.

Omaha continuou a trepar, cada passo enterrado fundo, como se castigasse areia. Painter não tinha vontade de discutir com ele. Assim, o par subiu penosamente a face da duna. Era uma viagem maior do que Painter imaginara lá do fundo.

Omaha chegou—se mais perto.

— Peço desculpa...

A fronte de Painter enrugou—se, em confusão.

— Pela carrinha — resmungou Omaha. — Eu devia ter visto o espojeiro.

— Não importa. Eu também teria caído.

Omaha continuou a subir.

— Apenas queria pedir—lhe desculpa.

Painter pressentiu que o pedido de desculpas do homem abrangia mais do

que o veículo atolado.

Por fim, chegaram à crista afiada da duna. Esboroou—se sob o peso dos pés. Regatos de areia correram pelo outro lado abaixo.

O deserto apresentava uma perfeita quietude cristalina. Nenhum cantar de ave, nenhum zumbir de insecto. Até mesmo o vento amainara momentaneamente. A calma antes da tempestade.

Painter abriu a boca de espanto perante a vastidão diante deles. As dunas estendiam—se por todos os horizontes. Mas o que captou a sua atenção foi a turva muralha a norte, um furacão de areia. As nuvens escuras lembravam a Painter pilhas de nuvens carregadas de electricidade. Vislumbrou mesmo alguns clarões azulados. Descargas estáticas. Como relâmpagos.

Precisavam de encontrar abrigo.

— Ali — disse Omaha, apontando o braço. — Aquele aglomerado de tamareiras.

Painter descobriu uma minúscula mancha de verde a menos de um quilómetro, enterrada entre as dunas, fácil de passar despercebida.

— O oásis de Shisur — disse Omaha.

Não estavam longe. Quando se virava, o olhar captou movimento. No céu, a leste. Um ponto negro voava, iluminado pela luz do sol da manhã. Levou os óculos de visão nocturna aos olhos, destapando as lentes normais em lugar da função de luz baixa. Aproximou a imagem.

— O que é?

— Um helicóptero de transporte. Força Aérea americana. Provavelmente partido de Thumrait. Está a descrever círculos para aterrar por ali.

— Uma missão de salvamento, por causa da tempestade?

— Não. É Cassandra. — Painter ouviu—lhe a voz no seu espírito. Achou verdadeiramente que eu ia acreditar que você se dirigia à fronteira com o Iémen? Ali estava mais uma confirmação de como o grupo de Cassandra estava bem apoiado em Washington. Como podia Painter esperar levar a melhor? Apenas dispunha de cinco aliados, poucos deles com treino militar.

— Tem a certeza de que é ela?

Painter observou o rotor do helicóptero a descer até às areias, desaparecendo entre as dunas.

— Sim. Aquele é o lugar marcado no mapa. Desviado a seis milhas.

Painter baixou os óculos. Cassandra estava demasiado perto para se sentir descansado.

— Temos de ir — disse ele.

Fixou os acessórios e encaminhou—se para baixo. Os dois homens deslizaram, poupando tempo. Ao chegar ao fundo, Painter observou o equipamento empilhado. Era uma carga excessiva. Mas não podiam correr o risco de deixar para trás algo de que pudessem precisar.

— A que distância? — perguntou Coral.

— Menos de um quilómetro — disse Painter.

Olhares de alívio espalharam—se pelos outros.

Mas Coral aproximou—se dele, notando a tensão.

— Cassandra já está aqui — disse. — Desviada para leste.

Coral encolheu os ombros.

— Isso é bom. Quando a tempestade atacar, ela ficará presa. O que nos pode fazer ganhar mais um dia ou dois. Sobretudo se o tal sistema de altas pressões vindo da costa colidir sobre nós. A prevista megatempestade.

Painter assentiu, inspirando fundo. Coral tinha razão. Ainda podiam levar a melhor.

— Obrigado — murmurou—lhe.

— Sempre que quiser, Comandante.

Rapidamente dividiram a carga. O caixote maior continha a unidade de radar de penetração do solo. Painter e Omaha içaram—no entre os dois. Era monstruosamente pesado, mas se queriam procurar o tesouro escondido nas ruínas, iriam precisar daquele instrumento.

Assim, partiram, espiralando por uma vasta duna que se erguia a uma altura de dois campos de futebol, depois acima e abaixo de dunas menores. O sol continuava a sua ascensão, aquecendo a areia e o ar. Em breve, o caminhar tornou—se rastejar, à medida que a adrenalina se esgotava e se instalava a exaustão.

Mas por fim, transpuseram uma duna baixa e descobriram um aglomerado de construções modernas de blocos de cinza, estruturas de madeira e uma pequena mesquita no vale adiante. A cidade de Shisur.

No fundo do vale, o vermelho infindável do Rubal—Khali era interrompido pelo verde. Arbustos de acácia cresciam ao lado dos edifícios, extensões de tribulus de flores amarelas espargiam—se pela areia, junto de matas de palmeiras anãs. Árvores maiores lembrando mimosas derramavam ramos floridos até ao chão, criando abrigos de sombra. E as ubíquas tamareiras elevando—se alto.

Depois da viagem pelo deserto, em que a única vegetação fora uns esparsos arbustos quenopodiáceos e lânguidas manchas de carriços em tufo, o oásis de

Shisur era o Éden.

Na cidade, nada se movia. Parecia deserta. Os ventos tinham—se acentuado de novo enquanto o extremo da tempestade avançava na sua direcção. Pedaços de escória, rodavam em redemoinhos. Cortinas de pano esvoaçavam das janelas abertas.

— Não há aqui ninguém — notou Clay.

Omaha avançou, perscrutando a pequena localidade.

— Evacuada. De qualquer forma, o local fica quase abandonado durante a estação morta. Shisur é sobretudo uma paragem intermédia para a tribo beduína dos Bait Musan. Eles chegam e partem em qualquer altura. Com a descoberta das ruínas mesmo ao lado da cidade e o início do turismo, cresceu para uma paragem de estadia mais permanente. Mas mesmo isso é bastante sazonal.

— Onde ficam exactamente as ruínas? — perguntou Painter.

Omaha apontou para norte. Uma pequena torre de pedra esboroada espreitava acima das areias planas.

Painter pensara tratar—se de um afloramento natural de arenito, uma das muitas elevações de topo achatado que ponteavam o deserto. Só agora notava as pedras empilhadas que compunham a estrutura. Parecia uma torre de vigia.

— A Cidadela de Ubar — disse Omaha. — O seu ponto mais alto. Há mais ruínas escondidas em baixo, fora de vista. — Partiu em direcção à povoação desertada.

Os outros iniciaram o arranque final para o abrigo, inclinando—se contra o vento obstinado, os rostos desviados das rajadas de areia.

Painter permaneceu por mais um momento. Tinham, por fim, chegado a Ubar. Mas o que iriam encontrar? Fitou o perigo espreitando a norte. A tempestade de areia preenchia o horizonte, apagando o resto do mundo. Enquanto olhava, Painter via mais um pedaço de deserto a ser tragado.

De novo, rachas de electricidade estática dançaram no ponto em que a tempestade colidia com as areias. Observou uma descarga particularmente grande estender—se pela face de uma duna, como um balão lançado num vento severo. Desapareceu momentos depois, parecendo infiltrar—se na própria areia e sumir. Painter conteve a respiração. Ele sabia o que acabara de testemunhar.

Uma bola de raios.

Idêntica à que fizera deflagrar o meteorito no British Museum.

O círculo fechava—se.

Uma voz falou ao seu ombro, sobressaltando—o.

— O djinn azul dos desertos — disse Barak, reparando no mesmo fenómeno

natural. — As tempestades despertam sempre o djinn.

Painter relanceou Barak, perguntando—se se o homem acreditaria tratar—se dos espíritos malignos ou simplesmente de uma história para explicar tais fenómenos. Barak pareceu pressentir a dúvida.

— O que quer que seja, nunca é bom. — Partiu monte abaixo, atrás dos outros. Por mais um momento, Painter estudou a monstruosa tempestade, os olhos doendo da areia furiosa. Estava a começar.

Enquanto descia a encosta, o seu olhar perdeu—se a leste. Nada se movia. O encadear de dunas escondia tudo. Um vasto oceano. Mas Cassandra e a sua equipa espreitavam por ali.

Tubarões... em volta... aos círculos.

08h02

Safía não esperara aquele modo de transporte, não de um clã antigo cuja linhagem de sangue remontava até à Rainha do Sabá. O buggy trepava pela superfície arenosa, os seus imensos pneus rugosos conseguindo uma boa tracção. Dispararam sobre a crista, voando por um longo momento, depois aterraram solidamente na vertente descendente. Os pneus e amortecedores atenuaram o impacto. No entanto, Safía agarrava—se com o braço são à barra à sua frente, como o fecho de segurança de uma carruagem de montanha russa. Kara segurava —se com força da mesma forma, os nós dos dedos brancos. Ambas as mulheres envergavam mantos do deserto, os capuzes puxados sobre a cabeça e atados com um lenço sobre a parte de baixo do rosto, protegendo a pele do vento erosivo. Usavam, igualmente, óculos de sol polarizados, cingidos contra a cara.

No lugar do passageiro à frente, Lu'lu seguia ao lado da condutora Rahim, uma jovem de dezasseis anos de nome Jehd. A condutora — ou piloto, como era o caso por vezes — mantinha os lábios cerrados numa linha determinada, embora um brilho de excitação juvenil lhe iluminasse os olhos.

Outros buggies seguiam—nas, cada qual carregado de cinco das mulheres do clã. Entrecruzavam o curso uns dos outros para evitar a areia lançada pelos veículos da frente. De ambos os lados, a flanquear os buggies, seguiam uma dúzia de motociclos de rodas infladas, cortando por entre os sulcos dos veículos maiores, dando saltos gigantescos por cimas das cristas das dunas. A velocidade da caravana era gerada pela necessidade. A norte, a tempestade de areia cavalgava na sua direcção. Ao deixar o viveiro subterrâneo de túneis, Safía viu —se do outro lado das Montanhas de Dhofar, no extremo do Rub' al—Khali.

Tinham atravessado por baixo de toda a cadeia montanhosa. As passagens que tinham percorrido eram antigos canais fluviais, escavados no leito de arenito.

Fora dos túneis, aguardavam—nas os buggies e as motas. Kara comentara a o tipo de veículos, esperando camelos ou outro meio de transporte menos sofisticado. Lu'lu explicara: Podemos retraçar a nossa linhagem até ao passado, mas vivemos no presente. As Rahim não viviam toda a sua vida no deserto, mas tal orno a Rainha do Sabá, percorriam o mundo, estudavam, até mesmo prosperavam. Possuíam contas bancárias, carteiras de acções, bens imobiliários, negociavam no mercado do petróleo.

O grupo corria agora para Shisur, tentando bater a tempestade.

Safía não argumentara contra tal pressa. Ela não sabia quanto mais tempo duraria o estratagema que usara para enganar Cassandra. Se queriam chegar ao prémio antes de Cassandra, precisariam de todas as vantagens.

Lu'lu e as outras contavam com Safía para indicar o caminho. Segundo as palavras da hodja: As chaves revelaram—se a ti. Os Portões revelar—se—ão da mesma forma. Safía rezava para que a mulher estivesse certa. Ela usara a intuição e o conhecimento para as conduzir até ali. Esperava que a sua experiência as pudesse conduzir pelo caminho restante.

No lugar da frente, Lu'lu ergueu um walkie—talkie Motorola e escutou, depois falou para ele. Todas as palavras se perderam no roncar de motores e torrentes de vento. Uma vez terminado, voltou—se para trás presa pelo cinto de segurança.

— Pode haver problemas — bradou Lu'lu. — As batedoras que enviámos à frente reportaram um pequeno grupo de estrangeiros armados a entrar em Shisur.

O coração de Safía subiu—lhe à boca. Cassandra...

— Talvez estejam apenas à procura de abrigo. As batedoras encontraram um veículo. Uma velha carrinha atolada num espojeiro de camelos.

Kara inclinou—se para diante, ardente.

— Uma carrinha... era uma Volkswagen azul?

— Porquê?

— Podem ser os nossos amigos. Aqueles que nos estavam a ajudar. Kara relanceou Safía, os olhos cheios de esperança.

Lu'lu ergueu o walkie—talkie e travou uma breve conversação. Assentiu, depois voltou—se para Kara e Safía.

— Era uma Eurovan azul.

— São eles — exclamou Kara. — Como sabiam onde nos encontrar? Safía abanou a cabeça. Parecia impossível.

— Devemos manter—nos vigilantes. Talvez Cassandra ou os seus homens os tenham capturado.

E apesar de se tratar dos amigos, um novo receio afligiu o coração de Safía. Quem teria sobrevivido? Painter tentara resgatá—la, arriscara tudo, ficara para trás para lhe cobrir a retirada. Teria conseguido fugir? A troca de tiros que escutara a fugir do túmulo ecoava na sua mente.

Todas as respostas residiam em Shisur.

Após outros dez minutos de corrida pelas dunas, o pequeno povoado de Shisur surgiu para lá de uma crista, num vale pouco profundo rodeado pelo deserto ondulante. A pequena mesquita da cidade erguia o seu minarete acima da desordem de cabanas e edifícios de blocos de cinza. Todos os buggies estacaram abaixo da linha da crista. Algumas mulheres apearam—se e treparam aos topos arenosos. Mantinham—se baixas, os mantos confundindo—se com as areias, empunhando espingardas.

Receando uma salva de fogo acidental, Safia saiu do buggy. Kara seguiu—a. Atravessou até ao cimo da crista. A cautela fê—la baixar sobre mãos e joelhos.

Não viu sinal de movimento na cidade. Deviam ter ouvido a aproximação dos buggies e procurado abrigo, receando um grupo desconhecido. Safia perscrutou a área.

A norte, as ruínas cobriam 60 000 metros quadrados rodeados por muralhas esboroadas, extraídas das areias e reconstruídas. Torres de vigia interrompiam as muralhas a intervalos regulares, círculos pedregosos sem cobertura, da altura de um piso. Mas a característica mais dramática das ruínas era a sua cidadela central, uma estrutura de três pisos de pedra empilhada. O castelo empoleirava—se no cimo de um monte baixo, que dominava uma profunda fenda irregular no chão. O fosso abarcava a maior parte do terreno dentro das muralhas. O seu fundo permanecia nas sombras. Safia sabia que as ruínas da fortaleza no cimo do monte eram apenas parte da estrutura original. A parte restante jazia no fundo da fenda. Destruída quando o fosso natural cedeu sob ela, arrastando secções das muralhas e metade do castelo. A tragédia fora explicada pelo contínuo abatimento do lençol freático da região. Por baixo da cidade abria—se uma cisterna natural de arenito. A medida que a água no seu interior foi baixando devido à seca e ao uso excessivo, deixou para trás uma caverna subterrânea oca que acabou por ruir, destruindo parte da cidade. Um movimento atraiu a atenção de Safia de volta à povoação, a alguns metros. De uma porta de entrada, lá em baixo, surgiu uma figura, vestindo uma dishdasha, a cabeça envolta num pano tradicional omani. Levantou uma caneca no ar.

— Acabei de pôr uma panela ao lume. Se quiseres uma caneca de Joe, é melhor trazeres esse rabo até aqui abaixo.

Safia ergueu—se. Ela reconheceu aquele relâmpago de sorriso folgazão. Omaha...

Uma torrente de alívio percorreu—a. Antes que se apercebesse disso, corria pela vertente abaixo na sua direcção, os olhos turvos de lágrimas. Mesmo enquanto corria, a intensidade da reacção surpreendeu—a.

Atravessou cambaleante a estrada de gravilha.

— Pára imediatamente — avisou Omaha, recuando um passo.

De janelas e portas contíguas emergiram subitamente espingardas.

Uma armadilha...

Safia estacou, aturdida, magoada. Antes que pudesse reagir, uma figura desde um esconderijo atrás de um muro baixo, agarrou—a, voltou—a de costas. Um punho prendeu—lhe um feixe de cabelo e puxou—a para trás, desnudando —lhe o pescoço. Algo frio tocou—lhe a pele.

Uma longa adaga reluziu, comprimida contra si.

Uma voz sussurrou com uma ferocidade gélida. Arrepiou—a mais do que a faca na sua garganta.

— Levaste uma amiga nossa. Omaha chegou—se ao seu ombro.

— Espiámos a tua chegada. Eu não ia esquecer o rosto de quem me tentou raptar.

— O que fizeste com a doutora al—Maaz? — sibilou a voz ao seu ouvido, enquanto a adaga se pressionava com mais força.

Safia percebeu que o seu rosto ainda estava encoberto pelo lenço e pelos óculos. Eles pensavam que ela era uma das mulheres, talvez bandidos. Sufocada pelo susto, ergueu a mão e retirou o lenço e os óculos.

Omaha teve duas reacções. Abriu a boca perante o rosto, depois precipitou—se e desviou o braço do homem, libertando—a.

— Oh, meu Deus, Saffie... — Abraçou—a intensamente. Fogo incendiou—lhe o ombro.

— Omaha, o meu braço.

Ele largou—a. Outros surgiram de portas e janelas.

Safia olhou para trás de si. Um homem postava—se aí, a adaga nas suas mãos. Painter. Ele nem lhe reconhecera a voz. Teve dificuldade em reconciliar aquele homem com a imagem que dele tinha. Ainda sentia a lâmina contra a sua pele, o punho enrolado no seu cabelo.

Painter recuou um passo. O seu rosto mostrava alívio, mas os seus olhos

azuis cintilavam também de uma emoção quase demasiado crua para ser percebida. Vergonha e remorso. Desviou o olhar para a encosta contígua.

Motociclos e buggies alinhavam—se agora na crista, os motores a rugir. As Rahim tinham—se preparado para vir em seu socorro. Mulheres, todas vestidas e encobertas como Safia, surgiram de esquinas de edifícios próximos, armas encostadas ao ombro.

Kara desceu pesadamente a encosta, os braços erguidos no ar.

— Recuem todas! — bradou em voz alta. — Foi apenas um mal—entendido. Omaha abanou a cabeça.

— Aquela mulher não precisa de retirar a máscara. Consigo reconhecer aquela estridula voz de comando em qualquer lugar.

— Kara... — disse Painter, espantado. — Como?

Omaha virou—se para Safía.

— Estás bem?

— Estou óptima — conseguiu exalar. Kara juntou—se—lhes. Retirou o lenço.

— Deixem—na. — Gesticulou para que se afastassem. — Dêem—lhe espaço para respirar.

Omaha recuou. Acenou a cabeça em direcção à encosta. Cautelosamente, as Rahim começavam a descer.

— Então, quem são as vossas amigas?

Kara encolheu os ombros.

— Isso poderá levar algum tempo a explicar.

08h22
Deserto profundo

Cassandra dirigiu—se à sua tenda, um modelo de sobrevivência do exército americano, desenhado para suportar ventos até cento e trinta quilómetros por hora. Ela reforçara—a com um escudo de protecção contra o vento e a areia, do lado mais fustigado da tenda.

O resto da equipa tinha acomodações similares. Os camiões de transporte de maior envergadura tinham, igualmente, sido posicionados como corta—vento.

Junto à tenda, Cassandra sacudiu a areia do uniforme. Usava um chapéu de abas largas, puxado para baixo sobre as orelhas e um lenço a proteger o rosto. Os ventos atacavam agora com violência, mordendo as armações das tendas, fazendo lençóis de areia correr por baixo. A tempestade de areia estrondeava

como um comboio de mercadorias a passar.

Acabara de voltar de uma inspecção final ao acampamento, certificando—se de que todos os helicópteros estavam firmemente amarrados. Os homens já tinham colocado os indicadores de sinal do GPS para fixar a sua posição, em coordenação com os satélites orbitais fixos. Os dados deviam estar a começar a chegar ao sistema de mapeamento computadorizado.

Cassandra ainda dispunha de algumas horas antes de a electricidade estática da tempestade de areia ameaçar a electrónica, exigindo o corte da ligação. Mais do que tempo suficiente para interceptar os dados enviados pelo satélite LAND—SAT, quando este se sintonizasse com os indicadores de GPS. O radar do satélite tinha a capacidade de penetrar a dezoito metros abaixo da areia. Fornecer—lhe—ia uma vista geral do que ficava lá no fundo. Alguma indicação de onde começar a escavar. Assim que a tempestade de areia se dissipasse, iniciariam os trabalhos com escavadoras e retro—escavadoras. Quando alguém se desse conta da escavação, já teriam desaparecido.

Esse era o plano.

Cassandra empurrou a aba da tenda. O interior era espartano. Uma cama de campanha e roupa de reserva. O resto da tenda era um elaborado sistema de comunicações por satélite. E dispunha de equipamento electrónico adicional guardado em malas.

Atravessou até ao computador portátil e usou a cama como assento. Ligou—se ao JPL em Houston e introduziu o código de autorização apropriado para aceder aos dados do LANDSAT. A transmissão devia ter sido completada há cinco minutos atrás. Os dados aguardavam—na. Premiu as teclas e começou a descarregar.

Uma vez concluído, recostou—se e observou o ecrã a preencher—se lentamente com uma imagem do deserto. Vislumbrou os camiões, as tendas, mesmo a latrina entrincheirada. Era a transmissão de testagem. Alinhamento perfeito.

Uma segunda imagem chegou lentamente ao seu portátil. O exame mais profundo.

Cassandra aproximou—se.

O terreno desvaneceu—se para dar lugar a uma conformação diferente, revelando o leito rochoso sob a areia. Era uma paisagem fossilizada de um outro tempo, preservada no arenito. Embora a maioria do terreno fosse plana, era marcado por um antigo leito de rio que se estendia por um dos cantos da imagem. Desembocava num antigo leito de lago sepultado por baixo do

acampamento.

Cassandra estudava a paisagem, uma fotografia de tempos passados.

Não viu nada de significativo. Nenhuma cratera de meteorito, nenhum artefacto intrigante.

Chegou—se para trás. Iria enviar a imagem para os geólogos a soldo da Guild. Talvez conseguissem ver algo mais.

Um ruído junto da aba da tenda chamou a sua atenção.

John Kane coxeou para dentro da tenda.

— Apanhámos o sinal da doutora al—Maaz. Cassandra rodou para o encarar.

— Quando? Onde?

— Há oito minutos atrás. Foram precisos mais alguns minutos para fixar a posição. O sinal voltou à vida a dez milhas a oeste daqui. Quando traçámos a triangulação, ela parou. Submergiu a cerca de seis milhas daqui.

Ele mancou até ao mapa sobre a mesa de trabalho e puncionou.

— Aqui mesmo.

Cassandra debruçou—se a seu lado, lendo o nome.

— Shisur. O que há aí?

— Perguntei a um dos técnicos em Thumrait. Ele diz que foi onde se encontraram as antigas ruínas de Ubar. Nos anos noventa.

Cassandra fitou o mapa. As suas linhas a azul e vermelho ainda pareciam frescas. O círculo vermelho marcava a sua presente posição. Colocou o dedo sobre o círculo e seguiu a linha vermelha para trás.

Atravessava Shisur.

Ela fechou os olhos. Visionando de novo o rosto da curadora, quando Cassandra desenhara o círculo. Ela continuara a estudar o mapa. Os seus olhos distantes, a calcular mentalmente.

— Aquela filha—da—mãe... — O dedo de Cassandra sobre o mapa fechou —se num punho. A raiva incendiava—a. Contudo, lá bem no fundo, despontou uma centelha de respeito.

John Kane mantinha as sobrancelhas franzidas.

Cassandra fitou de novo a imagem do LANDSAT.

— Não há nada aqui. Ela lixou—nos. Estamos no sítio errado.

— Capitão?

Ela encarou Kane.

— Levante os homens. Vamos partir. Quero os camiões a rolar dentro de dez minutos.

— A tempestade de areia...

— Que se lixe. Temos tempo suficiente. Vamos partir. Não podemos ficar presos aqui. — Ela encaminhou Kane para a porta. — Deixem o equipamento, tendas, mantimentos. Apenas as armas.

Kane desapareceu da tenda.

Cassandra voltou—se para uma das suas caixas de transporte. Abriu—a rapidamente e retirou um transmissor de rádio portátil. Ligou—o, introduziu a frequência correcta e sintonizou o canal do transmissor implantado na curadora.

Ergueu um dedo sobre o botão de transmissão. Um toque e a esfera de C4 no pescoço da doutora al—Maaz explodiria, amputando—lhe a espinha e matando —a instantaneamente. Sentiu um impulso avassalador de premir. Em lugar disso, desligou o dispositivo.

Não foi a compaixão que reteve a sua mão. Safia provara o seu valor na resolução de enigmas. Tal perícia poderia ainda ser necessária. Mas mais do que isso, ela não tinha a certeza se Painter estaria ao lado da mulher.

Isso era importante.

Cassandra queria que Painter visse Safia morrer.

XVII - PROCURANDO UMA FECHADURA

4 de Dezembro, 09H07
Shisur

Safia firmou os óculos em posição.

— Todos têm o respectivo equipamento?

— Parece o anoitecer — disse Clay junto à porta. Tinham entabuado as janelas do edifício de blocos de cinza. Escolheram esse abrigo em particular, porque tinha uma porta sólida a fechar contra os ventos. Abria igualmente do lado sul da estrutura, a coberto do ataque directo da tempestade.

Pela entrada, Safia podia ver que o céu da manhã fora varrido pela areia soprando alto, escurecendo o mundo para uma penumbra fantasmagórica. Nuvens de pó ensombravam o sol. Mais próximo, torrentes de areia em torvelinho varriam as ruelas de cada lado da casa, rodopiando à face da porta. Era a extremidade frontal da tempestade. Mais distante, o coração da tempestade de areia gemia e bramia, como uma fera raivosa, rangendo os dentes pelo deserto.

Não tinham muito tempo.

Safia encarou o grupo reunido na sala despida. A maioria dos edifícios em

Shisur era deixada aberta ou não fechada à chave. Os residentes sazonais simplesmente despojavam o local até ao reboco antes de seguir caminho, nada deixando que roubar a não ser algumas peças de olaria partidas, um prato rachado e sujo na pia da cozinha e um punhado de escorpiões verde pálidos. Até mesmo as cortinas tinham sido levadas.

— Todos têm lugares definidos onde procurar — disse Safia. Ela pregara um mapa na parede. Dividira o local em cinco secções, uma para cada um dos detectores de metais surripiados do depósito de ferramentas das ruínas. Tinham rádios Motorola para se manterem em contacto. Todos, excepto as crianças mais jovens, tinham uma quadrícula do mapa atribuída para ajudar na busca, armados de picaretas e pás.

— Se detectarem alguma coisa, assinalem—na. Deixem que os vossos companheiros a desenterrem. Continuem a avançar. Continuem a procurar.

Acenos receberam as suas ordens. Todos os pesquisadores vestiam mantos do deserto castanho avermelhados, fornecidos por Lu'lu. Os rostos estavam encobertos. Os olhos protegidos por óculos. Era como se se preparassem para mergulhar debaixo de água.

— Se algo de significativo for encontrado, comuniquem—no pelo rádio. Eu irei ver. E lembrem—se... — Puncionou o relógio no pulso do seu braço suspenso. Daqui a quarenta e cinco minutos, todos devem voltar aqui. A força máxima da tempestade deverá atacar em menos de uma hora. Enfrentaremos o pior da tempestade aqui dentro, examinaremos tudo o que for encontrado e prosseguiremos assim que os ventos diminuírem. Dúvidas?

Ninguém levantou a mão.

— Então, vamos.

Os trinta exploradores partiram para a intempérie. Uma vez que a cidadela era o ponto mais provável para procurar os Portões de Ubar, Safia conduziu a maioria dos membros da equipa até às ruínas da fortaleza, concentrando aí as atenções. Painter e Clay arrastavam a unidade do radar de penetração do solo. Barak transportava o detector de metais ao ombro como uma espingarda. Atrás dele, Coral e Kara carregavam ferramentas de escavação. A fechar o grupo, seguiam Lu'lu e a condutora do buggy, Jehd. Todas as outras Rahim se tinham dividido em equipas para pesquisar as outras secções.

Safia virou a esquina do edifício de blocos de cinza. Foi imediatamente arrastada para trás por uma rajada. Era como se a mão de Deus a empurrasse, com uma palma áspera e enérgica. Dobrou—se ao vento e enveredou em direcção à entrada das ruínas.

Reparou em Painter a estudar a hodja. Todos tinham trocado as suas histórias no reencontro, colocando—se a par da situação. A história de Safia foi, evidentemente, a mais impressionante e aparentemente fantasiosa: uma tribo secreta de mulheres, cuja linhagem de sangue remontava à Rainha do Sabá, linhagem essa garantida por estranhos poderes mentais conferidos por uma fonte desconhecida oculta no coração de Ubar. Embora o rosto de Painter estivesse dissimulado por óculos e envolto por um lenço, a sua postura expressara dúvida e descrença. Ele mantinha um passo vigilante entre Safia e a hodja.

Deixaram a cidade propriamente dita e penetraram os portões de madeira das ruínas. Cada grupo se dispersou para a secção atribuída. Omaha e Danny ergueram os braços em saudação, enquanto se dirigiam ao fosso natural por baixo da cidadela. Com a sua experiência de campo, os dois homens supervisionariam a inspecção do fosso. O abismo era um outro ponto provável para um possível achado significativo, uma vez que uma parte da fortaleza desabara para o seu interior.

Contudo, Omaha não ficara satisfeito com a sua missão. Desde a chegada de Safia, ele seguira cada passo seu, sentara—se a seu lado, os olhos raramente deixando o seu rosto. Ela sentira um rubor face à atenção, meio embaraço, meio irritação. Mas entendia o alívio dele ao descobri—la com vida e não se exasperou.

Painter, por outro lado, evitava—a, desapaixonado, clínico. Manteve—se ocupado, enquanto ouvia a história de Safia sem qualquer reacção. Algo mudara entre eles, tornando—se incómodo. Ela sabia o quê. Forçou a sua mão a não massajar o pescoço, onde ele segurara a adaga. Ele mostrara um lado seu, uma face cruel, mais cortante que a própria adaga. Nenhum dos dois sabia como reagir. Ela estava demasiado chocada, inquieta. Ele fechara—se.

Centrando—se no mistério ali, Safia conduzia a sua equipa por um trilho íngreme até à fortaleza altaneira. A medida que subiam, todo o sistema de ruínas se abriu à sua volta. Tinha—se passado uma década, desde que Safia pousara os seus olhos nas ruínas. Antes, havia apenas a cidadela, por reconstruir, um mero monte de pedras, e uma pequena secção de muralha. Agora, todos os muros circundantes tinham sido libertados das areias, parcialmente reconstruídos por arqueólogos, juntamente com as bases toscas de sete torres que guardavam outrora a fortaleza.

Até mesmo o fosso natural, de nove metros de profundidade, tinha sido escavado e cuidadosamente examinado.

Mas a maior parte da atenção fora votada à cidadela. As pedras empilhadas

tinham sido repostas como num quebra—cabeças. A base do castelo era quadrangular, com quase trinta metros de lado, suportando a sua torre de vigia circular.

Safia imaginou os guardas a percorrer as defesas, atentos aos saqueadores, vigilantes às caravanas em aproximação. Abaixo da fortaleza, prosperara uma cidade movimentada: mercadores apregoando peças de olaria artesanal, tecidos tintos, tapetes de lã, azeite, cerveja de palma, vinho de tâmara; pedreiros laborando para construir muros mais altos; e por toda a cidade, cães a ladrar, camelos a bramir e crianças a correr por entre as tendas, o riso vivo. Para lá das muralhas, campos irrigados estender—se—iam verdes de sorgo, algodão, trigo e cevada. Fora um oásis de comércio e de vida.

Os olhos de Safia desviaram—se para o fosso. Depois, um dia, tudo cessou. Uma cidade destruída. As pessoas fugindo imbuídas de terror supersticioso. E assim Ubar desapareceu sob o arrastar das areias e dos anos.

Mas isso estava tudo à superfície. As histórias sobre Ubar iam mais longe, lendas de poderes mágicos, reis tiranos, tesouros imensos, a cidade dos mil pilares.

Safia relanceou as duas mulheres, uma velha, a outra jovem, gémeas idênticas separadas por décadas. Como se conjugavam ambas as histórias: a mística e a mundana? As respostas jaziam ali, escondidas. Safia tinha a certeza.

Chegou à entrada da cidadela e fitou em cima a fortaleza.

Painter acendeu uma lanterna de bolso e apontou um feixe luminoso ao interior da cidadela.

— Temos de iniciar a busca.

Safia transpôs o limiar. Assim que penetrou na fortaleza, os ventos morreram por completo e o distante estrondear da tempestade esbateu—se.

Lu'lu juntou—se—lhe.

Barak seguiu—as, ligando o detector de metais. Começou a varrer atrás dela, como que apagando as suas pegadas da areia.

Sete passos adiante, abria—se uma câmara sem janelas, uma caverna escavada pela mão do homem. A parede do fundo era uma ruína de pedra caída.

— Pesquise a sala — instruiu Safia a Barak.

O imponente árabe assentiu e começou a sua busca de artefactos escondidos.

Painter e Clay instalaram o radar de penetração do solo segundo as indicações de Safia.

Safia fez oscilar a sua lanterna pelas paredes e tecto. Não tinham qualquer adorno. Alguém acendera uma fogueira em tempos passados. Fuligem manchava

o tecto.

Safia percorreu o chão, os olhos procurando pistas. Barak andava para trás e para diante, concentrado no seu detector de metais, inspeccionando chão e paredes. Como a sala era pequena, não demorou muito tempo. Vazio. Nem um único silvo.

Safia postou—se no centro. Aquela câmara era o único espaço interior ainda de pé. A torre no alto desabara sobre si mesma, destruindo as câmaras que pudessem existir por cima desta.

Painter activou o radar de penetração do solo, ligando o monitor portátil. Clay entrou na sala, arrastando lentamente a plataforma de transporte vermelha pelo chão de pedra arenoso, puxando—o como um boi preso ao jugo. Safia aproximou—se e estudou a digitalização, mais familiarizada com a leitura dos resultados. Se houvesse quaisquer compartimentos subterrâneos secretos, estes surgiriam no radar.

O ecrã permaneceu escuro. Nada. Rocha sólida. Arenito.

Safia endireitou—se. Se houvesse um coração secreto de Ubar, tinha de estar debaixo do solo. Mas onde?

Talvez Omaha tivesse tido mais sorte com a sua equipa.

Safia ergueu o rádio.

— Omaha, estás a ouvir—me? Uma curta pausa.

— Sim, o que se passa? Encontraste alguma coisa?

— Não. Alguma coisa no fosso?

— Estamos a terminar o exame com o detector, mas até agora nada.

Safia franziu o sobrolho. Aqueles eram os lugares mais prováveis onde encontrar respostas. Ali, residia o centro espiritual de Ubar, a sua casa real. A antiga rainha teria certamente acesso imediato ao coração secreto de Ubar. Teria mantido a sua entrada fechada em segurança.

Safia voltou—se para Lulu.

— Mencionou que após a tragédia, a rainha selou Ubar e dispersou as suas chaves.

Lu’lu anuiu.

— Até ser chegada a altura de descerrar de novo Ubar.

— Então o portão não foi destruído, quando o fosso se abriu. — O que foi uma sorte. Demasiada sorte. Ponderou naquilo, pressentindo uma pista.

— Talvez devesse trazer as chaves até aqui — disse Painter.

— Não. — Ela descartou a possibilidade. As chaves só se tornariam importantes uma vez encontrado o portão. Mas onde, senão na cidadela?

Painter suspirou, os braços cruzados.

— E se tentássemos recalibrar o radar, aumentar a intensidade, procurar mais fundo?

Safia abanou a cabeça.

— Não, não, estamos a procurar da maneira errada. Demasiada tecnologia. Isso não vai resolver este enigma.

Painter exibiu um olhar levemente magoado. A tecnologia era a sua área de especialização.

— Estamos a pensar num registo excessivamente moderno. Detectores de metal, radar, grelhas de pesquisa, mapeamentos. Tudo isso foi feito antes. O portão, para sobreviver tanto tempo, intocado, deve estar bem enraizado na paisagem natural. Escondido à plena vista. Ou teria sido já encontrado. Precisamos de pôr de parte os instrumentos e começar a pensar pela nossa cabeça.

Safia descobriu Lu'lu a devolver—lhe o olhar. A hodja exibia o rosto da rainha que selara Ubar. Mas partilhariam ambas da mesma natureza?

Safia visionou Reginald Kensington para sempre imobilizado no vidro, um símbolo de dor e de tormento. A hodja mantivera—se em silêncio durante todos aqueles anos. Ela devia ter desenterrado o corpo, tê—lo levado para o seu covil da montanha e tê—lo escondido. Só a descoberta das chaves de Ubar fizera quebrar o silêncio da mulher, soltar—lhe a língua para revelar os seus segredos. Havia uma determinação implacável em tudo aquilo.

E se a antiga rainha tivesse sido como a hodja, teria protegido Ubar com a mesma determinação implacável, uma impiedade que roçava a crueldade.

Safia sentiu um poço de gelo erguer—se à sua volta, evocando a questão inicial. Como sobrevivera tão convenientemente o portão ao colapso do fosso? Ela conhecia a resposta. Fechou os olhos com um despontar de consternação. Estivera a analisá—lo de forma completamente errada. Ao contrário. Tudo fazia um sentido doentio.

Painter devia ter pressentido a sua perturbação súbita.

— Safia...?

— Eu sei como o portão foi selado.

09h32

Painter apressou—se a voltar do edifício de blocos de cinza. Safia mandara —o buscar rapidamente o scanner de raios X. Este fizera parte do equipamento

retirado do SUV de Cassandra. Aparentemente, Cassandra demonstrara—o mesmo a Safia em Salalah, mostrando como o coração de ferro continha uma assinatura reveladora da decomposição de antimatéria, para convencer Safia da verdadeira razão da perseguição.

Juntamente com o scanner de raios X, Painter descobrira toda uma caixa de equipamento de análise, mais sofisticado que tudo o que conhecia, mas um brilho de avidez surgiu no olhar de Coral quando contemplou a maquinaria. O seu único comentário:

— Interessantes brinquedos.

Painter carregou todo o caixote. Safia estava na pista de alguma coisa.

A tempestade atacou—o enquanto atravessava o portão de madeira das ruínas. A areia metralhava cada milímetro de pele descoberta, o vento arrancava—lhe o lenço e o manto. Inclinou—se contra a intempérie. O dia tornara—se noite. E era apenas a ponta da tempestade.

A norte, o mundo interrompia—se num muro de escuridão, relampeando de brechas araneiformes de um fogo azul. Carga estática. Painter conseguia sentir a electricidade no ar. A NASA realizara estudos para uma planeada missão a Marte, avaliando a resistência de homens e equipamento em semelhantes tempestades de areia. Não eram o pó e a areia que mais ameaçavam o equipamento electrónico, mas a extrema carga estática presente no ar, formada por uma combinação de ar seco e energia cinética. Suficiente para inutilizar os circuitos em segundos, criar agonizantes erupções estáticas na pele. E, agora, aquela tempestade fazia rodopiar uma gigantesca rajada de estática. E estava prestes a atingi—los.

Painter agachou—se em direcção ao pequeno monte, abrindo caminho por entre o vento e a areia em fúria. Quando alcançou a área, dirigiu—se para baixo em vez de para cima, seguindo o trilho íngreme que descia para dentro do fosso. O profundo poço estendia—se para este e oeste, ao longo do eixo mais extenso. Na extremidade ocidental, a cidadela erguia—se no cimo da elevação, mantendo a vigília sobre o fosso.

Safia e a sua equipa agachavam—se de ambos os lados, no extremo oriental do abismo. Por aquela altura, já as Rahim se tinham também reunido em torno da orla do poço. A maioria estava deitada de bruços para minimizar a exposição ao vento.

Ignorando—as, Painter deslizou pelo caminho arenoso. Ao chegar ao fundo, apressou—se para diante.

Safia, Omaha e Kara debruçavam—se sobre o monitor da unidade de radar

de penetração do solo. Safia premia o ecrã.

— Ali. Estão a ver aquela cavidade? Fica a menos de um metro da superfície.

Omaha recostou—se.

— Clay, arraste a plataforma do radar uns sessenta centímetros para trás. Sim, aí mesmo. — Debruçou—se de novo sobre o monitor.

Painter juntou—se—lhes.

— O que descobriram?

— Uma câmara — disse Safia.

Omaha resmungou.

— É apenas o que resta do velho poço. Há muito seco. Estou certo de que já foi documentado por outros exploradores.

Painter aproximou—se de Omaha, premiu um botão no monitor. Uma vaga secção transversal a três dimensões do terreno sob a plataforma do radar surgiu no monitor. Tinha uma forma cónica, estreita no topo e mais larga no fundo.

— Tem apenas três metros na sua largura maior — disse Omaha. — É simplesmente uma secção não desabada da cisterna original.

— Parece de facto uma cavidade sem saída — concordou Kara.

Safia endireitou—se.

— Não, não é. — Encarou Painter. — Trouxe o detector de radiação?

Painter ergueu a caixa.

— Trouxe.

— Passe o scanner.

Painter abriu a caixa, agarrou na vara de detecção da base do scanner de raios X e activou—a. A agulha vermelha varreu para trás e para diante, a calibrar. Uma luz verde intermitente fixou—se num brilho constante.

— Tudo a postos.

Lentamente descreveu um círculo. De que suspeitava Safia? A agulha vermelha permaneceu no ponto zero.

— Nada — reportou ele.

— Eu disse... — encetou Omaha.

Foi interrompido.

— Agora, verifique a face do penhasco. — Safia apontou para a parede rochosa. — Aproxime—se bem.

Painter seguiu as suas instruções, o detector seguro adiante de si como uma vareta de adivinhação. A areia rodopiava dentro do poço, uma insignificante taça de pó agitada pelos ventos lá de cima. Arqueou—se sobre o scanner à medida

que se aproximava da face do penhasco. Passou a vareta de detecção sobre a face rochosa, em grande parte de arenito.

A agulha oscilou no indicador.

Segurou o aparelho com maior firmeza, protegendo—o do vento com o seu próprio corpo. A agulha deteve—se. Era uma leitura bastante ténue, mal fazendo desviar a agulha, mas era uma leitura positiva.

Gritou sobre o ombro.

— Há aqui alguma coisa!

Safía acenou de volta.

— Temos de escavar no ponto em que a plataforma do radar está posicionada A um metro de profundidade. Para abrir a câmara.

Omaha consultou o relógio.

— Temos apenas mais vinte minutos.

— Podemos fazê—lo. É apenas areia acumulada e rochas pequenas. Se vários escavarem ao mesmo tempo...

Painter concordou, sentindo uma onda de excitação.

— Força.

Em menos de um minuto, um círculo de escavadores deitou mãos ao trabalho.

Safia postava—se recuada, amparando o braço imobilizado.

— Já te podes explicar? — indagou Omaha. Safía assentiu.

— Eu tinha de ter a certeza. Estivemos a vê—lo da forma errada. Todos sabemos que o fosso natural se abriu sob a cidade de Ubar e destruiu metade da cidade, fazendo fugir os habitantes aterrorizados com a ira de Deus. Depois do desastre, a última rainha de Ubar selou o coração da cidade, para proteger os seus segredos.

— E? — inquiriu Kara, ao lado da hodja.

— Não acham estranho que o portão tivesse sido convenientemente poupado durante a devastação que aqui aconteceu? Que enquanto os habitantes fugiam, a rainha ficasse para trás e executasse todos esses actos secretos: selar o portão de maneira que nunca fosse descoberto, forjar e esconder as chaves em locais nessa altura sagrados?

— Suponho que sim — disse Kara.

Omaha animou—se visivelmente.

— Estou a ver onde queres chegar. — Relanceou os escavadores, de novo Safia, agarrando no seu braço são. — Estivemos a vê—lo ao contrário.

— Alguém é capaz de o explicar a nós, laicos? — perguntou Painter, irritado

com o entendimento de Omaha.

Omaha explicou.

— A cronologia tem de estar errada. Um cenário da galinha e do ovo. Acreditámos que o fosso fora a razão da selagem de Ubar.

— Agora, pensem na questão a uma nova luz — acrescentou Safia. — Como se fossem a rainha. O que importaria semelhante desastre para a casa real, de qualquer forma? A verdadeira riqueza de Ubar, a fonte do seu poder, residia noutro lado. A rainha podia simplesmente tê—la reconstruído. Ela possuía a riqueza e o poder para o fazer.

Omaha colocou—se em sintonia, o par operando como uma equipa experiente.

— A cidade não era importante. Era apenas uma máscara dissimulando a verdadeira Ubar. Uma fachada. Um instrumento.

— A que foi dado um novo uso — disse Safia. — Como um meio de esconder o portão.

Kara abanou a cabeça, claramente tão confusa quanto Painter.

Omaha suspirou.

— Algo deve ter verdadeiramente aterrorizado a rainha, o suficiente para afastá—la da riqueza e poder de Ubar, forçá—la e às suas descendentes a viver uma existência nómada, sobrevivendo nas franjas da civilização. Acreditam realmente que a abertura de um fosso natural seria razão suficiente?

— Acho que não — disse Painter. Ele notou a excitação a crescer entre Safia e Omaha. Eles estavam no seu elemento. Ele fora excluído, observando de fora. Uma centelha de ciúme percorreu—o.

Safia pegou no fio do raciocínio.

— Algo aterrorizou a família real, o suficiente para querer selar Ubar ao mundo. Não sei o que poderá ter sido, mas a rainha não agiu precipitadamente. Vejam como foram metódicas as preparações posteriores. Ela forjou chaves, escondeu—as em lugares sagrados para o povo, envolveu—as em enigmas. Parece uma resposta irracional? Foi calculada, planeada e executada. Tal como o primeiro passo para selar Ubar.

Safia relanceou Omaha.

Ele preencheu a lacuna em falta.

— A rainha provocou deliberadamente o colapso do fosso natural. Seguiu—se um aturdido momento de silêncio.

— Ela destruiu a sua própria cidade? — perguntou Kara, por fim. — Porquê?

Safia assentiu.

— A cidade foi apenas um meio para um fim. A rainha deu—lhe o seu uso final. Para sepultar os portões de Ubar.

Omaha olhou em volta do círculo.

— O acto teve igualmente um propósito psicológico. Fez fugir as pessoas, assustou—as para nunca mais voltarem. Aposto que a rainha terá ela própria espalhado algumas das histórias sobre a ira de Deus. Que melhor maneira de suspender um sinal de «Acesso Proibido» nestas paragens?

— Como perceberam tudo isso? — inquiriu Painter.

— Era apenas uma conjectura — disse Safia. — Eu tinha de o testar. Se o fosso natural tivesse sido usado para sepultar alguma coisa, então teria de haver aqui algo. Uma vez que os detectores de metal nada tinham descoberto, ou o objecto estava demasiado fundo ou se tratava de algum tipo de câmara.

Painter olhou de relance para os escavadores.

Safia prosseguiu:

— Tal como nos túmulos, a rainha encobriu pistas em símbolos e na mitologia. Mesmo a primeira chave. O coração de ferro. Ele simbolizava o coração de Ubar. E na maioria das cidades, o coração da comunidade é o poço. Assim, ela escondeu o Portão de Ubar no poço, enterrado na areia, assim como o coração de ferro foi selado em arenito, fazendo depois desabar o fosso por cima.

— Afastando as pessoas — murmurou Painter. Aclarou a garganta e falou com mais clareza. — E a assinatura de radiação?

— Seria precisa dinamite para abrir este fosso — respondeu Omaha. Safia assentiu.

— Ou algum tipo de explosão de antimatéria.

Painter relanceou Lu'lu. A hodja permanecera estoicamente silenciosa durante todo o tempo. Teriam as suas ancestrais verdadeiramente utilizado tal poder?

A velha mulher notou a sua atenção. Mexeu—se. Os seus olhos estavam escondidos pelos óculos.

— Não. Lançam calúnias. A rainha, a nossa ancestral, não mataria tantos inocentes apenas para ocultar o segredo de Ubar.

Safia cruzou na sua direcção.

— Nunca foram encontrados restos humanos no interior ou no exterior do fosso. Ela deve ter achado maneira de evacuar a cidade. Uma cerimónia ou algo do género. Então, fez desabar o fosso. Duvido que alguém tenha morrido aqui.

Contudo, a hodja não estava convencida, recuando mesmo de Safia. Um brado ergueu—se dos escavadores.

— Encontrámos algo! — bradou Danny. Todos os rostos se voltaram para ele.

— Venham ver, antes de escavarmos mais.

Painter e os outros aproximaram—se. Coral e Clay desviaram—se para os deixar passar. Danny apontou a sua pá.

No centro do buraco em forma de vala, a areia vermelha escura dera lugar a uma areia branca.

— O que é aquilo? — perguntou Kara.

Safia saltou para dentro, baixou—se sobre um joelho e passou a mão pela superfície.

— Não é areia. — Olhou para cima. — É incenso.

— O quê? — inquiriu Painter.

— Incenso de prata — especificou Safia e levantou—se. — O mesmo que encontrámos a obstruir o coração de ferro. Uma forma dispendiosa de cimento. Foi introduzido no topo da câmara oculta como uma rolha numa garrafa.

— E por baixo? — perguntou Painter. Safia encolheu os ombros.

— Só há uma maneira de o descobrir.

09h45

Cassandra agarrava o seu computador portátil, enquanto o M4 de alta velocidade conquistava mais uma pequena duna. O veículo de transporte parecia uma autocaravana Winnebago acastanhada equilibrada sobre um par de lagartas de tanque e, apesar das suas dezoito toneladas, tragava a paisagem com a eficiência de um BMW numa auto—estrada.

Mantinha um ritmo razoável, respeitando o terreno e as condições climatéricas. A visibilidade era fraca, de apenas alguns metros. A areia soprada pelo vento escavava canais por todo o lado, arrancando os topos das dunas com violência. O céu escurecera, sem nuvens, o Sol não mais que uma Lua abatida no alto. Não ousava correr o risco de atolar o veículo. Nunca o conseguiriam libertar. Assim, procediam com uma cautela prudente.

Atrás de si, os outros cinco camiões de todo—o—terreno seguiam na esteira do veículo maior, à medida que este abria um trilho através do deserto. Na retaguarda, iam os camiões de caixa aberta com os helicópteros VTOL aninhados.

Relanceou o relógio no canto do ecrã do seu portátil. Embora tivessem levado quinze minutos a pôr a caravana em movimento, deslocavam—se agora a

um bom ritmo. Alcançariam Shisur em vinte minutos.

Contudo, continuava a vigiar o ecrã. Havia duas janelas abertas. Uma era uma transmissão em tempo real de um satélite da NOAA que seguia o trajecto da tempestade. Ela não tinha dúvida de que chegariam ao abrigo do oásis antes de o máximo da tempestade atacar, mas mesmo à justa. E de ainda maior preocupação era o sistema de altas pressões que se deslocava para o interior e que era esperado colidir com aquela tempestade de areia, nas próximas horas. Seria o inferno ali, durante algum tempo.

A outra janela no monitor exibia um outro mapa da área, um esquema topográfico daquela região do deserto. Esquematizava cada edifício e estrutura em Shisur, incluindo as ruínas. Um pequeno círculo azul em movimento, do tamanho de uma borracha de lápis, cintilava no centro das ruínas.

A doutora Safia al—Maaz.

Cassandra fitava a luz azul. O que estás a tramar? A mulher conduzira—a para longe da rota, para longe do prémio. Ela pensara roubá—lo de Cassandra, usando a cobertura da tempestade. Rapariga esperta. Mas a inteligência levara—a apenas até aí. A força do braço era igualmente importante. A Sigma ensinara—lhe isso, combinando cérebro e músculo. A soma de todos os homens. O lema da Sigma.

Cassandra ensinaria essa lição à doutora al—Maaz.

Podes ser esperta, mas eu sou mais forte.

Relanceou pelo espelho lateral o comboio de veículos militares. No seu interior, uma centena de homens armados com o mais recente material militar e equipamento da Guild. Logo atrás, na caixa de transporte do M4, John Kane seguia com os seus homens. As espingardas erguidas enquanto procediam ao sacramento mortífero de uma inspecção final do armamento. Eram os melhores dos melhores, a sua guarda pretoriana.

Cassandra fitava adiante enquanto o veículo abria implacavelmente caminho. Tentou penetrar a obscuridade e a paisagem varrida pelo vento.

A doutora al—Maaz podia descobrir o tesouro.

Mas no final, Cassandra tomá—lo—ia.

Relanceou de novo o ecrã do portátil. A tempestade tragava o mapa da região, consumindo tudo no seu curso. Na outra janela, o esquema da cidade e das ruínas reluzia na cabina obscura.

Cassandra retesou—se, subitamente. O círculo azul desaparecera do mapa.

A doutora al—Maaz tinha—se eclipsado.

09h53

Safia pendia da escada de escavação. Fitou Painter acima. A sua lanterna cegou—a. Visionou subitamente o momento no museu em que ficara suspensa do telhado de vidro e ele se encontrava em baixo, encorajando—a a esperar por ajuda. Só que agora as posições estavam invertidas. Ele estava em cima; ela em baixo. Contudo, de novo, era ela quem estava suspensa sobre uma queda.

— Só mais uns degraus — disse ele, o lenço chicoteando—lhe em torno do pescoço.

Ela relanceou Omaha no fundo. Ele segurava a escada.

— Eu apanho—te.

Fragmentos de incenso esboroado derramavam—se à sua volta. Blocos maiores espalhavam—se aos pés de Omaha e o ar na câmara subterrânea exalava o seu aroma. Levara apenas alguns minutos com as picaretas para perfurar a caverna em forma de cone.

Uma vez penetrada, Omaha baixara uma vela até à caverna, para verificar as condições do ar e iluminar o interior. Depois, desceu por uma escada móvel, inspeccionando ele próprio a câmara. Só quando se deu por satisfeito deixou Safia descer. Com o seu ombro ferido, teve de libertar o braço esquerdo da tala e carregar a maior parte do peso com o braço direito.

Esforçou—se por descer o resto. A mão de Omaha encontrou a sua cintura e ela encostou—se ao seu abraço, grata. Ele ajudou—a a chegar ao chão.

— Eu estou bem — disse ela, quando ele manteve uma mão no seu cotovelo.

Ele baixou a mão.

Tudo estava bem mais silencioso longe do vento, fazendo—a sentir—se ligeiramente surda.

Painter já montara a escada, descendo, movendo—se agilmente. Em breve, o feixe de três lanternas reluzia sobre as paredes.

— É como estar dentro de uma pirâmide — disse Painter.

Safia assentiu. Três paredes grosseiras inclinavam—se para cima até à abertura no topo.

Omaha ajoelhou no chão, passando os dedos pela superfície.

— Arenito — disse Safia. — As três paredes e o chão.

— Isso é significativo? — perguntou Painter.

— Não é natural. As paredes e o chão são lajes de arenito talhadas. Trata—se de uma estrutura feita pelo homem. Construída sobre um leito rochoso calcário, imagino. Depois, foi vertida areia em volta do exterior. Uma vez a estrutura coberta, rolharam a abertura no topo e cobriram—na com mais areia solta.

Omaha ergueu o olhar.

— E para se assegurar de que ninguém a descobria por acidente, fizeram desabar o fosso natural sobre ela, afastando todos com histórias fantasmagóricas.

— Mas porquê tudo isso? — inquiriu Painter. — O que é suposto isto ser?

— Não é óbvio? — Omaha sorriu—lhe, mostrando—se subitamente cativante a Safia. Os óculos estavam descidos sob o queixo, o lenço e capuz atirados para trás. Não se barbeava há alguns dias, deixando—lhe um restolho bronzeado nas faces e queixo, o cabelo levantado em sítios estranhos. Ela esquecera como ele era no terreno. Meio selvagem, indomado. Ele estava no seu elemento, um leão na savana.

Tudo isso veio—lhe com o relampear do sorriso.

Ele amava tudo aquilo — e outrora, também ela amara. Fora igualmente selvagem e desinibida, a sua companheira, amante, amiga, colega. Depois, Telavive...

— O que é óbvio? — perguntou Painter. Omaha agitou energicamente um braço.

— Esta estrutura. Você viu uma idêntica, hoje. Painter franziu o olhar.

Safia sabia que Omaha o arrastava deliberadamente, não por malícia, mas simplesmente por puro prazer e respeito.

— Embatemos numa destas — bastante mais pequena — na nossa descida das montanhas.

Os olhos de Painter cresceram, o olhar varrendo o espaço.

— As pedras de oração.

— Um trílito — disse Omaha. — Nós estamos no interior de um trílito gigante. Safia suspeitou que Omaha queria saltar de satisfação e, verdade fosse dita, a excitação dele era contagiosa. Ela própria não conseguia manter—se quieta.

— Precisamos de trazer as chaves até aqui.

— E a tempestade? — alertou Painter.

— Que se lixe a tempestade — disse Omaha. — Você e os outros podem abrigar—se na povoação. Eu fico aqui. — Os seus olhos caíram sobre Safia.

Ela assentiu.

— Aqui, temos uma boa protecção. Se alguém pudesse fazer descer os artefactos de ferro, água, alguns instrumentos, eu e Omaha podíamos tentar descobrir o que fazer com eles. Poderíamos ter resolvido o enigma quando o pior da tempestade se extinguisse. Senão, perderemos todo um dia.

Painter suspirou.

— Eu devia ficar aqui, também. Omaha despediu—o.

— Crowe, você não tem utilidade para nós aqui. Para usar as suas próprias palavras de há pouco, esta é a minha área de especialização. Armas, operações militares... isso é consigo. Aqui, está simplesmente a ocupar espaço.

Nuvens turbulentas formaram—se por detrás dos olhos azuis de Painter.

Safia colocou uma mão conciliatória no braço do homem.

— Omaha tem razão. Temos rádios para se precisarmos de alguma coisa. Alguém tem de se certificar de que todos ficam em segurança quando a tempestade atacar.

Com clara relutância, Painter encaminhou—se para a escada. Os seus olhos demoraram—se nela, relancearam Omaha, depois desviaram—se. Subiu e falou:

— Comuniquem pelo rádio tudo o que necessitem. — Depois, afastou todos os outros, dirigindo—os de volta ao abrigo do edifício de blocos de cinza.

Safia ganhou subitamente aguda consciência de como estava sozinha com Omaha. O que parecera tão natural há um momento atrás, parecia agora estranho e desconfortável, como se o ar se tornasse subitamente acre ali. A câmara parecia demasiado estreita, claustrofóbica. Talvez não tivesse sido uma ideia brilhante.

— Por onde começamos? — perguntou Omaha, as costas voltadas para ela.

Safia colocou de novo o braço na tala.

— Procuramos pistas.

Afastou—se e apontou a sua luz para cima e para baixo de cada parede. Pareciam idênticas no tamanho e na forma. A única marca era uma pequena abertura quadrada a meia altura de uma delas, talvez uma base para pousar uma lamparina de óleo.

Omaha ergueu o detector de metais do chão. Safia gesticulou para que o pousasse.

— Duvido que... Assim que o ligou, o detector silvou. As sobrancelhas de Omaha ergueram—se.

— Falando em sorte de principiante.

Mas quando varreu o aparelho sobre mais áreas do chão, o detector continuou a silvar, como se houvesse metal por todo o lado. Ergueu—o sobre as paredes de arenito. Mais silvos.

— Okay — confessou Omaha, baixando o detector, não chegando a nenhuma conclusão. — Começo a detestar verdadeiramente essa velha rainha.

— Ela escondeu uma agulha num palheiro.

— Tudo isto devia estar muito fundo para os detectores à superfície. É altura de passar à baixa tecnologia. — Omaha puxou do bloco de notas e de um lápis, com urna bússola na mão, começou a mapear o trílito. — Então e as chaves? —

O que é que têm?

— Se elas datam do tempo da queda de Ubar, como acabaram no interior de uma estátua datada de 200 a. C? Ou no túmulo de Job? Ubar caiu em 300 d. C.

— Olha à tua volta — disse Safia. — Eles eram hábeis artesãos de arenito. Devem ter encontrado esses locais sagrados, calibrado a fonte de energia que reside no interior dessas chaves. Antimatéria ou o que quer que seja. E enterraram os artefactos em elementos já presentes nos túmulos: a estátua em Salalah, a parede de oração no túmulo de Job. Depois selaram—nos com arenito, com uma ´perícia que deixou a sua intervenção indetectada.

Omaha assentiu, continuando o seu esboço.

O ladrar do rádio assustou—os. Era Painter.

— Safia, tenho os artefactos. Vou voltar aí com água e algumas rações de combate. Precisa de mais alguma coisa? Os ventos estão a tornar—se ferozes.

Ela considerou, fitando as paredes à sua volta, depois lembrando—se de algo que podia ser útil. Pediu—lho.

— Entendido. Eu levo—o.

Enquanto desligava, encontrou os olhos de Omaha sobre si. Ele relanceou rapidamente o bloco de notas.

— Isto é o melhor que consigo esboçar — balbuciou, mostrando—lhe o diagrama.

— Alguma ideia? — perguntou ela.

— Bem, tradicionalmente as três pedras do trílito representam a trindade celestial. Sada, Hird e Haba.

— A lua, o sol e a estrela da manhã — proferiu Safia, nomeando—as como eram conhecidas actualmente. — Uma trindade reverenciada pelas primeiras religiões da região. De novo, a rainha mostrava um tratamento não preferencial em relação às diferentes fés.

— Mas que laje de pedra representa que entidade celestial? — inquiriu Omaha.

Ela assentiu.

— Por onde começar?

— Pela manhã, diria eu. A estrela da manhã surge ao amanhecer no céu sudeste. — Omaha bateu ao de leve na parede apropriada. — Isso parece bastante óbvio.

— O que nos deixa as duas outras paredes — disse Safia, retomando o raciocínio. — Agora, a parede a norte está alinhada ao longo do eixo este—oeste, com uma seta.

— O curso que o Sol percorre no céu.

Safia animou—se.

— Aquela abertura quadrada na parede norte podia mesmo representar uma janela, para deixar entrar a luz do Sol.

— O que deixa esta última parede à Lua. — Omaha aproximou—se da parede sudoeste. — Não sei porque esta representa a Lua, mas Sada era a divindade predominante para as tribos do deserto da Arábia. Por isso deve ser significativa.

Safia concordou. Na maioria das culturas, o Sol era a divindade maior, supremo, gerador de vida, gerador de calor. Mas nos desertos ressequidos, ele era mortal, impiedoso, implacável. Assim, a Lua, Sada, era a mais venerada pelo seu toque refrescante. A Lua trazia a chuva, representada pelo touro com os seus chifres em forma de crescente. Cada quarto de fase da lua era denominado Il ou Ilah, que com o decorrer dos anos se tornou num termo designativo de Deus. Em hebreu, El ou Elohim. Em árabe, Allah.

A Lua era suprema.

— Contudo, a parede parece vazia — disse Omaha.

Safia aproximou—se dele.

— Deve haver alguma coisa. — Juntou—se à busca. A superfície era rugosa, picada em certos pontos.

Um esmagar de areia anunciou a chegada de Painter.

Omaha trepou até meio da escada e passou os abastecimentos a Safia no fundo.

— Como vão as coisas aí em baixo? — perguntou Painter, enquanto fazia descer um garrafão plástico com água.

— Devagar — respondeu Safia.

— Mas a fazer progressos — interpôs Omaha.

Painter inclinou—se contra o vento. Sem carga como agora estava, parecia que a próxima rajada forte o faria voar para longe. Omaha desceu de novo. Uma chuva de areia soprada pelo vento seguiu—o.

— É melhor voltar para o abrigo — gritou Safia, preocupada com a segurança de Painter.

Ele saudou—a e afastou—se por entre o temporal de areia.

— Bem, onde é que nos íamos? — indagou Omaha.

10h18

Fora do fosso, Painter lutava contra a tempestade. Uma noite misteriosa descera. Pó encobria o sol, inundando o mundo de uma luz carmesim. A visibilidade reduzia—se a uns metros à frente de si. Tinha os óculos de visão nocturna fixos ao rosto, mas mesmo isso pouco ampliava o alcance de visão. Mal vislumbrava os portões quando se esgueirou por eles.

Por entre os edifícios da cidade, a areia fluía sob os pés impelida pelos ventos como se caminhasse pelo leito de um rio. As suas roupas crepitavam de electricidade estática. Sentia—o no ar. A boca sabia—lhe a pó, os lábios gretados e secos.

Finalmente, contornou para o lado protegido do abrigo. Fora do ataque directo da tempestade, sentiu—se capaz de inspirar profundamente. A areia corria em turbilhões enlouquecidos, jorrando por cima da linha do telhado. Caminhou com uma mão ao longo da parede de tijolos de cinza.

Metros à sua frente, uma figura desdobrou—se dos torvelinhos da escuridão, um fantasma ganhando forma. Um fantasma com uma espingarda. Era uma das sentinelas Rahim, montando guarda. Só a vira mesmo em cima dela. Acenou com a cabeça quando passou por ela. Nenhum reconhecimento. Caminhou até à porta.

Detendo—se, relanceou para trás. Ela desaparecera de novo, eclipsando—se.

Seria simplesmente a tempestade ou seria parte da sua habilidade para se confundir com o cenário, enevoar a percepção? Painter mantinha—se diante da porta. Ele ouvira a história de Safia, mas parecia demasiado louca para acreditar. Em demonstração das suas capacidades mentais, a hodja colocara um escorpião verde—pálido no chão e fizera—o desenhar oito figuras no pó, uma e outra vez, parecendo controlá—lo. Seria algum truque? Como o encantamento de serpentes?

Quando estendia a mão para o manipulo, os ventos assumiram um lamento ligeiramente diferente. O rugir tornara—se de tal forma constante que já quase não o ouvia. Mas por um instante, ergueu—se um roncar mais profundo, um som trazido pelo vento, em lugar do próprio vento. Permaneceu imóvel, escutando—o de novo, tentando penetrar o véu da areia veloz. A tempestade prosseguia o seu rugir constante. O som não se repetiu.

Seria apenas a tempestade? Relanceou a leste. Estava certo de que o som viera daquela direcção. Abriu a porta e torceu—se para entrar, empurrado pelos ventos.

A sala estava repleta de corpos. Ouviu uma criança a chorar no piso de cima. Não teve dificuldade em identificar Coral entre as outras mulheres, um icebergue

num mar escuro. Ela descruzou as pernas, erguendo—se. Estivera a limpar uma das suas armas.

Reconhecendo a preocupação dele, aproximou—se a passos largos.

— O que se passa?

10h22

Todos os camiões estavam reunidos sob a protecção de uma duna, alinhado como que aguardando o início de uma parada. Os homens agachavam—se no relativo abrigo dos veículos, mas os detalhes eram indistintos na escuridão. Encontravam—se a meio quilómetro de Shisur.

Cassandra caminhava com Kane pelas fileiras. Usava óculos de visão nocturna, uniforme caqui e um poncho com capuz cingido na cintura.

Kane marchava com uma mão a cobrir o auricular do seu rádio, escutando um relatório. Uma companhia de vinte soldados partira há dez minutos.

— Entendido. Aguardem novas ordens. — Baixou a mão e inclinou—se para Cassandra. — A equipa alcançou os limites da cidade.

— Diga—lhes que circundem a área. Da cidade e das ruínas. Que escolham posições de vantagem de onde disparar. Ninguém, nem nada deverá deixar aquele lugar.

— Certo, capitão. — Voltou a falar para o microfone de garganta, retransmitindo as ordens.

Prosseguiram até à retaguarda da linha, onde seis camiões de caixa aberta transportavam os helicópteros VTOL. Estes estavam cobertos por lonas e amarrados às suas armações de transporte. Chegaram aos dois últimos camiões. Homens puxavam as cordas que seguravam os helicópteros. Uma lona partiu a voar no vento, ondeando alto.

Cassandra carregou o olhar.

— Estes são os seus dois melhores pilotos? — perguntou Cassandra a Kane, quando ele terminou a comunicação via rádio.

— É bom que sejam. — Os olhos de Kane fitavam a tempestade.

As vidas de Cassandra e Kane dependiam, agora, do sucesso daquela missão. O fracasso no túmulo colocara—os a ambos numa situação difícil. Precisavam de provar o seu valor ao comando da Guild. Mas mais do que isso, Cassandra notava uma qualidade idiossincrática no homem, uma nova ferocidade, menos humor, mais fúria profunda. Ele fora vencido, mutilado, marcado. Ninguém fazia isso a John Kane e escapava para contar o ocorrido.

Alcançaram o grupo dos camiões de caixa aberta.

Cassandra encontrou os dois pilotos à espera. Caminhou a passos largos na sua direcção. Seguravam capacetes sob um dos braços, equipados com ligações electrónicas para alimentação dos dados fornecidos por radar. Voar com aquelas condições climatéricas, significava voar apenas pelos instrumentos. A visibilidade era nula.

Endireitaram—se quando a reconheceram, o que era difícil estando todos envoltos e encobertos por ponchos.

Cassandra olhou—os de alto a baixo.

— Gordon. Fowler. Vocês acham que conseguem pôr esses pássaros a voar com este tempo?

— Sim, senhor — admitiu Gordon. Fowler assentiu. — Temos filtros electrostáticos de areia a proteger a admissão ao motor e dispositivos de radar programados para as actuais condições climatéricas. Estamos prontos.

Cassandra não detectou medo nos seus rostos, mesmo quando os ventos uivaram. De facto, ambos pareciam animados, excitados, dois surfistas prontos a atacar grandes ondas.

— Devem manter—se em contacto constante e directo comigo — disse Cassandra. — Foi—vos fornecido o meu canal de comunicação.

Acenos.

— Um irá vigiar a cidade, o outro as ruínas. Kane irá carregar um programa nos vossos computadores de bordo. Permitir—lhes—á captar o sinal do alvo principal. O alvo não deve, friso bem, não deve ser lesado.

— Entendido — resmoneou Gordon.

— Quaisquer outros elementos hostis — concluiu Cassandra — devem ser imediatamente abatidos.

De novo, acenos. Cassandra deu meia volta.

— Vamos lá pôr estes pássaros no ar.

10h25

Omaha observava Safia arrastar—se sobre os joelhos, varrendo a areia do chão com uma das mãos. Achava difícil concentrar—se. Tinha esquecido como era extraordinário trabalhar ao lado dela. Reparou nas minúsculas gotas de transpiração na sua fronte, no modo como a sobrancelha esquerda se crispava, quando estava intrigada, no salpico de poeira na sua face. Aquela era a Safia que ele sempre conhecera... antes de Telavive.

Safia continuava a varrer.

Haveria esperança para eles?

Ela relanceou na sua direcção, notando que ele se imobilizara.

Ele mexeu—se e aclarou a garganta.

— O que estás a fazer? — perguntou, gesticulando para o varrer do chão. — A criada vem amanhã.

Ela sentou—se e bateu ao de leve na parede sobre a sua cabeça.

— Este é o lado sudeste. A laje do trílito que representa a estrela da manhã, que se ergue a cada dia nos céus nessa direcção.

— Certo, já o tinha dito. E então?

Safia trabalhara em silêncio nos últimos dez minutos, dispondo o material trazido por Painter de um modo bastante metódico, o seu modo habitual de proceder. Passara a maior parte do tempo a estudar as chaves. Sempre que ele tentara interromper, ela erguera uma palma.

Safia voltou ao seu varrer.

— Já determinámos que paredes correspondem a que entidades celestiais — lua, sol ou estrela da manhã —, mas agora temos de descobrir que chaves correspondem a tais entidades celestiais.

Omaha concordou.

— Certo e o que imaginas?

— Temos de pensar num contexto de tempos antigos. Algo que Cassandra não fez, aceitando as milhas modernas pelas romanas. A resposta reside aí. — Safia relanceou—o de volta, testando—o.

Ele fitou a parede, determinado a resolver o enigma.

— A estrela da manhã não é verdadeiramente uma estrela. É um planeta. Vénus, para ser específico.

— Identificado e denominado pelos Romanos.

Omaha endireitou—se, depois torceu—se para olhar os artefactos.

— Vénus era a deusa romana do amor e da beleza. — Ajoelhou—se e tocou na lança de ferro com o busto da Rainha do Sabá no topo. — E aqui está uma beleza incontestável.

— Foi o que imaginei. Assim, tal como no túmulo de Job, deve haver um ponto onde a inserir. Um buraco no chão. — Ela prosseguiu a sua busca.

Ele juntou—se—lhe — mas procurou noutro lado.

— Estás a vê—lo erradamente — disse ele. — É a parede que é significativa. Não o chão. — Passou a palma pela superfície e continuou o seu raciocínio, retirando prazer do desafio de perspicácia na resolução daquele enigma. — É a

laje que representa a estrela da manhã, assim será na laje que se encontrará...

As palavras morreram—lhe, quando os dedos descobriram uma pequena cavidade na parede. A altura da cintura na laje. Parecia natural, fácil de passar despercebida na obscuridade. O seu indicador afundou—se por completo no interior. Ali ficou, curvado, como o rapaz holandês do dique.

Safia abeirou—se dele.

— Encontraste.

— Traz o artefacto.

Safia afastou—se, agarrou na lança de ferro. Omaha retirou o dedo e ajudou—a a introduzir a extremidade da lança no buraco. Foi um processo laborioso com a parede inclinada. Mas conseguiram movê—la até à posição correcta. A lança afundou—se cada vez mais. Todo o punho foi tragado, até deixar apenas o busto saliente, agora pendendo da parede como um troféu humano.

Safia manipulou—o mais para dentro.

— Repara como a parede está entalhada deste lado. Combinando—se com a da rainha. — Ela rodou o busto e empurrou—o com força.

— Um encaixe perfeito.

Recuou.

— Como uma chave numa fechadura.

— E vê para onde se dirige, agora, o olhar da nossa rainha de ferro.

Safia seguiu—lhe o olhar.

— A parede da lua.

— Agora, o coração — disse Omaha. — Ele pertence à parede do Sol ou da Lua?

— Eu diria à parede do sol. A lua era o deus predominante da região. A sua luz suave trazia ventos refrescantes e o orvalho da manhã. Penso que o que quer que procuremos a seguir, a chave ou a fechadura final, estará associado à parede da Lua.

Omaha caminhou até à parede norte.

— Então, o coração pertence a esta parede. O Sol. A entidade severa. Safia relanceou o artefacto.

— Uma divindade com um coração de ferro.

Omaha ergueu o artefacto. Havia apenas um lugar onde colocá—lo. Na pequena janela aberta na face da parede norte. Mas antes de o colocar em posição, passou os dedos pelo limiar, tendo de se pôr em bicos de pés para sentir a base do nicho.

— Há aqui uns ténues entalhes. Tal como na parede.

— Um berço para o coração.

— Uma fechadura e uma chave.

Foi necessário algum rolar até encontrar o encaixe perfeito entre a superfície do coração e os entalhes no arenito. Finalmente, fixou—se em posição. A extremidade entupida de incenso apontada à parede da lua.

— Okay, eu diria que aquela é uma laje importante — disse Omaha. — E agora? Safia passou as mãos pela última parede.

— Não há aqui nada.

Omaha rodou lentamente num círculo.

— Nada que se consiga ver no escuro. Safia relanceou—o.

— Luz. Todos os corpos celestiais se iluminam. O sol irradia luz. A estrela da manhã brilha.

Omaha lançou—lhe um olhar oblíquo.

— Mas sobre o quê irradiam?

Safia recuou. Notou de novo a superfície anormalmente rugosa da parede, a sua superfície lunar picada.

— As lanternas — murmurou ela.

Cada qual apanhou uma do chão. Safia assumiu posição junto do busto suspenso. Omaha deslocou—se até ao coração na abertura.

— Faça—se luz. — Segurando a lanterna sobre a cabeça, posicionou o feixe como se fosse a luz do sol a jorrar pela janela, inclinando—o para corresponder à posição da extremidade saliente. — O sol brilha por uma janela elevada.

— E a estrela da manhã brilha, baixa, sobre o horizonte — proferiu Safia, ajoelhando ao lado do busto, dirigindo o seu feixe na direcção do olhar deste.

Omaha fitou a parede da lua, iluminada de lado pelas duas fontes de luz a partir de ângulos diferentes. As imperfeições da parede criavam sombras e fendas. Uma figura tomou forma, desenhada por essas sombras.

Omaha estreitou o olhar.

— Parece uma cabeça de camelo. Ou talvez de uma vaca.

— É um touro! — Safia fitou Omaha, os seus olhos carvões em brasa. — Sada o deus da lua, é representado como um touro, por causa dos chifres em forma de crescente.

Omaha estudou as sombras.

— Mas, então, onde estão os chifres do touro?

O animal na parede não tinha nada entre as orelhas. Safia apontou para o material.

— Traz—me aquilo, enquanto eu seguro a luz.

Omaha pousou a sua lanterna na janela, junto ao coração de ferro. Atravessou até ao equipamento e agarrou no dispositivo que parecia uma caçadeira, só que com uma extremidade bojuda, como um prato de satélite. Safia pedira especificamente a Painter que o trouxesse. Ele estava ansioso para ver como funcionava.

Passou—lho, assumindo a posição dela com a lanterna.

Ela caminhou até ao centro da câmara e apontou a perfuradora a laser. Um círculo de luz vermelha surgiu na parede. Ela fixou—o sobre a figura sombreada, entre as orelhas.

Premiu o interruptor do aparelho. As luzes vermelhas giraram e o arenito começou imediatamente a esboroar—se, à medida que a energia do laser fazia vibrar a estrutura cristalina. Areia e pó brotaram. Também fragmentos mais brilhantes. Lascas de metal, avermelhado.

Lascas de ferro, compreendeu Omaha, entendendo agora porque o detector de metal emitira um silvo constante. Os arquitectos daquele quebra—cabeças tinham misturado lascas de ferro e areia na rocha.

Na parede, o feixe operava como um tornado, perfurando o arenito como se fosse pó solto. Com a sua lanterna firme, Omaha observava. Lentamente, um brilho mais intenso revelou—se das entranhas da pedra.

Uma massa de ferro.

Safia continuou a trabalhar, movendo o laser para cima e para baixo. Em poucos minutos, surgiu um arco de chifres, pousado sobre a imagem sombreada.

— Definitivamente um touro — concordou Omaha.

— Sada — murmurou Safia, baixando a arma. — A Lua.

Abeirou—se e tocou a armação de chifres embutidos, como que para se certificar de que eram reais. Uma chuva de faíscas azuladas irrompeu ao contacto.

— Ai!

— Estás bem?

— Sim — disse ela, agitando os dedos. — Apenas um choque de electricidade estática.

Contudo, recuou um passo, estudando os chifres montados na parede.

Os chifres pareciam de facto exibir uma forma de crescente, ressaltando da rocha. Areia e pó soltados pela escavação rodopiaram pela câmara, enquanto os ventos já em cima se tornaram subitamente mais violentos, parecendo soprar directamente pela abertura no tecto.

Omaha olhou para o alto Acima do fosso, os céus estavam escuros, mas algo

ainda mais escuro agitava—se no ar, movendo—se para baixo. Uma luz surgiu subitamente.

Oh, não...

10h47

Safia viu—se agarrada pela cintura e lançada para o lado. Omaha arrastou—a para as sombras, sob as lajes inclinadas.

— O que estás a...

Antes que ela pudesse concluir, um feixe de luz intensa arrojou—se pela abertura no topo, lançando um pilar de brilho pelo centro da câmara do trílito.

— Helicóptero — bradou Omaha ao seu ouvido. Safia ouvia agora o vago pulsar dos rotores em contraponto ao monótono rugir da tempestade.

Omaha segurava—a com força.

— É Cassandra. A luz extinguiu—se enquanto o projector se desviava. Mas o batimento dos rotores persistia. Ainda estava lá fora, a procurar na tempestade.

Safia ajoelhou—se com Omaha. Com a luz do projector extinguida, a câmara parecia mais escura.

— Tenho de avisar Painter — disse Safia.

Rastejou até ao rádio Motorola. Quando os seus dedos tocaram a sua superfície, uma outra faísca eléctrica passou do rádio às pontas dos dedos, ferroando—a como uma vespa. Recuou a mão com um sacão. Só agora notava a escalada da electricidade estática. Sentia—a na sua pele, trepando como formigas. O seu cabelo crepitava de faíscas quando olhou para Omaha.

— Safia, volta aqui.

Os olhos de Omaha estavam imensos. Circundou até ela, mantendo—se nas sombras. A sua atenção não estava fixa no helicóptero, mas no centro da câmara.

Safia juntou—se—lhe. Ele pegou na sua mão, provocando—lhes um choque eléctrico, os cabelos a zunir.

No centro da câmara, um brilho azulado ondeava onde pousara o feixe de luz do helicóptero. Tremulava, agitando—se no ar, os contornos indistintos. A cada movimento, coalescia, rodopiando para dentro.

— Electricidade estática — disse Omaha. — Olha para as chaves.

Os três artefactos de ferro — coração, busto e chifres — mostravam uma tonalidade vermelho escura.

— Eles estão a atrair a electricidade do ar. A actuar como pára—raios da carga estática da tempestade lá em cima, carregando as chaves de energia.

O brilho azul formou uma nuvem cintilante no centro do espaço. Agitava—se com os seus próprios ventos, movendo—se no mesmo lugar. As chaves brilhavam cada vez mais intensamente. O ar crepitava. Rendilhados de carga faiscavam de cada dobra de manto ou lenço.

Safia arquejava diante da visão. O arenito era um excelente isolador. O libertar dos chifres da pedra devia ter completado uma espécie de circuito entre os três. E a câmara actuava como um recipiente magnético, encurralando as energias.

— Temos de sair daqui — instou Omaha.

Safia continuava a fitar, extasiada. Testemunhavam uma visão posta em movimento há milénios atrás. Como podiam partir?

Omaha agarrou—a pelo cotovelo, os dedos enterrando—se.

— Saff, as chaves! Elas são como o camelo de ferro no museu. E agora uma bola de raios está a formar—se aqui dentro.

Safia revisionou o vídeo do British Museum. O brilho rubro do meteorito, a agitação cerúlea da bola de raios... Omaha tinha razão.

— Acho que activámos uma bomba aqui em baixo — disse Omaha, pondo Safia de pé e empurrando—a para a escada móvel. — E está prestes a explodir.

Quando ela punha um pé no primeiro degrau, o mundo dardejou ofuscante. Ela estremeceu, imobilizando—se, uma presa apanhada num foco. O helicóptero voltara, pairando directamente por cima. A morte esperava—a lá fora... tão certa como ali dentro.

XVIII - TOCA DE COELHO

4 de Dezembro, 11h02
Shisur

Painter estava deitado sobre o telhado do edifício de blocos de cinza. Cingira o seu manto estreitamente debaixo das pernas e enterrara as pontas do lenço. Não queria que nenhum esvoaçar de tecido revelasse a sua posição.

Aguardava que o helicóptero fizesse uma nova passagem sobre a povoação. Dispararia um só tiro. Tinha de assumir que o helicóptero estava equipado com visão nocturna. O reluzir do cano denunciaria a sua posição. Esperava, a espingarda Galil encostada à face, pousada sobre uma base de apoio. A arma israelita, tomada de empréstimo de uma das Rahim, tinha a capacidade de disparar um tiro certeiro a quase trezentos metros. Mas não no meio daquela

tempestade, não com uma visibilidade tão baixa. Precisava do helicóptero próximo.

Painter estava deitado, à espera.

O helicóptero pairava algures por ali, à procura. Um caçador aéreo dissimulado na tempestade. Ao mínimo movimento, abriria fogo com as suas duplas armas.

Painter notou o brilho mais longe na tempestade, na direcção das ruínas. O segundo helicóptero. Rezou para que Safia e Omaha se mantivessem fora de vista. Ele tentara contactá—los via rádio, quando suspeitou do perigo, mas algo lhe bloqueou o sinal. Talvez interferência da carga estática da tempestade. Tentara chegar até eles a pé, mas os helicópteros tinham descido rapidamente atacando tudo o que se mexesse.

Se havia pássaros no céu, então não se tratava de nenhum pequeno grupo de reconhecimento. Cassandra de alguma forma apercebera—se do erro e desviara todas as forças para ali.

O rádio no seu ouvido silvou de estática, o canal deixado aberto. Palavras formaram—se a partir do ruído indistinto.

— Comandante. — Era Coral, a fazer um relatório do terreno. — Conforme suspeitou, há elementos hostis a avançar de todos os lados. Estão a proceder a uma busca casa a casa.

Painter activou o seu transmissor, esperando que a tempestade mantivesse conversa privada.

— As crianças e as mulheres mais velhas?

— Prontas. Barak aguarda o seu sinal.

Painter perscrutou os céus. Onde estás? Ele precisava de abater o helicóptero, se queriam ter alguma esperança de romper o cerco em torno da cidade. O plano era atacar a ocidente das ruínas, recolhendo Safia e Omaha pelo caminho enfrentando a intempérie. Embora a tempestade piorasse a cada minuto, poderia encobrir a retirada. Se deixassem as ruínas para trás, talvez Cassandra ficasse satisfeita, o suficiente para não fazer grande esforço em caçá—los. Se conseguissem voltar às montanhas...

Painter sentiu a fúria crescer dentro de si. Odiava retirar, entregar a vitória a Cassandra. Sobretudo com a descoberta da câmara secreta sob o fosso. Cassandra certamente traria equipamento de escavação pesado. Algo jazia ali por baixo. As Rahim eram uma prova viva de algo de extraordinário. A sua única esperança era fugir com Safia, atrasando Cassandra o suficiente para que ele alertasse alguém em Washington, alguém em que pudesse confiar.

E não era certamente alguém na estrutura de comando da Sigma.

A raiva acumulava—se no seu interior, atiçando um fogo nas suas entranhas.

Ele fora traído. Todos eles.

O seu espírito fluiu para Safia. Ele ainda conseguia sentir o bater do seu coração sob a lâmina que encostara à sua garganta. Ele vira a expressão nos seus olhos depois, como se ele fosse um estranho. Mas o que esperava ela? Era o seu trabalho.

Por vezes, era necessário tomar decisões difíceis e mesmo acções extremas.

Como naquele momento.

Com o relatório de Coral de forças a movimentar—se nos limites da cidade, ficariam cercados em poucos minutos. Não podia esperar mais pelo helicóptero. Ele teria de ser feito sair.

— Novak, o coelho está pronto para correr?

— Às suas ordens, comandante.

— Prepare—o.

Painter esperou, a face contra a arma, um olho a vigiar a lente telescópica, o outro nos céus. Uma luz clara irrompeu da povoação, brilhando de uma porta aberta. Os pormenores eram indistintos, mas através dos seus óculos de visão nocturna, a luz cintilava reluzente. Um motor rouco rosnou e gemeu.

— Solte o coelho — ordenou Painter.

— Está em movimento.

Do edifício, irrompeu um motociclo. O seu percurso apenas era evidente como um clarão correndo por uma ruela entre edifícios. Ziguezagueou pelo emaranhado de ruas. Painter vigiava os céus de ambos os lados e em cima.

Então surgiu, mergulhando como um falcão.

As armas do helicóptero matraquearam, relâmpagos na tempestade.

Painter ajustou a espingarda, apontou à fonte dos disparos e premiu o gatilho. O movimento de recuo atingiu o seu ombro como o coice de uma mula. Não esperou. Expediu mais três tiros, os ouvidos a zunir.

Então viu—o, um fulgor de chama. Um segundo depois, uma explosão iluminou a tempestade. Destroços ardentes foram cuspidos em todas as direcções, mas a massa central tombou numa queda abrupta. Embateu num edifício, incandesceu, depois esmagou—se na estrada.

— Agora — bradou Painter pelo rádio.

Colocou a espingarda ao ombro e rolou pela beira do telhado. A areia macia amorteceu—lhe a queda. A toda a volta, motores foram accionados com roncos e gemidos explosivos. Luzes flamejaram. Motas e buggies arrancaram velozmente

de ruelas, alpendres e portas. Uma mota passou rapidamente por Painter. Uma mulher debruçada sobre o guiador, uma outra sentada atrás, uma espingarda em posição. As mulheres abririam um caminho adiante, guardando a sua retaguarda.

Da porta, surgiu Kara, carregando uma menina nos braços. Outros seguiram—se. Barak ajudava uma velha mulher, seguido por outras duas, suportando—se mutuamente. Clay e Danny seguravam crianças pelas mãos, uma de cada lado. Nem um queixume do todo do grupo. Nem mesmo de Clay.

— Sigam—me — disse Painter e partiu.

Mantinha a espingarda ao ombro, mas segurava uma pistola na mão.

Quando contornava a esquina do abrigo, uma barragem de fogo irrompeu das ruínas. Por entre a escuridão, reluziu a luz de um projector. O segundo helicóptero.

— Oh, meu Deus... — disse Kara, atrás dele, sabendo o que significava o tiroteio.

Safia e Omaha tinham sido encontrados.

11h12

— Corre! — gritou Omaha, enquanto cruzavam o fundo do fosso, mas as suas palavras nunca chegaram aos seus próprios ouvidos. O matraquear das armas foi ensurdecedor. Empurrou Safia à sua frente. Correram, cegos pela areia rodopiante, perseguidos por uma linha dupla de balas a tragar o chão.

Directamente adiante erguia—se o penhasco ocidental do fosso, ensombrado pelas ruínas da cidadela. A parede era ligeiramente recortada, arqueada. Se conseguissem colocar—se sob o bordo da rocha, fora da linha directa de fogo, teriam alguma protecção.

Safia corria à frente dele, um tanto entravada pela tala, frouxa, os ventos severos enleando—lhe o manto em torno dos pés. Cega pela areia. Nem sequer tinham tido tempo de colocar os óculos em posição.

Momentos antes, tinham decidido que o helicóptero era o menor dos dois males. O barril de pólvora a formar—se na câmara do trílito significava a morte certa. Assim, arriscaram correr.

O matraquear de armas tornava—se mais sonoro à medida que o helicóptero avançava no seu encalço.

A única razão porque tinham sobrevivido até ali fora a tempestade de areia. O piloto lutava por manter a aeronave equilibrada na intempérie. Esta debatia—se e agitava—se, um colibri num temporal, desviando a mira do piloto.

Correram para o abrigo, às cegas.

Omaha aguardava que as balas o despedaçassem. Com o seu último fôlego impeliria Safia para segurança, se necessário. Não foi necessário.

As balas pararam repentinamente, como se a aeronave tivesse esgotado as munições. O súbito silêncio atraiu a atenção de Omaha sobre o ombro, os ouvidos ainda a zunir. O projector do helicóptero desviava—se para longe. O aparelho retrocedia.

Com a atenção voltada para trás, tropeçou numa rocha, caindo com força.

— Omaha...!

Safia recuou para o ajudar. Ele gesticulou para que se afastasse.

— Procura abrigo!

Omaha coxeou atrás dela, o tornozelo ardendo de dor, torcido, deslocado, com sorte não partido. Amaldiçoou a sua estupidez.

O helicóptero retirou para o lado extremo do fosso. Tê—los—ia apanhado na certa. Não teriam conseguido escapar. Porque recuara?

Que diabo se estava a passar?

11h13

— Águia Um, não atinja o maldito alvo! — bradou Cassandra para o rádio. Lançou um punho ao descanso do seu assento no interior do veículo M4 blindado. No seu computador portátil, ela fitava o círculo azul—cintilante do transmissor da curadora. Voltara à existência há um instante atrás.

O tiroteio empurrara Safia para o espaço aberto.

Águia Um respondeu, a voz do piloto entrecortada.

— Ataque cessado. Há dois deles. Não consigo distinguir qual é o alvo.

Cassandra comunicara mesmo a tempo. Imaginou o piloto a cortar a mulher em pedaços. A curadora representava a sua melhor hipótese de pôr rapidamente fim aos segredos ali contidos e fugir com o prémio. E aquele piloto asinino quase a dizimara.

— Deixe ambos — disse ela. — Vigie o buraco de onde eles saíram. A caverna por onde a curadora desaparecera devia ser importante. Cassandra debruçava—se sobre o seu portátil, vigiando o brilho azul. Safia inda se encontrava dentro do fosso gigante. Não havia para onde fugir, sem que Cassandra a encontrasse. Mesmo que a mulher desaparecesse noutra caverna, Cassandra saberia onde encontrar a entrada.

Voltou—se para o condutor do veículo, John Kane.

— Vamos avançar.

Com o motor ainda ligado, meteu uma mudança. O veículo avançou com um solavanco, depois rolou pela duna acima que os escondia de Shisur. Cassandra encostou—se ao assento, uma mão sobre o portátil, mantendo—o firme.

Quando atingiram o cume da duna, o nariz do veículo oscilou para o alto, depois afundou—se pela encosta distante abaixo. O vale de Shisur estendia—se adiante. Mas não era possível ver nada para lá dos poucos metros iluminados pelos faróis de xénon do veículo. A tempestade engolia tudo o resto.

Tudo, excepto uma dispersão de clarões a marcar a cidade. Veículos em movimento. Um tiroteio entre as suas forças e um grupo desconhecido prolongava—se.

À distância, chegavam—lhe ecos de disparos esporádicos.

O capitão das suas forças avançadas tinha comunicado por rádio a sua avaliação do terreno: Parecem ser todos mulheres.

Não fazia sentido. Contudo, Cassandra recordou—se da mulher que perseguira pelos becos de Muscat. Aquela que se eclipsara à sua frente. Haveria uma ligação?

Cassandra abanou a cabeça. Já não importava. Aquela era a jogada final e não toleraria quem quer que se lhe opusesse.

Enquanto contemplava o espectáculo de luzes da cidade na escuridão, ergueu o rádio e falou ao líder da artilharia.

— Bateria avançada, estão em posição?

— Sim, senhor. Prontos para acender as velas ao seu sinal.

Cassandra verificou o portátil. O círculo azul do transmissor mantinha—se dentro do fosso. Mais nada importava. O que quer que procuravam residia nas ruínas, juntamente com a curadora.

Erguendo o olhar, Cassandra fitou a indistinção de luzes tremulantes onde se estendia a cidade de Shisur. Levantou o rádio, contactou as tropas avançadas e ordenou a retirada. Voltou, então, ao capitão da artilharia.

— Arrasem a cidade.

11h15

Enquanto Painter conduzia os outros para fora da cidade e pelos portões das ruínas, ouviu o primeiro silvo. Este penetrou o rugir da tempestade.

Vacilou, quando o primeiro projéctil atingiu a cidade. Uma bola de fogo projectou—se no céu, clareando a tempestade, iluminando um retalho da

povoação por breves instantes. O estrondo reverberou nas suas entranhas. Sons sufocados ergueram—se à sua volta. Mais silvos pelo ar.

Foguetes e morteiros.

Ele nunca suspeitara que Cassandra tivesse tal poder de fogo ao alcance.

Painter procurou apressadamente o seu rádio.

— Coral! Apaguem as luzes!

A pouca vantagem de surpresa que tinham ganho com a súbita irrupção de veículos dos respectivos esconderijos extinguira—se. Era hora de evacuar.

Na cidade, as luzes dos veículos tinham—se eclipsado. A coberto da escuridão, as mulheres retiravam para as ruínas. Mais foguetes atacaram, eclodindo em desenfreadas espirais de fogo, fustigadas pelos ventos.

— Coral! — bradou para o rádio.

Nenhuma resposta.

Barak agarrou—lhe o braço.

— Eles conhecem o ponto de encontro.

Painter girou sobre si. Mais abalos socaram—lhe as entranhas. Perto do fosso, o tiroteio do segundo helicóptero ficara silencioso. O que se estava a passar?

11h17

Safia comprimia—se contra Omaha sob o bordo da rocha. As bombas faziam ressoar fragmentos das ruínas da cidadela no cimo do penhasco sobre eles.

A sul, os céus obscuros brilhavam rubros dos fogos. Um outro estrondo reverberou por entre o queixume da tempestade. A cidade estava a ser destruída. Teriam os outros tido tempo para fugir? Safia e Omaha tinham deixado os rádios na câmara do trílito. Não tinham forma de saber o que se passava com os outros.

Painter, Kara...

A seu lado, Omaha apoiava a maior parte do seu peso no pé direito. Ela vira —o dar aquela queda, na fuga para ali. Ele torcera o tornozelo.

Omaha resmoneava através do lenço.

— Ainda poderias tentar uma corrida. Ela estava exausta, o ombro doía—lhe.

— O helicóptero...

Ainda pairava sobre o fosso. O seu projector extinguira—se, mas ainda conseguia ouvi—lo. Descrevia um circuito baixo sobre o solo arenoso, mantendo —os encurralados.

— O piloto cessou o ataque há instantes. Provavelmente está meio cego pela tempestade. Se te comprimires contra a parede, correres veloz... eu ainda podia disparar alguns tiros certeiros, daqui.

Omaha ainda tinha a sua pistola.

— Não parto sem ti — sussurrou Safia. A sua afirmação não era totalmente altruísta. Ela apertava a sua mão, precisando de sentir a sua solidez.

Ele tentou libertar—se.

— Esquece. Eu só te iria atrasar.

Ela apertou com mais força.

— Não... eu não posso partir sem ti.

Ele subitamente pareceu entender o significado mais profundo das suas palavras, o puro terror. Puxou—a para mais perto. Ela necessitava da sua força. Ele deu—lha.

O helicóptero passou sobre as suas cabeças, o ressoar do movimento do seu rotor subitamente mais nítido. Desviou—se de novo para o centro do fosso, não visível, o curso descrito pelo ressoar da sua passagem.

Ela encostou—se a Omaha. Esquecera como eram largos os seus ombros, como se encaixava na perfeição nos seus braços. Fitando sobre o ombro dele, Safia reparou num tremular azulado do outro lado do fosso, uma dança de luz.

Oh, céus...

Agarrou—se com mais força a Omaha.

— Saff — murmurou Omaha, os lábios encostados ao seu ouvido. — Depois de Telavive...

A explosão arrastou para longe quaisquer outras palavras. Um muro de ar sobreaquecido empurrou—os contra a parede, fazendo—os cair de joelhos. Um clarão de brilho, depois toda a visão se extinguiu.

Rochas choveram à sua volta. Um baque tremendo soou sobre eles. Um bloco imenso atingiu o bordo protector e resvalou para a areia. Mais pedras caíram, uma torrente de fragmentos de rocha. Meio cega, Safia sentiu—o sob os joelhos. Uma deslocação no solo.

A cidadela estava a desabar.

11h21

Painter alcançara a extremidade do fosso, quando a explosão se arrojou do seu interior. O único aviso: um clarão de cintilação azulada vinda lá do fundo. Depois uma coluna de fogo azul cerúleo irrompera da abertura da câmara,

iluminando cada canto, repelindo a tempestade com o seu brilho e o seu hálito quente.

O chão tremeu debaixo dos pés.

Sentiu a torrente de calor disparar pelo seu rosto, a direito, confinada pelas paredes do fosso profundo, mas o seu refluxo ainda o impeliu para trás. Gritos ergueram—se a toda a sua volta.

A coluna de fogo cerúleo projectada atingiu o último helicóptero em cheio no bojo, lançando—o no alto, revoluteando—o. O tanque do combustível explodiu numa torrente de chamas rubras, em contraste dramático com o azul. Os destroços do helicóptero dispersaram—se, não em fragmentos sólidos, mas em jactos líquidos de fogo fundido. Todo o aparelho se derretera no banho de chamas cobálticas. Então, do bordo sul do fosso, Painter observou as ruínas da cidadela, precariamente empoleiradas sobre a extremidade oeste, iniciar uma lenta queda para dentro do poço. E lá no fundo, iluminadas pelas chamas da pira que se extinguia, duas figuras cambaleavam pelo chão, rochas a cair a toda a sua volta.

Safia e Omaha.

11h22

Ofuscado, Omaha apoiava—se em Safia. Ela tinha um braço sob os seus ombros. Procuravam abrir caminho pelas areias. Os seus olhos lacrimejavam da queimadura residual da retina, mas a visão voltava—lhe lentamente. Primeiro tomou forma um brilho, apagado, azulado. Depois viu sombras escuras a cair à sua volta, embatendo na areia, algumas ressaltando.

Uma chuva de pedras. Uma maldição bíblica.

— Temos de sair daqui! — gritou Safia, soando como se estivesse debaixo de água.

Algo atingiu a perna boa de Omaha. Ambos foram lançados ao chão. Um ronco profundo ressoou atrás deles, acima deles, um deus irado.

— Está a ruir!

11h23

Painter corria pelo trilho que descia até ao fosso.

A sua esquerda, os restos da cidadela derramavam—se no abismo. A cidadela gemia e ressoava. Lançando rocha e areia para um dos extremos do

poço. Painter testemunhara um deslizamento de lamas durante uma trovoada, toda uma vertente que se liquidificara. Ali era o mesmo. Só que um pouco mais lento. A rocha mostrando—se mais teimosa.

A breves intervalos por entre a obscuridade, avistava Safia e Omaha a fugir atabalhoadamente da avalanche, enquanto esta se derramava lentamente na sua direcção, perseguindo—os pelo fundo. Caíram de novo, quando Omaha foi atingido no ombro e rodou.

Painter não os alcançaria a tempo.

Um som rouco gemeu atrás de si e um brado:

— Saia da frente!

O brado fê—lo girar sobre si mesmo. Uma luz cintilou, atingindo—o no rosto, ficou cego, mas viu o suficiente naquele fragmento de segundo para mergulhar para o lado.

O motociclo cruzou veloz por ele pela encosta abaixo, arrojando areia e gravilha. Saltou do caminho a três metros do chão, a roda da frente levantada, a rugosa roda traseira a girar. Aterrou com um ressalto, uma torção, um esmagar de areia — depois, arrancou a toda a velocidade.

Painter continuou a descer o caminho.

Ele vislumbrara a condutora, dobrada sobre o guiador. Era Coral Novak, encoberta de manto e óculos, o capuz puxado para trás, o cabelo alvo a esvoaçar atrás de si.

Painter seguiu no encalço, observando a mota a rasgar ao lado da avalanche. O farol dianteiro cintilava para trás e para diante, à medida que Coral se esquivava a obstáculos. Então, alcançou o par, travando e derrapando até eles. Ouviu—a gritar:

— Segurem—se bem!

Depois partiu de novo, disparando pelo fundo, para longe das pedras a desabar, arrastando Omaha e Safia, que se agarravam ao lugar traseiro, pés e pernas arrancados para trás.

Correram para longe do deslizamento de rochas.

Painter atingiu o fundo, distante do tumulto de areia e pedra. Quando pisou o chão, tudo terminara. O colapso do monte e da fortaleza cessara. O íngreme penhasco era, agora, uma elevação suave.

Acercando—se do largo delta de rocha e areia derramada, Painter apressou—se para a mota indolente. Safia pusera os pés no chão. Omaha apoiava uma mão no assento. Coral sentava—se com uma perna para cada lado da mota.

Todos fitavam o buraco no chão à sua frente. Fumegava e agitava—se, como

uma entrada para o inferno. Ficava onde se abrira antes a câmara do trílito. Só que agora tinha três metros de extensão, alargado pela explosão.

E borbulhava de água.

O farol dianteiro da mota iluminava a sua superfície fumegante.

Enquanto Painter o observava, as águas recuaram, drenando—se rapidamente.

O que se revelou deixou todos silenciosos.

11h23

Cassandra fitava, sem pestanejar, pelo pára—brisas do veículo M4. Há um minuto atrás, tinham observado um clarão de fogo azulado projectar—se em direcção ao céu. Viera de algures adiante.

Da direcção das ruínas.

— Que diabo era aquilo? — inquiriu Kane do lugar do condutor.

Tinham parado o veículo a noventa metros de distância. A esquerda, a cidade tremulava com uma dezena de fogos. Directamente em frente, as ruínas estavam de novo escuras, perdidas na tempestade.

— Aquilo não foi um dos nossos morteiros — disse Kane.

Claro que não fora. Cassandra relanceou o seu computador portátil. A luz do transmissor da curadora continuava a cintilar, só que vacilante, como se alguma interferência perturbasse o sinal. O que se passava ali?

Tentou contactar por rádio a única pessoa que poderia saber.

— Águia Um, está a ouvir—me? Aguardou por uma resposta. Não veio. Kane abanou a cabeça.

— Ambos os pássaros foram abatidos.

— Mande mais dois helicópteros levantar voo. Quero cobertura aérea.

Kane hesitou. Cassandra conhecia a preocupação dele. A tempestade, embora já soprando ferozmente, estava apenas a começar a intensificar—se. O seu máximo podia ainda não ter sido atingido. E o sistema climatérico da costa avançava velozmente de sul, prometendo condições ainda mais adversas quando os dois sistemas colidissem. Equipados como estavam de apenas seis aparelhos VTOL, o envio de outro par colocava em risco metade da força aérea restante.

Mas Kane compreendia a necessidade. Não ousavam preservar os recursos. Era tudo ou nada. Transmitiu as ordens de Cassandra pelo seu rádio. Feito isso, relanceou—a, perguntando—lhe em silêncio como proceder.

Ela acenou em frente.

— Vamos avançar.

— Esperamos que os pássaros estejam no ar?

— Não, estamos blindados. — Ela relanceou sobre o ombro para os homens sentados no compartimento traseiro, a equipa de ataque de Kane. — E temos suficiente apoio terrestre. Alguma coisa se passa ali. Consigo senti—lo.

Ele anuiu, engrenando a mudança e pondo o veículo em movimento. O pesado tanque avançou lentamente em direcção às ruínas.

11h26

Safia baixou—se sobre um joelho e estendeu uma mão sobre o bordo do buraco. Testou a temperatura com a mão. Ventos empurraram—na. A areia rodopiava em círculos, mas não tão furiosamente. A tempestade diminuíra ligeiramente, uma pausa momentânea, como se a explosão tivesse extraído alguma energia da força do temporal.

— Tem cuidado — disse Omaha, atrás dela.

Safia observava o buraco a seus pés. As águas continuavam a recuar. Parecia impossível. Quando as águas se tinham retirado, revelara—se uma rampa de vidro, espiralando fundo. A câmara do trílito tinha desaparecido. Tudo o que restava era Vidro, descendo em espiral.

A entrada para Ubar.

Safia baixou a palma em direcção à rampa exterior, lentamente, levando—a junto do vidro. Ainda reluzia com gotas de água, irradiantes contra a superfície negra, reflectindo o farol da mota.

Não sentiu queimadura.

Ousada, Safia encostou um dedo ao vidro negro. Ainda estava quente, muito quente, mas não queimava. Pousou toda a palma.

— É sólido — disse. — Ainda está a arrefecer, mas a superfície é dura. — Bateu—lhe levemente para o demonstrar.

Pondo—se de pé, estendeu uma perna e colocou um pé sobre a rampa. Esta susteve o seu peso.

— As águas devem tê—lo arrefecido o suficiente para endurecer. Painter abeirou—se dela.

— Temos de sair daqui. Coral falou, ainda montada na mota. Baixou o rádio dos lábios.

— Comandante, as Rahim estão reunidas. Podemos partir assim que der a ordem.

Safia voltou—se na direcção do bordo superior, mas este perdia—se na escuridão. Relanceou para baixo, na direcção da garganta com a espiral de vidro.

— Foi isto que viemos procurar.

— Se não partirmos agora, Cassandra irá encurralar—nos aqui. Omaha juntou—se—lhes.

— E para onde iremos? Painter apontou para ocidente.

— Para o deserto. Usando a tempestade como cobertura.

— Está louco? Este temporal apenas está a começar. E o pior ainda está para vir. E a tal megatempestade? Em pleno deserto? — Omaha abanou a cabeça. — Prefiro tentar a minha sorte contra aquela maldita.

Safia visionou Cassandra, a frieza do seu comportamento, a ausência de piedade do seu olhar. Qualquer que fosse o mistério que jazia ali em baixo, iria cair nas mãos de Cassandra. Dela e dos seus capangas. Safia não podia permitir que tal acontecesse.

— Eu vou descer — disse ela, pondo fim à discussão.

— Estou contigo — acrescentou Omaha. — Pelo menos, fica distante da intempérie.

Novos disparos irromperam subitamente lá em cima, na linha de crista. Todos se agacharam e voltaram.

— Parece que a decisão foi tomada por nós — sussurrou Omaha. Coral ladrou para o rádio, Painter para o seu.

Ao longo do bordo, cintilaram luzes, faróis. Motores a roncar. Veículos começaram a descer para o fosso, circulando a toda a velocidade.

— O que está a fazer? — perguntou Omaha.

Painter empurrou o rádio para o lado, a sua expressão azeda.

— Alguém lá em cima vislumbrou o túnel. Uma das mulheres.

A hodja, imaginou Safia. Com Ubar agora aberta, as Rahim não fugiriam. Defenderiam o local com as suas vidas. Lu'lu fazia descer toda a tribo. Um par de buggies balançou mesmo sobre a vertente desmoronada.

Os veículos aproximavam—se da sua localização.

A súbita erupção de tiros morrera.

Coral explicou, mantendo o rádio junto ao ouvido.

— Um grupo hostil avançado montou posição no cimo de uma das torres. Foram eliminados.

Safia ouviu o respeito na voz da mulher. Às Rahim tinham provado a sua coragem naquele conflito.

Dentro de poucos minutos, buggies e motas, carregados de mulheres, travaram na areia. O primeiro buggy transportava rostos familiares amontoados: Kara, Danny e Clay. Barak seguia—os numa mota.

Kara apeou—se, liderando os outros. Os ventos sopravam agora mais furiosos, fazendo adejar lenços, agitar pontas de mantos. Kara segurava uma pistola na mão.

— Avistámos luzes vindas nesta direcção — disse ela, apontando na direcção oposta, para leste. — Uma profusão delas. Camiões, dos grandes. E pelo menos um helicóptero encontra—se no ar. Vislumbrei—lhe a luz do projector há instantes.

Painter cerrou um punho.

— Cassandra está a jogar a última cartada. A hodja irrompeu por entre a multidão.

— Ubar está aberta. Proteger—nos—á.

Omaha relanceou o buraco.

— De qualquer forma, prefiro conservar a minha arma.

Painter fitou a leste.

— Não temos escolha. Desçam todos. Mantenham—se juntos. Transportem o máximo que puderem. Armas, munições, lanternas.

A hodja acenou a Safia.

— Tu irás conduzir—nos.

Safia olhou em baixo a obscura espiral de vidro, subitamente menos segura da sua decisão. A respiração acelerou—se. Quando se tratara da sua única vida, o risco era aceitável. Mas agora outras vidas estavam envolvidas.

Os seus olhos pousaram—se sobre um par de crianças, agarrando cada uma das mãos de Clay. Pareciam tão aterradas como o jovem entre elas. Mas Clay mantinha—se firme.

Safia só podia fazer o mesmo. Deixou que o coração lhe martelasse aos ouvidos, mas acalmou a respiração.

Um novo ruído insinuou—se, transportado pelo vento. O profundo roncar de um motor, algo de grande porte. O bordo oriental iluminou—se.

Cassandra estava quase lá.

— Vá! — bradou Painter. Encontrou os olhos de Safia.

— Leve—os para baixo. Depressa.

Com um aceno, Safia voltou—se e iniciou a descida. Ouviu Painter falar a Coral.

— Preciso da sua mota.

11h44

Cassandra viu o círculo azul do transmissor extinguir—se. Cerrou um punho. A curadora estava de novo em fuga.

— Leve—nos até lá — proferiu Cassandra entre dentes. — Agora.

— Já cá estamos.

Da escuridão, surgiu um muro de pedra, desmoronado, batido pela areia, mais contorno do que substância, iluminado pelos faróis dianteiros. Tinham chegado às ruínas. Kane relanceou—a.

— Ordens?

Cassandra apontou para uma abertura no muro, próximo de uma torre ruída.

— Mande os seus homens para o terreno. Quero as ruínas encerradas. Ninguém sai daquele abismo.

Kane abrandou o veículo o suficiente para a equipa de assalto rolar para fora pelas portas laterais, saltando por cima das lagartas. Vinte homens, carregados de

armas, dispersaram—se na tempestade, desaparecendo pela abertura no muro.

Kane fez avançar o veículo, movendo—se à velocidade de caracol.

O tanque esmagou as fundações de pedra da antiga muralha e entrou no recinto da velha Ubar. Os faróis do veículo não penetravam mais do que alguns metros, à medida que a tempestade gemia e projectava no ar jactos de areia.

O fosso ficava adiante, escuro e silencioso.

Era tempo de acabar com tudo aquilo.

O veículo estacou. Os faróis apontados em frente.

Homens deitavam—se de bruços ao longo do bordo, usando a cobertura de grandes pedras e pedaços de ruínas desmoronados. Cassandra aguardou que a equipa assumisse posições, dispersando para ambos os lados, circundando o fosso. Ouviu as comunicações de rádio, subvocalizadas pelos microfones de garganta.

— Quadrante três, em posição...

— Mangusto quatro, na torre...

— RPGs preparados e carregados...

Cassandra premiu a combinação tecla de Comando/Q no seu teclado e vinte e um triângulos vermelhos iluminaram—se no esquema do mapa. Cada um dos elementos da equipa de assalto tinha um dispositivo de localização incorporado no uniforme. No ecrã, observou a equipa colocar—se em posição, sem hesitações. Com eficiência e rapidez, Kane dirigia os seus homens a partir do tanque de comando. Postava—se hirto, as palmas sobre a consola, inclinado para diante para espreitar pelo pára—brisas.

— Estão todos em posição. Não há movimento em baixo. Tudo escuro. Cassandra sabia que Safia estava ali, escondida debaixo do solo.

— Iluminem—no.

Kane retransmitiu a ordem.

A toda a volta do bordo, uma dezena de projectores acenderam—se, carregados por soldados e apontados ao fundo. O abismo brilhava, agora, na tempestade.

Kane mantinha uma mão sobre o auricular. Escutou por um instante, depois falou.

— Não há elementos hostis à vista. Há motas e buggies no fundo.

— Conseguem ver alguma entrada de caverna lá em baixo? Kane assentiu.

— Onde os veículos estão estacionados. Um buraco negro. A transmissão de vídeo deve estar a chegar. Canal três.

Cassandra abriu uma nova janela no seu computador portátil. Transmissão

vídeo em directo. A imagem era imprecisa, confusa e tremulante. Interferência estática. Um faiscar de carga eléctrica dançou pela antena flexível presa no exterior do veículo.

A tempestade estava a atingir o seu máximo.

Cassandra aproximou—se. No ecrã, viu imagens vacilantes do fundo do abismo. Motas com gigantescos pneus. Uma profusão de buggies do deserto Sidewinder. Mas todos abandonados. Quem era toda aquela gente? A imagem girou, centrando—se num buraco escuro, de três metros de largo. Parecia uma escavação recente, reluzindo, reflectindo a luz dos projectores.

A abertura de um túnel.

E todos os coelhos tinham mergulhado na toca.

A imagem de vídeo enevoou—se, voltou a focar, depois perdeu—se de novo. Cassandra reprimiu uma imprecação. Queria ver aquilo por ela própria. Fechou a janela tremulante e relanceou a dispersão dos homens de Kane no esquema do ecrã. Tinham a área perfeitamente encerrada.

Cassandra desapertou o cinto.

— Vou dar uma vista de olhos. Aguente o forte.

Abriu caminho para o compartimento de trás e fez deslizar a porta lateral. Os ventos empurraram—na para dentro, batendo—lhe em cheio no rosto. Inclinou —se contra o vento com um esgar, lançou um lenço sobre a boca e nariz e impeliu—se para fora. Usando a lagarta do veículo como degrau, saltou para a areia.

Atravessou até à frente do tanque, uma mão sobre a lagarta como apoio. Os ventos socavam—na. Sentiu um novo respeito pelos homens de Kane. Quando ela se encontrava anichada no interior do veículo de comando, o seu desempenho parecera—lhe satisfatório: rápido, eficiente, sem imperícia. Agora parecia—lhe extraordinário.

Cassandra cruzou o espaço adiante do tanque, posicionando—se entre os dois feixes de luz. Seguiu—os em direcção ao fosso. Ficava apenas a alguns passos, mas quando se acercou do bordo, mal conseguia ouvir o roncar do motor acima do rugir da tempestade.

— O que lhe parece, capitão? — perguntou Kane pelo auricular.

Ela ajoelhou e espreitou para baixo. O abismo estendia—se à sua frente. No oposto da sua posição, o lado distante do fosso era uma encosta de pedra desmoronada, ainda com pequenos fragmentos a rolar. Uma avalanche "recente. Que diabo tinha acontecido? Desviou o olhar directamente para baixo de si.

A entrada do túnel devolveu—lhe o olhar, um olhar reluzente, cristalino.

Vidro.

O seu pulso acelerou à sua vista. Aquela tinha de ser a entrada para o tesouro que jazia nas profundezas. Os seus olhos percorreram os veículos imobilizados. Não os podia deixar roubar—lhe o prémio.

Activou o microfone de garganta.

— Kane, quero uma equipa completa pronta para entrar naquele túnel dentro de cinco minutos.

Não obteve resposta.

— Kane — gritou ela mais alto, torcendo—se. Os faróis do tanque cegaram —na. Desviou—se para o lado. A suspeição flamejou.

Avançou, só então notando algo deitado por terra, do lado abrigado da parede, abandonado, meio coberto de areia. Uma mota. Só uma pessoa podia ser tão esperta.

11h52

A faca atacou—lhe o rosto. Enleado, rolando pelo chão, Painter voltou a cabeça, evitando uma estocada fatal no olho. A adaga golpeou—lhe a face, roçando—lhe o osso debaixo do olho.

A fúria e o desespero inflamaram a força de Painter. Apesar do escorrer do sangue, manteve as suas pernas presas em torno das pernas do outro homem, o seu braço direito cerrado em volta do pescoço dele.

O sacana era forte como um touro, arqueando—se, rolando.

Painter prendeu—o, apanhando—lhe o braço da faca.

Quando trepara pela porta lateral do tanque, deixada convenientemente aberta por Cassandra, reconhecera o homem. Painter estivera escondido, enterrado debaixo de areia solta arrastada pelo vento e empilhada contra a parede desmoronada. Há cinco minutos atrás, guiara a mota a uma velocidade louca para fora do fosso e alcançara a fenda na parede leste. Ele sabia que as forças de Cassandra teriam de passar por ali com os veículos de que dispusessem.

Não esperara um veículo gigantesco, um monstro de vinte toneladas ao que parecia. Um autocarro equipado com lagartas de tanque. Mas servia os seus propósitos melhor do que um camião vulgar.

Rastejara para fora do esconderijo quando o veículo parara, indolente no meio da tempestade. Agachara—se entre as lagartas traseiras. Conforme esperara, toda a atenção se centrara no fosso.

Então, Cassandra saíra do veículo, dando—lhe a oportunidade de que

precisava. Com a porta não trancada, Painter esgueirara—se para o compartimento traseiro, de pistola na mão.

Infelizmente, o seu parceiro de luta, John Kane, devia ter apanhado o reflexo de Painter no vidro. Ele girara sobre uma perna entre talas e disparara a outra, derrubando a pistola da mão de Painter.

Agora debatiam—se no chão.

Painter mantinha o seu aperto estrangulador. Kane tentou esmagar a sua nuca na ponte do nariz de Painter. Painter evitou o golpe. Em resposta, arrojou a cabeça do homem ainda mais para trás e esmagou—a com força no pavimento de metal.

Um gemido.

Repetiu a acção mais três vezes. O homem tornou—se flácido. Painter continuou a prender o seu antebraço sobre o pescoço do outro. Só então notou o sangue que se espalhava pelo metal cinzento. Nariz partido.

Com o tempo a esgotar—se, Painter largou o homem. Levantou—se e cambaleou para trás. Se aquele leopardo não tivesse fragilizado o sacana antes, nunca teria vencido aquele combate.

Precipitou—se para o lugar do condutor, carregou na embraiagem e imprimiu velocidade ao tanque. O pesado gigante arrastou—se para diante, surpreendentemente ágil. Painter verificou as suas referências e apontou o veículo na trajectória desejada, directamente para o fosso.

Balas crivaram subitamente o flanco do tanque. Armas automáticas. A sua presença fora descoberta.

O ruído era ensurdecedor.

Painter continuou a avançar, indiferente. O veículo era blindado. E ele trancara a porta lateral.

O bordo do fosso surgiu adiante. Manteve o veículo em movimento.

Balas continuavam a embater, pedras contra um corpo de lata.

A extremidade dianteira transpôs o bordo do fosso.

Era o suficiente para Painter. Confiando na força cinética, saiu rapidamente do lugar. O tanque abrandou, mas arrastou—se um pouco mais para lá da beira do abismo. A dianteira abateu—se para baixo, à medida que o bordo se desmoronava. O chão inclinou—se.

Painter esforçou—se em direcção à porta traseira, tencionando abandonar o veículo antes de este se despenhar, tentando a sua sorte entre a força de assalto. Mas uma mão agarrou—lhe a perna das calças, arrancando—lhe o pé do chão. Caiu violentamente, sem fôlego.

Kane puxou Painter para si, ainda inacreditavelmente forte.

Painter não tinha tempo para aquilo. O chão inclinava—se perigosamente. Chutou o calcanhar, atingindo o nariz partido de Kane. A cabeça do homem foi disparada para trás. O seu tornozelo foi libertado.

Painter rastejou e tentou subir o chão inclinado, trepando por um penhasco de aço. Equipamento e aparelhagem tombavam em direcção a dianteira, embatendo nele. Sentiu um solavanco de deslizamento. A gravidade tomava agora conta do veículo. As lagartas rasgavam a pedra.

Estava a cair.

Saltando, Painter agarrou o manipulo da porta traseira. Infelizmente, abria para fora. Não tinha grandes hipóteses de a abrir. Usando os pés e as pernas, conseguiu empurrar a porta uns centímetros.

O vento fez o resto. O temporal apanhou a porta e abriu—a de rompante.

Painter seguiu—a, carregado em peso para o exterior.

Abaixo dele, o tanque caía, mergulhando na direcção do fosso.

Conseguiu projectar—se. Saltando da traseira, apontou ao bordo do penhasco os braços estendidos.

Alcançou—o, à risca. O abdómen embateu na extremidade. Rodou o torso no chão, as pernas suspensas sobre o poço. Os dedos procuraram um ponto de apoio. Um estrondo chiante soou no fundo. Vislumbrou figuras arrastando—se na sua direcção.

Não o alcançariam a tempo.

Deslizou para trás. Não havia onde se agarrar. As lagartas do tanque tinham desfeito a extremidade em pó. Conseguiu por um momento agarrar uma pedra enterrada na areia.

Ficou suspenso por uma mão e olhou para o fundo.

Doze metros abaixo, o veículo afundara—se de nariz no buraco de vidro, dilacerado, distorcido, um bujão de vinte toneladas a rolhar o túnel.

O suficiente.

O seu ponto de apoio rochoso cedeu. Painter caiu, tombando para dentro do poço.

A distância, ouviu o seu nome ser chamado.

Depois, o ombro embateu na saliência de uma rocha, ressaltou e o chão correu ao seu encontro, entalhado de pedras e de metal partido.

PARTE CINCO - FOGO NAS PROFUNDEZAS

XIX - PORTO DE ABRIGO NA TEMPESTADE

4 de Dezembro, 12h02
No subsolo

Safia apressou—se pela rampa espiralada abaixo, conduzindo os outros. O estrondo acima deles lançara o pânico. Detritos rolaram e deslizaram vindos do alto: vidro, rochas, mesmo um aro de metal partido. Este último rolara como um arco de criança, deslizando pela espiral, por entre a massa de gente em fuga, perdendo—se nas profundezas.

Omaha seguiu—o com a sua lanterna até ele desaparecer. O ruído em cima diminuiu, ecoando para longe.

— O que aconteceu? — indagou Safia. Omaha abanou a cabeça.

— Deve ter sido Painter.

Kara marchou pelo seu outro lado.

— Barak e Coral voltaram atrás para verificar.

Atrás deles, seguiam Danny e Clay, as costas carregadas de equipamento. Seguravam lanternas de bolso. Clay agarrava a sua com ambas as mãos, como se fosse a linha da vida. Safia duvidava que ele alguma vez se voltasse a voluntariar para uma expedição de campo.

Na retaguarda marchavam as Rahim, similarmente carregadas de abastecimentos e material. Apenas algumas lanternas brilhavam. Lu'lu, inclinada em discussão com outra anciã, seguia na sua dianteira. Safia percebeu o profundo pesar nos olhos de todas elas. Uma criança chorava baixinho lá atrás. Isoladas como eram as Rahim, uma única morte devia ser devastadora. Eram agora menos de trinta, um quarto delas crianças e mulheres de idade.

O pavimento mudou subitamente debaixo dos pés, passando de vidro tosco a pedra. Safia olhou para baixo, enquanto desciam a espiral.

— Arenito — disse Omaha. — Atingimos o extremo do alcance da explosão. Kara apontou a sua luz para trás, depois para diante.

— A explosão fez tudo isto?

— Algum tipo de carga dirigida — disse Omaha, aparentemente não

impressionado. — A maior parte da rampa espiralada provavelmente já existia. A câmara do trílito era o bujão. A bomba simplesmente fez explodir o topo.

Safía sabia que Omaha estava a simplificar as coisas. Prosseguiu em frente. Se tinham passado do vidro à pedra, então o final devia estar próximo. O arenito debaixo dos pés ainda estava húmido. E se tudo o que encontrassem fosse uma passagem inundada? Teriam de voltar para trás... enfrentar Cassandra.

Um tumulto chamou a sua atenção. Coral e Barak trotavam até eles. Safia parou juntamente com os outros.

Coral apontou para trás.

— Foi Painter. Fez afundar um camião na entrada.

— Um grande camião — elaborou Barak.

— E Painter? — indagou Safia.

Coral passou a língua pelos lábios, o olhar estreitando—se de preocupação.

— Nenhum sinal.

Safia relanceou para lá da mulher, à procura.

— Isto não manterá Cassandra fora de alcance para sempre. Já se ouviam homens a escavar. — Coral acenou para diante. — Painter conseguiu—nos tempo de avanço, vamos usá—lo.

Safia inspirou fundo, estremecendo. Coral tinha razão. Voltou—se e prosseguiu. Ninguém falou por algum tempo.

— A que profundidade estamos? — perguntou Kara.

— Eu diria a mais de sessenta metros — respondeu Omaha.

Depois de uma outra curva, abriu—se uma caverna, com a dimensão aproximada de uma garagem dupla. As luzes reflectiram—se num poço de água no centro. Agitava—se suavemente, a sua superfície turva. Água gotejava do tecto.

— A fonte da torrente de água — disse Omaha. — A carga dirigida da explosão deve tê—la sugado para cima, como o leite por uma palhinha.

Todos entraram na caverna. Um bordo de pedra circulava o poço.

— Vejam. — Kara apontou a sua lanterna a uma porta na parede distante. Contornaram o poço.

Omaha pousou uma palma sobre a superfície da porta.

— Ferro, de novo. Gostam mesmo de fundições por aqui. Havia um manipulo, mas uma barra estava atravessada na moldura da porta.

— Para manter a câmara selada sob pressão — disse Coral atrás deles. — Para o vácuo explosivo. — Ela gesticulou na direcção do poço de água.

Do alto, ecoou um estrondo.

Omaha agarrou a barra de bloqueio e puxou—a. Esta não se moveu.

— Maldição. Está encravada. — Limpou as mãos ao manto. — E oleosa.

— Para resistir à corrosão — disse Danny. Tentou ajudá—lo, mas os dois irmãos não conseguiram melhor. — Precisamos de uma alavanca ou algo assim.

— Não — disse a hodja, atrás deles. Afastou a multidão com o seu bordão e estacou ao lado de Safia. — As fechaduras de Ubar só podem ser abertas por uma Rahim.

Omaha limpou de novo as mãos.

— Minha senhora, faça o favor de tentar.

Lu'lu bateu ao de leve com o seu bordão na barra.

— É necessário alguém abençoado por Ubar, carregando o sangue da primeira rainha, para tocar em tais artefactos sagrados. — A hodja voltou—se para Safia. — Alguém que possua os dons das Rahim.

— Eu? — proferiu Safia.

— Foste testada — lembrou—lhe Lu'lu. — As chaves responderam ao teu toque. Safia visionou o túmulo chuvoso de Job. Recordava—se de esperar que a lança e o busto apontassem para Ubar. Nada acontecera de início. Ela usava luvas de trabalho. Kane carregara e colocara a lança na fenda. Esta não se movera. Não até ela limpar a chuva, como lágrimas, da face do busto, com as pontas dos dedos sem luvas. Não até ela lhe tocar.

Então, movera—se.

E os chifres em crescente. Nada acontecera até ela os examinar, fazendo saltar uma faísca de electricidade estática. Ela activara a bomba com o roçar de um dedo.

Lu'lu fez—lhe sinal para avançar. Safia avançou, entorpecida.

— Espere. — Coral retirou um aparelho do bolso.

— O que é isso? — perguntou Omaha.

— É para testar uma teoria — disse ela. — Estudei anteriormente as chaves com algum do equipamento electrónico de Cassandra. — Coral fez sinal a Safia para que continuasse.

Inspirando, Safia esticou—se e agarrou a barra com a mão do braço não magoado. Não sentiu nada de especial, nenhuma faísca. Puxou a barra. Esta soltou—se facilmente. Em choque, Safia cambaleou para trás.

— Caramba — arquejou Omaha.

— Oh, isto impressiona—o — comentou Kara.

— Deve ter—se desbloqueado para ela. Coral abanou a cabeça.

— É uma fechadura magnética.

— O quê? — perguntou Safia.

— Isto é um magnetómetro. — Coral ergueu o aparelho na sua mão. — Monitoriza a carga magnética. A polaridade daquele pedaço de ferro alterou—se, quando lhe tocou.

Safia fitou a barra solta.

— Como...?

— O ferro é altamente condutor e reactivo ao magnetismo. Se se friccionar uma agulha num íman, a sua carga magnética é transmitida. De alguma forma, estes objectos reagem à sua presença, a algum tipo de energia que você lhes transmite.

Safia visionou o girar do coração de ferro sobre o altar de mármore do túmulo de Imran. Ele movera—se como uma bússola magnética, alinhando—se ao longo de um eixo.

Um outro estrondo soou lá em cima.

Omaha deu um passo em frente.

— Não importa como tenha sido desbloqueado, vamos dar—lhe uso.

Com a barra solta, agarrou no manipulo e empurrou. As dobradiças oleadas rodaram facilmente. A porta abriu—se para uma escura escada descendente escavada na pedra.

Depois de fechar e bloquear a porta, Omaha conduziu o caminho com uma lanterna em punho, Safia a seu lado. O resto do grupo seguia—os.

A passagem seguia a direito, mas íngreme. Desceu mais uns trinta metros e desembocou numa caverna quatro vezes maior que a primeira. Um lago preenchia igualmente essa câmara, escuro e vidrado. O ar exalava um odor estranho. Humidade pela certa, mas também vestígios de ozono, o odor que acompanhava uma trovoada.

Mas nada disso reteve a atenção de Safia por mais de um instante. A alguns passos, um cais de pedra estendia—se sobre a água. No fundo do cais, flutuava um maravilhoso dhow de madeira, um veleiro árabe, de nove metros de comprimento. Os seus flancos reluziam oleados, brilhando intensamente sob a luz das suas lanternas. Folha de ouro decorava amuradas e mastros. As velas, ali inúteis mas contudo presentes, estavam recolhidas e presas.

Murmúrios de respeito irromperam do grupo enquanto se reunia.

À esquerda, um largo túnel de água, perdia—se na escuridão.

Na proa do dhow, erguia—se o vulto de uma mulher, de peito despido, os braços castamente cruzados sobre os seios, o rosto a fitar o túnel inundado.

Mesmo dali, Safia reconheceu as feições da figura.

A Rainha do Sabá.

— Ferro — disse Omaha, a seu lado, notando—lhe a atenção. Ele focou a sua lanterna na figura de proa do barco. A estátua era inteiramente esculpida em ferro. Encaminhou—se para o cais. — Parece que vamos navegar de novo.

12h32

No fundo do fosso, Cassandra fitava o corpo mutilado. Não sabia o que sentir. Pesar, raiva, um vestígio de receio. Não tinha tempo para o decidir. A sua mente desviou—se, em vez disso, pensou em como tirar partido da situação.

— Levem—no para cima, metam—no num saco.

Os dois comandos ergueram o seu antigo líder dos destroços do tanque. Outros treparam até à extremidade traseira, salvando o que pudessem encontrar, colocando as cargas para fazer explodir a grande massa do veículo esmagado. Outros homens, empurravam destroços para longe, usando os buggies.

Um par de comandos desenrolou um longo fio por uma fenda na carcaça.

Tudo estava em andamento.

Cassandra rodou sobre a mota e montou. Cingiu o lenço e óculos, depois arrancou monte acima. Levaria outros quinze minutos a preparar as cargas. Acelerou pelo trilho e saiu do fosso.

Quando transpôs o bordo, a força da tempestade fê—la rodopiar. Merda, já estava mais forte. Lutou por encontrar tracção, conseguiu—a e acelerou para a base de comando, abrigada no interior de um dos poucos edifícios de blocos de cinza ainda de pé. Os camiões estacionados circundavam—no.

Derrapou até parar, encostou a mota à parede e apeou—se.

Caminhou a passos largos para a porta.

Homens feridos estendiam—se em cobertores e camas de campanha. Muitos tinham sido atingidos durante o tiroteio com a estranha equipa de Painter. Ela ouvira os relatos da perícia de combate das mulheres. De como apareciam de lado nenhum e desapareciam com a mesma facilidade. Nem sequer havia uma estimativa do seu número.

Mas agora todos tinham desaparecido. Pelo buraco.

Cassandra encaminhou—se para junto de uma cama. Um médico trabalhava sobre um homem inconsciente, inserindo uma última sutura de borboleta sobre a laceração da face. Não havia nada que o médico pudesse fazer quanto ao volumoso inchaço acima da sobrancelha.

Painter podia ter as sete vidas de um gato, mas desta vez não aterrara de pé.

Embatera fortemente com a cabeça. A única razão de ainda continuar vivo fora a areia solta ao longo do bordo interior, que lhe amortecera a queda.

Pelos olhares carregados dos seus homens, podia ver que estes não apreciavam da mesma forma a boa sorte de Painter. Todos sabiam do fim sangrento de John Kane.

Cassandra estacou aos pés da cama.

— Como é que ele está?

— Concussão ligeira. Pupilas regulares e reactivas. O sacana apenas perdeu os sentidos.

— Então desperte—o. Com sais de cheiro.

O médico suspirou, mas obedeceu. Ele tinha outros homens, os seus próprios homens, a tratar. Mas Cassandra ainda estava no comando. E ela ainda tinha uso para Painter.

12h42

— Então, o que fazemos? — perguntou Omaha. — Remamos? Descemos e empurramos?

Da proa do barco, olhou para trás. Todo o grupo embarcara no elegante dhow. Barak debruçava—se sobre a cana do leme do veleiro. Clay estava de joelhos e passava a unha por um pedaço de folha de ouro. Danny e Coral pareciam estudar a estrutura do leme, inclinando—se sobre a popa e olhando para baixo. As Rahim dispersavam—se, examinando os detalhes.

O dhow era ainda mais impressionante visto de perto. Folha de ouro adornava quase todas as superfícies. Madrepérola embelezava as saliências. Os pilares eram de prata maciça. Até mesmo as cordas tinham fios de ouro entrelaçados. Era uma barca real.

Mas apesar da extraordinária beleza, não era de grande uso enquanto veleiro. Não, a menos que um vento firme soprasse de repente.

Atrás de Omaha, Kara e Safía postavam—se na proa, a flanquear a figura de ferro da Rainha do Sabá. A hodja apoiava—se no seu bordão.

— Toca—lhe — instava Kara a Safía. A hodja recomendara o mesmo.

Safía tinha o braço são cruzado debaixo da tala, o seu rosto marcado de preocupação.

— Não sabemos o que irá acontecer.

Nos seus olhos, Omaha viu o relampear do fogo da erupção na câmara do trílito. Safía relanceou a nova tripulação do dhow. Receava colocá—los em

perigo, especialmente pelas suas próprias mãos.

Omaha postou—se a seu lado. Colocou uma mão sobre o seu ombro.

— Saff, Cassandra virá até aqui abaixo, brandindo as suas armas. Eu, pessoalmente, preferia tentar a minha sorte com esta dama de ferro, do que com aquela maldita de coração de aço.

Safía suspirou. Ele sentiu—a relaxar sob a sua palma, rendendo—se.

— Segurem—se — sussurrou ela. Esticou o braço e tocou o ombro da estátua de ferro, assim como Omaha lhe tocava. Quando a sua palma estabeleceu contacto, Omaha sentiu uma leve picada eléctrica percorrê—lo. Safía pareceu não o notar.

Nada aconteceu.

— Não acho que eu seja...

— Espera — disse Omaha, cortando—lhe a palavra. — Mantém o contacto.

Ele sentiu um ligeiro estremecer sob os pés, como se as águas debaixo do barco tivessem começado a fervilhar. Muito lentamente, o veleiro começou a mover—se para diante.

Ele girou sobre si mesmo.

— Soltem as cordas! — bradou aos outros.

As Rahim moveram—se rapidamente, soltando cordas e correntes.

— O que se passa? — perguntou Safia, mantendo a palma em posição.

— Barak, está a segurar a cana do leme?

Próximo da popa, o homem admitiu—o com um aceno de braço.

Coral e Danny apressaram—se para a frente. A mulher esguia arrastava uma grande caixa.

A velocidade do barco aumentou gradualmente. Barak dirigiu—os em direcção à boca aberta do túnel inundado. Omaha ergueu a sua lanterna e acendeu—a. O feixe perdeu—se na escuridão.

Que extensão teria? Onde iria dar?

Só havia uma maneira de o saber.

Safía estremecia sob a sua palma. Ele aproximou—se, o seu corpo junto do dela. Ela não resistiu, encostando—se ligeiramente. Omaha conseguia ler—lhe os pensamentos. O barco não explodira. Ainda estava tudo bem.

Coral e Danny estavam de novo debruçados sobre o flanco do barco, as suas lanternas reluzindo.

— Consegue sentir o ozono? — disse ela ao irmão de Omaha.

— Sim.

— Repare como a água produz vapor no ponto em que o ferro entra em

contacto.

A curiosidade atraiu todos os olhares.

— O que estão vocês a fazer? — perguntou Omaha. Danny recuou, o rosto enrubescido.

— Pesquisa.

Omaha rolou os olhos. O seu irmão era um fanático da ciência inveterado.

Coral endireitou—se.

— Há algum tipo de reacção catalítica a ocorrer na água. Creio que é activada pela dama de ferro, gerando algum tipo de força propulsora. — Inclinou —se, de novo, sobre a amurada. — Quero testar esta água.

Danny assentiu, um cachorrinho a abanar a cauda.

— Vou buscar um balde.

Omaha deixou—os entregues ao seu projecto científico. Naquele momento, tudo o que lhe importava era para onde iam. Reparou no olhar de Kara sobre ele..., não, sobre ele e Safia.

Apanhada em flagrante, Kara desviou o olhar em direcção ao túnel obscuro.

Omaha notou que a hodja fazia o mesmo.

— Sabe onde isto vai dar? — perguntou ele à velha mulher. Ela encolheu os ombros.

— Ao verdadeiro coração de Ubar.

Um silêncio instalou—se no barco, enquanto prosseguiam pela longa e escura garganta. Omaha fitou em cima, quase esperando ver um céu nocturno. Mas não ali. Ali, velejavam centenas de metros abaixo da areia.

12h45

Painter acordou com um sobressalto, arquejando, sufocando, os olhos a arder.

Tentou sentar—se, mas foi empurrado de novo para baixo. A sua cabeça zunia como um sino. A luz queimava—o intensamente. O espaço estremecia. Rolou de lado e vomitou pela borda da cama. O estômago comprimiu—se—lhe uma e outra vez.

— Vejo que acordou.

A voz gelou a dor febril do seu corpo. Apesar do ofuscar e ferir das luzes intensas, encarou a mulher aos pés da sua cama.

— Cassandra.

Envergava um uniforme cor de areia com um poncho pela altura dos joelhos,

cingido na cintura. Um chapéu pendia de um fio nas suas costas, um lenço envolvia—lhe o pescoço. A sua pele reluzia à luz, os seus olhos cintilavam com ainda maior intensidade.

Ele lutou por se sentar. Dois homens seguraram—lhe os ombros.

Cassandra despediu—os.

Painter sentou—se, lentamente. Armas eram—lhe apontadas.

— Temos um assunto a discutir. — Cassandra baixou—se sobre um joelho. —Aquele pequeno número seu custou—me a maior parte do meu equipamento electrónico. Contudo, conseguimos salvar algumas coisas, como o meu computador portátil. — Ela apontou para o computador, pousado numa cadeira de abrir. Exibia um mapa de satélite SeaWiFS da região, com transmissão de dados da tempestade em tempo real.

Painter reparou nos dados climatéricos listados. O sistema de altas pressões vindo do Mar da Arábia atravessara finalmente as montanhas. Era suposto colidir com a tempestade de areia nas próximas duas horas. Uma megatempestade de areia e mar.

Mas nada disso importava agora.

— Não lhe vou dizer coisa nenhuma — crocitou ele.

— Não me lembro de lhe perguntar nada.

Ele esboçou—lhe um sorriso de desprezo. Mesmo isso doeu.

Ela desviou—se até ao computador portátil e premiu algumas teclas. O ecrã exibiu um mapa da área sobreposto: cidade, ruínas, deserto. Era monocromático, à excepção de um pequeno círculo azul, com seis milímetros de diâmetro, a girar lentamente. Em baixo, as coordenadas ao longo dos eixos X, Y e Z alteravam—se. Uma transmissão em directo. Ele sabia o que via. Era um sinal de um microtransmissor, um sistema desenhado pela sua própria mão.

— O que é que fez?

— Implantámos a doutora al—Maaz. Não podíamos correr o risco de lhe perder o rasto.

— A transmissão... do subsolo... — Ele tinha dificuldade em fazer mover a língua.

— Havia uma fenda suficiente por entre os destroços para fazer descer uma antena dotada de um peso. Uma vez tendo desenrolado fio suficiente, conseguimos apanhar—lhe o sinal. Deve haver uma boa acústica lá em baixo. Fizemos descer intensificadores de transmissão. Podemos detectá—la onde quer que esteja.

— Porque me está a contar tudo isso?

Cassandra regressou para junto da cama. Segurava um pequeno transmissor na mão.

— Para o informar de uma pequena modificação no seu desenho. Parece que com um pouco mais de bateria, é possível activar uma esfera de C4. Posso mostrar—lho em esquema.

O corpo de Painter gelou.

— O que fez, Cassandra; — Visionava o rosto de Safia, o seu sorriso envergonhado.

— Contém C4 suficiente para despedaçar a espinha de uma pessoa.

— Não...

Ela ergueu uma sobrancelha, um gesto que costumava excitar, acelerar o seu coração. Agora, aterrou—o.

Painter cerrou os punhos debaixo dos lençóis.

— Eu digo—lhe tudo o que sei.

— Que cooperante. Mas, de novo, Painter, não me lembro de lhe colocar nenhuma questão. — Ela ergueu o transmissor e relanceou o ecrã. — É altura de o punir pelo seu pequeno número de hoje.

Carregou no botão.

— Não!

O seu grito perdeu—se numa explosão monstruosa. Foi como se o seu coração tivesse detonado. Levou—lhe um segundo a compreender. Cassandra sorria—lhe, deleitosamente satisfeita. Risos ásperos irromperam, com pouco humor, dos homens na sala. Ela levantou o dispositivo.

— Perdão, acho que me enganei no transmissor. Este controlava as cargas colocadas nos destroços do tanque. Os meus peritos em demolição garantiram—me que os explosivos abririam um caminho até ao túnel. Só falta uma pequena limpeza. Estaremos em movimento dentro de meia hora.

O coração de Painter ainda lhe doía, batendo com força na garganta. Cassandra puxou de um segundo transmissor.

— Este é o verdadeiro. Ligado ao transmissor de Safia. Tentamos de novo? Painter deixou simplesmente pender a cabeça. Ela fá—lo—ia. Ubar estava aberta. Cassandra já não precisava do conhecimento de Safia. Cassandra ajoelhou—se mais perto.

— Agora que tenho toda a sua atenção, talvez possamos ter a tal conversa.

13h52

Safia reclinou—se, uma mão sobre a figura férrea de proa, a anca encostada à amurada. Como podia estar tão aterrada, contudo, ao mesmo tempo, tão cansada? Tinha—se passado meia hora desde que tinham ouvido a explosão, vinda da direcção da rampa de vidro.

— Parece que Cassandra nos vem bater à porta — dissera Omaha. Por essa altura, o barco penetrara mais longe no túnel. Contudo, as tensões tinham crescido. Várias lanternas se apontaram para trás. Nada surgiu. Safia só podia imaginar a frustração de Cassandra ao descobrir que tinham desaparecido diante de um túnel inundado. Seria uma longa distância a nado, se Cassandra e a sua equipa os tentassem seguir.

No entanto, o ritmo do dhow era pouco mais veloz que um caminhar rápido; velejavam há mais de uma hora. Deviam estar pelo menos a nove ou dez quilómetros de distância, numa fuga lenta mas régia.

Com o passar de cada momento, todos se relaxavam mais um pouco. E quem podia dizer se Cassandra conseguira desimpedir o bloqueio no cimo da rampa?

No entanto, Safia não conseguia pôr de parte um novo receio, um receio mais próximo do seu coração.

Painter.

Qual seria a sua sorte? Morto, capturado, perdido na tempestade de areia. Não parecia existir esperança possível.

Atrás de Safia, algumas das mulheres Rahim cantavam em voz baixa, triste, chorando os seus mortos. De novo, aramaico. O coração de Safia reagiu, em sofrimento.

Lu'lu mexeu—se, notando a sua atenção.

— A nossa velha língua, a língua da última rainha, agora partida, mas que ainda falamos entre nós.

Safia escutou, transportada para um outro tempo.

Ali perto, Kara e Omaha sentavam—se nas tábuas, a cabeça caída, adormecidos.

Barak postava—se junto da roda do leme, mantendo—os a navegar a direito à medida que o curso serpenteava em ziguezagues indolentes. Talvez a passagem tivesse outrora feito parte de um velho sistema fluvial subterrâneo.

A alguns passos de distância, Coral sentava—se de pernas cruzadas, debruçada sobre uma quantidade de equipamento, alimentado por baterias. O seu rosto recortava—se na luz. Danny ajudava—a, ajoelhado a seu lado, o rosto próximo do dela.

Para lá deles, os olhos de Safia encontraram um último membro do grupo.

Clay encostava—se contra a amurada de estibordo, olhando fixamente em frente. Barak e ele tinham partilhado um cigarro há instantes atrás, um dos poucos que restavam no maço do árabe. Clay parecia precisar de outro.

Notou a sua atenção e veio ter com ela.

— Como se está a aguentar? — perguntou ela.

— Tudo o que posso dizer é que espero conseguir uma boa nota. — O seu sorriso era sincero, embora um tanto vacilante.

— Não sei — brincou ela. — Mas há sempre a hipótese de melhoria.

— Muito bem. É a última vez que apanho um dardo nas costas por si. — Ele suspirou, fitando na escuridão. — Há muita água aqui em baixo.

Ela recordou o seu receio do mar, recuando até uma conversa similar junto à amurada do Shabab Oman. Parecia à distância de um mundo. Danny levantou—se e espreguiçou—se.

— Coral e eu discutíamos isso mesmo. O grande volume de água existente aqui em baixo. É mais do que pode ser atribuído à precipitação local ou a um lençol freático.

Omaha mexeu—se, falando com a cabeça baixa. Não estivera a dormir, apenas a descansar.

— Então qual é a história, excelentíssimo? Coral respondeu:

— Ela é gerada pela Terra. Omaha levantou a cabeça.

— Como assim?

— Desde 1950 que se sabe que há mais água na Terra do que aquela que pode ser explicada pelo ciclo hidrológico de evaporação e pela precipitação à superfície. Houve inúmeros casos de vastas nascentes de água descobertas bem no interior da Terra. Lençóis aquíferos gigantes.

Danny interrompeu.

— Coral... a doutora Novak estava a falar—me de uma fonte encontrada durante a escavação para as fundações do Harlem Hospital, em Nova Iorque. Esta produzia água à taxa de nove mil litros por minuto. Foram necessárias toneladas de betão para criar pressão suficiente para rolhar a fonte.

— Então, de onde raio vem toda esta água? Danny gesticulou para Coral.

— Você sabe—o melhor.

Ela suspirou, claramente aborrecida com a interrupção.

— Um engenheiro e geólogo, Stephen Reiss, avançou a hipótese de tal água nascente se formar regularmente no interior da Terra pela combinação elementar de hidrogénio e oxigénio, gerada no magma. De que um quilómetro cúbico de granito, submetido a pressões e temperatura adequadas, tem a capacidade de

produzir trinta e seis biliões de litros de água. E de que tais reservatórios de águas magmáticas ou geradas pela Terra são abundantes debaixo da crosta terrestre e estão interligadas num vasto sistema aquífero circulando o globo.

— Mesmo debaixo dos desertos da Arábia? — perguntou Omaha, meio a gracejar.

— Certamente. Até morrer em 1985, Reiss conseguira mais de cinquenta anos de sucesso na descoberta de água em locais onde outros geólogos consideraram a sua presença claramente impossível. Incluindo os Poços de Eliat, em Israel, que continuam a produzir água suficiente para uma cidade de cem mil habitantes. E o mesmo se passou na Arábia Saudita e no Egipto.

— Então, pensa que toda esta água pode fazer parte desse sistema?

— Talvez. — Coral abriu uma pequena portinhola numa das suas máquinas. Safia notou uma onda de névoa a emergir daí. Algum tipo de refrigerador. Coral pescou para fora um pequeno tubo de ensaio com umas pinças. Fê—lo rodopiar. O que quer que tivesse visto, a fronte de Coral crispou—se.

— O que se passa? — inquiriu Danny, notando a sua reacção.

— Há algo de estranho nesta água.

— O que quer dizer? Ela ergueu o tubo de ensaio.

— Tenho estado a tentar congelá—la.

— E então?

Ela manteve o tubo plástico de ensaio no alto.

— No refrigerador de nitrogénio, fiz baixar a temperatura da água até aos trinta graus Celsius negativos. Continua a não congelar.

— O quê? — Omaha chegou—se mais perto.

— Não faz sentido. Num congelador, a água cede a sua energia térmica ao frio e torna—se sólida. Bem, esta substância cede continuamente energia, mas não se solidifica. É como se contivesse uma quantidade ilimitada de energia armazenada.

Safia fitou para lá da amurada do dhow. Ainda sentia o odor do ozono. Recordou—se do ligeiro fumegar da água em torno do ferro.

— Ainda tem aquele detector de raios X entre o equipamento? Coral assentiu, os olhos crescendo.

— É claro.

A física montou a unidade de base e vareta. Passou—a pelo tubo de ensaio. Os seus olhos revelaram o que encontrou, antes de o proferir.

— Aniquilação de antimatéria. Ergueu—se bruscamente e segurou o detector sobre a amurada, movendo—se desde o meio do barco até à posição de Safia na

proa.

— Torna—se mais forte a cada passo.

— Que diabo quer isso dizer? — perguntou Omaha.

— O magnetismo do ferro está a desencadear a aniquilação de antimatéria.

— Antimatéria? Onde?

Coral olhou a toda a sua volta.

— Estamos a navegar por ela.

— Isso é impossível. A antimatéria aniquila—se em contacto com a matéria. Não pode estar na água. Há muito que se teria aniquilado em contacto com as moléculas da água.

— Tem razão — disse Coral. — Mas não posso recusar o que os dados revelam. De algum modo, a água aqui está enriquecida de antimatéria.

— E é isso que propulsiona o barco? — perguntou Safia.

— Talvez. De alguma forma, o ferro magnetizado activou a aniquilação localizada de antimatéria na água, convertendo a sua energia em força motora, empurrando—nos.

— E a preocupação da destabilização de tudo isso? — indagou Omaha.

Safia retesou—se. Ela recordava—se da explicação de Painter de como a radiação emitida pela decomposição de isótopos de urânio podia ter despoletado a explosão no museu. Visionou as ossadas fumegantes do guarda do museu.

Coral fitou o seu scanner.

— Não estou a obter indicação de radiação alfa ou beta, mas não posso ter a certeza. — A física voltou à sua estação de trabalho. — Necessitarei de proceder a mais estudos.

A hodja falou pela primeira vez. Ela ignorara a excitação e fitava simplesmente em frente.

— O túnel termina.

Todos os olhos se voltaram. Mesmo Coral voltou a pôr—se de pé. Adiante, dançava um suave tremular de luz, crescendo e decrescendo. Era o suficiente para revelar que o túnel terminava a dez metros à frente. Navegaram em diante. No último metro, o tecto tornou—se denteado como a boca de um tubarão.

Ninguém falava.

O barco saiu do túnel e penetrou numa ampla câmara subterrânea.

— Mãe do Céu! — entoou Omaha.

14h04

Cassandra segurava o auscultador do telefone de satélite encostado ao seu ouvido esquerdo e tapava o direito para suprimir o uivo da tempestade. Encontrava—se no segundo piso do edifício de blocos de cinza que albergava o centro de comando. A tempestade rasgava por entre os restos da cidade. A areia massacrava as janelas entabuadas.

Enquanto escutava, andava de um lado para o outro. A voz, digitalmente alterada, tornava—se difícil de entender. O chefe da Guild insistia no anonimato.

— Líder cinza — prosseguiu o Ministro —, solicitar tal tratamento especial durante esta tempestade põe em risco a exposição da nossa operação no deserto. Para não falar de toda a Guild.

— Sei que parece excessivo, Ministro, mas descobrimos o alvo. Estamos a passos de distância da vitória. Podemos abandonar Shisur ainda antes de a tempestade terminar. Isso, se conseguirmos o tal material de Thumrait.

— E que garantia me pode dar do seu sucesso?

— Arrisco a minha vida.

— Líder Cinza, a sua vida sempre esteve em risco. O comando da Guild tem estado a examinar os seus recentes fracassos. Mais desilusões far—nos—ão reconsiderar seriamente a necessidade da sua colaboração futura.

Canalha, praguejou para si própria Cassandra. Ele esconde—se por detrás do seu nome de código, sentado atrás de uma maldita secretária e tem a ousadia de questionar a minha competência. Mas Cassandra conhecia uma maneira de contornar a mais recente dificuldade. E tinha de dar crédito a Painter por isso.

— Ministro, estou certa da vitória aqui, mas espero igualmente poder limpar o meu nome depois de tudo isto. O líder da equipa foi—me atribuído. Não foi escolha minha. John Kane debilitou e minou o meu comando. Foi a sua falta de segurança que causou este atraso e a sua própria morte. Eu, por outro lado, consegui dominar e capturar o sabotador. Um membro—chave da Força Sigma da DARPA.

— Capturou Painter Crowe?

Cassandra franziu o olhar, perante a familiaridade por detrás do tom.

— Sim, Ministro.

— Muito bem, Líder Cinza. Posso não ter errado a minha confiança em si, afinal. Irá ter o material solicitado. Quatro tanques blindados conduzidos por operativos da Guild já se encontram a caminho.

Cassandra mordeu a língua. Então, toda aquela intimidação era apenas representação.

— Obrigada, senhor — conseguiu expelir, mas foi um esforço desperdiçado.

O Ministro já tinha desligado. Baixou violentamente o telefone, mas continuou a percorrer o espaço, respirando profundamente.

Ela estivera tão certa da vitória quando explodira o tanque para fora do buraco. Ela apreciara atormentar Painter, fazendo—o falar. Agora sabia que os outros não representavam uma ameaça real. Um punhado de combatentes experientes, mas também uma quantidade de civis, crianças e anciãs.

Depois de retirados os destroços, Cassandra descera ela própria pelo buraco, preparada para a vitória, deparando—se com o rio subterrâneo. Havia um cais de pedra, pelo que os outros deviam ter encontrado algum meio de navegar.

Planos alternativos tiveram de ser feitos... mais uma vez.

Tivera de recorrer ao Ministro, mas apesar da sua frustração, o telefonema não podia ter corrido melhor. Encontrara um bode expiatório para os falhanços anteriores e em breve teria tudo o necessário para assegurar a vitória debaixo da areia.

Agora mais calma, Cassandra dirigiu—se às escadas. Iria supervisionar os últimos preparativos. Calcou pesadamente os degraus de madeira e entrou na

Enfermaria improvisada. Atravessou até ao médico responsável e acenou com a cabeça.

— Terá todo o material necessário. Os camiões chegam dentro de duas horas.

O médico pareceu aliviado. Os outros homens ouviram—na e saudaram—na.

Ela relanceou Painter, meio sedado, vacilante na sua cama. Ela deixara o portátil junto à cama. A luz azul do transmissor de Safia cintilava no ecrã.

Um aviso.

Cassandra transportava o transmissor no bolso, uma adicional garantia do seu bom comportamento e cooperação.

Ela consultou o relógio. Em breve, tudo estaria terminado.

14h06

Kara postava—se à proa com Safia. Segurava a mão livre da sua irmã, enquanto Safia de alguma forma propulsava o dhow com o seu toque. Tinham—no conseguido, encontrado o que o pai procurara durante anos.

Ubar.

O veleiro cursou para fora do túnel e para o interior de uma ampla caverna, que se arqueava à altura de trinta pisos e se estendia por mais de um quilómetro. Um lago maciço preenchia a caverna até uma profundidade desconhecida.

Enquanto atravessavam o lago subterrâneo, feixes de luz apontavam em

todas as direcções, projectando—se do dhow. Mas não era necessária iluminação adicional. Por todo o tecto, cintilações de electricidade cobáltica recurvavam—se em suportes denteados, enquanto nuvens gasosas espiralavam com um fogo interior, os contornos indistintos, fantasmagóricos, fluindo e refluindo.

Carga estática cativa. Possivelmente, retirada da tempestade à superfície.

Mas o espectáculo ígneo era a causa menor do seu assombro. O brilho reflectia—se e emergia de cada superfície: lago, tecto, paredes.

— É tudo vidro — disse Safia, olhando admirada em cima e a toda a volta.

Toda a caverna era uma empola de vidro gigante enterrada sob as areias. Vislumbrou mesmo uma dispersão de estalactites de vidro pendendo do tecto. Arcos azulados faiscavam ao longo do seu comprimento, como aranhas eléctricas.

— Vidro escoriáceo — disse Omaha. — Areia fundida que endureceu. Como a rampa.

— O que poderá ter formado isto? — inquiriu Clay.

Ninguém arriscou sequer uma conjectura, à medida que o dhow continuava a sua viagem.

Coral abarcou o lago com o olhar.

— Toda esta água.

— Deve ser gerada pela Terra — murmurou Danny. — Ou foi noutros tempos.

Coral pareceu não o ouvir.

— Se estiver toda enriquecida de antimatéria... A possibilidade votou—os a um silêncio enregelado. Contemplavam apenas o jogo de energias que se cruzavam no alto, reflectido nas águas quietas.

Finalmente, Safia soltou um leve arquejo. A sua mão deslizou do ombro da figura de ferro e cobriu a sua boca.

— Safia, o que...

Então, Kara viu—o também. No meio do lago, uma margem emergiu da escuridão; ergueu—se das águas e cresceu até à parede distante. Pilares de vidro negro estendiam—se do chão até ao tecto, centenas, de todos os calibres. Colunas imponentes, hastes delgadas e retorcidas espirais de outro mundo.

— Os mil pilares de Ubar — sussurrou Safia.

Encontravam—se suficientemente perto para que outros pormenores se lhes revelassem, iluminados pelo brilho reflectido da montagem eléctrica. Da escuridão, emergiu uma cidade, cintilante, refulgente, tremulante.

— Tudo vidro — murmurou Clay.

A cidade fantástica subia a margem, estendendo—se bem para acima até à parede do fundo, espalhada entre os pilares. Lembrava a Kara as cidades costeiras ao longo da costa Amalfi, semelhantes a blocos de brincar entornados pela vertente de um monte.

— Ubar — disse a hodja, a seu lado.

Kara relanceou para trás, quando todas as Rahim se ajoelharam no convés. Tinham voltado a casa, milénios depois. Uma rainha partira; trinta regressavam agora.

O dhow detivera—se quando Safia retirara a sua mão, vogando ao sabor da velocidade adquirida.

Omaha chegou—se a Safia, rodeando—a com um braço.

— Mais perto.

Ela tocou de novo o ombro de ferro. O barco navegou de novo, movendo—se suavemente em direcção à antiga cidade perdida. Barak bradou da roda do leme.

— Um outro cais! Vou ver se consigo atracar!

O dhow virou em direcção ao pontão de pedra.

Kara fitava em contemplação a cidade, à medida que se aproximavam. Feixes de lanternas transpunham a distância, adicionando iluminação. Os pormenores tornaram—se mais claros.

As casas, embora todas de paredes de vidro, apresentavam adornos de prata, ouro, marfim e ladrilhos cerâmicos. Um palácio junto à linha de costa exibia um mosaico que parecia feito de esmeraldas e rubis. Uma poupa. A ave do penacho era um elemento importante em muitas histórias sobre a Rainha do Sabá.

Estavam todos extasiados.

— Temos de abrandar! — bradou Barak, quando se aproximaram do cais. Safia largou a estátua de ferro. O ritmo do dhow baixou de imediato. Barak fez deslizar facilmente o barco ao longo do cais.

— Lancem as amarras — disse ele.

As Rahim puseram—se de novo de pé. Saltaram para o cais de arenito e ataram as amarras a espeques de prata, a condizer com os da embarcação real.

— Estamos em casa — disse Lu'lu. Lágrimas encheram—lhe os olhos.

Kara ajudou a velha mulher a chegar ao centro do navio, para que pudesse desembarcar no cais. Uma vez em chão firme, a hodja acenou a Safia para que a seguisse.

— Tu deves conduzir—nos. Tu devolveste—nos Ubar.

Safia mostrou contrariedade, mas Kara empurrou—a com o cotovelo.

— Faz o favor à velha senhora.

Inspirando fundo, Safia desceu do dhow e conduziu o grupo até à margem vítrea de Ubar. Kara caminhava atrás de Safia e Lu'lu. Aquele era o momento delas. Até Omaha se coibiu de correr para diante, embora espreitasse continuamente à esquerda e à direita, tentando ver para lá dos ombros das duas mulheres.

Alcançaram a margem, todas as lanternas acesas.

Kara contemplava em cima e em volta. Distraída, embateu nas costas de Safia. Ela e a hodja tinham estacado abruptamente.

— Oh, Deus... — gemeu Safia. Lu'lu caiu simplesmente de joelhos.

Kara e Omaha passaram em torno delas. Ambos viram o horror ao mesmo tempo. Omaha vacilou. Kara recuou.

Alguns metros à frente, um corpo esquelético, mumificado ressaltava do caminho. A sua metade inferior ainda estava encerrada no vidro. Omaha desviou o feixe da sua lanterna mais para diante do caminho. Outros corpos dispersavam—se, meio enterrados na estrada. Kara avistou um braço ressequido a impelir do vidro, como se se afogasse num mar de trevas. Parecia a mão de uma criança.

Todos se tinham afogado no vidro.

Omaha aproximou—se mais uns passos, depois saltou para o lado. Ele apontou a lanterna para baixo, onde acabara de pisar. O feixe penetrou o vidro, revelando uma forma humana sepultada no seu interior, queimada até aos ossos, recurvada no vidro debaixo dos seus pés.

Kara não conseguia desviar o olhar. Era como o seu pai.

Finalmente, tapou o rosto e voltou as costas.

Omaha falou atrás dela.

— Penso que acabámos de descobrir a verdadeira tragédia que levou a última rainha de Ubar a fugir daqui, selando o lugar, amaldiçoando—o. — Voltou para junto dos outros. — Isto não é uma cidade. É um túmulo.

XX - BATALHA SOB AS AREIAS

4 de Dezembro, 15h13
Shisur

Painter olhava ao longo da enfermaria improvisada. A injecção de sedativos ainda mantinha a sua cabeça cheia de teias de aranha, mas o suficiente tinha—se dissipado para que conseguisse pensar com mais clareza, mais rigor. Um facto

que manteve para si mesmo.

Observou Cassandra entrar na sala, vinda do temporal, a areia a voar atrás dela. Foi necessária a ajuda de um ombro adicional para fechar a porta.

Painter ouvira o suficiente antes para calcular que a sua tentativa de perseguir os outros se tinha deparado com alguma perturbação. Mas não conhecia os pormenores. Contudo, pela confiança nos seus passos, pelo modo como o moral parecia ali elevado, ela não fora inteiramente impedida. Como sempre, tinha um plano alternativo.

Ela notou a sua atenção enevoada, cruzou até ele e deixou—se cair numa cama contígua. O seu guarda pessoal, sentado atrás, assumiu uma posição mais rígida. O chefe estava ali. Ela puxou de uma pistola e pousou—a sobre o colo.

Seria o fim?

Pelo canto do olho, reparou no círculo azul no computador portátil. Pelo menos, Safia estava viva. Deslocara—se para bem longe de Shisur, agora, em direcção a norte. A coordenada do eixo Z mostrava—a ainda bem debaixo do solo. A mais de novecentos metros.

Cassandra dispensou o guarda—costas.

— Porque é que não vai fumar um cigarro? Eu vigio o prisioneiro.

— Sim, capitão. Obrigado, senhor. — Dardejou para longe, antes que ela mudasse de ideias. Painter percebeu o vestígio de medo na voz do homem. Ele conseguia adivinhar como Cassandra comandava ali. Com um punho de ferro e intimidação.

Cassandra espreguiçou—se.

— Então, Crowe...

Painter cingiu um punho debaixo dos lençóis. Não que pudesse fazer alguma coisa. Um dos seus tornozelos estava amarrado ao pé da cama. Ela estava sentada fora de alcance.

— O que quer, Sanchez? Veio regozijar—se?

— Não. Mas queria dizer—lhe que você parece ter suscitado o interesse dos meus superiores. De facto, a sua captura pode ter—me valido a conquista de alguns degraus na cadeia de comando da Guild.

Painter fitou—a de semblante carregado. Não viera regozijar—se, mas vangloriar—se.

— A Guild? Então são esses que lhe passam o cheque?

— O que posso dizer? O salário é bom. — Ela encolheu os ombros. — Melhores pacotes de benefícios. Planos de poupança a condizer. O nosso próprio esquadrão de ataque. Qual é o defeito?

Painter escutou a combinação de confiança e irrisão na sua voz. Não vaticinava nada de bom. Ela certamente tinha um plano de vitória.

— Porquê entregar o destino nas mãos da Guild? — perguntou.

Ela fitou o homem algemado à cama. A sua voz tornou—se contemplativa, mas também de algum modo mais mesquinha.

— O verdadeiro poder só pode ser encontrado naqueles dispostos a quebrar todas as normas para atingir os seus fins. As leis e regulamentos só vinculam e cegam. Eu sei o que é sentir—se impotente. — Os seus olhos desviaram—se para longe, para o passado. Painter pressentiu um poço de dor por detrás das suas palavras. Contudo, o gelo penetrava—lhe a voz. — Finalmente libertei—me, ultrapassando marcas que poucos ultrapassarão. Para lá dessa fronteira, encontrei o poder. E nunca recuarei... nem em relação a si.

Painter reconheceu a inutilidade de argumentar com ela.

— Tentei avisá—lo, levá—lo a desistir — continuou Cassandra. — Se se chatear muito a Guild, a tendência é ela morder—nos. E eles desenvolveram um interesse particular por si.

Painter ouvira murmúrios sobre a Guild. Uma organização estruturada à imagem de células terroristas, uma associação dissoluta com uma estrutura de liderança sombria. Operava internacionalmente, sem filiação nacional específica, embora se dissesse ter surgido das cinzas da antiga União Soviética, uma combinação de bandidos russos e antigos agentes do KGB. Mas desde então, a Guild insinuara—se pelas fronteiras, como arsénico no chá. Pouco mais se conhecia deles. Excepto que eram implacáveis e sanguinários. Os seus objectivos eram simples: dinheiro, poder, influência. Se conseguissem o acesso à fonte de antimatéria, seria um prémio sem igual. Poderiam chantagear nações, vender amostras a poderes estrangeiros ou terroristas. A Guild seria poderosa e intocável.

Estudou Cassandra. Até que ponto se estenderia a rede da Guild em Washington? Recordou—se do e—mail de testagem. Sabia pelo menos de um homem que fazia parte da lista. Visionou Sean McKnight. Tinham todos sido traídos. Cingiu o pulso.

Ela inclinou—se para diante, apoiando os cotovelos nos joelhos.

— Quando isto terminar, vou empacotá—lo, enrolá—lo em fita e entregá—lo ao comando da Guild. Eles penetrar—lhe—ão o cérebro como um caranguejo a um peixe morto.

Painter abanou a cabeça, mas sem grande certeza do que negava.

— Eu vi os métodos de interrogação deles em primeira mão — prosseguiu

Cassandra. — Um trabalho impressionante. Houve um tipo, um operativo do MI5, que se tentou infiltrar numa célula da Guild na Índia. O homem foi tão arrasado que tudo o que lhe restou no fim foram uns ganidos doridos, o vagido de um cachorrinho espancado. Mas também eu nunca vira um homem ser escalpelado e penetrado por eléctrodos no crânio. Técnica fascinante. Mas porque lhe estou a contar tudo isto? Você viverá a experiência por si mesmo.

Painter nunca imaginara a profundidade de depravação e astúcia na mulher. Como não percebera tal poço de corrupção? Como estivera a ponto de lhe entregar o seu coração? Ele conhecia a resposta. Tal pai, tal filho. O seu pai casara com uma mulher que acabou por o esfaquear até à morte. Como não percebeu o seu pai essa alma assassina na mulher a quem entregara o seu coração, ao lado de quem dormia todas as noites, com quem tivera um filho? Seria uma cegueira genética passada de uma geração a outra?

Os seus olhos deslocaram—se para o brilho azul no ecrã. Safia. Aí, tocava um poço de sentimentos calorosos. Não era amor, não ainda pelo menos, não após tão pouco tempo. Mas era mais profundo que o respeito e a amizade. Agarrou—se a essa possibilidade, esse potencial dentro de si. Havia mulheres boas, com um coração tão genuíno como o seu. E podia amá—las.

Fitou Cassandra de volta. A fúria esvaiu—se dele.

Ela devia ter percebido algo no seu rosto. Esperara a derrota, mas encontrou resolução e calma em vez disso. A confusão exibiu—se nos seus olhos e por detrás desta, Painter vislumbrou algo de mais profundo.

Angústia.

Mas foi apenas uma centelha.

Num repente, a fúria suprimiu tudo o mais. Cassandra levantou—se bruscamente, a pistola em punho. Ele simplesmente fitou—a. Ela que o matasse. Seria melhor do que ser entregue aos superiores.

Cassandra emitiu um som entre o riso e o desprezo.

— Vou deixá—lo para o Ministro. Mas poderei ir assistir.

— O Ministro?

— O rosto dele será o último que você verá. — Ela virou costas.

Painter percebeu o vestígio de receio por detrás das suas palavras, na última declaração. Soara exactamente como o guarda que partira momentos antes. Medo de um superior, alguém implacável e de punho férreo. Painter sentou—se perfeitamente imóvel na sua cama.

As últimas teias dos sedativos dissiparam—se num súbito clarão de entendimento. O Ministro. Fechou os olhos diante da possibilidade. Naquele

momento, ele soube com toda a certeza quem liderava a Guild ou, pelo menos, quem conduzia a mão de Cassandra.

Era pior do que ele imaginara.

16h04

— Este tem de ser o palácio da rainha — disse Omaha.

Do outro lado de um pátio de vidro negro, Safia fitava em cima a imponente estrutura, enquanto Omaha derramava o feixe da sua lanterna sobre a superfície do edifício altaneiro e abobadado. A base era quadrada, mas era encimada por uma torre circular de quatro pisos, com ameias abertas no topo. Arcos de vidro soprado decoravam a torre, abrindo para varandas a dominar a cidade baixa. Safiras, diamantes e rubis decoravam anteparos e muros. Coberturas de ouro e prata brilhavam à luz das cintilações de azul que dardejavam pelo tecto da caverna.

Mesmo assim, Safia mantinha um olhar crítico.

— Este é um duplicado da cidadela arruinada à superfície. Reparem nas dimensões. Na estrutura da base. São idênticos.

— Meu Deus, Saff. Tens razão. — Omaha penetrou no pátio.

O espaço era murado de ambos os lados, com uma imensa abertura arqueada na frente.

Safia fitou atrás de si. O palácio — e não havia dúvida tratar—se do palácio da rainha — erguia—se bem alto na parede da caverna, junto do extremo posterior da cidade, o restante de Ubar estendia—se por entre caminhos sinuosos e inclinados, que desciam em terraços, escadas e rampas. Pilares aprumavam—se por todo o lado.

— Vamos espreitar — disse Omaha. Avançou, seguido por Clay.

Kara ajudou Lu'lu. A hodja tinha recuperado do choque inicial. No entanto, no percurso até ali, tinham passado por corpo atrás de corpo mumificado, sepultado no vidro, a maior parte parcialmente, outros completamente consumidos. A toda a volta, em cada curva, poses agonizadas estendiam—se do vidro, macabras árvores esqueléticas de ramos mumificados, ressequidos. As poses revelavam uma miséria para lá da compreensão. Uma mulher, paralisada contra uma parede de vidro, afundada quase por completo, tentara proteger o filho, segurando—o ao alto, como uma dádiva a Deus. A sua prece não fora ouvida. A criança jazia no vidro acima da sua cabeça. Tal miséria estava em todo o lado.

Ubar devia em tempos ter albergado uma população próxima dos mil habitantes. A elite da cidade à superfície. Realeza, clérigos, artesãos, aqueles que tinham conseguido o favor da rainha. Todos mortos.

Embora a rainha tivesse selado o lugar e nunca o voltasse a mencionar alguma informação devia ter escapado. Safia recordou—se das duas histórias das Mil e Uma Noites: «A Cidade de Bronze» e «A Cidade Petrificada». Ambos os contos falavam de uma cidade cuja população fora congelada no tempo, tornada bronze ou pedra. Só que a realidade era bem pior.

Omaha moveu—se em direcção à entrada do palácio.

— Podíamos passar décadas a estudar tudo isto. Quero dizer, vejam a perícia do trabalho do vidro.

Kara falou.

— Ubar reinou durante mil anos. Dispunha de uma fonte de energia diferente de tudo o que se vira antes... e agora. O engenho humano tinha de encontrar uso para tal poder. Não ficaria por explorar. Toda esta cidade é expressão da capacidade humana.

Safia tinha dificuldade em igualar o entusiasmo de Kara. A cidade era uma necrópole. Uma cidade de mortos. Não era um testemunho de engenho, mas de agonia e horror.

Nas últimas duas horas, o pequeno grupo trepara pela cidade, explorando—a, buscando uma explicação para a tragédia. Mas quando alcançaram o topo, não tinham encontrado qualquer pista.

Os restantes elementos do grupo tinham permanecido em baixo. Coral continuava a trabalhar à beira do lago, executando misteriosos actos de química, assistida por Danny, que descobrira uma nova paixão pela física... ou talvez a sua paixão se projectasse mais na física loura de um metro e oitenta. Coral parecia estar na pista de alguma coisa. Antes de Safia e os outros partirem, ela pedira algo de estranho: algumas gotas de sangue de Safia e de algumas das Rahim. Safia acedera, mas Coral recusara—se a explicar a razão de tão estranho pedido e lançou—se imediatamente ao trabalho.

Entretanto, Barak e as outras Rahim tinham—se dispersado em busca de um meio de fuga do túmulo.

Omaha conduzia o grupo que entrava no pátio do palácio. No centro do espaço aberto, uma esfera gigante de ferro, com mais de um metro de diâmetro, assentava num berço de vidro negro, esculpido em forma de palma. Safia contemplou a escultura enquanto a contornava. Representava claramente o toque da rainha sobre tais artefactos de ferro, a fonte de todo o poder ali. Safia notou

Lu'lu a estudá—la também. Não em reverência, como anteriormente. O horror ainda cintilava nos seus olhos.

Deixaram a escultura para trás.

— Vejam isto. — Omaha apressou—se em diante.

Encaminhou—se até uma outra escultura, desta vez de arenito, pousada sobre um pedestal de vidro. Flanqueava um dos lados da entrada arqueada do palácio. Safia fitou a figura encoberta carregando ao ombro uma longa lamparina. Um gémeo da escultura que escondera o coração de ferro. Só que os pormenores desta não estavam desgastados. Era impressionante, as intrincadas dobras do tecido, uma minúscula chama de arenito a encimar a ponta da lamparina, as feições suaves do rosto, claramente uma jovem mulher. Safia sentiu um entusiasmo renovado.

Relanceou para o outro lado da entrada em arco. Um outro pedestal de vidro negro erguia—se aí — mas sem estátua.

— A rainha levou—a daqui — disse Safia. — A sua própria estátua... para esconder a primeira chave.

Omaha assentiu.

— E colocou—a no túmulo de Nabi Imran.

Kara e Lu’lu tinham estacado junto à abertura em arco. Kara dirigia o feixe da sua lanterna para o interior.

— Vocês os dois deviam ver isto.

Safia e Omaha juntaram—se—lhe. Para lá da entrada, abria—se uma curta passagem. Kara passava o feixe de luz pelas paredes. Estas cintilavam de matizes ricos e terrosos: castanhos, cremes, rosas, ocres. Salpicos de índigo e turquesa.

— É areia — disse Kara. — Misturada com o vidro.

Safia vira semelhante perícia artística anteriormente, pinturas feitas com areias de diferentes tons, preservadas sob vidro... só que naquele caso, o trabalho artístico era feito no interior do vidro. Cobria paredes, tecto, pavimento, retratando um oásis no deserto. Em cima, um sol brilhava com raios de areia dourada, rodeados de azul e branco para o céu. De ambos os lados, oscilavam tamareiras e, à distância, um apetecível lago azul. Dunas vermelhas cobriam uma das paredes, retratadas com tal subtileza de gradação e tonalidade que convidavam a vaguear por elas. Sob os pés, areia e pedra. Areia e pedra verdadeiras, incorporadas no vidro.

O grupo não podia impedir—se de entrar. Depois dos horrores da cidade baixa, a beleza ali contida era um bálsamo para o coração. A passagem de

entrada tinha apenas alguns metros, abrindo para uma grande câmara de paredes arqueadas estendendo—se para longe. Uma extensão de escadas curvava para a direita, em direcção aos pisos superiores.

E por todo o lado em volta da sala, a areia preenchia o vidro, criando panorâmicas paisagens de deserto, mar e montanhas.

— Seria assim que era decorada a cidadela original? — perguntou—se Omaha. — Terá a rainha procurado recriar a residência de pedra? Tornando vidro em arenito?

— Pode também ter sido uma questão de privacidade — disse Safia. — Uma luz sobre o interior revelaria todos os movimentos da rainha.

Vaguearam pelo espaço, encontrando o suficiente naquela única câmara com que ocupar a sua atenção. Safia viu—se a estudar uma pintura de areia, oposta à entrada. O primeiro fragmento de decoração que se via, quando se entrava.

Era uma extensão de deserto, com o sol a pôr—se, as sombras alongando—se o céu de um índigo profundo. Em silhueta, erguia—se uma estrutura altaneira de topo chato, vagamente familiar. Uma figura encoberta aproximava—se, transportando uma lamparina ao alto. Do cimo da estrutura, derramava—se um borrifo de areia brilhante, raios de luz. O quartzo e a sílica da areia cintilavam como diamantes.

— A descoberta de Ubar — disse Lu'lu. — É uma imagem passada de geração em geração. A Rainha do Sabá, enquanto menina, perdida no deserto, encontra abrigo e as bênçãos do deserto.

Omaha abeirou—se do ombro de Safia.

— Aquela estrutura com os raios de luz a irradiar. Também se assemelha à cidadela.

Safia percebia agora porque o edifício lhe parecia similar. Era uma representação grosseira, comparada com o pormenor da outra obra. Talvez tivesse sido feita antes de todas as outras. De ambos os lados, as pinturas retratavam a Ubar à superfície e a Ubar subterrânea. O palácio e a cidadela eram proeminentes. Safia cruzou o espaço entre eles.

Deteve—se diante da reprodução da Ubar subterrânea, toda executada em índigo e areias negras, uma representação impressionante, a profundidade do pormenor assombrosa. Pôde mesmo discernir as duas estátuas a flanquear a entrada. O único outro pormenor no pátio era, de novo, a figura encoberta da rapariga. A rainha de Ubar. Tocou a figura, tentando entender a sua ancestral.

Havia ali tantos mistérios. Alguns nunca seriam revelados.

— Devíamos voltar à base — disse finalmente Kara.

Safia anuiu. Partiram relutantemente, em direcção à cidade baixa. Um caminho sinuoso conduzia do lago ao palácio. Safia caminhava ao lado da hodja. Kara ajudava a velha mulher, em particular nas escadas. Lá no alto, silenciosas crepitações de fogo azul iluminavam o caminho. Só Omaha mantinha a sua lanterna acesa. Nenhum deles desejava iluminar muito claramente o horror à sua volta.

Enquanto prosseguiam, a quietude da cidade pesava sobre eles, a impressão de eternidade, usualmente reservada às igrejas, mausoléus e cavernas profundas. O ar exalava a húmido, com uma insinuação de electricidade. Safia passara uma vez por um acidente de tráfego, isolado por um cordão policial, uma linha de alta tensão tombada sob a chuva. O fio estalava e crepitava. O ar cheirava àquela cena. Fez Safia sentir—se desconfortável, evocando—lhe as sirenes, o sangue e a tragédia súbita.

O que se iria seguir?

16h25

Omaha observava Safia, enquanto ela seguia ao lado da hodja a contornar uma curva na estrada de vidro. Parecia uma sombra pálida de si. Ele queria ir até ela, confortá—la, mas receava que as suas atenções não fossem bem acolhidas. Ele vira aquele olhar nos olhos dela. Depois de Telavive. Um desejo de se enroscar sobre si mesma e fechar—se ao mundo. Também nessa altura ele fora incapaz de a confortar.

Kara abeirou—se dele. Todo o seu corpo expressava exaustão. Abanou a cabeça e falou num sussurro.

— Ela ainda o ama...

Omaha tropeçou, depois recompôs—se, a lanterna a oscilar. Kara prosseguiu:

— Tudo o que tinha de fazer era pedir—lhe desculpa. Omaha abriu a boca, depois fechou—a de novo.

— A vida é difícil. O amor não tem de o ser. — Passou por ele, a voz um tanto mais ríspida. — Seja homem por uma vez na vida, Indiana.

Omaha estacou, a lanterna caída de lado. Estava demasiado aturdido para se mover. Teve de forçar as pernas a seguir em frente, entorpecido. O resto do trajecto pela cidade baixa foi feito em silêncio.

Por fim, o lago emergiu, no fundo de uma longa rampa. Omaha ficou grato pela companhia. Barak ainda estava ausente, ainda a procurar. Mas a maior parte das Rahim tinha regressado. Poucas conseguiam suportar a necrópole por muito

tempo. A sua expressão era sombria à vista do antigo lar.

Danny avistou Omaha e apressou—se para ele.

— A doutora Novak descobriu alguns dados intrigantes. Venham ver.

O grupo de Omaha seguiu—o de volta ao cais. Coral construíra um laboratório improvisado. Exibia um ar perturbado, quando ergueu o olhar. Um dos componentes do seu equipamento era uma ruína derretida. Ainda fumegava um pouco e cheirava a borracha queimada.

— O que aconteceu? — perguntou Safia. Coral abanou a cabeça.

— Um acidente.

— O que descobriu? — indagou Omaha.

Coral rodou um monitor LCD na direcção deles. Dados listavam—se de um dos lados. A janela principal, aberta no ecrã, exibia alguns desenhos lineares. As suas primeiras palavras captaram a atenção geral.

— A prova da existência de Deus pode ser encontrada na água. Omaha ergueu o sobrolho.

— Importa—se de desenvolver? Ou isso foi tudo o que descobriu? Filosofia de cartomante?

— Não filosofia, facto. Comecemos pelo princípio.

— Faça—se luz.

— Não tão longe, doutor Dunn. Química básica. A água é composta por dois átomos de hidrogénio e um de oxigénio.

— H2O — disse Kara. Um aceno.

— O que é estranho nesta água é que há uma molécula flectida. — Coral apontou para o primeiro dos desenhos lineares no ecrã.

— É essa flexão que confere à água a sua ligeira polaridade. Uma carga negativa na extremidade do átomo de oxigénio. Uma carga positiva no lado do hidrogénio. A flexão permite, igualmente, que a água forme padrões invulgares. Como o gelo.

— O gelo é invulgar? — contrapôs Omaha.

— Se me insiste em interromper... — grunhiu Coral.

— Indiana, deixe—a terminar. Coral acenou em agradecimento a Kara.

— Quando a matéria se condensa de gás a líquido de líquido a sólido, torna —se cada vez mais compacta, ocupando menos espaço, tornando—se mais densa. Contudo, não a água. A água atinge a sua densidade máxima a quatro graus Celsius. Antes disso, congela. À medida que a água congela, aquela estranha molécula flectida forma uma invulgar configuração cristalina, com muito espaço extra no seu interior.

— Gelo — murmurou Safia.

— O gelo é menos denso que a água, muito menos denso. Assim, flutua acima da água. Se não fosse esse facto, não haveria vida na Terra. O gelo formado à superfície de lagos e oceanos afundar—se—ia constantemente e esmagaria toda a vida sob ele, jamais oferecendo às primeiras formas de vida oportunidade de florescer. O gelo em flutuação também isola os corpos da água, protegendo a vida em vez de a destruir.

— Mas o que é que tudo isso tem a ver com antimatéria? — inquiriu Omaha.

— Estou a chegar lá. Eu precisava de salientar as estranhas propriedades da molécula da água e da sua propensão para formar configurações estranhas. Mas há uma outra forma de a água se alinhar. Acontece constantemente na água normal, mas apenas dura nanossegundos. É demasiado instável na Terra. Mas no espaço, a água forma e mantém essa configuração invulgar.

Coral apontou para o segundo desenho linear.

— Aqui está uma representação bidimensional de vinte moléculas de água formando uma configuração complexa. É um dodecaedro pentagonal.

— Mas é mais clara visualizada a três dimensões. — Coral premiu sobre o terceiro desenho.

— Parece uma grande esfera oca — disse Omaha.

Coral concordou.

— É. O dodecaedro é comummente conhecido como buckyball (ou molécula C60). Em homenagem a Buckminster Fuller.

— Então essas buckyballs encontram—se no espaço — disse Safia. — Mas têm breve duração na Terra.

— É um problema de estabilidade.

— Então, porque nos fala delas? — perguntou Kara.

Danny dançava para trás e para diante, em bicos de pés, atrás deles. Ele apontou para o lago.

— A água, aqui, está cheia dessas buckyballs, estáveis e inalteráveis.

— Uma grande porção da água — acrescentou Coral.

— Como é isso possível? — indagou Safia. — O que as mantém estáveis?

— Aquilo que viemos procurar — disse Coral, fitando a água. — Antimatéria. Omaha chegou—se mais perto.

Coral premiu algumas teclas.

— A antimatéria e a matéria, sendo opostos, atraem—se, que é a razão porque não se encontra antimatéria em volta da Terra. A matéria está por todo o lado. A antimatéria aniquilar—se—ia imediatamente. Nos laboratórios do

CERN, na Suíça, os cientistas produziram partículas de antimatéria e mantiveram—nas suspensas em câmaras de vácuo magnético, por períodos limitados de tempo. As buckyballs comportam—se da mesma forma.

— Como? — Omaha debruçou—se sobre o ombro de Coral, enquanto ela fazia surgir um novo desenho.

— As buckyballs têm a capacidade de agir como câmaras magnéticas microscópicas. No centro dessas esferas, está um espaço perfeitamente vazio, um vácuo. A antimatéria consegue sobreviver no seu interior. — Ela apontou para o A no interior da esfera do diagrama. — E a antimatéria, por sua vez, traz vantagens à buckyball. A sua atracção em relação às moléculas da água torna a esfera mais densa, o suficiente para estabilizar a buckyball. E estando perfeitamente rodeado por moléculas de água, o átomo de antimatéria é mantido em perfeita suspensão no seu centro, impossibilitado de entrar em contacto com a matéria.

Coral olhou em volta do grupo.

— Antimatéria estabilizada — disse Omaha. Coral suspirou.

— Estável, até receber um bom abanão de electricidade ou entrar em contacto íntimo com um forte magnete ou radiação. Qualquer dos dois destabilizará o equilíbrio. A buckyball desintegra—se, a antimatéria entra em contacto com a molécula de água e aniquila—se, libertando uma carga exponencial de energia. — Ela relanceou as ruínas derretidas de uma das suas máquinas. — A resposta à energia ilimitada.

O silêncio prolongou—se por algum tempo.

— Como é que toda esta antimatéria veio aqui parar? — perguntou Kara. Danny acenou com a cabeça.

— Estávamos a falar sobre isso, quando vocês chegaram. A juntar as peças para formar alguma ideia. Lembras—te, Omaha, quando falávamos na carrinha sobre a oscilação na Terra, que fez com que a região se transformasse de uma rica savana num deserto?

— Há vinte mil anos atrás — disse ele. Danny prosseguiu:

— A doutora Novak avançou que talvez um meteoro de antimatéria, suficientemente grande para sobreviver à passagem pela atmosfera, tenha atingido a Península Arábica, explodindo e enterrando—se no leito rochoso de arenito poroso, criando esta bolha cristalina subterrânea.

Coral falou enquanto todos olhavam em volta da caverna.

— A explosão deve ter penetrado num sistema gerador de água da Terra, repercutindo os seus efeitos através dos canais terrestres profundos.

Literalmente, abanando o mundo. O suficiente para afectar a polaridade da Terra ou, talvez, fazer oscilar a rotação do seu núcleo magnético. O que quer que tenha acontecido, alterou o clima local, tornando o Éden num deserto.

— E à medida que todo este cataclismo se operou, formou—se a empola de vidro — prosseguiu Danny. — A explosão e calor do impacto desencadearam a produção de uma densa névoa e a expulsão de átomos e subpartículas de antimatéria. À medida que o lugar arrefeceu, se isolou e selou, a água condensou —se em torno dos átomos de antimatéria e formou as protectoras buckyballs estabilizadas. E o lugar permaneceu inalterado durante centenas de milhares de anos.

— Até que alguém encontrou o maldito sítio — disse Omaha.

Ele imaginou uma tribo de nómadas, tropeçando naquele lugar, talvez à procura de água. Rapidamente se devem ter apercebido das estranhas propriedades da água, uma fonte de energia em tempos antigos. Tê—la—iam escondido, protegido e, como Kara mencionara anteriormente, o engenho humano teria encontrado maneira de lhe dar uso. Omaha recordou—se de todas as histórias fantasiosas da Arábia: tapetes voadores, mágicos e feiticeiros detendo incríveis poderes, objectos encantados de todas as formas e dimensões, génios oferecendo dons milagrosos. Teriam todas aludido àquele mistério?

— Então e as chaves e os outros objectos? — disse ele. — Referiu algo sobre o magnetismo antes. Coral assentiu.

— Não consigo imaginar que nível de tecnologia esses antigos dominavam. Eles tinham acesso a uma fonte de energia que levará décadas a compreender por completo. Mas eles compreendiam o suficiente. Vejam o trabalho do vidro, o trabalho da pedra, a criação de intricados accionadores magnéticos.

Kara fitou a cidade.

— Tiveram mil anos para aperfeiçoar a sua arte. Coral encolheu os ombros.

— Creio que o líquido no interior das chaves veio deste lago. As buckyballs contêm de facto alguma carga. Se essa carga pudesse ser desviada numa única direcção, então o contentor de ferro magnetizar—se—ia. E uma vez que as buckyballs no seu interior estão alinhadas com o campo magnético do ferro, mantêm—se estáveis e não se aniquilam nesse campo.

— Então e o camelo de ferro no museu? — perguntou Safia. — Ele explodiu.

— Uma reacção em cadeia de energia bruta — respondeu Danny. — A bola de raios deve ter sido atraída pelo ferro e pela estranha polaridade do seu núcleo aquoso. Talvez até alterada por isso. Vejam a cobertura aqui, extraindo

electricidade estática da tempestade.

Omaha relanceou para o alto, enquanto o espectáculo eléctrico dardejava com um brilho maior que o usual. Danny concluiu:

— Assim, o raio cedeu a sua electricidade ao ferro, transferindo—lhe a sua energia de um modo brusco. Excessiva energia. O efeito foi dramático e incontrolável, conduzindo à explosão.

Coral mexeu—se.

— Creio mesmo que essa explosão só ocorreu, porque a solução de antimatéria se destabilizara ligeiramente devido aos vestígios de radiação produzidos pelos átomos de urânio no ferro. A radiação animou e aumentou a fragilidade das configurações da buckyball.

— E o lago, aqui? — murmurou Omaha, observando a água. Coral franziu o olhar.

— Os meus instrumentos são demasiado grosseiros para uma análise adequada. Não detectei qualquer radiação, mas tal não significa que não esteja presente. Talvez mais para o interior do lago. Teremos de trazer mais equipas aqui abaixo, se tivermos oportunidade de o fazer.

Clay falou pela primeira vez, os braços cruzados sobre o peito.

— Então, o que aconteceu em 300 d. C? Porquê todos aqueles corpos embebidos no vidro? Seria um tipo similar de explosão?

Coral abanou a cabeça.

— Não sei, mas não há evidências de explosão. Talvez um acidente. Uma experiência que tenha falhado. Há um poder incalculável dentro deste reservatório. — Ela olhou a cidade, depois de novo Safia. — Mas doutora al—Maaz, há uma última coisa que lhe devo dizer.

Safia voltou a sua atenção de novo para a física.

— É sobre o seu sangue — disse Coral.

Antes que a física pudesse elaborar, um ruído atraiu todos os olhares para o lago. Um gemer sumido. Todos se imobilizaram. O ruído tornou—se mais forte, rapidamente, firmemente.

Jet skis.

Do outro lado do lago, um clarão disparou alto no ar, iluminando a água de tons carmesim, reflectindo a cobertura e as paredes. Um segundo clarão arqueou para cima.

Não, não um clarão. Descia em direcção à cidade... em direcção a eles.

— Foguete! — bradou Omaha. — Abriguem—se!

16h42

Painter esperava a sua oportunidade.

A sala de blocos de cinza estremecia, enquanto o embate da tempestade de areia se descarregava sobre portas, janelas entabuadas e espigões do telhado. Soava como um animal voraz a escavar para entrar lá dentro, inexorável, determinado, enlouquecido pela sede de sangue. Gemia a sua frustração e rugia a sua força.

No interior, alguém tinha um rádio a tocar. As Dixie Chicks. Mas a música era modesta e fraca contra a investida contínua da tempestade.

E a tempestade rastejava para dentro do abrigo.

Por debaixo da porta, a areia assobiava, fluindo e serpenteando pelo chão como cobras. Pelas fendas nas janelas, a areia arquejava e suspirava em bafos poeirentos, agora quase um soprar contínuo.

O ar na sala tornara—se viciado, tresandando a sangue e a iodo. Os únicos ali deixados foram os feridos, um médico e dois guardas. Há meia hora atrás, Cassandra evacuara os restantes para o ataque subterrâneo.

Painter relanceava o computador portátil. Este mostrava o círculo azul de Safia. Ela encontrava—se a nove quilómetros a norte dali, bem debaixo das areias. Ele esperava que a luz significasse que ela ainda estava viva. Mas o transmissor não se extinguiria com o corpo. A sua transmissão contínua não era garantia. Contudo, pelo deslocar das coordenadas dos eixos numéricos, Safia estava em movimento. Tinha de confiar que ela ainda estava viva.

Por quanto mais?

O tempo pressionava—o como um peso físico. Ele ouvira a chegada dos tanques M4 vindos da Base Aérea de Thumrait, trazendo um carregamento de novos abastecimentos e armamento. A caravana chegara no momento em que a tempestade de areia soprava no seu pior. Contudo, o grupo conseguira bater a megatempestade prevista.

Além dos abastecimentos, outros trinta homens vieram engrossar as forças. De olhar duro, enérgicos, fortemente carregados de equipamento. Tinham entrado ali como se fossem os donos do sítio. Mais elementos de elite da Guild. Sem aliviar o semblante, tinham despido as roupas poeirentas e vestido fatos térmicos de mergulho negros.

Painter observara da sua cama.

Alguns lançaram olhares na sua direcção. Já tinham sabido da morte de John Kane. Pareciam dispostos a arrancar—lhe a cabeça. Mas partiram rapidamente,

de volta à tempestade. Pela porta aberta, Painter vira um jet ski a ser transportado.

Fatos de mergulho e jet skis. O que encontrara Cassandra lá em baixo?

Continuou a trabalhar sob os lençóis. Fora despido até aos boxers, um tornozelo preso ao pé da estrutura da cama. Tinha apenas uma arma: uma agulha de dezoito centímetros cúbicos com vinte e cinco milímetros de comprimento. Alguns minutos antes, quando os dois guardas tinham sido distraídos pela abertura violenta da porta da sala, Painter conseguira detectar a agulha no meio de uma pilha de equipamento médico descartado.

Empalmou—a rapidamente.

Sentou—se ligeiramente e alcançou o pé.

O guarda, estendido na cama contígua, ergueu a pistola do gancho do braço onde a pousara.

— Para baixo.

Painter obedeceu.

— Só uma comichão.

— Azar.

Painter suspirou. Esperou que a atenção do guarda se desviasse, menos centrada nele. Moveu o seu pé livre para junto do pé algemado. Ele conseguira entalar a agulha entre o dedo grande e o vizinho. Agora procurava descobrir o fecho da algema, difícil de fazer às cegas e com os dedos dos pés.

Mas quando existe vontade, existe maneira.

Fechando os olhos, manteve os movimentos mínimos debaixo dos lençóis.

Finalmente, sentiu um agradável abrandar de pressão no seu tornozelo preso. Estava livre. Manteve—se deitado quieto e relanceou o guarda.

E agora?

16h45

Cassandra agachava—se na proa do pontoou Zodiac. O motor funcionava em marcha lenta atrás de si. Tinha uns binóculos de visão nocturna focados na linha de margem distante. Três clarões voavam sobre a cidade de vidro, iluminando—a ofuscantemente através das lentes. Apesar da situação, Cassandra não podia impedir—se de se maravilhar.

Do outro lado do lago, ouvia o contínuo despedaçar do vidro.

Uma outra granada lançada por foguete ergueu—se em arco de um dos seis jet skis. Atingiu o meio da cidade, brilhando intensamente pelas lentes. Baixou

os binóculos. Os clarões projectavam a cidade em gradações de carmesim e fogo. Fumo ondeava, suspenso no ar parado. Lá no alto, a energia cintilava, inflando, crepitando, serpenteando, um turbilhão cerúleo.

Havia tal beleza na destruição, ali.

Um matraquear de disparos de arma automática chamou a sua atenção para mais junto da costa. Um segundo Zodiac silvava paralelo à cidade, metralhando a área com um fogo contínuo.

Mais RPGs arquearam sobre a água, esmagando—se na cidade. Pilares de vidro tombavam como árvores rubras derrubadas.

Verdadeiramente magnífico.

Cassandra extraiu o seu detector portátil de um dos bolsos do colete de combate. Fitou o ecrã LCD do detector. O círculo azul cintilava, afastando—se da sua posição, procurando terrenos mais elevados.

A barragem de artilharia destinava—se simplesmente a debilitá—los.

Fujam enquanto podem. A diversão está apenas a começar.

16h47

Safia subia com os outros por uma estreita escada serpenteante. Explosões ecoavam a toda a volta, amplificadas pela empola de vidro. O fumo sufocava o ar. Corriam através da escuridão, todas as lanternas extinguidas.

Omaha mantinha—se a seu lado, ajudando Lu'lu. Safia segurava a mão de uma criança, embora não fosse de grande tranquilização para a rapariga. A cada detonação de bomba, Safia agachava—se, receando o fim, esperando que a empola desabasse. Pequenos dedos apertavam os seus.

Os outros seguiam à frente e atrás. Kara ajudava uma outra das anciãs. Danny, Clay e Coral seguiam depois, conduzindo mais crianças. Várias das Rahim tinham dispersado por ruas e terraços laterais, baixando—se em posições de ataque. Outras simplesmente desapareciam, esgueirando—se para cobrir a retaguarda.

Safia vira uma mulher dar alguns passos numa rua escura e desaparecer diante dos seus olhos. Talvez fosse uma ilusão do vidro e das sombras... ou talvez fosse uma demonstração do dom que Lu'lu referira a Safia. O dom de enevoar a percepção e desaparecer.

O grupo alcançou o topo das escadas. Safia relanceou atrás de si. Tinha uma vista panorâmica sobre a cidade baixa e a linha de costa. Clarões no alto iluminavam o lugar intensamente, inundando a cidade de carmesim.

Junto do lago, a embarcação real era uma ruína ardente de madeira abatida. O cais de pedra fora despedaçado, a margem de vidro profundamente picada.

— Cessaram o bombardeamento — disse Omaha.

Safia percebeu que ele tinha razão, mas as explosões ainda ecoavam na sua cabeça.

No lago, as forças de Cassandra estavam a avançar. Jet skis e barcos pontoou viravam e apontavam velozmente à margem, em uníssono, como uma equipa aérea. Mais perto, ao longo da própria margem, Vs mais pequenos apontavam—se cruzando as águas.

Safia semicerrou o olhar, vislumbrando homens em fatos de mergulho no cimo de pranchas motorizadas. Alcançaram a praia, deslizando alto, e rolaram para posições agachadas, as espingardas já na mão. Outros dardejaram para ruas e ruelas.

Uma batalha de tiros irrompeu em baixo, relampeando como pirilampos, ressoando alto, uma troca de fogo entre as forças de Cassandra e algumas das Rahim. Mas foi breve, o rosnar de cães. Uma outra granada foi lançada de um dos jet skis em avanço, atingindo o ponto de onde tinham partido os disparos. Vidro estilhaçou—se num salpicar de brilho.

Safia rezou para que as Rahim já tivessem fugido. Disparar e fugir. Era a sua única hipótese. Eram demasiado poucas e em ampla desvantagem de armas. Mas para onde podiam fugir? Estavam encurraladas numa empola de vidro. Mesmo o dhow tinha sido destruído.

Safia viu os jet skis e pontoons derrapar sobre a margem, descarregando mais homens. Perseguiriam e abririam caminho pela força através da cidade.

Lá no alto, os clarões começaram a enfraquecer e a desvanecer—se, afundando—se na cidade estilhaçada. Com o desvanecer dos clarões, Ubar escureceu apenas iluminada pelos chuviscos de fogo azul na cobertura, envolvendo a cidade em manchas de índigo.

Safia relanceou o tecto arqueado. As crepitações de energia e espirais de nuvens gasosas tinham—se tornado mais ferozes, turvas, como que enfurecidas com a destruição.

Uma outra torrente de tiros irrompeu, áspera, algures noutro ponto da cidade.

— Temos de continuar — disse Omaha, instando—a mover—se.

— Para onde? — perguntou ela, voltando—se para ele.

Ele encontrou—lhe os olhos. Não tinha resposta.

16h52

A tempestade de areia continuava a castigar o edifício de blocos de cinza. Pusera os nervos de todos à flor da pele. Areia, pó e saibro cobriam tudo, esgueirando—se para o interior por cada fresta e fenda. Os ventos uivavam.

Não ajudava muito à moral, a descrição da batalha pelos relatórios comunicados das profundezas. Era claramente uma debandada. As forças superiores de Cassandra abriam rapidamente caminho, encontrando pouca resistência, gozando da destruição.

E os rapazes ali não podiam divertir—se lá fora.

— Desliga essa porra das Dixie Chicks! — bradou o guarda.

— Vai—te lixar, Pearson! — devolveu o médico, substituindo uma ligadura ensopada.

Pearson rodou sobre si.

— Ouve cá, meu pedaço de merda... O segundo guarda estava ao fundo junto ao garrafão plástico de água, inclinando—o para tentar encher um copo de papel.

Painter sabia que não teria oportunidade melhor.

Rolou da sua cama sem um ranger, sacou a pistola da mão do guarda, torcendo—lhe violentamente o pulso. Bombeou duas balas no peito do homem.

O impacto fê—lo projectar de costas na cama.

Painter baixou—se em posição de tiro, apontou ao segundo guarda e disparou três balas. Todas à cabeça do homem. Duas atingiram o alvo. O guarda caiu, miolos e sangue espalhados pela parede do fundo.

Saltando para trás, Painter segurou a arma em riste. Confiou que o rugido da tempestade tivesse abafado os tiros. Varreu a sala. Os feridos tinham roupas e armas empilhadas ao lado, mas fora do alcance imediato. O que deixava apenas o médico.

Painter manteve os olhos focados no homem, a sua visão periférica abarcando o resto do espaço. Sobre a cama, Pearson gemia, espumava e sangrava.

Painter falou ao médico.

— Se procurar uma arma, morrerá. Este homem pode ser salvo. A opção é sua. — Recuou até ao computador portátil, tacteou à sua procura, fechou—o e enfiou—o debaixo do braço da arma.

O médico mantinha as mãos no ar, as palmas visíveis.

Painter não baixou a guarda. Deslizou até à porta, procurou o manipulo e abriu—a de rompante. Os ventos quase o impeliram de volta ao interior. Inclinou —se face à arremetida e forçou a saída. Não se incomodou a fechar a porta. Uma

vez lá fora, girou sobre os calcanhares e volteou para longe.

Apontou na direcção de onde ouvira os tanques blindados estacionar e penetrou pela areia e pelo vento. Descalço, apenas vestia uns boxers. A areia esfolava—o como palha de aço. Não se esforçou por manter os olhos abertos. Não havia nada que pudesse ver. A areia asfixiava—o a cada inspiração.

Empunhava a pistola adiante de si. Na sua outra mão, agarrava o computador portátil. Continha dados de que precisava: sobre a Guild, sobre Safia.

A arma estendida adiante embateu em metal.

O primeiro dos tanques. Por muito que gostasse de o tomar, prosseguiu. O gigantesco veículo estava imobilizado junto dos outros mais atrás. Ouviu o seu motor a funcionar, para manter as baterias carregadas. Rezou para que estivessem todos parados.

Continuou ao longo da linha, movendo—se rapidamente.

Ouviu vagamente gritos atrás de si. Tinha sido dado o alerta.

Painter forçou caminho mais rápido por entre os ventos de proa, mantendo um ombro encostado à lagarta de cada tanque. Alcançou o último da linha. O seu motor ronronava como um gatinho satisfeito, um gatinho de vinte toneladas.

Deslizando pelo seu flanco, Painter encontrou a porta e lutou por abri—la contra o vento. Não uma tarefa para uma única mão. Entalou a pistola na cintura dos boxers, o seu peso puxando—os ligeiramente para baixo. Pousou o portátil sobre a lagarta e, finalmente, conseguiu abrir a porta o suficiente para se espremer por ela. Arrastou o computador consigo.

Por fim, fechou a porta com força e bloqueou—a. Encostando as costas à porta, cuspiu a areia da sua boca e esfregou os olhos, limpando pestanas e sobrancelhas de saibro.

Tiroteio crivou o flanco do veículo, aferroando—lhe as costas com o seu impacto ruidoso. Afastou—se bruscamente. A diversão nunca pára por aqui.

Precipitou—se para a cabina do condutor e deslizou para o assento. Lançou o portátil no outro assento. A tempestade de areia rodopiava para lá do pára—brisas numa noite fechada contínua. Ligou as luzes. A visibilidade estendia—se a quase dois metros. Nada mau.

Engatou a marcha atrás e arrancou para longe do recinto.

Recuou a direito. Se houvesse alguma coisa atrás, tinha simplesmente de confiar que o monstro blindado a conseguiria transpor.

Mais disparos perseguiam—no, como miúdos atirando pedras.

Fugiu, notando na retirada os restos carbonizados de Shisur. Escapou para o deserto, lançado em marcha invertida. Eventualmente, haveria de engatar a

marcha em diante. Mas a inversão funcionava por agora.

Enquanto relanceava pelo pára—brisas, notou dois clarões gémeos romper na escuridão, próximo da cidade.

Perseguição.

17h00

Enquanto os outros descansavam por breves instantes, Omaha fitava o palácio da rainha. A estrutura conseguira escapar ao bombardeamento inicial. Talvez pudessem oferecer resistência ali, no cimo da torre.

Abanou a cabeça.

Imaginativo, mas impraticável. A sua única esperança era continuar a mover—se. Mas estavam a chegar ao limite da cidade. Não restava muito mais para lá do palácio. Umas poucas ruas e edifícios baixos.

Relanceou a cidade baixa. Tiroteios esporádicos ainda deflagravam, mas menos frequentes e mais próximos. A defesa das Rahim estava a diminuir, a linha a ser dominada.

Omaha sabia que estavam condenados. Ele nunca se considerara um pessimista, simplesmente pragmático. Contudo, olhava Safia. Com o seu último fôlego, mantê—la—ia em segurança.

Kara aproximou—se dele.

— Omaha...

Ele olhou—a. Ela nunca lhe chamava Omaha. O seu rosto estava exausto, marcado pelo medo, os olhos cavados. Tal como ele, ela pressentia o fim. Kara acenou na direcção de Safia. A sua voz um sussurro.

— De que raio está à espera? Por Deus... — Ela afastou—se para o muro do pátio, apoiando—se nele, afundando—se num assento.

Omaha evocou as suas anteriores palavras. Ela ainda o ama.

A alguns passos de distância, olhou Safia. Ela ajoelhava—se ao lado de uma criança, agarrando ambas as pequenas mãos desta nas suas. O seu rosto irradiava sob o brilho lá no alto. Madona e Menino.

Chegou—se mais perto... depois mais perto. As palavras de Kara na sua cabeça: A vida é difícil. O amor não tem de o ser. Safia não olhava para cima, mas falava.

— Estas são as mãos da minha mãe — proferiu ela, com tal doçura, tal quietude, desafiando a situação. Fitava a criança. — Todas estas mulheres. A minha mãe ainda vive nelas. Toda uma vida. De recém—nascida a anciã. Uma

vida plena.

Nada menos que isso.

Omaha baixou—se sobre um joelho. Olhou dentro dos seus olhos, enquanto ela estudava a criança. Ela simplesmente tomou—lhe o fôlego. Literalmente.

— Safia — disse ele, com suavidade. Ela encarou—o, os olhos brilhantes. Ele encontrou—lhe o olhar.

— Casa comigo. Ela pestanejou.

— O quê...?

— Amo—te. Sempre te amei. Ela virou a cara.

— Omaha, não é assim tão simples... Ele tocou—lhe no queixo gentilmente com um dedo e voltou—lhe o rosto de novo para si.

— É simplesmente isso. É. Ela tentou desviar—se. Desta vez, ele não a deixaria fugir. Chegou—se mais perto.

— Desculpa—me.

Os olhos dela brilharam mais intensamente, não de felicidade, mas pela ameaça das lágrimas.

— Tu deixaste—me.

— Eu sei. Eu não sabia o que fazer. Mas foi um rapaz que te deixou. — Ele baixou a mão pegando gentilmente na dela. — Agora, é um homem que se ajoelha.

Ela olhou dentro dos seus olhos, vacilando.

Um movimento sobre o ombro dela, atraiu a atenção de Omaha. Figuras irrompiam da esquina do palácio. Homens. Uma dúzia deles.

Omaha pôs—se de pé de um salto, procurando colocar Safia atrás de si.

Das sombras, uma figura familiar caminhou na sua direcção.

— Barak... — Omaha esforçava—se por compreender. O gigante árabe estivera ausente desde antes do ataque.

Mais homens seguiam atrás de Barak, vestindo mantos do deserto. Estes eram conduzidos por um homem com uma muleta sob um dos braços.

O capitão al—Haffi.

O líder dos Desert Phantom fez sinal aos homens que o seguiam. Sharif encontrava—se entre eles, tão robusto como quando Omaha o vira pela última vez, no exterior do túmulo de Job. Sobrevivera à luta sem um arranhão. Sharif e os homens dispersaram—se pelas ruas abaixo, carregados de espingardas, granadas e lançadores de RPG.

Omaha viu—os desaparecer.

Não sabia o que se passava, mas Cassandra iria ter uma surpresa.

17h05

Tudo o que faltava era a limpeza.

Cassandra mantinha um pé no fundo chato do barco. Escutava o canal aberto, enquanto as várias equipas varriam a cidade por quadrantes, eliminando bolsas de resistência. Segurava o seu detector electrónico, os dedos enterrando—se. Sabia exactamente onde Safia se encontrava.

Cassandra permitia que a curadora fugisse apressadamente como um rato, enquanto as suas tropas varriam o terreno atrás dela, desgastando a sua resistência. Cassandra ainda queria a maldita com vida. Especialmente agora, com Painter em fuga.

Tivera de resistir a urrar de frustração. Faria triturar os tomates de cada homem se Painter escapasse. Inspirou profundamente. Não havia nada que pudesse fazer ali em baixo. Tinha de assumir o controlo daquele lugar, desvendar os seus segredos, o que significava capturar Safia com vida. E com Safia na mão, Cassandra teria uma carta para lançar contra Painter. Um ás em apuros.

Uma explosão chamou a sua atenção de volta à cidade. Ficou surpreendida que os seus homens ainda necessitassem de usar outra granada. Observou um RPG voar pelo ar.

Pestanejou face à trajectória. Merda...

Saltou do seu posto e correu ao longo da linha de costa. As suas solas de borracha eram uma boa vantagem sobre o vidro tosco. Mergulhou atrás de uma pilha protectora de detritos, quando a granada atingiu o ponto.

A explosão ensurdeceu—a, ferindo—lhe os ouvidos, aferroando—lhe mesmo a vista. Vidro e água projectaram—se alto. Ela rolou para longe, enquanto choviam estilhaços de vidro. Cobriu a cabeça com os braços. Fragmentos denteados caíam em seu redor, ressaltando de outros vidros, golpeando a pele e os tecidos, ferindo como uma chuva de fogo.

Depois que a letal chuva cessou, fitou em cima a cidade. Ter—se—ia alguém apoderado de uma das equipas de lançadores de foguetes? Mais dois RPGs passaram a voar.

Novos disparos de armas automáticas rebentaram numa série de pontos. Que diabo se estava a passar?

17h07

Enquanto as explosões ecoavam à distância e os disparos ressoavam, Safia observava o capitão al—Haffi a coxear em diante apoiado na sua muleta. O choque da sua chegada ainda mantinha todos sem fala.

Os olhos do capitão detiveram—se em Lu'lu. Ele baixou a muleta e desceu sobre um joelho. Falou em árabe, mas num dialecto que poucos tinham ouvido ser falado antes. Safia teve de se concentrar para reconhecer as palavras do discurso monocórdico.

— Vossa Alteza, por favor perdoe o seu servo por ter chegado tão tarde.

Inclinou a sua cabeça.

A hodja estava tão confundida com a sua chegada e postura como todos os outros.

Omaha colocou—se ao lado de Safia.

— Ele está a falar shahran.

A mente de Safia rodopiava. Os Shahra eram o clã da montanha que retraçava a sua linhagem até ao Rei Shaddad, o primeiro governante de Ubar... ou melhor, o consorte da primeira rainha.

Barak falou, ao escutar Omaha.

— Pertencemos todos ao clã Shahra.

O capitão al—Haffi pôs—se de pé. Um outro homem passou—lhe a muleta.

Safia compreendeu o que acabara de testemunhar: o reconhecimento formal da linhagem do rei à sua rainha.

O capitão al—Haffi fez—lhes sinal para o seguirem, falando de novo em inglês.

— Pensava levá—los para fora daqui, mas tudo o que posso oferecer é abrigo. Esperemos que os meus homens e as vossas mulheres consigam manter os atacantes à distância. Venham.

Conduziu o caminho, contornando para as traseiras do palácio. Todos o seguiram.

Omaha caminhava ao lado de Barak.

— Você é um Shahra? O homem assentiu.

— Então era por isso que conhecia a saída das montanhas, através do cemitério. Você disse que só os Shahra sabiam daquele caminho.

— O Vale da Memória — entoou Barak, mais formalmente. — As sepulturas dos nossos antepassados, desde o êxodo de Ubar.

O capitão al—Haffi coxeava ao lado de Lu'lu. Kara ajudava—a do outro lado, continuando a conversação.

— Foi por isso que se voluntariaram para a missão? Pela vossa ligação a

Ubar?

O capitão inclinou a cabeça.

— Peço desculpa pelo ardil, Lady Kensington. Mas os Shahra não revelam os seus segredos a estranhos. Não é do nosso carácter. Somos tão guardiães deste lugar como as Rahim. Esse cargo foi—nos legado pela última rainha de Ubar, antes de as nossas linhagens se separarem. Assim como separou as chaves, separou também as linhagens reais, cada qual com os seus segredos próprios.

Safia entreolhava os dois, as duas casas de Ubar reunidas de novo.

— Qual foi o segredo que vos foi deixado? — perguntou—lhe Omaha.

— A velha estrada para Ubar. Aquela percorrida pela primeira rainha. Fomos proibidos de a abrir até que Ubar fosse pisada de novo.

— Uma porta dos fundos — disse Omaha. Safia devia tê—lo sabido. A rainha que selara Ubar depois da terrível tragédia ali era demasiado meticulosa. Dispunha de planos de contingência atrás de planos de contingência, dispersando —os por ambas as linhagens.

— Então há uma saída? — indagou Omaha.

— Sim, até à superfície. Mas aí não há fuga possível. A tempestade de areia sopra violentamente, o que torna o atravessamento do topo da cúpula de Ubar perigoso. Foi o que nos fez levar tanto tempo a cá chegar, desde que soubemos por Barak que o portão fora transposto.

— Bem, mais vale tarde do que nunca — disse Danny atrás deles.

— Sim, mas agora uma nova tempestade atinge a área, erguendo—se do sul. Caminhar por aquelas areias significará a morte.

— Pelo que continuamos encurralados — concluiu Omaha.

— Até que a tempestade acalme. Temos simplesmente de aguentar até lá. Com aquele pensamento a mitigá—los, cruzaram mais algumas ruas em silêncio, chegando finalmente à parede posterior da caverna. Parecia sólida, mas o capitão al—Haffi continuou em frente. Então, Safia avistou—a. Uma fractura rectilínea na parede de vidro. Encurvava—se para dentro, tornando—se difícil de detectar.

O capitão al—Haffi conduziu—os até à fenda.

— A superfície fica a quarenta e cinco metros acima. Esta passagem pode funcionar como abrigo para as mulheres e crianças.

— E como prisão se não conseguirmos afastar Cassandra. Ela ainda nos excede em homens e armas.

O capitão al—Haffi fitou o grupo.

— Os meus homens precisarão de toda a ajuda possível. Da ajuda de todos os que puderem empunhar uma arma.

Safia viu Danny e Coral aceitarem armas de um esconderijo no interior da fenda. Até mesmo Clay avançou e estendeu a mão.

O estudante percebeu o seu olhar surpreso.

— Eu quero mesmo a nota máxima — foi tudo o que disse, enquanto se afastava. Os seus olhos cintilavam de terror, mas não recuou.

Omaha avançou em último lugar.

— Eu já tenho uma pistola. Mas dava—me jeito uma segunda.

O capitão al—Haffi estendeu—lhe uma M—16.

— Acho que isto serve.

Safia aproximou—se quando ele partia.

— Omaha... — Ela não confirmara o que ele dissera no palácio. Teriam as suas palavras sido uma confissão de leito de morte, sabendo que estavam condenados?

Ele sorriu—lhe.

— Não precisas de dizer nada. Marquei a minha posição. Ainda não ganhei o direito à tua resposta. — Afastou—se. — Mas espero que ao menos me deixes tentar.

Safia precipitou—se para ele e lançou—lhe os braços à volta do pescoço, apertando—o com força. Ela falou—lhe ao ouvido.

— Eu amo—te de verdade... só não sei... — Não conseguiu terminar a declaração. Esta ficou ali, a pairar entre eles.

Ele cingiu—a mesmo assim.

— Eu sei. E vou esperar até que saibas, também.

Uma discussão forçou—os a largar—se. Palavras entre Kara e o capitão al—Haffi.

— Não vou permitir que lute, Lady Kensington.

— Eu sou perfeitamente capaz de disparar uma arma.

— Então pegue numa arma e leve—a consigo para as escadas. Pode precisar dela. Kara exasperou—se, mas o capitão tinha razão. A última posição de resistência podia resultar num combate nas escadas.

O capitão al—Haffi colocou—lhe uma mão sobre o ombro.

— Tenho uma dívida para com a sua família. Permita—me que a salde, hoje.

— De que está a falar? — perguntou Kara.

Ele inclinou a cabeça; a sua voz tornando—se compungida e envergonhada.

— Não é a primeira vez que presto os meus serviços à sua família. Quando eu era mais novo, um rapaz mesmo, voluntariei—me para a ajudar e ao seu pai.

A fronte de Kara crispou—se.

O capitão al—Haffi ergueu os olhos para a encarar.

— O meu primeiro nome é Habib. Kara arquejou e vacilou para trás.

— O guia no dia da caçada. Era você.

— Eu devia assistir o seu pai, por causa do interesse dele por Ubar. Mas falhei. O medo impediu—me de a seguir e ao seu pai naquele dia, pelas areias proibidas. Só quando vi que tencionavam atravessar os nisnases é que os segui, mas foi demasiado tarde. Assim, recolhi—a das areias e devolvi—a a Thumrait. Não sabia o que mais fazer.

Kara parecia emudecida. Safia olhava um e outro. Tudo descrevera um círculo perfeito... de volta àquelas mesmas areias.

— Assim, deixe—me protegê—la agora... porque falhei no passado.

Kara apenas conseguiu acenar. O capitão al—Haffi afastou—se. Kara chamou—o.

— Você era apenas um rapaz.

— Agora, sou um homem. — Voltou—se, seguindo os outros de regresso à cidade.

Safia ouvia o eco das palavras de Omaha.

A hodja fitava aquelas que tinham ficado para trás.

- Ainda não terminou. Falta—nos percorrer o caminho da última rainha.
-

XXI - VIGIANDO A TEMPESTADE

4 de Dezembro, 17h30
Shisur

Ainda seguiam no seu encalço.

Painter via o clarão dos seus perseguidores atrás de si na tempestade de areia. Arrastava—se pesadamente para diante, extraindo a maior velocidade possível, que era de aproximadamente cinquenta quilómetros por hora. E no ponto actual da tempestade, aquela era uma perseguição de alta velocidade.

Verificou ambos os espelhos laterais. Um camião seguia de cada lado. Mal vislumbrava os seus perseguidores: dois camiões de caixa aberta carregados. Apesar da carga, moviam—se mais rápido do que ele conseguia, mas também tinham de compensar face ao terreno. Ele, por outro lado, apontava o veículo de

vinte toneladas numa direcção, passando por cima do que se lhe atravessasse no caminho, trepando por uma duna e descendo por outra.

A areia obliterava todas as linhas de visão. Se fosse uma tempestade de neve, seria descrita como um nevão de visibilidade zero.

Painter activara o comando de velocidade de cruzeiro do tanque. Verificara as outras funções. Dispunha de um monitor de radar, mas não sabia operá—lo. Encontrara o rádio. O seu plano inicial tinha sido aproximar—se o mais possível da Base Aérea de Thumrait e contactar a Royal Air Force omani. Alguém o escutaria. Se quisesse ter alguma esperança de salvar os outros, tinha de quebrar o secretismo e alertar o governo local.

Mas os camiões tinham—no colocado numa trajectória distante da base, mais enterrada na tempestade. Não tinha hipótese de se desviar. Os outros camiões eram demasiado rápidos.

Quando trepava a uma duna gigantesca, uma explosão ecoou do seu lado esquerdo. Estilhaços de granada e uma onda de areia atingiram esse lado, como uma violenta bofetada do próprio Deus.

Um RPG.

Por um momento, um terrível som áspero atacou as lagartas.

Painter estremeceu, mas o tanque continuou a avançar, esmagando o que quer que tivesse obstruído as suas engrenagens. Continuou a subir a longa encosta.

Uma outra explosão, desta vez directamente atrás dele. O ruído foi ensurdecedor, mas a chapa de blindagem provou o seu mérito... ou naquele caso, o mérito do seu aço de policarbonato e Kevlar. Eles que disparassem tiros certeiros. O vento e a tempestade certamente desviariam a pontaria e a couraça do tanque faria o resto.

Depois sentiu um solavanco aziago.

As lagartas do tanque ainda rodavam, mas a velocidade abrandara. O Af4 começou a escorregar. Subitamente, percebeu qual era o alvo do bombardeamento dos seus perseguidores — não eliminar o veículo de vinte toneladas, mas fazê—lo perder a sua base de apoio.

Bombardeavam a encosta, desencadeando uma avalanche. Toda a vertente deslizava para trás, arrastando o tanque consigo. Desligou a velocidade de cruzeiro, carregou na embraiagem e engatou uma mudança mais baixa. Pisou o acelerador, tentando conseguir tracção na escorregadia encosta. Sem sorte. Escorregava simplesmente sobre a areia solta. Painter travou o tanque, fazendo derrapar a traseira, depois engatou a marcha atrás. Fluía agora com a areia,

vogando com a turbulência da avalanche. Virou o veículo até ficar paralelo à vertente, o tanque inclinando—se perigosamente. Tinha de ter cuidado para não o fazer capotar.

Pôs o manipulo das mudanças em ponto morto, travou, depois de novo a primeira. O tanque moveu—se de novo para diante, agora a surfar pela encosta abaixo, ao longo do seu flanco, conseguindo boa tracção e velocidade. Disparou até ao fundo. Os camiões perseguiam—no, mas atingiram a areia a desabar e tiveram de abrandar. Painter chegou ao fim da duna e contornou—a. Conseguira fugir àqueles sacanas.

Posicionou o tanque para seguir a direito, voltando a activar a velocidade de cruzeiro.

Largou o volante, certificando—se de que o veículo mantinha a rota. Depois, recuou rapidamente até à traseira. Encontrou o seu próprio lançador. Carregou uma das granadas, equilibrou o longo tubo no seu ombro e atravessou até à porta traseira do veículo.

Abriu a porta com o pé. A areia projectou—se para o interior, mas não com demasiada força, uma vez que viajava contra o vento. Fitou atrás de si. Esperou até avistar dois clarões, a contornar a última duna, vindo de novo ao seu encontro.

— Venham ao papá — murmurou, fazendo pontaria.

Fixou as linhas de mira e premiu o gatilho. O lançador detonou com um silvo. Ele sentiu a repercussão do ar aquecido, enquanto a granada dardejou para longe.

Observou a linha rubra do seu rasto, uma estrela cadente.

Os perseguidores também o avistaram. Painter viu ambos desviarem—se para cada lado. Demasiado tarde. Pelo menos, para um deles. A granada explodiu, painter apreciou ver um dos clarões projectar—se alto no céu e explodir numa bola ardente, irradiando intensamente na escuridão. Despenhou—se nas areias.

O outro camião desaparecera. Com sorte, na precipitação, atolara—se entre as dunas. Painter vigiá—lo—ia.

Voltou ao seu lugar e verificou ambos os espelhos. Tudo escuro.

Com um momento para respirar, Painter abriu o portátil furtado. Lentamente, os pixels carregaram e ganharam existência no ecrã obscuro. Rezou para que as baterias se aguentassem. O esquema da área reapareceu. Painter olhou fixamente.

Oh, céus, não havia indicador azul.

O pânico percorreu—o. Então, o familiar minúsculo círculo azul surgiu. Demorara um minuto extra para que a transmissão sem fios voltasse a ser detectada. Safia ainda estava a transmitir. Verificou as coordenadas. Ainda se alteravam. Ela estava em movimento. Com vida. Esperava que isso significasse que todos os outros estavam também a salvo.

Ele tinha de chegar até ela... até eles. Embora o transmissor implantado não pudesse ser removido — construído à prova de interferência, explodindo a menos que fosse desactivado —, poderia colocar Safia fora do alcance de Cassandra e levá—la a um cirurgião especialista em desmantelamento.

Enquanto fitava, percebeu que apenas as coordenadas do eixo Z se alteravam. Esse eixo media a elevação ou a profundidade. O número negativo diminuía, aproximando—se do zero.

Safia estava a subir. Estava quase à superfície. Devia ter encontrado uma saída para fora das cavernas. Linda menina.

Enquanto observava, franziu o olhar. As coordenadas do eixo Z passaram o zero e continuaram a subir para números positivos. Safia não apenas alcançara a superfície. Estava a subir mais alto.

Que diabo?

Verificou a posição dela. Estava a oito quilómetros da posição dele. Como já se tinha estado a dirigir naquela direcção geral, apenas tinha de ajustar ligeiramente a rota, apontando directamente a ela.

Aumentou a velocidade para mais oito quilómetros por hora.

Uma velocidade vertiginosa naquelas condições.

Se Safia encontrara uma saída secundária, Cassandra também a encontraria. Tinha de chegar a Safia e aos outros o mais rápido possível. Relanceou de novo o círculo azul. Ele sabia de outra pessoa que estava seguramente a monitorizar a transmissão.

Cassandra... e ela ainda tinha consigo o detonador portátil.

17h45

Safía subia as longas escadas obscuras, as outras seguindo atrás de si, duas a duas, crianças e mulheres de idade ou feridas. Kara carregava a única lanterna apontando—a ao cimo da passagem, projectando a sombra de Safía adiante desta. Procuravam colocar a máxima distância entre elas e a luta lá em baixo. Ecos do combate ainda lhes chegavam. Um tiroteio contínuo.

Safía esforçava—se por afastá—los. Passou uma mão pela parede. Arenito.

Os degraus sob elas tinham sido desgastados por inúmeras sandálias e pés despidos. Quantos teriam percorrido o mesmo caminho? Imaginou a própria Rainha do Sabá a subir ou descer aquelas escadas.

Enquanto subia, Safía sentia a constrição do tempo, o passado e o presente fundindo—se num só. Mais do que em qualquer outro lado, ali na Arábia passado e presente confundiam—se. A História não estava morta e enterrada debaixo de arranha—céus e do asfalto ou mesmo encarcerada atrás das paredes de museus. Ali estava viva, intimamente ligada à terra, confundindo lenda e pedra. Deixou os dedos cair. Lu'lu aproximou—se dela.

— Ouvi—te falar com o teu amado. Safía não queria falar sobre isso.

— Ele não é... isso foi antes...

— Ambos amam esta terra — continuou a hodja, ignorando a sua tentativa de protesto. — Deixaram que demasiadas coisas se erguessem entre os dois. Mas esse pó pode ser varrido para o lado.

— Não é assim tão simples.

Safía olhou em baixo a sua mão, onde outrora repousara um anel. Desaparecido, tal como uma promessa um dia feita. Como podia ela confiar que ele estaria presente quando precisasse dele? Foi um rapaz que te deixou. Agora é um homem que se ajoelha. Poderia acreditar? Por contraste, visionava o rosto de um outro. Painter. O modo como segurava a sua mão, o seu respeito e conforto tranquilos, mesmo a agonia nos seus olhos quando a assustara.

Lu'lu falou, como que lendo a sua mente.

— Há muitos homens de coração nobre. Alguns demoram mais tempo a assumi—lo.

Safia sentiu lágrimas a crescer.

— Preciso de mais tempo... para pensar.

— Tiveste esse tempo. Tal como nós, passaste tempo demais só. É preciso fazer escolhas... antes que não nos reste nenhuma.

Como prova disso, um pouco mais acima, as torrentes de ventos da tempestade gemeram pela abertura no topo.

Safia sentiu um sopro delas na sua face. Sentiu—se atraída por elas. Depois de tanto tempo no subsolo, queria libertar—se daquela prisão de rocha. Nem que fosse por um instante. Para aclarar a mente.

— Vou ver a tempestade — murmurou Safia.

— Eu vou contigo — disse Kara, um passo atrás.

— Também eu — acrescentou a hodja. — Quero ver com os meus próprios olhos o que viu a primeira rainha. Quero ver a entrada original de Ubar.

As três continuaram a subir os últimos lanços de escadas. Os ventos tornavam—se mais severos e a areia rodopiava sobre elas. As três puxaram para cima capuzes, lenços e óculos.

Safia galgou para cima. A abertura era uma fenda adiante. Kara apagou a sua lanterna. A tempestade era mais clara do que a obscura passagem.

A saída ficava a menos de um metro de distância. Safia avistou uma alavanca apoiada junto da entrada. Para lá do limiar, postava—se um grande bloco de Ipedra arredondada, a bloquear parcialmente o caminho.

— A pedra devia esconder a entrada — disse Kara. Safia assentiu.

O capitão al—Haffi e os seus homens deviam ter usado a alavanca para a deslocar para o lado, o suficiente para se esgueirarem por ela. Talvez, se conseguissem sobreviver à tempestade, pudessem todos escapar, empurrar a pedra de volta ao seu lugar e bloquear Cassandra. O vento fresco encheu Safia

de esperança.

Mesmo dali, a tempestade não lhe parecia tão escura como a recordava em Shisur. Talvez a sua força máxima se estivesse a esgotar.

Safia dobrou—se pela fenda, mas manteve—se abrigada atrás da pedra. A areia ainda encobria o sol, mas a noite cerrada tornara—se de novo crepúsculo. Conseguia agora ver o Sol, uma Lua pálida por entre a tempestade.

— A tempestade parece menos severa — disse Kara, confirmando a avaliação de Safia.

Lu'lu discordou.

— Não se deixem iludir. Estas areias em redor de Ubar são enganadoras. Há verdadeira razão para as tribos evitarem esta área, dizendo—a amaldiçoada, assombrada, areias de djinns e demónios.

A hodja conduziu—as para mais longe da entrada.

Safia seguia—a, o vento fustigando—lhe o manto e o lenço. Olhou em redor. Percebeu que se encontravam no topo de um planalto chato, alguns nove ou doze metros acima do solo do deserto. Era uma das inúmeras proeminências de rocha que emergiam das dunas. «Navios das areias», assim eram chamados pelas tribos nómadas.

Safia caminhou mais para fora, examinando a sua posição altaneira. Ela reconheceu a forma do planalto. Era igual àquele da pintura no palácio. Aqui fora onde se descobrira a primeira entrada de Ubar, há quase três milénios atrás. Contemplou em volta. Tanto a cidadela como o palácio da rainha tinham sido moldados segundo aquele planalto. O mais precioso de todos os navios do deserto.

Para lá do planalto, a tempestade atraía o olhar de Safia. As nuvens rodopiantes naquela área pareciam bizarras. A cerca de um quilómetro, a tempestade escurecia em faixas, rodeando a meseta. Safia podia ouvir os ventos distantes a uivar.

— É como se nos encontrássemos no centro de um furacão — disse Kara.

— É Ubar — disse Lu'lu. — Ela atrai a si o poder da tempestade.

Safia recordou—se de como, por um breve período, depois das chaves terem desencadeado a explosão e aberto o portão, a tempestade de areia parecera menos intensa.

Kara rastejou perigosamente até uma das extremidades, pondo Safia nervosa.

— Vem para trás — avisou Safia, receosa de que uma rajada de vento a pudesse derrubar pela borda.

— Há um trilho por esta vertente abaixo. Mais um caminho de cabras. Talvez

pudéssemos descê—lo. Consigo ver três camiões em baixo, a cerca de trinta e cinco metros. Deve ser o transporte do capitão al—Haffi.

Safia chegou—se mais perto. Não conseguia imaginar tentar atravessar um caminho por uma vertente íngreme com aqueles ventos. Estes sopravam imprevisivelmente.

Lu'lu concordou com Safia.

— Desafiar aquelas areias significa a morte.

Kara relanceou a hodja. A sua expressão argumentava que era igualmente perigoso permanecer ali. Kara estava claramente disposta a arriscar. Lu'lu percebeu o seu pensamento.

— O teu pai ignorou os avisos sobre estas areias, como o fazes agora. Mesmo depois de tudo o que viste.

As suas palavras só enfureceram Kara.

— O que há ali para recear? Lulu estendeu os braços.

— Essas são as areias dos nisnases.

Safia e Kara conheciam ambas o nome. Os espíritos negros das areias. Os nisnases eram os culpados pela morte de Reginald Kensington.

Lu'lu apontou a sudoeste. Um pequeno redemoinho agitava—se, rodopiando, um tornado de areia. Cintilava na escuridão, iluminado de carga estática. Por um instante, irradiou com maior brilho, depois desapareceu.

— Eu vi um demónio de pó como esse — disse Kara.

Lu'lu assentiu.

— Os nisnases trazem a morte pelo fogo.

Safia visionou o corpo torturado de Reginald Kensington, encerrado no vidro. Evocou—lhe os cidadãos mumificados lá em baixo. Qual seria a ligação?

Um outro redemoinho emergiu à distância, a leste. Um outro a sul. Pareciam erguer—se das areias e levantar—se no ar. Safia vira milhares de tais redemoinhos, mas nunca tão irradiantes de carga estática.

Kara olhou à distância.

— Ainda não compreen...

Directamente à sua frente, um muro de areia ergueu—se acima da borda do planalto. Caíram todas para trás.

— Um nisnase! — arquejou Lu'lu.

O redemoinho formou—se mesmo junto ao planalto, rodopiando numa colina sinuosa. Kara e a hodja recuaram para a passagem. Safia ficou onde estava, hipnotizada.

Vastas ondas de carga estática varriam o seu comprimento, projectando—se

das areias até ao céu. O seu manto ondeava, não dos ventos desta vez, mas da acção da electricidade no ar, crepitando sobre a sua pele, roupa e cabelo. Era uma sensação dolorosa, mas de alguma forma extasiante. Deixava o seu corpo frio, a pele quente.

Exalou, não percebendo que contivera a respiração.

Avançou um passo, suficientemente perto para ver toda a amplitude do redemoinho serpenteante. A energia continuava a vacilar pela coluna. Viu o turbilhão centrar—se em torno de um dos três veículos. Da sua posição elevada, podia ver as areias em volta do camião formar um vórtice sob ele.

Sobressaltou—se quando algo lhe tocou o cotovelo. Era Kara. Ela acalmara os nervos o suficiente para observar. Procurou e tomou a mão de Safia. No seu toque, Safia sentiu Kara a reviver um velho pesadelo.

Por baixo do camião, as areias começaram a escurecer. Um odor a queimado flutuou até elas. A mão de Kara cingiu a de Safia. Ela reconhecera o odor. As areias tornaram—se negras. Areia fundida. Vidro.

O nisnase.

As energias contidas no redemoinho chicoteavam violentamente, irradiando por toda a coluna. Da sua posição elevada, viram o camião afundar—se no lago fundido, a princípio lentamente, os seus pneus de borracha derretendo e estoirando — depois ecoou um tremendo silvo de estática, o vórtice sucumbiu e, no instante anterior a desaparecer, Safia viu o vidro tornar—se escuro como o vácuo. O camião precipitou—se, como que pelo ar. O poço negro afundou—se na areia e os últimos ventos empurraram areia solta sobre ele, apagando todos os vestígios.

Um fantasma surgido e desaparecido.

Um momento depois, pulsou uma ténue detonação. A areia naquela área inflou.

— O tanque de combustível — disse Kara.

Ambas levantaram os olhos. Mais daqueles redemoinhos letais emergiam Por todo o lado. Devia haver, agora, uma dezena.

— O que se está a passar? — indagou Kara.

Safia abanou a cabeça. O muro de tempestade em redor escurecera igualmente, contraindo—se na direcção delas, aproximando—se de todos os lados.

Lulu olhava em volta com uma expressão de terror.

— O outro sistema climatérico vindo da costa. Chegou, os dois sistemas estão a alimentar—se mutuamente, tornando—se mais furiosos.

— A megatempestade — disse Safia. — Está a formar—se à nossa volta.

Mais e mais redemoinhos dançavam pelas areias. A sua cintilação era como chamas erguendo—se no alto. Uma paisagem diabólica. A tempestade para lá deles tornava—se mais escura e mais intensa. Urrava agora.

Atravessar aquelas areias convidava à morte certa.

Safia ouviu um som mais próximo. Um som do seu rádio. Extraiu—o de um bolso. Omaha pedira—lhe que deixasse o canal aberto, para o caso de precisar de a contactar.

Agarrou nele e regressou à passagem. Uma voz sussurrava—lhe através da estática.

— Safia... se... consegue ouvir—me... Kara inclinou—se para ela.

— Quem é?

Safia pressionou o rádio contra o ouvido, escutando com atenção.

— ...eu... a caminho... Safia, consegue ouvir...

— Quem? — insistiu Kara. Os olhos de Safia cresceram.

— É Painter. Ele está vivo.

Algum capricho da estática da tempestade deixou que a voz dele lhe chegasse claramente, por um instante.

— Estou a três quilómetros da sua posição. Aguente. Vou a caminho. A estática apagou qualquer outra recepção. Safia pressionou o botão de transmissão e segurou o rádio junto aos lábios.

— Painter, se me consegue ouvir, não venha! Não venha! Está a ouvir—me? Soltou o botão. Apenas estática. Ele não ouvira. Fitou em volta o inferno de tempestade, fogo e vento. Era a morte seguir por aquelas areias... e Painter dirigia—se para ali.

18h05

Cassandra agachava—se com dois dos seus homens. Disparos ressoavam e irrompiam de todo o lado. Depois da detonação do primeiro RPG a ter apanhado desprevenida, Cassandra entrara na refrega, movendo—se por entre os destroços e a desordem da cidade.

O combate prosseguia, mas a sua equipa estava a fazer firmes progressos.

Observou pela mira de uma espingarda e esperou. A aglomeração de robustas casas erguia—se à sua frente, desenhadas em tons de esmeralda e prata pelos seus óculos de visão nocturna. Servindo—se igualmente de um filtro de infravermelhos, observou um ponto vermelho mover—se por detrás de um muro

de vidro, junto de uma esquina. Um elemento do inimigo.

Estudou a silhueta. O alvo carregava um tubo ao ombro, irradiando como um pequeno sol. De um calor escaldante. Um dos lançadores. Ela instruíra os homens para centrarem a sua atenção em tais objectivos. Tinham de eliminar as capacidades de longo alcance do inimigo.

Junto à parede, o alvo mexeu—se, movendo—se para o espaço aberto, posicionando o lançador de granadas.

Cassandra centrou a mira na parte mais quente do corpo do inimigo — a cabeça. Apertou o gatilho. Uma única vez. Era tudo o que precisava.

Pelos infravermelhos, viu a projecção de fogo crescer para fora.

Um tiro certeiro.

Mas algum reflexo muscular disparara o lançador.

Cassandra observou o RPG partir a grande velocidade, cegando—a através dos óculos. Rolou de costas, encadeada. A granada voou alto sobre a sua cabeça, a pontaria desviada, enquanto o corpo do inimigo caía para trás.

Apontada ao tecto, perdeu—lhe o rasto contra o irradiante espectáculo de descargas eléctricas a cruzar a cobertura. Tirou o filtro de infravermelhos e desligou o modo de visão nocturna. Através das lentes normais, o tecto ainda irradiava. O cenário tornara—se mais violeta, preenchendo todo o interior da cúpula. Pequenos arcos de electricidade brotavam como relâmpagos.

Do outro lado do lago, o RPG falhado explodiu. Atingira a parede do fundo, do lado oposto da cidade. Ela focou a visão telescópica.

Maldição... Não tinha sorte nenhuma.

A granada atingira a parede acima do túnel que conduzia à caverna. Viu uma secção da parede de vidro desprender—se da rocha por trás dela, juntamente com uma parte do túnel. Ruiu, selando este último.

A saída estava agora bloqueada.

Rolou de barriga. A equipa à superfície teria de escavar para os tirar dali. A preocupação imediata era dominar a cidade, capturar Safia e extrair o prémio ali escondido. Colocou de novo o filtro de infravermelhos sobre os óculos.

Era tempo de continuar a perseguição.

Os seus dois homens tinham já avançado para verificar o corpo e confiscar o lançador. Estavam prontos para prosseguir.

Cassandra fez uma pausa para verificar o seu detector electrónico.

Safia encontrava—se a pouca distância, mais à frente. Triângulos vermelhos, os indicadores da sua equipa, aproximavam—se da sua posição por todos os lados.

Satisfeita, Cassandra quase guardara o dispositivo, mas o indicador de elevação ao lado do círculo azul chamou—lhe a atenção. Deteve—se. Não fazia sentido.

Cassandra fitou de novo a cobertura irradiante. Se os dados estivessem correctos, Safia estava à superfície. Haveria outra saída?

Activou o microfone de garganta e enviou um alerta geral através do canal aberto, chegando a todos os homens.

— Avancem agora! Rápido! Não deixem sobreviventes!

Cassandra ergueu—se da sua posição e juntou—se aos homens.

— Vamos acabar com isto.

18h10

Omaha ouviu o brado do capitão al—Haffi, em árabe.

— Recuar para as escadas! Todas as forças, retirar para a saída!

Omaha agachou—se com Coral, Danny e Clay. Tinham tomado posição no interior do pátio do palácio. Uma granada deflagrou a vinte metros. Todos se pressionaram contra a parede.

— Temos de ir — disse Clay.

— Gostava muito de o fazer — disse Omaha. — Diga—o simplesmente aos dois homens do outro lado da esquina.

Estavam encurralados. Desde o último minuto que estavam. Momentos antes, Omaha e Clay tinham corrido para o pátio vindos de uma direcção, Danny e Coral de outra. Ambas as equipas perseguidas por comandos. Agora, estavam todos quatro encurralados.

Um impasse.

Só que os soldados de Cassandra dispunham de uma vantagem: miras sofisticadas que pareciam detectar todos os seus movimentos.

— Devíamos recuar para o interior do palácio — disse Coral, encaixando um novo carregador na sua pistola. — Teríamos mais hipóteses de os despistar.

Omaha anuiu. Correram para a entrada do palácio.

— E o capitão al—Haffi e os outros? — perguntou Clay, enquanto se abrigava no interior. — Eles podem partir sem nós.

Omaha baixou—se sobre um joelho, a arma apontada ao pátio. Coral tomou o seu flanco, Danny e Clay atrás deles.

— Partir para onde? — contrapôs Omaha. — Prefiro arriscar a minha sorte aqui, do que naquelas escadas estreitas. Pelo menos aqui, temos algum...

O tiro silvou da parede junto ao seu ouvido. Vidro estilhaçou—se, penetrando—lhe a face.

— Maldição...

Mais balas atacaram. Omaha deitou—se no chão, ao lado de Coral. Danny e Clay retiraram—se para a sala interior. A única razão de Omaha continuar vivo fora escultura de ferro e vidro da palma segurando a esfera no centro do pátio, que bloqueava um tiro directo pela entrada.

Do outro lado do pátio, um dos comandos surgiu à vista, desviando—se para o lado, um lançador de granadas ao ombro, apontado à porta do palácio. Balas continuavam a crivar—se, fogo de cobertura para o soldado de artilharia. Um acto ousado. Algo inflamara a equipa de Cassandra nos últimos minutos.

Coral torceu—se e apontou a pistola ao homem com o lançador de granadas, foi demasiado lenta.

Os deuses no alto, não.

Do tecto, um ofuscante raio de energia atingiu o solo junto do homem, crepitando por uns segundos, queimando as retinas. Não um verdadeiro relâmpago, simplesmente um arco de energia entre o tecto e o chão. Não abriu uma cratera. Nem sequer derrubou o homem. Fez muito pior.

O vidro debaixo do homem transmutou—se instantaneamente de sólido a líquido, mudando de estado numa fracção de segundo. O soldado afundou—se no lago até ao pescoço. O grito que brotou da sua boca foi um som só ouvido no mais profundo dos infernos, o grito de um homem queimado vivo. Cessou um instante depois. A cabeça do homem pendeu para trás, o vapor expelindo—se da sua boca.

Morto.

O vidro estava de novo sólido.

O fogo de cobertura morrera com o homem. Outros o tinham testemunhado.

À distância, a luta continuava, ecoando com tiros de espingarda — mas ali ninguém se movia. Omaha ergueu o olhar. O tecto estava em brasa, preenchendo a cúpula. Outros raios lançavam—se entre o tecto e o chão. Algures, irrompeu outro grito, um gémeo daquele ali ouvido.

— Está a acontecer de novo — disse Coral.

Omaha fitou o homem morto, sepultado no vidro. Ele sabia o que ela queria dizer.

A morte pelo fogo regressara a Ubar.

18h12

Painter balançou no seu assento enquanto o tanque de vinte toneladas voava sobre uma pequena duna. Não via agora nada. A visibilidade de poucos metros reduzira—se à ponta do seu nariz. Seguia às cegas. Podia estar a dirigir—se alegremente para a borda de um penhasco, que nunca o saberia.

Alguns minutos antes, a tempestade de areia animara—se subitamente com uma ferocidade renovada. Os ventos fustigantes soavam como punhos gigantes atingir o tanque. A cabeça de Painter latejava da concussão de forças.

Contudo, continuava cegamente em frente. O seu único guia cintilava no portátil a seu lado. Safia.

Não fazia ideia se ela ouvira a sua mensagem via rádio, mas ela não se movera desde a transmissão. Ainda se encontrava acima do solo... na verdade, a cerca de doze metros acima do solo. Devia haver um monte. Ele tinha de abrandar quando estivesse perto.

Um brilho de reflexo chamou—lhe a atenção. No espelho lateral. O segundo veículo de perseguição. Seguia as luzes maiores do tanque. O perseguidor devia estar tão cego quanto ele, seguindo no seu trilho, atendo—se ao seu curso, deixando que ele enfrentasse quaisquer obstáculos. O cego guiando o cego.

Painter prosseguiu. Não se atrevia a deixar o seu posto. Os ventos atacaram subitamente com ainda mais fúria. Por um momento, o tanque empinou—se sobre uma lagarta, depois caiu pesadamente. Céus...

Por alguma razão, uma gargalhada explodiu do seu interior. O gozo enlouquecido dos condenados.

Depois os ventos cessaram, como se alguém tivesse desligado a ventoinha. O pesado tanque seguiu para areias mais abertas. Os céus atenuaram—se mesmo da noite cerrada para um crepúsculo. A areia ainda se agitava e os ventos ainda sopravam, mas a um décimo da velocidade de há momentos antes.

Relanceou o espelho lateral. Um muro sólido de escuridão toldava a sua vista. Devia ter atravessado pelo centro do temporal e saído pelo outro lado.

Enquanto observava, não viu sinal do veículo de perseguição, o seu clarão perdido na escuridão total. Talvez a última rajada de ventos tivesse feito capotar o sacana.

Concentrou—se em diante.

A sua linha de visão alongou—se a uns bons quatrocentos metros. A distância, conseguia ver uma proeminência sombria de rocha escura. Um planalto do deserto. Relanceou o portátil. O círculo azul estava directamente à sua frente.

— Então é aí que você está. Aumentou a velocidade do tanque.

Perguntou—se se Safia o conseguiria ver. Estendendo a mão, pegou no rádio. Mantinha um olho na estrada. Por toda a região, minitornados chicoteavam e serpenteavam, ligando deserto e céu. Brilhavam de uma radiância cobáltica. Crepitações de carga estática espiralavam a partir do chão. A maioria mantinha—se no mesmo lugar, mas alguns vagueavam pela paisagem desértica. Encontrava—se suficientemente perto para ver um deles rasgar pela face de uma duna, a areia cuspida em seu redor. Na sua esteira, deixou um rasto de areia negra, um selo contorcido, um traço de pena de um deus da tempestade.

Painter carregou o olhar. Ele nunca testemunhara tal fenómeno.

Mas não era preocupação sua.

Tinha preocupações mais prementes. Levou o rádio aos lábios.

— Safia, se me estiver a ouvir, faça—me um sinal. Deve conseguir ver—me agora.

Esperou por uma resposta. Ele não sabia se Safia ainda tinha um dos seus rádios. Ele fixara o transmissor do tanque para essa frequência.

Ruído brotou do receptor.

— ...ainter! Fuja! Volte para trás!

Era Safia! Soava como se estivesse em dificuldades. Ele premiu o botão de transmissão.

— Não vou voltar para trás. Tenho...

Um arco eléctrico saltou do receptor de rádio para o seu ouvido. Soltando um grito, deixou cair o rádio. Cheirou—lhe a cabelo queimado.

Sentiu uma onda de estática percorrer o veículo. Cada superfície produzia—lhe choque. Manteve as mãos sobre o volante revestido a borracha. O computador portátil zumbiu, depois emitiu um estoiro sonoro. O ecrã ficou negro.

Chegou—lhe o som de um alarme de nevoeiro, retumbante, persistente.

Não um alarme de nevoeiro... uma buzina de camião.

Relanceou o espelho lateral. Da parede negra da tempestade, o camião de perseguição voou para o espaço aberto. Os últimos ventos castigaram—lhe a traseira. A estrutura inclinou—se, começando a capotar.

Então, libertou—se. Atingiu as areias, primeiro os pneus de um dos lados, depois os do outro. Oscilou, derrapou e descreveu uma volta completa. Mas estava livre da tempestade.

Painter praguejou.

O condutor do camião devia ter ficado tão chocado por estar vivo, como

Painter por vê—lo. O camião de caixa aberta imobilizou—se. Estava com um aspecto terrível. Um dos pneus estava furado, o pára—choques estava retorcido num sorriso de aço, a lona sobre a sua carga na caixa fora arrancada para o lado, emaranhada nas cordas.

Painter carregou no acelerador, correndo para diante, colocando o máximo de distância entre si e o camião. Recordava—se do bombardeamento com o RPG. Precisava de algum espaço para respirar, depois trataria daquele camião.

No espelho lateral, o camião seguia—o, cambaleando atrás dele.

Painter preparou—se para lutar, fixando a velocidade de cruzeiro.

Adiante, o deserto era uma floresta de serpenteantes redemoinhos de areia, reluzindo na obscuridade crepuscular. Todos pareciam mover—se, agora. Franziu o olhar. Moviam—se todos em uníssono, numa espécie de bailado sobrenatural.

Então, sentiu—o. Um solavanco familiar na areia.

Sentira o mesmo, quando as granadas tinham desencadeado uma avalanche na face da duna. O deslocar das areias sob as lagartas.

Mas estava sob chão plano.

A toda a volta, os redemoinhos dançavam, a electricidade estática faiscava e o deserto desprendia—se debaixo de si. Contra todas as probabilidades, o tanque de vinte toneladas estava a enterrar—se na areia. A velocidade abrandou. Sentiu a parte traseira resvalar. O tanque girou, arrastado por forças desconhecidas. Então ficou preso, imobilizado.

A janela lateral voltava—se agora para o camião de perseguição. Este prosseguia na sua direcção, aproximando—se sobre os seus grandes pneus. Depois, a areia debaixo dele virou pó. Afundou—se até às jantes... depois até ao eixo.

Atolou—se.

Ambos, perseguidor e perseguido estavam encurralados, moscas no âmbar.

Mas aquele âmbar ainda fluía.

Sentia—o debaixo de si. A areia ainda em movimento.

18h15

Safia desistiu do rádio. Apenas podia olhar em horror, ao lado de Kara e Lu'lu. Era uma paisagem retirada de um pesadelo, uma pintura de Salvador Dali. O mundo fundido e alongado.

Fitava os redemoinhos, as descargas eléctricas, os lagos de areia negra, rios

da mesma escavados por turbilhões galopantes. As nuvens empoeiradas no céu brilhavam pela quantidade de energia que fluía para o seu interior, alimentada por colunas serpenteantes de areia e carga estática.

Mas isso não era o pior.

Tão longe quanto conseguia ver, todo o solo do deserto se começara a agitar num único redemoinho gigante, girando em torno da empola oculta de Ubar. O planalto de arenito era um pedregulho na corrente. Mas havia pedras mais pequenas: o veículo de Painter e um outro camião, atolados nas areias agitadas.

Turbilhões aproximavam—se dos veículos, rasgando a areia com um fogo fundido.

Um estrondo ecoou à esquerda. Um pedaço da meseta desabou, esmagando —se na areia, um glaciar tombando no mar.

— Não podemos ficar aqui — disse Kara. — A tempestade vai destruir esta ilha.

— Painter... — articulou Safia. A sua roupa faiscava e crepitava de descargas, enquanto se aproximava da borda do planalto. Ele viera salvá—los e encaminhava—se para a perdição. Tinham de fazer alguma coisa.

— Ele está por sua conta — disse Kara. — Não o podemos ajudar.

Subitamente, o rádio rangeu na sua mão. Esquecera—se de que o segurava.

Painter...

— Safia, consegues ouvir—me? — Era Omaha.

Levantou o rádio.

— Estou aqui.

A sua voz soava distante, como que vinda de outro planeta.

— Algo de estranho se está a passar aqui em baixo. A estática está a produzir descargas por todo o lado. Está a bombardear o vidro. A fundi—lo em vários pontos. É uma repetição do cataclismo! Mantenham—se longe daqui!

— Consegues chegar aqui? Às escadas?

— Não. Danny, Clay, Coral e eu estamos isolados no palácio.

Uma comoção junto ao túnel chamou—lhe a atenção. Sharif emergiu.

Kara foi ao seu encontro. Ele apontou para o túnel.

— Retirámos para as escadas — disse, ofegante. — O capitão al—Haffi tentará manter o inimigo afastado. Deviam... — A voz morreu—lhe quando captou subitamente um vislumbre do deserto. Os seus olhos cresceram.

Um outro estrondo de estilhaçamento ressoou. Pedras esmagaram—se.

A borda da meseta ruiu.

— Que Alá nos proteja — rezou Sharif. Kara fez—lhe sinal para que se

afastasse.

— É bom que o faça. Estamos a ficar sem sítios para onde fugir.

Cassandra conheceu o verdadeiro terror pela primeira vez em décadas. A última vez que sentira aquele grau de medo fora enquanto criança, ao escutar os passos do pai à porta do seu quarto, a meio da noite. Ali era o mesmo. Um medo que enregelava as entranhas e tornava o tutano dos ossos em gelo. Respirar era um talento esquecido.

Encolhia—se no interior de um minúsculo edifício de vidro, mais uma capela, suficiente para uma pessoa ajoelhada. A sua única entrada era uma pequena porta por onde era preciso dobrar—se. Não tinha janelas. Para lá da porta, a cidade baixa estendia—se no fundo.

Observava os contínuos raios arqueados de descarga. Alguns atingiam o lago, tornavam—se mais intensos, depois eram de novo sugados para o tecto, mais brilhantes do esforço, como se a tempestade acima se alimentasse das águas em baixo.

O mesmo não acontecia quando atingiam o vidro. Cada superfície absorvia a estranha energia, tornando—se numa matéria líquida, mas apenas pela brevidade de uma faísca. Depois virava sólida de novo.

Ela vira um dos seus homens sucumbir sob um tal raio. Ele estivera abrigado atrás de um muro, apoiando—se nele. Então o raio atingiu a parede. Ele caiu para o interior, o suporte subitamente desaparecido. A parede solidificara de novo. Metade do seu corpo de um dos lados, a outra metade do outro. Entre elas, fora consumido até aos ossos. Mesmo as suas roupas tinham pegado fogo, uma tocha humana, de ambos os lados do vidro.

Por toda a cidade, o combate tinha cessado. Os homens procuravam abrigo.

Eles tinham visto os corpos mumificados. Eles sabiam o que estava a acontecer.

A caverna tinha—se tornado mortalmente silenciosa, à excepção de tiros ocasionais junto à parede do fundo, onde o inimigo se isolara em alguma passagem. Quem quer que se aproximasse era abatido.

Cassandra segurava o seu detector electrónico. Observou a dispersão de triângulos vermelhos. Os seus homens. Ou os poucos que restavam. Contou—os. Dos cinquenta que compunham a equipa de assalto, restava apenas uma dúzia. Viu mais um apagar—se. Um grito esmagador perturbou a cidade.

A morte espreitava os seus homens.

Ela sabia que mesmo abrigos tão exíguos como aquele não eram seguros. Ela vira os corpos mumificados no interior de algumas das casas.

A explicação parecia ser o movimento. Talvez a quantidade de estática naquele espaço fosse tal que qualquer agitação atraía a estocada de um raio.

Assim, Cassandra sentava—se quieta, muito quieta. Ela fizera o mesmo na sua cama de infância. Não a ajudara então. Duvidava que a ajudasse agora. Estava encurralada.

18h17

Omaha estava deitado de bruços, na entrada do palácio. A quietude pressionava—o. Para lá do pátio, a tempestade de fogo piorava. Raios crepitavam, estilhaçando—se em forquilhas reluzentes. A cúpula irradiava como o halo de um sol azul pálido.

Omaha observava e sabia que a morte estava perto.

Mas pelo menos dissera a Safia que a amava. Conseguira a sua paz. Teria de se satisfazer com isso. Olhou para o alto. Rezava para que Safia estivesse a salvo. Ela transmitira uma outra mensagem breve, descrevendo o caos lá em cima.

A morte acima, a morte abaixo.

Que escolha possível?

Coral estava deitada a seu lado, estudando a tempestade.

— Estamos no interior do maior transformador do mundo.

— O que quer dizer?

Falavam em sussurros, como que receando atrair a atenção do gigante adormecido.

— A caverna de vidro com a sua solução de antimatéria energizada está a actuar como um supercondutor maciço isolado. Ela atrai a energia a si como o camelo de ferro no museu. Neste caso, recolhe a energia estática de qualquer tempestade de areia que a cruze, sugando—a a partir de cima. Mas à medida que a energia se acumula na câmara, transpondo um determinado limiar, deverá necessitar de expedir a energia em excesso, como o fazem os relâmpagos durante uma trovoada. Só que isso é feito a partir da areia em direcção ao céu, disparando para cima em descargas imensas, criando essas explosões momentâneas de tornados letais à superfície do deserto.

— Como se descarregasse a sua bateria — disse Omaha. — Mas o que se está a passar aqui?

— Uma tempestade dentro de um frasco. A megatempestade está a derramar excessiva energia aqui em baixo. A empola não a consegue descarregar

suficientemente rápido, pelo que parte dela se repercute no sentido inverso.

— Autodestruindo—se.

— Redistribuindo a carga — corrigiu ela. — O vidro é um excelente condutor. Ele simplesmente pega na energia em excesso que não consegue descarregar para a superfície e passa—a ao chão em baixo. O vidro, aqui, capta a energia e dispersa—a. Um ciclo para manter a carga disseminada equilibradamente por toda a empola de vidro e não apenas pela cúpula. É esse equilíbrio de energia que mantém o lago de antimatéria estável durante esta tempestade. Um equilíbrio de cargas.

— E aquelas bolsas de vidro fundido?

— Não penso que seja vidro fundido. Pelo menos, não exactamente. Omaha olhou inquisitivo na sua direcção.

— O que quer dizer?

— O vidro encontra—se sempre num estado líquido. Alguma vez viu vidro antigo. Os veios que lhe distorcem ligeiramente a clareza? A gravidade afecta o vidro como um líquido, puxando—o lentamente para baixo em veios.

— Mas o que tem isso a ver com o que se passa aqui?

— Os raios de energia não fundem simplesmente o vidro. Eles mudam o seu estado, rompendo instantaneamente todas as ligações, liquidificando o vidro ao ponto de roçar o gasoso. Quando a energia se dispersa, volta a solidificar. Mas por um breve momento, penetra num estado ardente entre líquido e gasoso. É por isso que não flui. Mantém a sua forma básica.

Omaha esperou que aquela discussão conduzisse a alguma solução.

— Há alguma coisa que possamos fazer? Coral abanou a cabeça.

— Não, doutor Dunn, receio que estejamos lixados.

18h19

A violenta explosão atraiu a atenção de Painter para o planalto. Um camião estacionado próximo da proeminência de arenito volteou pelo ar, vomitando combustível em chamas. Um dos tornados de areia errantes passou indiferente por ele Deixou atrás de si um trilho de areia enegrecida. Vidro fundido.

Aquelas sinuosas colunas de carga estática estavam de algum modo a descarregar quantidades astronómicas de energia térmica, queimando tudo à sua passagem.

Painter recordou o aviso de Safía pelo rádio antes de entrar em curto—circuito. Ela tentara afastá—lo. Ele não ouvira.

Agora estava encurralado dentro do tanque, enquanto este girava lentamente num vasto redemoinho de areia agitada. Nos últimos cinco minutos, transportara—o consigo, oscilando—o num amplo arco, girando—o lentamente no mesmo lugar. Ele era um planeta a orbitar um sol.

E a todo o redor, a morte dançava. Para cada redemoinho que se extinguia com uma impetuosa descarga de estática, outros três surgiam.

Era apenas uma questão de tempo até que um cruzasse o seu caminho ou, pior ainda, se abrisse debaixo dele. Enquanto girava, viu o outro camião. Não se aguentava melhor. Um outro planeta, menor, talvez uma lua.

Painter fitou as areias que os separavam. Viu uma oportunidade. Era um acto de loucura, mas era melhor do que ficar ali sentado, à espera que a morte lhe viesse bater à porta. Se tivesse de morrer, preferia morrer de botas calçadas, em acção. Fitou a sua forma despida. Apenas vestia uns boxers. Ok, teria de renunciar a todo esse sonho de botas.

Levantou—se e foi até à traseira. Teria de viajar sem carga. Pegou numa única pistola... e numa faca.

Equipado, dirigiu—se à porta traseira. Teria de ser rápido. Gastou um momento a inspirar profundamente, várias vezes. Abriu a porta.

A clara vastidão do deserto irrompeu subitamente a metros de distância. Um turbilhão ergueu—se da areia. Sentiu a repercussão da sua estática. O cabelo fluiu—lhe à volta da cabeça, crepitando. Esperou que não pegasse fogo.

Cambaleando para trás, fugiu da porta traseira. O tempo esgotara—se. Disparou para a porta lateral, abriu—a e saltou.

Ao atingir o chão, afundou—se até à barriga das pernas. A areia estava diabolicamente solta. Relanceou sobre o ombro. O tornado elevava—se atrás do tanque, crepitando de energia. Sentiu o odor do ozono. Calor pulsava do monstro. Pés ligeiros, alvos pouco certeiros.

Era uma rima de criança que o pai lhe sussurrara muitas vezes ao ouvido, quando apanhado a mandriar. Não, papá... aqui não se pode mandriar.

Painter libertou os pés da areia e correu pela frente do tanque. O redemoinho arrastava—se na sua direcção, confinando com a areia movediça.

Avistou o camião de caixa aberta. A quarenta e cinco metros. Meio campo de futebol.

Correu veloz na sua direcção. Pés ligeiros, alvos pouco certeiros. Correu, a rima um mantra na sua mente.

Do outro lado da areia, a porta do camião abriu—se de rompante. O soldado postava—se no estribo e apontava—lhe uma espingarda. Passagem interdita.

Felizmente, Painter já tinha a pistola empunhada. Disparou e disparou. Não havia razão para poupar balas. Carregou e carregou. O condutor caiu para trás, os braços estendidos.

A explosão atrás de Painter projectou—o para diante, o rosto primeiro. Uma onda de fogo queimou a superfície. Cuspindo areia, levantou—se de um salto e para longe. Olhou para trás e viu o tanque de lado, em chamas, o reservatório do combustível explodido pelo calor do turbilhão enquanto este expandia a sua amplitude. Painter desandou pesadamente para longe. Combustível em chamas chovia a toda a volta, derramando—se sobre a areia. Simplesmente correu, determinado.

Alcançando o camião, ignorou a porta da cabina, usou o corpo do condutor como apoio e tombou para a caixa aberta. A lona ainda estava emaranhada nas cordas. Usou a faca para cortar as amarras. Estas estavam retesadas e estalaram como cordas de guitarra demasiado esticadas. Chutou lonas e cordas para o lado. Expôs o que estava por baixo. O que ele vislumbrara quando o camião de caixa aberta se atolara. Um dos helicópteros individuais. Aquele alvo encontrara as suas asas.

18h22

Safia escutara o disparar em staccato de uma pistola.

Painter...

Ela tinha estado comprimida no interior da passagem das escadas. Kara e Lu'lu montavam guarda com ela. Estivera a ponderar sobre um modo de escapar à condenação ali. Pressentia uma resposta, mas fora de alcance. Uma pista que lhe estivesse a escapar, deixando que o medo a penetrasse. Mas o medo era um velho companheiro. Inspirou fundo repetidas vezes, inalando calma, exalando tensão.

Pensou no mistério.

Evocou os seus pensamentos no caminho até ali. Como o passado e o presente se fundiam de inúmeras formas. Fechou os olhos. Quase conseguia sentir a resposta emergir dentro de si, como uma bolha na água.

Então, os tiros.

Seguidos de uma explosão. Como a que eliminara um dos camiões do capitão al—Haffi, há um minuto atrás.

Safía apressou—se de volta ao topo do planalto. Uma bola de fogo subia no ar, estraçalhada pelos ventos. O tanque jazia de lado.

Meu Deus... Painter.

Avistou uma figura despida a deslocar—se para junto do camião mais pequeno. Kara juntou—se—lhe.

— É Crowe.

Safia agarrou—se àquela esperança.

— Tens a certeza?

— Ele precisa verdadeiramente de cortar aquele cabelo.

A figura trepou para alguma coisa na traseira do camião. Então, Safia vislumbrou a extensão dos rotores desmontáveis. Ouviu um gemido distante. Os rotores moveram—se. Um helicóptero.

Kara suspirou.

— Aquele homem é cheio de recursos, tenho de o admitir.

Safia notou um minúsculo redemoinho, um dos errantes a atravessar as dunas, girar num arco largo, apontando ao camião e helicóptero. Tê—lo—ia Painter visto?

18h23

Painter deitou—se de bruços na plataforma. Os controlos ficavam junto aos seus braços, um para cada mão. Aumentou a velocidade do rotor. Pilotara helicópteros durante o treino nas Forças Especiais, mas nunca um como aquele. Esperava que não fosse muito diferente.

Premiu a válvula de admissão direita. Nada aconteceu. Premiu a da esquerda. Ainda nada. OK, talvez as coisas fossem um pouco diferentes.

Premiu ambas as válvulas e o helicóptero ergueu—se do seu ninho e subiu no ar. Manteve as válvulas premidas e disparou para cima num arco pouco firme, rodopiado pelos ventos. O bater sincopado dos rotores correspondia ao do seu coração, acelerado e furioso.

Enquanto o helicóptero oscilava, captou o vislumbre de um tornado na sua cauda. Este faiscava e cuspia fogo como um demónio erguido dos infernos.

Painter experimentava os comandos, inclinando—se para a direita, para a esquerda e em frente.

Em frente, estava bem.

Acelerou para longe, inclinando—se demasiado para baixo, como se deslizasse por uma encosta de neve. Tentou levantar o nariz antes de se enterrar na areia. Accionou o carburador, rolou para a esquerda, libertou o veículo e, finalmente, encontrou maneira de lhe levantar o nariz.

Agora dirigia—se directamente a um redemoinho monstruosamente gigante.

Subiu mais alto e para a direita — e conseguiu girar na mesma posição, embora continuasse a voar em direcção ao grande tornado. Sentiu o estômago revolver—se. Premiu com toda a força a válvula esquerda, deteve a rotação e conseguiu escapar à justa ao tornado.

Mas como último suspiro, o tornado cuspiu um arco de estática, atingindo—o. Painter sentiu o choque desde a ponta dos pés até às sobrancelhas.

Também a plataforma o sentiu.

Toda a energia morreu. Os instrumentos enlouqueceram. Mergulhou, os rotores agitando—se inutilmente. Desligou todos os sistemas, depois voltou a ligá—los. Reactivando. Um ténue gemido respondeu—lhe, o motor tossiu. Depois morreu.

O planalto ficava adiante. Apontou a ele o melhor que pôde... que era do lado da sua vertente íngreme.

Voltou a reactivar o veículo. O motor despertou dessa vez. Os rotores giratórios deviam ter ajudado à sua activação. Premiu ambas as válvulas.

O helicóptero ganhou altura.

Os penhascos precipitavam—se na sua direcção.

— Vá lá... — murmurava ele, entredentes.

Quando alcançava a meseta, captou um vislumbre do seu topo. Impeliu teimosamente o veículo para cima mais uns centímetros. Os patins de aterragem roçaram o bordo, agarraram—se um pouco, fazendo tombar a aeronave de lado. Os rotores rasgaram a pedra.

Despedaçaram—se.

A plataforma volteou para cima e aterrou ao contrário sobre o planalto. Um golpe de sorte. Painter embateu com a cabeça, mas sobreviveu.

Fez saltar a escotilha lateral e tombou para fora. Ficou deitado na pedra, ofegante, surpreso por estar vivo. Era uma agradável surpresa.

Safia precipitou—se para ele.

Kara seguiu—a, olhando—o de cima, os braços cruzados.

— Um bom esforço, mas alguma vez ouviu a expressão, «saltar da frigideira para o fogo»?

Ele sentou—se.

— Que diabo se passa?

— Temos de ir para um sítio seguro — disse Safia, ajudando—o a levantar—se.

— Onde? — indagou Kara, pegando no outro braço do homem. — A

tempestade de areia está a esventrar o deserto e Ubar está em fogo lá em baixo.

Safia endireitou—se.

— Sei para onde podemos ir.

XXII - TEMPESTADE DE FOGO

4 de Dezembro, 18h45
Ubar

Safia estava com o capitão al—Haffi na base das escadas. Olhava para fora para o turbilhão cobáltico que se agitava sobre o espaço abobadado. Ofuscava. Raios de energia cerúlea projectavam—se, bifurcavam e brotavam por toda a câmara. A característica mais perturbadora era o silêncio absoluto. Não havia qualquer retumbar.

— A que distância fica o palácio? — perguntou ao capitão.

— A trinta e cinco metros.

Relanceou para trás, para as escadas. As Rahim estavam reduzidas a catorze mulheres adultas e as originais sete crianças. Os homens do capitão al—Haffi eram agora oito. Ninguém parecia pronto a voltar a Ubar com o seu fogo eléctrico enlouquecido.

Mas todos estavam prontos a seguir Safia.

Ela fitou o caminho que teriam de percorrer. Um passo em falso significaria a morte pelo fogo.

— Tens a certeza disto? — perguntou Kara atrás dela. Era flanqueada por Lu'lu e Painter.

— Tanto quanto possível — respondeu Safia.

Painter tomara de empréstimo um manto de um dos Shahran, mas continuava descalço. Os seus lábios estavam cerrados.

Mais atrás, ecoando pela passagem mais acima, chegava—lhes o desmoronar de pedras. Os preparativos tinham demorado mais do que Safia desejara. As secções superiores da escada estavam já a ruir.

— Você está a confiar excessivamente naquela velha rainha — disse Painter.

— Ela sobreviveu ao cataclismo. A linhagem do rei sobreviveu. Durante o último cataclismo, a linhagem real foi protegida. Foram os únicos. Como?

Safia voltou—se e esvaziou o manto dobrado que segurava na mão. Areia derramou—se e cobriu o vidro à sua frente. Deslizou pelo caminho abaixo.

— A areia é um óptimo isolador. O palácio real está coberto de pinturas de

areia, no chão, nas paredes e nos tectos. A combinação de tamanha quantidade de areia com o vidro deve garantir a estrutura contra explosões de estática, protegendo aqueles no seu interior. — Ela puncionou o rádio. — Como fez até agora com Omaha, Coral, Danny e Clay.

Painter assentiu. Ela leu o respeito e a confiança nos seus olhos. Extraiu força da sua sólida confiança nela. Ele era um rochedo, quando precisava de algo a que se agarrar. Mais uma vez.

Safia voltou—se e fitou atrás de si a longa fila de pessoas. Cada qual carregava uma carga de areia. Tinham feito sacos com mantos, camisas — até as crianças levavam meias cheias de areia. O plano era derramar um caminho de areia desde ali até ao palácio, onde se abrigariam da tempestade.

Safia levantou o rádio.

— Omaha?

— Estou aqui, Saff.

— Vamos partir.

— Tenham cuidado. Ela baixou o rádio e pisou o vidro coberto de areia. Ela conduzi—los—ia.

Avançando, usou uma bota para espalhar areia o mais longe possível e continuar a ter um bom isolamento debaixo dos pés. Quando terminou, Painter passou—lhe o seu saco de areia. Ela voltou—se e lançou a nova areia pelo caminho, estendendo o trilho, e continuou.

Adiante, o tecto da caverna irradiava um fogo azul profundo.

Ainda estava viva. Funcionava.

Safia arrastou—se pelo caminho de areia. Atrás dela, crescia uma cadeia, passando saco atrás de saco de mão para mão.

— Atenção a onde pisam — avisou Safia. — Certifiquem—se de que há sempre areia debaixo dos pés. Não toquem nas paredes. Vigiem as crianças.

Derramou mais areia. O trilho serpenteava a partir da parede do fundo, contornando esquinas, descendo escadas, percorrendo rampas.

Safia fitava o palácio. Arrastavam—se para diante a passo de caracol.

Cargas estáticas eram—lhes continuamente lançadas, agora, atraídas pelo movimento, agitando o campo electromagnético que estabilizava o local. Mas o vidro de ambos os lados, afastava a carga, como um pára—raios. O caminho permanecia seguro.

Safia despejou uma carga de areia de um manto, depois ouviu um grito atrás de si.

Sharif escorregara há alguns metros atrás numa das escadas cobertas de

areia. Equilibrou—se contra uma parede contígua e usou—a para se impelir para cima.

— Não! — bradou Safia.

Demasiado tarde.

Como um lobo sobre um cordeiro desgarrado, um golpe de irradiação irrompeu. A parede sólida cedeu. Sharif caiu de cabeça para dentro do vidro. Este solidificou—se em volta dos seus ombros. O corpo convulsionou mas não houve grito, o rosto preso no vidro. Morreu de imediato. As pontas do seu manto arderam.

Crianças gritaram e afundaram o rosto no manto das mães.

Barak correu vindo de trás, passando pelos outros, o seu rosto uma máscara de dor. Ela acenou às mulheres com as crianças.

— Mantenham—nas calmas — disse Safia. — Continuem a avançar.

Pegou no saco seguinte. As suas mãos tremiam. Painter colocou—se a seu lado, pegando no saco.

— Eu faço isso.

Ela anuiu, deixando—se cair para segundo lugar. Kara estava atrás de si.

— Foi um acidente — disse ela. — Não foi culpa tua. Safia entendeu com a cabeça, mas não com o coração.

Contudo, não se deixou paralisar. Seguiu Painter, passando—lhe um novo saco. Continuaram a arrastar—se.

Por fim, contornaram o muro do pátio. Adiante, a entrada do palácio cintilava. Omaha postava—se na arcada, de lanterna na mão.

— Deixei a luz do alpendre acesa para vocês. — Acenou—lhes para que avançassem.

Safia teve de resistir ao impulso de correr. Mas ainda não estavam a salvo. Prosseguiram no mesmo ritmo regular, contornando a esfera de ferro pousada no seu ninho. Finalmente, o longo trilho alcançou a entrada.

Safia foi permitida entrar em primeiro lugar. Penetrou no interior e lançou os seus braços em torno de Omaha, sucumbindo contra ele. Ele pegou—a nos braços e carregou—a até à sala principal.

Ela não objectou. Estavam salvos.

19h07

Cassandra observara a procissão, sem se mover, mal respirando. Ela sabia que o movimento significava a morte. Safia e Painter tinham passado a metros

da sua pequena alcova de vidro.

Painter fora uma surpresa. Como podia ele estar ali?

Mas não reagiu. Manteve a respiração regular. Ela era uma estátua. Os muitos anos de treino nas Forças Especiais e de operações de campo tinham—lhe ensinado muitas maneiras de permanecer quieta e imóvel. Usou—as todas.

Cassandra soubera que Safia estava a caminho. Ela mapeara o seu progresso, movendo apenas os olhos e vira o último triângulo vermelho no seu detector desaparecer, um momento antes. Ela era tudo o que restava. Mas ainda não tinha terminado.

Cassandra observara com assombro, enquanto Safia voltara da caverna lá em cima, para ali, passando tão perto.

Um trilho de areia.

Safia encontrara o único abrigo seguro na caverna: o amplo e altaneiro edifício que se erguia a menos de quinze metros de distância. Cassandra escutou as vozes felizes dos outros quando alcançaram o santuário.

Permaneceu perfeitamente quieta.

O caminho de areia serpenteava a apenas dois metros da sua posição. Dois grandes passos. Movendo apenas os olhos, observou os céus. Esperou, retesando cada músculo, preparando—se. Mas permaneceu uma estátua.

Então, um raio desferiu—se a cerca de três metros de distância.

Bastante perto.

Cassandra lançou—se pela porta, confiando no velho adágio «o raio nunca atinge duas vezes o mesmo lugar». Não tinha outra hipótese.

Um dos pés tocou o vidro, mas apenas o suficiente para saltar para longe. O outro pé aterrou na areia. Agachou—se sobre o caminho.

Salva.

Inspirou profundamente, quase soluçando de alívio. Permitiu—se aquele momento de fraqueza. Precisaria dele para se endurecer para o passo seguinte. Esperou que o coração abrandasse, que as tremuras cedessem.

Finalmente, o corpo acalmou—se. Esticou o pescoço, um gato a despertar.

Inspirou fundo, depois exalou. Agora, de volta à missão.

Levantou—se e tirou para fora o detonador sem fios. Examinou—o para se certificar de que não tinha sido danificado ou a electrónica destruída. Tudo parecia em ordem. Premiu uma tecla, carregou no botão vermelho, premiu de novo a tecla.

O interruptor de um condenado.

Em lugar de premir o botão para fazer deflagrar o chip no pescoço de Safia,

tudo o que tinha de fazer era levantar o dedo.

Preparada, sacou a pistola do coldre.

Era hora de cumprimentar os vizinhos.

19h09

Sentado no chão, Painter fitava em torno da sala apinhada. Coral já o informara de tudo o que acontecera, das suas teorias e das suas preocupações. Agora sentava—se a seu lado, verificando a arma.

Do outro lado da sala, Safia estava junto ao seu grupo. Sorriam e risos suaves flutuavam. Eram uma nova família. Safia ganhara uma nova irmã em Kara, uma mãe em Lulu. Mas e Omaha? Ele mantinha—se ao lado dela, sem lhe tocar mas próximo. Painter via como Safia se inclinava ligeiramente na direcção do homem, quase tocando—o, mas sem o fazer. Coral continuou a limpar a arma.

— Por vezes, é melhor seguir em frente.

Antes que pudesse responder, uma sombra moveu—se à sua direita, junto da entrada.

Ele viu Cassandra entrar na sala. Com a pistola numa das mãos, ela estava calma, despreocupada, como se tivesse chegado de um passeio pelo parque.

— Ora, como isto é agradável — disse ela.

O seu aparecimento sobressaltou todos. Armas foram agarradas. Cassandra não reagiu. Ainda mantinha a sua pistola apontada ao tecto. Em vez disso, exibiu um dispositivo familiar.

— É assim que se recebe um vizinho?

— Não disparem! — explodiu Painter, já de pé. — Ninguém dispare! Moveu —se mesmo para diante de Cassandra, protegendo—a.

— Vejo que reconhece o interruptor de um condenado — disse ela, atrás dele. — Se eu morrer, a pobre doutora al—Maaz perde a sua linda cabecinha.

Omaha ouviu as suas palavras. Ele já empurrara Safia para trás de si.

— De que é que a sacana está a falar?

— Porque é que não explica, Crowe? Afinal, o transmissor é uma criação sua. Ele voltou—se para ela.

— O detector... não a bomba.

— Que bomba? — indagou Omaha, os seus olhos simultaneamente assustados e furiosos.

Painter explicou.

— Quando Cassandra teve Safia sob custódia, implantou—lhe um pequeno

dispositivo de detecção. Cassandra modificou—o com uma pequena quantidade de C4. Ela tem o detonador. Se soltar o gatilho, explodirá.

— Porque não nos disse antes? — perguntou Omaha. — Podíamos tê—lo retirado.

— Se o fizerem, explodirá igualmente — disse Cassandra. — A menos que eu o desactive primeiro.

Painter fitou—a, depois Safia.

— Eu esperava levá—la para um lugar seguro, depois conseguir que uma equipa de cirurgia e desmantelamento removesse o dispositivo.

A sua explicação pouco fez para debelar o horror nos olhos dela. E Painter sabia que parte desse horror lhe era atribuído. Aquele era o seu trabalho.

— Então agora que somos todos amigos — disse Cassandra — vou pedir que atirem todas as vossas armas para o pátio. Todos, agora. Estou certa de que o doutor Crowe se certificará de que todas as armas são rejeitadas. Um erro e eu poderei levantar o dedo para repreender alguém. Não queremos que isso aconteça, pois não?

Painter não tinha escolha. Fez como Cassandra instruiu. Espingardas, pistolas, facas e dois lançadores de granadas foram empilhados no pátio.

Quando Coral jogou para longe a sua arma meia montada, juntamente com os outros, permaneceu à entrada. Os seus olhos percorriam a caverna. Painter seguiu—lhe o olhar.

— O que se passa? — perguntou ele.

— A tempestade. Agravou—se desde a vossa chegada. Bastante. — Ela apontou a cobertura. — A energia não se está a dissipar suficientemente depressa. Está a destabilizar.

— O que quer isso dizer?

— A tempestade está a formar um barril de pólvora aqui dentro. — Ela voltou—se para ele. — Isto vai explodir.

19h22

Da varanda do segundo piso do palácio, Safia fitava com os outros o turbilhão. O tecto da caverna já não se conseguia ver. As agitadas nuvens de carga estática tinham iniciado unm lenta rotação em torno da cúpula, um vórtice de estática. No centro, podia ver—se um pequeno espiráculo inferior, a baixar visivelmente, como o funil de um tornado. Seguia em direcção ao lago de antimatéria.

— Novak tem razão — disse Cassandra. Ela estudava o fenómeno através dos seus óculos de visão nocturna. — Toda a cúpula se está a carregar.

— É a megatempestade — disse Coral. — Deve ser bastante mais forte do que a antiga tempestade que desencadeou o cataclismo, há dois mil anos. Está a exceder a capacidade aqui contida. E não posso evitar pensar que uma quantidade considerável da água do lago está provavelmente destabilizada, tal como o conteúdo do camelo de ferro.

— O que acontecerá? — perguntou Safia.

Coral explicou.

— Alguma vez viu um transformador com excesso de carga explodir? Pode destruir por completo um poste de electricidade. Agora, imagine um transformador com a dimensão desta caverna. Com um núcleo de antimatéria concentrada. Pode ter a capacidade de destruir toda a Península Arábica.

Aquele raciocínio lógico silenciou—os a todos.

Safia observava o vórtice de energias a mover—se. O funil do centro continuava a baixar, lentamente, inexoravelmente. Um medo primitivo insinuou —se por ela.

— Então, o que podemos fazer? — A questão veio de uma fonte improvável. Cassandra. Ela puxou os óculos de visão nocturna para cima. — Temos de o deter.

Omaha zombou.

— Como se quisesse ajudar.

— Eu não quero morrer. Não sou louca.

— Apenas maléfica — resmoneou Omaha.

— Prefiro o termo «oportunista». — Dirigiu a atenção de volta a Coral. — Então?

Coral abanou a cabeça.

— Ligamo—la à terra — disse Painter. — Se esta empola de vidro é o isolador para toda esta energia, então precisamos de arranjar maneira de fazer despedaçar a parte inferior da empola, ligando a tempestade eléctrica ao solo, enviando a sua energia para o interior da terra.

— Não é uma má teoria, comandante — disse Coral. — Especialmente, se se pudesse quebrar também o vidro debaixo do próprio lago, conseguir que as águas carregadas de antimatéria se drenassem de volta ao original sistema aquífero gerado pela Terra, de onde emanou. Não apenas a energia se dissiparia, como atenuaria o risco de uma cadeia de reacção da antimatéria. As águas enriquecidas diluir—se—iam simplesmente até ao ponto de impotência.

Safía sentiu uma centelha de esperança. Não durou além das palavras seguintes de Coral.

— É a aplicação prática desse plano que constitui o grande problema. Não dispomos de uma bomba suficientemente potente para fazer explodir o fundo do lago.

Nos minutos que se seguiram, Safía ouviu a discussão de possíveis dispositivos explosivos, sabendo o que residia implantado no seu próprio pescoço, sabendo o que acontecera em Telavive, sabendo o que acontecera no British Museum. As bombas marcavam pontos de viragem na sua vida. Poderiam, igualmente, marcar o seu fim. A ameaça devia tê—la aterrorizado, mas encontrava—se para lá do medo.

Fechou os olhos.

Mal escutava as várias ideias a ser reunidas em voz alta, desde granadas lançadas por foguetes até à esfera de C4 contida no seu pescoço.

— Não há aqui nada suficientemente forte — disse Coral.

— Sim, há — disse Safía, abrindo os olhos. Recordou—se da explosão no British Museum. Apontou para o pátio. — Não é um camelo, mas pode funcionar.

Os outros fitaram o que ela apontava.

A gigante esfera de ferro pousada na palma de vidro.

— Afundamo—la no lago — disse Safia.

— A maior carga de profundidade do mundo — disse Danny.

— Mas como sabe que explodirá como o camelo? — perguntou Coral. — Poderia simplesmente aniquilar—se, como a dama de ferro. Estes artefactos de ferro não funcionam todos da mesma maneira.

— Eu mostro—lhe — disse Safía.

Voltou se e abriu caminho de volta ao piso de baixo. Uma vez na sala principal, gesticulou para cada uma das paredes pintadas a areia.

— Em oposição à entrada está a primeira Ubar, uma representação da sua descoberta. Ali, naquela parede distante está uma representação da Ubar à superfície. A sua face voltada para o mundo. E nesta parede, como é evidente, está o verdadeiro coração de Ubar, a cidade de vidro com os seus pilares. — Ela tocou a pintura do palácio. — O pormenor é impressionante, indo até às estátuas de arenito que guardam a entrada. Mas nesta imagem, ambas as estátuas são mostradas.

— Porque uma delas foi usada como veículo para a primeira chave — disse Omaha.

Safía assentiu.

— Esta representação foi feita, obviamente, antes da destruição. Mas reparem no que falta. Não há uma esfera de ferro. Não há uma mão de vidro. No centro do pátio, na pintura, surge a rainha de Ubar. Um lugar de proeminência e destaque. Um X a marcar o ponto, por assim dizer.

— O que quer dizer? — perguntou Cassandra.

Safia teve de reprimir o desprezo. O seu esforço para salvar os amigos, salvar a Arábia, salvaria igualmente Cassandra. Safia prosseguiu, sem encarar os olhos da mulher.

— A simetria era importante no passado. O equilíbrio em todas as coisas. O novo objecto foi colocado num local correspondente à posição da rainha na representação. Um lugar de destaque. Deve ser importante.

Omaha voltou—se, fitando a esfera de ferro lá fora.

— Mesmo o modo como a mão está posicionada. Se se endireitar o pulso, será como se atirasse a esfera directamente para dentro do lago.

Safia encarou todos.

— É a última chave da rainha. Uma segurança de recurso. Uma bomba deixada para destruir o lago, se necessário.

— Mas pode ter a certeza? — inquiriu Painter.

— O que custa tentar? — contrapôs Omaha. — Ou funciona ou não funciona. Coral afastara—se até à entrada.

— Se o vamos tentar, é melhor apressar—nos. Safia e os outros precipitaram —se para diante.

No centro da caverna, um funil de pó reluzente torcia—se e retorcia—se. Abaixo dele, o lago de antimatéria começara a agitar—se, em sintonia com o vórtice no tecto.

— O que fazemos primeiro? — perguntou Painter.

— Tenho de colocar as minhas mãos sobre a esfera — disse Safia. — Activá —la, como todas as outras chaves.

— Depois, pomos a bola a rolar — concluiu Omaha.

19h35

Omaha postava—se sobre o caminho de areia no pátio. Levara um minuto para varrer o trilho de modo a chegar à esfera aninhada. Safia estava diante do globo de ferro avermelhado, de um metro e vinte de largura.

Os céus rugiam no alto.

Safia aproximou—se da esfera. Esfregou as palmas, depois tentou alcançar entre os dedos de vidro da escultura.

Omaha viu o seu ombro vacilar, a ferida da bala atormentando—a. Quis correr para o seu lado, puxá—la para trás, mas ela mordeu o lábio inferior e colocou ambas as mãos sobre a esfera.

Quando a sua pele tocou o metal, um crepitante clarão azul arqueou—se sobre a superfície do ferro. Safia voou para trás com um grito.

Omaha apanhou—a nos seus braços e ajudou—a a pousar os pés na areia.

— Obrigada.

— De nada, querida. — Manteve um braço à sua volta e ajudou—a a voltar ao palácio. Ela apoiou—se nele. Era uma sensação boa.

— A granada está programada para deflagrar dentro de dois minutos — disse Painter. — Abriguem—se. — Ele colocara a carga explosiva na base da escultura. O plano era libertar a esfera.

A gravidade faria o resto. A avenida para lá do palácio fluía até ao lago. Propositadamente, dissera Safia. A esfera, uma vez libertada, devia rolar por si própria até ao lago.

Omaha ajudou Safia de volta à sala principal.

Um clarão ofuscantemente brilhante dardejou por detrás deles, iluminando as suas sombras na parede do fundo da sala. Omaha arquejou, receando tratar—se da granada.

Empurrou Safia para o lado, mas não houve explosão.

— Um dos raios de estática — disse Coral, esfregando os olhos. — Ele atingiu a esfera.

Safia e Omaha deram meia volta. Lá fora no pátio, a superfície de ferro tremulava de energias azuladas. Viram a escultura de vidro fundir—se lentamente, inclinando—se por si mesma. A mão largou a esfera sobre o chão do pátio. Esta balanceou, depois rolou em direcção à entrada em arco.

Passou por esta e continuou.

Coral suspirou.

— Fantástico. — Omaha nunca escutara tanto respeito proferido numa só palavra. Ele concordou.

— Aquela rainha teria dado uma jogadora de bowling profissional.

— Para baixo! — Painter lançou—os a todos para o lado, suspendendo Omaha pelo pescoço.

A explosão foi ensurdecedora. Fragmentos de vidro projectaram—se para dentro da sala vindos do pátio. A granada de Painter detonara no tempo previsto.

Quando o estrondo se dissipou, Omaha encontrou—lhe os olhos.

— Um bom trabalho, ali fora. — Deu uma leve palmada no ombro de Painter.

— Bom trabalho.

— Ainda está a rolar! — chamou Danny do piso de cima.

Todos se apressaram a subir as escadas até à varanda, onde os outros se reuniam.

Omaha atirou—se para a frente com Safia.

O curso da esfera de ferro era fácil de seguir. O seu movimento atraía raios da cobertura, atingindo—a continuamente. A sua superfície cintilava com uma aura cerúlea. Balançava, rolava e seguia o seu caminho pela estrada real.

Forquilhas de clarões bombardeavam e ofuscavam — mas ela continuava a rolar para o lago.

— Está a energizar—se — disse Coral. — A atrair energia a si.

— Tornando—se numa carga de profundidade — disse Danny.

— E se explodir assim que tocar o lago? — perguntou Clay, mantendo—se na retaguarda, pronto a mergulhar no palácio ao primeiro sinal de dificuldade.

Coral abanou a cabeça.

— Enquanto continuar a descer, a mover—se através da água, apenas deixará um traço de aniquilação. Mas a reacção terminará assim que a bola seguir em diante.

— Mas quando se detiver, quando assentar no fundo... — disse Danny.

Coral concluiu:

— O peso de toda a água sobre ela, pressionando o objecto imóvel, desencadeará uma reacção em cadeia localizada. O suficiente para accionar o proverbial fusível da nossa carga de profundidade.

— E então, bum — disse Danny.

— Bum, de facto — concordou Coral.

Todos os olhos repousavam sobre a reluzente esfera. Todos os olhos a viram atingir o ponto médio, descer uma rampa, embater numa pilha de detritos ocasionados pelo bombardeamento de Cassandra... e deter—se.

— Merda — murmurou Danny.

— Merda, de facto — concordou Coral.

19h43

Safia erguia—se na varanda com os outros, tão consternada como os outros.

Argumentos grassavam à sua volta.

— E se usássemos um dos RPGs? — inquiriu Cassandra, fitando pelos seu óculos de visão nocturna.

— Disparar uma granada contra uma bomba de antimatéria energizada? — respondeu Omaha. — Claro que o vamos fazer.

— E se falhasse a pilha de detritos — disse Painter —, provocaria um outro obstáculo na estrada, que poderia ser definitivo. Neste momento, ela só está provisoriamente impedida. Se pudesse ser rolada alguns centímetros para o lado...

Cassandra suspirou. Safia reparou que o dedo da mulher ainda pressionava o transmissor, protegendo—o do alcance de todos. Cassandra conseguia definitivamente concentrar—se. Com tudo o que se passava, todo o perigo, ela não largava o seu trunfo, mantendo—o na jogada, tencionando claramente usá—lo se tudo corresse bem. Era uma lutadora obstinada.

Mas Safia também o era.

Clay mantinha os braços cruzados sobre o peito.

— Precisamos é de alguém que vá até lá e lhe dê um bom empurrão.

— Pode tentar à vontade — disse Cassandra, com evidente desdém. — Ao primeiro sinal de movimento estará a banhar—se em vidro fundido.

Coral mexeu—se, anteriormente perdida em pensamentos profundos.

— É claro. É o movimento que atrai os raios, tal como a esfera a rolar.

— Ou os meus homens — acrescentou Cassandra.

— Os raios devem ser atraídos por alterações num campo electromagnético, um cenário gigante de detecção do movimento. — Coral baixou os olhos. — E se alguém pudesse mover—se por esse cenário sem ser visto?

— Como? — perguntou Painter.

Coral relanceou a hodja e as outras Rahim.

— Elas conseguem não ser vistas quando o desejam.

— Mas isso não é físico — disse Painter. — É uma maneira de afectarem a mente do espectador, turvando—lhe a percepção.

— Sim, mas como o fazem? Ninguém respondeu.

Coral olhou em volta, depois endireitou—se.

— Oh, eu nunca lhes contei.

— Você sabe? — indagou Painter.

Coral anuiu e relanceou Safia, depois desviou o olhar.

— Eu analisei o sangue delas.

Safia recordou—se de Coral estar a ponto de mencionar alguma coisa sobre

isso, quando as forças de Cassandra tinham atacado. De que se tratava? Coral apontou em direcção à caverna.

— Tal como o lago, a água contida nas células sanguíneas das Rahim — em todas as suas células e fluidos, imagino — está cheia de buckyballs.

— Elas têm antimatéria dentro de si? — perguntou Omaha.

— Não, é claro que não. É simplesmente que os seus fluidos tem a capacidade de conservar a água em configurações de buckyballs. Creio que essa capacidade advém de algum tipo de mutação no seu ADN mitocondrial.

O terror crescia no peito de Safia.

— O quê? Painter tocou—lhe o cotovelo.

— Um pouco mais devagar.

Coral suspirou.

— Comandante, recorda—se dos dados sobre a explosão de Tunguska, na Rússia? Surgiram mutações na flora e na fauna da área. A tribo indígena dos Evenk desenvolveu anomalias no seu sangue, especificamente nos seus factores de Rh. Tudo causado por radiação gama gerada por aniquilação de antimatéria. — Estendeu um braço na direcção da tempestade enfurecida. — O mesmo se passa aqui. Por não sei quantas gerações, a população aqui residente foi exposta a radiação gama. Então, deu—se um golpe de sorte. Alguma mulher desenvolveu uma mutação — não no seu ADN, mas no ADN contido nas suas mitocôndrias celulares.

— Mitocôndrias? — indagou Safia, tentando recordar—se da biologia básica.

— São os pequenos organelos dentro de todas as células, que flutuam no citoplasma, pequenos motores que produzem energia celular. São as baterias da célula, para usar uma analogia grosseira. Mas têm o seu próprio ADN, independente do código genético de uma pessoa. Acredita—se que as mitocôndrias eram inicialmente um tipo de bactérias, que foram absorvidas para o interior das células mamíferas durante a evolução. O pequeno pedaço de ADN é o que resta da anterior vida independente das mitocôndrias. E uma vez que as mitocôndrias só se encontram no citoplasma das células, são as mitocôndrias do óvulo de uma mãe que se tornam nas mitocôndrias do filho. Por isso, a capacidade só passa pela linhagem da rainha.

Coral abarcou com a mão as Rahim.

— E foram essas mitocôndrias que sofreram mutação pela radiação gama? — inquiriu Omaha.

— Sim. Uma mutação menor. As mitocôndrias ainda produzem energia para

a célula, mas produzem igualmente uma pequena descarga eléctrica para manter activamente a configuração de buckyball, dando—lhe alguma carga. Creio que esse efeito tem alguma coisa a ver com os campos de energia contidos nesta câmara. As mitocôndrias estão sintonizadas com eles, alinhando a carga das buckyball para corresponder à energia aqui contida.

— E essas buckyballs carregadas conferem a estas mulheres alguns poderes mentais? — inquiriu Painter, incrédulo.

— O cérebro é noventa por cento água — disse Coral. — Se se carregar esse sistema com buckyballs, tudo pode acontecer. Já vimos a capacidade destas mulheres para afectar campos magnéticos. Essa transmissão de força magnética, dirigida pela vontade e mente humana, parece capaz de afectar as águas no cérebro de criaturas inferiores e de certa forma em nós. Afectando a nossa vontade e percepção.

Os olhos de Coral relancearam as Rahim.

— E se focada internamente, a força magnética pode impedir a meiose nos seus próprios óvulos, produzindo um óvulo autofertilizado. A reprodução assexual.

— Partenogénese — murmurou Safia.

— Okay — disse Painter. — Mesmo que eu pudesse aceitar tudo isso, como é que nos vai fazer sair desta embrulhada?

— Não esteve a ouvir? — inquiriu Coral, olhando por cima do ombro o vórtice da tempestade no alto e agora agitando o lago. Estavam a esgotar o tempo. Apenas minutos. — Se uma das Rahim se concentrar, pode sintonizar—se com esta energia e alterar a sua força magnética para a fazer corresponder ao campo de detecção electromagnético. Elas deverão conseguir atravessar em segurança.

— Como é que o podem fazer?

— Desejando—se invisíveis.

— Quem estaria disposta a tentar? — perguntou Omaha. A hodja deu um passo em frente.

— Eu. Pressinto a verdade nas palavras dela.

Coral inspirou fundo, passou a língua pelos lábios e falou.

— Receio que seja demasiado fraca. Não quero dizer fisicamente... pelo menos, não exactamente.

Lu'lu franziu o olhar.

Coral explicou:

— Com a tempestade enfurecida, as forças ali fora são imensas. Será

necessário mais do que a experiência. Será necessário alguém extremamente rico em buckyballs.

Voltando—se, os olhos de Coral encontraram os de Safia.

— Como sabe, testei várias das Rahim, incluindo a anciã. Elas possuem apenas um décimo das buckyballs que encontrei nas suas células.

Safia crispou—se.

— Como é isso possível? Eu sou apenas metade Rahim.

— Mas a metade certa. A sua mãe era Rahim. Foram as mitocôndrias dela que passaram para as suas células. E há uma condição na natureza designada por «vigor híbrido», em que o cruzamento de duas linhagens diferentes produz uma descendência mais forte, do que o cruzamento contínuo da mesma linhagem.

Danny concordou à parte.

— As misturas são basicamente mais saudáveis do que as raças puras.

— Você é sangue novo — concluiu Coral. — E as mitocôndrias gostam disso. Omaha colocou—se ao lado de Safia.

— Você quer que ela caminhe até à esfera impedida? Através daquela tempestade eléctrica?

Coral assentiu.

— Creio ser a única que o poderia fazer.

— Esqueça — disse Omaha.

Safia cingiu—lhe o cotovelo.

— Eu faço—o.

20h07

Omaha observava Safia de pé sobre o caminho de areia, no pátio. Ela recusara deixá—lo acompanhá—la. Estava sozinha com a hodja. Assim, ele esperava à entrada. Painter montava vigília com ele. O homem não parecia mais satisfeito com a escolha de Safia. Nisso, os dois estavam de acordo.

Mas era a escolha de Safia.

O seu argumento fora simples e irrefutável: Ou funciona ou morremos todos de qualquer maneira.

Assim, os dois homens esperavam. Safia escutava.

— Não é difícil — disse a hodja. — Tornar—se invisível não é uma concentração de vontade. É um abandonar de vontade.

Safia franziu o olhar. Mas as palavras da hodja encaixavam—se nas de Coral. As mitocôndrias produziam buckyballs com carga eléctrica, alinhadas

com a assinatura energética da câmara. Tudo o que tinha de fazer era deixá—las instalar—se no seu alinhamento natural.

A hodja estendeu uma mão.

— Primeiro, precisas de despir a ma roupa. Safia lançou—lhe um olhar ríspido.

— A roupa afecta a nossa capacidade de nos tornarmos invisíveis. Se aquela mulher estiver certa com todo aquele palavreado, as roupas poderão interferir no campo magnético que geramos sobre os nossos corpos. Mais vale prevenir do que remediar.

Safia desprendeu o manto, descalçou as botas e despiu a blusa e as calças.

De sutiã e cuecas, voltou—se para Lu'lu.

— Licra e seda. Vou mantê—los vestidos. Ela encolheu os ombros.

— Agora relaxa. Encontra um lugar de conforto e paz. Safia inspirou fundo repetidamente. Depois de anos de ataques de pânico, aprendera formas de se concentrar. Mas pareciam demasiado frágeis, uma insignificância face à pressão à sua volta.

— Tens de ter fé — disse a hodja. — Em ti. No teu sangue.

Safia inalou profundamente. Relanceou para trás, para o palácio, npara Omaha e Painter. Nos olhos dos dois homens, viu a sua necessidade de a ajudar Mas aquele era o seu caminho. A percorrer sozinha. Ela sabia—o em lugares além daqueles em que batia o seu coração.

Voltou—se para diante, resoluta embora assustada. Tanto sangue fora derramado no passado. Em Telavive... no museu... no longo caminho até ali. Ela trouxera todas aquelas pessoas até ali. Já não podia esconder—se. Tinha de fazer aquele caminho.

Safia fechou os olhos e deixou toda a dúvida fluir para longe.

Aquele era o seu caminho.

Normalizou a respiração, soltando o controlo até um ritmo mais natural.

— Muito bem, minha filha. Agora, toma a minha mão.

Safia estendeu a mão e agarrou a palma da velha mulher, grata, surpreendida com a força ali presente. Continuou a relaxar. Dedos apertavam—se, tranquilizando—a. Ela reconheceu o toque de há muito tempo atrás. Era a mão da sua mãe. Calor fluiu daquela ligação. Preencheu—a.

— Avança — sussurrou a hodja. — Confia em mim. Era a voz da sua mãe. Calma, tranquilizante, firme.

Safia obedeceu. Pés descalços moveram—se da areia para o vidro. Um pé, depois o outro. Moveu—se para fora do caminho, o braço atrás de si, segurando

a mão da mãe.

— Abre os teus olhos.

Ela abriu, respirando regularmente, mantendo o calor do amor materno bem dentro de si. Mas uma mão teria, eventualmente, de largar a outra. Fez deslizar os seus dedos e deu outro passo. O calor ficou com ela. A mãe já não estava ali, mas o seu amor persistia, em si, no seu sangue, no seu coração.

Continuou a caminhar, enquanto a tempestade enraivecia de fogo e de vidro.

Em paz.

Omaha estava de joelhos. Nem sequer sabia quando assim tinha caído. Via Safia caminhar para longe, difusa, ainda presente, mas etérea. Quando roçou a sombra sob o arco da entrada, desapareceu por completo por um instante.

Ele conteve a respiração.

Depois, para lá do recinto do palácio, reapareceu, um fantasma, movendo—se firmemente para baixo, delineado pela luz da tempestade.

Lágrimas subiram aos olhos dele.

O rosto dela, recortado em silhueta, era tão pleno de satisfação. Se tivesse essa oportunidade, passaria o resto da sua vida certificando—se de que ela nunca perderia essa expressão.

Painter mexeu—se, recuando, silencioso como um túmulo.

Painter subiu as escadas para o segundo piso, deixando Omaha sozinho. Atravessou até onde o resto do grupo se reunia. Todos os olhos seguiam o progresso de Safia através da cidade baixa.

Coral olhou—o de relance, o semblante preocupado.

E com boa razão.

O serpenteante vórtice de cargas aproximava—se da superfície do lago. Sob ele, o lago continuava o seu próprio movimento rodopiante e, no centro, iluminado pelo fogo no alto, um espiráculo de água erguia—se, um redemoinho invertido. As energias em cima e a antimatéria em baixo estendiam—se para se unir.

Se se tocassem, seria o fim de tudo: deles próprios, da Arábia, possivelmente do mundo.

Painter concentrava—se em baixo no espectro de uma mulher movendo—se tranquilamente ao longo das ruas iluminadas pela tempestade, como se tivesse todo o tempo do mundo. Ela desaparecia por completo nas sombras. Queria que ela se mantivesse em segurança, mas também queria que se movesse mais depressa. O seu olhar flutuava entre a tempestade e a mulher.

Omaha apareceu de baixo, correndo para se lhes juntar, tendo perdido Safia

de vista do seu posto. Os seus olhos cintilavam, cheio de esperança, terror e, por muito que Painter não o quisesse ver, amor.

Painter desviou a sua atenção para a caverna.

Safia estava quase na esfera.

— Vá lá... — gemia Omaha.

Era uma emoção partilhada por todos.

Safia desceu suavemente as escadas. Tinha de pisar com cuidado. A passagem da esfera de ferro escavara a sua passagem por ali. Vidro partido cobria os degraus. Golpes feriram—lhe os calcanhares e os dedos dos pés.

Ela ignorou a dor, mantendo—se calma, respirando por essa calma.

Adiante, a esfera de ferro emergiu. A sua superfície brilhava com uma aura de azul—profundo. Aproximou—se e estudou a obstrução: uma secção de parede desabada. A esfera teria de ser rolada sessenta centímetros para a esquerda e continuaria a sua queda. Relanceou o resto do percurso. Era um tiro certeiro até ao lago. Não havia outros obstáculos a impedir de novo o caminho da esfera. Tudo o que tinha de fazer era deslocá—la. Embora pesada, era uma esfera perfeita. Um bom empurrão e rolaria livremente.

Colocou—se junto dela, preparou as pernas, ergueu as palmas, inspirou de novo e empurrou.

O choque eléctrico do ferro carregado disparou por ela, entrando pelo seu corpo e saindo pelos dedos dos pés. Convulsionou, o pescoço atirado para trás, os ossos em brasa. O ímpeto e o movimento convulsivo impeliram a esfera para diante, libertando—a.

Mas quando o seu corpo perdeu o contacto, uma crepitação final de energia atingiu—a como um chicote. Foi lançada para trás, com força. A sua cabeça embateu no muro atrás de si. O mundo ficou escuro e ela afundou—se no vazio.

— Safia...!

Omaha não conseguia respirar. Ele vira o reluzente arco de energia e vira—a ser lançada para o lado como uma boneca de trapos. Aterrara numa pilha amarrotada, já não etérea, descida à terra. Não se movia.

Inconsciente, electrocutada ou morta?

— Meu Deus...

Omaha girou.

Painter agarrou—lhe o braço.

— Onde diabo pensa que vai?

— Tenho de chegar até ela.

Os dedos cerraram—se no seu braço.

— A tempestade matá—lo—á em dois passos. Kara juntou—se—lhe.

— Omaha... Painter tem razão.

Cassandra estava junto ao gradeado da varanda, observando tudo através dos malditos óculos.

— Desde que não se mexa, não atrairá raios. Contudo, não sei se será um bom sítio para se estar, quando a esfera atingir o lago. Assim, em espaço aberto.

Omaha viu que a esfera estava quase no lago. Para lá deste, as forças titânicas rodopiavam. Uma ampulheta suspendia—se no centro da vasta caverna. Um tornado de energia a descer ao encontro de um espiráculo de água ascendente.

E a bola rolava na sua direcção.

Relâmpagos perseguiam a esfera, fustigando—a.

— Tenho de tentar! — disse Omaha e arrancou. Correu pelas escadas abaixo. Painter seguia nos seus calcanhares.

— Caramba, Omaha! Não jogue fora a sua vida! Omaha aterrou no chão.

— É a minha vida!

Deslizou até à entrada, baixando—se, derrapando de traseira. Lançou fora as botas. O tornozelo esquerdo, torcido, protestou pelo rude tratamento.

Painter carregava o semblante face às suas acções.

— Não é só a sua vida. Safia ama—o. Se gosta verdadeiramente dela, não o faça. Omaha tirou as meias.

— Eu não estou a jogar a minha vida fora. — Rastejou de joelhos até à entrada e juntou mãos—cheias de areia do caminho e deitou—as para dentro das meias.

— O que está a fazer?

— Sapatos de areia. — Omaha inclinou—se para trás e enfiou os seus pés nas meias, espremendo—os e massajando a areia para que lhe cobrisse o fundo das solas.

Painter fitava de boca aberta as suas acções.

— Porque é que não... Safia não teria tido que...

— Acabei de pensar nisto. A necessidade é a mãe da maldita invenção.

— Eu vou consigo.

— Não há tempo. — Omaha apontou para os pés descalços de Painter. — Não há meias.

Precipitou—se para fora, deslizando e derrapando pelo caminho de areia. Chegou ao vidro limpo e continuou a correr. Não estava tão confiante do seu plano como o confessara a Painter. Raios ofuscavam à sua volta. O pânico

inflamou a sua corrida. A areia magoava—lhe os dedos. O tornozelo flamejava a cada passo.

Mas ele continuou a correr.

Cassandra tinha de dar àquela gente algum crédito. Tinham de facto uma coragem férrea. Seguiu a louca corrida de Omaha pelas ruas. Alguma vez algum homem a teria amado assim?

Notou o regresso de Painter, mas não desviou o olhar.

Tê—lo—ia eu deixado?

Cassandra observou os últimos solavancos da esfera. Rolava agora para o lago, inflamada de energias cobálticas. Ela tinha uma missão a terminar, ali. Considerou todas as opções, pesou as possibilidades no caso de sobreviverem no último minuto. Manteve um dedo pressionado sobre o botão.

Viu Painter fitar Safia lá no fundo, enquanto Omaha a alcançava.

Ela e Painter tinham ambos sido derrotados.

Junto à margem, a esfera deu um salto final, balançou para cima e aterrou na água com um chape.

Omaha alcançou Safia. Ela jazia imóvel. Raios cuspiam fogo a toda a volta. Os olhos dele só a viam a ela.

O peito erguia—se e descia. Viva.

A distância, na direcção do lago, um imenso ruído líquido soou como um mergulho de chapa.

A carga de profundidade fora largada.

Não havia tempo. Precisavam de abrigo.

Agarrou Safia nos seus braços e girou. Tinha de a manter longe do contacto com as superfícies. Carregando a sua forma caída, a cabeça dela sobre o seu ombro, encaminhou—se para a entrada de uma casa intacta e mergulhou no interior. Podia não o proteger de raios letais de estática, mas não fazia ideia do que aconteceria quando a esfera atingisse o fundo do lago. Um tecto sobre a cabeça pareceu—lhe uma boa ideia.

A comoção despertou Safia. Ela gemeu.

— Omaha...

— Estou aqui, querida... — Baixou—se, embalando—a sobre os joelhos, equilibrado sobre os seus sapatos de areia. — Eu estou aqui.

Quando Omaha e Safia desapareceram no interior de um edifício, Painter observou a coluna de água projectada, depois que a esfera de ferro embateu na água. Era como se a bola tivesse sido lançada do Empire State Building. A coluna lançou—se em direcção ao tecto, caindo em cascata para fora, as gotas de

água inflamando—se quando tocavam a radiância da tempestade, chovendo para baixo como fogo líquido.

Aniquilação de antimatéria.

O redemoinho no lago agitou—se e vacilou. O espiráculo de água estremeceu.

Mas em cima, o vórtice de carga estática continuava a sua descida fatal.

Painter concentrava—se no lago.

O redemoinho instalou—se de novo, animado pelas forças das correntes.

Nada aconteceu.

O fogo da coluna atingiu o lago, inflamando poças, rapidamente extinguidas, restabelecendo o seu estado de equilíbrio. A natureza aprecia o equilíbrio.

— A esfera ainda deve estar a rolar — disse Coral —, a procurar o ponto mais baixo no fundo do lago. Quanto mais profundo, melhor. A pressão acrescida ajudará a desencadear a reacção de cadeia localizada e a dirigir a sua força para baixo.

Painter voltou—se para ela.

— A sua mente alguma vez pára de fazer cálculos?

Ela encolheu os ombros.

— Não, porquê?

Danny estava a seu lado.

— E se a esfera atingir o ponto mais baixo, esse será também o melhor lugar para quebrar o vidro sobre uma qualquer cisterna de água gerada pela Terra, drenando a água do lago.

Painter abanou a cabeça. Aqueles dois eram iguais.

Cassandra endireitou—se ao lado de Kara. Os cinco eram os únicos ainda na varanda. Lu'lu conduzira as Rahim de volta às salas no piso de baixo. O capitão al—Haffi e Barak conduziram o punhado de Shahra.

— Algo se está a passar — disse Cassandra.

No lago, uma mancha de água escura cintilava de um tom carmesim—avermelhado. Não era um reflexo. O brilho vinha do fundo. Um fogo debaixo do lago. Na fracção de segundo que demorou a visão, o carmesim explodiu em todas as direcções.

Um profundo estrondo soou.

Todo o lago se ergueu alguns centímetros e desceu.

Ondas estenderam—se para fora partindo do centro do lago. O espiráculo de água ascendente ruiu.

— Para baixo! — gritou Painter. Demasiado tarde.

Uma força, não vento ou concussão, expandiu—se para fora, alisando o lago, varrendo em todas as direcções, empurrando à sua frente um muro de ar sobreaquecido.

Atingiu—os.

Painter, a meio da esquina, recebeu um impulso fulgurante no ombro. Foi arrancado, lançado em corpo pela sala, levantado em asas de fogo. Outros apanharam a força em cheio e foram atirados directamente para trás. Emaranhados, atingiram a parede do fundo. Painter mantinha os olhos firmemente cerrados. Os pulmões ardiam—lhe da única lufada que inspirara.

Depois cessou.

O calor desapareceu.

Painter pôs—se de pé.

— Procurem abrigo — guinchou, gesticulando em vão. O abalo veio depois.

Sem aviso.

À excepção de um batimento atroador, ensurdecedor, como se a Terra estivesse a ser cortada ao meio. Então, o palácio saltou vários centímetros acima, depois descendo de novo, arrojando—os a todos no chão.

O ressoar intensificou—se. A torre abanou, sacudida para um lado, depois para o outro. Vidro despedaçou—se. Um dos pisos superiores da torre desabou. Pilares quebraram—se e tombaram, esmagando—se sobre a cidade e o lago.

Durante todo esse tempo, Painter manteve—se deitado de bruços.

Um sonoro estilhaçar explodiu ao seu ouvido. Voltou a cabeça e viu a varanda inteira para lá da entrada ser atalhada e inclinar—se. Um braço distante acenou.

Era Cassandra. Ela não fora empurrada pela entrada como os outros, mas esmagada contra a parede exterior do palácio.

Caiu com a varanda. Na sua mão, ainda segurava o detonador.

Painter lançou—se apressadamente na sua direcção.

Chegando à ponta, procurou em baixo. Vislumbrou Cassandra estatelada na desordem de vidro partido. A queda não fora grande. Estava deitada de costas comprimindo o detonador contra o peito.

— Ainda o tenho! — gritou—lhe em voz rouca, mas ele não sabia se era uma ameaça ou tranquilização.

Ela pôs—se de pé.

— Aguente — disse ele. — Eu vou descer.

— Não...

Um raio de carga estocou onde ela se erguia, atingindo—lhe os pés. O vidro

fundiu sob ela. Afundou—se na poça, até à altura das coxas antes de o vidro solidificar.

Não gritou, embora todo o seu corpo se contorcesse de dor. O manto pegou fogo. Ainda segurava o detonador, num punho, abraçado ao seu pescoço. Por fim, um arquejo escapou dos seus lábios.

— Painter...!

Ele avistou uma mancha de areia no pátio, em baixo. Saltou e aterrou pesadamente, erradamente, o tornozelo torcendo—se, derrapando. Não era nada. Levantou—se e chutou a areia, um trilho estreito até ela.

Caiu a seu lado, os joelhos sobre a areia. Conseguia sentir o odor da carne queimada.

— Cassandra... oh meu Deus.

Ela estendeu o transmissor, cada linha do seu rosto em agonia.

— Não consigo segurá—lo. Aperte...

Ele agarrou—lhe o pulso, cobrindo—o com o seu.

Ela relaxou o seu aperto, confiando em que ele mantivesse o seu dedo premido. Deixou—se cair contra ele, as calças em combustão. Sangue brotava de onde a pele carbonizada tocava o vidro, demasiado vermelho, arterial.

— Porquê? — perguntou ele.

Ela manteve os olhos fechados, apenas abanando a cabeça.

— ...em dívida contigo.

— O quê? — perguntou ele.

Ela abriu os olhos, encontrou os dele. Os seus lábios moveram—se, um sussurro.

— Desejava que me tivesses podido salvar.

Ele sabia que ela não significava o momento anterior... mas mais atrás, quando eram parceiros. Os olhos dela fecharam—se. A cabeça caiu no ombro dele.

Ele abraçou—a.

Depois, partiu.

Safia despertou nos braços de Omaha. Sentiu o suor no pescoço dele, sentiu a tremura nos braços dele. Ele agarrava—a com força. Estava agachado, equilibrado nas solas dos pés, embalando—a no seu colo.

Como estava ali Omaha? Onde era ali?

A memória disparou para trás.

A esfera... o lago...

Lutou por se libertar. O movimento assustou Omaha. Inclinou—se,

equilibrou—se com uma mão, depois sacou rapidamente o braço para trás.

— Saff, fica quieta.

— O que aconteceu?

O rosto dele retesou—se.

— Nada de mais. Mas vamos ver se salvou a Arábia. — Içou—a para cima, ainda carregando—a e espreitou pela porta.

Safia reconheceu o lugar. Onde a esfera ficara encravada. Ambos olharam para o lago. A sua superfície ainda rodopiava, revoluteava. Os céus em cima irradiavam e crepitavam.

Safia sentiu o coração afundar—se.

— Nada mudou.

— Querida, perdeste um tornado e um abalo gigantesco.

Como que pegando na deixa, uma outra réplica ressoou à sua volta. Omaha recuou um passo, mas o abalo cessou. Voltou a estudar o lago.

— Vê a linha de costa.

Ela virou a cabeça. A borda da água recuara cerca de vinte metros, deixando uma marca de banheira em torno do lago.

— O nível da água está a baixar. Abraçou—a com mais força.

— Conseguiste! O lago deve estar a drenar—se para uma daquelas cisternas subterrâneas de que Coral nos falou.

Safia fitou de novo a tempestade estática no tecto. Também esta parecia estar lentamente a abrandar, dispersando—se pela terra. Olhou a extensão da cidade escurecida, a cidade alta e a baixa. Tanta destruição. Mas havia esperança.

— Não há raios — disse ela. — Acho que a tempestade acabou.

— Não vou correr riscos. Vamos. — Içou—a mais alto nos seus braços e subiram a encosta em direcção ao palácio.

Ela não protestou, mas rapidamente notou que Omaha estremecia a cada passo.

— O que se passa? — perguntou, os braços em volta do seu pescoço.

— Nada. Apenas alguma areia nos meus sapatos.

Painter viu—os chegar.

Safia seguia às cavalitas de Omaha.

Painter chamou—os, enquanto alcançavam o pátio.

— Omaha, as descargas eléctricas cessaram — disse ele. — Pode pôr Safia no chão.

Omaha passou por ele.

— Só depois da soleira da porta.

Não a chegou a alcançar. Shahra e Rahim reuniram—se em volta do par, aplaudindo e agradecendo. Danny abraçou o irmão. Deve ter dito alguma coisa sobre Cassandra, porque Omaha relanceou o corpo.

Painter cobrira—o com um manto. Ele já desactivara o detonador e desligara o transmissor. Safia estava livre.

Estudou o grupo. À parte de inúmeras contusões, arranhões e queimaduras, todos tinham sobrevivido à tempestade de fogo.

Coral endireitou—se. Ela segurava um dos lançadores e colocava uma fivela de cinto contra o flanco daquele. Ficou presa. Ela captou o olhar dele.

— Magnetizados — disse ela, lançando—os para o lado. — Algum tipo de pulsação magnética. Intrigante.

Antes que ele pudesse responder, uma nova réplica sacudiu o palácio, suficientemente forte para fazer despedaçar mais um pilar, enfraquecido pelo primeiro abalo. Este desabou sobre a cidade com um estrondo retumbante.

O que refreou todos para os perigos ainda presentes.

Não estavam a salvo.

Para sublinhar esse facto, um profundo ressoar ergueu—se vindo do fundo, fazendo estremecer o vidro debaixo dos pés. Um som baixo acompanhou—o, um comboio subterrâneo a passar sob a terra.

Ninguém se mexeu. Todos contiveram a respiração.

Então veio.

Um géiser sibilante irrompeu do lago, lançando—se no ar, a três pisos de altura, da grossura de uma sequóia de duzentos anos.

Antes disso, o lago drenara—se para uma pequena piscina de um quarto da sua extensão original. Fendas monstruosas percorriam a sua bacia, como o interior de uma casca de ovo partida.

Agora, a água vomitava de novo para fora.

Todos arquejaram.

— As réplicas devem ter penetrado nas nascentes originais de água gerada pela Terra — disse Danny. — Um dos lençóis aquíferos globais.

O lago começou rapidamente a reencher.

— Este lugar vai inundar—se — disse Painter. — Temos de sair daqui.

— Do fogo para a água — resmungou Omaha. — Isto está cada vez melhor.

Safia ajudou a reunir as crianças. Fugiram rapidamente do palácio. Os jovens Shahra ajudavam as anciãs Rahim.

Quando alcançaram a base das escadas, o lago já ultrapassara as suas margens originais, inundando a cidade baixa. E o géiser continuava a jorrar.

Com lanternas a oscilar, os homens mais fortes seguiam à frente. Pedregulhos e pilhas de pedra desabada bloqueavam a passagem em alguns pontos. Eles arrastavam—nos e abriam caminho.

O restante do grupo esperava, seguindo—os o melhor que podia, trepando o mais rápido que conseguia, rastejando por cima de obstáculos, os mais fortes ajudando os mais fracos.

Então, um brado irrompeu de cima. Um grito de alegria.

— Huurraaa!

Foi uma exclamação que Safia ouviu com alívio.

Liberdade!

O grupo precipitou—se escadas acima. Painter aguardava no topo. Ajudou—a a sair para fora. Estendeu um braço e chegou a Kara atrás dela.

Safia mal reconhecia o planalto agora. Era uma pilha desmoronada de cascalho. Olhou em volta. Os ventos sopravam com intensidade, mas a tempestade tinha desaparecido, a sua energia sugada e amortecida pela tempestade de fogo no subsolo. Adiante, cintilava uma lua cheia, pintando o mundo de prata.

O capitão al—Haffi acenou—lhe com uma lanterna, apontando para um caminho de descida pelo caos, dando espaço aos outros. O êxodo continuou monte abaixo.

O grupo marchou das rochas para as areias. Era a subir. O anterior turbilhão na areia tinha escavado uma inclinação por vários quilómetros. Passaram pelas carcaças carbonizadas do tanque e dos camiões. A paisagem estava marcada de retalhos de areia fundida, ainda fumegantes ao ar nocturno.

Painter afastou—se até ao tanque tombado. Trepou para o interior, desaparecendo por uns instantes, depois emergiu. Carregava um computador portátil na mão. Parecia destruído, o exterior chamuscado.

Safia ergueu uma sobrancelha face ao resgate, mas ele nunca explicou. Continuaram a avançar pelo deserto. Atrás deles, a água brotava agora das ruínas da meseta. O declive além desta enchia—se lentamente de água.

Safia caminhava com Omaha, a mão dele na dela. As pessoas falavam em sussurros baixos. Safia vislumbrou Painter, seguindo sozinho.

— Dá—me só um segundo — disse Safia, apertando a mão de Omaha e largando—a.

Atravessou até Painter, acompanhando—lhe o passo. Ele olhou—a de relance, os olhos inquiridores, surpreendido.

— Painter, eu... eu queria agradecer—lhe. Ele sorriu, uma suave alteração

dos lábios.

— Não precisa de me agradecer. É o meu trabalho.

Ela caminhou com ele, sabendo que ele escondia um poço de emoções mais profundas. Transbordava dos seus olhos, pela maneira como pareciam incapazes de enfrentar os dela.

Ela olhou para Omaha, depois para Painter de novo.

— Eu... nós...

Ele suspirou.

— Eu percebo, Safia. — Mas...

Ele encarou—a, os seus olhos azuis doridos, mas determinados.

— Eu percebo. A sério. — Acenou para Omaha. — E ele é um bom homem.
Ela tinha mil coisas que lhe queria dizer.

— Vá — murmurou ele, com aquele sorriso pálido, ferido.

Sem palavras que pudessem verdadeiramente oferecer conforto, afastou—se de volta a Omaha.

— O que é que foi aquilo? — perguntou ele, procurando soar casual, mas falhando desastrosamente.

Ela pegou—lhe de novo na mão.

— Uma despedida...

O grupo trepou até à crista do declive de areia. Um amplo lago crescia, agora, atrás deles, a meseta ruída quase submersa.

— Será que nos precisamos de preocupar com o facto de toda aquela água conter antimatéria? — perguntou Danny, quando pararam no cimo da crista.

Coral abanou a cabeça.

— Os complexos de antimatéria—buckyball são mais pesados do que a água vulgar. A medida que o lago se drenou para esta nascente maciça, as buckyballs devem ter—se afundado. Com o tempo, diluir—se—ão através do vasto sistema aquífero subterrâneo, aniquilando—se lentamente. Sem prejuízo.

— Então, desapareceu tudo — disse Omaha.

— Tal como os nossos poderes — acrescentou Lu'lu, seguindo entre Safia e Kara.

— O que quer dizer? — indagou Safia, alarmada.

— Os dons desapareceram. — Sem pesar, apenas aceitação.

— Tem a certeza?

Lu'lu assentiu.

— Já aconteceu antes. A outras. Como te contei. É um dom frágil, facilmente danificado. Algo aconteceu durante o abalo. Senti—o. Uma rajada de vento pelo

meu corpo.

Acenos das outras Rahim.

Safia estivera inconsciente na altura.

— A pulsação magnética — disse Coral, escutando—as. — Uma força tão imensa devia ser capaz de destabilizar as buckyballs, de as fazer ruir. — Coral acenou na direcção de Lu'lu. — Quando uma das Rahim perde os seus dons, alguma vez os recupera?

A hodja abanou a cabeça.

— Interessante — disse Coral. — Para que as mitocôndrias propaguem as buckyballs nas células, devem necessitar de algumas buckyballs padrão, gérmenes, como aqueles que se encontravam no primeiro óvulo fertilizado. Mas se todas estas se dissiparem, as mitocôndrias só por si não os conseguem gerar de novo.

— Então os poderes desapareceram realmente — disse Safia, desalentada. Olhou as suas palmas, recordando—se do calor e da paz. Desaparecidos...

A hodja pegou na sua mão e apertou—a. Safia sentiu a longa extensão de tempo desde a assustada menina perdida no deserto, procurando abrigo entre as pedras, até à mulher ali a seu lado.

Não, talvez a magia não tivesse desaparecido por completo.

O calor e a paz que ela experimentara anteriormente, nada tivera a ver com dons e bênçãos. Era o toque humano. O calor da família, a paz da identidade e da certeza. Talvez isso fosse bênção suficiente para qualquer um.

A hodja tocou a lágrima rubi junto do seu olho esquerdo. Falou suavemente.

— Nós, Rahim, chamamos—lhe Mágoa. Usamo—la para representar a última lágrima derramada pela rainha quando deixou Ubar, derramada pelos mortos, por si própria, por aqueles que se seguiriam e que carregariam o seu fardo. — Lu'lu baixou o dedo. — A partir desta noite, sob a luz da Lua, rebaptizamo—la simplesmente de Farah.

Safia traduziu.

— Alegria...

Um aceno.

— A primeira lágrima derramada na felicidade pela nossa nova vida. O nosso fardo foi finalmente aliviado. Podemos deixar as sombras e caminhar de novo, em plena luz do Sol. O nosso tempo de ocultação terminou.

Um resquício de desânimo devia ter persistido na expressão de Safia.

A hodja estendeu os braços e, gentilmente, rodou Safia.

— Lembra—te, minha filha, a vida não é uma linha recta. Há ciclos. O que o

deserto toma, o deserto retribui. — Ela libertou a mão e gesticulou na direcção do novo lago, que crescia ao longe. — Ubar desapareceu, mas regressou o Éden.

Safia contemplou as águas iluminadas pela Lua.

Imaginou a Arábia perdida no passado, antes de Ubar, antes da queda do meteorito, uma terra de vastas savanas, florestas verdejantes, rios labirínticos e abundância de vida. Contemplou o fluir das águas sobre as areias ressequidas da sua pátria, o passado e o presente sobrepostos.

Seria possível?

O Jardim do Éden... renascido.

De trás, Omaha encostou—se a ela, os braços rodeando—a.

— Bem—vinda a casa — sussurrou—lhe ao ouvido.

EPÍLOGO

8, Abril, 14h45
Quartel—General da Darpa
Arlington, Virgínia

Painter Crowe estava à porta do gabinete. Observava o guarda a desaparafusar a placa de identificação. Estivera ali desde o início da Força Sigma. Sentimentos confusos debatiam—se no seu íntimo, orgulho e satisfação certamente, mas também raiva e alguma vergonha. Ele não quisera conquistar a posição em circunstâncias tão terríveis.

A placa de identificação soltou—se da porta.

DIRECTOR SEAN MCKNIGHT.

O anterior líder da Sigma.

Foi deitada no lixo.

O guarda pegou na nova placa negra e prateada de cima da mesa da secretária. Pressionou—a contra a porta e usou uma chave de parafusos eléctrica para a fixar. Deu alguns passos atrás.

— Que tal? — perguntou o homem, inclinando o boné para trás.

Ele assentiu, fitando a placa.

DIRECTOR PAINTER CROWE.

O líder da segunda geração da Força Sigma.

Era suposto prestar juramento dali a meia hora. Como podia sentar—se atrás

daquela secretária?

Mas esse era o seu dever. Directiva presidencial. Depois de tudo o que acontecera em Oman, a DARPA fora abalada de cima a baixo. O líder da Guild fora um membro da sua organização. Painter trouxera as suas suspeitas e provas de Oman. Os peritos ali tinham conseguido recuperar os dados do disco rígido do computador portátil de Cassandra. Deixaram um rasto que confirmava as alegações de Painter.

O Ministro foi denunciado.

O seu plano para corromper a Sigma foi travado.

Infelizmente, ele abocanhara a sua própria pistola, antes de poder ser levado sob custódia. Foi seguramente um golpe para a Guild, mas eles eram como a mítica Hidra. Se se cortasse uma cabeça, outra acabaria por emergir.

Painter estaria preparado.

Um arrastar de pés chamou a sua atenção. Painter sorriu abertamente, estendendo uma mão.

— O que está a fazer aqui em baixo, senhor? Sean McKnight apertou—lhe a mão.

— Os velhos hábitos custam a morrer. Só queria certificar—me de que está bem acomodado aqui.

— Muito bem, senhor.

Ele assentiu, bateu levemente no ombro de Painter.

— Deixo a Sigma em boas mãos.

— Obrigado, senhor.

Sean deu um passo em frente, reparou na sua velha placa de identificação no lixo e debruçou—se para a recuperar. Pegou—lhe e guardou—a no seu casaco. O rosto de Painter ardia de vergonha. Mas Sean sorriu simplesmente e alisou o casaco.

— Pelos velhos tempos. — Afastou—se a passos largos. — Vemo—nos na cerimónia de juramento.

Ambos iam prestar juramento nesse dia.

Assim como Painter preenchia a posição de Sean, Sean preencheria o lugar vago na directoria deixado pelo vice—almirante Tony «O Tigre» Rector.

O Ministro.

O canalha era tão presunçoso que usara um nome de código derivado do seu próprio apelido. Rector (reitor). Significando um membro do clero.

Em Oman, Painter quase considerara Sean como o traidor. Mas quando Painter ouvira Cassandra mencionar o Ministro, ele percebera o seu erro. Dois

homens tinham—no enviado naquela missão: Sean McKnight e o almirante Tony Rector. Naturalmente, Sean teria passado as informações de Painter a Rector, seu chefe, mas fora Rector quem as passara a Cassandra.

Os dados do portátil tinham confirmado a ligação.

Rector tinha tentado usurpar a Sigma para uso próprio. Cassandra fora a sua primeira toupeira. Mesmo em Foxwoods, ela tinha recebido ordens para orquestrar e facilitar a passagem de segredos militares aos chineses através de Xin Zhang. O propósito era embaraçar a liderança da Sigma. O fracasso tencionara ser uma alavanca para empurrar Sean McKnight para fora da organização, de modo que Rector pudesse colocar aí alguém leal à Guild. Mas agora estava tudo terminado. Mirou a porta fechada. Era um novo capítulo da sua vida.

Olhou para trás, para o longo caminho que o conduzira até ali. A carta ainda se encontrava no bolso do seu casaco. Levantando—se agora, tirou—a para fora. Tacteou os seus cantos aguçados, passou o polegar pelo envelope pardo. O seu nome estava distintamente gravado na frente. Recebera—a na semana anterior. Se não tivesse coragem suficiente para a enfrentar, nunca passaria para lá daquela porta.

Imóvel, quebrou o lacre e retirou o conteúdo. Velino translúcido, cartão de algodão texturado, papel cortado à mão. Agradável.

Um pedaço de papel caiu para fora. Apanhou—o e virou—o.

Não falte...

— Kara

Com um ligeiro tremer da mão e um ténue sorriso, abriu o convite e leu—o. Um casamento em Junho. A ser realizado nas margens do Lago Éden, o novo lago interior de água doce de Oman. Os doutores Omaha Dunn e Safia al—Maaz.

Suspirou. Não doera tanto quanto esperara.

Pensou em todos os outros que o tinham conduzido até àquela porta. Coral estava já noutra missão, na índia. Danny e Clay, os melhores dos amigos, estavam numa escavação juntos... na índia. A escolha dos locais de escavação tinha de ser ideia de Danny. Os Shahra e as Rahim tinham unido os seus clãs em grande celebração em Oman. E um novo Shabab Oman estava a ser construído. Kara supervisionava a construção do navio, ao mesmo tempo que financiava as reparações do British Museum. Ele lera na People que ela estava envolvida com um jovem médico, alguém que conhecera na reabilitação.

Relanceou de novo a nota de Kara. Não falte...

Talvez não faltasse.

Mas primeiro tinha de transpor aquela porta.

Painter caminhou em frente, agarrou no manipulo, inspirou fundo e empurrou.

Rumo à nova grande aventura.

NOTA DO AUTOR

Conforme fiz anteriormente, pensei partilhar com o leitor alguns dos factos e ficções que compuseram este livro. Espero que ao fazê—lo possa interessar algumas pessoas na exploração de alguns dos tópicos e lugares em maior pormenor.

Antes de mais, todo o conceito de antimatéria. Será coisa de ficção científica? Já não. Os laboratórios do CERN, na Suíça, produziram, de facto, partículas de antimatéria e conseguiram mantê—las estáveis por curtos períodos de tempo. A NASA e os Fermi National Laboratories exploraram igualmente o desenvolvimento de motores de antimatéria, incluindo o desenvolvimento de contentores electromagnéticos Penning Trap para armazenar e transportar a antimatéria.

Quanto aos meteoros de antimatéria, foi avançado existirem no espaço, mas a sua existência permanece teórica. A teoria de que a explosão de Tunguska, na Rússia, se deveu a um pequeno meteoro de antimatéria é uma das muitas explicações defendidas. No entanto, os efeitos descritos — a natureza invulgar da deflagração, a pulsação electromagnética, as mutações na flora e na fauna — são factuais.

Quanto às questões relacionadas com a água: toda a química descrita no livro é baseada em factos, incluindo a estranha configuração da água em buckyballs. O tópico da água magmática ou gerada pela Terra baseia—se, igualmente, no trabalho do geólogo Stephen Reiss, entre muitos outros.

Passando à Arábia, a geologia da região é única. Há dois mil anos atrás, os desertos de Oman eram, de facto, savanas verdejantes repletas de rios, lagos e cursos de água. A vida selvagem era abundante e os caçadores neolíticos percorriam essas terras. Esta desertificação da região foi efectivamente atribuída a uma condição natural, designada «forçamento orbital» ou «Ciclo de Milankovitch». Basicamente, é uma «oscilação» na rotação da Terra, que ocorre

a intervalos periódicos.

A maior parte dos pormenores arqueológicos e históricos de Oman são reais, incluindo o túmulo de Nabi Imran em Salalah, o túmulo de Ayoub (Job) nas montanhas e, evidentemente, as ruínas de Ubar em Shisur. Fotografias de todos estes lugares estão disponíveis no meu site (www.jamesrollins.com) para os curiosos ou os viajantes de sofá. Para uma leitura mais aprofundada sobre a descoberta de Ubar, recomendo vivamente The Road to Ubar, de Nicolas Clapp.

E passo a diversos pormenores menores. Primeiro, a reclusa tribo dos Shahra existe, de facto, nas Montanhas de Dhofar e reclama a descendência dos reis de Ubar. Ainda falam o dialecto que é considerado o mais antigo da Arábia. O navio almirante omani, o Shabab Oman, é um navio real (peço desculpa por tê—lo explodido). E falando de coisas explodidas, o camelo de ferro que explodiu no início da história ainda reside algures no British Museum. São e salvo... pelo menos, por agora.

AGRADECIMENTOS

Beneficiei da ajuda de muitos. Antes de mais, devo agradecer e prestar reverência a Carolyn McCray pela incansável amizade e orientação desde a primeira à última palavra... e mais além. E a Steve Prey pela sua ajuda crítica empenhada e pormenorizada com a esquemática, a logística, as ilustrações e os registos sonoros. E à sua mulher, Judy Prey, por nos ter aturado, a mim e a Steve e às muitas desesperadas solicitações do seu tempo à última da hora. Os mesmos esforços adicionais foram exigidos, aceites e excedidos por Penny Hill (com a assistência de Bernie e Kurt, obviamente). Pela ajuda quanto aos pormenores da obra, devo agradecer a Jason R. Mancini, investigador sénior do Mashantucket Pequot Museum. E pela ajuda relativamente às línguas, agradeço a Diane Daigle e David Evans. Para lá disso, o livro não seria o que é sem os meus principais conselheiros, que me censuram regularmente, por ordem aleatória: Chris Crowe, Michael Gallowglas, Lee Garrett, David Murray, Dennis Grayson, Dave Meek, Royale Adams, Jane O'Riva, Kathy Duarte, Steve Cooper, Susan Tunis e Caroline Williams. Para o mapa aqui utilizado, os meus agradecimentos à fonte: The CIA World Factbook 2000. Por último, o meu reconhecimento às quatro pessoas que se mantêm os meus mais fiéis apoiantes: a minha editora, Lyssa Keusch; os meus agentes, Russ Galen e Danny Baror; e o meu publicista, Jim Davis. E como sempre, reclamo a total responsabilidade por todos e quaisquer erros de facto ou de pormenor.